

Ana Sousa Brandão Alves Costa

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

TESE DE DOUTORAMENTO APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
EM
ARQUITECTURA
Volume I

Orientador: Professor Auxiliar José Miguel Neto Viana Brás Rodrigues

Este texto não foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico
'Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do
Programa COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Funda-
ção para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto
UID/AUR/00145/2013'

Sumário	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Siglas, acrónimos e abreviaturas	
Introdução	1
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa	15
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico	79
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos	173
3.1 O confronto com o Classicismo	175
3.1.1 <i>Ampliação e Reforma da Faculdade de Medicina do Porto, 1925/1935</i>	175
3.1.2 <i>Casa para Wilhem Oscar Kramer, rua Marechal Saldanha no Porto, 1924</i>	192
3.2 Lugar de ‘representação’	195
3.2.1 <i>Edifício sede do jornal O Comércio do Porto, 1927/1930</i>	195
3.2.2 <i>Edifício na esquina das ruas de Santa Catarina e da Firmeza, 1931</i>	231
3.3 Um modo moderno de estar	233
3.3.1 <i>Garagem de O Comércio do Porto, 1929/1932</i>	233
3.3.2 <i>Edifício na rua de Fernandes Tomás, Porto, 1933</i>	263
3.4 A praça D. João I: uma nova escala para a cidade	267
3.4.1 <i>O “Arranha-céus”, edifício Maurício Macedo, 1941/1942</i>	267
3.4.2 <i>Torre Medieval, 1940/1941</i>	290
3.5 O encontro com o património	297
3.5.1 <i>Abside da Igreja de S. Pedro de Rates, 1938/40</i>	297
3.5.2 <i>“A Arquitectura no Plano Social”, 1936</i>	316
3.6 A relação com a paisagem natural	321
3.6.1 <i>Pousada de S. Gonçalo, Marão, 1942</i>	321
3.6.2 <i>Casa própria, 1935</i>	340
3.7 O retrocesso: o equívoco da Casa Portuguesa	345
3.7.1 <i>Edifício do Hotel Infante Sagres e Empresa Industrial Ouro, 1943/1949</i>	345
3.7.2 <i>Escola Primária de Soajo, Arcos de Valdevez, 1931/1939</i>	371
4. Considerações finais	373
4.1 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo	375
Cronologia	381
Biblioteca pessoal de Rogério de Azevedo	397
Bibliografia	405
Lista de imagens	423

AGRADECIMENTOS

Um profundo e sincero agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor José Miguel Rodrigues.

Pela simpatia no auxílio prestado na recolha de documentação fundamental ao desenvolvimento da tese, agradeço à Dra. Rute Reimão, do Arquivo Histórico Municipal do Porto; à Dra. Paula Abrunhosa, Eng. Ferreira Alves, Dra. Conceição Pratas e Arq.a Ana Ramos, da Fundação Instituto Marques da Silva; à Dra. Teresa Godinho, do Centro de Documentação da FAUP; à Arq.a Conceição Melo, Dr. Álvaro Moreira e Arq.a Sofia Carneiro, da Câmara Municipal de Santo Tirso; e, ainda, ao Arq. José Vilas Boas, da Câmara Municipal da Póvoa do Lanhoso.

Agradeço, também, à Dra. Amélia Castro, nora de Baltazar de Castro, que nos permitiu a visita e a recolha de imagens na sua casa da avenida Marechal Gomes da Costa.

Agradeço a Rogério de Azevedo, filho, a entrevista que nos concedeu e a partilha de algumas informações.

A Paulina Seara Cardoso, neta de Bento Carqueja e actual proprietária da Garagem de *O Comércio do Porto*, agradeço a amabilidade com que nos facultou as várias visitas ao edifício e as informações prestadas.

Agradeço à Professora Teresa Fonseca a simpatia na disponibilização das informações que guardava e, também, à Arq.a Adriana Gravato que conosco partilhou todos os documentos recolhidos aquando da elaboração da sua tese de mestrado.

Ao Doutor Manuel Real, agradeço a disponibilidade e interessante entrevista proporcionada.

Agradeço, também, profundamente, ao Professor José Quintão com saudades da sua presença; à Filipa e à Carla, grandes companheiras; e, finalmente, ao meu pai, ao Sérgio, ao Pedro e a toda a minha família pela paciência e incentivos constantes e a quem devo tudo!

RESUMO

A investigação que agora se apresenta tem como objecto de estudo a obra de Rogério de Azevedo, arquitecto do Porto que viveu entre 1898 e 1983. Com base no reconhecimento da importância do conjunto da sua obra, esta tese propõe uma nova perspectiva sobre este arquitecto, permitindo resgatá-lo de uma visão que, no panorama da historiografia da arquitectura portuguesa, muitas vezes se traduz numa leitura, cremos, um tanto parcial e incompleta.

A sua obra, reflexo das diversas condições que, a vários níveis, se fizeram sentir durante o tempo longo em que viveu, dificilmente se categoriza. A estimulante análise daquela obra obriga a um deambular pelas várias épocas da história da arquitectura, comprovando a erudição do seu autor, bem como a qualidade e a manifesta coerência de cada projecto. Assim, *beaux-arts* e *art-déco*, tradição clássica e modernismo, convergem neste autor, constituindo referências que Rogério de Azevedo manuseia com liberdade e com sabedoria.

Apoiados em exemplos paradigmáticos e alicerçados na vasta documentação dispersa recolhida, procurámos defender e justificar que a diversidade, facilmente observável no conjunto dos seus projectos, não esconde qualquer aleatoriedade, explicando-se, pelo contrário, de forma concreta, no caso a caso de cada circunstância particular. Esta análise permitiu, também, encontrar permanências ou constantes que acentuam o referido sentido de unidade e a coerência na diversidade da obra daquele autor.

Estudar Rogério de Azevedo constituiu, para nós, a oportunidade de poder contribuir, mesmo que de forma limitada, para a construção de uma imagem um pouco mais completa sobre o passado e o presente da nossa Escola do Porto.

ABSTRACT

The present research focuses on the work of Rogério Azevedo, an architect from the city of Porto who lived between 1898 and 1983. Based on the recognition of his body of work and its significance, this thesis proposes a new perspective on this architect, enabling his figure to be recovered from a particular vision which, in the general panorama of portuguese architectural historiography, often amounts to a rather partial and incomplete analysis.

His work – reflecting the various conditions under which it was produced in the course of a remarkably long lifespan – can hardly be categorised. Its stimulating examination calls for an excursion through the different periods in the history of architecture, confirming the author's erudition, as well as the quality and unequivocal coherence of each of his projects. Thus, *beaux-arts* and *art-déco*, the classical tradition and modernism, both converge in this author as references he was capable of handling with freedom and wisdom.

Supported by paradigmatic examples and rooted in the vast and dispersed documentation collected, we were able to advocate for and justify the fact that the observable diversity in these projects does not conceal any kind of randomness. On the contrary, it can be tangibly explained on a case-by-case basis, attending to every particular circumstance. Furthermore, this investigation allowed us to uncover permanences or constants that strongly accentuate the overall unity or coherence in diversity of this author's work.

The study of Rogério de Azevedo constituted the opportunity for the author to contribute (even if only to a limited extent) to the construction of a more complete overview on the past and present of the *Escola do Porto* [School of Porto].

SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

[●1] – Ver imagem 1

AGCMP – Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto

AHMP – Arquivo Histórico Municipal do Porto

CEAU – Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo

CMP – Câmara Municipal do Porto

DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

EBAL – Escola de Belas Artes de Lisboa

EBAP – Escola de Belas Artes do Porto

ESBAL – Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FIMS – Fundação Instituto Marques da Silva

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

SNI – Secretariado Nacional de Informação

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

UP – Universidade do Porto

INTRODUÇÃO

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo



- 0|1. “Rogério de Azevedo – Garagem de O Comércio do Porto, 1928/32
Edifício do jornal O Comércio do Porto, 1928/32
Pardal Monteiro – Edifício da C. G. D., no Porto”

Um curto passeio na cidade do Porto, entre a praça D. João I e o jardim do Carregal, atravessando a avenida dos Aliados e passando pela praça Filipa de Lencastre, permitiu despoletar as interrogações que viriam a dar origem à nossa investigação. De facto, encontram-se naquele percurso cinco edifícios notáveis, projectados por Rogério de Azevedo, cujas diferenças dificilmente permitiriam a atribuição da sua autoria a um mesmo arquitecto, num arco de tempo relativamente limitado.

Naquele eixo, que cruza perpendicularmente a avenida dos Aliados, a par de outros edifícios de destaque, como o Coliseu do Porto, os antigos Armazéns Nascimento, o Teatro Rivoli ou, na praça D. João I, onde se localiza o ‘Palácio Atlântico’ (construído já nos anos 50), encontramos, da autoria daquele arquitecto, o edifício Maurício Macedo, em tempos designado por “Arranha-céus”, que, naquela praça, se evidencia pela volumetria e austeridade do seu desenho. Mais à frente, atravessando a citada avenida, e do mesmo arquitecto, salienta-se o edifício que é marca dos tempos áureos de *O Comércio do Porto*, e de uma carreira profissional intensa e diversificada. O seu traçado requintado a diversos níveis, desde a configuração em planta até ao desenho de pormenor da sua fachada, remete-nos para as influências do Mestre Marques da Silva e da sua formação baseada no rigor dos princípios decorrentes do ensino das *Beaux-Arts*. Na sequência do percurso que propomos é ainda assinalável o contraste entre este edifício e a contígua Garagem do mesmo jornal, voltada para a praça Filipa de Lencastre. A liberdade espacial que o uso do betão armado, na estrutura do edifício, possibilitou, aliada à abertura proporcionada pelos novos programas funcionais, remetem-nos, neste caso, para uma modernidade emergente a que, também no Porto, se aspirava e que, naquele edifício, se traduz de forma extremamente hábil e qualificada do ponto de vista do resultado final. Na mesma praça é desenhado, poucos anos mais tarde, o edifício de escritórios e Hotel Infante de Sagres, que representará, pelo menos aparentemente, um retroceder na evolução da carreira daquele arquitecto, constituindo, provavelmente, um reflexo de tempos sociopolíticos e culturais muito condicionados por opções formais sugere-

ridas ou mesmo impostas pelo regime do “Estado Novo”. Mais à frente, subindo a rua de Ceuta e contornando a praça dos Leões (já que o previsto prolongamento daquela via até ao largo do Carregal não se concretizou, como planeado nos anos 40), junto ao Hospital de Santo António, encontramos, por fim, o edifício da antiga Faculdade de Medicina do Porto, trabalho que marca o início da carreira de Rogério de Azevedo em associação com Baltazar de Castro. Neste edifício não é possível deixar de notar, no desenho da sua fachada, a utilização de elementos clássicos, ainda que compostos de forma pouco canónica, provenientes de uma cultura arquitectónica baseada na tradição de um classicismo, possivelmente inspirado pela proximidade do palladiano² edifício de John Carr.

Deparámo-nos, deste modo, com cinco edifícios projectados pelo mesmo arquitecto, que, sem ordem cronológica aparente, utilizam diferentes linguagens resultantes, por certo, de uma formação e gosto diversificados, mas também, provavelmente, de outras razões que, justamente, procurámos compreender melhor. Assim, *beaux-arts* e *art-déco*, tradição clássica e modernismo, constituem referências sempre manuseadas de forma aparentemente natural, com liberdade e sabedoria, de acordo com diferentes circunstâncias, o que, à partida, não deixa de suscitar alguma perplexidade. Foi esta perplexidade, que nos pareceu interessante e pertinente resolver, que estimulou a nossa investigação e, eventualmente, lhe conferiu ganhos de conhecimento na compreensão daquilo que pode ajudar a explicar a diversidade de resultados formais em edifícios tão próximos, de um único autor, e, repita-se, sem ordem cronológica aparente, pelo menos do ponto de vista do que seria de esperar.

Assim, tentámos analisar, criticamente, o significado de uma obra na qual se espelham diversas atitudes, conceitos, expressões formais e plásticas

² De acordo com o que refere Paulo Varela Gomes, “[o] hospital de Santo António no Porto, [...], é um exemplo quase paradigmático da modernidade e da elegância palladianas (ou neopalladianas, essa expressão sem qualquer sentido que costuma utilizar-se)”. Paulo Varela Gomes. “Expressões do Neoclássico” in *Colecção Arte Portuguesa. Da Pré-história ao século XX* (Dalila Rodrigues, coordenação). Lisboa: Fubu Editores, SA, 2009.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Introdução

que nos deram indícios sobre a existência de um forte comprometimento com a específica circunstância de cada projecto. Procurámos identificar, em cada exemplo estudado, as suas razões conceptuais, reflectindo sobre questões como o cliente, o programa, o lugar e as relações de escala e proporção, a técnica, o ornamento e os valores simbólicos e de representação e o consequente resultado plástico.

Tentámos comprovar a nossa hipótese de partida, de que existe uma coerência na diversidade da obra daquele autor. Pelo estudo detalhado de alguns exemplos concretos procurámos, por isso, encontrar as razões que justificaram essa diversidade das opções de projecto, no caso a caso que cada circunstância foi determinando, ao mesmo tempo que verificámos a forma como se materializa, em cada exemplo estudado, a coerência e o valor individual de cada obra concreta.

Desta forma, a Unidade e a Diversidade da obra de Rogério de Azevedo constituem a problemática que procurámos desvendar e aprofundar nesta investigação. O seu desenvolvimento permitiu uma aproximação à questão da heterodoxia³ na Arquitectura, mesmo sabendo, com Eduardo Lourenço, que “se a prática da Heterodoxia é difícil, a sua justificação é mais difícil ainda”⁴. A postura heterodoxa, que verificámos ao longo desta investigação, tem como base, pensamos nós, a posição não doutrinária do autor. De acordo, também, com Eduardo Lourenço, “[no] plano do conhecer ou no plano do agir, na filosofia ou na política (e talvez pudéssemos acrescentar, na

³Heterodoxia, não como “oposição ao que é geralmente aceite” (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa) mas no sentido do não seguimento de uma doutrina e, portanto, como posição de oposição a doutrinas ortodoxas. Para nos ajudar a confirmar o sentido do conceito, conforme refere Celeste Natário em “Heterodoxia no pensamento português no final do séc. XIX e início do séc. XX”, “só partindo aprioristicamente da aceitação de uma ortodoxia com as suas crenças é que fará algum sentido entrar no campo da heterodoxia” (p. 126). Para esta autora, “vamos encontrar nestes dois séculos, homens que a nível filosófico pontuaram a sua acção e reflexão por uma lucidez crítica, sempre vigilante, sem obediência cega a dogmatismos religiosos ou políticos, mas numa postura de humildade do espírito e respeito face à divindade inesgotável do verdadeiro. A esta postura pode chamar-se, quanto a nós, HETERODOXIA”.

⁴Eduardo Lourenço. *Heterodoxia I*. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 4.

arquitectura), o homem é uma realidade dividida. O respeito pela sua divisão é Heterodoxia”⁵.

Como resultado desta posição procurámos comprovar que, em Rogério de Azevedo, tal como diz Fernando Távora, “o ‘estilo’ não conta; conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação”⁶, “daí que, em toda a boa Arquitectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias”⁷.

O tratamento destas questões permitiu aprofundar o conhecimento sobre a personagem de Rogério de Azevedo, formado no Porto e que viveu entre 1898 e 1983, arquitecto pouco estudado até à data⁸ e a quem, pensamos nós, nunca foi dado o relevo adequado, isto é, tentando não escamotear nenhuma das suas facetas para mostrar uma possível coerência da sua obra em toda a sua diversidade formal e linguística.

Procurámos transformar a visão fragmentada, parcial e algo superficial que nos parece existir sobre a qualidade da obra daquele autor, incluindo alguns importantes projectos aparentemente melhor conhecidos.

“A investigação em arquitectura trata da inventariação de edifícios. Fazendo autópsias, jogando com o tempo, arriscando analogias, caindo num buraco negro que envolve outras disciplinas resplandecentes e temerárias na sua origem. A sociologia, a filosofia, a história, atormentam a investigação em arquitectura, obrigatoriamente. Entretanto, o arquitecto desenha. [...] O investigador de arquitectura procura traços humanos nos edifícios; os que

⁵Idem, p. 6.

⁶Fernando Távora. “Resposta a um inquérito: Que pensa do desenvolvimento actual da nossa arquitectura?” in *A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação*, revista bimestral técnica e artística, n.º 3/4, ano XLVI, 4.ª série, Abril de 1953, p. 70, 71.

⁷Fernando Távora. *O problema da casa portuguesa* (originalmente publicado no semanário *Aleo* em 1945). Lisboa: Editorial Organizações, 1947, p. 8.

⁸Constitui excepção, embora não incidindo na mesma problemática, o trabalho de Jorge Cunha Pimentel, concluído no decorrer da nossa investigação e que se intitula: “Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN” (ver Bibliografia).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Introdução

denotam erudição, os que mostram senso comum, os que são apenas ruínas, falhanços. Por isso precisa das ciências, por isso precisa de entrar outra vez no átrio.”⁹

Interessa-nos estudar as obras como um todo coeso, para compreender a unidade na sua óbvia diversidade, na acepção de Fernando Távora que, a este propósito lembramos:

“É esta unidade/diversidade que nós, suponho eu, temos que cultivar. Daqui surge algo de que me tenho lembrado várias vezes ultimamente, que é uma espécie de necessidade de heteronímia no arquitecto [...] esta probabilidade de necessidades de desdobramento, de uma dupla, tripla, quádrupla personalidade que não é incompatível com a unidade. [...]”¹⁰

E, como refere Jacinto Prado Coelho a propósito dos heterónimos de Fernando Pessoa, “a própria diversidade (sinal de portentosa riqueza espiritual) vale como expressão dramática de identidade. Se «fingir é conhecer-se» – é também dar-se a conhecer”¹¹.

Não nos parece, à partida, que a heterodoxia verificada em Rogério de Azevedo se relacione com a assunção de diferentes personalidades que possam ser comparáveis aos heterónimos de Pessoa. As obras, essas sim, pelas suas fortes características, ganham uma autonomia própria, parecendo ser possíveis representações de diferentes personalidades.

Assim interpretámos Fernando Távora.

⁹Jorge Figueira, “Carro a transbordar no stand”, in *ECDJ 5*, EDARQ, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2001 (p. 006.007).

¹⁰ Fernando Távora in *Discursos sobre arquitectura*, Ciclo de Conferências, FAUP, 1990.

¹¹Jacinto do Prado Coelho. “Prefácio da segunda edição”, 1963, in *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 12.^a edição. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2007 (1.^a edição 1950), p. 13 e 14.

O trabalho que desenvolvemos estrutura-se em três partes fundamentais.

No Capítulo 1 – Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa –, procurámos assinalar a forma como, até hoje, a figura de Rogério de Azevedo se enquadra na historiografia portuguesa. Interessou-nos verificar, tanto as referências feitas como as ausências de referências, procurando, também, “identificar aquelas afirmações que, por serem repetidamente feitas ao longo dos anos, se tornaram, algumas vezes sem grande fundamento, inquestionadas”¹².

Procurando fazer uma leitura sobre as referências mais significativas, tentámos apresentar as várias perspectivas ensaiadas sobre a época em questão e, em particular, sobre o autor em estudo. Constatámos que Rogério de Azevedo é, quase sempre, referido nas publicações e estudos sobre o surgimento da arquitectura moderna em Portugal. Ao longo destas leituras fomos dando conta, também, de alguns factos que nos pareceram assinaláveis no enquadramento da época e dos temas a desenvolver.

As contradições verificadas nas análises críticas às diferentes obras de Rogério de Azevedo, elaboradas por diferentes autores, motivaram, por vezes, o interesse em procurar explicar melhor as razões da sua fundamentação.

Talvez a falta de uma visão panorâmica da totalidade da obra daquele autor possa ter dificultado a compreensão correcta e adequada dessa faceta da sua obra que, simplificada, se tem explicado apenas com base na facilidade com que determinados autores utilizam diferentes linguagens. Assim, tomamos como ponto de partida o reconhecimento de “um eclectismo à escala do percurso autobiográfico do artista (i.e., no conjunto da obra de um autor)”¹³, que tentaremos explicar.¹⁴

¹² Em capítulo 1, mais à frente neste trabalho.

¹³ José Miguel Rodrigues. Entrada “Arquitectura, Eclectismos, Historicismos” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Volume I: A-E), Lisboa: Assembleia da República, 2014.

¹⁴ Segundo J. M. Rodrigues, numa “primeira hipótese (1), [aquela que nos interessa aqui elucidar], eclético seria um autor-arquitecto cujo conjunto da sua obra, considerado na globalidade, desse a ver uma concomitância de hipóteses formais e compositivas (de

Nessa perspectiva, no Capítulo 2 – Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico –, procurámos, de forma exaustiva, embora intencionalmente sintética, proporcionar uma visão genérica que abrangesse, não apenas as questões do foro profissional, mas também aquelas questões pessoais que poderão ter condicionado o seu percurso como arquitecto. De igual modo, são referidos alguns acontecimentos relevantes da nossa história nacional e internacional.

Não podíamos, também, deixar de dar a conhecer a forma como decorreu a formação de Rogério de Azevedo até à obtenção do diploma de arquitecto pela Escola de Belas Artes do Porto, procurando entender o ambiente, o tipo de ensino e a importância de alguns dos seus mestres. Neste âmbito, num meio culturalmente limitado e periférico como o Porto e numa escola com escassos recursos, José Marques da Silva não pode ter deixado de ter importância na formação de Rogério de Azevedo enquanto transmissor dos ensinamentos *Beaux-Arts*.

Procurámos interpretar os primeiros projectos de uma intensa e longa carreira profissional de Rogério de Azevedo, sem deixar de salientar a importância que terá tido Baltazar de Castro, seu colega e sócio, nos primeiros anos de *atelier*. Salientámos, ainda, a importância do cliente para o qual ambos realizam algumas das suas obras de maior relevo. Trata-se de Bento Carqueja, director do jornal *O Comércio do Porto*, que lhes confia, entre outros projectos, o do edifício sede daquele jornal, na avenida dos Aliados, no Porto, e o daquele que viria a concretizar-se na sua obra de maior repercussão, a Garagem de *O Comércio do Porto*.

Assinalam-se, também, as diversas escolas que Rogério de Azevedo projecta no distrito de Viana do Castelo, durante a Primeira República, e as

estilos como, sem receio, Viollet-le-Duc diria), sem uma lógica sequencial cronológica – no sentido de que uma opção mais regressiva (ou historicista) teria sido para sempre, por ele, definitivamente abandonada. A conhecida trilogia de Rogério de Azevedo – Garagem do Comércio do Porto (1930-1932, com Baltazar de Castro), Edifício do Jornal ‘O Comércio do Porto’ (1928-1932, com Baltazar de Castro) e Edifício do Hotel Infante Sagres (1945-1951) – constitui porventura o exemplo mais evidente, pelo menos do ponto de vista da proximidade física das obras em confronto, deste tipo de eclectismo”. José Miguel Rodrigues. Entrada “Arquitectura, Eclectismos, Historicismos” in Idem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Introdução

que, posteriormente, projectará, com carácter bem diferente, como resposta às muitas encomendas que a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais lhe fará. Mais tarde, enquanto director da Secção Norte daquela instituição governamental, salientar-se-ão importantes intervenções em edifícios de interesse patrimonial, no Norte do país. No seu *atelier* próprio desenvolverá, até aos anos cinquenta, dezenas de outros projectos de diferentes âmbitos, que complementam, conjuntamente com a sua importante actividade como professor na EBAP e, com alguma produção teórica, uma intensa e diversificada actividade profissional que procurámos dar a conhecer.

Partindo da recolha e sistematização de documentação relacionada com o objecto de estudo – e tendo como finalidade reunir os elementos necessários para uma análise crítica e fundamentada daquilo que procurámos sistematizar, desenvolver e confirmar –, alicerçámos o trabalho, sempre que possível, em fontes primárias, factos documentados e realizações concretas que fomos recolhendo em diversos locais, arquivos e bibliotecas.

Procurámos constituir uma base sólida e sistematizada de informação que servisse como ponto de partida para o prosseguimento do nosso estudo. A recolha de material permitiu comprovar que existia um campo de análise constituído, não só por obras construídas, mas, também, por uma vasta documentação diversificada que nos garantiu conteúdo rico e suficiente para o desenvolvimento da nossa investigação.

No terceiro capítulo – A obra de Rogério de Azevedo –, foram escolhidos os exemplos que nos pareceram adequados para a sustentação da problemática colocada – a unidade e a diversidade na obra de Rogério de Azevedo. Além da recolha e sistematização de informação dispersa sobre cada um desses exemplos, procurámos que cada um deles permitisse o desenvolvimento de sub-questões diferenciadas (ou sub-problemas), desenhando-se, dessa forma, em cada caso, um assunto a tratar.

No sentido de acentuar a posição não ortodoxa do arquitecto perante as questões do projecto, procurámos, também, em cada um dos exemplos escolhidos, estabelecer, de forma breve, o confronto com um outro exemplo, realizado num período cronológico aproximado, onde o autor se colocasse

num posicionamento diferente ou mesmo contrário perante questões idênticas.

Os exemplos analisados são apresentados pela ordem cronológica da concepção de cada projecto, sendo que os quatro primeiros partilham o contexto urbano da cidade do Porto, estabelecendo aparentemente, e como já referimos, relações urbanas importantes entre si.

No projecto para a Faculdade de Medicina do Porto (1.º exemplo), iniciado em 1925, parece ser “[o] confronto com o classicismo”¹⁵ do Hospital de Santo António que motiva as opções formais escolhidas na composição do exterior daquele edifício, já que, apenas um ano antes, para uma zona residencial na Foz do Douro, Rogério de Azevedo julga melhor ali se adaptarem referências formais que parecem ter origem numa tradição ‘romântica’ provavelmente provenientes de imagens das obras de Muthesius, divulgadas na época.

O edifício que servirá de sede ao Jornal *O Comércio do Porto* (2.º exemplo) é projectado e construído entre 1927 e 1929 no “lugar de ‘representação’”¹⁶ da cidade e das suas principais instituições – a avenida das Nações Aliadas. Observaremos como, apenas um ano mais tarde, também numa situação de gaveto, mas sem os condicionamentos dos regulamentos para a avenida, Rogério de Azevedo projectará para a rua de Santa Catarina, aparentemente com maior liberdade, o edifício onde virá a instalar o seu atelier próprio.

A Garagem de *O Comércio do Porto* (3.º exemplo), projectada e construída entre 1929 e 1932, propõe-nos um “[m]odo moderno de estar”¹⁷ para o qual alguns arquitectos do Porto, já “depois do modernismo”¹⁸, nos tinham chamado a atenção. Assim, como referem, “Lado a lado, do mesmo autor e

¹⁵ Título do sub-capítulo 3.1.

¹⁶ Título do sub-capítulo 3.2.

¹⁷ Título do sub-capítulo 3.3.

¹⁸ Em referência ao texto publicado no Catálogo da Exposição “Depois do Modernismo, 7 a 30 de Janeiro de 1983”, Lisboa, 1983, p. 119.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Introdução

para o mesmo cliente em obras quase simultâneas, podemos encontrar a linguagem de vanguarda e o granito austero, erudito, conjugando a regra clássica com o modelo do mundo americano”¹⁹. Salienta-se no entanto que, em 1933, Rogério de Azevedo, no prédio que projecta para a rua Fernandes Tomás, regressa, como evidenciaremos, embora de forma subtil, aos elementos do mundo formal clássico na composição do alçado.

Cerca de dez anos passados sobre aquelas construções, é na praça D. João I, também no Porto, que Rogério de Azevedo arriscará a construção do edifício mais alto da cidade, o prédio Maurício Macedo (4.º exemplo). O ‘arranha-céus’, como ficou conhecido na época, proporcionaria “uma nova escala para a cidade”²⁰, acentuando relações urbanas e destacando-se naquela importante praça. Apontaremos aqui o contraste verificado quando, no mesmo ano, na sequência e a propósito das comemorações dos Centenários, Rogério de Azevedo propõe e edifica, junto da Sé do Porto, uma Torre em estilo Medieval, posicionando-se como se se tratasse do seu construtor original.

No percurso profissional de Rogério de Azevedo evidencia-se claramente a relevância dos projectos desenvolvidos enquanto foi director da Secção Norte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Assim, a problemática da unidade e da diversidade na sua obra levou-nos, também, à consideração sobre a sua posição perante questões projectuais levantadas quando confrontado no “[...] encontro com o património”²¹ edificado. Das diversas intervenções nas quais participou, centramos a atenção no projecto de reconstituição da cabeceira da igreja de São Pedro de Rates (5.º exemplo), projecto no qual a intervenção do arquitecto nos apareceu claramente circunscrita à sua actividade disciplinar. A produção teórica de Rogério de Azevedo não acompanhou o ritmo intensivo com que exerceu a prática da arquitectura.

¹⁹ Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura e Sergio Fernandez in Luís Serpa (Coordenação), Catálogo da exposição: *Depois do Modernismo. 7 a 30 de Janeiro de 1983*. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 119.

²⁰ Título do sub-capítulo 3.4.

²¹ Título do sub-capítulo 3.5.

Em 1936, dois anos antes de iniciar as pesquisas que levaram à elaboração do projecto para São Pedro de Rates, publica uma das suas poucas reflexões teóricas sobre arquitectura que chegaram até nós. Nesta comunicação, “A arquitectura no plano social”, clarificam-se e confirmam-se, julgamos nós, algumas das posições do autor que confrontaremos com a prática da sua profissão.

As pousadas que Rogério de Azevedo projecta, já em plena vigência do regime do Estado Novo e, também, nos anos 40, fazem parte do programa concebido por António Ferro para o desenvolvimento do turismo em Portugal. A Pousada de São Gonçalo, no alto da Serra do Marão (6.º exemplo) permitiu entender a posição do arquitecto quando confrontado com projectos em contexto rural e numa “relação [intensa] com a paisagem natural”²². Procuraremos explicitar, também, a forma como Rogério de Azevedo estabelece a relação entre o espaço interior e o exterior numa situação diversa, a da sua moradia própria, na Foz do Douro.

Por fim, pareceu-nos pertinente entender e justificar o evidente “retrocesso” na carreira de Rogério de Azevedo aparentemente relacionado com “[o] equívoco da ‘Casa Portuguesa’”²³ observável no edifício do Hotel Infante Sagres, na praça D. João I, no Porto (7.º exemplo). Pelo contrário, no projecto para a Escola Primária do Soajo, perante o mesmo tipo de pressupostos, parece-nos alcançar uma maior autenticidade nos resultados.

A análise dos casos de estudo escolhidos não se fez com base numa matriz rígida. Embora se tenha procurado seguir uma sequência que permitisse o equilíbrio e a comparação entre as obras, procurámos não ser condicionados por uma visão que impedisse a valorização de diferentes atributos, no caso a caso de cada circunstância.

Procurámos identificar, também, as metodologias seguidas na execução dos projectos, analisando, sempre que possível, processos de concepção e não apenas resultados finais.

²² Título do sub-capítulo 3.6.

²³ A este respeito ver Rui Jorge Garcia Ramos. Entrada “Casa Portuguesa” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Volume I: A-E), Lisboa: Assembleia da República, 2014, p. 573/576.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Introdução

A bibliografia relacionada com o tema e os diversos documentos organizados e interpretados de forma correcta, permitiram, julgamos, formar um enquadramento e a uma análise que possibilitou uma visão sustentada sobre o tema. A análise de documentação gráfica e escrita relativa aos projectos de arquitectura, a visita a obras construídas e a sua interpretação, a recolha de informações que nos levaram à identificação de projectos e obras desconhecidos até à data, a recolha de outros testemunhos através de entrevistas e a descoberta de novos elementos constituíram a matéria da nossa pesquisa.

O estudo da produção escrita e arquitectónica de Rogério de Azevedo foi realizado com um propósito determinado pela questão colocada à partida e, por isso, temos consciência de que se trata de uma abordagem assumidamente condicionada por uma visão necessariamente parcial e incompleta, mas que permitiu resgatar o autor de uma posição, a nosso ver, demasiado limitadora das qualidades da sua obra.

Em volume anexo apresentamos grande parte da documentação recolhida ao longo da nossa pesquisa que complementa e reforça uma visão, assim, mais amplamente documentada sobre o legado de Rogério de Azevedo.

Numa primeira parte - Inventário de Projectos – apresentar-se-ão, individualmente, por ordem cronológica e em forma de ficha, todos os projectos cuja autoria conseguimos apurar serem de Rogério de Azevedo. Além de uma informação sintética e sistematizada sobre cada um deles, procurámos, sempre que possível, complementar aquela informação com imagens, seja da época da construção, seja da actualidade.

Relativamente aos textos publicados e outros escritos daquele autor, que fomos também recolhendo, apresentaremos em forma de listagem o seu inventário e informação sobre a sua possível consulta.

Por fim, uma última parte deste volume reúne fichas documentais com informação detalhada fundamental para o desenvolvimento dos temas que, através dos exemplos escolhidos, nos propusemos tratar.

1. ROGÉRIO DE AZEVEDO NO PANORAMA DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA PORTUGUESA

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

Neste capítulo procuraremos assinalar a forma como, até hoje, a figura de Rogério de Azevedo é enquadrada na historiografia portuguesa. Desta leitura sobre os escritos realizados até à data retiraremos, também, alguns excertos que nos permitam o enquadramento, embora sumário, daquela figura na época em questão. Interessa-nos verificar, tanto as referências feitas como as ausências de referências; procuraremos identificar aquelas afirmações que, por serem repetidamente feitas ao longo dos anos, se tornaram, algumas vezes sem grande fundamento, inquestionadas.

Rogério de Azevedo é, quase sempre, referido nas publicações e estudos sobre o surgimento da arquitectura moderna em Portugal. No entanto, muitas vezes é mencionado apenas de passagem e para defender uma arquitectura moderna portuguesa frágil e pouco afirmativa.

Faremos uma leitura das referências mais significativas procurando dar a ver as várias perspectivas já ensaiadas sobre a obra deste arquitecto, tendo consciência de que não seremos exaustivos.

Um capítulo para a história da arquitectura moderna. Nuno Portas. 1973

Nuno Portas na sua “Interpretação” sobre “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal”²⁴, publicado em 1973 como capítulo complementar da versão em língua portuguesa da *História da Arquitectura Moderna* de Bruno Zevi, refere-se, a propósito das “décadas obscuras”, à crise na formação dos arquitectos nas Academias de Belas Artes no final do século XIX e início do século XX. Salienta, também, a posterior tentativa, em 1911, feita pelo Governo provisório da República, de “democratização das artes” e de “valorização dos cursos de Belas Artes, aumentando-lhes a extensão e as ma-

²⁴ Nuno Portas. “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação” in *História da Arquitectura Moderna* (Bruno Zevi). Lisboa: Arcádia. 1973, p. 687-746.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

térias técnicas relacionadas com a construção e a higiene dos edifícios e impondo o tirocínio em obras, durante dois anos,”²⁵ o que teve algum êxito embora “prevalecessem os métodos academizantes sobre os impulsos inovadores...”²⁶ dos Mestres Luís Monteiro, em Lisboa, e Marques da Silva, no Porto. Salientamos, que é este o ambiente da Escola que Rogério de Azevedo frequenta, a partir de 1912.

Nuno Portas refere como, nestas primeiras “décadas obscuras”, “fomos poupados às mais profundas e criativas convulsões que se deram na arquitectura europeia e norte-americana, sobretudo na 2.^a metade de novecentos e nos anos deste século até à Guerra de 14”²⁷, à excepção apenas de algumas obras dispersas que, ainda assim, o nosso país viu construir. A par do “prosseguimento da construção de prédios nas Avenidas Novas em Lisboa”, o autor afirma, criticamente, que, no Porto, “tem-se notícia do prosseguimento, lento, da grande praça dos Aliados, ladeada por edifícios medíocres na sua maioria, culminando na pastelaria monumental do edifício municipal”²⁸. Neste âmbito, o autor destaca, apenas, o edifício do Café Imperial, projectado em 1934 por Artur Almeida Júnior, como sendo “o mais moderno dos autores da Avenida dos Aliados” não se referindo, nestes comentários a edifícios que, na sua generalidade, a nosso ver, marcaram, pelas suas qualidades arquitectónicas que estão para lá da sua “modernidade”, a historiografia portuguesa. Referimo-nos aos edifícios projectados antes por Marques da Silva (Edifício A Nacional, 1919-25; Edifício Pinto Leite, 1922, e Edifício *Jornal de Notícias*, 1927), Pardal Monteiro (Edifício Caixa Geral de Depósitos, 1923-28), Oliveira Ferreira (Clube Fenianos Portuenses, 1920; Edifício Casa de Saúde da Avenida, 1930-34) ou por Rogério de Azevedo (sede do jornal *O Comércio do Porto*, 1928).

No entanto, refere que é Marques da Silva que, juntamente com Carlos Ramos (e Pardal Monteiro), “marcam, no começo dos anos 20, o início ainda

²⁵ Idem, p. 690.

²⁶ Idem, ibidem.

²⁷ Idem, p. 705.

²⁸ Idem, ibidem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

pouco consistente, do que seria o novo ciclo da arquitectura “modernista” em Portugal e, curiosamente, fica a dever-se uma delas a um mestre neoclássico e eclético, e a segunda a um jovem que viria a dominar culturalmente a nova geração e, até, a tomar a liderança da sua formação na mesma escola portuguesa²⁹. A ausência da referência a Rogério de Azevedo como professor (na mesma data de Carlos Ramos) da Escola de Belas Artes do Porto, tendo vindo a substituir um lugar antes ocupado por Marques da Silva depois da sua reforma, é, também, notória.

Depois de uns anos “de silêncio”, segundo aquele autor, dá-se o “grande surto das obras marcantes da arquitectura moderna que vão surgir já em plena agonia do regime republicano e ao longo dos primeiros anos do Estado Novo”³⁰ que darão nome a um novo capítulo da sua história, “O efémero modernismo”:

“Recorde-se a ofensiva de novidades que vêm à luz a partir de 25: o cinema Capitólio (26) revela Cristino da Silva, a garage do Comércio do Porto (28) o Rogério de Azevedo; o Pavilhão de Rádio do I. Oncologia (30) confirma Carlos Ramos; o projecto do cinema Éden (30) destaca Cassiano Branco; logo os novos liceus de Beja, Lisboa, Coimbra, consolidam Cristino, Ramos, Segurado (30); os novos edifícios dos CTT, Adelino Nunes. Pardal Monteiro inicia o projecto do I.S. Técnico (27).”³¹

Este ciclo, segundo este autor, “será encerrado em glória, já no meio dos anos 30, com a Igreja de Fátima e o I. Superior Técnico, de Pardal Monteiro, o Hotel Vitória, de Cassiano, a Casa da Moeda, de Segurado, o Frigorífico, de Massarelos (ou Bolsa do Peixe), dos irmãos Godinho”, numa altura em que, os “pioneiros” da arquitectura moderna, como lhes chama o autor – Cristino da Silva, Carlos Ramos e Rogério de Azevedo –, “já se haviam cansado e [...] ‘passado’ aos aprendizes deles, já nascidos com a República e diplomados depois de 30, Keil, Godinho, Viana de Lima ou Arménio Losa,

²⁹ Idem, p. 706.

³⁰ Idem, ibidem.

³¹ Idem, p. 707.

para só citar alguns mais importantes, caberia então, em meio cada vez mais adverso, a continuação da aventura”³².

Nesta sequência, o autor refere que em quase dez anos, entre 1925 e 1936, de entre as obras produzidas no nosso país, se podem destacar apenas “duas ou três obras-primas da história da arquitectura portuguesa”³³ que representam, no seu entender, o “único momento em que se repercute neste país, e quase sem atraso, um movimento de vanguarda internacional, entendido em algumas das suas motivações profundas e não apenas epidérmicas ou de moda. [...]”³⁴

Assim, Nuno Portas explica a razão desta classificação:

“Ora a verdade é que um Capitólio, uma Garage do C. Porto ou um Éden-Teatro não podem surgir por figurino de ilustração, porque o que as torna arquitecturas ‘europeias’ é a concepção estrutural dos edificios como um todo em que as técnicas de construção, as ‘caixas’ exteriores e a organização do espaço se articulam com imaginação e singularidade, no sentido de que não são reduções ou aculturações de imagens das revistas superficialmente vistas.”³⁵

Referindo-se à origem da formação destes arquitectos, Nuno Portas aponta a “decadente escola das *Beaux Arts*”³⁶ onde se desenhavam “para os mestres concepções megalómanas e pesadas do «antigamente»”³⁷. Tratava-se agora “de pôr de parte o receituário tradicional, apoiar-se em algum engenho corajoso [...] e resolver tudo como se fosse a primeira vez, suspeitando que o preço dessa aventura seria a perda da qualidade, inclusivamente construtiva”³⁸. E, acrescenta:

“Imagine-se o que terá significado semelhante momento de ruptura, sintáctica e semântica, quando [...] Rogério de Azevedo

³² Idem, *ibidem*.

³³ Idem, *ibidem*.

³⁴ Idem, p. 708.

³⁵ Idem, *ibidem*.

³⁶ Idem, *ibidem*.

³⁷ Idem, *ibidem*.

³⁸ Idem, p. 709.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

se atira ao estudo de um edifício de garagem urbana em vários pisos e, ao mesmo tempo, de escritórios – no centro da cidade do Porto. O enorme gaveto, jogando com o desnível da rua, justapõe uma caixa com iluminação ao alto (a garagem) e um «fragmento» de fachada funcionalista de escritórios, organizando a primeira através de uma rampa helicoidal apoiada em arrojada estrutura fungiforme. E Rogério, cremos, nem tinha saído do país...³⁹

Relativamente àquilo a que o autor chamou a “tentativa de renovar a linguagem arquitectónica, através do modelo internacionalista dos anos 20” são mencionadas “algumas das personalidades a que se ficou a dever ‘a ruptura’. Da primeira leva – Cristino, Ramos, Pardal, Cassiano, Segurado, em Lisboa. Rogério de Azevedo e M. Marques, no Porto – há a assinalar a força das primeiras obras – para alguns, como Ramos, Rogério ou Marques quase as únicas significativas. [...] De uma segunda geração, a geração funcionalista: [...] Adelino Nunes, Keil do Amaral, António Varela, Couto Martins, Arménio Losa, Januário Godinho, José Porto, Viana de Lima, entre outros”⁴⁰. E, relativamente ao autor em estudo, Nuno Portas acrescenta:

“Rogério de Azevedo esgotou aparentemente a sua capacidade criativa com a Garagem. Constitui um problema crítico difícil de explicar o «milagre» desta obra portentosa, de que Mendelsohn talvez não desdenhasse; antes dela podia assinalar-se a Creche, também do Comércio do Porto, com uma interessante sala triangular envidraçada, ainda ressoando ao modernismo pré-racionalista, e depois dela (34) não encontramos mais do que uma curiosa – na volumetria exterior – moradia geminada, para o próprio. Viria a seguir a «sentir remorsos» pelo esquecimento a que estava votada a tradição e, após viajar pela província, projecta algumas das primeiras Pousadas do SNI e sugestões para as escolas dos Centenários...”⁴¹

O autor salienta, na sequência deste texto, o final dos anos 30 como o terminar, impulsionado “pelos padrões do Estado Novo” (mais preocupados agora com a preparação da Exposição do Mundo Português, na qual Rogério

³⁹ Idem, p. 709.

⁴⁰ Idem, p. 712.

⁴¹ Idem, p. 713.

de Azevedo não será chamado a participar), dos anos de utilização e tolerância do ‘moderno’. O autor destaca, entre exemplos de obras de outros autores, “que agora se identificavam com os sonhos do regime”, a “colaboração de Rogério de Azevedo nas escolas dos Centenários e, logo depois, nas primeiras pousadas do SNI”, como exemplos representativos do momento-chave “da inflexão”, ou, como faz questão de salientar, “a conversão” dos arquitectos modernistas. Quanto às referidas pousadas, Nuno Portas referir-se-á a elas, mais à frente neste texto, para salientar o contraste que estes “projectos de missionários” de Rogério de Azevedo estabelecem com a primeira «pousada» de Godinho no Cávado (1948) quanto à demonstração da “viabilidade da «aclimatação» da arquitectura moderna com a paisagem local”⁴².

Na sequência do critério gráfico utilizado na edição de Bruno Zevi, nos capítulos que antecedem este, as imagens que ilustram os textos aparecem em páginas separadas e apenas destinadas a esse fim. Uma dessas páginas, “Tábua 103 – A Segunda ruptura (II)”, das poucas relativas a obras localizadas na cidade do Porto, dedicada exclusivamente a obras de Rogério de Azevedo, aparece de forma destacada a Garagem de *O Comércio do Porto* e, com menos visibilidade, a “Moradia do arquitecto, no Porto” e, por fim, a Creche também, do *Comércio do Porto* [•1|1].⁴³

No que interessa ao estudo que procurámos desenvolver, Nuno Portas deixa, assim, em aberto questões que nos indicam a sua percepção sobre uma obra, segundo o próprio autor, “que está, ainda, por explicar”.

Salientamos o facto de, nesta edição, pela primeira vez, se destacar a importância de um grupo de arquitectos, no qual se inclui Rogério de Azevedo, um dos representantes de um “Efémero Modernismo”, e a quem Nuno Portas chama, “os pioneiros da arquitectura moderna” evidenciando a “força das [suas] primeiras obras”. Procuraremos, também explicar a razão que nos leva a crer que, ao contrário daquilo que disse Nuno Portas, Rogério de Azevedo não terá esgotado a sua capacidade criativa em 1928 quando, como é

⁴² Idem, p. 730.

⁴³ Ver imagem •1|1.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa



Um capítulo para a história da arquitectura moderna. Nuno Portas. 1973

- 1|1. “Tábua 103. A Segunda ruptura (II)”

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

referido, por “milagre”, projecta a garagem de *O Comércio do Porto*. Procuraremos, também, verificar se a colaboração nas escolas primárias e pousadas, encomendas do Governo, representam, como também ali é referido, um momento-chave de “inflexão”, ou a “conversão” aos propósitos do Estado Novo pelos arquitectos modernistas representando, aqueles, “projectos demissionários”.

José-Augusto França e o movimento “modernizante” em Portugal. 1974

Em 1974, José-Augusto França, na *Arte em Portugal no século XX*⁴⁴, refere-se à obra de Rogério de Azevedo no capítulo alusivo à “Arquitectura dos anos 30 e 40”⁴⁵. Reportando-se ao “movimento modernizante” na arquitectura em Portugal, dirá:

“O movimento modernizante era centrado em Lisboa – mas, entre os arquitectos do Porto, formados no ensino de Marques da Silva (que aliás, em 14, propusera uma notável inovação de linguagem, com o edifício dos Armazéns Nascimento), foi Rogério de Azevedo o único que nesta fase se atreveu a realizar um projecto moderno, de grande baía vidrada, para a garagem d’ «O Comércio do Porto», em 30-32.

Esta obra figurou ao lado de trabalhos de arquitectos lisboetas já expostos nos «Independentes», na I Exposição de Arquitectura Portuguesa que a Associação dos Arquitectos do Norte, presidida pelo velho mestre da Escola local, se abalançou a organizar no Porto, em 31. Rogério de Azevedo representava ali o modernismo portuense possível – quando o impossível se exprimia no magno plano de urbanização geral da capital do Norte proposto por Amaro Lopes e Manuel Marques. A Rogério de Azevedo viria a ser devido, doze anos mais tarde, o primeiro grande edifício do Porto, do Café Rialto, dez andares tratados assaz monotonamente, com prejuízo do projecto inicial.

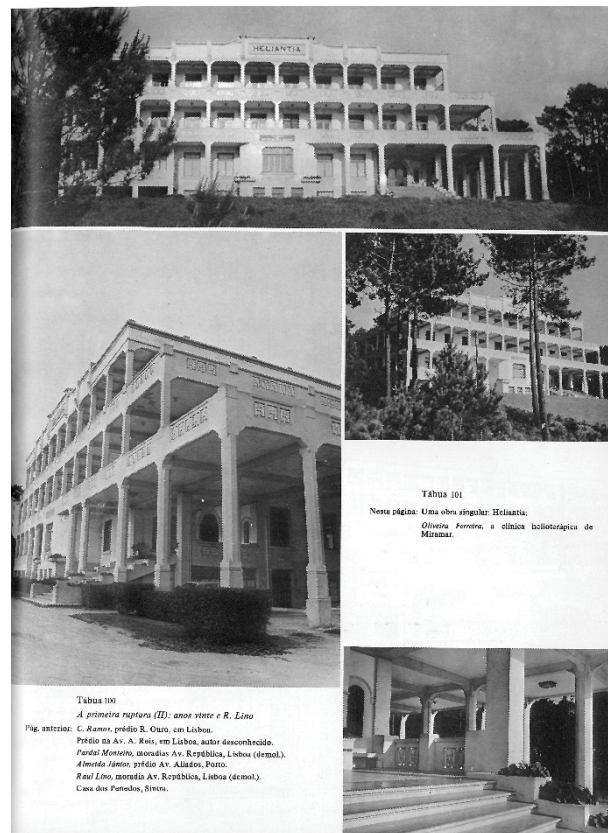
⁴⁴ José-Augusto França. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

⁴⁵ Note-se a ausência de referências a Rogério de Azevedo no capítulo anterior, “Os anos 20”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitetura Portuguesa



José-Augusto França e o movimento “modernizante” em Portugal. 1974

- 1|2. Clínica Heliântea. “Tábua 102. Uma obra singular: Heliântia. Oliveira Ferreira, a clínica helioterápica de Miramar”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

A par da obra de precursor de Azevedo, em 30, importa, porém, registar o projecto inesperado de F. Oliveira Ferreira para a Clínica Heliântia de Francelos [...]”⁴⁶ [●1|2]⁴⁷

No longo capítulo dedicado à arquitectura destes anos, José-Augusto França, refere-se, fundamentalmente, aos arquitectos que mais destaque foram tendo em Lisboa e a alguns acontecimentos que marcaram aquela época, nomeadamente, o I Salão dos Independentes, em 1930, a entrevista que António Ferro, enquanto jornalista, faz em 1932 a António de Oliveira Salazar, e o acontecimento que mais tarde viria a representar “uma inflexão” ou uma “involução do espírito moderno que víamos no final dos anos 20”, em 1940, a Exposição do Mundo Português.

O autor refere-se, também, ao debate lançado por Raul Lino “contra o internacionalismo na arquitectura” que deveria ser, como refere o próprio Lino em 1933, “proibido superiormente”⁴⁸. Esta proibição, ou controlo, acaba por ser exercida por ele próprio, embora indirectamente, através da sua presença na Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal de Lisboa a quem cabia a aprovação de projectos de arquitectura.

J.-A. França refere-se, também, ainda que sucintamente, à “I Exposição de Arquitectura Portuguesa” que a Associação dos Arquitectos do Norte, presidida por José Marques da Silva, realiza em 1931 e na qual Rogério de Azevedo expõe alguns dos seus recentes trabalhos.⁴⁹

⁴⁶ José-Augusto França. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974, p. 225.

⁴⁷ Na imagem [●1|2] pode ver-se o edifício projectado por Oliveira Ferreira para a Clínica Heliântea de Francelos. Trata-se de uma página que ilustra o texto de Nuno Portas, “*A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação*”, já que na publicação de J.-A. França não aparece qualquer imagem relativa a este projecto.

⁴⁸ Raul Lino in entrevista para o *Diário de Lisboa* em 15/12/1933. Citado por José-Augusto França. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand. 1974, p. 223 (nota de rodapé 158).

⁴⁹ A esse propósito verificámos que, em 22 de Março de 1931, no jornal *O Comércio do Porto* se publica a notícia dando conta deste acontecimento e, onde pode ler-se: “No Palácio da Bolsa, inaugurou ontem a I Exposição dos Arquitectos Portugueses no Porto.

Um grupo de rapazes cheios de vontade e onde não escasseiam verdadeiros talentos, meteu ombros a uma louvável entrega. [...] Classicismo, arrojo, modernismo – tudo isto quiseram e souberam imprimir ao seu certame os arquitectos do Norte. [...] Os nossos

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

J.-A. França prossegue as suas reflexões sobre alguns dos protagonistas que, tal como Ramos, Cristino da Silva ou Cassiano Branco, se salientaram durante esta época em Lisboa. Carlos Ramos destaca-se pela importância de uma das suas primeiras obras (Instituto de Oncologia); Cristino da Silva pelo projecto para o edifício Capitólio que representaria uma das “bases do modernismo português” e os liceus de Beja e Coimbra que “marcaram a intenção funcionalista que convinha impor” em 1930. Cristino da Silva destaca-se, também, por ter sido escolhido em 1933 para o lugar de professor na Escola de Belas Artes de Lisboa, “graças ao muito treino de arquitectura clássica que trazia de Paris”. Quando nos finais dos anos trinta desenvolve os projectos para a praça do Areeiro em Lisboa “o jovem modernista de 25 ou 30 inflectiu a sua carreira, oficializando-a de acordo com o espírito da encomenda que se modificara também, e sobretudo a partir da magna exposição de 40”⁵⁰. Cassiano Branco, diplomado em 1926, projecta em 1930-31 “uma das grandes obras da arquitectura moderna em Portugal”, o cinema Éden, em Lisboa. “Dinamizando como nenhum outro os valores volumétricos do código modernista”, este arquitecto projecta, também, mais tarde, em 1936, o Hotel Vitória na avenida da Liberdade em Lisboa, tentando manter uma posição, segundo o autor, por razões políticas “à margem do governo”. A importância da figura do então Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, é salientada e a ele se devem muitas das iniciativas que permitiram a evolução urbanística da cidade de Lisboa. A figura de Pardal Monteiro destaca-se pela importância

arquitectos não tinham ainda mostrado ao público, sob este ar ‘elegante’ de exposição, sob este aspecto de arte – tão próprio dos nossos dias – as suas directrizes estéticas, os seus cunhos pessoais, as suas maneiras de interpretar a arquitectura [...].

A Sociedade dos Arquitectos do Norte de Portugal tomou a iniciativa da exposição. [...] Está tudo dividido por espaços, por stands na parede. Nomes de Arquitectos que expõem: José Moreira, Carlos Ramos, Ernerto Korrodi e Camilo Korrodi, Jorge Segurado, Adelino Nunes, Manuel Marques, Amoroso Lopes, Tertuliano Marques, Ricardo Guilherme Spratley, Manuel Pereira, J. Fernandes da Silva, Júlio de Brito e António Brito, José Ferreira Pessoa, António Janeira, Rogério de Azevedo e Agostinho Fonseca.

[...] Rogério de Azevedo, num stand de entrada, expõe alguns dos seus mais recentes trabalhos, destacando-se entre eles a Nova Casa de ‘O Comércio do Porto’, a cores, dum expressivo efeito, o torreão do mesmo edifício [...].”

⁵⁰ José-Augusto França. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974, p. 229.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

que teve a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima naquela cidade em 1934-38. Destaca-se também, deste mesmo autor, o Pavilhão dos Descobrimentos para a Exposição do Mundo Português, na qual o arquitecto Cottinelli Telmo, em quem Duarte Pacheco depositara total confiança, terá tido uma participação de destaque na sua organização.

Das acções de Duarte Pacheco é salientada “a imponência simbólica da exposição de Belém” e, questionada a “utilidade de dez mil escolas primárias construídas por todo o País, conforme projectos sem relevo de Rogério de Azevedo”⁵¹ que terá elaborado, por encomenda governamental, os projectos-tipo regionalizados para as Escolas Primárias do Norte e Centro do país. Raul Lino terá ficado encarregue dos projectos-tipo regionalizados para o território a sul.

Destacam-se, como acções que fizeram parte das “realizações balanceadas desse ano”, segundo J.-A. França, entre outras, aquelas que foram impulsionadas pelo então “Serviço dos Monumentos Nacionais que Pacheco reformou”⁵². “Entre muitos castelos que pelo País fora tombavam em ruínas, e igrejas e monumentos de diferente tipo” é dado como exemplo a intervenção feita no Paço dos Duques, em Guimarães, que Rogério de Azevedo acompanhará durante grande parte da sua reconstituição, como veremos mais à frente neste trabalho. É salientado neste âmbito, também, o “programa das pousadas turísticas”⁵³ que, entre 42 e 48 tiveram como autores Jacobetty Rosa e Rogério de Azevedo.

Após a Exposição do Mundo Português, em 1940, e a Exposição Itinerante da “Moderna Arquitectura Alemã”, em 1941, enviada pelo Governo nazi a Lisboa e acompanhada pelo seu organizador, Albert Speer, a “Câmara Municipal de Lisboa, sempre orientada por Duarte Pacheco (até 43, ano da sua morte), preocupou-se com a unidade monumental das fachadas de uma nova zona residencial e luxuosa da cidade, à ilharga oriental do Parque Edu-

⁵¹ Idem, p. 251.

⁵² Idem, ibidem.

⁵³ Idem, ibidem.

ardo VII”. Esta construção representava “a introdução do modelo dos Areeiros no coração da cidade” e era, também, Cristino da Silva o encarregado de supervisionar o conjunto de projectos que para esta zona se realizavam por diversos arquitectos, procurando-se, assim, uniformizar e impor um “gosto tradicionalista que «passou a constituir padrão para os novos prédios da cidade», nos quais sobretudo contava, para «encher a vista», «a boa da fachada», em que apressadamente se introduziam baixos-relevos de «criaturas entaladas»”, refere J.-A. França, citando aquilo que, em 1967, Keil do Amaral dirá numa conferência no Grémio Literário.⁵⁴ E, “[...] o gosto do Areeiro-Alvalade imperou então em todos os «ateliers», e por todo o lado da cidade se espalhou”⁵⁵ e, poderíamos acrescentar que se espalhou, também, pelo restante território português. Não podemos deixar de lembrar a ausência naquele estudo, a este propósito, de uma referência aos arquitectos do Norte e a alguns projectos desenvolvidos por Rogério de Azevedo, destacando-se o projecto iniciado em 1943 para o Hotel Infante Sagres, no Porto, ou, terminado em 1942, o edifício para os Paços do Conselho e Tribunal da Póvoa de Lanhoso.

“Aos ‘anos difíceis’⁵⁶, que foram os anos 30, e aos anos 40 seguintes, ‘anos de acomodação’ sofridos, num processo de frustração, por uma geração de poucos arquitectos correspondentes à ‘segunda geração’ de pintores e escultores modernistas, iam seguir-se, então, anos de diferente combate, conduzidos por uma nova geração de profissionais mais socialmente consciencializados”⁵⁷. Rogério de Azevedo não voltará, assim, a destacar-se como figura representativa dos acontecimentos futuros desta *História da Arte em Portugal no século XX*.

Evidenciamos o facto de J.-A. França apenas mencionar Rogério de Azevedo referindo-se à garagem de *O Comércio do Porto* como sendo o único

⁵⁴ Conferência de Keil do Amaral no Grémio Literário, Lisboa, 19/03/1967: «*Sobre Criaturas Entaladas e a Contribuição dos Artistas Plásticos na Valorização de Lisboa*».

⁵⁵ José-Augusto França. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974, p. 254.

⁵⁶ Classificação feita por Nuno Portas in *Jornal de Letras*, 24, Lisboa, 24/1/1962.

⁵⁷ José-Augusto França. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974, p. 254.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

arquitecto “que nesta fase se atreveu a realizar um projecto moderno”, representando ali “o modernismo portuense possível”, já que “o movimento modernizante era centrado em Lisboa”. Outras obras são referidas por este autor que, num tom depreciativo, se refere aos “projectos sem relevo” para as escolas, e “os dez andares tratados assaz monotonamente” do prédio Maurício Macedo, no Porto.

Procuraremos demonstrar que a obra de Rogério de Azevedo, no seu conjunto, tem um valor bastante mais significativo do que aquele que nos é dado a entender nesta fase da historiografia.

Nesta edição ilustrada não aparece qualquer imagem relativa a obras do autor em estudo.

Nuno Teotónio Pereira, José Manuel Fernandes e a arquitectura do fascismo em Portugal. 1980 (1982)

Na comunicação feita em 1980 por Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes, num colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa sob o tema “O Fascismo em Portugal”, publicada na revista *Arquitectura* de Julho de 1981⁵⁸ e, também, dois anos depois num volume que reuniu as actas daquele Colóquio, os autores referem que a abordagem ao tema “a Arquitectura do Fascismo em Portugal”, “em termos específicos e minimamente sistemáticos”⁵⁹, era naquela ocasião realizada pela primeira vez por arquitectos.

Feita uma caracterização dos traços comuns que definem a arquitectura “como veículo de propaganda ideológico e meio de condicionamento do comportamento individual e colectivo” que os “regimes fascistas fizeram surgir”, é referido que, em termos sumários, esta pode caracterizar-se do seguinte modo:

⁵⁸ In *Arquitectura*, revista semestral, ano III, 4.^a série, n.º 142, Julho de 1981 (tema: “Portugal: Arquitectura e Fascismo”).

⁵⁹ Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes. “A Arquitectura do fascismo em Portugal” in *O fascismo em Portugal*. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições, 1982. (imp.). Actas do Colóquio da Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980, p. 533.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

“– Ao nível dos edifícios públicos por uma monumentalidade retórica, como expressão do poder do Estado, e inculcando o sentido da autoridade e da ordem, como recurso frequente a um vocabulário clássico;

– Ao nível da habitação, por um tradicionalismo arcaizante, como exaltação dos valores nacionais, recorrendo a uma abundante e desconexa incorporação dos elementos de arquitectura regional, deturpada e elevada à categoria de nacional.”⁶⁰

Aquela comunicação pretendia, assim, “encontrar uma explicação para a facilidade com que arquitectos que se tinham distinguido através de obras claramente modernas, participaram activamente na elaboração dos modelos de que o regime necessitava”⁶¹. Esta afirmação é justificada, naquele texto, em parte pelo facto de o regime se apresentar como “salvador duma categoria profissional” pouco valorizada, chamando os arquitectos a com ele colaborarem e, também, pela “desadequação estrutural do País face aos modelos provindos da Europa industrializada” e a certeza, para muitos, dentro da profissão, “de que o autêntico moderno era então o que vinha dos países portadores da Nova Ordem europeia: a Itália fascista e sobretudo o III Reich de Hitler”⁶². É no entanto salientado que numa primeira fase, que os autores denominam como o “Ecletismo de Modelos/ Neutralidade do Poder”⁶³,

“entre 1926 e 1931, e correspondendo a um período em que o novo regime buscava a sua própria definição, as iniciativas oficiais são escassas e o Poder mostra-se indiferente às características formais da arquitectura, preocupando-se apenas com o relançamento da construção privada, através de incentivos fiscais. [...]

É predominante nesta fase uma arquitectura eclética e académizante, que utiliza tecnologias tradicionais. Mas há a assinalar o aparecimento de uma corrente que utiliza com vigor uma linguagem modernista, apoiada pela introdução de novos programas e

⁶⁰ Idem, p. 534.

⁶¹ Idem, p. 537.

⁶² Idem, *ibidem*.

⁶³ Idem, “*Cronologia e Gráfico da Evolução do Regime e dos seus modelos*” (última página).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

novas tecnologias construtivas, e que culmina com o aparecimento de uma série de obras e projectos no I Salão de Independentes, em Lisboa.’⁶⁴

Como exemplos desta fase são referidas obras como o Liceu Filipa de Lencastre, de Carlos Ramos, o Cinema Capitólio, de Cristino da Silva, ambos em Lisboa, a Clínica Heliântea de Francelos, de Oliveira Ferreira, nos arredores do Porto, e a Garagem de *O Comércio do Porto*, de Rogério de Azevedo⁶⁵ [●1|3].

Numa segunda fase, intitulada de “formação de modelos fascizantes/aliciamento de arquitectos”, que se desenvolve entre 1932 e 1937, caracterizada por uma intensificação da intervenção do estado na arquitectura e no urbanismo, consolida-se, também, o Regime. Nesta fase, “arranca-se com uma política enérgica de obras públicas e cria-se um ministério específico para o sector, à frente do qual é colocado Duarte Pacheco”. Como símbolo desta fase constrói-se o conjunto de edifícios para o Instituto Superior Técnico e Instituto Nacional de Estatística, projectados por Pardal Monteiro, onde o arquitecto, seguindo “os modelos arquitectónicos do modernismo”, “absorve várias tendências (artes decorativas, academismo francês, funcionalismo)”. Nesta fase “modelos de arquitectura mais vanguardistas são testados”, por exemplo, “o Hotel Vitória em Lisboa, de Cassiano Branco, ou o Mercado do Peixe de Massarelos, no Porto, de Januário Godinho”⁶⁶.

O período seguinte, proposto pelos autores deste estudo, antes do “início da contestação e da resistência dos arquitectos depois de 1943”, entre 1938 e 1943, corresponde à fase “da definição e aperfeiçoamento dos modelos

⁶⁴ Idem, p. 539.

⁶⁵ Verifica-se que, na versão publicada na revista *Arquitectura*, aparece, no conjunto das imagens que vão ilustrando o texto, uma imagem da garagem de *O Comércio do Porto* projectada por Rogério de Azevedo, enquanto na posterior publicação deste texto no livro das actas daquele colóquio a referida imagem já não ilustra o texto.

⁶⁶ Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes. “A Arquitectura do fascismo em Portugal” in *O fascismo em Portugal*. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições, 1982. (imp.). Actas do Colóquio da Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980, p. 543.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

gias tradicionais. Mas há a evidência: o apreço à arte de uma corrente que utiliza com vigor uma linguagem neorrealista, apoiada pela utilização de técnicas programáticas e novas tecnologias construtivas, o que culmine com o aparecimento de uma série de obras e projectos no I Salão dos Independentes, em Lisboa.

Exemplos desta fase são a Clínica Helbanta de Funchal, nos arredores do Porto, de Oliveira Ferreira, e o Louco Filipe de Amadora, em Lisboa, obra de Car os Ramos só executada parcialmente, ou a Gareagem do Comércio do Porto, de Rogério de Azevedo, e a Igreja Santa Capótilo, em Lisboa, de Cristiano de Silveira.

2. De 1937 a 1937 verifica-se rapidamente a intervenção do Estado na arquitectura e no urbanismo, em simultâneo com a implementação e a consolidação do regime. Arranxada com uma política energética do novo regime e criada um ministério específico para o sector, à frente do qual é colocado Duarte Pacheco, já antes se tinha aberto um concurso de projectos para os Liceus de Braga, Coimbra e Lamego e constituiu-se um conjunto que fica como símbolo desta fase, constituído pelo Instituto Superior Técnico e pelo Instituto Nacional de Estatística, ambos de Pardal Monteiro.

Esta produção, apesar de centrada no nível do planeamento e da execução, está em contacto no nível formal com a linha ideológica do novo regime, pois utiliza os modelos arquitectónicos do modernismo e secciona dos amálgamos, não representativos desta linguagem. Este desfecho não vem naturalmente alguns cambiantes, conforme a formação e os interesses específicos de cada projectista.

Mas os pontos de encontro de obras de valor e o conceito autoritário que as envolve, trazem-nos num poderoso factor de alicerçamento de uma classe profissional aliada e subutilizada.

Com o conjunto Técnico-Estatística, Pardal Monteiro inicia no processo de formação da arquitectura do fascismo um modo básico e como comentário, porque absorve várias tendências (áreas decorativas, académico-tradicionais, funcionalistas), esse modo continuase na Igreja do Filipe, já do final deste período, e vai continuar o seu aperfeiçoamento na Igreja seguinte, criada em execução equilibrada, de compromisso entre linguagem crítico actual e modelos autoritários.

Por outro lado, a Casa os Moisés ou a Escola Naval do Alentejo são decididamente modernistas, sem concessões decorativas, envolvendo por um modelo funcionalista, ou ligado ao seu futuro dentro dos quadros ideológicos em processo de definição, esse modelo será portanto necessariamente acordado pelos seus autores na fase seguinte.

No tempo do urbanismo, a situação é diferente, a política de centralização não vai alterar hierarquias portuguesas que os não se ande, mas sim condicionar técnicas francesas, e salienta com elas os efeitos de urbanização de Lisboa e da Costa do Sul.

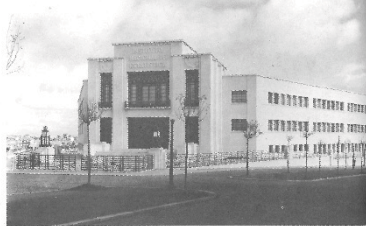
De assinalar ainda nesta fase a intensificação da produção privada e empresarial, onde os métodos de arquitectura mais consagradas são testados, por exemplo, no campo do núcleo de rendimento, que se subdivide em particulares enquadrados múltiplos, ou no campo dos equipamentos e serviços. São exemplos o Hotel Victoria, em Lisboa, de Caslano Branco, ou o Armazém Industrial de Peixe de Messines, no Porto, de Jorjão.



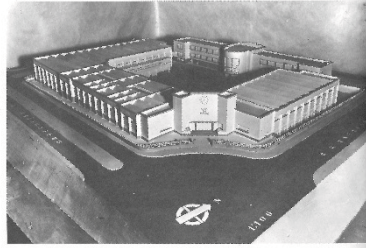
Gareagem do Comércio do Porto



Igreja Agrária de São Vicente



I. N. Superior Técnico (Pardal Monteiro) — anos 30
Museu em projeto de Caslano Branco (Pardal Monteiro) — anos 30



Nuno Teotónio Pereira, José Manuel Fernandes e a arquitectura do fascismo em Portugal. 1980 (1982)

- 1|3. Página da revista *Arquitectura*, revista semestral, ano III, 4.ª série, n.º 142, Julho de 1981.

próprios da arquitectura do «Estado Novo»; nesta fase são finalmente aplicados os paradigmas desses modelos, os exemplos orientadores das futuras realizações⁶⁷. São referidos, neste âmbito, entre outros, o “modelo nacionalista de raiz historicista para os liceus [...], ou para o prédio de rendimento urbano como os modelos concretos apontados pela Câmara Municipal de Lisboa aos projectistas” (conjunto monumental da praça do Areeiro e poderíamos acrescentar, no Porto, o edifício do Hotel Infante de Sagres); “um modelo também nacionalista, de feição regional, para os bairros sociais, escolas primárias, pousadas, CTT, além das moradias urbanas e suburbanas (a «casa portuguesa», o «estilo tradicional português»); “um modelo monumentalista, de influência classizante, para os edifícios universitários e depois para os Palácios da Justiça⁶⁸.

Os autores concluem que “é um facto a existência de uma arquitectura característica do regime fascista português” apoiada “numa série de modelos formais específicos”. Esta arquitectura do «Estado Novo» foi influenciada, “tal como o próprio regime, pelo fascismo italiano e pelo nazismo⁶⁹. Como característica fundamental aponta-se “um espírito retrógrado, em que a pesquisa formal e espacial se fundamenta num raciocínio historicista e estático, que olha para o passado numa perspectiva acrítica e essencialmente não renovadora⁷⁰. Os próprios autores reconhecem, por fim, que:

“a arquitectura do regime salazarista tem sido objecto de uma condenação apriorística e acrítica, sem ter por base a análise e reflexão sobre as condições reais em que foi produzida; o seu estudo poderá fornecer elementos de grande importância para o esclarecimento do fascismo português, pelo que se considera necessário o aprofundamento da problemática apenas aflorada por este primeiro ensaio.”⁷¹

⁶⁷ Idem, *ibidem*.

⁶⁸ Idem, p. 546.

⁶⁹ Idem, p. 550.

⁷⁰ Idem, *ibidem*.

⁷¹ Idem, p. 551.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

O mesmo autor, Nuno Teotónio Pereira, com a colaboração de José Manuel Fernandes, desenvolve em 1986, a propósito do colóquio realizado na Fundação Calouste Gulbenkian sobre “o Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959)”, o texto “A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959”, no qual procura desenvolver e aprofundar, seguindo o seu próprio desejo antes expresso, aquela investigação.

O autor volta a referir-se às várias fases nas quais se pode organizar a arquitectura feita durante o regime do Estado Novo. Assim, a “sua fase inicial (1926-1933), correspondente à génese e institucionalização do Estado Novo”, também por ele chamada “fase ‘liberal’”, corresponde ao período no qual se fizeram “os projectos mais significativos da arquitectura modernista em Portugal”, até 1940. Esta fase, na qual a Ditadura Nacional “não se preocupou com a expressão arquitectónica, no sentido de procurar orientar ou controlar”, fase ainda de definição do seu perfil ideológico que resultou numa “atitude de tolerância ou indiferença face às correntes que se manifestavam no espectro cultural”. Assim, é nesta fase que surgem “os projectos mais significativos da arquitectura modernista em Portugal”, de entre os quais o autor destaca, mais uma vez, a garagem de *O Comércio do Porto*⁷².

Mais à frente neste texto, relativamente a uma época posterior onde se dá “o volte-face dos arquitectos modernistas”, explica-se que “o regime precisava deles e eles responderam prontamente à chamada” e refere-se:

“Os criadores, rápidos e eficazes, da arquitectura pretendida pelo Poder foram os mais conhecidos arquitectos da época, muitos dos quais se tinham destacado através de obras recentes numa linha de clara modernidade [...].

Na quase totalidade dos casos, essa participação não foi imposta à força, nem terá constituído um acto de traição consciente aos ideais estéticos que antes tinham professado; ela ficou a de-

⁷² “Apontam-se entre os mais significativos: o Instituto Superior Técnico, a Estatística e a Igreja Paroquial de N. S. de Fátima (Pardal Monteiro); a Casa da Moeda (Jorge Segurado); o Pavilhão do Rádio no IPO (Carlos Ramos); o Capitólio e o Liceu de Beja (Cristino da Silva); a garagem do Comércio do Porto (Rogério de Azevedo); o Hotel Vitória (Cassiano Branco)”. In idem, p. 355 (nota de rodapé 13).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

ver-se fundamentalmente ao facto de esses arquitectos serem convictos adeptos do novo regime e dos valores que o mesmo propagandeava – o que os terá levado a uma espontânea atitude de colaboração, que frequentemente assumiu até um carácter entusiástico, como em Cristino da Silva, e por vezes autocrítico relativamente a obras anteriores, como em Rogério de Azevedo”^{73, 74}.

Esta atitude dos arquitectos terá sido favorecida, acrescenta-se neste texto, pela circunstância de “crise que atravessava a fase racionalista da arquitectura moderna [...]” e, também, pela “aparente superficialidade com que os arquitectos portugueses tinham adoptado a linguagem do Movimento Moderno, atestada na falta de um suporte teórico que desse consistência a essa opção”⁷⁵.

“Aos arquitectos portugueses, tanto aos pioneiros como aos que se lhes seguiram, ficou vedada (ou adiada) essa possibilidade indispensável de experimentar e verificar através de um processo crítico colectivo. O Estado Novo só lhes concedeu uma escassa meia dúzia de anos para experimentar uma única vez: o tempo à justa para projectar e construir uma obra.”⁷⁶

Interessa-nos referir, também, que, relativamente ao tema “a «reintegração» dos monumentos” com interesse patrimonial e as respectivas intervenções dos Monumentos Nacionais, desenvolvido neste texto, se salienta a “obsessão historicista do Estado Novo”⁷⁷. O autor, sem, no entanto, se referir a Rogério de Azevedo, dá como exemplo da transformação de um monumento, numa “autêntica cenografia de pedra”, o resultado da intervenção no Paço Ducal de Guimarães.

⁷³ O autor remete aqui, em nota de rodapé, para Nuno Portas in “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação” in *História da Arquitectura Moderna* (Bruno Zevi). Lisboa: Arcádia, 1973, p. 713.

⁷⁴ Nuno Teotónio Pereira. José Manuel Fernandes (colaboração). “A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959” in *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*. Lisboa: Fragmentos, 1987, p. 326.

⁷⁵ Idem, ibidem.

⁷⁶ Idem, ibidem.

⁷⁷ Idem, p. 334.

Nuno Teotónio Pereira mencionará Rogério de Azevedo quando, mais à frente naquele texto, se refere especificamente aos arquitectos do Porto que, “actuando num contexto muito diferente dos de Lisboa, resistem às directivas governamentais”⁷⁸. Assim, no Porto, ao contrário de em Lisboa, o Estado, interessado na construção da “capital do Império”, não foi tão eficaz na “domesticação” da arquitectura. Desta forma, “efectivamente, foi nesta cidade que se tornou possível assegurar a continuidade entre os pioneiros do modernismo e as seguintes gerações de arquitectos modernos”⁷⁹, apesar de alguns deles, “como foi o caso de Rogério de Azevedo – terem abraçado os cânones”⁸⁰ do regime.

Sem obviamente desvalorizar a qualidade e o enorme contributo que estes estudos representam genericamente, salientamos, mais uma vez, o tom depreciativo na referência a Rogério de Azevedo (exclusão feita ao que se refere à garagem de *O Comércio do Porto*).

A Participação da Escola do Porto na exposição de Lisboa. 1983⁸¹

No catálogo publicado a propósito da exposição *Depois do Modernismo*, realizada em Lisboa em 1983, destacamos, no contexto das referências a Rogério de Azevedo, o texto da autoria de alguns dos protagonistas, na época, da Escola Superior de Belas Artes do Porto, nomeadamente, Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura e Sergio Fernandez.

O texto faz uma síntese assertiva sobre a evolução da arquitectura portuguesa durante o século XX. Esta evolução, “marcada pela condição de cruzamento de culturas e pautada pela alternância ou simultaneidade de estrangeiros nacionalizados e nacionais estrangeirados”, é, durante o primeiro quartel do século, caracterizada pela persistência do “romantismo eclético desde

⁷⁸ Idem, p. 335.

⁷⁹ Idem, ibidem.

⁸⁰ Idem, ibidem.

⁸¹ Luís Serpa (coordenação). *Depois do Modernismo*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983.

as influências de Ruskin à Academia Francesa e ao nacionalismo exacerbado”⁸². O texto assinala a presença, “em cada geração e muitas vezes em cada arquitecto”, da “preocupação pelos problemas da nossa própria cultura, o sentido das nossas próprias raízes”. A “primeira geração moderna”, como também lhe chamam, “com expressão nos anos 27 a 40, é interpretada por figuras ilustres de formação académica. A sua simpatia pela modernidade não apaga um profundo ecletismo, logo expresso nos primeiros números da revista «Arquitectura» [...]”⁸³.

Este texto destaca, talvez pela primeira vez, a importância de arquitectos formados e estabelecidos na cidade do Porto, sublinhando com ênfase a pertinência de um autor como Rogério de Azevedo e, dando-nos, no panorama da arquitectura contemporânea daquele momento, uma visão moderna da sua arquitectura.

“Garagens e estações de serviço, assim como salas de espectáculos, representavam nos anos 30 os edifícios ligados aos sinais de progresso transformador da vivência do nosso quotidiano, os símbolos que na cidade se identificavam com o modo moderno de estar. Os arquitectos vêem nestas obras a imagem do quadro urbano renovado, oportunidade para a temática expressionista com um certo sabor de escola holandesa.

A identidade do sítio e os critérios de representatividade urbana assumem um papel bem mais identificador da cultura arquitectónica, do que a coerência individual do projectista ou a persistência de uma tese de modernidade.”⁸⁴

O texto prossegue referindo, como já se disse, que “Lado a lado, do mesmo autor e para o mesmo cliente em obras quase simultâneas, podemos encontrar a linguagem de vanguarda e o granito austero, erudito, conjugando a regra clássica com o modelo do mundo americano. Mais além o clássico desajustado, desarticulado, falho nas referências à envolvente”⁸⁵. Assim, na

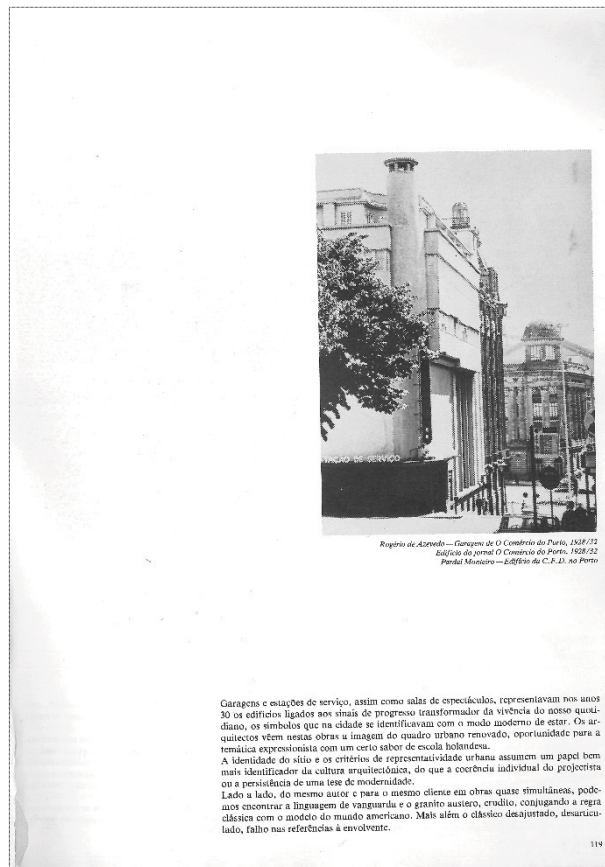
⁸² Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Sergio Fernandez in Luís Serpa (coordenação). *Depois do Modernismo*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 115.

⁸³ Idem, ibidem.

⁸⁴ Idem, p. 119.

⁸⁵ Idem, ibidem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitetura Portuguesa



A participação da Escola do Porto na exposição de Lisboa. 1983

- 1|4. Página do catálogo da exposição: *Depois do Modernismo*. 7 a 30 de Janeiro de 1983.

imagem que ilustra este texto pode subentender-se, a “linguagem de vanguarda” da garagem de *O Comércio do Porto* em primeiro plano e, a seu lado, a “regra clássica” do “erudito” edifício da sede do mesmo Jornal. O edifício de Pardal Monteiro, ao longe naquela imagem, acentua, pelo seu “desajuste”, a qualidade dos edifícios antes assinalados. [●1|4].

Sergio Fernandez e o “caminho” da arquitectura portuguesa. 1985

Sergio Fernandez (1937-), no seu “Percurso” pela arquitectura portuguesa (entre 1930 e 1974), não se referindo especificamente a Rogério de Azevedo, termina a introdução ao seu texto, com uma afirmação, do nosso ponto de vista, que facilmente se adequa a este arquitecto:

“Formados no ambiente cultural da República, os primeiros arquitectos de expressão moderna exercerão a sua actividade em plena vigência do novo regime fascista; ecléticos por formação, ligados ao clima de exaltação nacionalista e interessados na modernidade, produzirão em paralelo obras que se podem filiar nas raízes históricas evocadas na «Casa Portuguesa» e obras que adoptam diversos figurinos importados, como o futurismo, o expressionismo ou o racionalismo.”⁸⁶

Sergio Fernandez não deixa de destacar, mais à frente, a importância da modernidade presente na obra da Garagem de *O Comércio do Porto*, modernidade que, num meio afastado do centro do poder, talvez pudesse ser assumida com maior ênfase. A este respeito, e referindo-se aos sinais dados pela “primeira geração moderna”⁸⁷ em Portugal, dirá:

“Durante a década de trinta, não haverá uma relação de coerência entre o conservadorismo que se instala (Estado Novo) e a expressão formal predominantemente utilizada pelos arquitectos que seguem os movimentos modernos europeus com os quais, de resto, alguns deles tinham mantido contactos directos.

[...] Os «mais ousados» estavam já ligados a uma série de intervenções importantes, designadamente em Lisboa, indiscutível

⁸⁶ Sergio Fernandez. *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988 [1.ª edição (do autor), 1985].

⁸⁷ Idem, p. 20.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

exemplos cuja data de concepção é anterior à da criação do S.P.N.: Cristiano da Silva — Capitólio 1925/31, Carlos Ramos — Agência Havas 1927 e Instituto de Oncologia 1927/35, Pardal Monteiro — Instituto Superior Técnico 1925/37 e Instituto Nacional de Estatística 1931/35, Cottinelli Telmo — Estação Sul e Sueste 1931, Cassiano Branco — Eden 1930/37. No Norte do país e da mesma época, mas com menor repercussão, até porque inseridos num meio cuja promoção não era de urgência tão evidente para o regime, poderemos ainda citar: Rogério de Azevedo — Garagem do Comércio 1930 e Oliveira Ferreira — Clínica Hellântia em Francelos 1932.

Estas obras, em que as novas técnicas de construção, a concepção estrutural e volumétrica e a organização espacial formam um todo coerente, têm qualidade própria, não sendo, pois, meros produtos redutores dos modelos europeus. Os próprios programas serão, por vezes, inovadores; no caso do Capitólio, café, cervejaria, teatro com esplanada na cobertura e acesso por escada mecânica; na Garagem do Comércio sobrepõem-se pisos de escritórios e residências aos de uma garagem em vários níveis ligados por uma rampa helicoidal.

Inéditos também, ao confirmar uma nova linguagem onde o funcional prevalece sobre o estético, o Pavilhão de Rádio e o Instituto Superior Técnico revelam ter sido assimilada a lição racionalista de Gropius. Em diferente sentido a obra de Cassiano Branco, ao conferir maior expressividade às fachadas dos seus prédios lisboetas, fará escola e será reproduzida, embora de modo menos hábil e simplificada, na arquitectura corrente da capital, no fim dos anos trinta.

O estado português tinha-se lançado num rela-



CASSIANO BRANCO, Eden, 1930-37



ROGÉRIO DE AZEVEDO, Garagem do Comércio, 1930



CASSIANO BRANCO, Av. Delães de Cheves, 1937

18

1.5

cópios do Movimento Moderno. O Palácio da Civiltà, de Guerrini, é paradigmático de uma certa linguagem que encontrará eco muitos anos mais tarde.

Como meio de tornar mais incisiva a acção formativa do Estado inicia-se em 41, sob a tutela de António Ferro, a publicação da revista «Panorama» onde, com uma colaboração de bom nível e uma gráfica de qualidade, se divulgarão as principais iniciativas do governo. À arquitectura é dado um papel de relevo, publicando-se obras que, não obedecendo aparentemente a um critério único, permitem, com cuidada intenção, evidenciar os conceitos que importa prevaleçam. No seu primeiro ano aparecerão documentadas, entre outras, as obras da Escola Naval do Alfeite e as obras da Sé do Porto.

Em artigo de Raúl Lino afirmar-se-á: «Alguns dos artistas Italianos — certamente os mais interessantes — souberam inspirar-se na arquitectura da antiga Roma... Ao pé desta produção séria e vital, as tentativas Corbusierescas reduzem-se ao seu verdadeiro significado de leira oportunista, que já está sendo levantada».

No ano seguinte publica-se o Instituto Superior Técnico, a Estação Agronómica de Lisboa, de linguagem pretensamente nacionalista, o Hotel do Luso de Cassiano Branco onde serão poucos os sinais de modernismo, a Junta Nacional da Fruta, em Lisboa e as pousadas de Rogério de Azevedo. A propósito do Estado Nacional, que se ilustra com belas fotografias, dir-se-á: «...aprenderão que é na sua simplicidade que reside a beleza, e é no respeito pelas regras imutáveis que vive a harmonia, que é na força que palpita a essência do eterno. E, depois, terão decerto mais respeito pela pedra que pelo cimento, pelo trabalho do homem que pelo da



GUERRINI, Exposição de Roma, 1942



Panorama 4, de 1941



CASSIANO BRANCO, Hotel do Luso, 1948



ROGÉRIO DE AZEVEDO, Pousada de Serém, 1942

33

1.6

atmosfera de conforto físico e de conforto espiritual... Possui uma harmonia que poderemos chamar neo-clássica...».

Adoptando linguagem distinta e expressando a procura de sinais de carácter popular e tradicionalista realiza-se, em paralelo, uma série de obras dispersas que, embora de presença menos evidente, vêm a ter grande importância na formação de uma outra imagem arquitectónica presente até aos anos 50. Em 40, o Portugal dos Pequenitos em Coimbra, de Cassiano Branco, tentará reproduzir, à escala do brinquedo, um Portugal mítico com a arquitectura das diversas regiões, incluindo as colónias, convertidas em estereótipos a servir de figurino. Em 41, Rogério de Azevedo elabora os projectos das Escolas dos Centenários, a construir por todo o país; elementos ditos nacionais autênticos configurarão a imagem das pequenas casinhas onde se ministrará elementarmente a cultura de exaltação dos valores da história pátria. Em 42, e também a Rogério de Azevedo, caberá a execução dos projectos das pousadas de Serém e do Marão, onde se adoptam sinais do mesmo cariz; aqui também se consagra um padrão orientador para este tipo de edifícios. Obras de inegável qualidade plástica demonstram, pelo movimento dos seus volumes, pela articulação dos seus espaços, pela sua escala e pelo uso de materiais locais, uma cuidada integração na paisagem onde se inserem; nelas se usará, em especial no que respeita a elementos de pormenor, toda uma gama de símbolos que se assumem como expressão de portuguesismo: corações abertos nas portadas de madeira, ferragens de desenho caprichoso nas calixilharias ou marcando decorativamente pontos importantes dos volumes, revestimentos com telha, etc. «Porque o turismo tal como devemos concebê-lo é, antes de mais nada, a arte de animar em nós próprios o



CASSIANO BRANCO, Portugal dos Pequenitos, 1940



ROGÉRIO DE AZEVEDO, Pousada do Marão, 1942



Panorama 1, de 1941

35

1.7

rá, a umas escassas centenas de metros e alguns anos mais tarde, no seu edifício para o Hotel Infante de Sagres, onde o figurino nacionalista virá a ser integralmente assumido.

Numa perspectiva diferente, nele se integrará, em 44, o Café Rialto, de Artur Andrade, iniciativa e ponto de reunião de intelectuais que se reclamam da democracia. O espaço concebido, enfatizando os elementos estruturais, tem grande fluidez e caracteriza diversos ambientes de acordo com as várias funções previstas. Num conceito globalizante desse espaço surgem murais e esculturas de artistas plásticos conceituados, como Abel Salazar, Dórdio Gomes e Querubim Lapa. «O café vai ser realizado e projectado com a intenção fixa da clareza, da precisão e da exactidão, procurando-se conseguir que ali todos os elementos da decoração tenham uma função utilitária a desempenhar... A decoração deve partir dos elementos funcionais da construção valorizando-os e atribuindo-lhes expressão plástica... sempre arquitectura, sinceridade arquitectural e não a decoração fácil dos ornatos rebuscados, dos gessos e dos pormenores, à maneira clássica ou à maneira regional... Ultimamente tem-se explorado a ideia do regionalismo na decoração interpretando-o como se regionalismo em arquitectura fosse colecção numa sala cangas de bois, mentas, beirais de telhado, grades retorcidas, pratos e bonecos...».

De sinal contrário, e ainda de Rogério de Azevedo, será o projecto para residências em andares, destinadas à classe média, a erguer junto ao Campo 24 de Agosto. Tratar-se-ia de uma operação de grande escala envolvendo ruas e praças com diversos equipamentos, tudo concebido segundo critérios de monumentalidade, não faltando os arcos, as torres encimadas por



A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação 109, de 1944



ROGÉRIO DE AZEVEDO, 1943



ROGÉRIO DE AZEVEDO, Campo 24 de Agosto, 1943

40

1.8

Sergio Fernandez e o “caminho” da arquitectura portuguesa. 1985

- 1|5. Garagem de *O Comércio do Porto*. 1930 (ao centro)
- 1|6. Pousada de Serém. 1942 (em baixo)
- 1|7. Pousada do Marão. 1942 (em baixo)
- 1|8. Edif. Maurício Macedo. 1942 (em cima).

capital do Império cuja importância era necessário então reafirmar. Bastará citar alguns nomes e obras para se avaliar do seu significado na cidade. Anotaremos alguns exemplos cuja data de concepção é anterior à da criação do S.P.N. (1933): Cristino da Silva – Capitólio 1925/31, Carlos Ramos – Agência Havas 1927 e Instituto de Oncologia 1927/35, Pardal Monteiro – Instituto Superior Técnico 1925/37 e Instituto Nacional de Estatística 1931/35, Cottinelli Telmo – Estação Sul e Sueste 1931, Cassiano Branco – Éden 1930/37. No Norte do país e da mesma época, mas com menos repercussão, até porque inseridos num meio cuja promoção não era de urgência tão evidente para o regime, podemos ainda citar: Rogério de Azevedo – Garagem do Comércio 1930 e Oliveira Ferreira – Clínica Heliântica em Francelos 1932”⁸⁸ [●1|5].

O autor acentua, também, que pelas qualidades patentes nestas obras “em que as novas técnicas de construção, a concepção estrutural e volumétrica e a organização espacial formam um todo coerente”, não representam, por isso, “meros produtos redutores dos modelos europeus”⁸⁹. Referindo-se mais directamente àquilo que se passava em Lisboa, menciona que Duarte Pacheco, então Ministro das Obras Públicas e presidente da Câmara de Lisboa, assumirá e promoverá, “nesta fase, [...] o modernismo racionalista e internacionalista que aqueles anos vão concretizar”⁹⁰.

“São fundamentalmente os arquitectos citados, aos quais juntaremos os nomes de Jorge Segurado, irmãos Rebelo de Andrade, Jacobetty Rosa, Paulino Montez e Keil do Amaral [...] que virão a protagonizar o papel de arquitectos oficiais, beneficiando de importantes encomendas do governo.”⁹¹

Seguidamente, o autor fará claramente referência, à “radical inflexão” à qual os arquitectos e Duarte Pacheco terão tido de se sujeitar, condicionados

⁸⁸ Idem, p. 18.

⁸⁹ Idem, p. 19.

⁹⁰ Idem, ibidem.

⁹¹ Idem, p. 18.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

por Salazar e pelo “seu discurso cultural e estético anticosmopolita, nacionalista e historicista”⁹². E, mais uma vez, o projecto de Cristino da Silva para a praça do Areeiro, de 1938, é referenciado como “símbolo da era salazarista e marco na mudança da linguagem arquitectónica”⁹³. Este projecto apontaria “inequivocamente o início de um vocabulário que adoptaria ao menos em fachada e na hierarquia acentuada dos volumes dos remates, dos eixos, elementos de carácter pretensamente nacional”. “A Exposição do Mundo Português constituirá o mais importante marco dessa nova fase”⁹⁴, em 1940.

Na sequência das comemorações dos Centenários e dos empreendimentos então dinamizados pelo Regime para essa ocasião, Sergio Fernandez refere como, na cidade do Porto, se procede ao projecto de “renovação da zona da Sé, projecto referenciado às ideias de Muzio e executado por Arménio Losa, quando funcionário da Câmara”⁹⁵. A demolição das construções envolventes à Sé e a criação de um grande terreiro lajeado permitirão reforçar a monumentalidade daquele edifício. A propósito desta intervenção refere, apenas, que, “como complemento da composição, implanta-se [...] um pelourinho executado segundo modelo rococó” e, “reconstrói-se uma torre em estilo medieval”⁹⁶, sem mencionar a autoria de Rogério de Azevedo.

No prosseguimento da referência feita à criação e publicação da revista *Panorama* em 1941, sob a tutela de António Ferro, onde, “com uma colaboração de bom nível e uma gráfica de qualidade, se divulgarão as principais iniciativas do governo”, é salientado, entre outras referências feitas, a construção das “pousadas de Rogério de Azevedo”. Estas pousadas, nomeadamente as de Serém e Marão, projectadas em 1942 [•1|6 e 1|7], serão dadas

⁹² Artur Portela Filho. *Salazarismo e Artes Plásticas*, Biblioteca Breve. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. 1980, p. 60. Citado por Sergio Fernandez. *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1988 [1.ª edição (do autor), 1985], p. 25.

⁹³ Sergio Fernandez. *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1988 [1.ª edição (do autor), 1985], p. 25.

⁹⁴ Idem, p. 27.

⁹⁵ Idem, p. 31.

⁹⁶ Idem, ibidem.

como exemplo, a par de “O Portugal dos Pequenitos” de Cassiano Branco e das chamadas “Escolas dos Centenários”, para uma “procura de sinais de carácter popular e tradicionalista” na arquitectura. Referindo-se às escolas primárias, o autor dirá que “elementos ditos nacionais configurarão a imagem das pequenas casinhas onde se ministrará elementarmente a cultura de exaltação dos valores da história pátria”. Sobre as pousadas, onde se adoptam “sinais do mesmo cariz”, referirá, ainda:

“Também se consagra um padrão orientador para este tipo de edifícios. Obras de inegável qualidade plástica demonstram, pelo movimento dos seus volumes, pela articulação dos seus espaços, pela sua escala e pelo uso de materiais locais, uma cuidada integração na paisagem onde se inserem; nelas se usará, em especial no que respeita a elementos de pormenor, toda uma gama de símbolos que se assumem como expressão de portuguesismo: corações abertos nas portadas de madeira, ferragens de desenho caprichoso nas caixilharias ou marcando decorativamente pontos importantes dos volumes, revestimentos com telha, etc.”⁹⁷

Segundo Sergio Fernandez, a arquitectura produzida “correntemente nos inícios dos anos 40, no Norte e em especial no Porto, oscila, no fundamental, entre dois tipos de linguagem que se utilizarão de acordo com o gosto do cliente ou com as suas capacidades económicas”⁹⁸. Por um lado, “o formulário de raiz modernista” [...] Por outro lado, “um tipo de expressão de claro compromisso com os valores pretensamente nacionalistas”⁹⁹, enquadramento no qual a diversidade de abordagens que veremos existir na obra de Rogério de Azevedo se incluirá e confirmará.

Referindo-se, também, à cidade do Porto, o autor dirá que, talvez por estar “longe da sede do poder e consequentemente em posição secundária”, não sofrerá com “tanta incidência o peso das iniciativas oficiais”. Valorizando claramente a geração mais nova que nesta altura já exercia a sua actividade, Sergio Fernandez lembrará que “no Porto alguns profissionais produzem

⁹⁷ Idem, p. 35.

⁹⁸ Idem, p. 37.

⁹⁹ Idem, p. 37-38.

obras assinaláveis quer pela qualidade, quer pelo teor dos modelos que as informam”. Aludindo a obras de arquitectos como Viana de Lima “cujas raízes se filiam claramente em Le Corbusier” e a José Porto “com referências a Luçart ou Mallet-Stevens [...]”, nelas se observando, salienta, uma “total dissonância com o receituário estabelecido”. Fazendo contraponto a estes exemplos, assumindo uma posição bastante crítica em relação ao trabalho desenvolvido por Rogério de Azevedo, não destacando o facto de este pertencer a outra geração e, por isso, possuir uma formação diferenciada, refere-se, em seguida, ao projecto deste arquitecto para o edifício Maurício Macedo no Porto. Para Sergio Fernandez esta obra “denota uma incapacidade de renovação que culminará, a umas escassas centenas de metros e alguns anos mais tarde, no seu edifício para o Hotel Infante de Sagres, onde o figurino nacionalista virá a ser integralmente assumido”. O autor acrescentará num tom bastante depreciativo e em relação a este mesmo edifício que:

“O edifício ‘Rialto’, proposta em certo sentido inovadora na cidade pela sua concepção em altura (na época era designado por «arranha-céus») e pela relação que estabelece com o espaço público, ao nível da rua; [...] A organização estática dos seus volumes, a hierarquia estabelecida na composição simétrica de janelas e varandas, a expressão e a escala do pórtico citado integram-se, sem sobressaltos, na arquitectura do sistema.”¹⁰⁰ [•1|8]

Sergio Fernandez recorda, também nesta edição, que Rogério de Azevedo, juntamente com Godinho¹⁰¹, Moreira da Silva, De Groer, Carlos Ra-

¹⁰⁰ Idem, p. 39.

E o autor acrescenta, referindo-se agora a um “projecto para residências em andares [...] a erguer junto ao Campo 24 de Agosto”, que este teria sido projectado seguindo os mesmos “critérios de monumentalidade, não faltando os arcos, as torres encimadas por telhados piramidais ou a simetria na alternância das varandas e das janelas [...]”. Refere, também, ainda a “excepcionalmente pobre” organização dos fogos que “parece não obedecer a nenhum propósito que não seja o de contribuir para a resolução de volumes exteriores”, reforçando a ideia de que “os conceitos estéticos” desenvolvidos “vão sendo, cada vez mais, postos em causa pela geração dos mais jovens”, in Idem, p. 41.

¹⁰¹ Por fim, é salientada a importância de Januário Godinho que, como colaborador de Rogério de Azevedo nos projectos das pousadas, poderá ter contribuído para a “qualidade da concepção global daquelas propostas”, observável na “organicidade com que se

mos, Faria da Costa, Jacobetty Rosa, constituem os nomes que vieram a integrar “a lista de arquitectos que, em 43, o Ministério das Obras Públicas recomendará à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais”¹⁰² e que, por isso, ao contrário de outros, como Keil, Losa ou Viana, não se distanciaram “do poder instituído” e que, assim, de certa forma, com ele colaboraram.

Procuraremos, com o desenvolvimento do nosso trabalho, que uma abordagem aprofundada sobre a obra de Rogério de Azevedo nos permita explicar algumas das questões levantadas por este autor.

A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação II. 1986

No volume sobre “A Arquitectura Moderna” da *História da Arte em Portugal* publicado pelas Edições Alfa (sob coordenação de Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia)¹⁰³, os autores referem que “a história arquitectónica da arquitectura moderna portuguesa começa”¹⁰⁴ em 1927. Notabiliza-se, “fundamentalmente, por ser a data em que se forma a «geração do compromisso», como lhe chama o próprio Carlos Ramos, que dela faz parte, geração que irá aguentar os primeiros embates da introdução de uma sintaxe modernista em Portugal e que vai estar actuante no maior e mais significativo período da longa vigência do Estado Novo, arrostando com a ambiguidade de uma colaboração em que, por um lado, acreditava e, por outro, aprendia pouco a pouco a temer”¹⁰⁵. Para além dos arquitectos lisboetas referidos neste texto como fazendo parte desta “geração de compromisso”, nomeadamente: Carlos Ramos, Cristino da Silva, Pardal Monteiro, Cottinelli Telmo, Gonçalo Melo Breyner, Norberto Correia, Raul Martins, Veloso Reis Camelo, Cassiano Branco, Adelino Nunes e Paulino Montês, Pedro Vieira de

articulam os seus espaços e a correcta apropriação de materiais locais” que “parecem atestar o grau de intervenção” do referido colaborador. Idem, p. 41.

¹⁰² Sergio Fernandez. *Percorso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988 [1.ª edição (do autor), 1985], p. 42-43.

¹⁰³ Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia. *História da Arte em Portugal*. Volume 14. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

¹⁰⁴ Idem, 1986, p. 9.

¹⁰⁵ Idem, p. 22.

Almeida destaca, dando como único exemplo de arquitecto formado no Porto, Rogério de Azevedo.¹⁰⁶

“A caracterizá-la fundamentalmente, o facto de ser em termos de geração aquela que apanha o primeiro embate da ordem imposta pelo Estado Novo e, daí também, aquela que vai tentar criar as condições para o desenvolvimento da arquitectura moderna dentro do quadro político-cultural existente.

O ‘compromisso’ que Ramos referia na designação que propôs estabelecia-se assim em duplo registo: um primeiro que dizia respeito à maior ou menor capacidade de os arquitectos participarem de facto no movimento da arquitectura moderna, o que implicaria uma capacidade crítica e uma capacidade formal que nem sempre estiveram presentes, muito pelo contrário, e um segundo que dizia respeito ao seu deliberado envolvimento com o poder, tentando conquistar para a ‘sua’ arquitectura a atenção e o apoio do Estado.

[...] Um dos conflitos mais sérios, se não o mais sério, dos arquitectos desta geração vai ser, assim, o do seu confronto interior, para saber qual das tendências, ‘tradicionalista’ ou ‘moderna’, conseguiria impor-se como arquitectura do poder, se bem que de facto nem ‘tradicionalismo’ nem ‘modernismo’ fossem noções claramente delimitadas no espírito dos seus mentores.”¹⁰⁷

Esta “incerteza crítica” que caracteriza esta primeira geração modernista aqui descrita parece ajustar-se perfeitamente ao percurso diversificado que a análise da obra de Rogério de Azevedo suscitará.

Na sequência daquelas afirmações, os autores deste estudo sobre a arquitectura portuguesa do século XX destacam, desenvolvendo breves reflexões, algumas sínteses acerca de alguns destes arquitectos, nomeadamente, sobre Carlos Ramos (1897-1969), Cristino da Silva (1896-1976), Pardal Monteiro (1897-1957), Jorge Segurado (1898-1990), Cassiano Branco (1897-

¹⁰⁶ Acrescentaríamos, que esta foi, também, a geração que formava, na Escola de Belas Artes do Porto, arquitectos como João Queiroz, Júlio Brito, Teixeira Lopes, Homero Ferreira Dias, Mário Abreu e, também, Rogério de Azevedo.

¹⁰⁷ Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia. “A charneira 1900” in *História da Arte em Portugal*. Volume 14. Lisboa: Publicações Alfa.1986, p. 112.

1970) e, também, Rogério de Azevedo (1898-1983). Sobre este último, salientamos aquilo que sobre ele é dito e que vem, de alguma forma, confirmar a pertinência daquilo que procuraremos desenvolver:

“A personalidade de Rogério de Azevedo permanece um pouco enigmática, como enigmática é a sua obra.

Se em quase todos os arquitectos desta geração é particularmente sensível a diversidade de maneiras e uma surpreendente versatilidade de linguagens, o caso de Rogério de Azevedo chega a ser perplexante, situação que talvez um estudo mais detalhado de toda a sua obra possa em parte esclarecer.”¹⁰⁸

Estes autores referem a obra da Garagem de *O Comércio do Porto* como sendo “o trabalho mais conhecido e qualificado” deste arquitecto, constituindo um destacado “contributo para a arquitectura moderna em Portugal” graças ao seu “magnífico sentido de massas, uma exploração formal de grande coerência e manifesta força plástica” [•1|9]. Referem seguidamente que, o mesmo autor, “como se se tratasse de um arquitecto da geração anterior [...], também com inegável domínio plástico da linguagem utilizada”, projecta o edifício da sede do mesmo Jornal numa “linguagem totalmente diferente”. São, também, dadas como exemplo as “escolas-tipo, chamadas ‘dos centenários’, e as várias pousadas do SNI, estas levadas a cabo nos anos 40” como obras que caracterizam a “disparidade de critérios presentes em Rogério de Azevedo” que, no desenvolvimento deste estudo, procuraremos aclarar.

Aquela publicação, destacando as datas de “charneira na evolução da arquitectura” em Portugal, refere-se, em sequência, à data de 1945, depois da Exposição do Mundo Português, que em 1940, segundo aqueles autores, “sem negarem” a sua importância, não terá tido um significado de mudança. A “maturidade política a que a guerra obrigara provocara nos arquitectos não uma reacção de corte profissional com o poder, o que o contexto não permitia, mas de colaboração reticente, que lhes acarretava, de resto, dificuldades várias de coerência, de que a posterior evolução da arquitectura se irá ressentir”¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Idem, p. 121.

¹⁰⁹ Idem, p. 23.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa



Caricagem do 43 Comissão do Porto, Porto, Conjugando uma grande coerência formal com uma excecional complexidade volumétrica e um notável sentido plástico, a geração do 43 Comissário do Porto, de entre a diversidade da obra de Rogério de Azevedo, o seu melhor contributo em termos de arquitectura moderna.

malhas urbanas existentes e mais ou menos estabilizadas.

A maneira que Cassiano desenvolve estabelece-se num ponderado equilíbrio, por um lado garantindo a cada edifício a sua presença como peça de arquitectura autónoma, mas não o destacando demasiado da continuidade-rua, por outro respondendo a um gosto modernista, mas dentro das exigências de economia e rentabilidade possíveis pelo construtor.

O «estilo Cassiano» vai ser assim adoptado por construtores e engenheiros projectistas — um deles o próprio colaborador de Cassiano, Avila Amural — com tal mimetismo que por vezes se torna difícil distinguir as obras destes últimos das verdadeiras obras de Cassiano Branco.

Daqui resulta o ter sido Cassiano o arquitecto desta geração que, directa ou indirectamente, maior responsabilidade teve na renovação da paisagem urbana lisboética.

Se se tenta analisar a estrutura formal da sua obra, parece possível entender haver nela duas linhas de carácter bem definidas, que se vão alternando sem ordem imediatamente legível, independentes uma da outra, sendo ra-

ras as obras de síntese em que convergem as duas tendências. Uma primeira linha de investigação formal, espessa, rica de valores tácteis, onde não está ausente um sentido de uma difusa sensualidade plástica; uma segunda linha de grande depuração formal, de maior rigor e talvez de maior riqueza de concepção.

Como exemplos da primeira tendência, o terceiro projecto para o Eden, datado de 1931, com um átrio onde se desenvolvem umas escadas de um forte dinamismo teatral, o prédio da Rua de São Mamede, de 1933, ou da Avenida Defensores de Chaves, de 1937.

Como exemplos da segunda tendência po-

der-se-lhe apontar a Cidade do Fiume Portu-

guese, de 1936, as moradias da Avenida An-

tónio José de Almeida, de 1933, e

fundamentalmente a da Avenida Colombo

Dordalo Pinheiro, de 1937, ou Café o Cris-

tal, de 1942, na Avenida da Liberdade.

Nesta série de obras há a salientar o edifí-

cio do Hotel Vitória, de 1934, também na

Avenida da Liberdade, que constitui precisa-

mente um exemplo (o melhor?) de projecto

em que se cruzam as duas tendências.

Para além do paralelo que parece legítimo

estabelecer entre aquela dualidade de atitu-

des em Cassiano e as duas tendências cul-

turalista e progressista da evolução da arqui-

tectura portuguesa em geral, há ainda outro

paralelismo que torna a obra de Cassiano pa-

radigmática da situação arquitectónica da

época: é a surpreendente versatilidade que

não se verifica para o simultâneo desenvol-

ver de obras de linguagem moderna e em es-

tilo tradicional português.

E, de facto, no mesmo período em que

projecta as suas melhores obras, na década

de 30, que Cassiano lança os primeiros estu-

dios do Portugal dos Pequenos (1937), o

arranha-céus da Avenida da Liberdade

(1943), ou projecta o Hotel do Lino (1938),

como são de Cassiano, embora seja o arqui-

tecto que neste período melhor terá enten-

dido a cidade — e é de lembrar aqui o notá-

vel plano para a Costa da Caparica de

1930 — as mais irresponsáveis leituras do va-

lor urbano da Baixa lisboétina, que ele

acusou de «falta de espiritualidade» e «fanta-

sia culta», concluído a sua análise, não sem

infelicidade, dizendo que «como expressão

de mau gosto há muito pior», o que lhe per-

mite, com algum desprezimento e audácia,

propor um sistema de contraventamento que

iria por completo desfigurar a Baixa.

Em conjunto com Rogério de Azevedo,

Cassiano Branco constitui, dentro da gera-

ção de 27, e mesmo para além dela, um caso

extremo da ambígua consciência crítica e

A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação II. 1986

- 1|9. Página da *História da Arte em Portugal* P. Vieira de Almeida, J. M. Fernandes e M. H. Maia.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

Será, também, esta aparente falta de “coerência” suscitada numa análise genérica da obra de Rogério de Azevedo que motivará o nosso estudo e que nos propomos aqui interpretar.

A representação dos arquitectos do Porto na exposição de 1987 na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa

Em 1987, realiza-se na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, a exposição *Desenho de Arquitectura*, organizada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto com a colaboração da Associação dos Arquitectos Portugueses.¹¹⁰ Fernando Távora refere, na “Introdução” que redige para o respectivo catálogo, que a exposição documenta “a actividade de discípulos e docentes daquela Escola desde as suas origens até ao final dos anos cinquenta”¹¹¹, entre os quais podemos encontrar Rogério de Azevedo. “Esta exposição”, refere Fernando Távora, vem reforçar e afirmar, “quer a importância de que o desenho se revestiu – e deverá revestir-se – na formação dos nossos arquitectos, quer a qualidade que, na sua diversidade, sempre se manifestou ao longo da vida da Escola ou da prática profissional de cada um”¹¹².

Neste catálogo, Joaquim Vieira escreve, também, um texto introdutório sobre a exposição, agrupando por tipos, através da análise das suas características particulares, os desenhos nela representados. O nome de Rogério de Azevedo aparece, assim, associado a dois dos «casos» que o autor descreve. No primeiro «caso», com o título “O desenho que se quer mostrar” e, associando-se, também, outros nomes da mesma geração ou próximos dela (Manuel Marques, Manuel Sá, ARS Arq., Mário Abreu, Moreira da Silva, Januário Godinho e Agostinho Ricca), Azevedo é dado como exemplo de um desenho que:

¹¹⁰ Exposição integrada nas Comemorações do 75.º Aniversário da Universidade do Porto.

¹¹¹ Fernando Távora, “Introdução”, in *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade Porto: UP, Porto. 1987, p. 7.

¹¹² Idem, *ibidem*.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

“começa a transportar, a reter, embora por formas contraditórias um novo espaço de concepção para a arquitectura. [...] A mancha é uniforme e lisa, guaches de Abreu e Azevedo dando corpo expressivo e sugestivo aos materiais de revestimento ou de acabamento, à qualidade táctil da superfície e à sensualidade da forma, oferecendo uma imagem que se sabe não ser real, mas que se impõe.”¹¹³

O segundo «caso» ao qual todos os desenhos de Rogério de Azevedo presentes na exposição aparecem associados, juntamente, apenas, com aqueles que são executados por José de Brito, intitula-se “O desenho do que se está a fazer”. Salienta-se que este é um dos aspectos que “adquiriu certa importância e que, na escola do porto, tem caracterizado uma pedagogia e uma didáctica”¹¹⁴. E, refere-se:

“[...] Como paradigma, tomaremos de Azevedo o «Estudo para a fachada do edifício do Comércio do Porto». Ampla folha de papel de cenário, 140x92 cm, onde a pretexto da composição da fachada se esboçam a lápis, à mão livre e à régua um conjunto de aspectos da relação das partes com o todo, dos elementos estruturais e tectónicos, dos elementos decorativos, escultóricos e como que em camadas, cálculos, frases e ditos.

O desenho é o leito que contém e suporta, e onde se cruzam as ideias, as pulsões, onde se prova o ajuste da imagem que surgiu ou se copiou, onde faz o amor pelo projecto, onde se produz a solução, onde se ajustam as ideias às imagens, onde se ganha a forma.

O lápis é o instrumento privilegiado, porque permite com rapidez e economia a correcção, a modelação, a repetição. O esboço como método. Noutros casos a tinta, as canetas, os lápis de cores se poderão associar.

Sobre um plano frontal de representação parecem equacionar-se os elementos que prefiguram todo o espaço e lhe dão sentido.”¹¹⁵

¹¹³ Joaquim Vieira in idem, p. 10.

¹¹⁴ Idem, p. 11.

¹¹⁵ Idem, ibidem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

O restante catálogo da exposição é constituído por pequenos textos sobre cada um daqueles antigos “discípulos e docentes daquela Escola” e, cada um destes textos, é escrito por um dos (à época) professores da Escola.

O texto relativo a Rogério de Azevedo [●1|10] ficará a cargo de Teresa Fonseca que, a esse propósito, faz uma entrevista a Januário Godinho¹¹⁶ (que com ele tinha feito o seu tirocínio). A autora dá-nos conta, nesta publicação, de forma sintetizada, do percurso profissional e académico do autor, deixando neste pequeno texto entender algumas das várias facetas da sua personalidade:

“A vastíssima obra de Rogério de Azevedo e a sua versatilidade, como arquitecto, professor, historiador ou musicólogo, tornam difícil desenhar da sua personalidade, o perfil claro de artista de uma época, que, como ela, se fez controverso e desconcertante, conciliador do inconciliável, entre arte e política, classicismo e modernismo, restauro e inovação, provincianismo e internacionalismo, nele tudo explicado entre academismo e construção, arquitectura e clientela, ou a deliberada vontade de não explicar.

A resolução exemplar das questões programa-sítio-cliente ser-lhe-á sempre cara, confiante na sua preparação como construtor (aluno e estagiário de Marques da Silva), mais do que no exercício gráfico de projecto, em que era directo, imediato (diz J. Godinho, seu estagiário e colaborador), e facilitado por um talento inato.

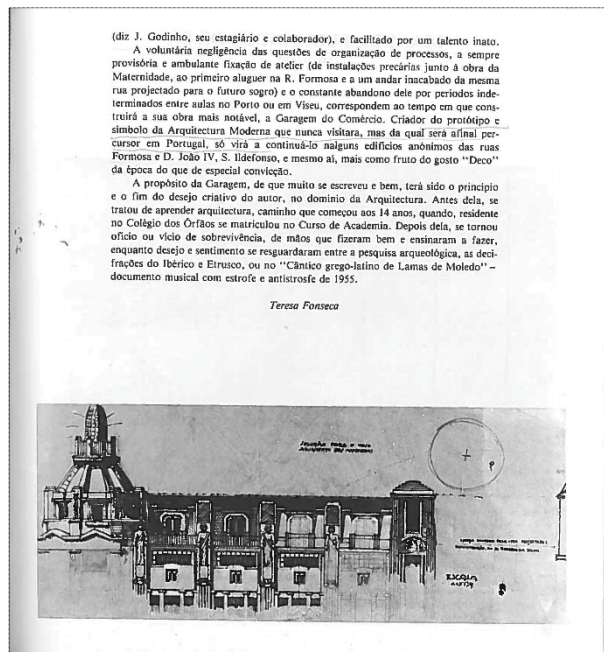
[...] Criador do protótipo e símbolo da Arquitectura Moderna que nunca visitara, mas da qual será afinal precursor em Portugal, só virá a continuá-lo nalguns edifícios anónimos [...], e mesmo aí, mais como fruto do gosto «Deco» da época do que de especial convicção.”¹¹⁷

Salientamos que a autora menciona, assim, a importância de Rogério de Azevedo como criador do protótipo e símbolo da arquitectura moderna, referindo-se à Garagem de *O Comércio do Porto*, mas nomeando, também, outras das suas principais obras e dando conta da sua versatilidade a diversos

¹¹⁶ Entrevista não publicada (gentilmente cedida pela autora daquele texto, Teresa Fonseca).

¹¹⁷ Teresa Fonseca. “Rogério de Azevedo” in *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade Porto: UP. Porto, 1987, p. 54-55.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitetura Portuguesa



A representação dos arquitectos do Porto na exposição de 1987 na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa.

- 1|10. Página do catálogo *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Na imagem desenho do edifício sede de *O Comercio do Porto* de Rogério de Azevedo.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

níveis, caracterizando a sua obra como podendo situar-se entre o Classicismo e o Modernismo.

Mais à frente, na conclusão ao seu texto, dando razão a anteriores autores mas contradizendo aquilo que anteriormente tinha anunciado (por ter destacado algumas das qualidades profissionais e intelectuais de Rogério de Azevedo), refere que a capacidade criativa de Rogério de Azevedo se confirma apenas no edifício que constrói em 1930-32, a garagem de *O Comércio do Porto*:

“A propósito da Garagem, de que muito se escreveu e bem, terá sido o princípio e o fim do desejo criativo do autor, no domínio da Arquitectura. Antes dela, se tratou de aprender arquitectura, [...], depois dela, se tornou ofício ou vício de sobrevivência, de mãos que fizeram bem e ensinaram a fazer, enquanto desejo e sentimento se resguardaram entre pesquisa arqueológica, as decifrações do Ibérico e Etrusco, ou no «Cântico greco-latino de Lamas de Moledo» – documento musical com estrofe e antístrofe de 1955.”¹¹⁸

José Manuel Fernandes. Da “Arquitectura Modernista” ao “Português Suave”. 1993. 2003

José Manuel Fernandes, em 1993, no estudo que efectua sobre a “Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940”, refere-se ao contraste existente entre o gosto “«artes decorativas», monumentalizado” utilizado no edifício sede do Jornal *O Comércio do Porto* e o “purismo” que caracteriza o edifício anexo, da Garagem. Refere sumariamente, ainda, as qualidades arquitectónicas da Creche do mesmo Jornal e a linguagem depurada que caracteriza o projecto que elabora para a sua habitação própria [•1|11]. Aponta, finalmente, a evidente aproximação a uma vertente regionalista quando projecta, para o Estado, as Escolas Primárias ou as Pousadas.

“Rogério de Azevedo (1898-1983) marcou sem dúvida lugar à parte no quadro das obras portuenses, logo com uma obra de início (1929), a garagem do Comércio do Porto, construída nas traseiras da sede deste jornal, igualmente obra sua. O tratamento

¹¹⁸ Idem, p. 55.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

de gosto «artes decorativas», monumentalizado, da sede, de acordo com o programa dominante na Avenida dos Aliados, Azevedo opôs na garagem uma expressão purista tão forte e conseguida como só talvez o Capitólio, de Cristino da Silva, atingiria em todo o tempo modernista. São de referir também as suas creches, com destaque para a do jornal portuense referido, na Avenida Fernão Magalhães, onde a escala infantil foi bem entendida, entre volumes e baixos-relevos simbolicamente «infantis»; e a casa própria (na Avenida Marechal Gomes da Costa, n.º 1385), muito sóbria. Para o final da década, Azevedo procurava já referências regionais que tentava «casar» com os volumes e espaços dinâmicos do modernismo, como se vê no Hotel da Póvoa, mais pesado e decorado, que anuncia as suas posteriores e famosas pousadas (Marão) e escolas primárias dos Centenários, repetidas como modelos pelo país fora. Nas primeiras obras, porém foi continuador «natural» de Marques da Silva.”¹¹⁹

Dez anos mais tarde, em o “Português Suave. Arquitecturas do Estado Novo”¹²⁰, J. Manuel Fernandes inaugura um interessante debate em torno da ideia de uma arquitectura por ele intitulada “Português Suave”, destacando que:

“A década de 40 assinala contraditoriamente uma maior inovação tecnológica – o betão armado generaliza-se em definitivo como matéria estrutural dos edifícios – e um nítido retrocesso estilístico, com o recurso a atitudes revivalistas que, apadrinhadas pelo Estado, se tipificam em modelos formais, associados a funções concretas oficiais, depressa imitadas pelo prédio de rendimento corrente e pela obra privada.

[...] Nas obras do pequeno equipamento regional multiplicam-se os temas da «casa portuguesa», ou do «estilo tradicional», com o seu cortejo de beirais, arcos, grelhas cerâmicas, ferros forjados e canteirinhos: são os edifícios dos correios, ou as escolas primárias do plano «dos Centenários», ou ainda as pousadas (onde António Ferro, secretário da Propaganda Nacional e grande inspirador destes temas «modestos e caseiros», tentava criar um

¹¹⁹ José Manuel Fernandes. *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*. Lisboa: Gradiva, 1993, p. 117.

¹²⁰ José Manuel Fernandes. *Português suave: arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

«ambiente familiar e acolhedor» para o visitante de Portugal»), depressa influenciadoras da moradia unifamiliar do subúrbio, ou das casinhas geminadas dos bairros sociais, que as classes médias e pequeno-burguesas crescentes vão absorver.”¹²¹

Estes arquitectos que ao longo da década de 40 vão “propor os principais temas de cariz historicista ou monumentalista” são, segundo também refere aquele autor, “os mesmos que antes praticavam a linguagem modernista”, referindo:

“Esta aparente contradição pode explicar-se por vários modos: em primeiro lugar, o desejo de uma camada profissional, ainda jovem e em plena formação, em se afirmar na prática de obras importantes como as promovidas pelo Estado. [...] Por outro lado, a formação académica de base desses mesmos autores era enraizadamente eclética, ligada ainda aos padrões oitocentistas das Belas-Artes, cuja carga convencional se poderia afinal articular facilmente, através da grande composição e dos eixos de simetria, com os ideários monumentalistas, ou seguindo o treino do desenho clássico, estilizar com habilidade os motivos da «casa portuguesa». [...] o momento modernista, [...] era afinal apenas mais uma componente da sua prática, e não correspondia ainda a uma radical mudança de intenções políticas ou de programas sociais, como de modo integrado ia acontecendo pelos países mais industrializados [...].”¹²²

De entre os vários temas desenvolvidos nesta publicação, o autor refere-se à Escola Cantina Salazar, projectada por Rogério de Azevedo em Vimieiro, Santa Comba, como representando um dos mais significativos exemplos dos “programas arquitectónicos e funcionais para toda uma geração do mundo rural à qual viria a ser ministrada a ideologia doutrinária do Estado Novo”¹²³, ilustrando, assim, singularmente, naquela publicação, o tema “Sa-

¹²¹ José Manuel Fernandes. *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*. Lisboa: Gradiva, 1993, p. 34.

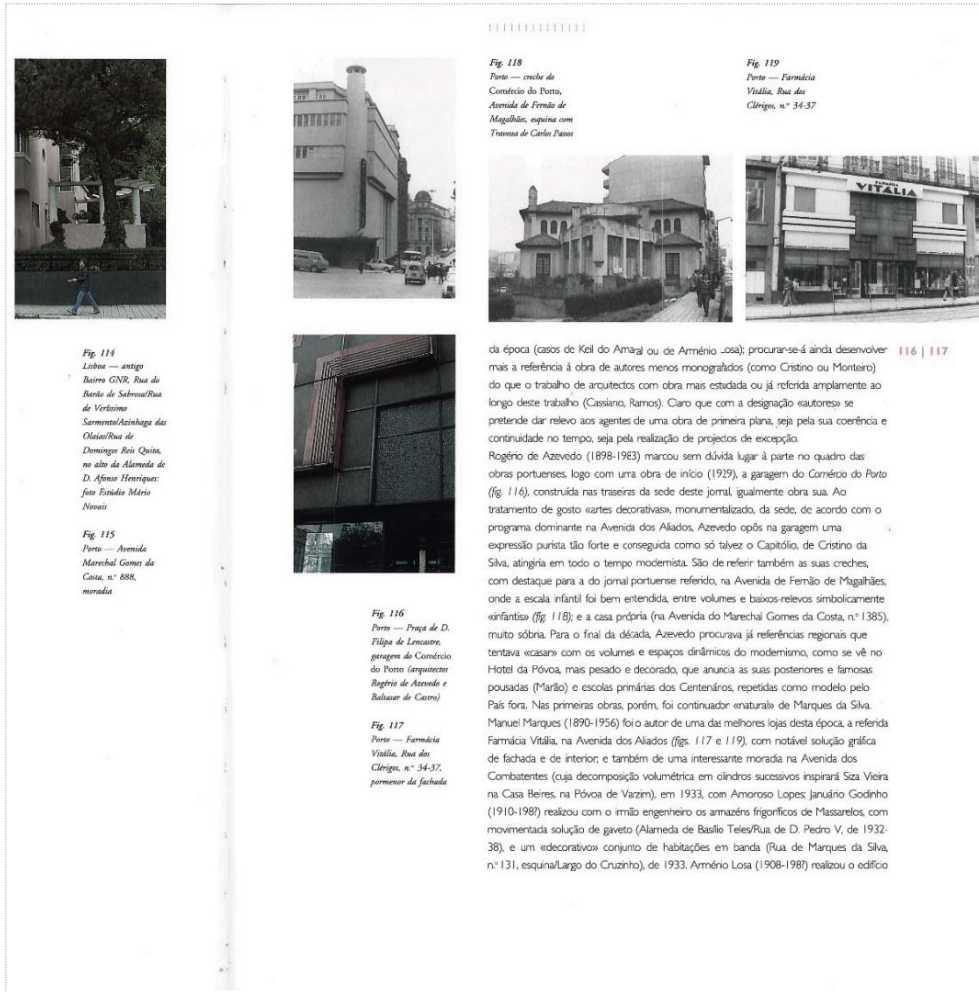
¹²² José Manuel Fernandes. *Português suave: arquitecturas do estado novo*. Lisboa: IPPAR, 2003, p. 35-36.

¹²³ Idem, p. 58.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

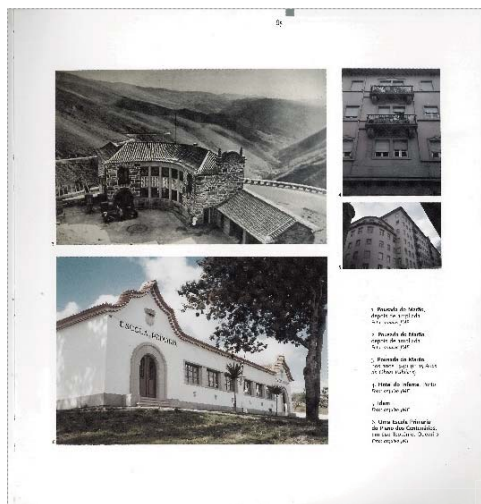
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa



1.11



1.12



1.13

José Manuel Fernandes. Da “Arquitectura Modernista” ao “Português Suave”. 1993. 2003

● 1|11. Página da publicação *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*. Na imagem, ao centro, a Garagem e a Creche de *O Comercio do Porto* de Rogério de Azevedo.

● 1|12. ● 1|13. Páginas da publicação *Português Suave: arquitecturas do Estado Novo* de José Manuel Fernandes. Na página da esquerda imagens da Pousada do Marão; na página da direita imagens da Pousada do Marão (em cima, do lado esquerdo), Hotel Infante de Sagres (do lado direito) e Escola Primária em Odemira.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

lazar como arquitectura”. Sem identificar o arquitecto, José Manuel Fernandes refere que a “obra, já por certo de arquitecto, exhibe um sóbrio mas forte e eficaz pendor regional-tradicionalista”¹²⁴ e “apresenta – clara e pedagogicamente – todo um formulário decorativo [...]”. A propósito do tema “Campanha do Bom Gosto” chama-se a atenção para a importância das Pousadas Regionais que, “desde o ano chave de 1942, foram os temas desenvolvidos por António Ferro, a partir da direcção do Secretariado da Propaganda Nacional, como contributo para a procura e definição de modelos arquitectónicos adequados ao seu tempo político-ideológico”¹²⁵. José Manuel Fernandes refere, também, a importância da existência, a partir de Junho de 1941, da revista *Panorama*, “onde Ferro publicava periodicamente uma fotografia de uma obra recente [...] onde se focavam as características regional-traditionalistas”. Assim, “a sucessiva inauguração de pousadas regionais, de norte a sul do país, desde 1942, marca esta procura de uma identificação da «casa» dos viajantes em Portugal com o estilo de cada região: granítica e rude no Marão e Serra da Estrela (por Rogério de Azevedo), luminosa e caiada a sul (Elvas e São Brás de Alportel, por Jacobetty Rosa)”¹²⁶.

De entre os cerca de quinze arquitectos que o autor desta publicação destaca como representantes da “geração dos autores arquitectos, que atingiu a maturidade criativa nos anos de 1925-1945”¹²⁷, Rogério de Azevedo é citado como “o mais emblemático dos autores nortenhos ligados à feitura do «Português Suave»”. Nesta referência a Rogério de Azevedo são apontados os projectos para as escolas ditas do “Plano dos Centenários”, as Pousadas do Marão, Serra da Estrela e Serém do Vouga, o Hotel Infante de Sagres, o edifício “Rialto” e a “reconstrução-integração do Paço Ducal de Guimarães”¹²⁸ [•1|12 e 1|13].

¹²⁴ Idem, ibidem.

¹²⁵ Idem, p. 62.

¹²⁶ Idem, ibidem.

¹²⁷ Idem, p. 68.

¹²⁸ Idem, p. 84.

Em conclusão o autor refere que a arquitectura intitulada como “Português Suave” contribuiu para a consolidação do regime do Estado Novo e que aquela “estética (ou, melhor, [aquele] «conglomerado de estéticas»), de feição múltipla, adaptativa e eclética” surgiu “como reacção à arquitectura do modernismo” podendo definir-se como um “«estilo» impositivo e de vocação localista, retrógrada, totalitária e fechada do ponto de vista estético, [que] teve o seu «tempo de glória» sobretudo entre 1940 e 1950”¹²⁹. O autor salienta, no entanto, que se podem associar “alguns aspectos positivos” a esta “época arquitectónica e urbanística” relacionados com a “elevada qualidade artesanal e técnica” da respectiva construção e com uma conseguida articulação desta com a cidade, nomeadamente, em “conjuntos planeados, fossem bairros, quarteirões ou pequenas parcelas urbanas”¹³⁰.

Ana Tostões e os “Verdes anos”. 1995 (publicado 1997)

Em *Os Verdes Anos da arquitectura Portuguesa dos Anos 50*¹³¹, Ana Tostões, aprofunda e desenvolve a produção arquitectónica de uma geração que não é a de Rogério de Azevedo, mas, sim, aquela que se lhe seguiu¹³². Referindo-se aos principais acontecimentos que marcaram a época, nomeadamente no que diz respeito ao Porto, à ODAM e, ao “jovem Fernando Távora”¹³³, afirma que o “entendimento da situação da moderna arquitectura que se produzia” nesta cidade no final dos anos 40 não pode ser feito “sem valorizar a acção de Calos Ramos, [...], na Escola de Belas-Artes do Porto”. A este propósito, Rogério de Azevedo é aqui citado como personagem que, na Escola, era representante de um certo atavismo ou ensino retrógrado. Assim,

¹²⁹ Idem, p. 237.

¹³⁰ Idem, ibidem.

¹³¹ Ana Tostões. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2.^a ed. Porto: FAUP Publicações, 1997.

¹³² Esta investigação aborda, como refere a autora, a “*arquitectura do Movimento Moderno em Portugal, referenciada à produção de autor nos anos 50*”, Idem, p. 15.

¹³³ In idem, Capítulo 1, “Sinais de Contaminação do Pós-Guerra, Afirmação e Combate, O Porto, o ODAM e o jovem Fernando Távora”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

refere-se neste estudo¹³⁴ que, citando em parte M. Aucciauolli, Carlos Ramos, a partir de 40, na Escola de Belas-Artes do Porto, moldará “culturalmente toda uma geração predisposta a aceitar outros horizontes que não fossem já os que Rogério de Azevedo fixara dentro dos parâmetros semi oficiais”¹³⁵. Nesta sequência é destacada, a formação, no Porto, em 1947, de um grupo de cerca de 40 arquitectos – a ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos) – que teriam como objectivo a divulgação dos princípios nos quais “deve assentar a arquitectura moderna” e que congregava “a geração seguinte à dos primeiros modernistas (os nascidos cerca de 1910) e a dos novíssimos estudantes ou recém-formados (nascidos cerca de 1920)”. Salientamos a ausência de Rogério de Azevedo como membro integrante desta organização e também dos movimentos de vanguarda que se lhe seguiram.

Na publicação da *História de Arte Portuguesa*, coordenada por Paulo Pereira em 1995, no volume que inclui o capítulo a “Arquitectura Portuguesa do Século XX”, redigido por Ana Tostões, refere-se como:

“O Porto, afastado da capital e das obras públicas que o novo regime começava a articular no centro do Império, assiste a uma renovação de gosto conduzida sobretudo pela iniciativa particular, destacando-se belíssimas obras de ‘art déco’, paradigmaticamente condensado na Farmácia Vitália de Manuel Marques (1890-1956). Marques da Silva desenvolve em 1931 um notável projecto referenciado à estética ‘déco’, a Casa de Serralves [...] (que se afirma) como uma das mais elegantes e cosmopolitas peças de estética ‘art déco’ em Portugal. Alguns anos antes, porém, o sinal fora dado na Casa de Saúde Heliântea (1926) de Francisco Oliveira Ferreira (1885-1957), uma das primeiras peças a utilizar coerentemente a ‘linguagem do betão armado’. [...]. Mas é, certamente, o edifício da garagem de “O Comércio do Porto” (1928)

¹³⁴ Esta afirmação será reescrita em moldes semelhantes na publicação, Ana Tostões, “*Arquitectura Portuguesa do séc. XX*” in *História da Arte Portuguesa*. Volume III (Paulo Pereira, direcção). Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, p. 530.

¹³⁵ Margarida Acciauolli, *Os Anos 40 em Portugal, o País, o Regime e as Artes – «Restauroação» e «Celebração»*. Lisboa, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Junho de 1991, p. 636. Citado por Ana Tostões. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. Porto: FAUP Publicações, 1997. (Série 2), p. 15.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

que constitui o paradigma do modernismo na cidade do Porto, pelo seu pioneirismo manifesto na força plástica, no controlo certo da escala e na articulação volumétrica das massas. [...]”¹³⁶

Em Lisboa, Ana Tostões contrapõe Cassiano Branco, “talvez a personalidade mais poderosa e inventiva do modernismo”, nomeadamente entre outras obras, com o “Éden-Teatro” (1929-31) e, sobretudo, com o “Hotel Vitória” (1934-1936).

Por outro lado, no capítulo intitulado “Os anos 40 celebrativos”, é referido que a Exposição do Mundo Português marca “uma inflexão monumentalizante e celebrativa no discurso da estética modernista”. “O desenvolvimento das artes”, diria António Ferro (1895-1956), presidente do SNI e autor da «Política do Espírito», deveria:

“[...] firmar-se num nacionalismo vigoroso [de modo a] acompanhar [a obra do Governo] com a necessária elevação e patriotismo (Ferro cit. França, 1984, p. 220). Se por um lado Ferro assumiu a defesa dos modernos não deixou, no entanto, de recomendar que no «ano das grandes realizações espirituais e materiais do Estado Novo [...] havia que criar o estilo português de 1940». Por isso em 1940 acabam, não só cronologicamente, os anos 20 e os anos 30 na arquitectura portuguesa, como o modernismo que neles se completara. Porém, o sinal havia sido dado dois anos antes, quando Cristino da Silva inicia a concepção da Praça do Areeiro, a «praça do Estado Novo», símbolo semântico e histórico do seu programa e do seu poder (França, 1982, p. 134).

[...] A corrente mais regionalista desta arquitectura, dita «de regime», definiu-se com maior qualidade nas pousadas do Marão (1942) ou de Serém que Rogério de Azevedo projectou, já com a colaboração de Januário Godinho, retomando em certo sentido a imagem da “casa portuguesa” que, articulada com notável mestria, se adapta e valoriza situações paisagísticas notáveis.”¹³⁷

¹³⁶ Ana Tostões, “Arquitectura Portuguesa do séc. XX” in *História da Arte Portuguesa*. Volume III (Paulo Pereira, direcção). Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, p. 520.

¹³⁷ Idem, p. 525; 527-528.

Rogério de Azevedo. Um modernismo ambíguo. 1997

Na exposição “Portugal: Arquitectura do Século XX”, comissariada em 1998 também por Ana Tostões, procurou-se “traçar o percurso da arquitectura portuguesa do século XX, valorizando a sua originalidade e especificidade [...] [Tratou-se] de reavaliar a arquitectura de autor no quadro de uma amostragem eclética, reflexo do pluralismo que caracteriza a produção ao longo de um século”¹³⁸.

No catálogo da exposição, num texto intitulado “Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo”, João Vieira Caldas refere-se a Rogério de Azevedo como um dos autores mais representativos da “arquitECTURA modernista que se desenvolve no país nos anos 20 e 30”¹³⁹. O autor refere que, embora “não corresponda a um movimento organizado, [a produção arquitectónica desta época] tem uma expressão claramente geracional”, destacando-se, como autores mais representativos, além de Rogério de Azevedo no Porto, Cristino da Silva, Pardal Monteiro, Cottinelli Telmo, Cassiano Branco e Jorge Segurado, todos em Lisboa. O autor destaca a formação eclética destes arquitectos na qual “tiveram intervenção fundamental, mas não decisiva, os mestres José Luís Monteiro, professor na Escola de Lisboa, e Marques da Silva, professor de Rogério de Azevedo no Porto”¹⁴⁰. “A ligação a um racionalismo oitocentista [com origem nos ensinamentos beauxartianos], que um número limitado de estudantes experimentou directamente, não explica, porém, por que razão, após algumas obras iniciais em que exprimem a sua aprendizagem revivalista, estes arquitectos começaram a procurar uma expressão moderna para a arquitectura que faziam”¹⁴¹. Assim, “não tendo havido uma geração de transição, [...] nasceram quase órfãos os arquitectos modernistas portugueses. [...] A primeira geração dos arquitectos modernistas não teria

¹³⁸ Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (org.). “*Portugal: arquitectura do século XX*”. München: Prestel, 1997, p. 11.

¹³⁹ João Vieira Caldas. “Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo” in *Portugal: arquitectura do século XX* (Annette Becker; Ana Tostões e Wilfried Wang – org.). München: Prestel, 1997, p. 23.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁴¹ Idem, p. 24.

meios para produzir uma reflexão teórica digna de nota e não seguiu nem respondeu a uma fundamentação ideológica consistente. [...] A utilização de uma nova linguagem [... será, assim,] assimilada, por alguns deles, como mais um estilo (e mais à moda) disponível segundo as circunstâncias, o gosto do cliente ou o ponto do país para onde se destinava”¹⁴².

Já no mesmo catálogo, Paulo Pereira faz a leitura sobre a “Intervenção no Património Edificado” no século XX, referindo-se à política ditatorial de Oliveira Salazar – o Estado Novo – e à criação, em 1929, da DGEMN que “inicia, de uma forma competente e sistemática, um conjunto de restauros no âmbito do serviço de obras públicas”. Seguindo, predominantemente, metodologias “caras a Viollet-Le-Duc”, “a sua acção pautava-se por critérios de validação histórica (hoje extremamente discutíveis) que visavam a integração do monumento na sua ‘beleza primitiva, expurgando-o de excrescências posteriores e reparando mutilações sofridas, quer pela acção do tempo, quer por vandalismo dos homens’¹⁴³. [...] Durante este período, os trabalhos da DGMN destinavam-se portanto ao restauro integral dos edifícios procurando restituí-los à sua «traça primitiva», matéria que gerou muitos equívocos [...]”¹⁴⁴. O autor refere a este respeito que “se contam entre as intervenções mais inventivas – ou seja, entre as que melhor traduziam o espírito de Viollet-Le-Duc – os restauros levados a cabo no Castelo de São Jorge (Lisboa), igreja matriz de Lourosa, e, [com intervenção de Rogério de Azevedo,] igreja de São Pedro de Rates (abside) e Paço Ducal de Guimarães”¹⁴⁵. No entanto, é na sua interpretação mais original e enigmática que pode residir o interesse para a nossa própria leitura da coerência na diversidade da obra de Rogério de

¹⁴² Idem, *ibidem*.

¹⁴³ Henrique Gomes da Silva, “Monumentos nacionais: orientação técnica a seguir no seu restauro” in *Actas do 1.º Congresso da União Nacional, 1934*. Citado por Paulo Pereira. “(Re)trabalhar o Passado. Intervenção no Património Edificado” in *Portugal: arquitectura do século XX* (Annette Becker; Ana Tostões e, Wilfried Wang – org.). München: Prestel, 1997, p. 100.

¹⁴⁴ Paulo Pereira. “(Re)trabalhar o Passado. Intervenção no Património Edificado” in *Portugal: arquitectura do século XX* (Annette Becker; Ana Tostões e, Wilfried Wang – org.). München: Prestel, 1997, p. 99.

¹⁴⁵ Idem, nota de rodapé 12, p. 107.

Azevedo. Nela, Paulo Pereira inaugura uma visão moderna da interpretação da intervenção de Rogério de Azevedo no património:

“[...] Depois da intervenção, cada monumento oferecia-nos uma imagem estável, monoestilística, completamente asséptica, desprovida de quaisquer «impurezas», aliás em perfeita simetria com as preocupações ráticas subentendidas na ideologia salazarista dos anos 40.

O exemplo paradigmático das intervenções da DGMN é o Paço Ducal de Guimarães [...] que teve por base uma atenta observação comparativa de paços senhoriais franceses (e provavelmente catalães). O resultado foi a recriação arquitectónica de todo o edifício, como ele ‘devia de ser’, sem, porém, nunca o ter sido. [...] O resultado final é um paço senhorial de matriz francesa, dotado de uma inegável eficácia em termos de imagem e verosimilhança, pese embora o apego às simetrias e à distribuição racional das portas de acesso e das janelas – algo que certamente qualquer mestre construtor medieval despeitaria. Muito lógico, mas posante e rico, o Paço Ducal de Guimarães poderá ser interpretado de duas maneiras algo paradoxais: como um dos derradeiros avatares da metodologia de Viollet-Le-Duc; ou como um monumento moderno, pois a sua conclusão situa-se já em pleno período de expansão e afirmação das linguagens do modernismo, tendo-lhe sido permeável.

De toda a maneira trata-se do exemplo mais radical de uma ‘longue durée’ da nossa história da intervenção patrimonial.”¹⁴⁶
[●1|14]

Manuel Mendes e as “arquitecturas portuenses”. 2001. 2010

No catálogo da exposição *(In)formar a modernidade* (coordenado por Manuel Mendes em 2001), é feita uma leitura sobre as “morfologias, movimentos e metamorfoses” da arquitectura no Porto, entre 1923 e 1943. No capítulo: “cultura de cidade – sinais de arquitectura: tema•variação•fuga•repetição•série•combinação•agrupação”, que inclui imagens fotográficas de uma grande selecção de obras de arquitectura destinadas a habitação na cidade do Porto, salientamos a inclusão de alguns exemplos da autoria de Rogério de

¹⁴⁶ Idem, p. 100.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitetura Portuguesa



Paço dos Duques de Bragança, Guimarães, vista geral, C. van Es

«discutíveis) que visavam a reintegração do monumento na sua «beleza primitiva, expurgando o de excessências posteriores e reparando mutilações séculares, que pelo século do tempo, que por vandalismo dos homens»¹¹. Através da DGEMN alargava-se porém o âmbito das intervenções no património arquitectónico, que agora não se circunscrevia, apenas, aos grandes monumentos mas também a outras obras de menor porte. No entanto, tendo em conta a estética memorialista, nacionalista e, de algum modo, literária do Estado Novo, criou-se uma preferência aos monumentos medievais – igrejas românicas e góticas, castelos – solidificando-se com isto a estética de «baixa selectividade» que caracterizava o regime fascista. Antea-se aos símbolos mais identificáveis da pátria e alimentava uma visão monumentalista e ultraracionalista da paisagem construída»¹². Durante este período, os trabalhos da DGEMN destinavam-se portanto ao restauro integral dos edifícios procurando restituí-los à sua «traça primitiva», matéria que gerou muitos equívocos (tais como a intervenção liberal de partes de monumentos – abáides, sineiras – sendo de monumentos inteiros)¹³, mas também notáveis trabalhos de engenharia e arquitectura, muitos dos quais documentados em *Boletim*¹⁴ regularmente publicados e num precioso arquivo, disciplinadamente mantido»¹⁵. No entanto, depois da intervenção, cada monumento oferecia-nos uma imagem estável,

monoclassicista, completamente aseptica, desprovida de quaisquer «impurezas», aliás em perfeita simetria com as preocupações racionais substancialmente na ideologia salazarista dos anos 40.

O exemplo paradigmático das intervenções da DGEMN é o Paço Ducal de Guimarães. Vasto conjunto palatino de planta quadrangular, com torres de recorte nos ângulos, iniciado no século XV mas nunca terminado, dele subsistiam dois alçados integrais com coberturas esgripas e uma divisão interna já diversas vezes desvastada. Percebia-se bem a planta original e o lugar de implantação da capela, situada no primeiro andar, à qual se accedia por uma galeria. O seu mestre terá sido um tal Azoum (documentado cerca de 1460), de eventual origem francesa. O projecto de restauro da DGEMN – conduzido, ao que se sabe, por Rogério de Azevedo¹⁶ –, teve por base uma atenta observação comparativa de paços senhoriais franceses (e, provavelmente, castiéis). O resultado foi a recriação arquitectónica de todo o edifício, como ele «deveria de ser», sem porém nunca o ter sido. Desenharam-se os traçamentos dos tetos, reorganizou-se inteiramente o espaço, tomando-o apto para funções de representação de Estado. Do pátio central – de ressonâncias claustrais – passando pelos telhados de quatro águas, pelos vitrais e pelas chaminés de cano, tudo foi reconstruído e homogeneizado. O resultado final é um paço senhorial de matriz francesa, dotado de uma inequívoca eficácia em termos de imagem e verticalidade, pois embora o apego à simetria e à distribuição racional das portas de acesso e das janelas – algo que certamente qualquer mestre construtor medieval despretaria. Muito lógico, mas poente e rico, o Paço Ducal de Guimarães poderá ser interpretado de duas maneiras algo paradoxais: como um dos derivados avanços da metodologia de restauro de Viollet-Le-Duc; ou como um monumento moderno, pois a sua conclusão situa-se já em pleno período de expansão e afirmação da linguagem do modernismo, tendo-lhe sido permissivo»¹⁷. De toda a maneira, trata-se do exemplo mais radical de uma *longue durée* da nossa história da intervenção patrimonial.

Neste contexto insinuava-se outro pensamento antimoderno de raízes tradicionalistas, urdido das reflexões da chamada «grande de gén». O arquitecto Raul Lino (1879-1974), que se formara em Inglaterra e na Alemanha, discípulo de Albrecht Haug (um conhecedor da arquitectura portuguesa do século XVI), evidenciava nos seus primeiros projectos um apego à ideia de enraizamento, procurando uma harmonia que hoje



Paço dos Duques de Bragança, interior, Guimarães

100 Paulo Pereira

Rogério de Azevedo. Um modernismo ambíguo. 1997

- 1|14. Página do catálogo da exposição *Portugal: arquitectura do século XX*. Texto de Paulo Pereira. “(Re) trabalhar o Passado. Intervenção no Património Edificado”.

Azevedo: “duas casas de habitação” geminadas construídas na avenida Marechal Gomes da Costa, em 1933; “Grupos de casas de Habitação” na rua do Campo Alegre/rua de Guerra Junqueiro, 1937; “Duas casas (-andar) de habitação” na rua de Álvares Cabral (a respectiva legenda refere que o projecto partilha a autoria com Januário Godinho), 1931; “Edifício pequeno de casas-andar de habitação e estabelecimento” na rua de Fernandes Tomás, 1933 [•1|15 a 1|18]. No texto que sucede esta série de imagens, Manuel Mendes discorre sobre os “Tópicos” que lhe parecem ser os caracterizadores daquelas arquitecturas, intitulado-os como: “Tutela do particular, dispositivos do doméstico/Edifício de andares. Casa-andar. Normalização da co-habitação”. Nesta procura das particularidades da arquitectura representativa de uma época na cidade do Porto, Manuel Mendes¹⁴⁷ destaca a presença de Manuel Marques, arquitecto da mesma geração de Rogério de Azevedo. Manuel Marques, depois de ter sido bolseiro em Paris, sendo diplomado pelo governo francês, “regressado a Portugal, fixou-se no Porto e, durante aproximadamente dez anos, desenvolve uma curta, mas intensa actividade projectista, em colaboração com Amoroso Lopes, ocasionalmente Júlio Brito, José Peneda. A partir de 1945 [e acrescentaríamos, talvez, tal como sucedeu a Rogério de Azevedo], cada vez mais reservado e desencantado, seco e austero, a sua prática profissional perde clareza e convicção, progressivamente abandonada até

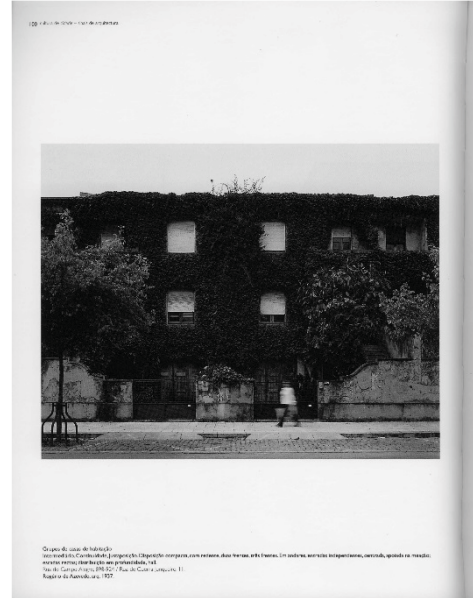
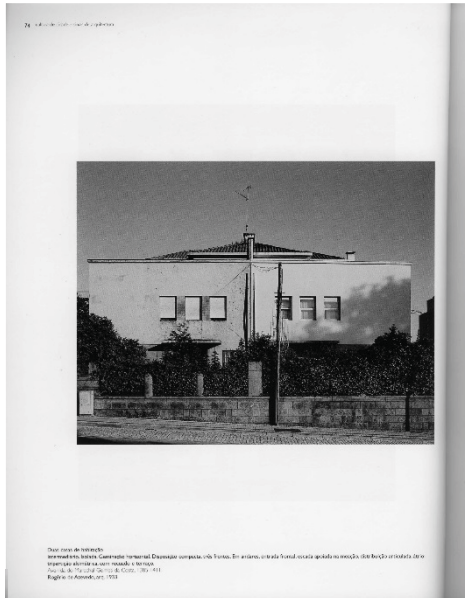
¹⁴⁷ Já em 1995, aquando da exposição *Uma homenagem a Arménio Losa*, Manuel Mendes referira:

“[...] O Porto existente – lugar-tema, lugar-projecto – experimenta-se a partir da sua especificidade de caso. [...] as singularidades do seu assentamento morfológico revelado nos seus traçados, nas suas tramas, nos sinais da sua própria arquitectura; a sua arquitectura, a sua cultura de cidade – os materiais, as relações espaciais, as constantes tipológicas, os projectos não realizados, estilismos continuados; a definição da identidade da residência – a casa unifamiliar, a unidade de habitação, o prédio de rendimento, a unidade de residência – e a sua relação com o sítio e a parcela – a unidade de vizinhança, o “quarteirão”, o lote; as ‘unidades-medida’ da sua paisagem – a rua particular, o bairro, a cidade; o carácter da sua arquitectura – medida e escala, ordem e desordem, regularidade e irregularidade, ruptura e continuidade, composição e elementos modeladores do espaço, luminosidade e cor, materiais e texturas; o conceito de história e o sentido de lugar dos seus projectistas, os quais sedimentaram o seu desenho ou o seu processo de desenho de cidade”. In “Moderno e consciência de cidade (para uma nova escala de projecto, digressões na forma, incursões no método)”. In *Homenagem a Arménio Losa* (Manuel Mendes e Pedro Ramalho). Porto: Edições Afrontamento e C. M. Matosinhos, 1995, p. 43.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitetura Portuguesa



Manuel Mendes e as “arquitecturas portuenses”. 2001. 2010

Páginas do catálogo da exposição *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Obras de Rogério de Azevedo.

- 1|15. “Duas casas de habitação”. Av. Marechal Gomes da Costa ● 1|16. “Grupos de casas de habitação”. Rua do Campo Alegre/Guerra Junqueiro ● 1|17. “Duas casas (-andar) de habitação”. Rua Alvares Cabral ● 1|18. “Edifício pequeno de casas-andar de habitação e estabelecimento”. Rua Fernandes Tomás.

à data do seu falecimento”¹⁴⁸. No ponto (6) daqueles “Tópicos”, “Contaminar a cidade”, o autor explica a formação da actual praça D. João I, desde a construção das “radiais de acesso” à avenida dos Aliados, nomeadamente o prolongamento da rua de Passos Manuel, passando pelas várias versões que foram sendo desenhadas para a referida praça e edifícios que a conformaram, no final dos anos trinta e início dos anos quarenta. Assim, refere-se, naquilo que nos interessa aqui destacar, que:

“Em 1941, face a desaprovações camarárias, o ‘arranha-céus’ ou a ‘casa monumental’, como ficará conhecido o edifício definidor do lado sul da praça, será objecto de dois projectos de Rogério de Azevedo, os quais, divergindo em linguagens, são semelhantes na volumetria adoptada.”¹⁴⁹ [●1|19 e 1|20]

O catálogo desta exposição termina com a publicação de uma série de textos escritos na época, alguns transcritos apenas parcialmente. Salientamos a inclusão, nesta selecção, do texto, “A Arquitectura no Plano Social”, conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses por Rogério de Azevedo em 1934 na qual debate o tema da “casa, como arquitectura doméstica”.

O mesmo autor, em 2000 publica uma série de textos no *Jornal de Notícias* no âmbito de um “Roteiro dedicado à Arquitectura Portuense” onde, referindo-se ao “compromisso especulador que é o Rialto, o «arranha-céus», chumbada a versão original de Rogério de Azevedo, vagamente académica mas mais plástica que a versão que o mesmo autor viabiliza num registo bem mais académico, duro, massivo, estático”¹⁵⁰. E, na sequência deste raciocínio,

¹⁴⁸ Manuel Mendes (Projecto. Investigação. Coordenação). *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: FAUP Publicações, 2001, p. 253.

¹⁴⁹ Idem, p. 256.

¹⁵⁰ Manuel Mendes, “‘Batalha Batalha’, versão revista de um texto, ilustrado, para *Jornal de Notícias*, 26 Novembro 2000, no âmbito de um ‘Roteiro dedicado à Arquitectura Portuense’, publicado em página inteira, semanal, entre Abril e Dezembro de 2000, com apoio institucional de Porto 2001, Capital Europeia da Cultura”, in Manuel Mendes. *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FAUP. Porto: FAUP, 2010, p. 321.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa



Manuel Mendes e as “arquitecturas portuenses”. 2001. 2010

Páginas do catálogo da exposição *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Manuel Mendes. 2001. Obras Rogério de Azevedo.

- 1|19. Praça D. João I. Fases e projectos • 1|20. Primeiro projecto de Rogério de Azevedo para o edifício Maurício Macedo (em baixo, direita).

em relação ao «quarteirão da Brasileira» e, a este edifício em particular, Manuel Mendes refere, anos mais tarde, que:

Na “frente sobre a praça de D. João I, a norte, o prédio Maurício-Rialto foi projectado e construído nos anos quarenta segundo tópicos de um racionalismo retórico de matriz clássica/artes decorativas; estratégia construtiva musculada para um edifício de imagem massiva e compacta de presença ativa na silhueta da Cidade, ‘casa monumental’ de composição tripartida¹⁵¹; gesto de estética urbana a resolver num todo volumétrico de expressão solidária o que é a arquitectura de um encontro problemático entre escala do quarteirão existente-receptor e a escala de um grande edifício fracturante das unidades de medida da cidade existente, o que é dispositivo monumental para projectar um ‘local do centro da cidade de verdadeira representação urbana’.^{152 153}

Anni Günther Nonell. Um Classicismo modernista. 2001

No *Guia de Arquitectura Moderna*, editado em 2001 pela Porto 2001 (Capital Europeia da Cultura) e Ordem dos Arquitectos, Anni Günther Nonell descreve e explica, de forma detalhada, o edifício da Garagem do Comércio. Este edifício, segundo a autora, “assume uma importância singular [...] no panorama da arquitectura portuense da primeira metade do século XX”¹⁵⁴. Neste texto são abordadas as relações que este edifício estabelece com o edi-

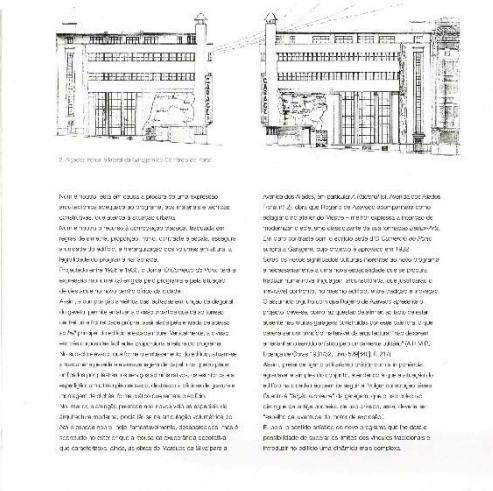
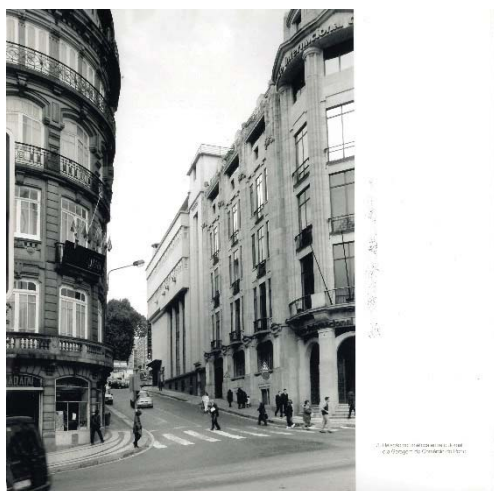
¹⁵¹ “Funcional e formalmente, planimetricamente e altimetricamente” (nota do autor citado). In *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FAUP (Manuel Mendes). Porto: FAUP, 2010, p. 466.

¹⁵² “AHMP, Melhoramentos no Centro da Cidade, proposta à reunião de Câmara, série de projectos (4)”, (nota do autor citado in *Idem*, *ibidem*).

¹⁵³ Manuel Mendes. “Rua de Sá da Bandeira” in *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FAUP. Porto: FAUP. 2010. p. 466 [“integra parte do texto «Rua de Sá da Bandeira/Praça de D. João I – uma «broadway» de cosmopolitismo trivial. imagem, paisagem, tempo», em *Guia de Arquitectura Moderna*. Porto 1901-2001 (coord.: P. Providência; J. Figueira; N. Grande)].

¹⁵⁴ Anni Gunther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitetura Portuguesa



Anni Günther Nonell. Um classicismo modernista. 2001

- 1|21 a 1|24. Páginas da publicação *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*. Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto”, 2001.

fício contíguo, do mesmo autor, a sede de *O Comércio do Porto*, e explicitadas as razões que a levam a referir tratarem-se, ambas, “certamente de obras-primas”.

“[...] a fidelidade ao eclectismo tipológico e sincrético da sua formação inicial, expressa na vontade de adaptação dos princípios, soluções e motivos da tradição clássica aos valores de uma arquitectura que se quer moderna, determinará as qualidades da sua obra, mas assinar-lhe-á igualmente os limites.

[...] Num e noutro se revela a intenção de reinterpretar as formas e referências de um repertório clássico à luz de novas exigências e programas novos, [...]

Num e noutro é clara a vontade de tornar o objecto arquitectónico legível mensurável e compreensível no contexto urbano [...]

Num e noutro, está em causa a procura de uma expressão arquitectónica adequada ao programa, aos materiais e técnicas construtivas, que atenda à situação urbana.

Num e noutro, o recurso à composição clássica, traduzida em regras de simetria, proporção, ritmo, contraste e escala, assegura a unidade do edifício, a hierarquização dos volumes em altura, a legibilidade.”

Referindo-se ao edifício da Garagem, salienta-se, segundo a autora, o confronto no mesmo edifício, entre “tradição e inovação”, entre “clássico e moderno”:

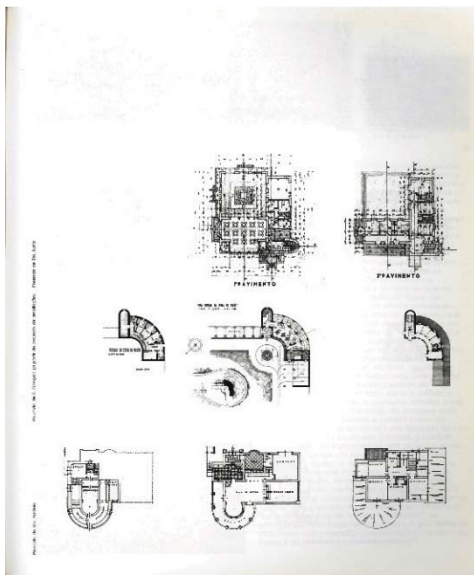
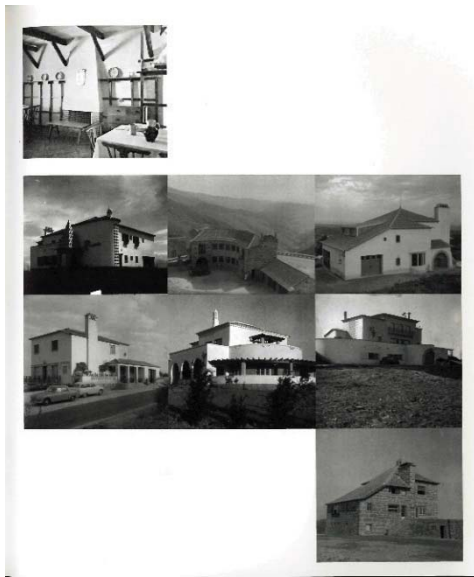
“num classicismo modernista que do classicismo adopta as regras de simetria e proporção, a dignidade e a veracidade, e da modernidade um novo sentido de espaço, que resulta do tratamento da parede como superfície – e já não como massa portante – e do uso moderno do material. A essência do material clássico é assegurada pelo tratamento do edifício como forma espacial completa em si mesma, simétrica e frontal, a modernidade pela dilatação da superfície horizontal do plano mural.”¹⁵⁵ [●1|21 a 1|24]

¹⁵⁵ Idem, *ibidem*.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa



Susana Lobo e as Pousadas do SNI (2002). 2006

- 1|25 a 1|28. Páginas da publicação. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Pousadas projectadas por Rogério de Azevedo (Marão, Serém e Serra da Estrela).

Susana Lobo e as Pousadas do SNI (2002). 2006

No estudo que realiza em 2002 sobre as Pousadas de Portugal, Susana Lobo (1972-) refere-se a Rogério de Azevedo diversas vezes, incluindo-o, como figura de destaque, numa geração cuja evolução arquitectónica se processou numa época “de avanços e recuos que caracterizou o debate cultural da primeira metade do século XX”. Este facto, segundo a autora, é “revelador da fragilidade com que esta geração de arquitectos, [...], se lançou na aventura modernista”¹⁵⁶. No âmbito da procura de referências ao autor em estudo, salienta-se que “para a definição dos discursos estético-ideológicos que o Estado Novo iria adoptar, [...] clarificavam-se «modelo(s) prévio(s) programado(s) por tipos» de edifícios, estabelecendo variantes e excepções tipológicas consoante a sua localização, no sentido de definir códigos linguísticos formais facilmente apropriados pela construção corrente e aplicados em todo o país”¹⁵⁷. Refere-se a autora, obviamente, aos modelos que a “encomenda oficial” fará para os principais edifícios públicos, nomeadamente e entre outros, as Escolas Primárias e as Pousadas que Rogério de Azevedo projectará para o Norte e Centro do país.

“Em 1939 é oficialmente anunciada a construção das cinco primeiras pousadas regionais previstas pelo ‘Plano de Realizações do Duplo Centenário de 1940’. Adstritas ao Ministério das Obras Públicas, logo em 1938 são encarregues do estudo desta nova tipologia os arquitectos Miguel Jacobetty Rosa e Rogério de Azevedo, distribuídos os projectos segundo regiões, respectivamente, Sul e Norte/Centro do país.

[...] Exemplos paradigmáticos desta fase são as pousadas de Elvas e do Marão, curiosamente as duas primeiras a serem construídas e, por isso, modelo de referência para as seguintes. Mas será a pousada do Serém, inaugurada apenas um mês depois da pousada do Marão [ambas projecto de Rogério de Azevedo], a

¹⁵⁶ Susana Lobo. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 33 (in nota de rodapé 4).

¹⁵⁷ Idem, p. 35.

definir um padrão tipológico que se irá repetir nas outras pousadas deste grupo.”¹⁵⁸

As pousadas do Marão e do Serém, incluídas no grupo das primeiras pousadas encomendadas pelo SNI, tornar-se-ão exemplos modelares a seguir neste tipo de edificações. Nesta publicação, podemos destacar:

“[...] S. Gonçalo relaciona-se dinamicamente com a estrada que a envolve, explorando diferentes tensões e perspectivas que acentuam o seu movimento e definem momentos de aproximação distintos: a contenção do «abraço acolhedor» da chegada, sugerido pelo edifício no ponto em que a estrada se fecha, e a explosão visual que se vive no interior alimentada pela varanda panorâmica da sala de jantar, que quase nos lança sobre o vale e reforça a «velocidade» da curva na estrada. [...] No Serém, [...], sem a «liberdade» do Marão, a pousada de Sto. António agarra-se claramente ao estereótipo de uma habitação particular. [...] O único momento em que há algum investimento formal é no volume da sala de jantar. Destacando-se do conjunto, a sua forma cilíndrica reforça o sentido de uma visão panorâmica sobre o vale e introduz uma outra dimensão no corpo rectilíneo do edifício.

[...] Tópicos permanentes nesta primeira série revelam-nos a centralidade das soluções de Rogério de Azevedo na definição das pousadas oficiais, começando pelo gesto inaugural do Marão, que depois se estabiliza tipologicamente no Serém e se depura na simplicidade de Manteigas.”¹⁵⁹ [●1|25 a 1|28]

Da mesma autora, mas alguns anos mais tarde, no trabalho que desenvolve sobre “Arquitectura e Turismo. Planos e Projectos” refere o projecto de Rogério de Azevedo para o Palácio Hotel na Póvoa de Varzim do seguinte modo:

“Contemporâneo dos projectos para a Garagem e a sede do jornal O Comércio do Porto, o Palácio Hotel resultaria numa espécie de mistura de estilos, ou, melhor, numa espécie de colagem de estilos, porque a uma composição volumétrica de espírito moderno, na articulação e desconstrução das massas que compõem o edifício, em especial no momento de entrada, marcado por uma

¹⁵⁸ Idem, p. 45-46.

¹⁵⁹ Idem, p. 46; 49; 50.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

forma cilíndrica que liga o corpo sul, da planta em “L”, com o corpo principal a poente, se sobrepõe uma ornamentação estilizada de carácter histórico-tradicionalista, nas molduras em cantaria das janelas, na arcaria do restaurante ou no pináculo de remate ao corpo vertical dos acessos, que marca a expressão do conjunto.

Uma colagem que anuncia os termos em que se iria processar a viragem de gosto nacionalista alimentada pelo Estado Novo, no final dos anos trinta, e de que a intervenção de Cristino da Silva (1896-1976) na Praça do Areeiro, em Lisboa, desenvolvida entre 1938 e 1948, constitui o paradigma.”¹⁶⁰

Gonçalo Canto Moniz e a Escola do Porto. 2011

Gonçalo Canto Moniz, na tese de doutoramento sobre o ensino da arquitectura praticado nas Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto refere-se, detalhadamente, à “transformação do ensino Beaux-Arts num ensino moderno”. Nesta investigação, descrevendo claramente a metodologia de ensino praticada naquela escola ao longo das épocas, esclarece-se qual “o ambiente que se vivia na escola” quando o grupo de Rogério de Azevedo estudou arquitectura na EBAP. Salientando-se, obviamente, a presença da figura do mestre José Marques da Silva:

“A formação do arquitecto na Escola de Belas-Artes do Porto estava centralizada na personagem de José Marques da Silva, professor de Arquitectura Civil de todos os anos curriculares, e era orientada de acordo com a tradição veiculada por Sardinha, mas fundamentalmente pela aprendizagem adquirida na École, nomeadamente no atelier Laloux, e também no de Ferdinand Louis Dutert, professor de Construção.”¹⁶¹

São de especial importância para o nosso estudo as informações confirmadas a partir da tese de Canto Moniz sobre a docência de Rogério de Azevedo, a partir de 1940, na Escola de Belas-Artes do Porto, em particular a

¹⁶⁰ Susana Lobo. *Arquitectura e turismo: planos e projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa. Da 1.ª República à Democracia*. Coimbra: [s.n.], 2013. [Consult. 18-02-2015]. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/23799>.

¹⁶¹ Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, p. 96.

referência feita à produção teórica desenvolvida ao longo da sua carreira docente, em geral dedicada a outros assuntos que não a docência.

“[...] Não se conhecem textos de Rogério de Azevedo sobre o ensino ou sobre a sua prática pedagógica, no entanto, produziu um conjunto significativo de opúsculos sobre Arquitectura, Antropologia e Etnografia que revelam a sua cultura e a sua capacidade teórica. Em 1936, publica o seu primeiro texto elaborado no âmbito de uma conferência no Clube Fenianos Portuenses, com o título *A Arquitectura no Plano Social*.¹⁶²

Neste documento, Rogério de Azevedo apresenta uma reflexão sólida sobre as condições de higiene e salubridade da Arquitectura doméstica a partir da casa urbana do Porto, fazendo referências aos ideais gregos, através de Aristóteles, aos tratadistas, como Esselborn, e ainda aos arquitectos e teóricos do século XX, como Camilo Sitte e Le Corbusier e Pierre Jeanneret, citando, por exemplo, a *Analyse des éléments fondamentaux du problème de la Maison Minime*. [...]”¹⁶³

Evidenciamos, também, a afirmação de Canto Moniz quando refere que “a modernidade” das primeiras obras de Rogério de Azevedo “não teve reflexo na sua proposta pedagógica”, acrescentando que, “paradoxalmente, Rogério de Azevedo constituiu um elo de ligação ao ensino *Beaux-Arts* e tornou-se mesmo um elemento de resistência ao ensino moderno”¹⁶⁴.

¹⁶² Damos conta de que Michel Toussaint, já em 2009, se referira à publicação deste texto e à importância dos autores nele citados, salientando que:

“ [...] aparentemente, o primeiro arquitecto [português] a citar Le Corbusier terá sido Rogério de Azevedo, que o fez na sua conferência *A Arquitectura no Plano Social* proferida em 1934 e publicada em opúsculo pela Imprensa Nacional em 1936 onde se refere explicitamente ao texto *Analyse des éléments fondamentaux du problème de la Maison Minime*, texto, publicado pela primeira vez em 1930, em Francês, numa publicação alemã e a seguir na revista *L'Architecture Vivante* e em *Grand'route*, mas com outro título e, finalmente em 1935, em *La Ville Radieuse*”. Michel Toussaint. “Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX”. In *Dissertação de Doutoramento em Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura, 2009, p. 268.

¹⁶³ Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, p. 239.

¹⁶⁴ Idem, p. 276.

Os projectos de Rogério de Azevedo e a DGEMN. 2014

A investigação que conduziu à Tese de Doutoramento de Jorge Cunha Pimentel, “Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN” foi tornada pública em 2014.

O ponto de partida para aquela investigação, refere o seu autor, terá sido uma frase de Pedro Vieira de Almeida que dava conta da “diversidade de maneiras” e “surpreendente versatilidade de linguagens” na obra de Rogério de Azevedo. Neste seguimento, o autor propõe-se “fazer o trabalho de investigação relativo à obra pública de Rogério de Azevedo no seu todo”, com base em “pesquisa documental” e com o “objectivo de conhecer os serviços e instituições no âmbito dos quais as obras foram realizadas, os momentos históricos, os princípios e valores que regiam o trabalho desses organismos e seus protagonistas, os processos das obras e seus intervenientes, contribuindo para clarificar as questões ainda hoje suscitadas pela observação realizada em 1986 por Pedro Vieira de Almeida sobre a diversidade de maneiras que a obra de Rogério de Azevedo”. O trabalho desenvolvido centrou-se “em três grandes núcleos de obras públicas [...]: as Escolas Primárias (incluindo numerosos projectos para além dos das Escolas-tipo regionalizadas), as Pousadas do SNI e os seus antecedentes e os estudos e intervenções no património edificado”¹⁶⁵.

Este trabalho, na recolha de certas informações coincidente com o nosso, possibilitou-nos a confirmação e o cruzamento de alguns dados.

O desenvolvimento daquela investigação focou-se em duas vertentes que o autor desenvolve detalhadamente; “A deriva Regionalista”, capítulo centrado nos “Programas de Obras Públicas nos anos 30, Equipamentos de Ensino e Equipamentos Turísticos”, e na vertente relacionada com os “Estudos e Intervenções no Património”, centrando-se, por isso, o estudo na acção

¹⁶⁵Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2014, p. 13.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

e obras desenvolvidas no âmbito da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Como exemplos, são estudadas três obras de restauro consideradas paradigmáticas – a Capela de S. Frutuoso de Montélios, a Igreja de S. Pedro de Rates e o Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães.

Evidenciamos que aquele autor, na conclusão do seu trabalho, refere que a diversidade das abordagens de Rogério de Azevedo resulta de “uma postura que não implicava da sua parte uma qualquer reflexão teórica sobre o projectar arquitectura”, afirmação que parece contradizer algumas das explicações que vão sendo dadas sobre as opções projectuais ao longo daquele trabalho.

A tese reúne e interpreta a documentação necessária ao entendimento das obras em estudo, concentrando-se, propositadamente e em detalhe, sobre um sector específico da obra do autor, “a obra pública”. Sendo assim, embora nos dê conta da existência de muitas das obras de encomenda privada que Rogério de Azevedo foi recebendo ao longo do seu trajecto profissional, esta abordagem é, e também propositadamente, apenas superficial. Assim, por se concentrar num tema/tipo em particular, aquela visão não parece ser suficiente para explicar a “diversidade de maneiras” surpreendente na obra do autor. Somente uma visão também diversificada, confrontando as obras entre si, baseada numa visão geral do todo da sua obra, permitirá, esperamos, encontrar possíveis respostas à questão que tantas dúvidas suscita e que, também a nós, nos estimula no nosso trabalho.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

1. Rogério de Azevedo no panorama da História da Arquitectura Portuguesa

2. ROGÉRIO DE AZEVEDO: UM APONTAMENTO BIOGRÁFICO

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



● 2|0. Rogério de Azevedo

Dois anos antes do final do século XIX, no dia 25 de Junho de 1898, durante o reinado de Dom Carlos I, nasce no Porto, na freguesia de Cedofeita, Rogério dos Santos Azevedo.

A sua vida será, obviamente, marcada pelas enormes transformações políticas e sociais que, no país e no estrangeiro, se desencadearão ao longo de quase todo o século XX. Os seus primeiros anos de vida serão assinalados por acontecimentos familiares que influenciarão, inevitavelmente, a formação da sua personalidade. O seu pai, filho de um homem rico – comerciante de pedras preciosas –, terá sido deserdado aquando do seu casamento com uma mulher de “condição inferior”¹⁶⁶. No Porto, na rua das Musas onde vivem, Rogério de Azevedo fica órfão de pai com apenas cinco anos de idade. Este, empregado comercial de profissão, deixa a mulher, doméstica, com dois filhos pequenos e poucas posses. Por esta razão, ou porque inicialmente terão pensado que seguisse a carreira eclesiástica¹⁶⁷, Rogério estuda, julgamos que desde essa altura, como interno, no Colégio dos Órfãos do Porto até aos seus dezassete anos. O irmão morrerá, também prematuramente, num naufrágio ao serviço da Marinha, com apenas dezoito anos de idade.

Nos seus primeiros anos de vida, Rogério de Azevedo será testemunha de, pelo menos, dois acontecimentos que marcam inequivocamente a história de Portugal; com dez anos de idade, o Regicídio, e a conseqüente subida ao trono de Dom Manuel II; em 1910, a Proclamação da República que põe fim

¹⁶⁶ Rogério de Azevedo (filho mais novo de Rogério de Azevedo) em entrevista realizada no âmbito desta investigação, em 19 de Maio de 2010.

¹⁶⁷ “[...] Não sei se sabem mas o Arquitecto Rogério de Azevedo andou a estudar para padre... ainda bem que se livrou daquilo! E, por isso, tinha um certo jeito para falar com eles (padres) [...]”, Viana de Lima em conferência na ESBAP em 1979, relativamente ao facto de ter realizado diversos projectos de casas para padres que se dirigiam às instalações dos Monumentos Nacionais (DGMN). Rogério de Azevedo encaminhava estes projectos para Viana de Lima que estava no início da sua carreira e que com ele trabalhava nesta instituição (1938-41), relatando na mesma ocasião: “– O senhor quer fazer este projecto para o Sr. Abade? – Perguntava-me Rogério de Azevedo, e eu, palerma, que queria ver se ganhava algum, lá fazia [...]”. Em gravação áudio de conferência realizada em 1979. In Centro de Documentação da FAUP.

à Monarquia, na sequência dos avanços das ideias republicanas particularmente sentidas no Porto.

Formação

Em 1911, conclui com distinção o exame de instrução primária do segundo grau,¹⁶⁸ não tendo sido abrangido pelas reformas do ensino introduzidas pela República, que só nesse ano se implementaram.¹⁶⁹

Estudante e morador no Colégio dos Órfãos, com 14 anos, matricula-se no Curso de Arquitectura Civil da Academia de Belas-Artes do Porto, que frequenta desde Setembro de 1912 até ao seu término em Agosto de 1917. Das memórias que guarda destes tempos Rogério de Azevedo dirá, mais tarde, no tom de ironia que sempre o acompanhará:

“[...] Para frequentar a aula de Arquitectura – regida então pelo saudoso mestre Marques da Silva, regressado há pouco de Paris – ingressei, adolescente ainda, com o buço a apontar, na velha Academia de Belas-Artes a que, por antonomásia depreciativa, alcunhavam de “tasca”, apodo a que certo tanoeiro de Santo Ildefonso, com ramo à porta, não era estranho. [...] A mocidade que nesse tempo acorria à Academia era uma mocidade especial. Alegre e generosa, irrequieta e irreverente, julgava-se tomada dos generosos ideais que então corriam para remediar os males do mundo, aquela panaceia que já vem dos tempos de Platão, e que na altura não era hipócrita. Traduzia pitorescamente as suas opiniões em réplicas inofensivas e exteriores.

Assim, eram numerosas as gaforinas, fartas e caspentas, emoldurando os rostos como jubas; bigodes como dentes de morsa, à Máximo Gorki, davam o complemento felino, internacional e indispensável às convicções que, como imaginavam, os havia de impor à posteridade.

¹⁶⁸ O currículo do ensino primário nesta época era dividido “em quatro classes, sendo as três primeiras de frequência obrigatória e gratuita (1.º grau do ensino primário) e a última (2.º grau) de frequência facultativa ou para quem quisesse ser admitido ao ensino secundário-liceal. In “Centenário da República: O ensino primário na primeira república – O homem vale, sobretudo, pela educação que possui”, n.º 1713, (Luís Grosso Correia), publicado em *Dossier*, Outono 2010, <http://www.searanova.publ.pt/pt/1713/dossier/163>.

¹⁶⁹ “O currículo formal do ensino primário implementado a partir de 1911 mantém áreas de formação de base disciplinar e introduz outras orientadas para a formação cívica do novo homem republicano, laico e patriota”, in Idem, *ibidem*.

Não estava porém o bigode ao alcance de todos, pois era apanágio dos finalistas que o podiam usar sem posições por a idade lho fornecer. A “lavalère”, essa sim, era moda universal e completava a internacionalização exterior.

Não se cuide, porém que isto fosse mais que exterior. Esses moços inofensivos, em que eu me incluía, eram os protótipos românticos, últimas abencerragens de uma época que ia findar, de homens tipicamente orgulhosos na sua penúria que, obrigados a viver com muito pouco, procuravam convencer-se a si próprios de que, se o dinheiro compra o comer, não pode comprar o apetite.”¹⁷⁰

No mesmo ano em que em toda a Europa se sentem as repercussões de uma Guerra que terminava, em 1918, Rogério de Azevedo obtém o Prémio Soares dos Reis¹⁷¹ que consagra o seu final de curso pela Academia.

As Academias de Belas-Artes em Portugal (Lisboa e Porto) tentavam seguir um programa e método pedagógico baseados no modelo francês da *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* de Paris que chegava até nós, fundamentalmente, através dos bolseiros portugueses que a frequentavam e, também, através de alguma bibliografia. Os seus princípios assentavam, como nos diz Gonçalo Canto Moniz:

“Numa matriz clássica da formação, [...] na organização pedagógica por aulas e ateliers e na metodologia de ensino, através dos concursos de emulação. [...] A École conseguiu construir e impor um modelo, que não se limitava a um plano de estudos, a um programa pedagógico ou a um método de ensino, mas constituía um sistema com uma estratégia global de ensino e de prática profissional. Segundo David Van Zanten, o *systeme Beaux-Arts* caracteriza-se pela composição arquitectónica entendida “não

¹⁷⁰ Rogério de Azevedo, “Joaquim Lopes”, *O Tripeiro*, Ano XII, V Série, n.º 11, Março 1957, p. 222 e 223.

¹⁷¹ “No Curso de Arquitectura Civil, o Prémio Soares dos Reis constitui um incentivo para os alunos que a ele concorram, já pelas motivações e intenções do seu patrono e instituidor, o escultor Soares dos Reis, já pelo seu regulamento e normas subjacentes aos projectos. É, pois, um prémio de referência na disciplina da arquitectura e acentua o aspecto relevante da composição”. in *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do país na primeira metade do séc. XX* (António Cardoso), Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras do Porto, 1992, p. 36.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



História da Arte. Apontamentos. Escola de Belas Artes do Porto

- 2|1. Páginas de caderno de “apontamentos de História de Arte 8ª cadeira da Escola de Belas Artes do Porto” manuscritos por Rogério de Azevedo.

como um vocabulário de formas, mas mais como um processo de pensar.”¹⁷²

Salienta-se, neste âmbito, a importância da publicação, entre 1902 e 1904, do livro de Julien Gaudet, professor na École, *Éléments et théorie de l'architecture: cours professé à l'École nationale et spéciale des Beaux-Arts*. Gaudet propõe:

“uma abordagem científica ao problema da construção, partindo da decomposição do problema em partes, em elementos, de modo a poder proceder à sua identificação e caracterização, permitindo depois a sua composição em função de um programa e de acordo com regras de composição (geométricas e conceptuais).”¹⁷³

É neste ambiente escolar que Rogério de Azevedo adquire a sua formação académica, retomada em 1920, quando volta a matricular-se no curso de Arquitectura, para complementar os seus estudos e diplomar-se, agora, pela nova organização da Escola de Belas Artes do Porto (EBAP), estrutura que surge na sequência da Reforma do Ensino, regulamentada já em 1911. Tratou-se, com efeito, de uma época de transição em que os dois cursos se sobrepuseram. A EBAP vinha desde alguns anos a implementar a “reforma que substituiria a referida Academia”¹⁷⁴. Com esta reforma o curso passou a assumir, além do carácter *Beaux-Arts* no qual o desenho era a base do ensino artístico, um carácter mais técnico recorrendo às cadeiras da Escola Politéc-

¹⁷² Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, p. 83.

¹⁷³ Idem, p. 84-85.

¹⁷⁴ “Em Portugal, em 1881 é criada a Escola de Belas-Artes e o curso de Arquitectura como consequência da implementação da reforma que vinha sendo preparada desde há vários anos atrás e substituindo, assim, a antiga Academia de Belas-Artes que mantém as funções de recolha, estudo e divulgação do Património Artístico. [...] A reforma é implementada por um corpo docente renovado com a entrada de arquitectos e artistas, formados em Paris, para a Escola de Lisboa, José António Gaspar e José Luís Monteiro e para a Escola do Porto, José António Sardinha, Soares dos Reis e Marques de Oliveira”, como nos diz Gonçalo Canto Moniz, in idem, p. 92.

nica e do Instituto Industrial, cadeiras que Rogério de Azevedo também frequentará. Muitos alunos desta geração optaram, assim, por efectuar uma nova inscrição frequentando as cadeiras necessárias para a obtenção do diploma pela prestigiada Escola de Belas Artes do Porto.

Marques da Silva

José Marques da Silva¹⁷⁵, que teria sido já seu professor nos anos em que frequentara o curso da “antiga organização”, vem novamente leccionar Arquitectura Civil e marcará de modo inequívoco todo o seu percurso e formação como arquitecto.

“Marques da Silva forma, na Escola, os seus alunos e, no seu atelier, os melhores deles, no culto da Arquitectura como profissão, no entusiasmo pelos seus mais antigos instrumentos, acreditando no Desenho como possibilidade de descoberta e transfiguração do espaço.”¹⁷⁶

Exalta-se, assim, a importância do desenho na disciplina da Arquitectura, na qual a cópia de estampas seria o ponto de partida, como exercício de rigor e de análise. Rogério de Azevedo, lembrando-se dos seus tempos de escola, salienta:

“Marques da Silva, na época em que o clássico dominava todas as soluções arquitectónicas, não foi, a este respeito, dogmático, ainda que nem todos o compreendessem, na ocasião. [...] Na-

¹⁷⁵ Marques da Silva, figura que marcará de forma inequívoca a Escola e as seguintes gerações de arquitectos, depois de ter completado a sua formação na Academia de Belas Artes do Porto, frequenta, sem bolsa, a École de Paris entre 1889 e 1896 onde faz os seus principais estudos no atelier de Laloux, discípulo de Jules André. De volta ao Porto, “no ano seguinte, participa no concurso para professor de Arquitectura Civil, da EBAP, do qual sai vencedor, apresentando uma proposta pedagógica, que irá adoptar ao longo de trinta anos de docência”, como nos refere Gonçalo Canto Moniz, in Idem, p. 93.

¹⁷⁶ Beatriz Madureira, “Senhores, Mestres, Arquitectos” in *J. Marques da Silva, Arquitecto 1869-1947*. Catálogo de uma exposição. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986, p. 25.

quele tempo era sobre o clássico que se trabalhava; as cinco Ordens era prato favorito ainda que não fosse obrigatório mas, sim, aleatório nas idealizações arquitectónicas.”¹⁷⁷

Também, como nos refere António Cardoso,

"a atenção dada à planta, como parte predominante do projecto, vai constituir uma constante na atitude de projectação de Marques da Silva. Dela fará o seu ponto de honra e, com ele, veicula as ideias 'beauxartianas' da planta, do "partido" que ela deve proporcionar no agenciamento e geração do projecto”¹⁷⁸. “No estudo da planta há a aplicação de toda a Arte e o conhecimento profundo do assunto a tratar, a fim de que ela corresponda, na sua aplicação, às necessidades a que tem de satisfazer.”¹⁷⁹

Rogério de Azevedo reforça, igualmente, o facto de Marques da Silva permitir aos alunos total “liberdade, respeitando a originalidade da criação em cada um”¹⁸⁰. Marques da Silva diria:

“Nunca me preocupou o modo particular como cada aluno interpreta o assunto que tem a tratar. Deixo-lhe, nesse ponto de vista, a maior liberdade de acção. Mas não se pense que essa liberdade... é o arbítrio incondicional.”¹⁸¹

Esta “liberdade” remete-nos, inevitavelmente, para a questão da livre escolha das “linguagens” ou das expressões plásticas para a arquitectura, posição encarada com simplicidade e, com toda a naturalidade, na época.¹⁸²

¹⁷⁷ Rogério de Azevedo, “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI série, n.º 11, Novembro 1969, p. 342.

¹⁷⁸ António Cardoso, *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do país na primeira metade do séc. XX*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras do Porto. Porto: Universidade do Porto, 1992, p. 217.

¹⁷⁹ José Marques da Silva (1928). Citado por Maria José Marques da Silva in *J. Marques da Silva, Arquitecto 1869-1947*. Catálogo de uma exposição. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986, p. 29.

¹⁸⁰ Rogério de Azevedo, “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI Série, n.º 11, Novembro 1969, p. 342.

¹⁸¹ José Marques da Silva (1928). Citado por Maria José Marques da Silva in *J. Marques da Silva, Arquitecto 1869-1947*. Catálogo de uma exposição. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986, p. 29.

¹⁸² A este respeito é interessante verificar que Fernando Távora, que inicia a sua formação com cerca de trinta anos de diferença em relação a Rogério de Azevedo, referindo-se ao seu mestre, Carlos Ramos, lhe atribui características comuns àquelas que Marques

Rogério de Azevedo preocupa-se, também, em esclarecer que, em Marques da Silva a Tradição não significa “estagnação... É que Marques da Silva entendia que o espírito não tem limites [...] e que a tradição não é estagnação mas continuidade na pesquisa para encontrar o termo válido na renovação”¹⁸³. A Tradição, afirma Rogério de Azevedo “é uma herança que veio até nós e reclama acrescentamento para os que hão-de vir”¹⁸⁴.

Na sequência deste pensamento confrontamos este entendimento sobre a Tradição para Marques da Silva com a leitura semelhante, embora num contexto diferente, defendida por António Sardinha, pensador de destaque na época e um dos principais fundadores do movimento doutrinário e político, o Integralismo Lusitano.¹⁸⁵ Sardinha defendia (e talvez essa ideia se tenha generalizado na época) que “tradicionalismo, [...] não é obscurantismo. É antes

da Silva traduzia naquele seu discurso: “Na Escola o ensino do architecto Carlos Ramos era muito livre, no sentido de que podíamos usar qualquer linguagem. [...] Como aluno recordo-me de várias linguagens que usei em alguns trabalhos escolares [...]: ‘Clássico’, [...] ‘Germânico’, [...] ‘Português tradicional’, [...] ‘Moderno’, [...] ‘Italiano’, [...] ‘Lecorbusiano’; lembro-me, ainda, de que, quando apresentei o primeiro estudo do *casino* (um trabalho escolar), referi ao Mestre, timidamente, que queria fazer um projecto ‘moderno’ e ele comentou: ‘Muito bem, muito bem, e porque não?’ Esta diversidade de linguagens, se satisfazia a máxima do Mestre e correspondia a uma certa evolução na orientação do curso, da cópia da estampa clássica – no meu caso templo de Minerva – para uma arquitectura julgada actual, representava, também, uma certa ausência de informação generalizada no que respeitava a livros ou revistas e, menos ainda, de viagens ou outros contactos internacionais para conhecimento directo dos edificios”.

Fernando Távora, “Evocando Carlos Ramos” (texto lido no colóquio sobre o architecto Carlos Ramos, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de Fevereiro de 1986), in *RA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, ano 1, número 0, Porto, Outubro de 1987, p. 75.

Citado por José Miguel Rodrigues, *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura. Tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa: dois exemplos*. Porto: Afrontamento, 2013, p. 275-276 [2006: Dissertação de doutoramento em arquitectura apresentada à FAUP].

¹⁸³ Rogério de Azevedo, “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI Série, n.º 11, Porto, Novembro 1969, p. 343.

¹⁸⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁵ “O Integralismo Lusitano é um movimento doutrinário e político de oposição ao regime democrático e parlamentar da Primeira República” que se demarcou posteriormente, também, da Ditadura Militar e do Estado Novo passando “a criar oposição ao regime salazarista. [...] tem a sua origem próxima nos meios académicos mais reaccionários da Universidade de Coimbra, logo após a implantação da República” e influências do maurrasianismo da Action Française. O que unia os seus fundadores, como refere Leão Ramos Ascensão, “eram afinidades literárias e estéticas, era uma preocupação cultural, era a superioridade de inteligência que os levava a afastar-se desdenhosamente das

continuidade no desenvolvimento – é, sobretudo, permanência na renovação”¹⁸⁶. Manuel Braga da Cruz refere a este respeito que “a tradição era entendida, não em sentido saudosista ou passadista, mas em termos actualizantes”¹⁸⁷, tal como, a nosso ver, parece que Marques da Silva e, mais tarde, Rogério de Azevedo, interpretavam também a questão. Partindo da valorização de uma formação sólida sobre o passado, sobre os fundamentos da Antiguidade Clássica, tendo os ensinamentos das *Beaux-Arts*, como base da sua cultura arquitetónica, a tradição funcionaria, assim, como alicerce para o pensamento moderno.¹⁸⁸

truculentas demagógicas e das paixões políticas da academia de então”. [...] Defendiam uma ‘Monarquia orgânica tradicionalista antiparlamentar’ [...] O integralismo não apenas uma simples oposição monárquica – embora talvez a mais aguerrida – da República de 1910. Foi uma oposição conservadora e tradicionalista ao liberalismo, uma oposição nacionalista à democracia parlamentar e uma oposição aristocrática ao capitalismo. Contestava, assim, quer o regime republicano, quer a monarquia constitucional”.

Manuel Braga da Cruz. "O Integralismo Lusitano nas origens do Salazarismo", in *Análise Social*. Vol. XVIII, 1982, p. 137-182.

¹⁸⁶ António Sardinha, “Ao Princípio Era o Verbo”, p. 9. Citado por Manuel Braga da Cruz. "O Integralismo Lusitano nas origens do Salazarismo", in *Análise Social*. Vol. XVIII, 1982, p. 137-182.

¹⁸⁷ E, citando Sardinha (tal como em Marques da Silva), “a ‘Tradição’ não é somente o Passado, é antes a permanência no desenvolvimento [...] o conjunto de hábitos e tendências que procuram manter a sociedade no equilíbrio das forças que lhe deram origem e pelo respeito das quais continua durando. O propósito dos integralistas era, pois, citando agora outro destacado membro deste movimento, Hipólito Raposo, a defesa de que, “o tradicionalismo é o sistema de harmonização dos valores constantes com os variáveis, pela continuidade do tempo e das gerações, o de actualizar a Tradição, recompor, em obediência às condições e necessidades da vida moderna, a fisionomia de Portugal-português”.

¹⁸⁸ Também a este respeito Pedro Vieira de Almeida salientará as interpretações erradamente feitas sobre o conceito de “tradição” defendido, em 1936, por Raul Lino. Lino defendia a tradição como “o valor estrutural que no espírito do Homem devem ter certas forças herdadas”. Segundo Vieira de Almeida, as interpretações erradamente feitas sobre estas palavras deram origem a equívocos que provocariam a “limitação da arquitectura desenvolvida mais tarde (nomeadamente nas décadas de 40 e 50, [...]), já que precisamente o engano que os arquitectos vão arrastar é o de suporem que os problemas de tradição se colocavam a nível morfológico, sem entenderem as outras e mais profundas dimensões do conceito de tradição, que tinha a ver com toda uma permanência de um substrato cultural”. Assim, “Raul Lino não seria [...] entendido nem pelos arquitectos com tendências modernas, que automaticamente ligavam tradição a tendências reacionárias, nem pelos arquitectos de posições académicas, que também supunham que até apoiavam as ideias de Raul Lino copiando elementos formais dispersos colhidos a gosto”. Pedro Vieira de Almeida, “Modelo progressista, modelo culturalista”, in *História da Arte em Portugal*. “A Arquitectura Moderna” (Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia). Volume 14. Lisboa: Publicações Alfa. 1986, p. 89.

Marques da Silva marcará toda uma geração de alunos que, entre 1906 e 1939 (data da sua jubilação), frequenta aquela instituição de ensino. De entre eles destacamos, por serem colegas contemporâneos de Rogério de Azevedo, Francisco Oliveira Ferreira¹⁸⁹, Manuel Marques¹⁹⁰, Baltazar de Castro¹⁹¹, João Queirós¹⁹², Júlio José de Brito¹⁹³ e, um pouco mais tarde, António Varela¹⁹⁴, Mário Abreu¹⁹⁵, Arménio Losa¹⁹⁶, Januário Godinho¹⁹⁷ e Viana de Lima¹⁹⁸. Gonçalo Canto Moniz acrescenta:

“É neste período, entre 1911 e 1931, que se formam os arquitectos da primeira geração modernista, alunos de José Luís Monteiro, José Alexandre Soares na EBAL (Escola de Belas Artes de Lisboa) e de José Marques da Silva na EBAP. Em Lisboa (e diríamos, tal como no Porto), o grupo de Carlos Ramos, Cristino da Silva, Jorge Segurado ou Cottinelli Telmo valoriza a sua forma-

¹⁸⁹ Francisco Oliveira Ferreira (1884-1857; APBA/EBAP: 1901-1906/1925) – autor do projecto de 1926 para a Clínica Heliântia em Vila Nova de Gaia.

¹⁹⁰ Manuel Marques (1890-1956; EBAP: 1902-1913) – autor, entre outros, no Porto, do projecto para a Farmácia Vitália de 1933 e dos Armazéns Cunhas de 1933-36 (ambos em co-autoria com Amoroso Lopes).

¹⁹¹ Baltazar de Castro (1891-1967; APBA/EBAP: 1906-1919) – que tem diversos projectos em co-autoria com Rogério de Azevedo.

¹⁹² João Queirós (1892-1982; APBA/EBAP:1911-1926) – autor, entre outros projectos, do Café Magestic (inaugurado em 1921) e do Cinema Trindade, ambos no Porto.

¹⁹³ Júlio José de Brito (1896-1965; EBAP: 1910-1926) – que projecta entre 1929/32 o Teatro Rivoli e, entre muitas outras obras, o Edifício e o Café Aviz, na rua de Aviz, bem como a Junta de Freguesia de Cedofeita, em 1934, todos estes edifícios na cidade do Porto.

¹⁹⁴ António Varela (1903-1963; APBA/EBAP: 1919-1936) – que se deslocará para Lisboa e trabalhará em vários projectos com Jorge Segurado. Damos como exemplo o projecto realizado entre 1932 e 1938 para o Liceu D. Filipa de Lencastre e, mais tarde, entre 1934 e 1938, o projecto para a Casa da Moeda, ambos em Lisboa.

¹⁹⁵ Mário Abreu (1908-1996; APBA/EBAP: 1916-1930) que, entre diversas obras, projecta a Garagem de Passos Manuel no Porto, inaugurada em 1939.

¹⁹⁶ Arménio Losa (1908-1988; EBAP: 1925-1932) que projecta, com Cassiano Barbosa, no Porto, entre muitas outras obras de destaque, o Bloco da Carvalhosa (1945-50) na rua da Boavista 571-573, o Edifício DKW (1946-51) na rua de Sá da Bandeira 633-673, ou o Edifício Soares e Irmãos (1950-53), na rua de Ceuta.

¹⁹⁷ Januário Godinho (1910-1990; EBAP: 1925-30-41) que projectou no Porto, entre outros, os Armazéns Frigoríficos de Massarelos, em 1934 e o edifício para a União Eléctrica Portuguesa (ampliação), na rua Alexandre Herculano, em 1952-57.

¹⁹⁸ Viana de Lima (1913-1991; EBAP: 1929-1941), autor reconhecido por uma série grande de projectos entre os quais destacamos a, entretanto demolida, Casa Honório de Lima (1939) e o Bloco Habitacional de Costa Cabral (1953).

ção Beaux-Arts, apoiada no desenho exigente das ordens clássicas e na teoria de Gaudet e de Ruskin”¹⁹⁹. “Nas aulas, a bibliografia francesa do século XIX – Blondel, Durand, Quatremère de Quincy, Charles Normand e Viollet-le-Duc acompanhava a clássica tratadística italiana de Vitruvius, Serlio, Vignola, nas edições de Sequeira, Palladio ou Scamozzi. Entretanto, é também criada a 3.^a cadeira auxiliar (Elementos da Geologia, História da Architectura, Archeologia), tendo como professores, em Lisboa, Sousa Viterbo (1884-1903) e depois José Pessanha (1903-1935). No Porto, só depois de 1911, se iniciou o ensino da História com Joaquim Vasconcelos (1913-17) e Aarão de Lacerda (1918-45).”²⁰⁰

“Esta geração frequenta as escolas em pleno período republicano, usufruindo já de uma nova mentalidade política e cultural que atravessa toda a sociedade, ainda que apoiada numa estrutura frágil. Apesar das deficiências imputadas às cadeiras científicas da Reforma de 1911, só a sua existência, aliada a alguns bons professores, poderá explicar o fácil acesso dos novos arquitectos, não só aos modelos do movimento moderno, como também às novas técnicas que o século XX generalizou. Neste sentido, a base clássica não foi inibidora de uma adesão significativa ao modernismo por parte dos jovens arquitectos, nascidos na última década do século XIX. Poderá, no entanto, explicar os percursos algo irregulares destes arquitectos, transitando com facilidade pelos diversos estilos, que o encomendador vai solicitando, desde o Clássico ao Moderno, passando pelo Português e pelo Art Déco.”²⁰¹

Além de Marques da Silva²⁰², e também no Porto, são professores importantes na formação destes arquitectos: António Bonfim Barreiros (1886-

¹⁹⁹ Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Architectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Architectura. Volume I. Departamento de Architectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2011, p. 94.

²⁰⁰ Idem, p. 92.

²⁰¹ Idem, p. 97.

²⁰² Januário Godinho dirá: “Nós não tínhamos nada senão o Professor (Marques da Silva) e ele, por seu lado, era um homem que sendo extraordinariamente inteligente com um poder de crítica invulgar, tinha o mérito de, de modo nenhum, pesar nos alunos com a sua própria personalidade, a sua grande cultura arquitectónica e de modo geral tinha uma maneira de explicar que era sempre pela palavra e falando sempre de uma forma genérica. [...] O Marques da Silva, sendo um homem extraordinariamente fino, fazia esta coisa de (e que algumas pessoas fazem), que é muito curioso, é que ele chegava às 5 da

1977), Engenheiro; António Carneiro (1872-1930), Pintor; e, finalmente, Aarão de Lacerda (1890-1947), Historiador.

Salientamos o facto de, eventualmente por razões económicas, Rogério de Azevedo, ao contrário de alguns colegas seus contemporâneos (como Manuel Marques que, depois de terminada a guerra, parte como bolseiro para Paris), não ter frequentado a École,²⁰³ enquanto complemento da formação, como era bastante comum na época. Frequenta, no entanto, a Escola de Belas Artes do Porto num período de transição marcado pela presença de alguns docentes prestigiados pela sua erudição e cultura e determinado, também, pelo ambiente difundido pelas *Beaux-Arts* de Paris.

Termina a parte curricular dos estudos na EBAP em 1922, com 24 anos. O diploma de Arquitecto conferido, por norma, após tirocínio em *atelier* de arquitectura, data de 12 de Fevereiro de 1926, três meses antes do golpe militar que poria fim à República e levaria à implantação de um regime ditatorial em Portugal.

tarde... que era a hora em que fechavam as aulas...! Os professores naquele tempo andavam todos de fraque cinzento, era habitual... ele dava aulas, aos alunos que ele distinguiu, aulas notáveis... aos outros, ele não ligava absolutamente nada! Nós víamos os colegas dos anos anteriores a resolver aqueles programas muito grandes de arquitectura, usava-se naquele tempo, aqueles grandes programas que vinham da escola de Paris, que ele dava, que eram sempre umas coisas muito grandes, umas machines terríveis muito grandes, umas embaixadas... como diabo é que eles conseguiam inventar aquelas coisas, enormes, com muitas colunas (copiados de livros da escola francesa, o antigo club?), o que havia era o sentimento de que tudo aquilo não podia ser! Agora Como? Bom, é nessa altura que eu fundei uma biblioteca na escola que se chamava a biblioteca dos antigos e actuais alunos de arquitectura... o professor Marques da Silva cedeu-nos um gabinete e com cotizações começámos a mandar vir livros e revistas [...]” Januário Godinho, in Seminário/Conferência proferida em 6 de Junho de 1979 na ESBAP. Gravação áudio convertida em texto na sequência da presente investigação, Centro de Documentação da FAUP.

²⁰³ “A Meca das artes de então”, ou, “O centro artístico universal de então”, como lhe chama o próprio Rogério de Azevedo valorizando claramente esta escola, in Rogério de Azevedo, “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI série, n.º 11, Porto, Novembro 1969, p. 334.

Tirocínio com José Marques da Silva

Marques da Silva registava nas agendas, que foi tendo regularmente ao longo da sua vida, as presenças e ausências dos seus colaboradores no atelier. Pela sua consulta, nem sempre de fácil decifração,²⁰⁴ foi-nos possível confirmar que, na agenda de 1925 (e não nas dos anos anteriores), a presença e número de horas de trabalho de Rogério de Azevedo são assinalados [●2|2]. Assim, poderíamos presumir que teria colaborado nos projectos que nesse ano se produziram, nomeadamente: o projecto para a Zona VI da avenida dos Aliados no Porto, que incluía o edifício Sede de *O Jornal de Notícias*, o primeiro projecto para a Casa de Serralves (de recuperação/restauro da antiga casa existente) e o projecto para o Prédio na rua Alexandre Braga, também, no Porto [●2|3 e 2|4].

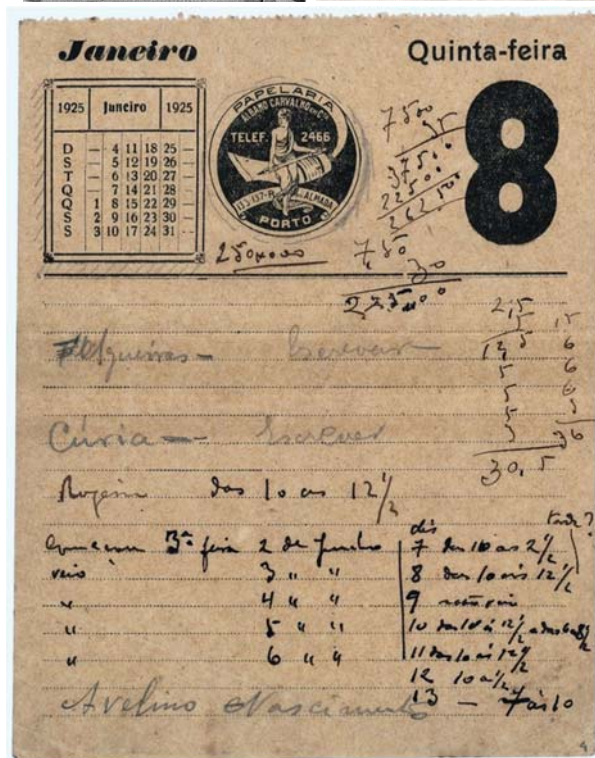
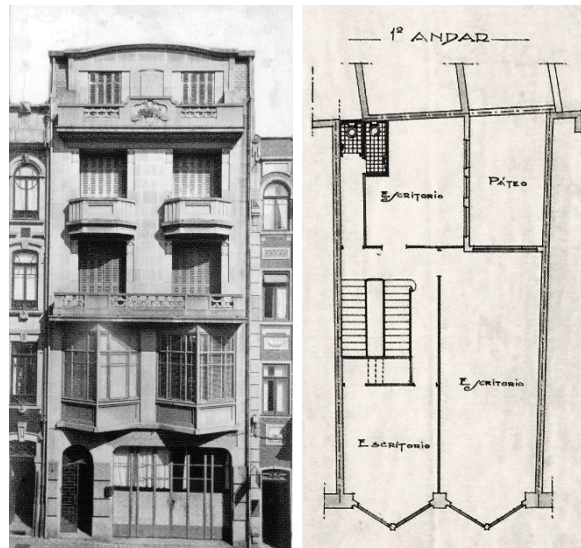
No entanto, a dúvida surge quando, no texto que Rogério de Azevedo publica no jornal *O Tripeiro*²⁰⁵, aquando do Centenário do Nascimento de Marques da Silva, nos diz que o “remate das obras” da construção do Teatro de São João coincidiu com a sua entrada para o escritório “onde ia estagiar”. A obra do Teatro de São João terá terminado em 1918, embora a inauguração só tenha acontecido em 1920. Rogério de Azevedo esclarece que “a única colaboração que prestou nesta grande obra que coincidia com o primeiro trabalho, na vida real, feito por ele sob a direcção do Mestre, foi [o desenho da] planta dos lugares para a bilheteira do teatro [...]”. Refere também que, neste *atelier*, trabalhou “nos dois Liceus, sendo que o Alexandre Herculano já estava muito adiantado quando ingressou no escritório do Mestre. O projecto do Rodrigues de Freitas foi levado para Lisboa [por ele e] por incumbência do Mestre, em 1918”.²⁰⁶ Mais à frente, refere que trabalhou, ainda, no edifício de “‘A Nacional’, no gaveto da avenida dos Aliados e rua da Fábrica [...]”. O projecto para este edifício, terá tido o seu início em 1919. Sendo assim, tudo leva a crer (e de facto preenche para nós um hiato temporal) que terá

²⁰⁴ No arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva.

²⁰⁵ Rogério de Azevedo, “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI série, n.º 11, Porto, Novembro 1969.

²⁰⁶ *Idem*, p. 347.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Tirocínio com José Marques da Silva

- 2|2. Casa na rua Alexandre Braga. Porto. Arq. Marques da Silva. 1925-28 (fot. de Teófilo Rego. 1953)
- 2|3. Casa na rua Alexandre Braga. Porto. 1925-28 (desenho de Marques da Silva, planta do 1º andar)
- 2|4. Página da agenda de José Marques da Silva. Registo de horas de trabalho de Rogério de Azevedo. 1925

feito este tirocínio quando termina o curso da Academia de Belas Artes (1917) e antes de voltar a inscrever-se no Curso da Escola de Belas Artes (1920). Fica por explicar o apontamento das horas de trabalho, por Marques da Silva, em 1925. Talvez, e parece-nos agora bastante credível, que Rogério de Azevedo tenha voltado a ser seu colaborador mais tarde (nos projectos já referidos), em 1925, antes de lhe ser conferido o diploma de Arquitecto que, realmente, só data de 1926.

Julgamos que, muito provavelmente, Rogério de Azevedo tenha colaborado no projecto para o edifício da rua Alexandre Braga, pelas afinidades patentes em obras que projectará alguns anos mais tarde, nomeadamente, no edifício do gaveto da rua de Santa Catarina com a rua da Firmeza, projectado em 1933.

Discípulo de José Marques da Silva

Nestas e em outras obras verificamos que Rogério de Azevedo tira partido da herança deixada pelo seu Mestre, respeitando os seus ensinamentos, seleccionando-os criticamente, permitindo-se, ao mesmo tempo, renovar e acrescentar, combatendo assim a estagnação – porque era seu desígnio a “continuidade na pesquisa” e “o acrescentamento”.²⁰⁷

Identificámos, desta forma, Rogério de Azevedo como discípulo assumido e de eleição de Marques da Silva. Encontramos no seu pensamento, partindo da leitura dos seus escritos, da sua obra arquitectónica e do seu ensino, a herança na continuidade de alguns dos contributos essenciais legados pelo Mestre. Destacamos o profundo saber sobre os princípios e fundamentos da tradição clássica como suporte operativo do conhecimento arquitectónico e a sua aplicação prática “sem dogmatismos”. Reconhecemos, também, que “a atenção dada à planta” e a sua importância no desenvolvimento do projecto, como legado do ensino *Beaux-Arts* transmitido por Marques da Silva é, a maior parte das vezes, condição importante do projecto. Reconhecemos igualmente, que o ambiente de liberdade proporcionado aos alunos (que não

²⁰⁷ Retomando a ideia de “Tradição” explicada por Marques da Silva e Rogério de Azevedo anteriormente neste capítulo.

significava “o livre arbítrio”) lhes dá abertura para a criatividade, desenvolvendo neles o espírito crítico e, ensinando-lhes, também, o gosto pelo rigor, pela ordem e pelo valor disciplinar da arquitectura. Ficar, assim, aberto o caminho para o eclectismo e, conseqüentemente para a modernidade.

Marques da Silva conduz os seus alunos através de uma visão culta de um mundo abrangente que não se confina ao “pequeno”, ainda provinciano e pouco cosmopolita círculo cultural da cidade do Porto daquele tempo. Verificaremos, ao longo da nossa investigação, de que forma as referidas questões se reflectem, com maior ou menor intensidade, na obra de Rogério de Azevedo e o modo como, sem trair a ideia de tradição, nos parece querer dar um passo em frente e contribuir para a evolução em relação à obra do Mestre.

Embora se apontem algumas quezílias que, no campo profissional, terão tido ao longo das suas vidas, não é por acaso que, tanto na ocasião da morte como, também, do aniversário do nascimento de Marques da Silva, é Rogério de Azevedo o escolhido, pelo tão prestigiado jornal na época *O Tripeiro*, para fazer os respectivos elogios. Escreve então, em 1947 (com 49 anos) e, vinte e dois anos depois, em 1969 (com 71 anos), dois longos textos que nos dão conta da sua real admiração pelo antigo professor,²⁰⁸ assinalando que as palavras que dirá “não serão infelizmente brilhantes, mas levarão em si a marca de sincera gratidão do mais modesto mas muito reconhecido discípulo que teve a dita de ouvir de perto os seus conselhos, porque privou com ele na intimidade”²⁰⁹.

Colocando-se claramente à margem daqueles que, talvez por pertencerem a uma geração mais jovem, não compreenderam o Mestre e, fazendo alusão certamente ao jantar feito no Palácio de Cristal aquando da jubilação

²⁰⁸ Bernardo Ferrão fará, vinte e nove anos depois, em 1998, o elogio a Rogério de Azevedo numa cerimónia organizada pela Câmara Municipal do Porto assinalando os 100 anos do seu nascimento. O texto, lido por Bernardo Ferrão nesta ocasião, embora não tenha sido publicado, existe em cópia oferecida ao seu tio, Fernando Távora, na Fundação Instituto Marques da Silva. Bernardo Ferrão. “Rogério de Azevedo, um arquitecto portuense entre o Modernismo e o Regionalismo (1898 –1983)”, in FIMS/FT/5004.

²⁰⁹ Rogério Azevedo, “Arquitecto Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano III, V série, n.º 2, Junho 1947, p. 25.

deste professor da Escola e no qual Marques da Silva se terá comovido até às lágrimas no discurso que fez perante “tantos antigos alunos ali reunidos, alguns já avós, de cabelos brancos [...]”,²¹⁰ expressa criticamente:

“Foi necessário o dobrar do tempo para que aqueles que mais o contestaram viessem a confessar o seu engano. Foram os próprios contestadores que, passados anos, organizaram um jantar de homenagem ao Mestre onde, aos brindes, confessaram publicamente o seu erro [...]”²¹¹

Talvez Rogério de Azevedo se referisse, também, ao grupo de arquitectos que, como discípulos, surgem com ele na Exposição póstuma organizada em sua homenagem, em 1953. Nesta exposição, no 84.º ano do seu nascimento, homenagem da “Escola Superior de Belas Artes do Porto, da Academia Nacional de Belas Artes, do Sindicato Nacional dos Arquitectos e de alguns dos discípulos do Mestre”, participam, como “Discípulos”, trinta e três arquitectos²¹² de várias gerações e muito diferentes quanto ao seu posiciona-

²¹⁰ Idem, p. 26.

²¹¹ Idem, ibidem.

²¹² Agostinho Ferreira de Almeida (1913-?; EBAP: 1928-1946); Agostinho Ricca Gonçalves (1915-2010; EBAP: 1932-1941); Alfredo Duarte Leal Machado (1903-1971; EBAP: 1921-1932); António Júlio Teixeira Lopes (?-?; EBAP: 1919-1926); António Maria Cândido de Brito (1904-1989; EBAP: 1921-1926); António Soares Carneiro júnior (1910-1966; EBAP: 1927-1947); Arménio Taveira Losa (1908-1988; EBAP: 1925-1941) e Cassiano Barbosa (1911-1998; EBAP: 1928-1944); «ARS» - Fernando da Cunha Leão (1909-1990; EBAP: 1926-1942), Fortunato Cabral (1903-1978) e Mário Cândido Moraes Soares (1908-1975); Artur de Almeida Júnior (1902-?; EBAP: 1915-1927); Bernardino Basto Fabião (1912-?; EBAP: 1927-1941); Bruno Alves Reis (1916-1984; EBAP: 1922-1936); Carlos Henriques da Silva Neves (1916-?; EBAP: 1935-1947); Celestino Pereira Leite (1909-?; EBAP: 1928-1941); David Moreira da Silva (1909-2002; EBAP: 1921-1929) e Maria José Marques da Silva Moreira da Silva (1914-1996; EBAP: ?-1943); Eduardo Raul da Silva Martins (1906-?; EBAP: 1925-1940) e Manuel da Silva Passos Júnior (1908-?); Ernesto Camilo Korrodi (1905-1965; EBAP: 1925-1931); Fernando de Sá e Santos Ferreira (1914-?; EBAP: 1930-1942); Homero Ferreira Dias (EBAP: 1921-1929); Januário Godinho de Almeida (1910-1990; EBAP: 1925-1941); Jerónimo Ferreira Reis (EBAP: 1933-1945); José António M. Sequeira Braga (1913-1980; EBAP: 1933-1945); José Fernandes da Silva (1900-?; EBAP: 1914-1925); José Maria Moura da Costa (1911-?; EBAP: 1929-1945); Júlio José de Brito (1896-1965; EBAP: 1910-1924); Manuel Marques (1890-1956; EBAP: 1902-1913; Paris: - 1930); Mário Augusto Ferreira de Abreu (1908-1996); Ricardo Guilherme Spratley (1905-1932); Rogério dos Santos Azevedo (1898-1983; EBAP: 1912-1926)

mento, até do ponto de vista ideológico, perante a arquitectura. A representação destes “Discípulos” na exposição, muito provavelmente escolhidos pela Comissão Organizadora²¹³, da qual fazem parte, entre outros, Rogério de Azevedo e o então director da Escola, Carlos Ramos, reproduz de forma abrangente e clara a diversidade da produção arquitectónica que a herança do Mestre e o seu ensino permitiu, indo de encontro, julgamos nós, àquilo que seriam, muito provavelmente, as suas ambições. A selecção de obras que Rogério de Azevedo fará para se representar a si próprio nesta exposição²¹⁴ reflecte, além do aspecto referido, a diversidade perceptível dentro do conjunto da sua própria obra, tema que procuraremos aprofundar no decorrer desta investigação.

Rogério de Azevedo dirá aquando da morte do “Mestre” e, talvez, pensando já no seu próprio percurso:

“Pode não haver unanimidade na apreciação da obra de um Artista e ele esperá-la, mesmo para além do túmulo; mas que importa a unanimidade se nem no milagre visível da Criação todos

²¹³ Constituída por: Mestre Joaquim Lopes (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto e Delegado da Academia Nacional de Belas Artes), Arq. Carlos João Chambers Ramos (Professor e Director da Escola Superior de Belas Artes do Porto), Arq. Homero Ferreira Dias (Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos, Secção Distrital do Porto), Arq. Júlio José de Brito (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto), Arq. Manuel Marques (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto), Arq. António Maria Cândido de Brito (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto), Arq. António José de Brito e Cunha (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto), Arq. David Moreira da Silva (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto), e, Rogério dos Santos Azevedo (Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto).

²¹⁴ 1 – Prédio Maurício (de Rendimento) no Porto (n.º de ordem 52) 2 – Câmara Municipal da Póvoa do Lanhoso (n.º de ordem 53); 3 - Bairro Residencial para o Campo 24 de Agosto, Porto (modelo) (n.º de ordem 61); 4 - Abrigo dos Pequenininos, Porto. (n.º de ordem 111); 5 – Hotel Infante Sagres, Porto (n.º de ordem 112); 6 – Garagem de *O Comércio do Porto* (em colaboração com o Arq. Baltazar da Silva Castro) (n.º de ordem 113); 6 - Pousada do Marão. (em colaboração com o Arq.to Januário Godinho de Almeida) (n.º de ordem 118) 7- Edifício do Jornal *O Comércio do Porto* (em colaboração com o Arq. Baltazar da Silva Castro) (n.º de ordem 135); Fábrica de Vila-Flor, Guimarães (n.º de ordem 136).

A ordem da numeração é dada pela informação fornecida pela FIMS, Fundação Instituto Marques da Silva, “Fotografias ampliadas relativas à exposição “Marques da Silva: Exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seus discípulos, homenagem promovida pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, com a colaboração da Academia Nacional de Belas Artes e do Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1953”.

crêem? Marques da Silva fica esperando que alguém, livre da gratidão humana que pode trair a justiça, ultrapassando-a, lhe consagre as palavras que a história da Arte fixará para os vindouros. A matéria morre, o espírito não.”²¹⁵

O tratamento das questões referidas, na aproximação à produção de Rogério de Azevedo, permite refletir sobre o significado de uma obra muito diversificada, na qual se sustentam diversas atitudes, conceitos, expressões formais e plásticas que nos dão indícios sobre o compromisso com a circunstância, no desenvolvimento de cada projecto. Questões como o lugar, o cliente, o programa, a relação de escala com a envolvente, a proporção, a técnica, o ornamento, os valores simbólicos e de representação vão condicionando, naturalmente, o resultado plástico e formal da arquitectura. Esta diversidade, aparentemente surpreendente, irá caracterizar o conjunto da sua obra.

Início da actividade profissional

Na mesma época em que colabora com Marques da Silva inicia a sua actividade como profissional liberal independente.

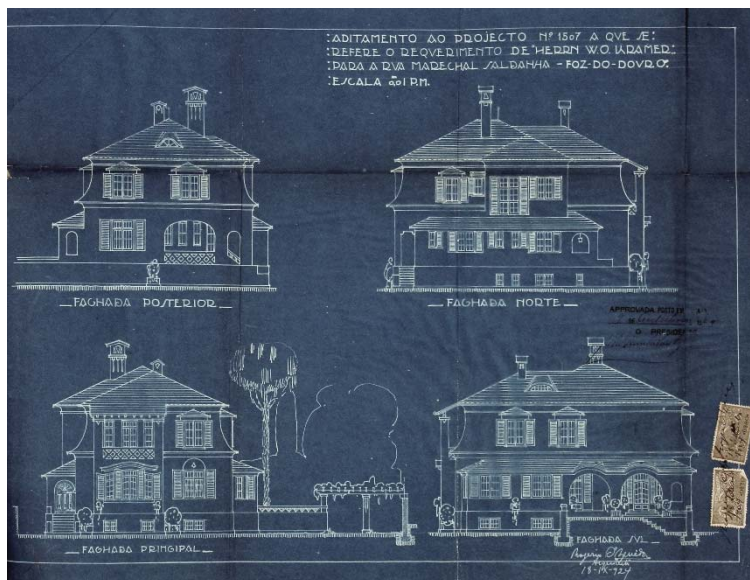
Os primeiros projectos por si autenticados e com pedidos de licenciamento na Câmara Municipal do Porto datam de 1923. Trata-se de projectos de pequenas dimensões: dois para moradias unifamiliares e outros dois para edifícios de cariz industrial, sem grande relevância.²¹⁶

Em 1924, Rogério de Azevedo apresenta na Câmara Municipal do Porto, com pedido de licenciamento, o projecto de uma “Casa para o Sr. W. O. Kramer, que, no terreno sito na rua Marechal Saldanha – Porto – pretende construir” [●2|5]. Os processos associados a este cliente e a este terreno são vários e o seu enredo torna-se difícil de compreender por faltarem elementos que permitam uma leitura cronológica e completa dos acontecimentos. O que nos parece ser um facto é que esta casa, assinada por Rogério de Azevedo, nunca terá sido construída já que, no respectivo terreno, uma moradia com

²¹⁵ Rogério Azevedo, “Arquitecto Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano III, V série, n.º 2, Porto, Junho 1947, p. 26.

²¹⁶ Consultar o Volume Anexo para informações complementares.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Início da actividade profissional

- 2|5. Projecto para casa na Rua Marechal Saldanha. Porto. Rogério de Azevedo. 07-1924
- 2|6. Aditamento ao Projecto para casa na Rua Marechal Saldanha. Porto. Rogério de Azevedo. 21-08-1924
- 2|7. Aditamento ao Proj. R. Marechal Saldanha. "Memória". Rogério de Azevedo. (rejeitada). 21-08-1924
- 2|8. Aditamento ao Projecto para casa na Rua Marechal Saldanha. Porto. Rogério de Azevedo. 18-09-1924

diferente projecto foi edificada. De forma um pouco enigmática, porque afastando-se das referências que seguia até então e, principalmente, daquilo que mais tarde veio a desenvolver, surge-nos, a casa para a Foz do Douro que nos remete para referências vindas de países nórdicos ou anglo-saxónicos. O desenho da casa “transporta-nos”, obviamente, para os códigos formais praticados, no início do século, nos países do Norte da Europa e muito difundidos, fundamentalmente, a partir da publicação em 1904-05 do *Das englische Haus*²¹⁷ por Hermann Muthesius (1861-1927). Diríamos que, talvez, o cliente Wilhelm Oscar Kramer, de origem aparentemente alemã, terá influenciado o arquitecto na escolha da imagem para a edificação e, possivelmente, trazido para Portugal algumas das muitas publicações ligadas à arquitectura, que então se produziam. O livro que Muthesius publica na Alemanha em 1905-07, na sequência do anterior, *Landhaus und Garten*, terá sido muito difundido pela Europa, inspirando, assim, muitos dos arquitectos da época, nomeadamente aqueles que se encontravam em princípio de carreira, como Rogério de Azevedo. Estes reflexos que transparecem claramente neste projecto de início de percurso profissional, sentir-se-ão, também, em projectos futuros, embora de forma menos óbvia²¹⁸ [●2|9 a ●2|14].

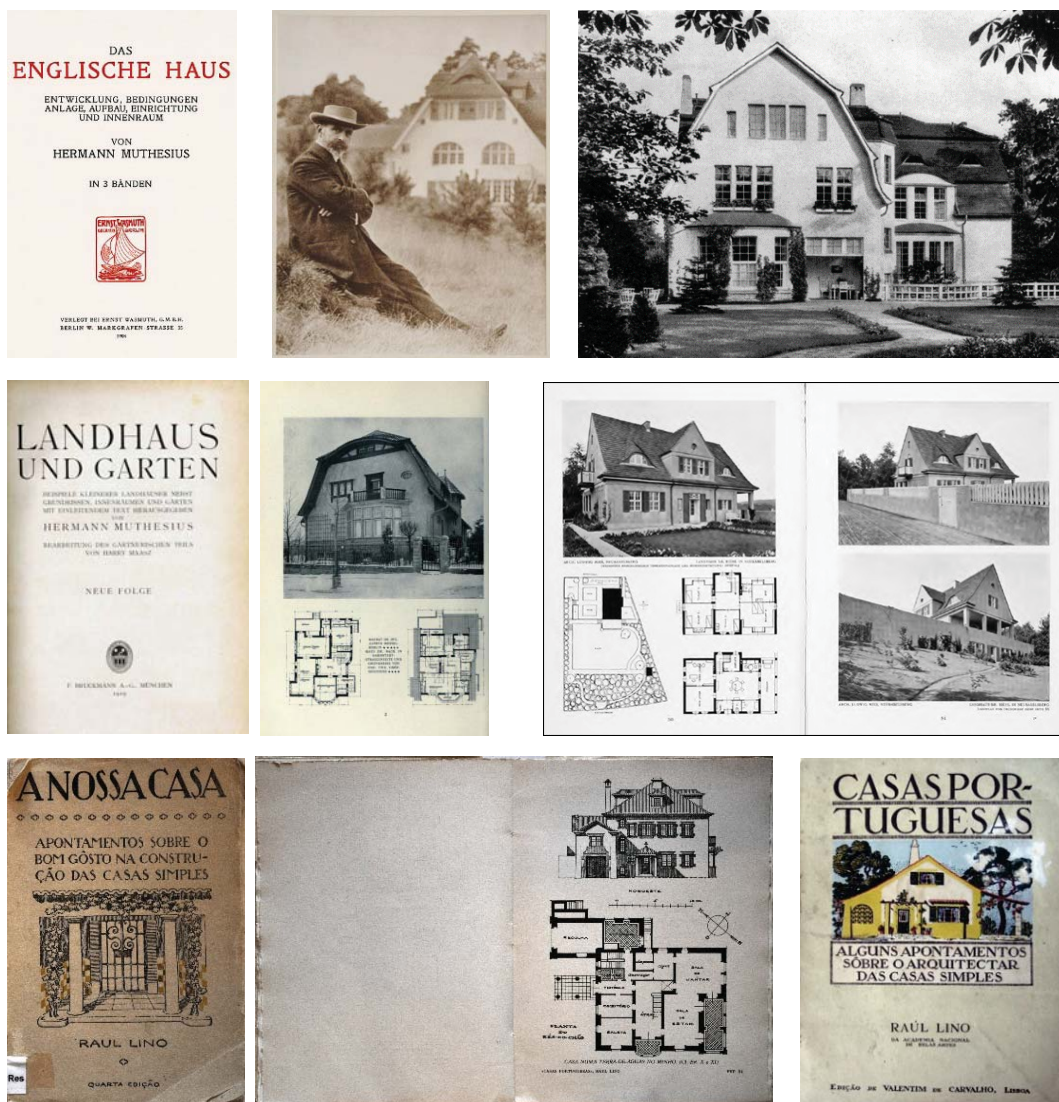
A partir do processo de licenciamento sabe-se que o projecto foi, pelo menos por duas vezes, reprovado pela Comissão de Estética²¹⁹ – em Julho de

²¹⁷ Desenvolvido a partir do levantamento e estudo exaustivo sobre a arquitectura doméstica inglesa. Muthesius viveu em Londres entre 1896 e 1903.

²¹⁸ Não se confirma, da reconstituição feita daquilo que eventualmente seria a biblioteca de Rogério de Azevedo, que ele tivesse os livros de Muthesius. No entanto, as imagens chegavam, também, através de reproduções inseridas noutras publicações e nas revistas da especialidade que, essas sim, sabemos que Rogério de Azevedo possuía.

²¹⁹ “A Comissão é criada em 1913 e o seu primeiro regulamento data de 8 de Maio desse ano. Inicialmente, era constituída pelo Presidente da Câmara, Diretor da Escola de Belas Artes do Porto e, como secretário, vice-secretário e vogais, Acácio Lino, José Teixeira Lopes, António Teixeira Lopes, Júlio Ramos e João Grave, que reuniam semanalmente para dar parecer sobre os projectos que lhes eram submetidos. A partir de 1923, passam a fazer parte desta comissão representantes da Associação dos Engenheiros Cívicos do Norte de Portugal, da Sociedade de Arquitectos do Norte e o engenheiro-chefe da Secção de Edifícios da CMP. Em 1934, a Comissão de Estética da cidade do Porto é extinta e é criado, em sua substituição, o Conselho de Estética e Urbanização”, em “Acta da Comissão Administrativa: 1934-02-22 - AHMP, A-PUB/227, f. 101-101v”, “Comissão de

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Início da actividade profissional

- 2|9. Capa livro de Muthesius, *Das Englische Haus*. 1904-05.
- 2|10. Retrato de Hermann Muthesius em frente a sua casa em Berlim por volta de 1910.
 - 2|11. Casa Bernhard, Hermann Muthesius. 1905-06
 - 2|12. Capa do livro de Muthesius, *Landhaus und Garten*. 1905-07
 - 2|13. Página do livro de Muthesius, *Landhaus und Garten*. 1905-07
- 2|14. Ludwig Mies van der Rohe, Riehl House, Neubabelsberg, Germany, 1906-07. [em, Hermann Muthesius, *Landhaus and Garten*]
 - 2|15. Capa do livro de Raul Lino, *A Nossa Casa*. 1924
 - 2|16. Página do livro de Raul Lino, *A Nossa Casa*. 1924
 - 2|17. Capa do livro de Raul Lino, *Casas Portuguesas*. 1933

1924, novamente em Agosto do mesmo ano e submetido de novo a esta Comissão em Setembro.

Na “Memória” que consta no primeiro aditamento ao projecto, Rogério de Azevedo afirma que com o novo desenho estará resolvido o problema colocado pela Comissão que se relacionava com o facto de a “fachada ser pobre”²²⁰. Afirma então o arquitecto:

“Com o presente desenho já não acontece isso pois que as esculturas coloridas (baixos relevos) que se aplicarão, além dos ornatos coloridos, contribuirão para enriquecer a fachada bem como todo o edifício. Apesar do estilo ser de carácter simples, predominando as grandes linhas à profusão de ornamentos, este conjunto não desmerecerá nem fugirá muito do carácter.”²²¹

A “Comissão” dá entender, pela cruz que faz a lápis sobre este texto e também sobre o desenho (além de sublinhados e pontos de interrogação) [●2|7], que Rogério não terá entendido a razão de fundo para a reprovação do projecto. A “Comissão” regista, agora, que a reprovação se deve ao facto de não “ir de encontro á orientação estética seguida nas construções citadinas do nosso meio”²²². Na “Memória” e desenhos que apresenta um mês mais tarde, referindo-se ao facto de a Comissão ter “consentido que se fizessem apenas alterações nas fachadas”, Rogério refere que “modificou toda a linha geral do edifício de modo a tirar a impressão das architecturas do norte, embora se tenha conservado a planta tal qual estava [esperando agora que se] satisfaçam as condições estéticas exigidas”²²³. Os desenhos de projecto que, da primeira

Estética da Cidade do Porto. 1913-1934”, pesquisa de Unidades documentais, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto. <http://gisaweb.cm-porto.pt/creators/37372>.

²²⁰ Rogério de Azevedo, in “Memória Descritiva” constante no processo de Licenciamento da obra. In Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 1667/1924. Cota/Localização: D-CMP/9 (439), f. 361.

²²¹ Idem, *Ibidem*.

²²² Pela “Comissão de Estética”, em 29 de Julho de 1924, in processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 1667/1924. Cota/Localização: D-CMP/9 (439), f. 369 (verso).

²²³ Rogério de Azevedo, in “Memória Descritiva” constante no processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 1667/1924. Cota/Localização: D-CMP/9 (439), f. 365.

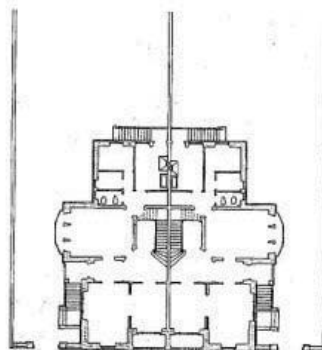
PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Fachada principal



Fachada lateral



Planta do rés-do-chão

Início da actividade profissional

- 2|18. Projecto moradias geminadas. Rua de Gondarém. Porto. Arquitecto José Marques da Silva. 1907.

versão para a segunda, não tinham sofrido grandes alterações, modificam-se nesta fase de forma significativa. As alterações introduzidas no novo desenho, na tentativa de o adaptar àquilo que é sugerido pela “Comissão”, afastando-o das referências que tinha (talvez sim, longínquas da nossa realidade), embora mantendo a planta e o desenho de alguns vãos, retira claramente ao projecto o carácter e força que nos parecia ter anteriormente [●2|8]²²⁴. O último piso perde altura para que os telhados diminuam a inclinação, passando, agora, o volume principal a ter um esquema de telhado de quatro águas. O material do telhado passa a ser claramente diferenciado em relação ao material que cobre as empenas do segundo piso. Os alçados, principal e posterior, ganham a demarcação dos pisos com beirais acentuados deixando de ser tratados como empenas unas. Deixa, também, de existir o interessante e equilibrado jogo entre massa e vazio. Embora o esquema geométrico da composição se mantenha no essencial, estas alterações produzem um enorme efeito no desenho que perde, assim, muito da sua qualidade inicial. O telhado contínuo da primeira proposta funcionava como elemento de ligação de discontinuidades da fachada. O desenho é agora confuso; proliferam elementos soltos (como pequenos telhados sobre as janelas e chaminés) e a casa perde o “caracter simples” que tinha inicialmente quando, como o próprio autor refere na primeira “Memória”²²⁵, era feito de “grandes linhas”.

A casa aproxima-se mais, agora, das casas representadas em algumas das estampas já publicadas desde 1918 no livro de Raul Lino (1979-1974) – *A Nossa Casa, Apontamentos sobre o bom gosto na Construção das Casas Simples* [●2|15 e ●2|16]. Esta edição foi ampla e propositadamente divulgada na época como, aliás, se pode comprovar pelas três reedições que, em apenas

²²⁴ A este respeito, damos como exemplo de uma “construção cidadina,” provavelmente considerada bem “inserida do nosso meio”, as moradias geminadas construídas anos antes (1907) por Marques da Silva na rua de Gondarém, ali muito próxima. [●2|18].

²²⁵ Rogério de Azevedo, in “Memória Descritiva” constante no processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 1667/1924. Cota/Localização: D-CMP/9 (439), f. 361.

cinco anos, se lhe seguiram e, onde foram sendo sempre acrescentados novos exemplos de edificações.²²⁶ Na “Nota da 4.^a edição”, Raul Lino esclarece:

“Desejava que nesta edição se continuasse a conservar o subtítulo primitivo (“A Nossa Casa”) visto que em nada se alterou a índole do livrinho destinado apenas a orientar aquelas pessoas de modestos recursos que se propõem construir uma casa para habitar e que, sentindo vagamente o contraste entre uma casa aprazível e uma que o não seja, desejem saber ao certo no que consiste esta diferença. [...]”²²⁷

Esta publicação, as que a antecederam e, mais tarde também, em 1933 (ano em que entra em vigor a Constituição Portuguesa de 1933, documento fundador do “Estado Novo”), a edição de *Casas Portuguesas, alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples* [●2|17] transformaram-se, pela sua intencionada e instrumentalizada divulgação pelo governo do Regime, em espécie de guias orientadores do “bom gosto” e do “bem construir” no “nosso meio”, questão que nos parece estar, também, relacionada com aquilo que eram as preocupações da Comissão de Estética naquilo que se referia ao caso da habitação em estudo.

A licença para construção é concedida passados vários meses, em 22 de Novembro de 1924, embora a casa correspondente àquele projecto nunca tenha sido construída.

Baltazar de Castro e a Faculdade de Medicina no Porto

Exerce actividade docente, no Porto e em Viseu, coincidindo com os primeiros anos de actividade profissional enquanto diplomado (a partir de 1926).

²²⁶ A primeira e segunda edição datam de 1918, a terceira de 1920 (?) e a quarta edição de 1923 (ano anterior ao licenciamento do projecto de Rogério de Azevedo para a rua Marechal Saldanha).

²²⁷ Raul Lino. *A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples*, 4.^a edição, Lisboa: composto e impresso na Ottosgrafica, 1924, p. 5 [1.^a edição 1918].

Nesta época terá trabalhado em diversos projectos em co-autoria com Baltazar de Castro (1891-1967)²²⁸. A amizade entre ambos terá tido início, muito provavelmente, durante os anos em que eram estudantes na Escola de Belas Artes do Porto.

Baltazar de Castro, sete anos mais velho, conclui o curso superior de Engenharia Industrial em 1919, depois de terminados, anteriormente, os cursos de Arquitectura Civil e de Desenho Histórico. Homem instruído e culto, desde logo é nomeado para cargos de destaque na Função Pública, inicialmente na Direcção de Obras Públicas do Porto e, mais tarde, em diversas delegações dos Edifícios e Monumentos Nacionais, onde acabou por ser Director dos Serviços de Monumentos da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais (DGMN), em Lisboa. Como Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, realiza diversas viagens internacionais para o estudo de alguns monumentos²²⁹ e, ao longo da sua vida, além dos projectos que desenvolve associadamente a Rogério de Azevedo, participa num vasto conjunto de estudos, projectos e intervenções que o colocam, neste âmbito, como figura cimeira do restauro do património arquitectónico português do século XX.²³⁰

²²⁸ A investigação que desenvolvemos centra-se na figura de Rogério de Azevedo. Sabemos que este colaborou e foi sócio de Baltazar de Castro, no Porto, pelo menos, até à data em que este último se mudou para Lisboa, em 1935, assumindo a Direcção Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais. Sendo assim, embora nem sempre seja referido o seu nome ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho, pensamos que, muitos dos projectos atribuídos a Rogério de Azevedo, poderão ter sido realizados, até 1935, em co-autoria com Baltazar de Castro.

²²⁹ Em <http://www.monumentos.pt> (Maio de 2013).

²³⁰ “Em 1919, Baltazar iniciou a carreira de funcionário público ao ser nomeado para o lugar de condutor de Obras Públicas, na Direcção de Obras Públicas do Distrito do Porto. Daí transitou, em Maio de 1921, para a Administração dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte. Anos mais tarde, em 1927, foi nomeado Arquitecto e colocado na Direcção-Geral de Belas Artes (3.^a Repartição-Monumentos e Palácios Nacionais, Secção Norte).

Em 1929, Baltazar foi transferido para a Direcção dos Monumentos do Norte, organismo da recém-criada Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e, no ano seguinte, foi indigitado diretor interino dos Monumentos do Norte.

Em 1936 fixou-se em Lisboa para assumir o cargo efetivo de Diretor dos Monumentos e, em 1947, com a reestruturação da DGEMN, foi nomeado Diretor do Serviço de Monumentos. Desempenharia este cargo por pouco tempo, uma vez que, em Dezembro do mesmo ano, abandonou em definitivo a DGEMN para se tornar Inspetor Superior de

O facto de Rogério de Azevedo ter sido aluno de destaque na Academia e Escola de Belas Artes e colaborador no prestigiado *atelier* de Marques da Silva, e, ainda, sócio de Baltazar de Castro, que ocupava cargos públicos importantes, terá certamente contribuído para que, desde muito cedo, tenha tido oportunidades de desenvolvimento de uma grande quantidade de importantes trabalhos para clientes diversos, públicos e privados, essencialmente na cidade do Porto, Viana do Castelo, Alijó e também na Póvoa de Varzim. Disto mesmo nos dá conta Januário Godinho, que durante alguns anos foi seu colaborador no *atelier*, quando esclarece que:

“Os seus grandes dotes de inteligência revelados nas mais diversas formas de expressão artística e cultural, aliados aos de excelente relacionamento humano e simpatia pessoal, granjearam-lhe, nos princípios da sua carreira como arquitecto, um enorme volume de encomendas.”²³¹

Em 1925, Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro são convidados, numa acção impulsionada pelo então Director da Faculdade de Medicina do Porto e, também, Ministro da Instrução Pública, Professor Alfredo de Magalhães, para elaborar uma proposta para a Ampliação e Reforma do edifício desta antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto. O processo relativo ao projecto de ampliação que nesta data se inicia terminará apenas dez anos mais tarde, quando a obra é concluída, em 1935. [●2|19]. O edifício, de gosto Neoclássico no exterior, em clara referência ao Hospital de Santo António, de John Carr é, talvez, a primeira grande obra de carácter público destes arquitectos. No seu interior encontramos um inesperado tratamento *art-déco* que nos proporciona espaços surpreendentes e nos remete para uma modernidade que bem se adequa aos seus fins.

A herança de Marques da Silva, obviamente sempre presente, não impedirá, cumprindo a intenção do próprio mestre, o progresso de Rogério de Azevedo que, mesmo nestes projectos de início de carreira, procurará, sem

Obras Públicas”. In *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*, “Baltazar Castro”, página internet da Universidade do Porto: <https://sigarra.up.pt>.

²³¹ Januário Godinho, em entrevista realizada por Teresa Fonseca em 1987.

gerar rupturas com o passado, adaptar-se em cada circunstância ao seu próprio tempo. Aqui, a tradição clássica manuseada sem dogmatismos e com intencionalidade prática, ajuda a justificar a leitura de um exterior não canónico que, com liberdade, contrasta com um interior de características diversas e permite prever, neste início de carreira, o sentido de evolução e de acrescentamento procurados. Parece-nos, assim, ser pertinente uma análise detalhada sobre este projecto e que, por isso, este venha a constituir, mais à frente neste trabalho, um dos casos de estudo daquilo que pretendemos aprofundar ou problematizar com referência da obra deste autor.

Edifício sede e garagem de *O Comércio do Porto*

Em 1927, Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro são convidados a desenvolver o projecto para o Edifício-sede do Jornal *O Comércio do Porto* a edificar na avenida dos Aliados. A execução do plano de Barry Parker para aquela “Nova Avenida” era então coordenada por Marques da Silva. Nele se estabeleciam regras que condicionavam de forma clara o desenvolvimento dos projetos dos edifícios que viriam a conformar a referida artéria.

“A variedade das sequências espaciais [...] criadas deveria ter como contrapartida a regularidade da edificação, assente na configuração geométrica do lote e no compromisso assumido pelo comprador de obedecer a projectos previamente elaborados ou com alterações de antemão combinadas, única forma de assegurar a harmonia do conjunto.”²³²

Cumprindo aqueles pressupostos, é adoptada, no edifício sede de *O Comércio do Porto*, uma linguagem que parece ter origem nos ensinamentos das *Beaux-Arts*, filtrados talvez, pela influência de Marques da Silva. Apesar deste vínculo, sente-se no seu desenho uma clara modernização daquela linguagem. Segundo António Cardoso, “o arquitecto desapega-se do estilo, li-

²³² Anni Günther Nonell. “Avenida dos Aliados” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Baltazar de Castro e faculdade de Medicina no Porto

Edifício sede e Garagem de O Comércio do Porto

- 2|19. Faculdade de Medicina do Porto_1925-35
- 2|20. Edifício Sede do Jornal O Comércio do Porto_1927-30
- 2|21. Garagem do Jornal O Comércio do Porto_1930-32

berta o ornato, reafirma-se «moderno», com a notícia das artes decorativas²³³. Cumprem-se aqui as regras estipuladas pelo plano para a avenida, utilizando um vocabulário e um desenho que produzem o efeito de monumentalidade desejada [●2|20].

Com a abertura da rua de Elísio de Melo como prolongamento da rua de Passos Manuel do lado poente da avenida e na continuidade do edifício anterior, é proposto pelo mesmo cliente, aos arquitectos, que projectem no terreno sobrance um edifício que ocupe o gaveto formado, também, pela rua do Almada. Como consequência, projecta, por volta de 1930, a surpreendente Garagem de O Comércio do Porto, obra emblemática representativa de uma primeira modernidade no nosso país. Embora se implante na continuidade do edifício sede do Jornal *O Comércio do Porto*, e seja claro o cuidado no desenho da transição entre ambos e ainda com os edifícios da rua do Almada, seus contíguos, na sua expressão plástica e espacial são empregues, aqui, alguns dos pressupostos modernos, criando um claro contraste com o edifício anterior, projectado apenas dois anos antes. Concluído em 1932, passará a constituir mais tarde a frente nascente da praça D. Filipa de Lencastre [●2|21].

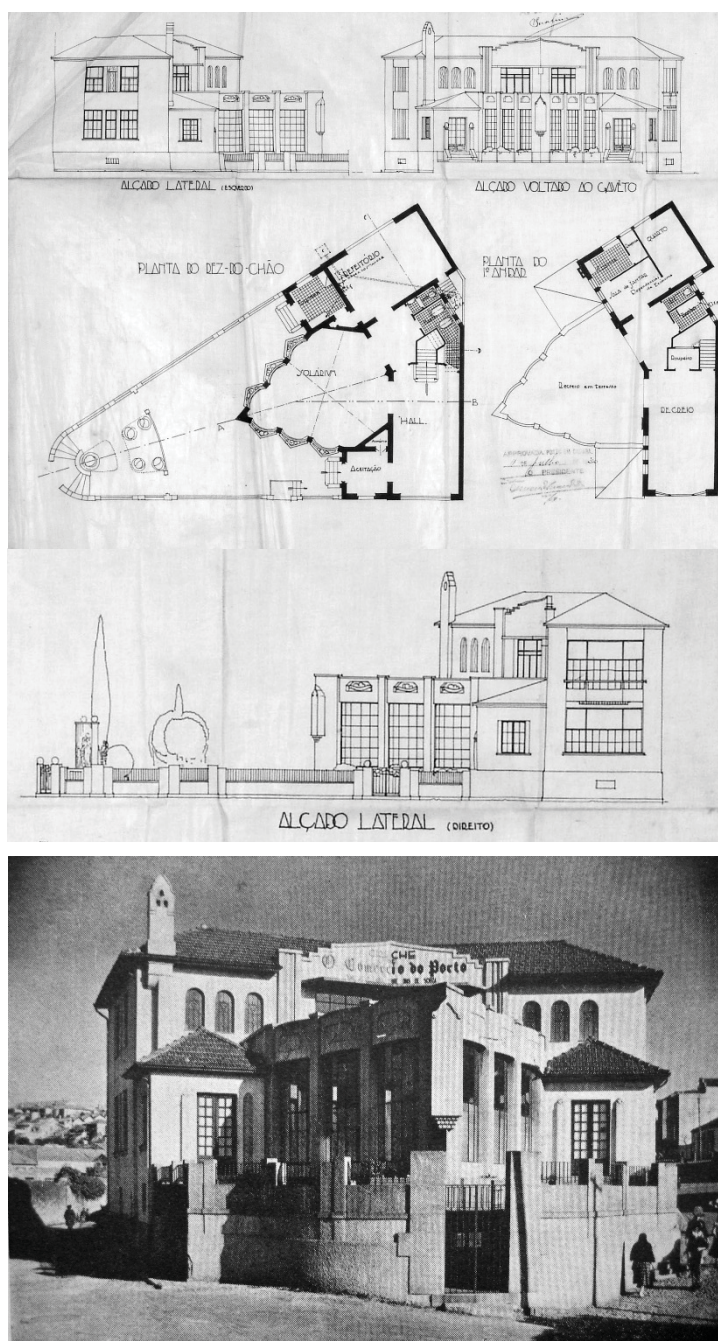
Vários foram os equipamentos de solidariedade social realizados pelo *Comércio do Porto*. Nesse âmbito, em 1930, a creche de *O Comércio do Porto* foi construída em terreno oferecido pela Câmara Municipal do Porto, e “financiada pelo capitalista António Dias da Silva e Sousa, [...], ficando a denominar-se ‘Filial n.º 2 – D. Laura Nobre Dias de Sousa’”²³⁴.

O terreno, de forma triangular, situa-se no gaveto formado pela avenida de Fernão Magalhães com a travessa da Póvoa. Um primeiro corpo com dois pisos, mais denso, daria continuidade às volumetrias preexistentes que coincidem com os alinhamentos dos dois arruamentos. Criando um forte contraste entre cheio e vazio, o volume do solário, de base triangular também,

²³³ António Cardoso (Comissão Executiva). Catálogo da Exposição: “*J. Marques da Silva, Arquitecto 1869-1947*”. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986, p. 23.

²³⁴ O Comércio do Porto. *O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1954.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Creche de O Comércio do Porto

- 2|22. Creche de o Comércio do Porto_desenhos de projecto_1930
- 2|23. Creche de O Comércio do Porto, fotografia da época.

mais baixo e “leve”, dada a transparência conferida pelos seus seis enormes envidraçados, ao mesmo tempo que desmaterializa o remate do quarteirão, sublinha a importância da esquina. No vértice do terreno procurou-se libertar algum espaço exterior. Na planta de licenciamento, essa intenção, que não veio a concretizar-se por redução dos limites iniciais, é bem patente.

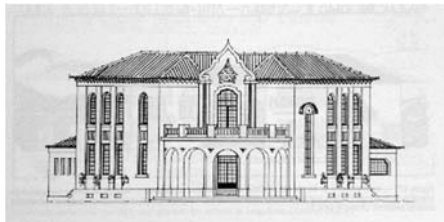
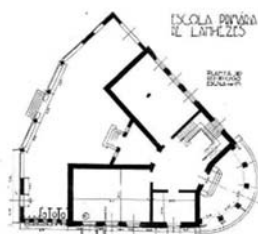
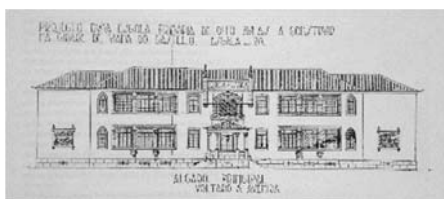
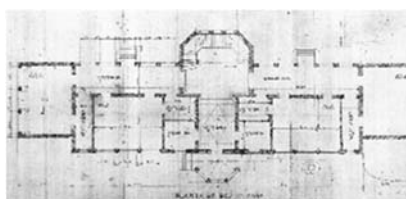
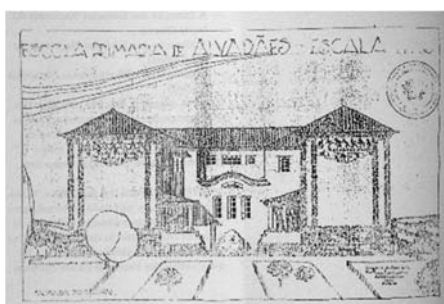
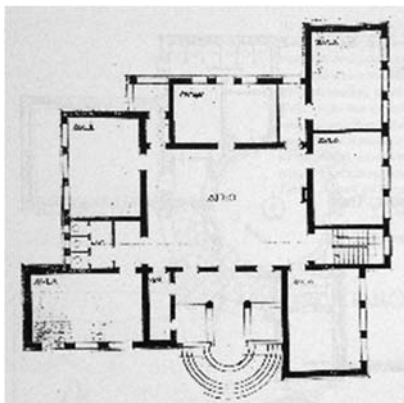
O tratamento plástico do edifício é, igualmente, rico de contrastes. Por um lado, são reconhecíveis as referências ao *art-déco*, na clareza do volume coberto com terraço, no desenho dos elementos ornamentais, na marcação das pilastras, no emprego e no carácter dos numerosos baixos-relevos ou, até, no desenho das caixilharias. Por outro, em aproximação a linguagens mais correntes à época, adoptam-se, em simultâneo, volumes mais maciços, com coberturas em telhado e vãos de desenho tradicional [●2|22 e 2|23].

As alterações introduzidas no edifício, como o encerramento de parte das citadas superfícies envidraçadas, a sua evidente degradação, a alteração da escala dos edifícios próximos, ou a modificação do desenho dos arruamentos, passeios e jardins que actualmente envolvem esta obra, como acontece na travessa da Póvoa, descaracterizaram profundamente aquilo que ela representava na sua época e que evocamos no presente texto.

Escolas Alfredo Magalhães. Escolas especiais. DGMN

“Nos primeiros anos da década de 30 o regime procurou implantar-se na sociedade rural, onde a realização de melhoramentos locais assumiu uma grande importância. Foi estabelecido um esquema de articulação entre o Ministério das Obras Públicas e o da Instrução, distribuindo as competências da construção escolar e remetendo para as autarquias, e para as populações, uma participação nas obras de 50% do seu valor [...]. Desta forma, nas localidades com certo poder de influência, e à margem do levantamento de necessidades realizado pelo Ministério da Instrução, construíram-se alguns edifícios escolares (projectos especiais). [...] Muitos dos edifícios escolares foram construídos por iniciativa popular, outros doados (ou comparticipados) por beneméritos mais ou menos altruístas. Este gesto foi incentivado pelo Estado que concedia aos doadores de edifícios o direito de indicarem a(s) pessoa(s) para a primeira colocação de professores no(s) lugar(es)

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Escolas Alfredo Magalhães. Escolas especiais. DGMN

- 2|24. • 2|25. Escola Infantil de Bragança_ 1933
 - 2|26. Escola da Gandra_ 1930
 - 2|27. Escola de Alvarães_ 1930
- 2|28. • 2|29. • 2|30. Escola da Avenida, Viana do Castelo_ 1928-30
- 2|31. • 2|32. • 2|33. Escola de Lanheses_ 1930-31

criado(s) para o funcionamento da escola. Fazendo-se obedecer a construção dos edifícios às normas técnicas e pedagógicas vigentes, a DGEMN vistoriava e dava parecer sobre as mesmas antes da sua doação ser aceite, havendo por todo o país exemplos destas ‘escolas de tipo indefinido’, construídas segundo o gosto e as possibilidades dos seus dadores.”²³⁵

Salientamos, no distrito de Viana do Castelo, a construção de uma série de edifícios escolares projectados por Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, construção essa que, em 1927, Alfredo de Magalhães²³⁶, enquanto Ministro da Instrução Publica autoriza, e que ficarão conhecidos como Escolas Dr. Alfredo Magalhães. A sua construção passará para a competência da recém-criada DGEMN em 1929, que terá a seu cargo, também, as Construções Escolares. Ao contrário das Escolas Primárias que mais tarde se construíram em série por todo o país nos anos 40, feitas com base em Projecto-Tipo Regionais²³⁷ (realizados por Rogério de Azevedo, no norte, e por Raul Lino, no Sul), aqueles edifícios são projectados diferenciadamente, de modo a adaptarem-se às respectivas condições particulares.

“Nas Escolas Dr. Alfredo Magalhães é variável o número de salas e há diferenças na traça de todos os edifícios. Foi-nos possível referenciar os projectos das escolas de Viana do Castelo, e o das escolas de Vila-Mou, Gandra e Alvarães (todas de 1930),

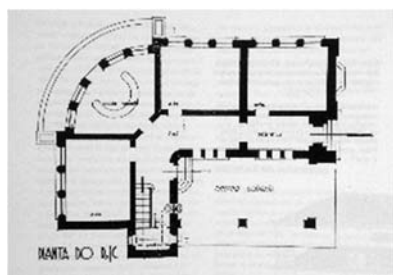
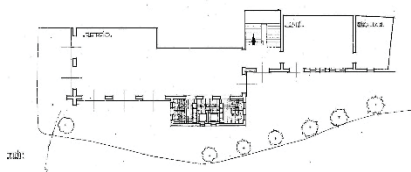
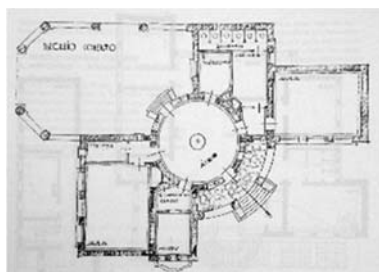
²³⁵ Jorge Cunha Pimentel. “Uma Escola chamada Salazar?” in *Januário Godinho, Leituras do Movimento Moderno* (Alexandra Cardoso, Fátima Sales, Jorge Cunha Pimentel – Coord.). Porto: CEAA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo. 2012, p. 81 e 82.

²³⁶ Alfredo de Magalhães, natural do Minho (Gandra-Valença), foi uma figura marcante no nosso País. Foi Governador Civil de Viana do Castelo em 1910-1911, foi Ministro da Instrução Publica entre 1917 e 1919 e, novamente, entre 1926 e 1928. Foi Professor e Director da Faculdade de Medicina e, também, Reitor na Universidade do Porto, cidade onde foi Presidente da Câmara, entre 1934 e 1936. Aparecerá associado a diversos projectos desenvolvidos por Rogério de Azevedo/Baltazar de Castro, já que algumas das encomendas que recebem são coincidentes nas datas em que Alfredo Magalhães exerce cargos públicos.

Rogério de Azevedo referirá publicamente, num artigo em *O Tripeiro*, que Alfredo de Magalhães “terá sido um dos grandes amigos que teve”. In Rogério de Azevedo, “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI Série, n.º 11, Novembro 1969, p. 347.

²³⁷ Vulgarmente designadas como “Escolas dos Centenários” (designação incorrecta como se explicará mais à frente).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Escolas Alfredo Magalhães. Escolas especiais. DGMN

- 2|34. • 2|35. Escola do Barrô, Águeda_1930
- 2|36. • 2|37. • 2|38. Escola-Cantina Salazar, Santa Comba Dão
- 2|39. Escola da Fonte Grossa, Sta. Marta de Portuzelo_1930
- 2|40. • 2|41. Escola do Soajo_1931-39

como sendo da autoria conjunta dos arquitectos Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo, dois nomes muito conceituados no Norte do País.”²³⁸

Além de Viana, Vila-Mou, Gandra e Alvarães, acrescentaríamos a este conjunto de projectos, porque também da mesma autoria, a Escola Primária de Fonte Grossa – Santa Marta de Portuzelo (1930) e a Escola Primária de Lanheses (1930-31).²³⁹ Salienta-se, neste grupo de seis escolas, um jogo formal e volumétrico invulgar que faz com que se distingam claramente no panorama geral deste tipo de edificações. A Escola Central de Viana do Castelo (1928-30) diferencia-se deste grupo, não só pela sua volumetria monolítica ao longo da nova avenida, mas também pelos aspetos formais e pelo uso de elementos decorativos de inspiração “manuelina” que nos remetem para um eclectismo/historicismo²⁴⁰ presente em muitas arquitecturas deste tempo, mas não característico da arquitectura de Rogério de Azevedo. Parece-nos, ao contrário daquilo que caracterizará a obra deste autor quando vista no seu todo, haver aqui uma espécie de indecisão problemática na escolha da expressão formal do edifício.

Estes autores ficarão associados também a outras construções escolares. Salientamos os projectos especiais (que Filomena Beja, na sequência das anteriores, intitula como “Escolas da Ditadura”) para a Escola Cantina Salazar em Santa Comba Dão, para a Escola Infantil de Bragança (1933), para a

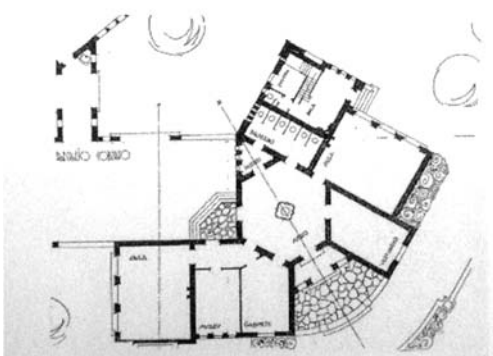
²³⁸ Filomena Beja et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990, p. 165.

²³⁹ Cf., Jorge Cunha Pimentel. “Uma Escola chamada Salazar?” in *Januário Godinho, Leituras do Movimento Moderno* (Alexandra Cardoso; Fátima Sales; Jorge Cunha Pimentel – Coord.). Porto: CEAA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo. 2012, p. 79.

²⁴⁰ “[...] o eclectismo na sua dimensão revivalista – i.e. com o intuito de fazer reviver os estilos históricos do passado – trouxe consigo o historicismo: “termo pejorativo criado na década de 1880 para a ênfase então dada à história. [...]. Os arquitectos imitavam regras e pormenores ornamentais, recorrendo a livros de arquitectura e às obras existentes nos museus”. (Pais da Silva, Calado, 2005, p. 195). Neste sentido, muitas, para não dizer a maioria das obras eclécticas são também de igual modo historicistas”.

In José Miguel Rodrigues. Entrada “Arquitectura, Eclectismos, Historicismos” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Volume I: A-E), Lisboa: Assembleia da República, 2014 (p. 184-186).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Escolas Alfredo Magalhães. Escolas especiais. DGMN

- 2|42. Casa dos Pequenitos. Alijó_1933
- 2|43. Casa dos Pequenitos. Alijó_1933
- 2|44. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó._1930-34. Desenho de R. de Azevedo
 - 2|45. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó._1930-34
- 2|46. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó._1930-34. Desenho de R. de Azevedo
 - 2|47. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó._1930-34

Escola Regional de Barrô, em Águeda (1930)²⁴¹ e, também, para a Escola Primária do Soajo (1931-39)²⁴² [●2|24 a ●2|41].

No âmbito deste tema e do autor em estudo, destacamos, também, a construção na Vila de Alijó, na sequência da doação de fundos por um benemérito local, da Escola-Cantina José Rufino (1930-34) [●2|44 a ●2|47]. No seguimento desta obra serão projectados pelos mesmos autores, e construídas nas proximidades do anterior edifício, uma creche, a Casa dos Pequenitos (1933)²⁴³ [●2|42 e ●2|43] e a Casa dos Magistrados (1937).

A Escola-Cantina, projectada para um terreno em gaveto, articula, num corpo central elevado, de planta hexagonal, outros volumes mais baixos que vão conformando, no espaço exterior, alguns pátios e alpendres. A formação de diversos volumes permite a desmaterialização de um programa com alguma dimensão, adaptando-se, assim, em termos de escala, ao meio em que se insere. Os vãos, encerrados por caixilharias em ferro, são de desenho linear, formando, nos diversos alçados do edifício, com alguma liberdade, composições diversas. O granito empregue na construção, tanto deste edifício como no da Casa dos Magistrados e da Casa dos Pequenitos, confere-lhes visibilidade e uma procurada imponência, destacando-se na vila.

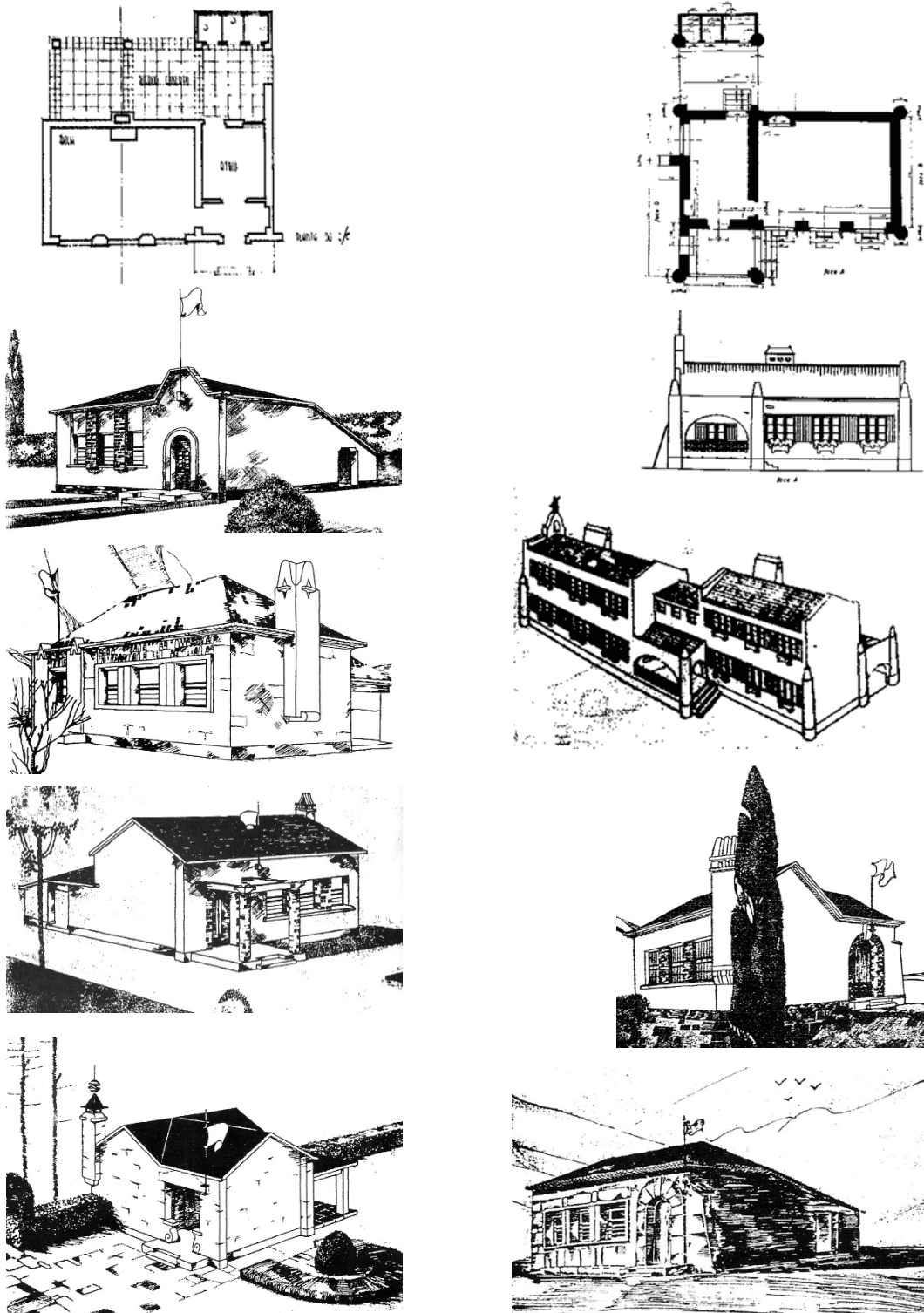
Além dos projectos de Rogério de Azevedo e de Baltazar de Castro que nos interessam particularmente, salientamos também, a importância de

²⁴¹ Este projecto de 1930, por questões financeiras não veio a ser construído. Seguiu-se-lhe um outro “projecto, simplificado, dos mesmos arquitectos, datado de 1931”. In Filomena Beja et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990, p. 174.

²⁴² O projecto data de 1931. Dificuldades financeiras “atrasaram muito o andamento da construção, não se tendo chegado a levantar o piso superior do edifício, abandonando-se também a intenção (inicialmente prevista no projecto) de abrir a escola infantil. Só em Outubro de 1939 a escola primária do Soajo começou a funcionar no seu novo edifício de 4 salas”. In Filomena Beja et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990, p. 171.

²⁴³ Financiada pelo Fundo de Desemprego, organismo criado na época na orgânica do Ministério das Obras Públicas, foi inaugurada em 1935. Conforme Filomena Beja et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990. p. 187.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Escolas primárias, projectos-tipo regional.

- 2|48. Tipo Minho_1 sala. Rogério de Azevedo
- 2|49. Tipo Minho_1 sala. Rogério de Azevedo
- 2|50. Tipo Beira Alta_1 sala. Rogério de Azevedo
- 2|51. Tipo Beira Litoral_1 sala. Rogério de Azevedo
- 2|52. Tipo Douro_1 sala. Rogério de Azevedo
- 2|53. Tipo Algarve_1 sala. Raul Lino
- 2|54. Tipo Algarve_1 sala. Raul Lino.
- 2|55. Tipo Algarve_4 salas. Raul Lino
- 2|56. Tipo Trás-os-montes_1. Rogério de Azevedo
- 2|57. Tipo Trás-os-montes_1 sala. Rogério de Azevedo

outros equipamentos escolares desenvolvidos pela DGEMN nesta época (entre 1930 e 1935), nomeadamente os de outros arquitectos, tais como Jorge Segurado (1898-1990)²⁴⁴, Rebelo de Andrade (1891-1969)²⁴⁵, Manuel Fernandes de Sá (1903-1980), entre outros.

Em 1935, os serviços da DGMN verificam, relativamente ao problema das Construções Escolares, “que o recurso a projectos especiais representava um considerável atraso e encarecimento das obras e, pretendendo um tipo de arquitectura diferente da concebida pela Repartição das Construções Escolares”²⁴⁶, procuram encontrar um sistema para a construção em série deste tipo de equipamentos. Neste sentido, esta Direcção, reportando-se a uma Memória²⁴⁷ já apresentada em 1933, “em que eram definidos os vários conceitos – entre eles o da regionalização – a que deveriam obedecer os edifícios escolares a construir em série pelo governo: os projectos deveriam ser concebidos «de harmonia com as características da arquitectura regional, impostas, não só pela aplicação dos materiais próprios dessas regiões, como também pelas variações do clima»”²⁴⁸. São também dadas orientações para a concepção das

²⁴⁴ “Para edifícios escolares os trabalhos mais conhecidos de Jorge Segurado são, talvez, os Liceus de Lamego e Normal de Coimbra (executados em parceria com Carlos Ramos e Adelino Nunes). No entanto, o próprio arquitecto ainda hoje considera relevantes algumas das suas escolas primárias: - Edifício escolar para a cidade de Estremoz (1931); Edifício escolar para a Vila de Pombal (1932); Projecto-tipo para as escolas primárias do concelho de Cascais (1931); Escola Central Infante D. Henrique, Angra do Heroísmo (1933) e, Edifício do Bairro Social Arco do Cego, em Lisboa (1932)”.

In Filomena et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990. p. 177.

²⁴⁵ Guilherme Rebelo de Andrade projectou, em co-autoria com o seu irmão, Carlos Rebelo de Andrade, a Fonte Monumental da Alameda Dom Afonso Henriques, inaugurada em 30 de Maio de 1948, em Lisboa. Para as “Construções Escolares” projectou a Escola de Brejos em Azeitão, Setúbal (1933).

²⁴⁶ Jorge Cunha Pimentel. “Uma Escola chamada Salazar?” in *Januário Godinho, Leituras do Movimento Moderno* (Alexandra Cardoso; Fátima Sales; Jorge Cunha Pimentel – Coordenação). Porto: CEAA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2012, p. 83.

²⁴⁷ “Ante Projecto do Plano Geral de Tipos-Regionais de Escolas Primárias Oficiais a Construir em Serie – Memória”, Lisboa, 14 de Dezembro de 1933, p. 1. Processo de Expediente-Geral da DGEMN – Arquivo da DGCE.

Citado por idem, p. 83.

²⁴⁸ Idem, ibidem.

plantas e organização dos edifícios que deveriam prever, por exemplo, a possibilidade de futuras ampliações. Assim, são escolhidos para desenvolver estes projectos-tipo regional, no Norte e Centro – Rogério de Azevedo e nos distritos do Sul – Raul Lino [●2|48 a ●2|57]. Rogério de Azevedo projecta, então, nesta sequência, seis tipos de escolas para as diversas zonas de intervenção (Minho, Alto Minho, Douro, Beira Alta e Beira Litoral e, finalmente, Trás-os-Montes). Estes projectos-tipo desdobravam-se em cerca de trinta soluções conforme o número de salas e/ou pisos.

Muitas escolas começaram a ser construídas segundo as necessidades locais. Não “havendo um programa global de empreendimentos”²⁴⁹, em 1938, com o Eng.º Duarte Pacheco de volta ao cargo de Ministro das Obras Públicas, o programa é suspenso embora tenha sido permitida a conclusão da construção de duzentas e trinta obras que se encontravam já em curso.

Em 1941 a proibição da construção de escolas primárias é levantada e, nessa altura, são definidas as condições de execução do chamado Plano dos Centenários.

“Equipas da DGMN seriam as responsáveis pela execução dos trabalhos e nem Rogério de Azevedo nem Raul Lino viriam”, agora, “a ter qualquer participação na elaboração dos projectos das Escolas dos Centenários. [...] Os novos edifícios-tipo (Projectos-tipo das Escolas dos Centenários), aprovados em 1944, baseavam-se nos projectos-tipo regionais de 1935 mas «a introdução de outros conceitos e requisitos modificaria, e diluiria, a linguagem expressa pelos dois arquitectos»²⁵⁰, alterando profundamente o carácter muito próprio dos edifícios dado pelos traços de Rogério de Azevedo e de Raul Lino e reduzindo-os a ‘contentores’ empilhados.”²⁵¹

²⁴⁹ Idem, p. 85.

²⁵⁰ Filomena Beja et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990, p. 282. Nota do autor citado.

²⁵¹ Jorge Cunha Pimentel. “Uma Escola chamada Salazar?” in *Januário Godinho, Leituras do Movimento Moderno* (Alexandra Cardoso, Fátima Sales, Jorge Cunha Pimentel – Coordenação). Porto: CEAA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2012, p. 85-87.

Atelier próprio

Rogério de Azevedo não terá tido o seu escritório de arquitectura sempre no mesmo local. Bernardo Ferrão refere que nos primeiros anos, a partir de 1926, nomeadamente durante o acompanhamento que fez da obra da Maternidade Júlio Dinis, “edificada de acordo com o projecto francês a que o Mestre prestava então assistência técnica”, o *atelier*, “na boa tradição medieval, situava-se em instalações precárias junto à obra”²⁵². Aparece-nos, no entanto, no interior de um dos seus livros, que mais tarde foi adquirido por Fernando Távora²⁵³, uma folha de papel timbrado onde está impressa a morada do escritório. De acordo com esta informação, este estaria situado no gaveto entre a rua de Santa Catarina e a rua da Firmeza²⁵⁴, edifício que Rogério de Azevedo projectará em 1930.

Em 2010, o seu filho referirá também, em entrevista realizada no âmbito deste trabalho, que “na rua de Santa Catarina, era o escritório onde tinha vários arquitectos a trabalhar. Também tinha um escritório em casa. Trabalhava muito em casa. Fumava. Fazia esquisos com lápis de carvão [...] usava um triplo decímetro para tirar dúvidas e fazia o resto à mão levantada [...], papel vegetal por cima e régua T”²⁵⁵. Usava desta forma o desenho, nas suas diversas vertentes técnicas, como instrumento privilegiado do projecto.

²⁵² Bernardo Ferrão, “Rogério de Azevedo, um arquitecto portuense entre o Modernismo e o Regionalismo (1898-1983)”, FIMS/FT/5004, (p. 010) (texto não publicado, policopiado e oferecido “ao Tio Fernando” (Arquitecto Fernando Távora). Conferência realizada aquando das Comemorações do Centenário do nascimento do Arq. Rogério de Azevedo, Casa Museu Guerra Junqueiro. Organização da Câmara Municipal do Porto. Porto. 1998.

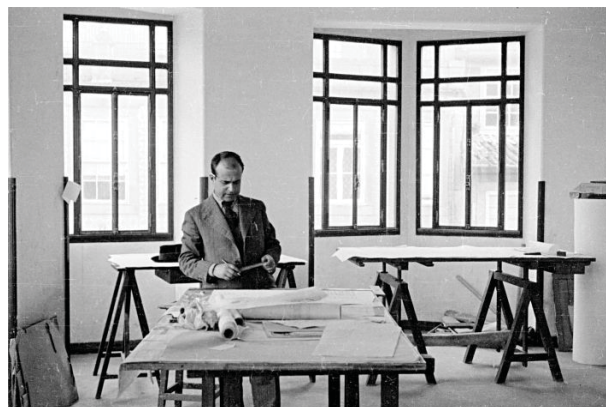
A construção da Maternidade terá sido, também, impulsionada por Alfredo Magalhães que terá, talvez, sugerido o nome de Rogério de Azevedo para o acompanhamento da sua obra.

²⁵³ Na Fundação Instituto Marques da Silva, FIMS, espólio de Fernando Távora.

²⁵⁴ “Rogério de Azevedo. Arquitecto. Escritório: rua Firmêsa e Santa Catarina (gavêto). Residência: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 1411 – Tel. F. 111”.

²⁵⁵ Rogério de Azevedo (filho mais novo de Rogério de Azevedo) em entrevista realizada no âmbito desta investigação, em 19 de Maio de 2010.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Atelier próprio

- 2|58. Edifício rua de Santa Catarina/rua da Firmeza. 1930
- 2|59. Rogério de Azevedo no interior do edifício

Rogério de Azevedo projecta, assim, para um cliente particular, este prédio onde, se julga, veio a instalar o seu próprio escritório de arquitectura [●2|58 a ●2|60].

Tal como em outras obras deste autor, como por exemplo, na Faculdade de Medicina do Porto, a racionalidade imposta pelo ritmo dos elementos estruturais e pelo uso de um vocabulário de origem clássica que dá consistência à sua imagem e construção, é complementada pela introdução de um requintado tratamento de pormenor e de elementos de gosto *déco* que nos remetem para a Creche de *O Comércio do Porto*. O reboco pintado como acabamento exterior do edifício retira-lhe, talvez, algum do valor de representação e de marcação simbólica que a cantaria de granito confere tanto ao edifício Sede de *O Comércio do Porto* como, também, ao edifício que, deste mesmo autor, podemos encontrar mais à frente na Rua de Sta. Catarina [●2|61 a ●2|63].

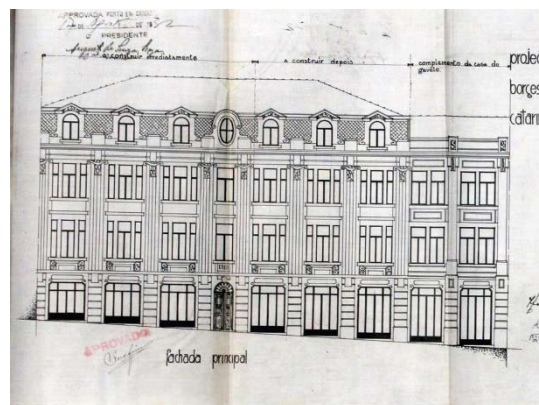
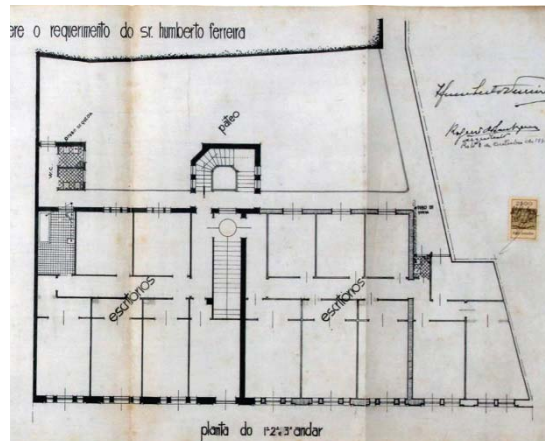
A produção arquitectónica deste autor, fundamentalmente a partir de 1930, é vastíssima. Além dos projectos já referidos, desenvolve, também nesta cidade, inúmeras moradias unifamiliares (algumas em banda, tal como na rua do Campo Alegre/ rua de Guerra Junqueiro) e edifícios de habitação plurifamiliar. Contabilizaram-se, com projecto de licenciamento aprovado, só até 1935, mais de duas dezenas de edifícios, cada um com a sua especificidade, bastante distintos uns dos outros e onde proliferam referências de diferente carácter [●2|91 a ●2|96].²⁵⁶

Viana do Castelo, Armamar

Por volta do ano de 1930 outras obras relevantes no percurso de Rogério de Azevedo são construídas; salientamos a sua presença em diversos projectos para a cidade de Viana do Castelo. Talvez inicialmente pela influência de Alfredo Magalhães (natural do Minho e antigo Governador Civil de Viana), além das escolas já referidas, Rogério de Azevedo projecta nesta cidade o edifício dos Correios (1930) [●2|73 e 2|74], o edifício da Capitania

²⁵⁶ Consultar o Volume Anexo para informações complementares.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Edifício comércio e escritórios rua Sta. Catarina

- 2|61. Edifício na rua de Santa Catarina 568-594. Rogério de Azevedo. 1932.
- 2|62. Projecto edifício na rua de Santa Catarina 568-594. Planta do 1º, 2º, e 3º andar. Rogério de Azevedo. 1932 (construído parcialmente).
- 2|63. Projecto edifício na rua de Santa Catarina 568-594. Alçado. Rogério de Azevedo. 1932.

(terminado em 1933) [●2|70 e 2|71], um edifício de habitação plurifamiliar e comércio no rés-do-chão, no gaveto da avenida dos Combatentes com a rua da Picota [●2|72], e, mais tarde, a habitação Dr. Oliveira e Silva, na rua Cândido dos Reis (1950?). Em qualquer destas obras, exceptuando a Escola da Avenida de que já falámos, sentem-se os sinais da modernidade que, claramente, este arquitecto procurava acompanhar e que aqui, mais do que no Porto, parece assumir com maior constância ou, talvez, liberdade.

Também em Viana, um pequeno bairro residencial de casas económicas, intitulado pelo autor como “Plano duma Cidade-Jardim para Viana do Castelo”, é projectado por Rogério de Azevedo e construído em 1932 [●2|75 e 2|76], Com um traçado regulador circular e com ruas concêntricas que confluem numa praça central, a sua morfologia, ressaltando, nós, as devidas diferenças de escala e proporção, poderá ter a sua origem em influências que até nós chegavam através de diversas publicações sobre as cidade-jardim originalmente inglesas e, talvez também, das *Siedlungen* alemãs²⁵⁷.

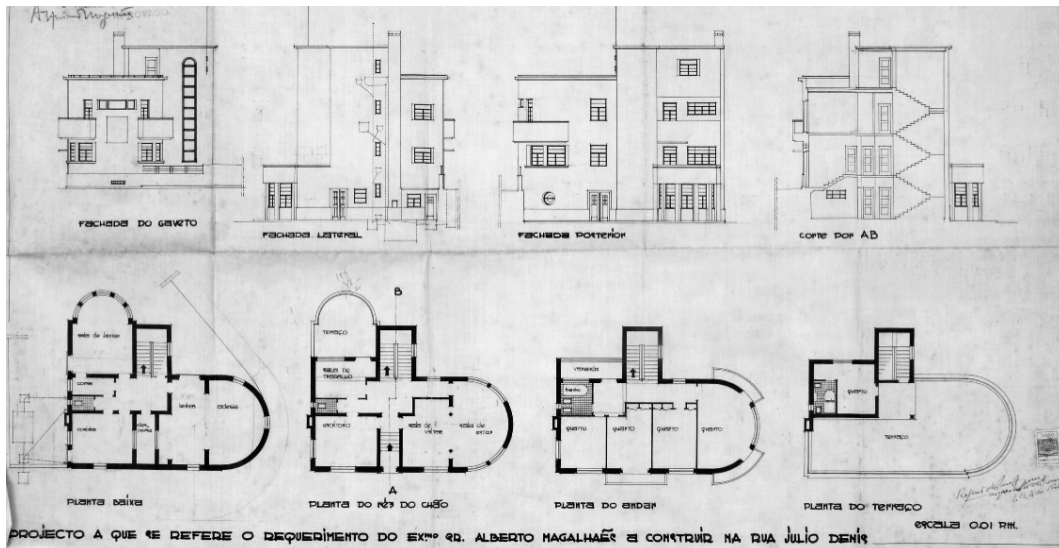
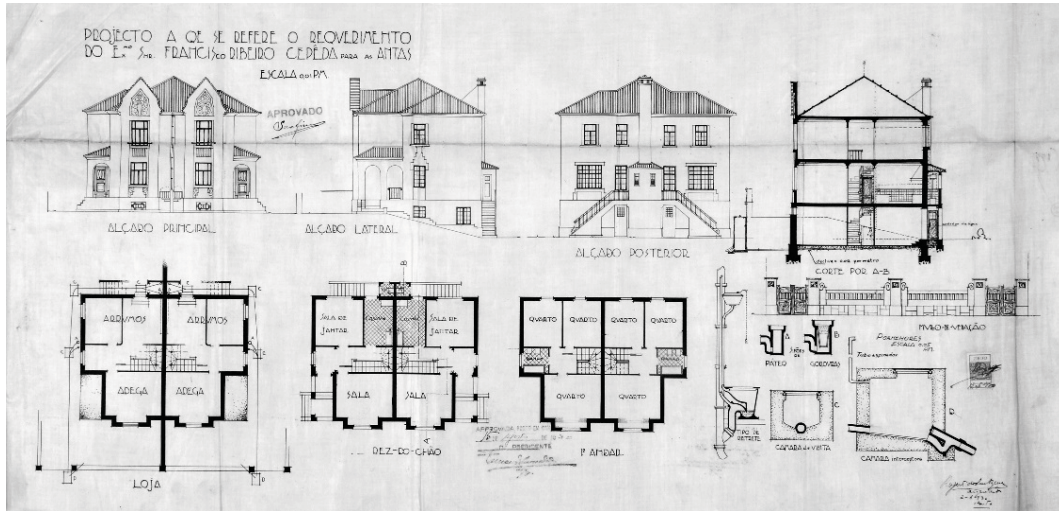
Não temos notícia de outros planos urbanísticos de grande ou de pequena escala nos quais Rogério de Azevedo tenha participado, excluindo um

²⁵⁷ A este respeito diz-nos Margarida Souza Lôbo: “Um pequeno aglomerado concebido por Rogério de Azevedo para a periferia de Viana do Castelo, em 1932, prenuncia o que virá a ser uma corrente dominante no urbanismo português a partir do final da década de 30, ainda que a opção morfológica seja outra. Trata-se de uma pequena unidade suburbana, circular, fechada sobre si própria, localizada junto à linha do caminho-de-ferro e assumida como uma cidade-jardim. A sua morfologia aproxima-se mais das *Siedlungen* alemãs do que da cidade-jardim inglesa.

A proposta de Rogério de Azevedo, pelas suas características e traçado, enquadra-se perfeitamente na corrente reformista, surgida no final do século dezanove e cuja influência perdura até à década de trinta. Originalmente, as *Siedlungen* eram cidades fundação, com traçado regular, que surgiram na Alemanha, na Idade Média, como meio de consolidar a ocupação de territórios de fronteira. Este conceito é recuperado no final do século dezanove, no contexto do movimento da ‘reforma da vida’, sustentado pela pequena burguesia que acalenta ideologias anti-urbanas, movimento este que relaciona a saúde com a reforma, aderindo a uma ideologia de regresso à natureza [...] As cidades-jardim inglesas integram-se na mesma corrente associativista e reformista, mas as realizações inglesas são menos numerosas e de maior dimensão do que as alemãs. [...] Este exemplo português, muito significativo apesar da sua pequena dimensão, traduz todo um conceito e uma corrente de reforma de vida e de constituição de uma unidade social autogestionária alternativa, que o filia de pleno direito na corrente subjacente à *Siedlung* reformista alemã”.

In Margarida Souza Lôbo. *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. 2.ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1995, p. 146.

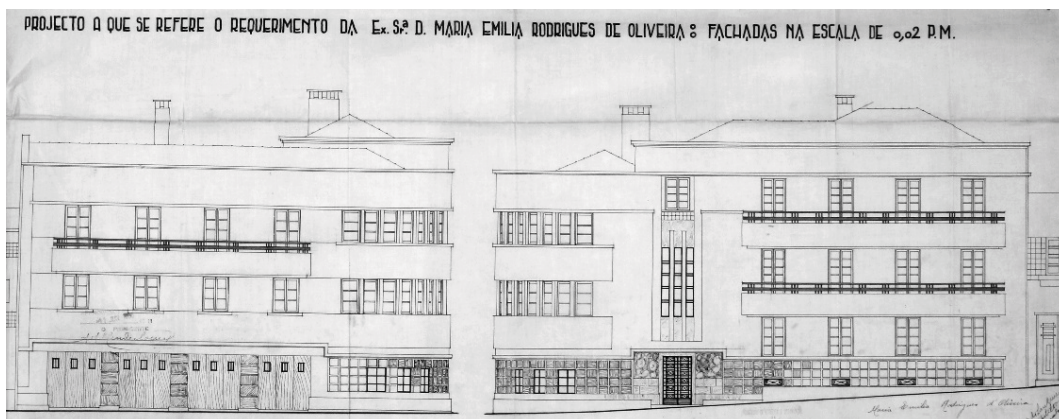
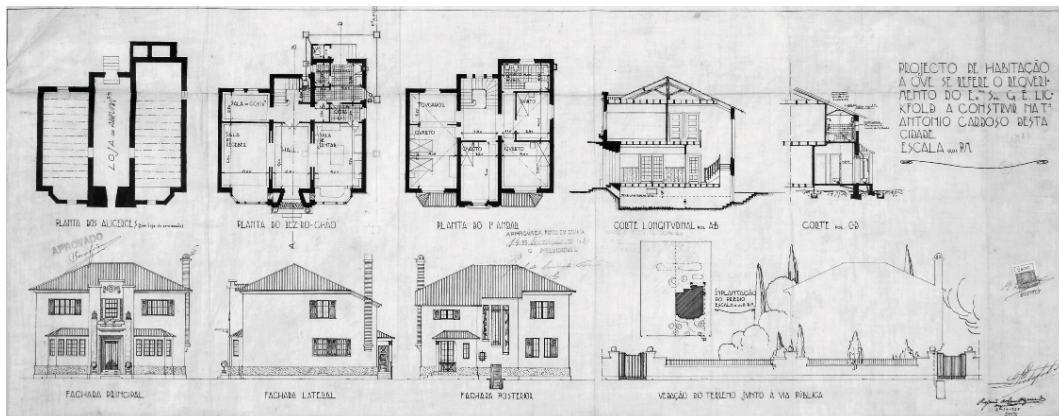
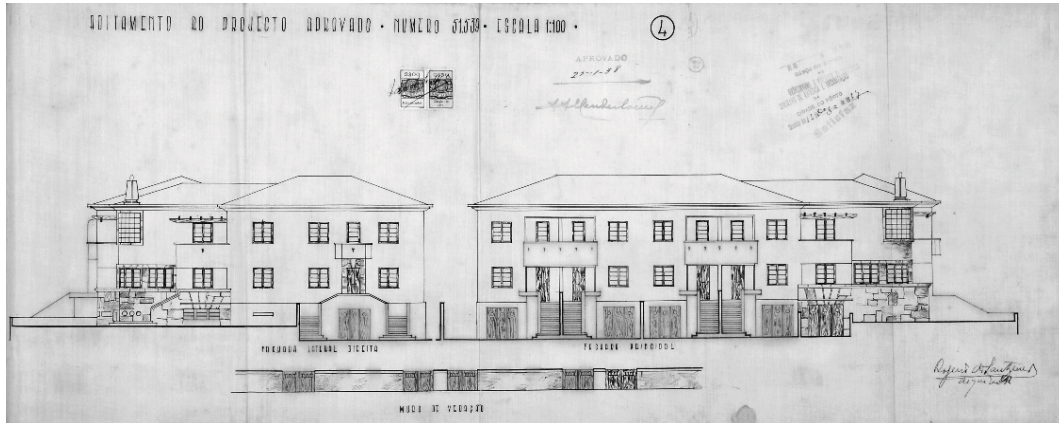
PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Habitação. Porto

- 2|64. Moradia unifamiliar Francisco Cepeda, rua de Nevala, 90/106. Porto. 1930.
- 2|65. Moradia unifamiliar Alberto Magalhães, rua Júlio Dinis/rua de Rodrigues Lobo. Porto. 1935 (demolida).
- 2|66. Rua Júlio Dinis. Porto. Fotografia Alvão.

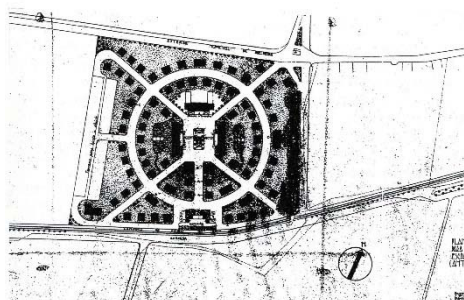
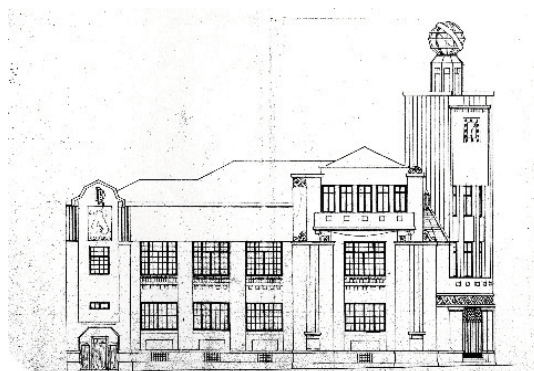
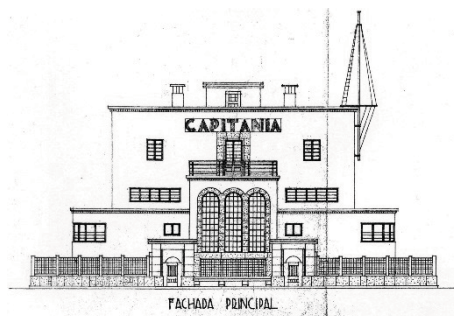
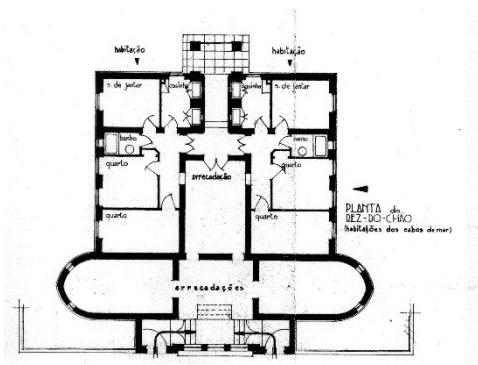
PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Habitação. Porto

- 2|67. Moradia unifamiliar Guilherme E. Lickfold, rua António Patrício 209/235, Porto. 1930
- 2|68. Edifício de habitação plurifamiliar em banda, rua do Campo Alegre/ rua Guerra Junqueiro. 1936
- 2|69. Edifício de habitação plurifamiliar, rua Antero de Quental/rua Pedro Ivo. 1938

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Viana do Castelo

- 2|70. Capitania do Porto de Viana Castelo. Planta.1932.
- 2|71. Capitania do Porto de Viana do Castelo. Alçado. 1932.
 - 2|72. Edifício Habitação e Comércio. Viana Castelo.
 - 2|73. Edifício Correios, alçado. Viana do Castelo.
 - 2|74. Edifício Correios. Viana do Castelo. 1930.
- 2|75. Plano "Cidade Jardim" para Viana Castelo. 1932.
- 2|76. Plano "Cidade Jardim" para Viana Castelo. 1932.

Ante-Projecto de Urbanização que realiza em 1944 para Santo Tirso. Aqui, com outro tipo de traçado, menos “romântico” e mais racional, partindo da tentativa de marcação de grandes eixos urbanos, a inspiração parece vir, como indica Margarida Souza Lôbo²⁵⁸, dos trabalhos que Muzio e Piacentini teriam desenvolvido, anos antes, na Câmara Municipal do Porto (1938-1943).

A época em que Rogério de Azevedo lecciona no ensino técnico em Viseu coincide com a altura em que projecta e constrói (com Baltazar de Castro), numa localidade deste distrito, o surpreendente “Asilo-Hospital-Creche José Rodrigues Cardoso”, em Vila Seca de Armamar [●2|77 e ●2|81]. A verba para a construção deste edifício foi doada e deixada em testamento por aquele benemérito e antigo morador da povoação que delega nessa altura, também, a sua construção e administração, ao jornal *O Comércio do Porto*.²⁵⁹

No jornal *O Comércio do Porto* de 2 de Novembro de 1933, podia ler-se:

“...O edifício ou, antes, edifícios, como se vê nas gravuras juntas, [...], são projecto dos talentosos architectos Srs. Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo, que também dirigiram as obras. Pelo seu arranjo geral e pela beleza das suas linhas, demonstram bem o talento e a competência dos dois consagrados architectos.

[...] Passamos a dar uma ligeira ideia do que são as instalações. [...] À frente, ficam, logo à entrada, do lado direito, os serviços de consulta médica, com salas de curativos, esterilização, de espera e gabinete médico: do lado esquerdo, o abrigo dos pequeninos, com solário, isolamento, ecónoma, balneário, cozinha do leite, esterilização, distribuição, farmácia e retretes.

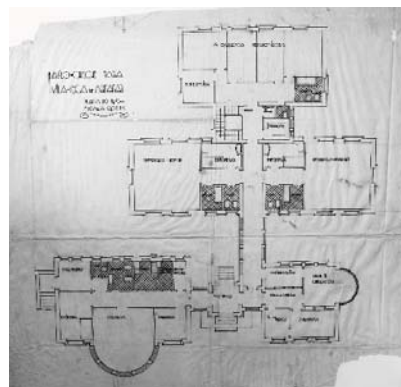
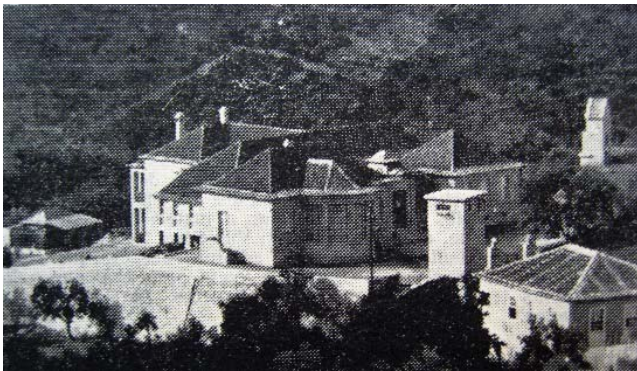
Noutro corpo, ficam: do lado direito a enfermaria de homens e do lado esquerdo, a enfermaria de mulheres, com os competentes balneários e retretes para cada sexo, havendo ainda, anexos a cada enfermaria, os quartos dos vigilantes e varandas de repouso.

Ao fundo, estão quartos particulares para senhoras e homens, findando o edifício por uma ampla varanda, que dá sobre o largo

²⁵⁸ Idem, p. 148.

²⁵⁹ *O Comércio do Porto. O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história.* O Comércio do Porto. Porto, 1954, p. 239.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Asilo Creche, Vila Seca de Armamar

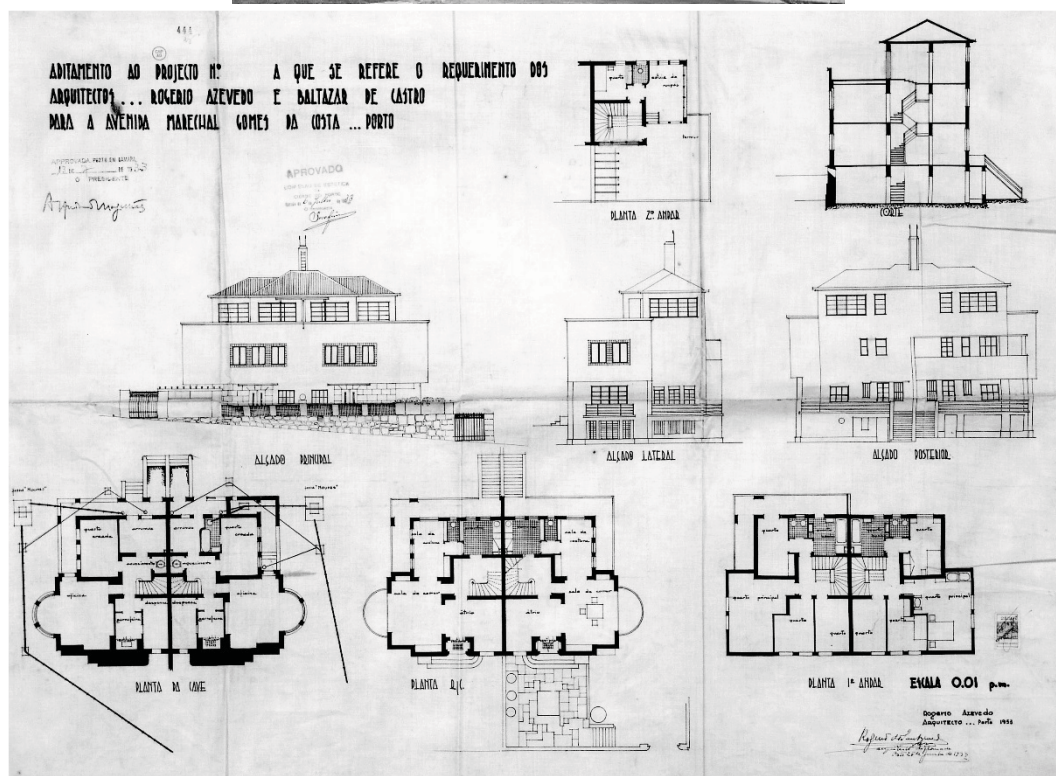
- 2|77. Asilo Creche, Vila Seca de Armamar. Imagem da actualidade.
- 2|78. Asilo Creche, Vila Seca de Armamar. Imagem da época da construção.
 - 2|79. Asilo Creche, capela, Vila Seca de Armamar.
- 2|80. Asilo Creche, Vila Seca de Armamar. Imagem da época da construção.
- 2|81. Asilo Creche, Vila Seca de Armamar, Desenho de Rogério de Azevedo. 1933

vale do Douro e no horizonte, o Marão imponente, ligando-se todos os corpos por uma ampla galeria envidraçada.[...]"²⁶⁰

O edifício, embora tenha sofrido, ao longo dos tempos, obras de readequação a outras funções que lhe retiraram algum do carácter que teria à época da sua construção, mantém, no essencial, o seu traçado original. Implantado no extremo poente da rua que estrutura uma pequena vila localizada a cerca de 500 metros de altitude, entre Lamego e Tabuaço, o edifício é formado por três volumes paralelos entre si que se vão adaptando subtilmente às diferentes cotas do terreno. Esta multiplicação de volumes permite, não só uma clara organização dos diferentes programas que compõem o edifício, mas também, que a escala do conjunto se adapte à escala da vila onde se localiza. O jogo que se estabelece, não só entre os referidos volumes mas, ainda, com o volume da capela e da garagem, associado à multiplicidade de desenhos dos vãos, permite gerar relações diferentes com o exterior, a criação de pátios com características diversas, assim como, em alguns pontos, uma intensa relação com paisagem natural do vale do Douro. Esta intervenção permite fazer uma leitura sobre a unidade de uma obra complexa do ponto de vista da diversidade e da riqueza dos elementos que a compõem (dissociação volumétrica), adaptando-se de forma clara à circunstância especial da pequena vila onde se insere e ao declive do terreno, tirando também, partido da sua privilegiada situação na paisagem. É interessante verificar que o isolamento geográfico deste local, caracterizado em geral por construções muito modestas, numa das zonas mais pobres do país, não foi razão para que o edifício não fosse projectado e contruído com um enorme rigor e cuidado, não só ao nível do seu desenho, como também, nos materiais empregues. O alçado poente, possante e com desenho da máxima clareza, remata o edifício com a grande varanda (hoje encerrada) que se debruça sobre a paisagem (como aliás

²⁶⁰ “[...] No pavimento inferior, há a cozinha, refeitório, despensa, lojas e outras dependências, etc. No pátio que precede o edifício ficam: a capela, e a garagem, para a automaca [...]”, in notícia publicada no jornal *O Comércio do Porto*, de 2 de Novembro de 1933.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Casa própria

- 2|82. Rogério de Azevedo e família na sua casa da Av. Marechal Gomes da Costa, Porto.
- 2|83. Habitação Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, Av. Marechal Gomes da Costa, Porto.
- 2|84. Hab. Rogério de Azevedo e B. de Castro, Av. M. Gomes da Costa, Porto, Projecto. 1933

fará, mais tarde, Rogério de Azevedo nas pousadas que projectará em ambientes similares), lembrando, com outra escala, estruturas rurais semelhantes da arquitectura vernacular portuguesa.

Salientamos o interessante desenho da capela, onde a torre sineira (lembrando, talvez, conjuntos religiosos do Românico Português)²⁶¹, e os restantes elementos que compõem a fachada criam, como em outras partes do edifício, uma composição que revela a erudição dos seus autores. Em 1929 é adquirido o terreno e a sua construção termina no final de 1933.

Casa própria

Do casamento de Rogério de Azevedo com Albertina Ferreira Pereira Mendes, de origem brasileira, nascem três filhos: Mário Emílio (1929, arquiteto), Fernando Jorge (1931-2013, músico) e, Rogério (1938, escultor, professor).

Vivem inicialmente em Miramar e, mais tarde, na casa da avenida Marechal Gomes da Costa no Porto, projectada pelo próprio Rogério de Azevedo [●2|82 e ●2|84]. No terreno comprado “a meias com Baltazar de Castro, amigo e sócio em alguns trabalhos”,²⁶² constroem duas moradias unifamiliares geminadas. Aqui vive Rogério de Azevedo com a sua família desde os seus 35 anos até ao final da sua vida. No *atelier* da cave ou “oficina de desenho e biblioteca” (como lhe chama)²⁶³, aberto para o jardim através de uma grande *bow window*, passa muito do seu tempo.

Baltazar de Castro não terá vivido nessa casa muitos anos (embora a propriedade se tenha mantido na família até hoje), já que, em 1936, devido ao cargo que ocupa na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais,

²⁶¹ Rogério de Azevedo faz aqui, talvez, uma leitura erudita do Românico Português, por exemplo, na forma como a torre sineira se justapõe como que uma colagem ao volume inicial da capela.

²⁶² Em entrevista a Rogério de Azevedo (filho mais novo de Rogério de Azevedo), na sua casa, rua da Fonte da Moura, 464, 1.º, Porto, em 19 de Maio de 2010.

²⁶³ Rogério de Azevedo, em “Memória Descritiva” constante no processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 157/1933. Cotas: D-CMP/9 (678) - f. 432-448-H.

se desloca para Lisboa. A sua família deixará também o Porto em 1940, tendo o seu filho, Celestino de Castro²⁶⁴, enquanto estudante de Arquitectura, pedido nessa altura transferência da EBAP para a EBAL.

Desenhar a própria casa surge-nos como um tema peculiar no qual o arquitecto se posiciona como cliente, tendo por isso, supostamente, total autonomia nas opções que toma. Opções que relacionamos não só com a escolha do terreno, elaboração do programa das habitações, mas, fundamentalmente, com a aparência formal e plástica do edifício.

Estamos perante um exercício muito rico do ponto de vista formal, onde, da liberdade no manuseamento dos elementos constituintes do projecto, resulta uma obra de grande complexidade, construída com recursos linguísticos de grande simplicidade. No modo como aborda o tratamento dos volumes, poderá encontrar-se algum paralelo com outros projectos do mesmo autor, nomeadamente, no edifício da Creche do Comércio do Porto, embora com uma linguagem mais depurada que se afasta dos recursos estilísticos *déco*, aproximando-se de modelos próximos da modernidade e do seu carácter mais abstracto. Este tema será abordado com maior profundidade mais à frente neste trabalho.

Rogério de Azevedo, neste como noutros projectos, nunca é simplista, nem gratuito, traduzindo no desenho, por vezes difícil de interpretar numa primeira abordagem, valores conceptuais muito claramente assumidos.

A casa de Rogério de Azevedo terá sido vendida após a sua morte; a de Baltazar de Castro, que visitámos, esteve na propriedade da família até data muito recente.

²⁶⁴ “Celestino de Castro nasceu no Porto em 1920, filho de Baltazar de Castro [...] inicia os seus estudos de Arquitectura em 1937 na Escola de Belas Artes do Porto, transferindo-se para Lisboa em 1940, cidade onde conclui a sua formação de arquitecto e onde viveu grande parte da sua vida. Construirá duas das suas obras mais divulgadas no Porto, mantendo contactos próximos com colegas do Porto, ao longo da sua vida. [...] Morre em Lisboa a 13 de Agosto de 2007 [...]”.

In Júlia Zurbach Varela, *Celestino de Castro: militância, moderno e realismo*. Prova Final para a Licenciatura em Arquitectura. Porto: FAUP, 2007.

Destacamos, no conjunto da sua obra, em 1948-51, a realização do projecto para a habitação Dr. José Braga construído na rua Santos Pousada, 1231, Porto e, em 1950-53, do projecto para a habitação Joaquim Costa, na rua do Amial 942, também no Porto.

Em 1931, Rogério de Azevedo é convidado a acompanhar a obra do Casino da Póvoa de Varzim, projectado por José Coelho, e, desenhará também, as telas finais correspondentes aos alçados do edifício. Talvez nessa sequência, lhe seja encomendado, em 1932, o projecto para o Palácio Hotel, edifício que se notabilizará na marginal da Póvoa de Varzim, obra que terminará apenas em 1936.

Restauro, recomposição de edifícios, director DGMN Porto

Entre 1935 e 1938, Rogério de Azevedo integra a Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto e, entre 1936 e 1940, é director da Secção do Porto da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o que lhe deu a ocasião e a possibilidade de trabalhar como arquitecto no restauro de alguns edifícios com interesse patrimonial. Neste contexto, salientamos a sua importante intervenção, sucessivamente, na Igreja de S. Pedro de Rates, no final dos anos 30 [●2|90 e ●2|91], no Paço Ducal de Guimarães, entre 1935 e 1940 [●2|87 a ●2|89], e na tentativa de reposição, na zona da Sé do Porto, nos anos 40, da antiga torre Medieval [●2|85 e ●2|86].

Localizado na colina do Castelo de Guimarães, o Paço dos Duques de Bragança foi mandado construir no início do século XV por D. Afonso, filho bastardo do rei D. João I e primeiro duque de Bragança. A história do paço é longa, complexa e repleta de detalhes significativos, tendo sido elaborados, sobre o seu enredo, diversos estudos.²⁶⁵ Quando Rogério de Azevedo, em 1935, foi escolhido pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) como coordenador do Projecto de Recomposição do edifício, este encontrava-se num estado acentuado de degradação e abandono, o que, obviamente, implicou interpretações prévias sobre a sua configuração original.

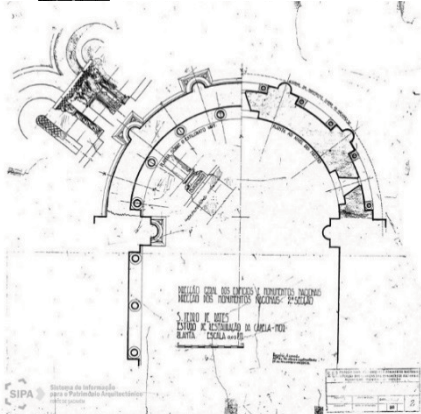
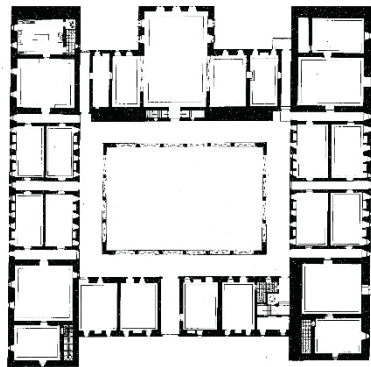
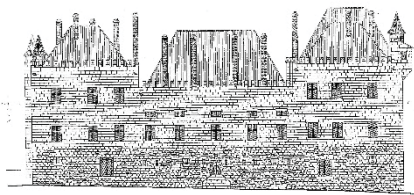
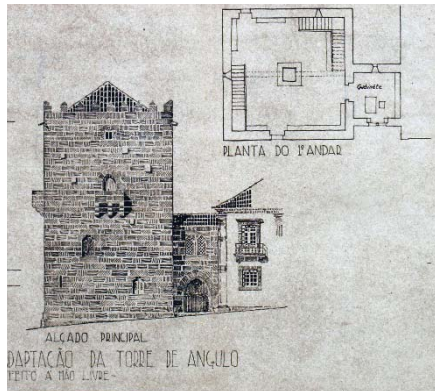
“Do Paço original existe a torre, do lado direito, uma parte do rés-do-chão e uma parte do corpo do lado esquerdo; tudo o resto

²⁶⁵ Nomeadamente, José Custódio Vieira da Silva, *Paços Medievais Portugueses*, Lisboa: IPPAR, 1995, e diversos trabalhos de investigação produzidos no Centro de Documentação do Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Restauração, recomposição de edifícios, Director DGMN Porto

- 2|85. Torre Medieval, Porto, desenho de Rogério de Azevedo. 1940.
- 2|86. Torre Medieval, Porto, fotografia de Bonfim Barreiros, época da construção. 1940.
- 2|87. Paço dos Duques, Guimarães, Proj. de Recomposição, desenho de R. de Azevedo, alçado. 1935-40.
- 2|88. Paço dos Duques, Guimarães, Projecto de Recomposição, desenho de R. de Azevedo, planta. 1935-40.
 - 2|89. Paço dos Duques, Guimarães, após obras de Recomposição. 1935-40.
- 2|90. S. Pedro de Rates, “Estudo de Restauração da Capela-Mor”, desenho de R. de Azevedo. DGEMN. 1938.
- 2|91. S. Pedro de Rates, Obras de Recomposição da Capela-Mor, Rogério de Azevedo. DGEMN. 1938-40.

é edifício novo. O restauro – não se chama restauro, chama-se recomposição – foi feito pelo Rogério de Azevedo que estudou com muito cuidado o edifício; pela primeira vez estudou-se a iconografia, problemas da história do edifício, etc. [...] O Rogério fez um estudo cuidadoso, que, aliás, está publicado, sobre a história do Paço.²⁶⁶

A partir de um levantamento exaustivo daquilo que resta do edifício, Rogério de Azevedo recolhe e analisa, com rigor, todos os vestígios que encontra. Com o intuito de estudar estruturas semelhantes, viaja por França (provavelmente, também, pela Catalunha) levando, de comboio, o seu automóvel e visitando, talvez, a zona do vale do Loire e de Perpignan.

Com um notável conhecimento histórico e cultural, Rogério de Azevedo coloca-se na época em questão e, vestindo a pele do construtor original, não se limita, apenas, à procura de uma reconstituição fidedigna do edifício, mas permite-se inovar quando necessário, reinventando, por vezes, algumas características do período que estuda. Como consequência destas interpretações, a sua intervenção será muito criticada, na época, pelo historiador Alfredo Pimenta²⁶⁷ e por, arquitectos dele bem próximos, como Marques da Silva e Baltazar de Castro (Director Geral da DGEMN), conflitos que terão prejudicado as relações de confiança e amizade e que o levaram ao abandono do acompanhamento da obra, sendo substituído nas suas funções, em 1940²⁶⁸. No claustro central Rogério de Azevedo constrói uma escadaria que, como nos explica Fernando Távora:

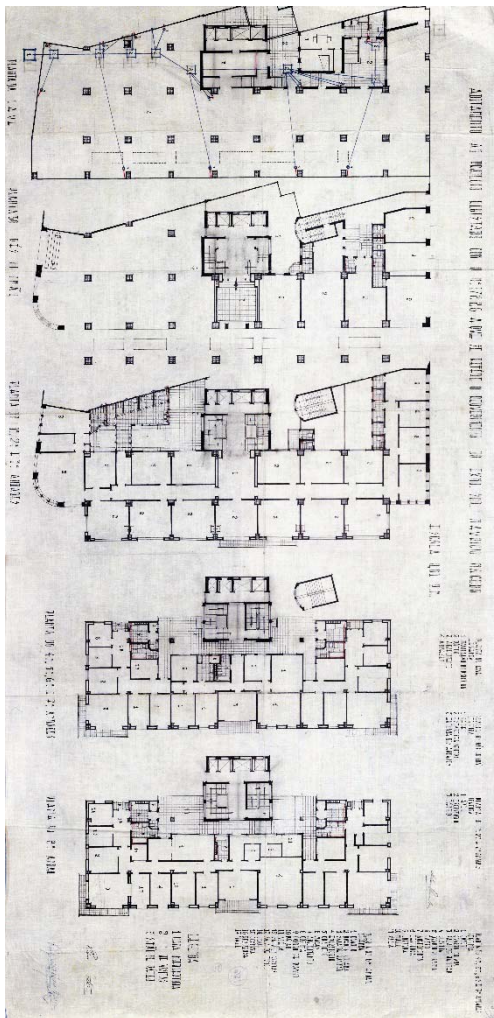
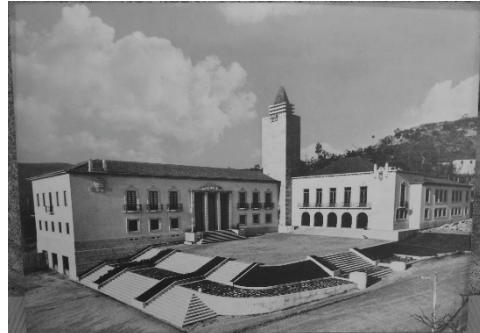
“foi feita e, depois, desmontada porque o Baltazar de Castro, que acompanhou a recuperação do edifício, achou que era incompatível com a existência de “torneios a cavalo” dentro do pátio –

²⁶⁶ Fernando Távora, in *Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura* (Manuel Graça Dias) Colecção Arquitectura. Lisboa: Relógio d'Água, 1999, p. 159.

²⁶⁷ Rogério de Azevedo escreve e publica, em 1942, *O Paço dos Duques de Guimarães: preâmbulo à memória do projecto de restauro*. Na sequência desta publicação Alfredo Pimenta, escreve e publica no mesmo ano uma reflexão crítica: *A propósito do Paço dos Duques em Guimarães*, à qual Rogério de Azevedo ‘responde’ com outra publicação: *Despropósito a propósito do Paço dos Duques de Guimarães: Epístola ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta*.

²⁶⁸ E, consequentemente também, no cargo que exercia na DGEMN do Porto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Póvoa de Lanhoso. Maurício-Macedo, Infante de Sagres no Porto

- 2|92. Tribunal e Paços do Concelho, Póvoa do Lanhoso. 1937.
- 2|93. Tribunal e Paços do Concelho, Póvoa do Lanhoso. 1937.
- 2|94. Edifício Maurício Macedo, Praça D. João I, Porto. 1941.
- 2|95. Edifício Maurício Macedo, Praça D. João I, Porto. 1941.
- 2|96. Hotel Infante de Sagres, Praça Filipa de Lencastre, Porto. 1943.

coisa que, provavelmente, nunca foi feita. A escadaria existiu: era uma escada que ligava directamente à capela, [...] essa escada foi projectada pelo Rogério de Azevedo e quando a começaram a construir apareceram as fundações de uma outra; apesar da existência das fundações o Baltazar mandou demolir a escada; de forma que o paço tem actualmente uma escada vulgaríssima, lateral, de entrada. As pessoas entram pelo eixo, convencidas que encontram do lado de lá a escada [...] peça fundamental nestes edifícios na Idade Média [...].”²⁶⁹

E, Paulo Pereira conclui:

“O resultado final é um paço senhorial de matriz francesa, dotado de uma inegável eficácia em termos de imagem e verosimilhança, pese embora o apego às simetrias e à distribuição racional das portas de acesso e das janelas – algo que, certamente, qualquer mestre construtor medieval despeitaria. [...] o Paço Ducal de Guimarães poderá ser interpretado de duas maneiras algo paradoxais: como um dos derradeiros avatares da metodologia de restauro de Viollet-Le-Duc; ou como um monumento moderno, pois a sua conclusão situa-se já em pleno período de expansão e afirmação das linguagens do modernismo, tendo-lhe sido permeável.

De toda a maneira, trata-se do exemplo mais radical de uma ‘longue durée’ da nossa história da intervenção patrimonial”.²⁷⁰

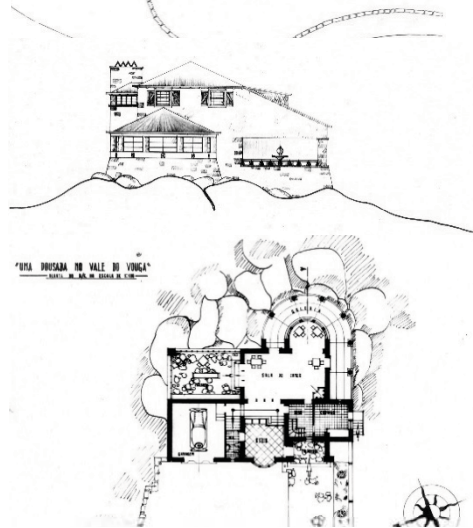
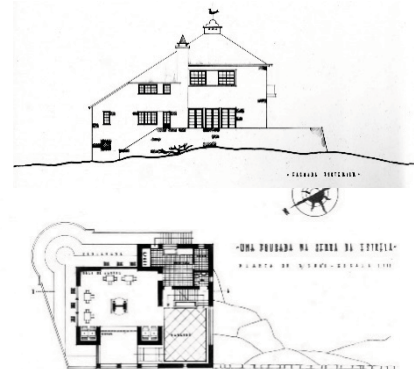
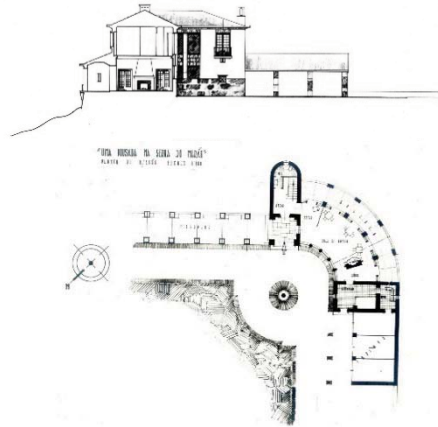
Póvoa de Lanhoso

Em 1937, Rogério de Azevedo projecta, possivelmente com Januário Godinho que tirocinava nessa época no seu *atelier*, o edifício para o Tribunal e Paços do Concelho de Póvoa de Lanhoso que será inaugurado apenas em 1942 [●2|92 e ●2|93]. A forma como o edifício se implanta permite organizar dois pátios; o primeiro, mais institucional, por onde se fazem as entradas, e o segundo, voltado para o lado contrário, onde é desenhado um jardim. Espécie de eco da torre do Castelo da Vila, a torre deste edifício, em granito aparente,

²⁶⁹ Fernando Távora, in *Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura* (Manuel Graça Dias) Colecção Arquitectura. Lisboa: Relógio d'Água, 1999, p. 158.

²⁷⁰ Paulo Pereira. “(Re)trabalhar o Passado, Intervenção no Património Edificado” in *Portugal: arquitectura do século XX*. (Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang – org.) München: Prestel, 1997, p. 100.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Pousadas do SPN/SNI

- 2|97. Pousada de São Gonçalo, Marão. 1942.
- 2|98. Pousada de São Gonçalo, Marão, desenho de Rogério de Azevedo. 1942.
- 2|99. Pousada de São Gonçalo, Marão, desenho de Rogério de Azevedo. 1942.
 - 2|100. Pousada de São Lourenço, Penhas Douradas. 1941.
- 2|101. Pousada de São Lourenço, Penhas Douradas, desenho de Rogério de Azevedo. 1941.
- 2|102. Pousada de São Lourenço, Penhas Douradas, desenho de Rogério de Azevedo. 1941.
 - 2|103. Pousada de Santo António, Serém. 1948.
- 2|104. Pousada de Santo António, Serém, desenho de Rogério de Azevedo. 1948.
- 2|105. Pousada de Santo António, Serém, desenho de Rogério de Azevedo. 1948.

faz a articulação entre os volumes e evidencia a importância institucional do edifício na vila.

Edifícios Maurício Macedo, Infante de Sagres

Em 1941, Rogério de Azevedo projecta o edifício que mais tarde viria a constituir a frente sul da praça D. João I. A proposta de construção do mais alto edifício do país, à época vulgarmente conhecido pelo “arranha-céus” Maurício Macedo, terminado no fim dos anos 40, virá permitir a futura fixação de uma forma regular para a referida praça e, pela força da sua volumetria e geometria, a marcar simbolicamente este espaço [●2|94 e ●2|95].

Numa posição quase simétrica a esta, relativamente à avenida dos Aliados, no lado sul da praça Filipa de Lencastre, Rogério de Azevedo desenvolverá poucos anos mais tarde, em 1943, o edifício do Hotel Infante de Sagres, num estilo correntemente apelidado de “português”, assuntos, ou edifícios, a que se regressará mais à frente neste trabalho [●2|96].

Pousadas

No início dos anos 40 Rogério de Azevedo projecta três pousadas para o SPN/SNI²⁷¹: S. Gonçalo, no Marão (1942) [●2|97 a ●2|99], Santo António, em Serém (1942) [●2|103 a ●2|105], e S. Lourenço, nas Penhas Douradas (1948) [●2|100 a ●2|102]. A resposta que o autor dá aos programas é a de uma arquitectura como mecanismo de observação e contemplação. Tenta uma integração cuidada no terreno, adapta-se organicamente à sua morfologia, procurando uma implantação e uma forma que, com ele, se relacionem com naturalidade, sem ferir a sua integridade. A utilização de materiais locais e um cuidadoso tratamento da escala e da volumetria, sem apagar completamente a sua presença, transformam qualquer dos edifícios num valor que se acrescenta à envolvente, respeitando, em absoluto, o seu carácter, afirmando-se como uma subtil qualificação, sem estabelecer ou propor nenhuma ruptura. Fazendo, assim, parte de uma paisagem enriquecida, estas obras são lugares

²⁷¹ SPN/SNI – Secretariado de Propaganda Nacional/Secretariado Nacional de Informação.

concebidos para o seu usufruto, numa contemplação mediada pelos enquadramentos propostos pelo desenho dos vãos ou das galerias que prolongam, para o exterior, o seu espaço interno.

As pousadas integram-se “no Programa de Desenvolvimento do Turismo em Portugal”, de acordo com o pensamento de António Ferro²⁷², marcado ideologicamente pela apologia do mundo rural e da sua pretendida autenticidade, promovendo mecanismos de contemplação e usufruto daquele mundo “natural” ou da sua “íntocada” paisagem envolvente. Estas obras, hoje muito descaracterizadas por acrescentos e remodelações, satisfaziam, assim, a vertente regionalista que o cliente e o próprio programa impunham. Destacamos a ampliação feita na Pousada do Marão nos anos 50 que, seguindo projecto do seu próprio autor, manteve, nessa data, algum do seu carácter e autenticidade.

A paisagem é utilizada como uma pintura enquadrada através dos condicionamentos arquitectónicos que a limitam ou, noutros casos, a abrem, permitindo uma maior abrangência do olhar. Os espaços de transição, grandes varandas ou alpendres, são trabalhados como elementos de articulação entre um interior íntimo e acolhedor, centralizado pela presença da lareira, e um exterior de clima agreste que, através daqueles se prolonga, valorizando a paisagem natural e permitindo o seu usufruto.

Sant’Anna Dionísio, referindo-se à Pousada do Marão, escreve:

“Das varandas da Pousada, debruçada sobre o mais belo recôncavo da montanha, a visão alcança, dentro do dilatadíssimo horizonte, as terras de Penafiel e Margaride, até desfalecer nos indefinidos confins, de limalha e cinza do mar.”²⁷³

Docência na EBAP, Carlos Ramos

A experiência de Rogério de Azevedo como professor inicia-se no ensino técnico, em 1925, leccionando até 1932, na Escola Industrial Faria de

²⁷² António Ferro foi director do Secretariado de Propaganda Nacional (1933/1949) e do Secretariado Nacional de Informação (1945/50).

²⁷³ Sant’Anna Dionísio. In *Guia de Portugal*, V Volume. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/data, p. 268.

Guimarães e Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto, e na antiga Escola Industrial e Comercial Azevedo Neves, em Viseu, regendo cadeiras como Desenho de Construção, Projecções e Tecnologias.

Em 1938 torna-se presidente do Sindicato Nacional dos Architectos do qual foi sócio fundador e, como já referimos, fez parte da Direcção da Secção do Porto da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, tendo nesta época uma intensa actividade profissional como architecto, projectando e construindo, em diversos pontos do Norte do país, um vastíssimo número de obras.

Em 1940, já com 42 anos de idade, três filhos e moradia na avenida Marechal Gomes da Gosta, no Porto, abandona o lugar na direcção da DGEMN quando aceita o convite feito pelo então director da Escola de Belas-Artes do Porto e seu antigo professor de Arqueologia, Aarão de Lacerda, para ali leccionar. Este convite vem na sequência do lugar deixado vago por José Marques da Silva que se jubilara em 1939 e que, além de director da Escola, acumulara funções como professor de Architectura (4.^a cadeira) e, também, de Construção (8.^a cadeira).²⁷⁴ Em 20 de Setembro de 1940, em reunião interna do Conselho Escolar da EBAP, Júlio José de Brito, propõe o nome de Carlos Ramos para a cadeira de Architectura e Aarão de Lacerda propõe o nome de Rogério de Azevedo para a cadeira de Construção, ficando, assim, as duas disciplinas antes lecionadas por Marques da Silva repartidas por estes dois architectos.

Os anos de Aarão de Lacerda como director da Escola (1939-1945) ficarão marcados, como refere Canto Moniz²⁷⁵, entre outras acções, pela consolidação do corpo docente com a integração de profissionais qualificados conotados com a cultura moderna e reconhecidos publicamente.

²⁷⁴ Salientamos que Rogério de Azevedo terá concorrido a um concurso público promovido em 1935 por aquela instituição para a colocação de novos professores, concurso que, por questões burocráticas, não se terá concretizado.

²⁷⁵ Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Architectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Architectura. Volume I. Departamento de Architectura, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011.

Rogério de Azevedo ingressa na EBAP como professor, numa época em que está já claramente implementada a Reforma de 1931 (impulsionada por Marques da Silva). Esta reforma permitira consolidar e dar continuidade a um ensino do tipo *Beaux-Arts* onde, de acordo com Canto Moniz, se pretendia formar um “arquitecto-artista” dentro das regras do academismo.

“Este ensino assentava no rigor do desenho, no domínio dos estilos arquitectónicos, na racionalidade do programa e no culto da grande composição, explorada nos competitivos concursos de emulação. Traduzia-se, assim, numa maneira de fazer e de pensar a Arquitectura que não era inibidora de uma consciência do moderno, mas não dava aos estudantes de arquitectura os instrumentos metodológicos da modernidade, como, por exemplo, a coordenação e o trabalho de grupo, a racionalização da construção ou a cultura industrial.”²⁷⁶

Contratado para leccionar a 8.^a Cadeira – Desenho Arquitectónico, Construções e Salubridade das Edificações, Rogério de Azevedo segue, ao longo das três partes que constituem aquela cadeira²⁷⁷, o método do seu mestre Marques da Silva dando, assim, continuidade à sua própria experiência como estudante.

Ao contrário de Rogério de Azevedo, que procurará sempre manter a tradição vinda de Marques da Silva, Carlos Ramos será o impulsionador de transformações pedagógicas fundamentais na Escola da qual virá, aliás, a ser o seu director a partir de 1952 e, contribuindo assim, de forma significativa, para a evolução no sentido de um “ensino Moderno da Arquitectura”, como nos explica, detalhadamente, Canto Moniz na sua tese de doutoramento.

“Apesar da renovação fomentada por [Aarão de] Lacerda com as contratações de novos professores, relacionados com a cultura moderna, só Ramos procura renovar a sua cadeira. Os outros três

²⁷⁶ Idem, p. 543.

²⁷⁷ A 8.^a cadeira dividia-se em três partes:

“1.^a parte - Ordens e Trechos Arquitectónicos (Desenho a traço e aguarelado), do 1.^o ano; 2.^a parte - Prática da Construção e Salubridade das Edificações (Estudos parciais e pequenos projectos de conjunto), do 4.^o ano; 3.^a parte – Projectos de Construção Geral, do Concurso do Curso Superior”. In Idem, p. 239.

professores, António Brito [para a 1.^a cadeira], Pinto do Couto [para escultura] e Rogério de Azevedo, sem experiência pedagógica nem produção teórica, optam, pelo menos num primeiro momento, por dar continuidade à sua própria experiência como estudantes. Como refere Manuel Mendes, ‘Num corpo docente, que se solidariza ainda e muito com a «velha Academia», Ramos é personagem isolada [...]’²⁷⁸.

O facto de Carlos Ramos e Rogério de Azevedo terem entrado em simultâneo nesta Escola como professores para leccionar as cadeiras antes leccionadas por José Marques da Silva deve ser assinalado. Constatamos, porém, que, no tempo longo desde aí decorrido, se tornaram claras posições pedagógicas claramente divergentes, havendo até registos de alguns conflitos entre ambos.²⁷⁹

Segundo refere Canto Moniz:

“Entre 1939-45, as cadeiras de Arquitectura e Construção são os espaços pedagógicos privilegiados na formação do arquitecto, não só pela própria natureza das disciplinas, mas pela acção determinada dos seus professores, onde, por um lado, Carlos Ramos procura encontrar dentro do currículo outras estratégias ou metodologias de ensino e, por outro lado, Rogério de Azevedo, opta por consolidar uma prática pedagógica clássica que constituía o denominador comum da formação do arquitecto, pelo menos, desde a sua formalização na Academia, tal como acontecia com o desenho e mesmo com a história.”²⁸⁰

²⁷⁸ Idem, p. 218.

²⁷⁹ “Ramos tem um desentendimento com Rogério de Azevedo que contribui para o pedido de demissão de 1942. Este episódio reflecte a divergência de perspectivas sobre o ensino entre os dois professores arquitectos da Escola do Porto. Devido a uma viagem oficial de Carlos Ramos a Angola, Rogério de Azevedo acompanha os trabalhos de Arquitectura do 4.º período do ano 1941-42, propondo os temas dos exercícios. No entanto, a avaliação aos alunos do Curso Superior é distinta da que Ramos havia dado nos três períodos anteriores, provocando uma situação tensa entre os dois professores. [...] Esta atitude foi mal interpretada por Ramos que pediu a demissão. No dia seguinte, Rogério escreve uma carta clarificando a situação e fazendo com que Carlos Ramos reconsidere o seu requerimento”, in Idem, p. 237.

²⁸⁰ Idem, p. 222.

Salientamos o interesse, no que diz respeito ao ensino da arquitectura, da entrevista feita a Rogério de Azevedo, publicada em 1944 no *Jornal de Notícias*:

“Entre os arquitectos portuenses, [...] Rogério de Azevedo, professor da Escola de Belas Artes do Porto, de tão gloriosas tradições, ocupa o lugar de grande e justo destaque. E alia aos méritos profissionais uma cultura geral, de base humanística, que o impõem à consideração de todos.

Procurámo-lo ontem, no seu «*atelier*» da rua de Santa Catarina, e ali nos recebeu com aquele sorriso que é o «*ex-libris*» da sua personalidade.

Aparelhados dois cigarros, a entrevista começa.

- Que nos diz V. da criação de uma Faculdade de Arquitectura?...

- Que reprovo com toda a minha vibração a ideia de doar à Ciência o que é propriedade absoluta da Arte. [...] O arquitecto é antes de mais nada – um Artista, embora precise, na verdade, de uma grande soma de conhecimentos técnicos, de cultura geral e até especializada.

- O actual ensino da Arquitectura satisfaz as necessidades modernas da profissão?

- Não satisfaz, mas isso verifica-se a respeito de muitos outros cursos...

- Também de Pintura e da Escultura?

- Evidentemente!

E noutro tom:

- Ora, para remediar os males urge fazer uma reorganização, seriamente estudada, mas não há que pensar em desviar o curso natural das coisas...É preciso considerar que o ensino artístico tem que ser encarado num sentido global em que a Arquitectura tem precisamente o primeiro lugar.

[...] O distinto arquitecto entrando a fundo no assunto diz:

- Eu tenho, de há muitos anos, horror aos «*doutores*» ... Não à ciência, mas à superabundância de diplomados que tudo esmagam na vida... O que é preciso, para remediar os males do ensino actual, é dar-lhe condições de vida, instalações próprias e bem dotadas. O resto é fantasia!

- Mas qual é o maior mal do actual curso de Arquitectura?

- A circunstância de nele se matricularem indivíduos desprovidos de vocação, pois como o exame de admissão é fácil, todos os falhados noutros cursos ali vão parar... [...]

Quanto a mim – diga-o lá no seu jornal – sou contra o bacharelato do Arquitecto, que é antes de mais nada – Artista, no conceito humanístico e universal da Arte.

Estava assim, de modo lapidar, terminada a entrevista.”²⁸¹

Em 1945, Aarão de Lacerda decidirá abandonar a Escola do Porto, tomando a seu cargo a cadeira de História de Arte na Universidade de Coimbra. Será Joaquim Lopes, professor da cadeira de Pintura que o substituirá na direcção da Escola a partir desta data. A sua direcção ficará marcada pela concretização da ampliação das instalações escolares, alterando-se o seu “carácter de «aula» para uma dimensão universitária”²⁸² e introduzindo-se, também, nos cursos de Arquitectura, Pintura e Escultura, novas e renovadas cadeiras. Rogério de Azevedo dirá, no jornal *O Tripeiro*, num texto onde se assinala o primeiro aniversário da morte de Joaquim Lopes, que é com “dolorido sofrimento” e “saudade de um velho e querido Amigo”, que “ocupou com grande brilho” o lugar de director de uma escola onde “trabalhou incansavelmente para que a reforma do ensino artístico se fizesse [e que...] morreu sem haver colhido os frutos para o que havia dado muito do seu esforço”²⁸³.

Não será, no entanto, Rogério de Azevedo o escolhido para ocupar o lugar de director deixado vago por Joaquim Lopes; será Carlos Ramos, o professor de Arquitectura, o nomeado para a direcção da Escola; a partir de 1952, dará continuidade aos esforços para a implementação da nova reforma do ensino que apenas se concretizará em 1957. Esta opção marcará definitivamente

²⁸¹ Entrevista a Rogério de Azevedo. “O Arquitecto Rogério de Azevedo afirma que a arquitectura deve continuar integrada na Escola de Belas-Artes”, in *Jornal de Notícias*, 7/11/1944.

²⁸² Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, p. 237.

²⁸³ Rogério de Azevedo, “Joaquim Lopes”, *O Tripeiro*, n.º 11, Março 1957, V série, ano XII.

o futuro daquela instituição de ensino e julgamos que coincidirá com um certo apagamento por parte de Rogério de Azevedo, preterido naquela ocasião.

Carlos Ramos, segundo Canto Moniz, “incorpora os objectivos dos seus antecessores construindo uma escola moderna sustentada numa estratégia pedagógica, num renovado corpo docente e numa intensa actividade cultural”²⁸⁴. Na referida renovação da equipa de assistentes, para o curso de Arquitectura, pelo novo director, salienta-se a escolha de alguns dos seus antigos alunos, nomeadamente, de Fernando Távora, José Carlos Loureiro, Mário Bonito e, mais tarde, Agostinho Ricca, Octávio Lixa Filgueiras e Arnaldo Araújo (todos anteriores alunos, também, de Rogério de Azevedo).

Verificámos que a pedagogia de Rogério de Azevedo se associa, genericamente, a um ensino considerado mais conservador, de continuidade com os princípios das *beaux-arts* e de seu mestre Marques da Silva. Seria referido por alguns dos seus antigos alunos como professor culto mas aparentemente pouco empenhado na qualidade da sua docência, pelo menos nos últimos anos de actividade, e que, por isso, “não ensinava tudo aquilo que sabia”²⁸⁵. Esta é a opinião generalizada da geração de alunos que, numa fase final da sua carreira docente, com ele tiveram aulas.

“Apesar deste seu interesse pela Construção, será na disciplina do 1.º ano, Ordens e Trechos Arquitectónicos, que a sua presença marcará os estudantes, não só pela exigência no rigor do desenho, mas também pelo anacronismo dos trabalhos relacionados com a cópia das estampas de Vignola, Palladio ou Scamozzi e pela composição de trechos arquitectónicos a partir dos elementos clássicos da construção.

A questão da cópia de estampas, do desenho das ordens e da aplicação das ordens constitui, dentro dos trabalhos escolares a realizar pelos alunos, o vínculo com a pedagogia clássica proposta por Marques da Silva e com a tradição do ensino *Beaux-Arts*. Para os arquitectos modernos, as alternativas a esse ensino

²⁸⁴ Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, p. 214.

²⁸⁵ Segundo refere José Quintão, seu antigo aluno.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico

clássico passavam sempre pelo fim destes exercícios de aprendizagem acrítica dos elementos da construção clássicos. Contudo, os seus alunos reconhecem que, através da cópia, Rogério pretendia que compreendessem a relação entre as partes e o todo, os sistemas de proporção e de escala e, ainda, a racionalidade do clássico.

[...] Os alunos duvidavam da importância destes exercícios para a sua formação, mas reconheciam que eram exercícios de rigor e que Rogério de Azevedo era um professor culto, que através do clássico procurava transmitir a importância da racionalidade.”²⁸⁶

Rogério de Azevedo é recordado pelo tom sarcástico das suas intervenções aquando das vigorosas críticas que fazia aos trabalhos dos alunos. Estes, também por questões ideológicas, guardariam, dele, algum rancor, já que o conotavam com um posicionamento aparentemente retrógrado.

Na Escola exerce, também, durante algum tempo, as funções de Secretário e de Bibliotecário. Embora nunca ocupe cargos de chefia nesta instituição de ensino, fez parte, durante todo o tempo em que foi professor, do Conselho Escolar, que reunia com regularidade e onde eram colocadas todas as questões a ela relativas.

Dos poucos escritos que se conhecem de Rogério de Azevedo relacionados com a sua actividade docente, retivemos a importância de uma “Moção” que apresentou em 1959, passados já sete anos desde o início da direcção de Carlos Ramos. Nesta comunicação, lida pelo próprio na reunião, transcrita, na íntegra, no livro de Actas do Conselho Escolar, Rogério de Azevedo diz ser sua pretensão “corrigir alguns maus costumes que se vão sub-repticiamente incrustando, como facto consumado, nas normas convenientes do labor escolar da ‘Nova Reforma’ transplantados do anterior sistema”²⁸⁷. Referindo-se a Carlos Ramos salienta, também, que é “como colaboração desinteressada

²⁸⁶ Gonçalo Canto Moniz. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, p. 240-241; 336.

²⁸⁷ Rogério de Azevedo in Livros de Actas da Escola de Belas Artes. 22-10-1959. Biblioteca e Arquivo da Faculdade de Belas Artes do Porto.

que [propõe] a moção, ajudando quem tão elevadamente tem agido e sem que as considerações a apresentar possam parecer crítica mas sim contributo para mais eficiência no ensino”²⁸⁸.

É nossa convicção que este texto, escrito num tom crítico, com algumas mensagens subliminares, demonstra o descontentamento do seu autor relativamente ao processo pedagógico em curso, sentindo que no caminho seguido na implementação da nova reforma se estaria a afastar dos princípios defendidos por ele e por Marques da Silva.

Tendo em conta as críticas sugeridas e o próprio carácter do documento, julgamos evidente o distanciamento de Rogério de Azevedo em relação aos órgãos de gestão e de decisão daquela instituição.

Parece-nos, também, tratar-se de uma tentativa de justificação e explicitação da sua própria metodologia como professor, muitas vezes questionada tanto por alunos como pelos colegas. Assim (e usando as suas próprias palavras), referindo-se ao sentido normativo da estética que tanto prezava e à procura das “leis ideais” que a regem, afirma a necessidade de conhecer o “modelo, qualquer que (ele) seja”, para que, “quando plenamente estiver senhor desta gramática – que é a técnica dos valores – [...] se poder atingir o desideratum de livremente interpretar”²⁸⁹. Rogério de Azevedo alerta também para o facto de o aluno ter o dever de “não sacrificar a sua personalidade à do professor” apenas por razões “de sobrevivência”. “O aluno deverá desenvolver, por intermédio do conhecimento das «leis ideais», as faculdades sensitivas e emocionais para a conveniente selecção” e, “acusar então uma personalidade inteiramente liberta dos preconceitos esmagadores do seu Ego”²⁹⁰. É expressa, também, a opinião de que se devem distinguir claramente os “trabalhos escolares [daqueles] que não o são”, pondo em causa a autoria daqueles que são feitos fora da Escola, acrescentando que:

²⁸⁸ Idem, *ibidem*.

²⁸⁹ Idem, *ibidem*.

²⁹⁰ Idem, *ibidem*.

“Só no segundo ciclo, quando o aluno esteja já suficientemente senhor da técnica para, sem influências estranhas diluidoras da personalidade ou sem habilidades encobridoras presumíveis da inépcia, poder demonstrar todas as suas possibilidades criadoras, a Escola, dentro da sua actividade docente, dar-lhe-ia então liberdade para a concepção ideal.”²⁹¹

Por fim, Rogério de Azevedo põe em causa a autonomia do “Assistente” que “deve ser apenas um auxiliar do Professor no trabalho didáctico informativo” e não deve “depender dele a classificação dos trabalhos escolares”. Acrescenta que embora seja positiva a sua juventude não “basta para a sua formação pedagógica”²⁹², o facto de terem boas classificações enquanto foram alunos. Julgamos que o autor destas críticas estaria, seguramente, a referir-se aos assistentes recém-contratados que rapidamente ganharam protagonismo e adesão por parte dos estudantes.

Na sequência da leitura desta moção, Carlos Ramos comentará que é “com satisfação que aceita toda a colaboração que cada professor traga ao conselho na convicção sincera de que melhorará o ensino”²⁹³. Parece-nos, no entanto, que as palavras proferidas por Rogério de Azevedo não causaram impacto ou surtiram qualquer tipo de efeitos práticos, contribuindo até, talvez, para aumentar a descrença em relação àquele professor.

Rogério de Azevedo abandona o ensino em 1968 ao atingir o limite de idade, que, como o próprio referira anos antes, talvez antevendo a sua jubilação²⁹⁴, se trata de um “limite teórico mas arrasante, prescrito para as funções públicas oficiais”. E acrescenta:

“É que, se por um lado, a rigidez maciça da lei faculta ao pobre mortal a glória de poder ser apto com 2550 dias vividos, por outro lado descrê perentoriamente, sem tergiversações, dessa mesma aptidão, quando haja 2551 dias certos, fatais e irremediáveis.

²⁹¹ Idem, *ibidem*.

²⁹² Idem, *ibidem*.

²⁹³ Idem, *ibidem*.

²⁹⁴ Aquando da morte do seu colega, amigo e também director da Escola de Belas-Artes, Joaquim Lopes (director desde a saída de Aarão de Lacerda que se transferira para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

[...] é que se para uns é realmente o descanso, para outros representa o princípio do declínio, a resignação e a impotência.”²⁹⁵

As memórias que hoje perduram de Rogério de Azevedo como professor são as das últimas gerações dos alunos que frequentaram a Escola nos anos politicamente conturbados da década anterior ao 25 de Abril de 1974. Estas recordações dão nota de um professor conotado com uma certa “acomodação” em relação ao sistema político vigente, “desencantado” com a profissão e pouco empenhado na renovação dos seus métodos de ensino. Verificamos que estas recordações contrastam, de forma veemente, com o testemunho de figuras das gerações anteriores, como Januário Godinho, Viana de Lima e até Fernando Távora.

Assim se construiu, julgamos nós, uma visão baseada numa prática de final de carreira como professor e numa fase em que quase deixara de exercer a prática da arquitectura. O protagonismo de Carlos Ramos, potenciado pela regência da cadeira de Arquitectura, é consolidado quando assume a direcção da Escola, substituindo Joaquim Lopes. Algumas tomadas de posição em defesa da modernização do ensino e protecção de alguns docentes e alunos, postos em causa pelas suas posições políticas, a liberdade que conferia aos alunos no desenvolvimento dos trabalhos escolares afastava-se, aparentemente, do posicionamento de Rogério de Azevedo. Este, discípulo assumido de seu mestre Marques da Silva, procurava dar seguimento e continuidade ao seu legado como professor. A divisão das cadeiras, em Arquitectura e Construção, talvez não lhe tivesse permitido seguir a sua própria didáctica que pressupunha a sua unidade, bem como uma visão mais artística do exercício disciplinar. Salientamos, de novo, a opinião de Rogério de Azevedo expressa na entrevista já citada quando mencionámos a sua prestação como docente na EBAP:

²⁹⁵ Rogério de Azevedo, “Joaquim Lopes”, *O Tripeiro*, n.º 11, ano XII, V série, Porto, Março 1957.

“O arquitecto é antes de mais nada – um Artista, embora precise, na verdade, de uma soma de conhecimentos técnicos, de cultura geral e até especializadas. [...] É preciso considerar que o ensino artístico tem de ser encarado num sentido global em que a Arquitectura tem precisamente o primeiro lugar [...]”²⁹⁶

Referimos, nesta sequência, a importância da palestra²⁹⁷ que Rogério de Azevedo proferiu no Auditório da Escola Superior de Belas Artes do Porto já no final dos anos 70, passados mais de dez anos sobre a sua jubilação como professor. Esta conferência “inesquecível, com uma sala repleta de professores e de alunos, que terminou com todos aplaudindo-o em pé, terá significado o início de um merecido reconhecimento” em relação à obra e à figura daquele arquitecto, já com cerca de 80 anos.

Nesta época, após a implementação dos “regimes experimentais” que se seguiram ao “fracasso absoluto” da reforma de 57 defendida por Ramos, talvez Rogério de Azevedo se tivesse sentido mais concordante com o rumo que o ensino da Escola tomava. Tal como nos seus tempos de estudante, salvaguardando obviamente todas as diferenças entretanto ocorridas, como nos diz Raquel Paulino:

“A centralidade do projecto e a exploração de uma íntima articulação entre a prática pedagógica e a profissional, desenvolvida em contexto de atelier foram um dos pilares da reestruturação do curso de arquitectura da ESBAP operada nos anos 70 e uma das permanências do modelo Beaux Arts que Kahn e a Escola do Porto moldaram e adequaram às solicitações e especificidades de novos tempos culturais, reabilitando-o numa nova era de ensino...”²⁹⁸

²⁹⁶ Rogério de Azevedo, “O arquiteto Rogério de Azevedo afirma que a Arquitectura deve continuar integrada na Escola de Belas Artes”, em *Jornal de Notícias*, 7/11/1944.

²⁹⁷ Da qual não encontramos qualquer registo gravado, ao contrário de outras gravações feitas no mesmo ciclo de conferências que encontramos, tais como as de Viana de Lima, Januário Godinho, Agostinho Ricca e Fernando Távora.

²⁹⁸ Raquel Alexandra Geada e Paulino, *O Ensino da Arquitectura ESBAP/FAUP – Construção de um Projecto Pedagógico entre 1969 e 1989*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: FAUP, 2013.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



No atelier

- 2|109. Rogério de Azevedo

Colaboradores. Discípulos

Rogério de Azevedo influenciou, de forma significativa, a geração de arquitectos que se lhe seguiu, nomeadamente, alguns dos que com ele virão a colaborar.

“Na rua de Santa Catarina, onde era o seu escritório, tinha vários arquitectos a trabalhar. Tinha, também, um escritório em casa”²⁹⁹. Embora no espólio de Rogério de Azevedo não existam registos dos colaboradores que terão passado pelo seu *atelier*, confirma-se, com base em dados concretos, que Januário Godinho [1910-1990], entre 1932 e 1938 trabalhou com aquele arquitecto.³⁰⁰

No citado ciclo de conferências realizado na ESBAP em 1979,³⁰¹ Januário Godinho relata de forma detalhada o seu percurso enquanto estudante e as principais referências e influências que foi tendo ao longo da sua actividade enquanto arquitecto. Godinho destaca, sem hesitações, a importância que para ele tiveram, primeiramente, José Marques da Silva como professor

²⁹⁹ Rogério de Azevedo (filho), in entrevista por nós realizada na sua casa, rua da Fonte da Moura, 464, 1.º, Porto, em 19 de Maio de 2010.

³⁰⁰ No arquivo da actual Faculdade de Belas Artes, encontra-se um documento assinado por Rogério de Azevedo em 1941 que diz:

“O abaixo assinado, Rogério dos Santos Azevedo, arquitecto diplomado pela Escola de Belas Artes do Porto, declara que o Sr. Januário Godinho trabalhou no seu escritório de 1932 a 1938. Porto, 31 de Março de 1941. Rogério dos Santos Azevedo”. In *Processo de docente* de Rogério dos Santos Azevedo, Arquivo da FBAUP.

³⁰¹ Em 1979 realizaram-se na ESBAP uma série de conferências, julgamos que organizadas pelos estudantes e pelos professores mais jovens, nas quais participou um grande conjunto de convidados como Rogério de Azevedo, Viana de Lima, Januário Godinho, Fernando Távora, entre alguns outros. Nestas conferências era solicitado aos convidados que apresentassem livremente a sua obra mas que se debruçassem, também, sobre o modo como se processara a sua formação enquanto alunos de arquitectura e se referissem às principais influências que foram tendo ao longo daquele processo e durante a vida profissional. Além da recordação que alguns dos presentes na assistência ainda guardam hoje, foi possível encontrar, dispersas por vários locais, gravações (áudio em cassete) de algumas das referidas sessões, nomeadamente de Januário Godinho, de Viana de Lima (que transcrevemos por fazerem referências importantes a Rogério de Azevedo) e de Fernando Távora.

Desafortunadamente não encontramos a gravação relativa à conferência proferida por Rogério de Azevedo que sabemos ter sido realizada. Alexandre Alves Costa recorda que se tratou de “uma sessão inesquecível” onde, de certa forma, os antigos alunos se “reconciliaram” com o professor que, agora com 85 anos, terá sido, no final desta sessão, aplaudido por toda a audiência em pé.

e, posteriormente, Rogério de Azevedo como arquitecto com quem tirocina e colabora em diversos projectos. Destaca também, de forma veemente, a influência e importância do profundo conhecimento que as viagens realizadas no seu próprio país lhe proporcionaram. Estas viagens terão sido feitas como relata o próprio, com Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro enquanto estes trabalhavam para a Direcção Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais e com outros colegas. Godinho acentua que Rogério de Azevedo teve nele uma “uma influência grande” porque, além de ser “um homem brilhante, [...] tinha uma paixão que vinha de dentro pelas coisas do seu próprio país”³⁰². Referindo-se a Rogério de Azevedo dirá:

“O Rogério de Azevedo era efectivamente, e presto-lhe homenagem, um homem de um talento excepcional, de uma agilidade fulgurante, de imaginação, uma coisa espantosa! Basta dizer que quando ele chegava ao atelier, onde eu estive a tirocinar, chegava, e, sem tirar o chapéu da cabeça, fazia o projecto. Por exemplo, eu lembro-me da Garagem do Comércio do Porto, ele chegou de manhã e disse-me:

– O Bento Carqueja³⁰³ encomendou-me a Garagem do Comércio do Porto.

Pôs a tela no estirador, de chapéu e, sempre a fumar, começa a lançar umas linhas, começa a passar a limpo e aí está a Garagem do Comércio do Porto que os senhores vêm aqui!”³⁰⁴

Esta afirmação de Januário Godinho, a ser exacta, leva-nos a crer que este terá trabalhado com Rogério de Azevedo antes mesmo das datas acima assinaladas, já que o projecto da Garagem de *O Comércio do Porto* dá entrada na Câmara Municipal do Porto em Agosto de 1930.

³⁰² Januário Godinho. In Conferência realizada na ESBAP, Escola Superior de Belas Artes do Porto – 6 de Junho 1979.

Transcrição feita a partir de gravação áudio encontrada nos arquivos fotográficos da FAUP e, entretanto, entregue no Centro de Documentação da FAUP.

³⁰³ Bento Carqueja era o proprietário, na época, do Jornal *O Comércio do Porto*.

³⁰⁴ Januário Godinho. Em conferência realizada na ESBAP, Escola Superior de Belas Artes do Porto, 6 de Junho de 1979.

Transcrição feita a partir de gravação áudio encontrada nos arquivos fotográficos da FAUP e entretanto entregue no Centro de Documentação da FAUP.

Salientamos que a colaboração de Godinho nos projectos de Azevedo é muitas vezes evidenciada por diversos autores, embora não tenhamos encontrado muitos dados concretos que o comprovem. Confirmamos apenas, nos espólios pertencentes a cada um deles, depositados no Centro de Documentação da FAUP, a existência, no de Rogério de Azevedo, de um desenho onde estão representadas tridimensionalmente as três Pousadas do SPN/SNI com a assinatura de ambos e, também, no espólio de Godinho, desenhos da Escola-Cantina de Alijó. Também, conforme referencia André Tavares no estudo que desenvolve sobre Godinho, algumas folhas do projecto para a Bolsa do Pescado de Massarelos são “versos de cópias do projecto de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro para as escolas regionais tipo Beira-Alta”. E acrescenta:

“Essa coincidência, mais circunstancial do que programática, aproxima gestos dissonantes de alternância formal. Afinal, talvez sejam mais relevantes as afinidades entre gerações e modos de projecto do que possa ser a distância e ruptura perceptível na análise formal dos edifícios.”³⁰⁵

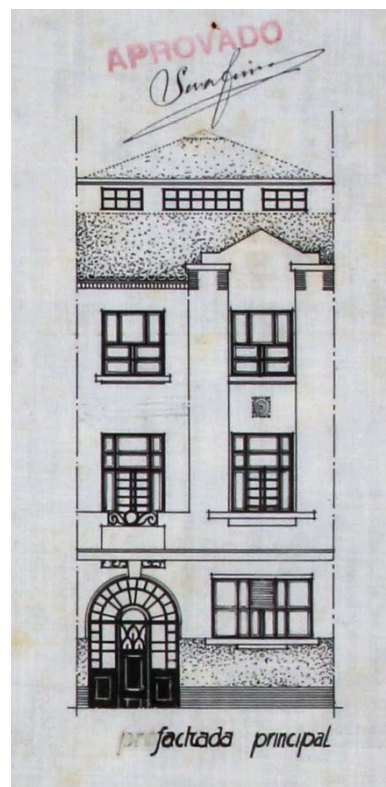
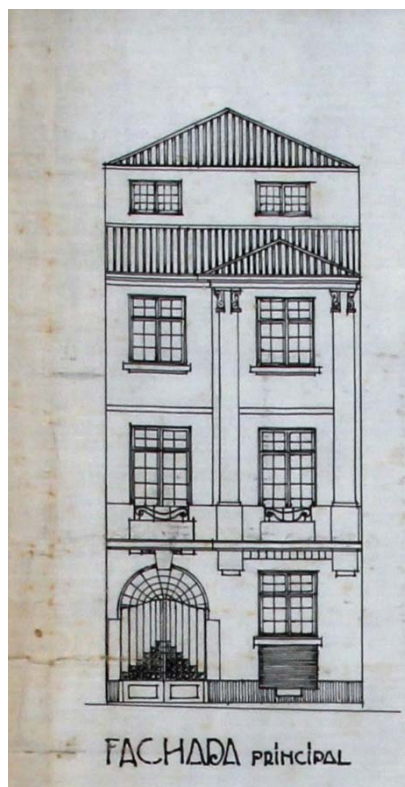
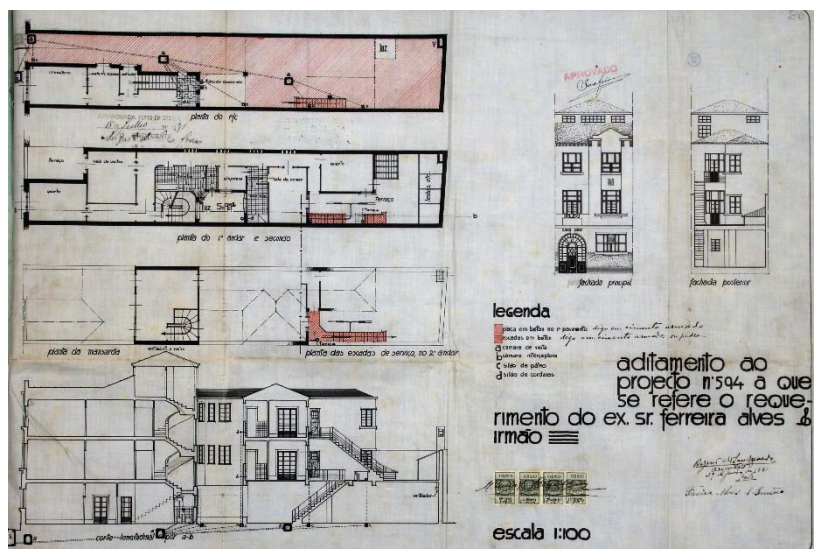
Não nos parecem suficientes as justificações que levaram alguns autores a atribuir a autoria³⁰⁶ de Godinho relativamente a um prédio localizado na rua de Álvares Cabral, Casa Ferreira Alves, assinado por Rogério de Azevedo [●2|106 a ●2|108]. Na consulta feita no Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, constata-se que uma primeira versão do projecto de licenciamento dá entrada na CMP em finais de 1930.³⁰⁷ Ocupando toda a largura do lote estreito onde se insere e dando continuidade ao desenho da rua, o edifício, embora com uma estrutura semelhante à dos edifícios do mesmo tipo, tanto em planta como no desenho do seu alçado, ganha, pela sua modernidade, algum protagonismo. Salientamos, na análise deste projecto, sem dar

³⁰⁵ André Tavares. *Duas obras de Januário Godinho em Ovar* (Equações de arquitectura). Porto: Dafne editora, 2012, p. 35.

³⁰⁶ Ver Gisela Lameira e Luciana Rocha, em *Januário Godinho*, Arquitectos Portugueses, série 2, Vila do Conde: Verso da História, 2013, p. 50.

³⁰⁷ Januário Godinho tinha, nessa altura 20 anos de idade, o curso de arquitectura por terminar e ainda pouca ou nenhuma experiência profissional.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Casa Ferreira Alves, Porto

- 2|106. Aditamento ao projecto. Casa Ferreira Alves, Porto. 1931.
 - 2|107. Primeira versão do alçado. 1930.
 - 2|108. Segunda versão do alçado. 1931.

especial relevo a questão da sua autoria, a evolução que sofreu no seu desenho ao longo do processo. Em 1931, na sequência de um parecer negativo por parte da Inspeção Geral dos Incêndios, nova versão do projecto é entregue e são introduzidas “ligeiras alterações, tanto na planta como na fachada, que, no seu conjunto, vão enriquecer o estudo existente”³⁰⁸. A função do edifício (consultório médico no piso térreo e habitação nos dois pisos superiores e mansarda), a sua estrutura organizativa e as dimensões dos espaços não sofrem grandes modificações. O redesenho do alçado, no entanto, confere-lhe agora um carácter completamente diferente. Nesta versão, a estilização dos elementos de inspiração clássica já patentes no desenho anterior, o alargamento dos vãos e redesenho das caixilharias, a presença do granito que reveste o piso térreo, conferindo-lhe estabilidade e contrastando com os elementos verticais que se elevam até à cornija descontínua do edifício, dão-lhe, em consequência, uma leitura de modernidade mais acentuada.³⁰⁹

No centro de documentação da FAUP, no espólio de Godinho, existe uma capa com a indicação: “por encargo de Rogério de Azevedo, 1933”, que contém uma cópia heliográfica da versão licenciada pela CMP e, dois desenhos originais, em vegetal, de pormenorizações das caixilharias. Poder-se-á, talvez, colocar a hipótese de ter sido Godinho a desenvolver esta segunda versão do projecto de licenciamento, muito embora, pela análise das datas, nos pareça mais provável a hipótese de lhe ter sido apenas solicitado o desenvolvimento dos pormenores para execução da obra. Pela análise que se fará da obra de Rogério de Azevedo também nos parece plausível ser ele próprio a realizar as duas diferentes versões.

Nesta sequência, julgamos importante referir a importância que terá tido Rogério de Azevedo para aqueles que com ele trabalharam enquanto foi

³⁰⁸ Assinado por Ferreira Alves e Irmão, 29 de Junho de 1931, em aditamento ao processo de Licenciamento de 12 de Novembro de 1930, AHMP, LO-110-1931-085.

³⁰⁹ Note-se que este edifício se encontra actualmente bastante descaracterizado pelas alterações feitas ao projecto, nomeadamente pelo encerramento dos pátios ou varandas voltadas à rua e pelo uso de caixilharias desqualificadas que alteram, de forma significativa, a volumetria e a leitura do edifício.

director da Secção Norte da DGEMN. Destacam-se, neste âmbito, Alfredo Viana de Lima (1913-1991) e, também, Agostinho Ricca (1915-2010).

Viana de Lima termina o curso em 1938 e nos três primeiros anos da sua actividade como arquitecto trabalha na Secção Norte da DGEMN. Segundo as suas descrições, naquela época, nos escritórios da DGEMN, para além do restauro dos edificios com interesse patrimonial, “projectava-se muitas outras coisas; escolas, cantinas, por vezes edificios públicos de outro carácter que se localizassem perto de monumentos”³¹⁰

A esse respeito dirá, na conferência que realiza em 1979 na ESBAP, recordando-se dos “trabalhos espantosos feitos nessa época (na DGEMN)” que:

“Foi um grande encanto trabalhar com ele [Rogério de Azevedo]. Porque ele desenhava, desenhava primorosamente! E era um profundo conhecedor e estudioso e lembro-me dos trabalhos espantosos que nós fizemos nessa época, não só tentativas de recuperação de alguns monumentos, quase tudo igrejas, mas, também, do início dos trabalhos respeitantes aos Paços dos Duques de Bragança, [...] um trabalho altamente interessante! [...] Esta vivência nos monumentos foi muito importante e contribuiu imenso para a minha formação.”³¹¹

Nesta ocasião Viana de Lima explica, também, que quando começou a trabalhar como arquitecto, embora tenha inicialmente “trabalhado para o arquitecto Losa [...], fez também muito trabalho para o Rogério de Azevedo”:

“Colaborei. Colaborei, quer dizer, de certa maneira, não era bem colaborar mas enfim... Nas Pousadas, algumas. Trabalhei muito para Alijó, uma pousada que não se chegou a realizar, fez-se outra coisa; fiz várias coisas para um Hotel na Póvoa, várias coisas aqui para o Porto [...].”

Destacamos assim, a importância da influência de Rogério de Azevedo sobre dois arquitectos, Januário Godinho e Viana de Lima, que com ele

³¹⁰ Alfredo Viana de Lima. In Conferência realizada na ESBAP, Escola Superior de Belas Artes do Porto – 1979.

³¹¹ Alfredo Viana de Lima. In Conferência realizada na ESBAP, Escola Superior de Belas Artes do Porto – 1979.

colaboraram em situações diversas e que vieram mais tarde a notabilizar-se pela qualidade da maioria dos seus projectos no panorama da arquitectura do nosso país.

Biblioteca pessoal. Viagens

Numa análise global sobre a vida e obra de Rogério de Azevedo não pode deixar de se notar e assinalar, para além da sua visão culta sobre a arquitectura, um vasto e muito diversificado leque de interesses. “Ele era um arqueólogo amador, interessava-se muito por história de arte, sabia grego, árabe e russo. Interessava-se muito por história natural, botânica. Tinha uma riquíssima biblioteca que foi vendida, quase na sua totalidade, depois da sua morte [...]”³¹².

Importa-nos ter uma ideia da cultura arquitectónica de Rogério de Azevedo. Para isso, pareceu-nos importante entender, de forma genérica, as suas origens, a sua formação enquanto adulto e, fundamentalmente, enquanto arquitecto.

Como complemento desta informação, partindo da ideia de que seria interessante para uma leitura sobre a personalidade e cultura arquitectónica de Rogério de Azevedo, tentámos, nessa perspectiva, fazer a reconstituição daquilo que teria sido a sua biblioteca pessoal, pelo menos nas áreas que se relacionam mais directamente com a arquitectura; conseguimos, através de várias fontes, constituir uma listagem já com um número substancial de exemplares³¹³.

Dos poucos exemplares que permaneceram com a família de Rogério de Azevedo, salientamos, entre outros, alguns livros e monografias sobre a História de Portugal, a História de Espanha, a História da Arte, a Cidade do

³¹² Entrevista a Rogério de Azevedo (filho), 2010.

³¹³ Listagem completa que apresentaremos no capítulo Biblioteca Pessoal de Rogério de Azevedo.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Biblioteca pessoal

- 2|110. Rogério de Azevedo

Porto, destacando-se, naquele conjunto, os três volumes do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal.³¹⁴

Na Fundação Instituto Marques da Silva, instituição que recolheu o espólio de Fernando Távora foi-nos possível encontrar alguns exemplares de livros onde o próprio Fernando Távora deixou cuidadosas anotações manuscritas dizendo que teriam pertencido a Rogério de Azevedo e, entre outras informações, onde teriam sido adquiridos. Assim, num dos seus apontamentos no interior de um dos exemplares, F. Távora refere:

“Livros comprados a Manuel Ferreira, Porto, 19-3-84 e que pertenciam ao Arquitecto e Professor Rogério de Azevedo. Foram vendidos pelos seus filhos e grande parte adquirida pela Faculdade de Arquitectura”, ou “este «Dictionnaire...» pertenceu a Rogério de Azevedo, querido Mestre. Foi por mim comprado na livraria Manuel Ferreira [...], comprei na mesma data outras obras sobre arquitectura e da mesma origem”, ou ainda “pertenceu à biblioteca do Arquitecto e Professor Rogério de Azevedo [...] A lista dos livros então comprados encontra-se em ‘Moderna Arquitectura Alemã’.

Foi-nos possível, desta forma, acrescentar à lista de livros da presumível Biblioteca de Rogério de Azevedo os títulos adquiridos por Fernando Távora.³¹⁵ Na selecção que Távora faz para si próprio, escolhe, obviamente, alguns exemplares raros, entre os quais salientamos a edição de *Regola delli cinque ordini d’architettura* de Vignola³¹⁶, *Compositions Architecturales* de

³¹⁴ Esta informação foi recolhida em entrevista a Rogério de Azevedo, filho que, nos mostrou, na sua estante de casa, alguns dos volumes que terá guardado de seu pai, nomeadamente

Libri XXXI d’el Compendi Historial de España de las Crónicas y Universal Historial de todos Condes de Aragon, História de Portugal, História da Expansão Portuguesa no Mundo, História da Cidade do Porto”, História de Aarão de Lacerda, História General del Arte, Inéditos da História Portuguesa, J. Pijoan – História del arte, História Universal da América, Arte Barroca, Romantismo (...), Grande Atlas mundial, História del Arte – Labor, Neufert, Arquitectura Popular em Portugal, zona 1,2,3, Perspectiva artística de Anasagasti, arq -editorial Labor, SA e Elementes de Geometrie descriptive.

³¹⁵ Listagem completa que apresentaremos no capítulo Biblioteca Pessoal de Rogério de Azevedo.

³¹⁶ Um dos objectos escolhidos por F. Távora para integrar a exposição “Percurso” realizada em 1993 sobre a vida e obra de Fernando Távora no CCB em Lisboa (contém, ainda, a respectiva etiqueta).

Umbdenstock, o *Dictionnaire raisonné de l'architecture française: du XIe au XVIe siècle* de Viollet-le-Duc, e, um número especial sobre Perret da revista *L'Architecture d'aujourd'hui*, de 1946.

A informação fornecida pelos apontamentos de Fernando Távora levou-nos a encontrar na Faculdade de Arquitectura a factura discriminada dos livros comprados naquele dia fazendo-nos crer que esses, muito provavelmente, fariam, também, parte da biblioteca de Rogério de Azevedo.³¹⁷ Foram adquiridas assim, nessa ocasião, as edições de praticamente todas as publicações do próprio autor e muitas outras, algumas com dedicatórias dos próprios autores dirigidas a Rogério de Azevedo. Salientamos a existência de edições como *Casas Portuguesas e Arquitectura, Paisagem e Vida*, de 1957, de Raul Lino, este último oferecido pelo próprio autor a Rogério de Azevedo.

Faziam, também, parte daquele conjunto de obras muitas edições sobre a história da arquitectura em Portugal, de entre as quais destacamos um exemplar de *O Românico Português*, de Manuel Monteiro.³¹⁸

O estudo da obra de Rogério de Azevedo leva-nos a crer que, para além da intuição e aptidão próprias no exercício do projecto, acompanharia as vanguardas da época, não através de viagens ao estrangeiro, já que terá feito poucas, mas pela observação daquilo que se fazia no próprio país e, também, pelos conhecimentos adquiridos através de revistas e livros que até ele chegavam.

Segundo nos relata o seu filho, “O Pai não gostava de viajar, a mãe nunca voltou ao Brasil embora tivesse lá muita família, entre os quais, os irmãos” porque Rogério de Azevedo não andava de avião nem terá voltado a

³¹⁷ Salientamos que nessa altura, se fazia a transição das instalações da Faculdade de Arquitectura do edifício das Belas-Artes para as novas instalações no Campo Alegre e, embora muitos livros tenham sido transferidos de uma instituição para a outra, procurava-se agora aproveitar esta oportunidade para aumentar o espólio da FAUP.

³¹⁸ Apresentaremos, no final deste documento, mesmo que incompleta, uma listagem dos títulos pertencentes à Biblioteca Particular de Rogério de Azevedo por nós apurados.

andar de barco depois da morte do seu irmão,³¹⁹ facto que nos importa salientar já que ajuda a compreender o referencial cultural e, particularmente, arquitectónico, neste autor. Sabe-se, no entanto, que em 1939, na sequência do estudo que fazia para a intervenção no Paço dos Duques, em Guimarães, terá viajado, ao que parece com Baltazar de Castro, a Espanha (Astúrias) e ao sul de França (Touraine e Loire) para estudar os castelos daqueles países. Segundo nos relata o seu filho, “existe uma fotografia do carro dentro do vagão do comboio que o levou a França”³²⁰ que não nos foi possível visualizar.

Outros interesses. Anos 50 em diante

Até 1948 a produção arquitectónica de Rogério de Azevedo é muitíssimo vasta.³²¹ Até essa data, além das memórias descritivas que acompanham os projectos, não parece ter-se dedicado de forma intensa à escrita, salvo algumas excepções que explicitaremos, sem grandes detalhes, em seguida. A esse respeito dirá:

“Atente-se bem, simples arquitecto sou, mais dado ao amanho dos riscos do que à pratica das letras, temendo mesmo o seu exercício pelo receio daquelas palavras com que Apeles muito sensatamente apostrofou o sapateiro: ‘ne sutor ultra crepidam’³²².”³²³

Em 1936 é publicado o texto relativo a uma conferência que faz no Clube Fenianos, no Porto, intitulada “A Arquitectura no Plano Social”. Naquilo que diz respeito à arquitectura, já que mais tarde escreverá sobre outros temas, este texto é de crucial importância para o nosso estudo. Por essa razão,

³¹⁹ In Entrevista a Rogério de Azevedo (filho mais novo de Rogério de Azevedo), Porto, em 19 de Maio de 2010.

³²⁰ Idem.

³²¹ Em 1946 faz parte do Conselho de Estética Urbana da Câmara Municipal do Porto.

³²² “ne sutor ultra crepidam – locução latina que significa «não vás, sapateiro, além da chinela». Resposta do pintor Apeles [Grécia] a um sapateiro que, depois de haver criticado, num dos seus quadros, uma sandália, julgou também poder criticar o resto; aplica-se aos que pretendem julgar de coisas para que lhes falta competência.

Fonte: Plínio, História Natural, XXXV, 36. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, www.priberam.pt [consultado em 15-07-2015].

³²³ Rogério de Azevedo. *O Paço dos Duques de Guimarães: preâmbulo à memória do projecto de restauro*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942, p. 9.

abordaremos, de forma mais detalhada, mais à frente neste trabalho, os conteúdos ali tratados. Salientamos apenas que Rogério de Azevedo coloca em discussão diversos problemas relacionados com a Arquitectura, chamando a atenção para o seu possível papel “na educação dos povos”. O autor refere-se ao valor da “arquitectura doméstica” tendencialmente desvalorizada em contraponto com a “arquitectura monumental”, discorrendo sobre algumas questões relacionadas com o “problema da habitação”, das condições de vida nos aglomerados urbanos, nomeadamente das questões relacionadas com a “higiene individual e colectiva”. Salienta-se o facto de Rogério de Azevedo citar, nesta publicação, Le Corbusier e Pierre Jeanneret e a sua *Analyse des éléments fondamentaux du problème de la Maison Minime*, demonstrando assim uma certa actualização em relação a alguns debates internacionais.

Em 1942, a propósito do “encargo” que lhe foi atribuído de “estudar o Paço Gótico de Guimarães” escreve um “Preâmbulo à memória do projecto de restauro, O Paço dos Duques de Guimarães” onde explica as questões fundamentais levantadas na interpretação e reconstituição daquele edifício. Salientamos o entusiasmo que demonstra na abordagem à investigação que precede o projecto parecendo antecipar, de certa forma, um gosto que mais tarde desenvolverá pela decifração de inscrições em peças arqueológicas:

“Fascinado pela natureza do trabalho que me impeliria à decifração de verdadeiros enigmas, aferrei-me então à peregrina ideia de que seria meritória e, para mim agradável, a tarefa de escabichar antigualhas, livros e papeis para me estribar nas razões que pudesse haver e em que tentaria fixar o interesse das pessoas que porventura viessem a ler este trabalho, feito inteiramente nas minhas magras horas de folgança.”³²⁴

Esta publicação deu origem a uma outra, intitulada A Propósito do Paço dos Duques de Guimarães³²⁵, reacção à anterior, onde o historiador Al-

³²⁴ Idem, p. 8.

³²⁵ Alfredo Pimenta. *A propósito do Paço dos Duques em Guimarães*. Guimarães: Arquivo Municipal, 1942.

fredo Pimenta comenta, criticamente, pondo em causa a veracidade do conteúdo daquela e as capacidades do seu autor. Rogério de Azevedo reage, em duas publicações que intitula como *Despropósito a propósito do Paço dos Duques de Guimarães*, (2.^a e 3.^a e última) Epístola ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta onde, de forma irónica e jocosa, refuta as críticas feitas começando por esclarecer que:

“Pensei que, sem faca nem alguidar, ou outros instrumentos contundentes e desmoralizadores, sem gastos musculares, só em duelo espiritual portanto, ela me daria o gôzo inefável de também espiritualmente poder partir os pratos na respeitável cara de V. Ex.^a. Eis porque me resolvi escrever-lhe muito à pressa, rogando apenas o favor de me escutar, se isso estiver na real gana de V. Ex.^a”³²⁶

A partir dos anos 50 a produção arquitectónica de Rogério de Azevedo diminui visivelmente iniciando, a partir de 1954, uma activa produção e edição de textos sobre temas que vão, cada vez mais, distanciando-se da arquitectura³²⁷ e, em 1955, é eleito vereador da Câmara Municipal do Porto (até 1960).

Escreve sobre a História da Cidade do Porto e suas origens³²⁸, passando pela História da Música, para, por fim, se dedicar intensivamente ao estudo da Arqueologia e da Filologia. Januário Godinho diria:

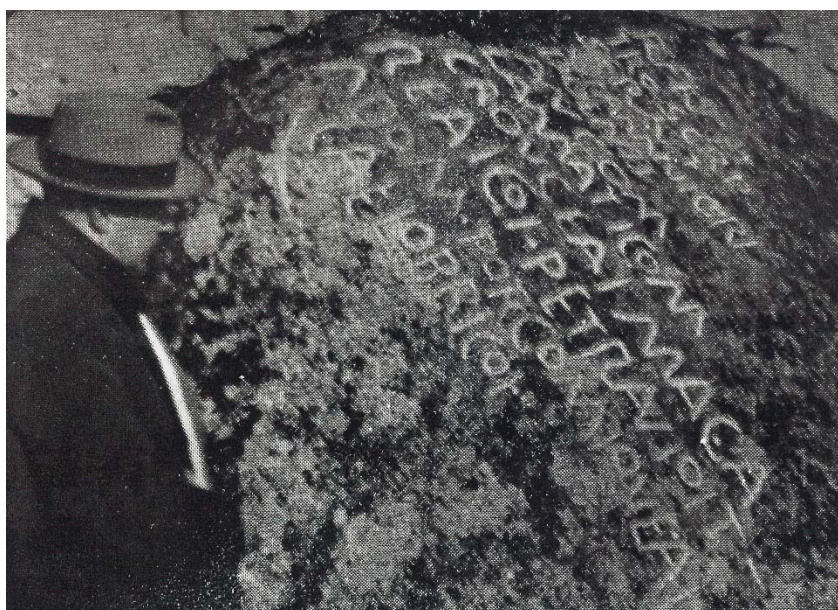
“Rogério de Azevedo era uma figura de destaque, um homem de um talento extraordinário, que, por uma evolução inexplicável,

³²⁶ Rogério de Azevedo. *Despropósito a propósito do Paço dos Duques de Guimarães: Epístola ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942, p. 4.

³²⁷ Consultar o Volume Anexo para informações complementares.

³²⁸ Nomeadamente sobre as origens da Cidade do Porto, do termo *Cale e Portucale*, em *O Termo Cale*, III Colóquio Portuense de Arqueologia, Porto, 1965; *Intervenção relativa a «Portucale»*, IV Colóquio Portuense de Arqueologia, Porto, 1966, e *A Arquitectura Medieval Portucale e suas implicações e antecedentes*, Porto, 1968, entre outros.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
2. Rogério de Azevedo: um apontamento biográfico



Outros interesses

- 2|111. Rogério de Azevedo observando a inscrição de Lamas de Moledo, Castro Daire. 1954.

lentamente, com o tempo se começou a desinteressar pela arquitectura.”³²⁹

Assim, para além da docência que mantém até à sua reforma, parece que, de certo modo, os seus interesses se alteram. Desde os 56 até aos 84 anos de idade envolve-se intensamente na decifração de diversas inscrições em peças com interesse arqueológico³³⁰, algumas delas, documentos musicais arcaicos, publicando a partir daí uma extensa série de textos relativos às descobertas que, entusiasticamente, vai fazendo³³¹. Na primeira investigação do género que publica, sobre uma inscrição em Lamas de Moledo, dá-nos conta de, ao contrário daquilo que se supunha, daquela inscrição ser grega e não latina [●|111]. Verifica, também, tratar-se inesperadamente de uma melodia, “documento musical único na Europa”³³². Como o próprio refere:

“tive noites de insónia só a cismar naquelas três linhas de letras que coroam o texto. [...]

Ora, o que torna a inscrição notável, quanto a mim, e me faz vir a público, é precisamente a existência dessas três, tão simples quanto misteriosas linhas, com os pontos espalhados pelo texto que eu, afinal, com porfia, vim decifrar.”³³³

E, acrescentando mais à frente no capítulo que intitula “Memória. Da Inscrição” dedicada pelo autor “a todos aqueles que sentem a Arte e sobretudo àqueles que exercitam a sublime Arte dos sons – a Música”³³⁴:

“O amanhã da vida, cada vez mais áspera, pouco tempo dá de lazeres pelo que não posso abalançar a mais do que isto, que bem pouco é. Aproveitei as férias do Natal para compor esta Memória, de que fiz resumo posto a circular para a controvérsia útil. Foquei

³²⁹ Januário Godinho, in Seminário/Conferência proferida em 6 de Junho de 1979 na ESBAP. Gravação áudio convertida em texto na sequência da presente investigação, Centro de Documentação da FAUP.

³³⁰ Que correspondem a diversas publicações feitas pelo autor ao longo de vários anos.

³³¹ Ver listagem completa em Bibliografia, Rogério de Azevedo.

³³² Que fez com que estudasse, além de latim e grego, também música grega antiga.

³³³ Rogério de Azevedo. “Preambulo”. In *A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire): Documento musical na Europa (elementos para a sua interpretação)*. Viseu: Separata da Revista *Beira Alta*, 1954, p. 8.

³³⁴ Idem, p. 9.

o essencial para boa compreensão do assunto tratado, procurando dar-lhe a máxima clareza, mesmo na parte que se pudesse julgar mais árida, de forma a evidenciar as conclusões a que cheguei, sem fatigar quem porventura viesse a ler esse pequeno trabalho.”³³⁵

Em 1882, com 84 anos de idade, publica o seu último texto onde, sem nunca perder o seu bom humor, faz um “pequeno rol de inscrições Peninsulares onde se faz referência ao porco”³³⁶ chamando-lhe “O Porco na zoolatria Ibérica”. Nesta sua última edição, referindo-se a uma anterior publicação com um título semelhante, diz:

“Tinha a esperança – ambiciosa, por certo – de que algum abalizado letrado ou abencerragem zoólogo me viesse à mão aprovando – ou, mesmo desaprovando – estas escabichadelas com argumentos muito científicos e, portanto, respeitáveis mas que por mim eram lastimosamente esquecidos ou, mesmo, ignorados.

Como todavia esta tão natural ambição se esfumasse num silêncio de claustro, nada aconteceu, portanto, a não ser o ruir da modesta esperança que foi desilusão.

[...] Ora eu deixei, praticamente desde há dois anos, este agradável desporto de escrever e, sobretudo, de me dedicar à Epigrafia que durante largos anos me empolgou e foi para mim quase devoção.

Isto, porém, não me inibe de reincidir esporadicamente e é por isso que aqui estou agora. Vamos portanto ao assunto que o tempo é asa [...]”³³⁷

Morre, no Porto, em 1983, com 85 anos de idade.

³³⁵ Idem, *ibidem*.

³³⁶ (no sentido cultural dos hábitos de culto prestados àqueles animais)

Rogério de Azevedo. *O Porco na zoolatria ibérica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1982, p. 329.

³³⁷ Rogério de Azevedo. *O Porco na zoolatria ibérica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1982, p. 321.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

3. A OBRA DE ROGÉRIO DE AZEVEDO; ALGUNS EXEMPLOS

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Hospital de Santo António. Porto

- 3.1 Aspecto geral do Hospital Geral de Santo António, fotografia de Teófilo Rego.
- 3.2 Vista desde a entrada da Faculdade de Medicina sobre o Hospital de Santo António.

3.1 O confronto com o Classicismo

3.1.1 *Ampliação e Reforma da Faculdade de Medicina do Porto, 1925/1935*

O edifício da antiga Faculdade de Medicina do Porto, localizado junto ao Hospital de Santo António, foi projectado por Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro cerca de 150 anos depois de John Carr (1723-1807)³³⁸ ter desenhado o referido hospital (1770-79) [●3|1 e ●3|2].

Não se tratou da construção de um edifício de raiz porque no local existia já a antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, criada no âmbito da reforma educativa de Passos Manuel.³³⁹

O processo relativo a este projecto, iniciado muitos anos antes, começou por uma tentativa de dar “a resposta necessária ao problema de instalações com que desde sempre se vinha debatendo a antiga Real Escola de Cirurgia do Porto, fundada em 1825 por D. João VI”³⁴⁰ e que, durante várias

³³⁸ “John Carr nasceu em Maio de 1723, em Horbury, Inglaterra, numa família de pedreiros. Foi um destacado arquitecto no Yorkshire e no Norte do país.

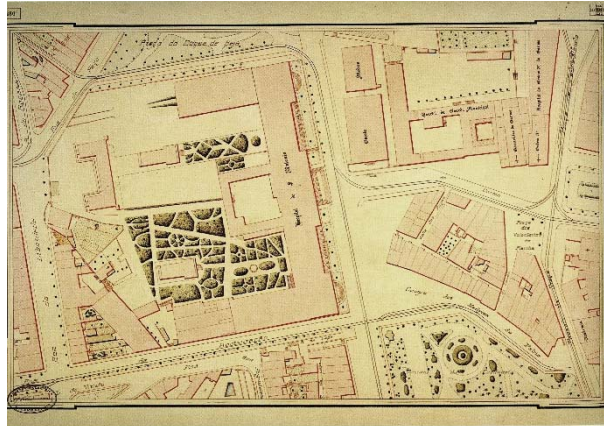
A sua actividade como arquitecto começou em 1750, com a edificação do Kirby Hall de Lord Burlington e Robert Morris, que lhe granjeou grande fama. A partir dessa data, criou inúmeras casas de campo, como a Harewood House, onde também trabalhou Robert Adam, e edifícios públicos, nomeadamente hospitais (The Infirmary, em Leeds, entre 1769 e 1771, The County Lunatic Asylum, em York, entre 1774 e 1777, The County Hospital, em Lincoln, entre 1776 e 1777, e os palácios municipais de Newark e Chesterfield (1790). No conjunto da sua produção arquitectónica destaca-se The Crescent, de Buxton (1779-1784), um projecto feito à semelhança de Bath, de John Wood, edificado para o V Duque de Devonshire [...].

Pela sua experiência como arquitecto da segunda geração do movimento neopalladiano e pela proximidade com o cônsul britânico, John Whitehead, de quem era amigo de infância e conterrâneo, John Carr foi convidado a riscar o Hospital de Santo António. Morreu em 1807”. In <http://sigarra.up.pt/up/pt> (Maio de 2013).

³³⁹ Passos Manuel, por decreto de 29 de Dezembro de 1836, deu uma nova organização às escolas de cirurgia de Lisboa e Porto, dando-lhes a denominação de Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

³⁴⁰ Hernani Monteiro, “Régia Escola de Cirurgia do Porto, Seu passado e seu futuro”, *O Tripeiro*, Ano XIII, V Série, , n.º 1, 1957, p. 10-13.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Antecedentes

- 3.3 Carta Topográfica do Porto. 1892.
- 3.4 Postal da época. “Porto – Escola Médica e Quartel Municipal”.
- 3.5 Fotografia desde a Praça de Parada Leitão, aos Leões. Foto Guedes [1885-1932].

décadas teria funcionado “num reduzido sector do Hospital de Santo António”³⁴¹. Apesar dos esforços tidos anteriormente para que fosse construído um novo edifício “a concretizar na cerca do Convento dos Carmelitas, somente em 1875 seriam aprovados o projecto e o respectivo orçamento de obra para a realização de um edifício de desenho elaborado pelo arquitecto Joaquim Vaz de Lima”³⁴². Esta obra prolongar-se-á durante vários anos e a transferência da Escola Médico-Cirúrgica para estas instalações apenas se concretizará em 1883 [●3|3 a ●3|5].

Em 1911, esta instituição é elevada a Faculdade de Medicina, tendo sido com este novo estatuto que, também nesse ano, foi integrada na então criada Universidade do Porto. As instalações revelam, “em pouco tempo, carência de área e inadequação da sua divisão interna”³⁴³ e, com o decorrer dos anos, “o descontentamento com a exiguidade e a ‘modéstia’ das instalações começou a ser manifestado tanto por professores como por alunos”³⁴⁴. Assim, aquando da visita a estas instalações pelo Presidente da República (Manuel Teixeira Gomes) em 1924, o seu director, Alfredo de Magalhães, profere publicamente as seguintes palavras:

“Assim é que v. Ex.^a nos encontra instalados neste modestíssimo edifício, de proporções minúsculas, muito insuficientes e

³⁴¹ Hernani Monteiro, “Régia Escola de Cirurgia do Porto, Seu passado e seu futuro”, in *O Tripeiro*, Ano XIII, V Série, n.º 1, 1957, p. 10-13.

³⁴² Joaquim Vaz de Lima, formado pela Academia Portuense de Belas Artes, entre 1849 e 1856, é, assim, o projectista do primeiro edifício construído de raiz para a *Escola Médico-Cirúrgica do Porto*, terminado em 1883.

Aparece, no entanto, publicado em *O Tripeiro*, Ano XIII, 1957, uma imagem de um anterior projecto para esta escola, da autoria do arquitecto Joaquim da Costa Lima (1806-1863), datado de 1833 e que não terá sido construído por falta de verbas. In Hernani Monteiro, “Régia Escola de Cirurgia do Porto, Seu passado e seu futuro”, in *O Tripeiro*, Ano XIII, V Série, n.º 1, 1957, p. 10-13. Joaquim da Costa Lima terá realizado, também, o primeiro projecto para o Palácio da Bolsa, no Porto e é o autor da “planta topográfica da cidade do Porto” de 1839.

³⁴³ In *Edifícios da Universidade do Porto: projectos* (J. Moreira de Araújo, Pedro Ramalho e Joaquim Matos Chaves – Comissão Organizadora). Universidade do Porto, Porto, 1987. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade do Porto, p. 20.

³⁴⁴ Maria Eugénia M. Fernandes (Coord.). *A Universidade do Porto e a Cidade: edifícios ao longo da história*. Universidade do Porto. Porto. 2007, p. 53.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

ameaçando ruína; nele não é possível organizar em condições regulares os muito variados serviços escolares do ensino médico geral e das especialidades clínicas; é-nos vedado montar museus e laboratórios, de todo o ponto imprescindíveis; e se não fora, Sr. Presidente, a condescendência inteligente e generosa da Santa Casa da Misericórdia [...], que além de prover por mil maneiras às necessidades confrangentes da assistência pública, substituindo-se ao Estado, ainda consente que a lição dos nossos mestres de clínica e o tirocínio dos seus discípulos se efectuem no Hospital Geral de Santo António, a existência desta Escola seria impossível – ela teria cerrado há muito as suas portas.”³⁴⁵

Nesta sequência, Alfredo de Magalhães³⁴⁶, director desta faculdade e, também, na época Ministro da Instrução, “faz aprovar pelo governo [...] um empréstimo para acudir à situação angustiosa dos Liceus, da Faculdade de Medicina e de alguns outros institutos de ensino”³⁴⁷.

³⁴⁵ Alfredo de Magalhães, então Director da Faculdade de Medicina, in discurso “pronunciado por ocasião da visita do Sr. Presidente da República àquela Faculdade”. Publicado em *O Primeiro de Janeiro*, 12 de Fevereiro de 1924.

³⁴⁶ A quem se deve o nome das Escolas Alfredo de Magalhães, mais tarde projectadas, também, por Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro no distrito de Viana do Castelo. Alfredo Mendes de Magalhães (1870-1957) – “Figura marcante da Universidade e da cidade do Porto nas primeiras décadas do século XX, o quarto Reitor da Universidade do Porto (1926-1928) nasceu a 20 de Abril de 1870, em S. Salvador de Gandra (Valença do Minho). Concluído o liceu, ingressou na Academia Politécnica e na Escola Médico-Cirúrgica, na qual se formou em 1896. Seguiu-se uma passagem pela Universidade de Paris e o regresso a Portugal em 1902 para assumir as funções de docente na Escola Médica do Porto e, a partir de 1911, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Com mais de 40 anos dedicados ao ensino e à prática da Medicina, Mendes de Magalhães foi director da Faculdade de Medicina (1923-1928), período em que esteve por detrás da criação da Maternidade Júlio Dinis (que apenas se efectivaria em 1937). Em 1926, sucedeu a Augusto Nobre no cargo de Reitor da Universidade do Porto. [...]”

Após a instauração da Ditadura Nacional, Mendes de Magalhães ascendeu novamente a Ministro da Instrução, de 1926 e 1928. Foi ainda Presidente da Câmara Municipal do Porto entre 1933 e 1937. Faleceu no Porto, a 17 de Outubro de 1957”.

Em, <http://centenario.up.pt>; 27-11-14.

³⁴⁷ Maria Eugénia M. Fernandes (Coord.). *A Universidade do Porto e a Cidade: edifícios ao longo da história*. Universidade do Porto. Porto. 2007, p. 54.

Assim, em 1925, são convidadas duas equipas projectistas a apresentar propostas para a ampliação e reforma do edifício. “Uma do prof. Van Kricken³⁴⁸ e outra dos arquitectos Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo”³⁴⁹. Numa publicação em *O Tripeiro*, em 1957, num artigo que nos relata sequencialmente a história da “Régia Escola de Cirurgia do Porto, seu passado e seu futuro”, são publicados desenhos relativos a estas propostas. O único desenho de Van Kricken ali publicado [●3|7], datado de 1925, representando em perspectiva a sua proposta para o edifício, utilizando um referencial clássico nos elementos que o compõem remete-nos, pela sua semelhança, para o importante edifício que, poucos metros acima, havia sido já construído na actual praça dos Leões – edifício que pertencia já, também, à Universidade do Porto, projectado por José da Costa e Silva (1747-1819) [●3|6].

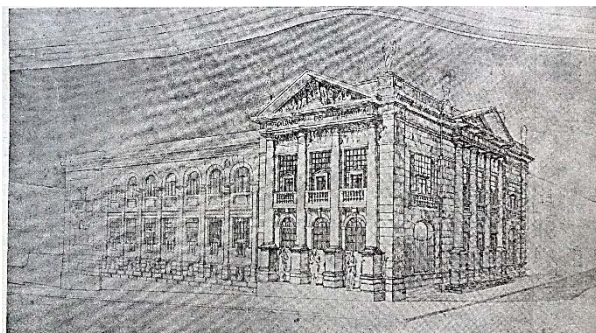
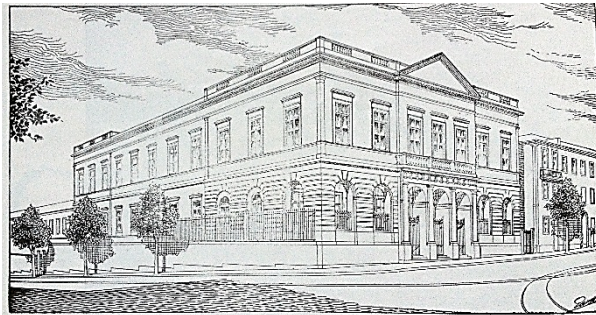
O edifício proposto por Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro [●3|8] será o escolhido pelo cliente, sendo no entanto sugeridas “algumas nuances”³⁵⁰. Embora com muito maior riqueza e diversidade de elementos, preserva uma estrutura semelhante à estrutura do edifício proposto pelo seu concorrente, estabelecendo, no entanto, uma relação mais próxima com a imagem do edifício do Hospital de Santo António, algo que, com o desenvolvimento do projecto viria, de certa forma, a perder-se. Referimo-nos à demarcação do tramo central no alçado principal que, embora se tenha mantido até ao final do projecto, terá perdido, ao longo do processo, alguma força volumétrica e tridimensionalidade dada pela redução nas distâncias dos planos da fachada. O projecto escolhido teria também, a nosso ver, a vantagem de, além de conseguir um piso a mais na zona central do edifício, acompanhar com o seu alçado voltado ao Hospital a forma do terreno, ganhando-se assim uma maior

³⁴⁸ Gerard Van Kricken, arquitecto holandês, foi professor, a partir de 1892, da Escola de Desenho Industrial do Infante D. Henrique, no Porto, na disciplina de Desenho Ornamental. Foi, também, professor na Escola Industrial Brotero, também no Porto, na disciplina de Desenho Decorativo. É o autor da Basílica de Fátima, projecto de 1928.

³⁴⁹ Hernani Monteiro, “Régia Escola de Cirurgia do Porto, Seu passado e seu futuro”, *O Tripeiro*, Ano XIII, V Série, n.º 1, 1957, p. 10-13.

³⁵⁰ <http://arquivo-digital.up.pt> (Maio 2013)

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Antecedentes. Primeiras propostas. 1925

- 3.6. Projecto de ampliação do edifício da faculdade de Medicina. Proposta de Van Kricken. 1925.
 - 3.7. Edifício Praça dos Leões. Arquitecto José da Costa e Silva.
- 3.8. Projecto de ampliação do edifício da faculdade de Medicina. Proposta de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. 1925.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

área de espaço útil. “A obra haveria de ficar pronta (apenas) dez anos depois, em 1935”³⁵¹.

“As obras não se iniciaram imediatamente e sofreu diversas e sensíveis alterações o primitivo traçado desse edifício, cuja frontaria principal veio ocupar o terreno até então vedado por um alto gradeamento de ferro. Deste modo, o normal funcionamento daquele estabelecimento de ensino quase não sofreu interrupção e as obras prosseguiram num ritmo constante [...]”³⁵²

A encomenda do projecto da Faculdade de Medicina do Porto terá tido para os então jovens arquitetos grande importância, já que se tratava da primeira grande obra pública que realizavam. Rogério de Azevedo tinha 27 anos de idade e o seu colega Baltazar de Castro, 34 anos. Julgamos que terá sido nesta altura e, talvez, a propósito da encomenda deste projecto, que Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro terão iniciado actividade em sociedade. Verifica-se que apenas a partir de 1926 a assinatura conjunta dos dois aparece nos desenhos de projecto.

Baltazar de Castro exercia funções, já desde 1921, na Administração dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte e, em 1927, transita, como arquitecto, para a Direcção-Geral de Belas Artes (3.ª Repartição-Monumentos e Palácios Nacionais, Secção Norte).³⁵³

³⁵¹ <http://arquivo-digital.up.pt> (Fevereiro 2013).

³⁵² In “Da Antiga Escola de Cirurgia à moderna Faculdade de Medicina”, “O Porto de Ontem... O Porto de Hoje...”, *O Primeiro de Janeiro*. Porto. 16 de Outubro de 1940.


³⁵³ “Em 1919, Baltazar (de Castro) iniciou a carreira de funcionário público ao ser nomeado para o lugar de condutor de Obras Públicas, na Direcção de Obras Públicas do Distrito do Porto. Daí transitou, em Maio de 1921, para a Administração dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte. Anos mais tarde, em 1927, foi nomeado Arquitecto e colocado na Direcção-Geral de Belas Artes (3.ª Repartição-Monumentos e Palácios Nacionais, Secção Norte).

Em 1929, Baltazar (de Castro) foi transferido para a Direcção dos Monumentos do Norte, organismo da recém-criada Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e, no ano seguinte, na qualidade de arquitecto de 3.ª classe, foi indigitado director interino dos Monumentos do Norte. Quatro anos depois, o seu superior hierárquico Gomes da Silva propôs a sua passagem simultânea a arquitecto de 2.ª e 1.ª classe.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Faculdade de Medicina

O projecto de ampliação do seu



OFFIC. DE COMMERCIO DO PORTO

Auto-projecto da nova Faculdade — Alçado lateral

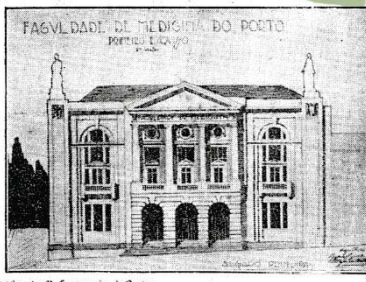
242

É bem conhecida a deficiencia das instalações da Faculdade de Medicina do Porto — o mais antigo dos estabelecimentos de ensino superior do Porto, que o anno passado completou um seculo de existencia gloriosa.

Dotada com esplendido material e uma magnifica biblioteca — das melhores da Europa na especialidade — a Faculdade de Medicina do Porto sentese arcaica dentro do edificio que occupa e que os estudantes eguominaam pittorescamente de *chalet do Brasileiro*.

Natural é, pois, que os seus directores e o seu conselho escolar tenham pensado em ampliar o edificio da Faculdade e, encarregado os distinctos architectos srs. Balthazar de Castro e Rogério de Azevedo — dois nomes que marcam já um lugar de destaque — de estudar o assumpto.

Reproduzimos hoje dois aspectos — alçados principal e lateral — do auto-projecto (esquisso) elaborado por aquelles dois artistas. Segundo esse esquisso, o futuro edificio da Faculdade de Medicina do Porto, cuja arquitectura ficará em harmonia com a dos vizinhos, faculdade do Hospital da Misericordia a dentro



OFFIC. DE COMMERCIO DO PORTO


Alçado principal

da estetica do local, terá tres corpos distinctos, como se vê no alçado lateral. A esquerda ficará a biblioteca, com instalações para mais de 80.000 volumes; no centro as salas das aulas, e á direita o salão nobre que occupará o segundo pavimento do alçado principal.

O novo edificio terá tres pavimentos e ficará sendo um dos maiores no Porto, dadas as condições do local.


Os srs. Balthazar de Castro e Rogério de Azevedo, encarregados tambem de elaborar o projecto para a Maternidade, estão organisando o ornamento e o projecto definitivo para o edificio da Faculdade.

De desejar é que esse projecto se forme, no mais curto prazo, uma realidade.



OFFIC. DE COMMERCIO DO PORTO

Arq. Rogério de Azevedo



OFFIC. DE COMMERCIO DO PORTO

Arq. Balthazar de Castro

A encomenda

• 3.9. Página de *O Comércio do Porto*. 1926.

Rogério de Azevedo, conforme explicitamos anteriormente teria, já nesta altura, alguma experiência profissional. Além dos projectos nos quais terá colaborado no *atelier* de José Marques da Silva (desde 1918), desenvolve, em *atelier* próprio, desde 1924, alguns projectos de pequenas dimensões para clientes particulares, nomeadamente, algumas moradias unifamiliares na cidade do Porto.

Por essa razão, é naturalmente que em 1926, num jornal da cidade, a eles se refiram como: “os distintos architectos snrs. Balthazar de Castro e Rogério de Azevedo – dois novos que marcam já um lugar de destaque [...]”:

“É bem conhecida a deficiência das instalações da Faculdade de Medicina do Porto – o mais antigo dos estabelecimentos de ensino superior do Porto, que o ano passado completou um século de existência gloriosa.

[...] Natural é, pois, que os seus directores e o seu conselho escolar tenham pensado em ampliar o edificio da Faculdade e, encarregado os distintos architectos snrs. Balthazar de Castro e Rogério de Azevedo – dois novos que marcam já um lugar de destaque – de estudar o assumpto.

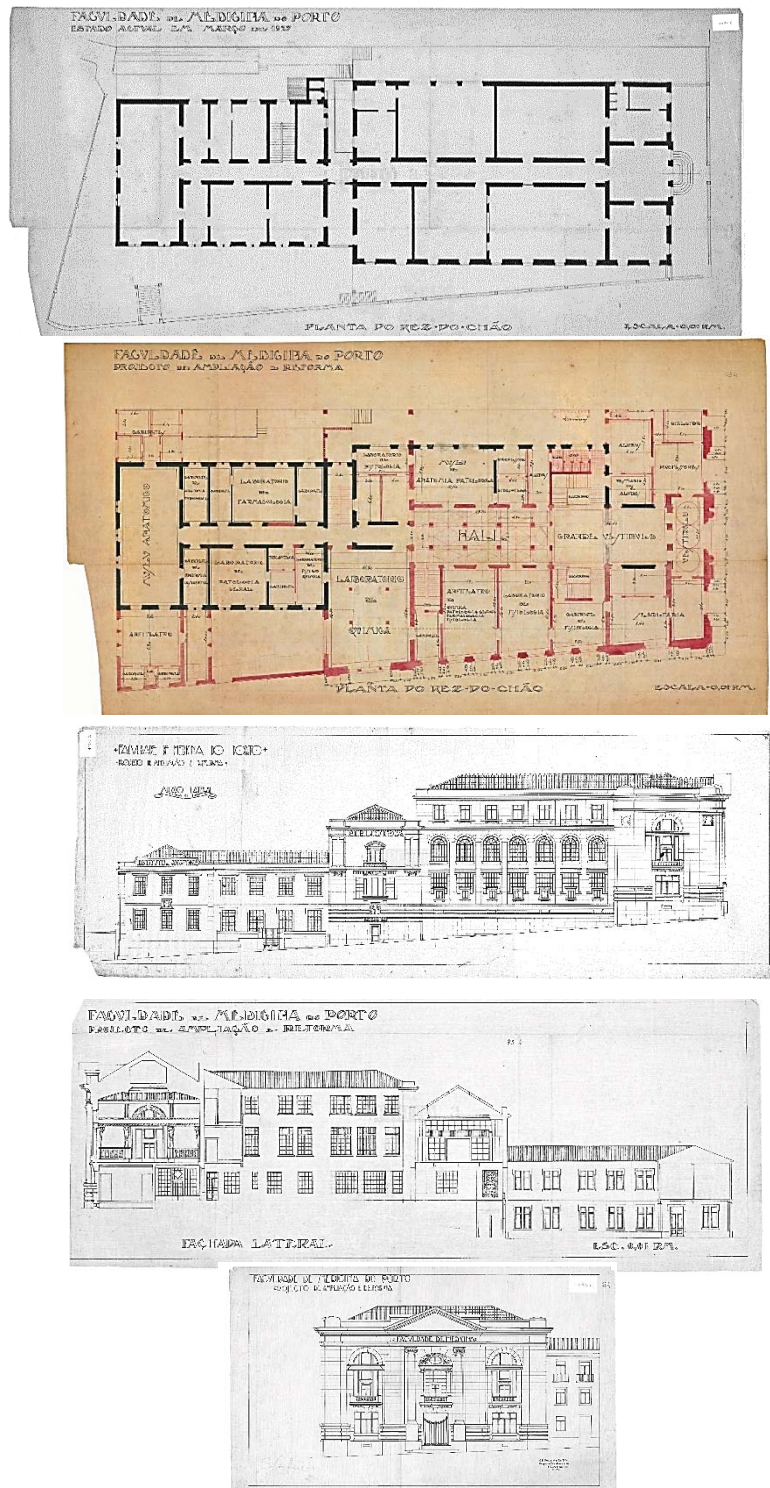
[...] o futuro edificio da Faculdade de Medicina do Porto, cuja architectura ficará em harmonia com a da majestosa fachada do Hospital da Misericórdia e dentro da estética local, terá três corpos distintos, como se vê no alçado lateral; á esquerda ficará a biblioteca, [...]; ao centro as salas das aulas, e á direita o salão nobre que ocupará o segundo pavimento do alçado principal.

O novo edificio terá três pavimentos e ficará sendo um dos melhores no género, dadas as condições do local.” [●3|9]

Também em 1926, a revista *A Architectura Portuguesa* publicava um artigo intitulado “Arquitectura tradicional portuguesa” onde eram apresentados, de forma sumária, quatro “trabalhos, de género diferentes, mas todos de

Em 1936 fixou-se em Lisboa para assumir o cargo efetivo de Diretor dos Monumentos e, em 1947, com a reestruturação da DGEMN, foi nomeado Diretor do Serviço de Monumentos. Desempenharia este cargo por pouco tempo, uma vez que, em Dezembro do mesmo ano, abandonou em definitivo a DGEMN para se tornar Inspetor Superior de Obras Públicas”. Em [http://sigarra.up.pt/up/pt/](http://sigarra.up.pt/up/pt;); (27-11-2014).

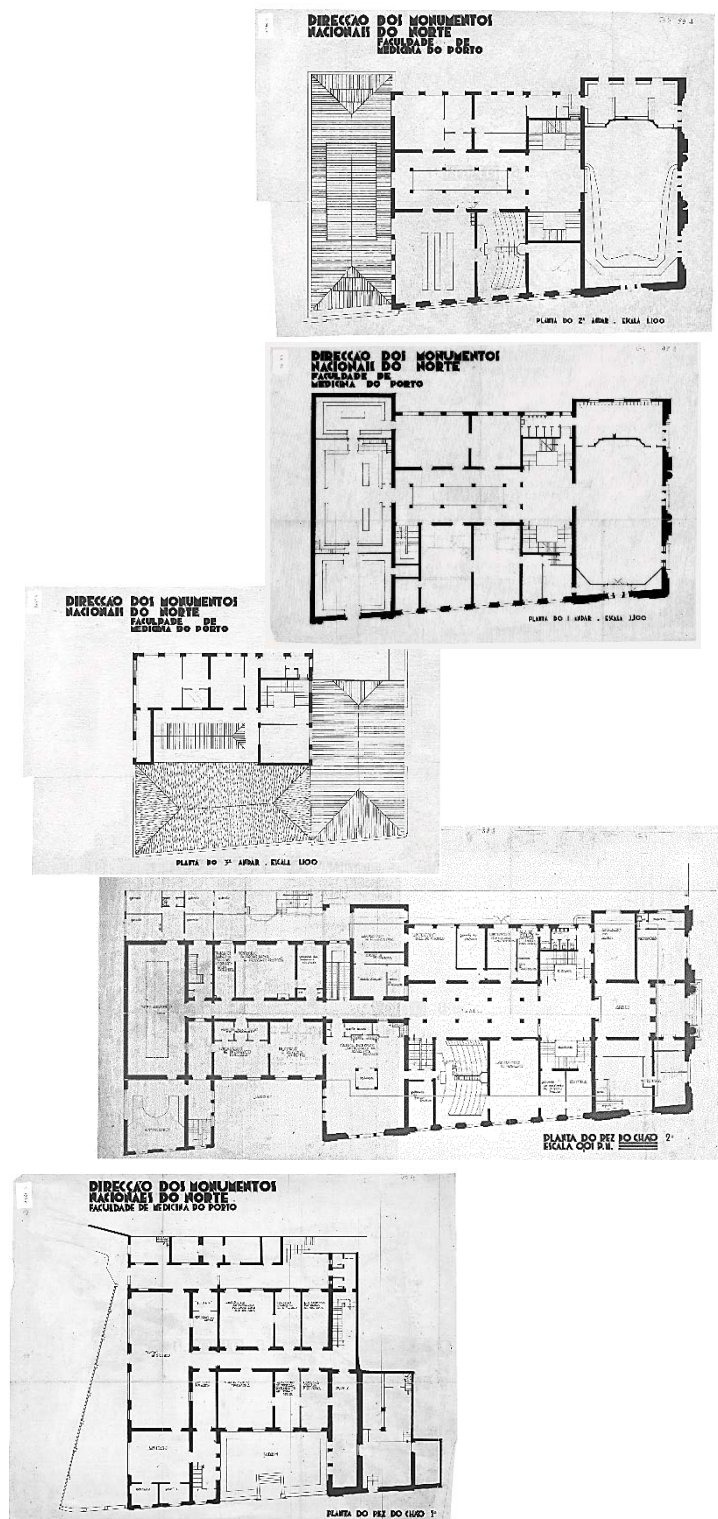
PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



O projecto

- 3.10. Faculdade de Medicina do Porto. Planta do existente. “Estado actual em Março de 1927”.
- 3.11. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta do rez-do-chão. (a preto – paredes a manter; a vermelho – paredes a construir de novo). Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. s/d.
- 3.12. Faculdade de Medicina do Porto. Alçado lateral. Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. s/d (versão sem o 3º piso na ala nascente do edifício).
- 3.13. Faculdade de Medicina do Porto. Perfil longitudinal. Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. s/d.
- 3.14. Faculdade de Medicina do Porto. Alçado principal. Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. s/d.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



O projecto

- 3.15. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta 2º andar (ala poente).
- 3.16. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta 1º andar (ala poente).
- 3.17. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta 3º andar (ala nascente).
- 3.18. Fac. de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta do rez-do-chão 2º (completa).
- 3.19. Fac. de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta rez-do-chão 1º (ala nascente).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.20. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Escada.
- 3.21. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Escada.
- 3.22. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Coluna. Capital.
- 3.23. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Alçado Poente. 1934.
- 3.24. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Frontaria. 1934.

bom gosto artístico” de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro – “dois artistas já consagrados entre a elite dos artistas portuenses”³⁵⁴. Neste artigo, além dos projectos para três moradias unifamiliares, uma das quais descrita como “simples na sua arquitectura tradicionalista bem caracterizada, revelando os seus autores um bom gosto artístico incontestável” é, também, apresentado o ante-projecto do “Edifício da Faculdade de Medicina da cidade do Porto”:

“É uma ampliação do antigo edifício, de modo que as paredes exteriores viessem para o limite do terreno que pertence á mencionada Faculdade e que ao presente está limitado por um gradeamento de ferro.”³⁵⁵

O projecto, de Ampliação e Reforma, pouco conserva do anterior edifício, embora se tenha mantido, não só o eixo de simetria que definia a sua composição, como parte das paredes do rés-do-chão e do corredor central, o que permitiu, segundo alguns documentos, que continuasse a funcionar durante, pelo menos, parte da obra. A nova construção, ao contrário da anterior, adopta a forma e os limites do terreno [●3|10 e 3|11]. Utilizando, com erudição mas nem sempre de forma canónica, um vocabulário clássico, as paredes exteriores ganham espessura e altura, gerando uma volumetria com uma nova escala que se adapta ao local e que lhe confere uma pretendida imponência.

O desenho, em planta, parte, como se disse, da manutenção de algumas paredes do edifício preexistente, retomando-se praticamente a totalidade das fachadas que limitavam o antigo edifício a norte e a poente. A partir daquela geometria são lançadas as linhas fundamentais que estruturam a nova composição. Um eixo de simetria longitudinal marcado a partir do centro do alçado principal, voltado para sul, ajuda a estruturar todo o edifício. Ao longo deste eixo vai-se sucedendo uma sequência de espaços que, sem perderem

³⁵⁴ “Arquitectura Tradicional Portuguesa”, in *A Arquitectura Portuguesa*, Revista mensal de construção e arquitectura prática, Lisboa, ano XIX, n.º 1, Janeiro de 1926.

³⁵⁵ Idem, *ibidem*.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.25. Antiga Fac. de Medicina do Porto. Interior. Laboratório de Anatomia Patológica. 1934.
- 3.26. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Fisiologia (Laboratório de trabalhos práticos). 1934.
 - 3.27. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Galeria. 1934.
 - 3.28. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Anfiteatro de Anatomia. 1934.
- 3.29. Antiga Fac. de Medicina do Porto. Instituto de Histologia (sala de trabalhos práticos). 1934.
- 3.30. Antiga Fac. de Medicina do Porto. Instituto de Histologia (um dos laboratórios). 1934.

autonomia, se interligam gerando um percurso marcado por diferentes “momentos” entre a entrada no edifício e o grande “hall” ou pátio central [●3|11 e ●3|18].

A fachada sul, que passa agora para o limite do terreno, permite criar, entre esta e o alinhamento do anterior alçado, um espaço de recepção, “vestíbulo” por onde, depois de vencidos alguns degraus, se entra no edifício. A partir deste vestíbulo passa-se a outro átrio que antecede aquele onde se localizam as caixas de escadas e elevadores que nos permitem chegar aos pisos superiores [●3|15 e ●3|16]. No interior destaca-se o vazio ou pátio central, coberto com estrutura em ferro e vidro, para o qual se abrem os três pisos do edifício, criando uma unidade física e visual entre eles e conseguindo, assim, uma iluminação natural abundante.

A fachada principal, voltada a sul, é tripartida, sendo o tramo central ligeiramente avançado em relação aos laterais que recuam a partir de duas pilastras. Este recuo parecia ser mais acentuado na primeira versão do projecto, tal como acontece no edifício do Hospital de Santo António; estabelecia-se, desse modo, um jogo mais intenso entre os planos da fachada acentuando-se o contraste entre claro e escuro. A sua simetria é marcada pelo frontão com platibanda, em segundo plano. As pilastras jónicas assentam sobre pedestais que se prolongam através de uma espécie de estilóbato que contorna todo o edifício acentuando a sua unidade. [●3|14].

A análise do alçado voltado para o Hospital [●3|12], a poente, sugere, também pela diferenciação volumétrica bem demarcada a organização de diferentes partes do programa no interior do edifício. Além da sequência de espaços referida, a partir da entrada do edifício, podemos também, pela observação desde o exterior, fazer uma leitura do edifício em quatro registos que têm uma relação directa com a sua organização funcional. Assim, de sul para norte, um primeiro volume, mais imponente, marca a entrada no edifício. Neste volume, sobre os espaços de entrada no piso térreo, situava-se um

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



A obra

- 3.31. e ● 3.32. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Fotografia durante as obras de reforma e ampliação. Pode ver-se, no interior da nova construção, a fachada da antiga escola Médico-cirúrgica que, em parte, se manteve.

grande “salão nobre”, espaço com pé-direito duplo tratado com especial cuidado.³⁵⁶ O alçado lateral divide-se em quatro registos ou tramos, sendo que o primeiro, na continuidade do alçado principal, forma um volume que nos dá uma sensação de densidade e espessura e, até, de tridimensionalidade. Aqueles tramos, embora concebidos com alguma autonomia, ganham unidade através de continuidades e alinhamentos, cuidadosamente respeitados no seu desenho global. O segundo tramo corresponde, no interior do edifício, ao grande Hall com iluminação zenital, em volta do qual se distribuem algumas salas de aula, pequenos anfiteatros e laboratórios. O terceiro volume corresponde ao espaço ocupado, ao nível do Salão Nobre, pela Biblioteca que, por ter um grande pé-direito, permite que uma galeria dê acesso às estantes especialmente desenhadas ao longo de toda a altura das paredes desta sala. A qualidade do espaço é reforçada pelo desenho da sua cobertura em vidro que filtra a luz natural que ilumina todo o espaço. Sob a Biblioteca, outro espaço especialmente desenhado, o Laboratório de Química, com quatro colunas no centro, remete-nos para referenciais da antiguidade clássica e, talvez, do renascimento.

Mantendo parte das paredes e vãos do edifício anterior, o volume que remata o edifício a norte, ocupado pela parte do programa que se relaciona com o Instituto de Anatomia, é prolongado até ao alinhamento do restante alçado poente permitindo, também, a criação de um pátio ou “jardim” entre este volume e o da biblioteca.

Embora todos estes volumes constituam, na prática, um só edifício e as diversas transições tenham sido trabalhadas de forma cuidada, sente-se na realidade, tratar-se de edifícios distintos. A construção nova, toda em granito,

³⁵⁶ Um incêndio, ocorrido em 1992, terá destruído todo o mobiliário fixo que constituía o interior desta sala. “Durante a madrugada de 5 de Março de 1992 deflagrou um incêndio no edifício do ICBAS. Os espaços mais afectados localizaram-se nos 3.º, 4.º e 5.º pisos da ala sul e na nave central. Por seu turno, o próprio combate ao incêndio provocou a inundação de uma série de áreas em todos esses pisos, para além do 2.º, também ele afectado pela água, e das sobrelojas do 2.º e do 3.º pavimento” in http://arquivo-digital.up.pt/proj_inst/faculdades/icbas/icbas.html (2-12-14).

com uma profusão de elementos decorativos do mundo formal clássico, destaca-se do volume rebocado, parcialmente mantido, do edifício da antiga Escola de Cirurgia, bastante mais modesto.

O gosto neoclássico patente com especial ênfase na fachada sul, em clara referência ao Hospital de Santo António de John Carr, contrasta com o do interior, onde, embora a referência à linguagem clássica, estilizada, seja visível, é sabiamente compatibilizada com o uso dos novos materiais como o betão e o ferro e com uma linguagem assumidamente contemporânea na sua modernidade, temperada pelo gosto *déco*. Este inesperado tratamento *art-déco* proporciona-nos espaços surpreendentes remetendo-nos para uma modernidade bem adequada aos seus fins [•3|20 a •3|30].

A herança de Marques da Silva, obviamente sempre presente, não impedirá, cumprindo a intenção do próprio mestre, o progresso de Rogério de Azevedo que, mesmo nestes projectos de início de carreira, procurará, sem gerar rupturas com o passado, adaptar-se em cada caso ao seu próprio tempo. Aqui, a tradição clássica manuseada sem dogmatismos e com intencionalidade prática, ajuda a justificar a leitura de um exterior não canónico que contrasta com um interior de características diversas e permite prever, neste início de carreira, o procurado desígnio de evolução e de acrescentamento.³⁵⁷

3.1.2 Casa para Wilhem Oscar Kramer, rua Marechal Saldanha no Porto, 1924

Relembramos que apenas um ano antes do convite para a realização de uma proposta para a Faculdade de Medicina do Porto, em 1924, Rogério de Azevedo projectara para um cliente aparentemente de origem alemã, uma moradia na rua do Marechal Saldanha, na Foz do Douro, tema que abordámos no capítulo anterior.

³⁵⁷ Estas instalações albergaram, depois da mudança da Faculdade de Medicina para o Polo III, durante algum tempo, outros programas da Universidade do Porto, tendo para isso sofrido obras de manutenção e readaptação e estando actualmente atribuído ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

Interessa-nos aqui destacar diferenças de posição relativamente a algumas questões levantadas em projectos que, quase em simultâneo, são tratadas de forma quase oposta.

Enquanto na ampliação do edifício para a Faculdade de Medicina os projectistas procuram redesenhar a rua, fazendo com que as paredes do volume coincidisse com os limites do terreno, deparamo-nos, no projecto para Marechal Saldanha, com uma visão a diversos níveis mais conotada com os ideais românticos, também muito difundidos na época. Nesta circunstância, a implantação do edifício faz-se dentro do lote, libertando, assim, terreno ajardinado à sua volta. As referências que parecem estar por detrás deste projecto, claramente, não têm origem, como na Faculdade de Medicina, no mundo formal clássico, mas antes parecem estar ligadas a uma tradição “romântica”, talvez pela influência de Muthesius ou, na versão final deste projecto, conforme explicitámos, a um suposto “aportuguesamento” do projecto (pela substituição, imposta pela Comissão de Estética, da empena de forma triangular por um telhado de quatro águas).

Assim, não será de estranhar que, pouco tempo depois, em 1926, na revista *Arquitectura Portuguesa, Revista mensal de Construção e de Arquitectura prática*, fosse publicado um artigo de divulgação sobre a obra de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, “dois artistas já consagrados entre a elite dos artistas portuenses”, artigo intitulado paradoxalmente “Arquitectura Tradicional Portuguesa” que, além de duas casas ditas “tradicionais” apresenta, também, sob o mesmo título, o projecto da Faculdade de Medicina do Porto. Quanto a este projecto é explicado naquela publicação que “a arquitectura adoptada seria, pouco mais ou menos, a do Hospital da Misericórdia que fica em frente, ficando ali por consequência um recinto em que todos os edifícios circundantes nunca destoariam pelo entrecho das mesmas arquitecturas”³⁵⁸. Relativamente aos projectos para as casas, é-nos referido que são

³⁵⁸ “Arquitectura Tradicional Portuguesa”, in *A Arquitectura Portuguesa, Revista mensal de construção e arquitectura prática*, Lisboa, Janeiro de 1926, ano XIX, n.º 1.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“simples na sua arquitectura tradicionalista bem caracterizada, revelando-nos os seus autores um bom gosto artístico incontestável”³⁵⁹.

O processo de construção da antiga Faculdade de Medicina prolongou-se por diversos longos anos, já que só em 1935 as obras foram concluídas e o edifício, finalmente, inaugurado.

³⁵⁹ Idem, *ibidem*.

3.2 Lugar de ‘representação’

3.2.1 Edifício sede do jornal *O Comércio do Porto*, 1927/1930

Do projecto para a sede de *O Comércio do Porto* [●3|33] a FAUP guarda actualmente cerca de sessenta desenhos do autor.³⁶⁰ Na sua grande maioria são desenhos originais de versões intermédias do projecto, ou desenhos de pormenor para execução em obra, fundamentalmente realizados a tinta-da-china sobre papel vegetal. Há, também, desenhos a lápis sobre papel opaco tipo “manteigueiro” e cópias heliográficas sobre as quais algumas partes do projecto são redesenhadas a lápis e, em algumas partes, aguareladas. Os desenhos vão variando muito em termos de registo gráfico. Tendo, quase sempre, como princípio uma base rigorosa e um pensamento tridimensional – plantas, cortes e alçados, sempre relacionados entre si – estes desenhos experimentam diversas soluções para o mesmo problema, que se sobrepõem, muitas vezes, sobre cópias de versões anteriores. O desenho é aqui um claro instrumento de pesquisa. Podemos, desta forma, a partir destes registos “rápidos”, fazer algumas leituras sobre a evolução de determinado aspecto do projecto. Um registo mais rápido (que não deixa por isso de ser detalhado nos pormenores) é alternado com um desenho tecnicamente rigoroso e possivelmente mais lento, no qual se confirmam, complementam e sintetizam as ideias esboçadas inicialmente. Aparecem também nos seus registos, apontamentos perspécticos, uns mais rigorosos, outros “à mão levantada”. Em todo

³⁶⁰ O Centro de Documentação da FAUP recebeu parte importante do espólio de Rogério de Azevedo ainda antes da sua morte. Rogério de Azevedo terá entregue a Fernando Távora, Domingos Tavares e Alexandre Alves Costa os desenhos que conservava na sua casa na avenida Marechal Gomes da Costa onde estes professores da ESBAP/FAUP se terão deslocado, para recebê-los, no início dos anos oitenta. Segundo consta, estariam guardados sem grandes cuidados, na cave ou, até, no galinheiro da casa. Diz-se também que parte dos desenhos terão servido como material combustível para o aquecimento da casa pela respectiva funcionária de limpeza. Muitos teriam sido deitados no lixo dias antes por se encontrarem em mau estado de conservação. O arquitecto terá nesta ocasião oferecido a Fernando Távora dois desenhos (à escolha deste) que neste momento se encontram na Fundação Instituto Marques da Silva, que guarda o seu espólio.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.33. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Fotografia após conclusão da obra (repare-se na rua Elísio de Melo em obras e a inexistência da garagem que mais tarde veio a ser construída).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

o caso, em todos se verifica a forma livre e espontânea como desenha, reveladora de uma especial sensibilidade, gosto e empenho pelo trabalho desenvolvido. A sabedoria com que articula, também, diferentes escalas de desenho, muitas vezes no mesmo estudo (encontrámos neste processo de trabalho desenhos que vão da escala 1:200 à escala 1:1), vem, igualmente, confirmar as suas capacidades no domínio e controlo do Projecto. Muitos dos registos que encontrámos são desenhos de detalhe, principalmente de caixilharias, mapas-de-vãos, guardas-de-protecção em ferro, mobiliário e desenhos da composição dos pavimentos (madeira e mármore). Percebe-se, pela análise do conjunto deste material, que muitos dos desenhos vão sendo feitos à medida que se vão tornando necessários durante o acompanhamento da obra. Em alguns deles há apontamentos dirigidos aos trabalhadores, com indicações sobre a execução de determinado detalhe. Noutros há, também, indicações escritas, para possíveis colaboradores, sobre o trabalho a desenvolver.

A análise destes elementos permite concluir que o projecto é desenhado até ao mais ínfimo pormenor, comprovando-se o empenhamento total do arquitecto, não só no desenvolvimento do projecto, mas também no acompanhamento da obra. Rogério de Azevedo, numa visita ao edifício, muitos anos depois, já com 85 anos de idade, dirá:

“A bem dizer, eu casei-me n’ ‘O Comércio do Porto’. Estava aqui amarrado na fiscalização da obra, quando tive de fazer uma pausa para ir ao Registo Civil, matricular-me. Depois voltei a correr para a obra e a minha noiva – já então esposa – seguiu para casa dos pais... porque a cerimónia religiosa estava marcada para o outro dia...”³⁶¹

A observação dos documentos existentes relativos a este projecto permite perceber um método de trabalho e, sobretudo, o papel que o desenho adquire neste processo.

³⁶¹ Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica”, in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC.1983, p. 17.

No Arquivo Histórico Municipal do Porto encontra-se a documentação relativa ao processo para licenciamento do projecto. Constituído por requerimentos, desenhos na escala 1:100, memórias descritivas e pareceres das diversas entidades camarárias, nomeadamente da Comissão de Estética, a reunião e análise de todo o material encontrado permitiu-nos confirmar um método de trabalho que não difere muito daquele que praticamos e defendemos na pedagogia da Escola, hoje, e que será, certamente, a herança de uma escola que foi também a sua.

Foi a abertura da avenida das Nações Aliadas no Porto que em 1916, cumprindo o desígnio urbanizador do arquitecto inglês Barry Parker (1867-1947), criou a circunstância concreta deste significativo projecto de Rogério de Azevedo para a cidade. A antiga praça da Liberdade, claramente circunscrita e definida na malha urbana onde se inseria, e o edifício da Câmara Municipal do Porto aí implantado, não pareciam ter a dimensão e a grandiosidade suficientes para funcionarem como espaços representativos de um poder local que se queria afirmar³⁶². Um vasto conjunto de ideias e projectos procurava nesta época transformar esta zona da cidade higienizando-a, modernizando-a, procurando acompanhar algumas das vanguardas que nos chegavam desde o “exterior”. Mencionaremos, entre outros, a construção da Ponte Luís I (concluída em 1886)³⁶³ e respectivas repercussões também na cota alta da cidade, a chegada do comboio ao centro da cidade (em 1896) e a necessária construção de uma grande estação de caminhos-de-ferro (projectada por Marques da Silva entre 1896 e 1916) no espaço contíguo à praça atrás mencionada.³⁶⁴

O projecto para a abertura de uma grande avenida que, culminando em praça, satisfizesse aqueles pressupostos, dotando o centro da cidade de um espaço institucional simbólico da sua própria centralidade, dominada pela presença de edifícios que revelassem as principais instituições do poder político, económico e social, permitiu, em consequência, a concretização de uma

³⁶² Apesar de todas as dúvidas que este raciocínio nos pode hoje suscitar, à distância de um século e mesmo talvez à época.

³⁶³ Projecto do Engenheiro Theophile Seyring.

³⁶⁴ Na sequência da demolição do Mosteiro de S. Bento de Avé-Maria que ali se localizava.

série de projectos especiais para as edificações que viriam a definir os seus limites. Surge, assim, a oportunidade da construção de edifícios com uma dimensão e presença na cidade que, até então, não beneficiavam de um lugar tão representativo e emblemático como este. Além da Câmara Municipal, os maiores Bancos, Hotéis, os mais prestigiados Jornais procuram adquirir terrenos para a construção das suas sedes, aderindo a uma operação urbanística de sucesso que transformará esta zona no grande centro cívico da cidade. A partir dela, outras operações urbanísticas se desencadearão, nomeadamente com a abertura das ruas transversais à avenida e seus respectivos desenvolvimentos.

Demolido o edifício da antiga Câmara Municipal [●3|34] que conformava a norte a antiga praça, o projecto escolhido para a nova avenida, tendo passado por diversas fases e hipóteses projectuais (reportamo-nos aos diversos estudos detalhados sobre este assunto)³⁶⁵, parte da definição de um eixo norte-sul que ligaria, na antiga praça da Liberdade (a sul), a respectiva estátua de D. Pedro, com o centro da fachada da Igreja da Trindade (a norte). No projecto finalmente construído, o edifício da futura Câmara Municipal³⁶⁶ implantar-se-á ao longo deste eixo, antepondo-se à referida igreja, mas permitindo a formação de uma pequena praça entre esta e as suas traseiras. A execução do plano obrigou a uma série de demolições de edifícios e à expropriação de terrenos agrícolas, libertando o espaço para as novas edificações.

Alguns dos mais prestigiados arquitectos da cidade são convidados a projectar os edifícios que conformarão este novo espaço urbano. Entre eles, com especial protagonismo, Marques da Silva que, além da Estação de S. Bento (1886), projectará, com a colaboração de Rogério de Azevedo, em 1918 seu estagiário, o edifício de “A Nacional” (1919) no gaveto da praça da

³⁶⁵ Ver Rui Tavares. “Da avenida da cidade ao plano para a zona central: a intervenção de Barry Parker no Porto”. Porto: Câmara Municipal do Porto [1985-1986], e também Clara Vale (Coordenação executiva), Ricardo Figueiredo e, Rui Tavares. *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: memória, realidade e permanência*. Porto: Porto Vivo, SRU, 2013.

³⁶⁶ Projectado pelo arquitecto Correia da Silva (1880-?), formado em Arquitectura pela Academia Portuense de Belas Artes (1892 e 1898); projectou, também, o Mercado do Bolhão (1914).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Oportunidade

- 3.34. Demolições aquando da abertura da avenida das Nações Aliadas. S/d.
- 3.35. Postal pertencente à colecção de Marques da Silva. Abertura da avenida das Nações Aliadas. (anterior à construção do edifício sede de O Comércio do Porto. S/d.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Liberdade com a rua da Fábrica [●3|35], sendo igualmente da sua autoria, o Edifício “Pinto Leite” (1922) situado em posição simétrica no gaveto com a rua de Sampaio Bruno. Projecta também, mais tarde, o edifício do *Jornal de Notícias* (1925) na zona mais central da avenida, edifício que ficará contíguo àquele que Porfírio Pardal Monteiro (1924-31) projectará, para a “Caixa Geral de Depósitos”, na esquina com a rua de Magalhães Lemos (antes, rua Passos Manuel).

Em fevereiro de 1927, a administração do jornal *O Comércio do Porto*, na época dirigido por Bento Carqueja, adquire o terreno existente entre a nova avenida e a rua do Almada, do lado norte da recém-projectada rua Elísio de Melo (como prolongamento para poente da rua de Passos Manuel).³⁶⁷

“[...] Quando tudo ainda estava a monte com as ruínas das estreitas ruelas, residências e quintais, este foi o primeiro edifício construído na parte superior da avenida dos Aliados [...]. Para sul, na parte baixa da Avenida, já havia alguns (poucos) prédios modernos e outros em construção.”³⁶⁸

Bento Carqueja [●3|36] foi o grande impulsionador da construção das novas instalações do *Jornal O Comércio do Porto*.³⁶⁹

³⁶⁷ No lado sul da rua tinha sido já construído o edifício Soares da Costa projectado pelo arquitecto Michelangelo Soá (licenciado em 1919, faz parte do primeiro lote de construções edificadas na avenida). Rogério de Azevedo fará, anos mais tarde, o projecto para a remodelação do interior do Café Guarany (1933) no rés-do-chão do gaveto deste edifício.

³⁶⁸ Rogério de Azevedo, in “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica”. (Jaime Ferreira), *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983, p. 17.

³⁶⁹ O *Jornal O Comércio do Porto* foi fundado em 1854 e tinha as suas instalações em diversos pequenos edificios na cidade, nomeadamente, na rua hoje chamada do Comércio do Porto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



O cliente

- 3.36. Bento Carqueja.
- 3.37. Ilustração da época representando o primeiro aeroplano que voou em Portugal adquirido por iniciativa de Bento Carqueja. “Realizou em 1912 várias subidas em Lisboa e Porto em benefício das Creches de *O Comércio do Porto*.”
- 3.38. Ilustração da Edição Comemorativa dos 75 anos de *O Comércio do Porto*.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

O terreno terá sido comprado a um proprietário privado que, tendo feito fortuna ao emigrar para o Brasil, fundara de regresso a Portugal, a Sociedade Hoteleira do Porto, responsável pela construção de O Grande Hotel do Porto inaugurado em 1880 na rua de Santa Catarina.³⁷⁰

Bento Carqueja, nascido em 1860 em Oliveira de Azeméis, filho do proprietário de uma mercearia local, vem estudar para a cidade onde se forma em Filosofia pela Academia Politécnica do Porto. Passa, por herança, a ser coproprietário do jornal, por morte de seu tio Manuel Carqueja³⁷¹. Bento Carqueja, desde cedo ligado ao jornal e interessado por jornalismo, escreve com regularidade. Destacado aluno na Academia que mais tarde passou a ser Universidade do Porto, torna-se ali professor em 1898. Em 1920/21, com a morte dos restantes herdeiros, torna-se, o único proprietário do jornal.

Homem letrado, muito considerado pelos seus pares, interessado pela cultura e pela arte é, em muitas publicações da época e após a sua morte, recordado com saudade e grande reconhecimento. Em 1924 a ele se referem como “o professor insigne, o jornalista eminente e o trabalhador infatigável”.³⁷² Em 1934, em época de plena consolidação do Estado Novo são, também, referidas as suas qualidades na gestão “isenta e imparcial” de um jornal que era referência para a cidade³⁷³:

³⁷⁰ A relevância desta informação deve-se ao facto de parecer explicar, eventualmente, a razão da existência de um desenho de Rogério de Azevedo intitulado “*Primeiro esboço de um prédio para a Avenida*”, onde aparece a palavra “...do Brasil” no lugar onde mais tarde aparecerá *O Comércio do Porto*, levando-nos a imaginar, portanto, que este desenho teria sido realizado anteriormente para responder a um programa e clientes, eventualmente, diferentes. Sendo que não é possível confirmar esta informação, podemos referir, com certeza, que o cliente que encomenda o projecto para uma nova sede de *O Comércio do Porto* é Bento Carqueja.

³⁷¹ Manuel Carqueja partilhava sociedade com Henrique Carlos Miranda. *O Comércio do Porto* nasce da ideia de ambos – criar um jornal alternativo aos existentes, com autonomia partidária e política, exclusivamente comercial, independente.

³⁷² *O Comércio do Porto. Bento Carqueja: jornalista, professor e benemerito: um acto de justiça e gratidão*. Porto: Oficinas de *O Comércio do Porto*, 1924, p 32.

³⁷³ “A propósito da fundação do Jornal, escreveu Ramalho Ortigão, nas Farpas: «Foi a êste momento que, [...], veio à luz o primeiro Jornal sério da cidade, o grave, o conspícuo, o sacerdotal *Comércio do Porto*. Êste periódico representava o advento de uma nova éra para o jornalismo portuense. O *Comércio do Porto* tinha à sua frente uma das firmas mais respeitadas da praça. Tinha fundos, tinha crédito, tinha giro comercial, pagava aos seus credores, [...], e não admitia chalaças. Quem tinha vontade de rir ia rir

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“Quem escreveu este livro [...] tem-se esforçado por o manter independente de pressões e sugestões de qualquer ordem, venham elas de onde vierem. Tem diligenciado fazer intervir o jornal na solução dos grandes problemas nacionais, sem preocupações de política partidária; apenas dessa política resumida na mais pura noção do Bem da Pátria. Tem procurado que ‘O Comércio do Porto’, atualizado, dia a dia, e constantemente vivificado com novos elementos intelectuais e morais, seja um valor na Imprensa portuguesa.”³⁷⁴

Relativamente a este destacado personagem da sociedade da época, salientam-se, também, as iniciativas que foi tendo ao longo da sua vida na direcção de *O Comércio do Porto* relacionadas com obras de caridade e beneficência, nomeadamente, a Sopa Económica, os Bairros Operários e as diversas Creches.³⁷⁵

Bento Carqueja faleceu no Porto a 2 de Agosto de 1935 e a sua única filha Maria Paulina, casada com Fortunato Seara Cardoso (que o substituirá na Direcção), herda a sua “Querida joia da Família”.

“Morrerei contente, se conseguir deixar a grande obra jornalística, por mim herdada, tão pura nos seus processos, tão alevantada nas suas aspirações, tão vinculada ao Bem da minha Pátria, como a recebi dos seus fundadores como tenho procurado conservá-la – QUERIDA JOIA DA FAMÍLIA!”³⁷⁶

É este o perfil de um cliente que, julgamos, não pode ter deixado de influenciar de forma clara o projecto encomendado a autores-arquitectos que,

para meio da rua, porque na redacção não lho consentiam...»” in Bento Carqueja. *O comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1934, p. 16.

³⁷⁴ Bento Carqueja. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto. 1934, p. 6.

³⁷⁵ Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro projectaram, neste âmbito, a Creche do Comércio do Porto (1930) e o Asilo-Hospital-Creche José Rodrigues Cardoso, em Vila Seca de Armamar, Viseu (1933). Marques da Silva teria anteriormente projectado, também neste âmbito, em 1899, o Bairro Operário de *O Comércio do Porto* e o Bairro Monte Pedral.

³⁷⁶ Bento Carqueja. *O comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto. 1934, p. 7.

através das suas práticas de projecto, tinham já dado provas das suas competências técnicas e erudição.

Em 1934, na edição de uma publicação realizada por *O Comércio do Porto* por ocasião da comemoração do 80.º aniversário daquela instituição, relata-se como: “Tendo passado a actividade da cidade do Porto a concentrar-se em torno da Praça da Liberdade”, se mudam as instalações do jornal, e como, “em 21 de fevereiro de 1927 foi adquirido o terreno [...]” e, posteriormente, “confiado o projecto aos architectos Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo”, iniciando-se as obras “em Novembro de 1927, sendo a primeira pedra assente por Bento Carqueja em 3 de Maio de 1928, dia em que seguiu para Lisboa, para partir para o Brasil”³⁷⁷.

Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro estavam, na altura, a acompanhar a obra da Faculdade de Medicina, projectada anos antes. Baltazar de Castro ocupava já lugar de prestígio na Administração dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte e na Direcção Geral de Belas Artes. Rogério de Azevedo tinha projectado e construído diversas obras e, principalmente, colaborado intensamente com Marques da Silva que integrava também o grupo de “homens da confiança” de Bento Carqueja³⁷⁸. Ao mesmo tempo, eram am-

³⁷⁷ Idem, p. 29.

³⁷⁸ Marques da Silva tinha realizado já alguns projectos para este cliente, como o Bairro Operário de *O Comércio do Porto* e o Bairro de Monte Pedral, ambos por volta de 1899. Há também notícia de uma casa que pertencia a Bento Carqueja e onde este passava férias, que terá sido projectada, segundo Maria Elisa Pérez (neta de Bento Carqueja), por Marques da Silva. “No Casinhoto de Ferreiros, em Oliveira de Azeméis, passava as suas férias. Nessa casa, situada no meio das serras - cuja planta fora feita pelo seu amigo arq. Marques da Silva -, existia uma linda varanda de pedra forrada a azulejos que reproduziam uma pintura de Veloso Salgado. Aí, descansava e saboreava a paz desse local onde uma enorme vinha, por ele mandada plantar, dava um saboroso vinho branco”. In Maria Elisa Pérez. “Bento Carqueja. Radiografia sentimental de um grande homem”.. Separata de *O Tripeiro*, Ano XIII, 7.ª série, n.º 8-9, Porto, 1994.

No Centro de Documentação da FAUP, no espólio de Rogério de Azevedo, encontramos um desenho relativo a este projecto intitulado “Casinhoto de Ferreiros. Caima”. O tipo de grafismo do desenho e o facto de se encontrar junto ao material que lhe pertencia levamos a supor que poderá ter sido executado por Rogério de Azevedo. Ficámos assim com a dúvida sobre a sua autoria. O desenho, sem data nem assinatura, mostra uma casa paralelepípedica com telhado de quatro águas com alpendres, varandas e expressivos beirais e chaminé, remetendo-nos para um tipo de arquitectura menos interessante que Rogério de Azevedo também fará.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

bos jovens arquitectos (Rogério de Azevedo tinha 29 anos e Baltazar de Castro tinha 36 anos), em consonância com a imagem de pretendida “modernidade”, a possível, no cumprimento das regras preestabelecidas pelo plano da Avenida (agora coordenado por Marques da Silva). Simultaneamente poriam em prática um programa complexo, onde a mais sofisticada maquinaria representava o avanço da técnica e das tecnologias, porventura representação tardia, no Porto, de uma época pós industrial talvez traduzida, igualmente, um pouco mais tarde, na Garagem do mesmo jornal.

“[...] Rogério de Azevedo, que estava a construir a Faculdade de Medicina [...], foi instado por Bento Carqueja para se encarregar do projecto do novo edifício do Jornal de que era proprietário e director. O convite assustava-o [...], e, perante o ultimato (“ou aceita ou faço a encomenda a outro, e quero o projecto para submeter depois de amanhã à aprovação da Câmara”), Rogério de Azevedo, com a colaboração de três desenhadores, [...] fez o projecto e a memória descritiva no tempo recorde [...] de menos de quarenta e oito horas, trabalhando [...] dia e noite, sem descanso. Como resultado de tamanho esforço, sofreu um esgotamento que o reteve um mês doente e de cama. [...]”³⁷⁹

Para Bento Carqueja, com quase setenta anos de idade, esta obra representava, também, a prosperidade alcançada pela empresa que dirigia e a importância do empreendimento que deixaria para a prosperidade.

Embora tendo condicionantes a cumprir, julgamos, por aquilo que nos é dado conhecer sobre o cliente, que houvesse um clima de confiança e liberdade entre este e os arquitectos. Liberdade criativa, obviamente, não significava “o livre arbítrio”. Isso sabia-o já Rogério de Azevedo pondo em prática, mais uma vez, os valores herdados de Marques da Silva. Também aqui, a

³⁷⁹ Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica” in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983, p. 17.

Temos também notícia, desde os tempos de estudante na Academia (atestados médicos no seu processo de aluno), de que Rogério de Azevedo sofria de uma doença que o “perseguia” ao longo de toda a sua vida e que terá, em determinados momentos da sua vida, influenciado a sua carreira profissional, impedindo a realização de alguns trabalhos, e, muito provavelmente interferindo com a sua aparência e disposição física e psicológica.

ideia de “tradição” reclamada pelo mestre não seria posta em causa, tradição no sentido do seu uso na prática sem dogmatismo. O edifício, perfeitamente integrado no contexto, assinala a sua modernidade, evidenciando-se. A tradição, como foi já referido por Rogério de Azevedo, na sequência do pensamento de Marques da Silva, “é uma herança que veio até nós e reclama acrescentamento para os que hão de vir”³⁸⁰.

Verifica-se, assim, claramente que o edifício projectado se adequa àquilo que eram as ambições do cliente, acabando por tornar-se, até, julgamos nós, reflexo da sua própria personalidade.

Na encomenda do projecto, o cliente fornece aos arquitectos esquemas desenhados que, embora muito elementares e claramente produzidos por alguém que não dominava nem o “desenho” nem algumas questões fundamentais do projecto (escala, proporção, dimensões, espessuras, iluminação...), demonstram uma ideia precisa sobre aquilo que se pretendia, propondo-se uma distribuição programática do edifício, em planta. Na observação destes documentos³⁸¹ pareceu-nos significativo que estes “esquemas” fossem desenhados sobre os limites de um terreno que ia desde a avenida dos Aliados até à rua do Almada, ou seja, o terreno (que tinha acabado de ser comprado) na sua totalidade. Parecem ter sido os arquitectos, desde a sua primeira abordagem ao edifício, a proporem a ocupação de apenas metade do terreno disponível – a parcela junto à avenida – deixando assim livre a área onde, mais tarde, será construída a garagem do mesmo Jornal.

Os primeiros desenhos de que temos conhecimento são assinados apenas por Rogério de Azevedo e não fazem referência ao jornal *O Comércio do Porto*³⁸² [●3|39].

No desenho intitulado “Primeiro Esquisso, escala 0.01pm (por metro), Alçado voltado à Avenida” [●3|40 e ●3|41], o edifício projectado implanta-se

³⁸⁰ Conforme explicado no Capítulo 2 deste trabalho.

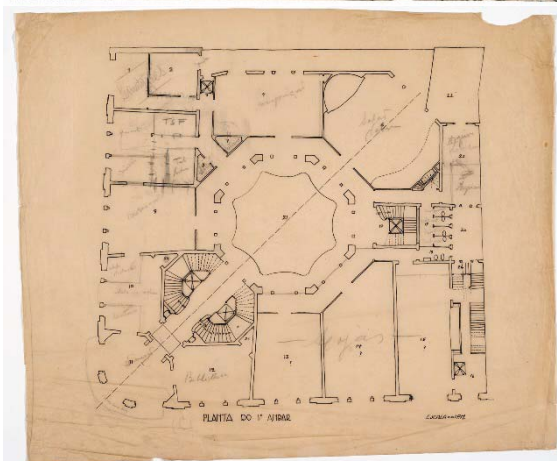
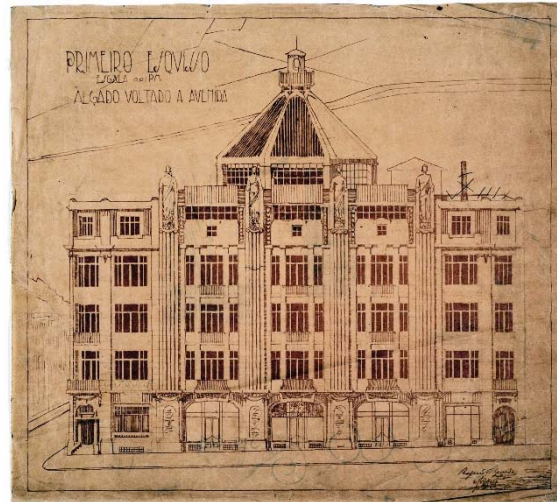
³⁸¹ No Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da UP, Fundo Rogério de Azevedo.

³⁸² Mais tarde terão a assinatura Baltazar de Castro/Rogério Azevedo – Arquitectos.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

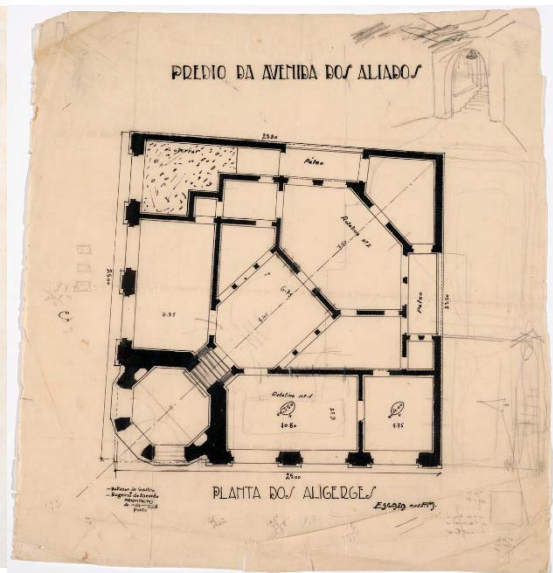
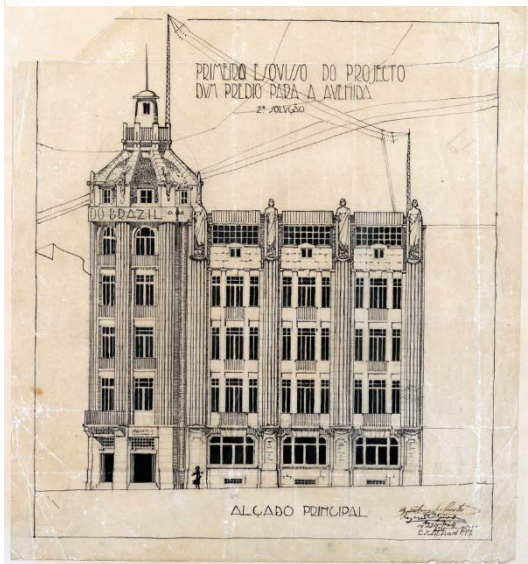
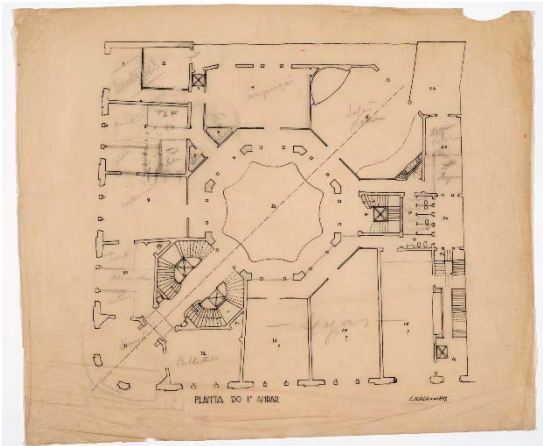
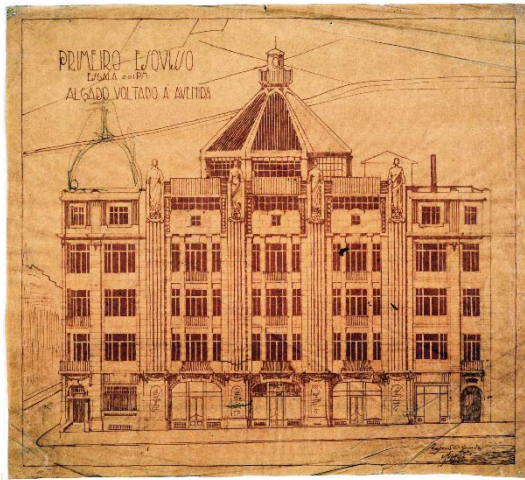


Projecto

- 3.39. Edifício na antiga avenida das Nações Aliadas. Rogério de Azevedo. S/d.
- 3.40. "Primeiro esquisso. Alçado voltado à Avenida". Assinado Rogério de Azevedo. Agosto de 1927.
- 3.41. "Planta do 1º andar". (com indicações, a lápis, do programa). S/d.

num terreno aproximadamente quadrangular, como já referimos. O edifício, desde esta primeira versão, manterá em termos gerais a sua organização tendo como base a definição do eixo de simetria que, em planta, é traçado a partir da bissetriz formada pelos ângulos do gaveto. Ao longo deste eixo, os espaços, bem demarcados volumétrica e geometricamente, vão-se sucedendo a partir da zona coberta de entrada, por onde, depois de vencidos alguns degraus, se faz a transição entre esta, semi-exterior, e o espaço interior que, inicialmente, pelas suas reduzidas dimensões, sentimos estreitar. Nesta sequência, a escada (nesta fase) bipartida, acentuando a simetria pretendida, dá acesso aos restantes pisos e culmina num espaço centralizado de grandes dimensões, pátio coberto, geometricamente inserido numa forma octogonal em planta, que ligará verticalmente e visualmente todos os andares e será iluminado por um grande lanternim ou claraboia que, nesta fase do projecto, marca tridimensionalmente, também no exterior, o centro geométrico do edifício e o eixo de composição dos alçados. No primeiro andar, piso onde se localizam as divisões mais importantes, como a sala da Direcção (no gaveto), ou a Biblioteca, depois de circundada a galeria do aparatoso espaço central, no remate do eixo que estrutura o edifício, podemos encontrar o "Salão Nobre", também, claramente circunscrito numa forma geométrica bem definida e desenhado espacialmente quase com se se tratasse de uma capela "com altar-mor e coro alto". O alçado, sendo nesta fase desenhado com uma simetria marcada a partir do centro geométrico do edifício, e não do gaveto, ganha uma imagem bastante menos dinâmica do que aquela que virá a ter mais tarde. Parece-nos que a escala deste volume ou do lanternim (de enormes dimensões) adquire aqui um protagonismo excessivo que retira força aos outros elementos constituintes do edifício. A restante compartimentação, que dá cumprimento ao programa, é feita com paredes que se desenvolvem ortogonalmente em relação às paredes exteriores. Simultaneamente, os alçados são claramente pontuados por uma estrutura regular bem demarcada com elementos verticais que vão desde o chão até ao topo do edifício e se rematam, já nesta fase, com vistosas figuras humanas esculpidas no granito, efeito rítmico que se manterá, e até se acentuará, no desenvolvimento do projecto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Projecto

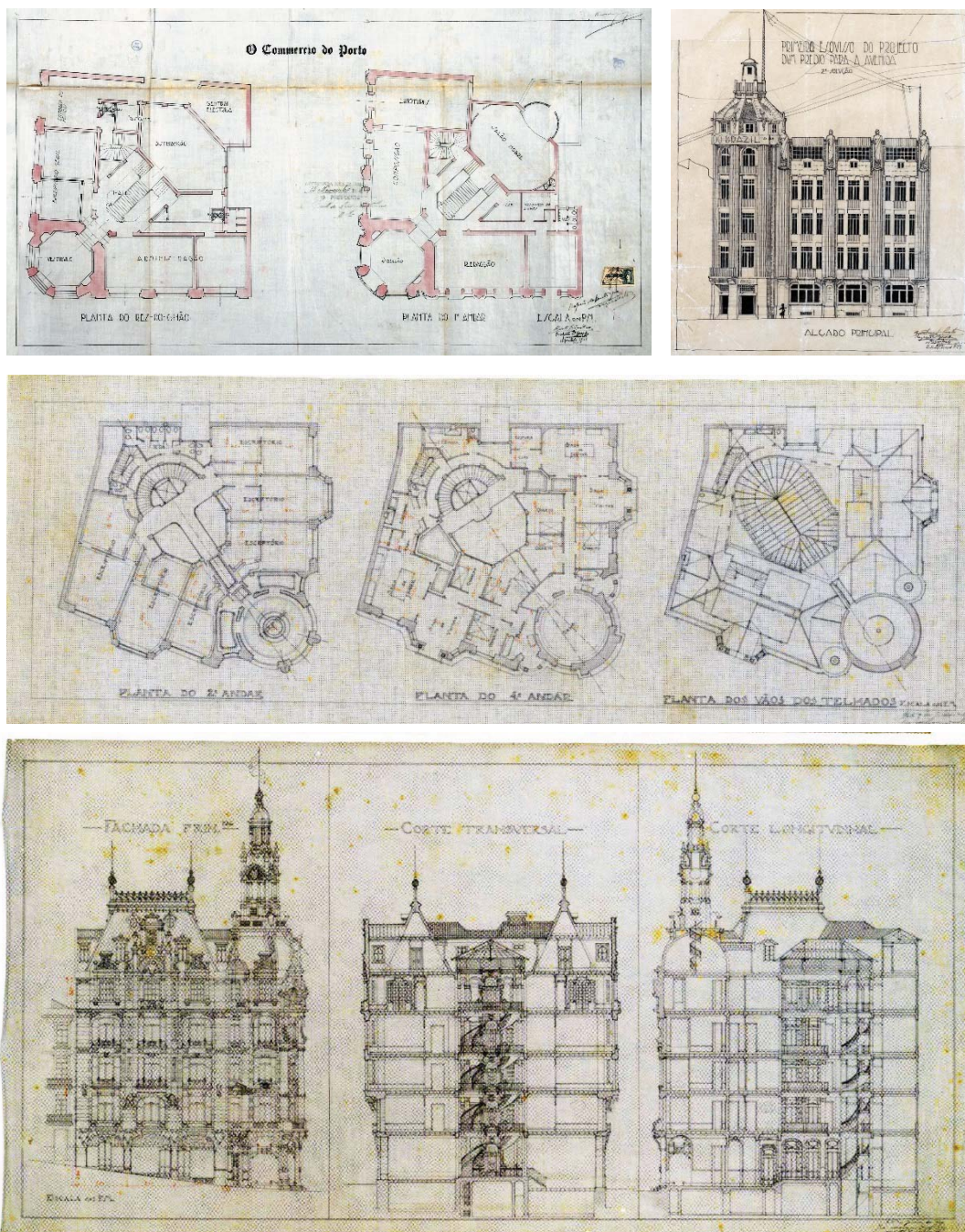
- 3.42. “Primeiro esquisso. Alçado voltado à Avenida”. Assinado Rogério de Azevedo (é apontado, a lápis, o desenho do torreão no gaveto). Agosto de 1927.
 - 3.43. “Planta do 1º andar” (com indicações, a lápis, do programa). S/d.
- 3.44. “Primeiro esquisso do Projecto dum prédio para a avenida. 2ª solução”. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. Dezembro de 1927.
- 3.45. “Planta dos Alicerços”. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. Abril 1928.

No piso térreo, junto à rua, previa-se, além da entrada principal do edifício feita pelo gaveto, que houvesse, além do espaço para atendimento ao público do Jornal e de uma entrada para uma garagem para três automóveis, outra entrada de serviço e espaços comerciais para alugar. Assim, no alçado aparecem grades montras envidraçadas que mais tarde deixarão de existir para se tornarem janelas e permitirem a existência de ventilações do piso do subsolo, junto ao passeio. Estes envidraçados conferiam ao edifício uma relação mais franca entre interior-exterior e tornavam este embasamento numa superfície um pouco “mais leve” do que a que veio a ser realizada.

Depois deste “Primeiro Esquisso”, como lhe chama o próprio autor, e sobre uma cópia do mesmo desenho, aparece o estudo, a lápis, da marcação do torreão no gaveto do edifício [●3|42 e ●3|43]. Assim (com maior altura), acabará por ser construído, indo de encontro, aliás, às regras do Plano para a avenida e indicações dadas pela Comissão de Estética.

“Esta construção erguer-se-hia num dos pontos mais em evidência da Avenida dos Aliados. Por este motivo, sugeriu-se, para o torreão a ideia de nele estabelecer um holofote que ficaria com as características de vigia dum farol, o que não brigava com a arquitectura adoptada. Este ponto luminoso seria para efeito de reclame. Com esta disposição era permitido à pessoa que dirigisse os movimentos de luz estar completamente abrigada em casos de tempo chuvoso. Todavia esta primitiva ideia foi posteriormente posta de parte pela Exma. Comissão de Estética ter sido de opinião que havendo um torreão no ângulo oposto e simétrico deste, na Avenida, com características diferentes, este seria obrigado a engeitar-se-lhe. Desta forma, desde que se tomou o eixo da Avenida como eixo de simetria não houve remédio senão conformar-nos com esta segunda solução. Procuramos então nova linha geral sem fugirmos do espírito da arquitectura adoptada, bem como cingir-nos o mais possível ao torreão do edificio oposto já referido. Dentro da nova solução, porem, procurámos a mesma finalidade útil reunida ao agradável, colocando como remate no referido torreão uma plataforma gradeada donde um homem possa dirigir os movimentos do ponto luminoso sem, contudo, poder

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.46. *O Comércio do Porto*. Planta do rez-do-chão. Planta do 1º andar. Janeiro 1928.
- 3.47. “Primeiro esboço do Projecto dum prédio para a avenida. 2ª solução”. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. Dezembro de 1927.
- 3.48. Edifício “A Nacional”. Plantas. Arquitecto José Marques da Silva. 1919.
- 3.49. Edifício “A Nacional”. Alçado e cortes. Arquitecto José Marques da Silva. 1919.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

abrigar-se. Deste modo conseguimos dar satisfação a todos os desejos que nos apontaram.”³⁸³

Num desenho posterior, “Primeiro esquisso do projecto de um prédio para a avenida – 2.^a solução” [●3|44 e ●3|45], a configuração da solução apresentada é, no essencial, aquela que virá a ser desenvolvida até ao final. O lanternim central manter-se-á como elemento fundamental na iluminação deste espaço (para onde será deslocada a escada principal do edifício) embora sem a importância volumétrica inicial. Nesta versão, que será idêntica à primeira entregue para aprovação pela Câmara Municipal do Porto, o projecto, embora mantendo o conceito inicial, sofre algumas alterações significativas no seu desenho. O torreão aparece finalmente desenhado no gaveto com uma proporção que lhe confere a proeminência imposta pelas regras que o Plano impunha (na demarcação dos gavetos com ruas perpendiculares à avenida) embora menos marcadamente do que, por exemplo, no já referido edifício de A Nacional.

Projectado cerca de dez anos depois do edifício de A Nacional, no qual Rogério de Azevedo enquanto colaborador de Marques da Silva teria trabalhado, numa posição idêntica em termos de implantação – gaveto na nova avenida das Nações Aliadas – é interessante verificar as similitudes e diferenças agora introduzidas e, a partir daí, fazer uma possível leitura no sentido da sua progressão em relação ao seu mestre [●3|46 a ●3|49]. Seguindo em planta um princípio semelhante, talvez o princípio “natural” – marcação de um eixo coincidente com a bissetriz do ângulo do gaveto – e o jogo entre este alinhamento e as perpendiculares às paredes que definem os alçados, o edifício é também dominado por um espaço “central”, pátio coberto onde o pé-direito deste vazio permite a ligação entre todos os pisos iluminando os seus interiores. As plantas, mais complexas pelo jogo de avanços e recuos na fachada conduzem, volumetricamente, a uma maior complexidade. O desenho dos alçados, as coberturas de grande inclinação e a fortíssima acentuação

³⁸³ Rogério de Azevedo, em "Projecto a que se refere o requerimento do Jornal «O Comércio do Porto» a construir na avenida dos Aliados desta cidade. Memória”, Processo de Licenciamento, Câmara Municipal do Porto, AHMP.

do gaveto fazem deste edifício, como sublinhou Clara Vale, um “exemplo paradigmático da discussão entre uma linguagem arquitectónica historicista que bebe inspiração numa tradição nacional medieval, [...], e uma nova imagem, mais cosmopolita, em linha com os referenciais franceses *Beaux-Arts*”³⁸⁴.

O edifício de *O Comércio do Porto* introduz um desenho mais simples e linear, e por isso, é bastante mais sóbrio volumetricamente. Esta racionalidade, reforçada pelo ritmo que os elementos estruturais impõem é contrariada por um requintado tratamento de pormenor que acentua contrastes entre cheios e vazios, desenha cuidadosamente as caixilharias, e justifica a presença de delicadas e simultaneamente fortíssimas peças escultóricas. Assim, o projecto dará resposta adequada à monumentalidade que, claramente, se preconiza no Plano.

Rogério de Azevedo explicará, mais tarde, na “Memória” entregue na Câmara Municipal com o pedido de Licenciamento, que:

“Nas fachadas procuramos uma arquitectura sóbria de linhas e que embora simples não desse aos que passam o ar de mingua-dos recursos, como acontece a muitos prédios, mesmo àquele em que o labor do canteiro supriu a imaginativa do arquitecto.

Escolheríamos para a estrutura dos pilares que vão debaixo ao alto do edifício os granitos de S. Gens e Caverneira habilmente combinados nos seus tons branco e dourado, como seja: os feixes onde as figuras assentam em granito de S. Gens e as partes laterais no tom domado da Caverneira.

Os gradeamentos seriam lisos e direitos com pequenas aplicações adequadas e sem grandes exageros para não tirarem a importância às cantarias. A exuberância do ferro prejudicaria a pedra.

As oito figuras de Portugal que encimam os pilares, descansam em peanhas onde também se apoiariam os atributos que lhes

³⁸⁴ Clara Pimenta do Vale, “A cidade entre o projecto e a realidade”, in *Avenida dos aliados e baixa do Porto: memória, realidade e permanência* (Clara Pimenta do Vale, Ricardo Figueiredo e Rui Tavares). Porto: Porto Vivo, SRU, 2013, p. 250.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

pertencem formando um conjuncto. No intervalo que vai de figura a figura e no ultimo andar existiriam os «ateliers» que a esse pavimento se destinam.”³⁸⁵

“Quem olhar para o alto do edificio vê oito figuras em granito³⁸⁶ – figuras com cerca de 5 metros de altura – que representavam as então oito Províncias de Portugal. As figuras, modeladas no barro e passadas ao gesso pelo [...] escultor Henrique Moreira (1890-1979), têm junto de cada uma as Armas da Província que representavam.”³⁸⁷

A imagem pretendida para o edificio era a de uma arquitectura “sóbria de linhas”; essa simplicidade pretendida, esclarece o autor, não significava necessariamente falta de riqueza ou de “dignidade” no edificio. Por isso, com requinte, se escolhe um material rico e robusto e se definem tonalidades para os diferentes tipos de granito em uso.³⁸⁸ Acrescenta também, que os restantes elementos que compõem os alçados, nomeadamente os elementos em ferro, não devem salientar-se demasiado para não retirarem “importância às cantarias”. As figuras escultóricas que “encimam os pilares”, ao serem repetidas ritmicamente dão, intencionalmente, unidade ao edificio “formando um conjunto”. Salientamos, aqui, a ideia de simplicidade, sobriedade e a importância

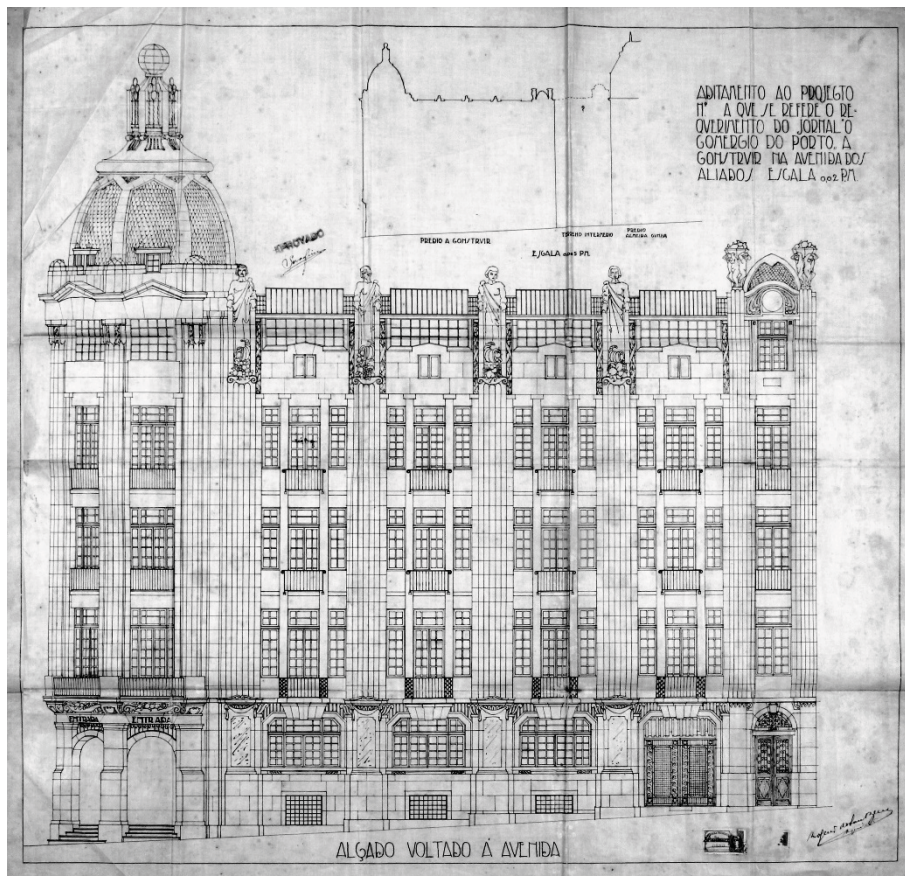
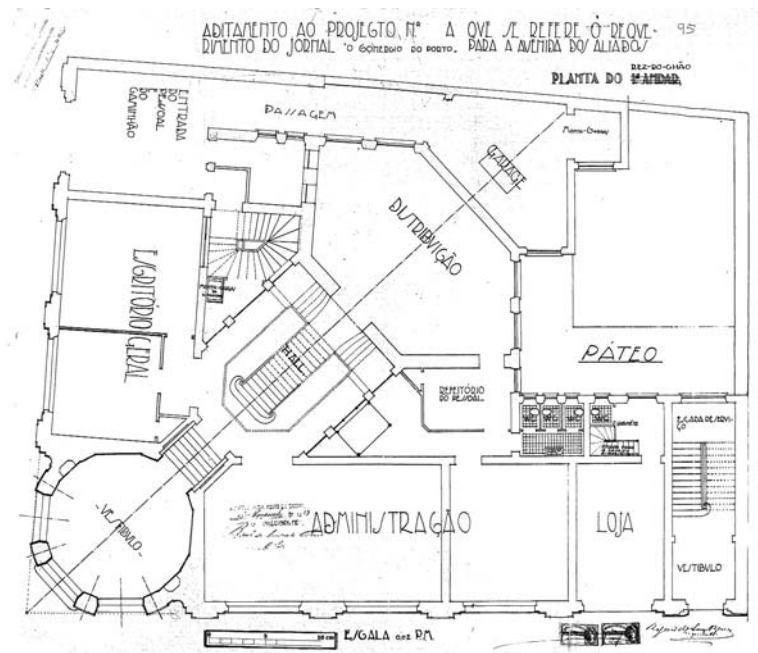
³⁸⁵ Rogério de Azevedo, em “Projecto a que se refere o requerimento do Jornal «O Comércio do Porto» a construir na Avenida dos Aliados desta cidade. Memória”, Processo de Licenciamento, Câmara Municipal do Porto, AHMP.

³⁸⁶ “As oito estátuas, que assentam sobre a cornija, são modeladas pelo talentoso escultor Henrique Moreira, representando as oito províncias de Portugal: Minho, Douro, Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alentejo e Algarve, com os brasões das suas capitais”. De acordo com José Guilherme Abreu, as esculturas “esculpidas em pose solene e hierática constituem elementos de belo desenho art-déco e representam o momento em que Henrique Moreira se afasta de forma mais lúcida e consistente da estética naturalista, guiado por um projeto arquitetónico que já determinava o local, o modo de integração e o partido estético das referidas estátuas”, in <http://memoriasgaiensesbibliotecadegaia.blogspot.pt/2013.07.01.archive.html>.

³⁸⁷ Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica”. in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983, p. 18.

³⁸⁸ O uso de aguada colorida sobre desenhos a lápis ou cópias ozalide permite verificar a forma como o arquitecto explora esta questão experimentando o efeito pretendido através do desenho. Alguns destes estudos encontram-se no Centro de Documentação da FAUP.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.50. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. Planta do rez-do-chão. Assinado Rogério de Azevedo. S/d.
- 3.51. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. Alçado voltado à avenida. Assinado Rogério de Azevedo. S/d.

do valor “do conjunto”; conceitos convergentes com o espírito da época em questão que, já no estrangeiro, tinham expressão evidente.

Sentimos um avanço no sentido da modernidade, uma imagem que concilia os ensinamentos da “tradição clássica” e das *Beaux-Arts* com a introdução de novos conceitos que anunciam a chegada de influências do *Art Déco*. Como disse António Cardoso, “o arquitecto desapega-se do estilo, liberta o ornato, reafirma-se ‘moderno’, com a notícia das artes decorativas”³⁸⁹. Ou, também, como confirma o próprio Rogério de Azevedo, “[...] o edifício marca uma época da evolução arquitectónica na capital nortenha, podendo considerar-se pioneiro de um estilo e numa execução em que a cantaria (no exterior) se casa bem com o cimento armado (no interior), tendo uma escadaria central bem lançada, e varandins e gradeamentos nos diversos andares que fazem lembrar os tempos da velha arte do ferro forjado, embora com ‘sorriso’ de arte nova”³⁹⁰.

O edifício ganha agora uma volumetria diferente, os pisos uma maior altura e, embora se mantenha o mesmo número de andares, a proporção do edifício altera-se claramente (aparentemente também, com a redução do tamanho do lote³⁹¹), como se pode observar pelos desenhos de ambos os alçados. Há algumas alterações ao nível da distribuição do programa mas, essencialmente, a evolução do projecto dá-se pela transformação do espaço interior central do edifício que, mantendo-se mas com outra configuração, adquire agora proporções mais controladas, sendo ocupado pela escada principal localizada a eixo do edifício e que dá acesso directo ao “Salão Nobre” ganhando ambos, assim, protagonismo [●3|50 e ●3|51].

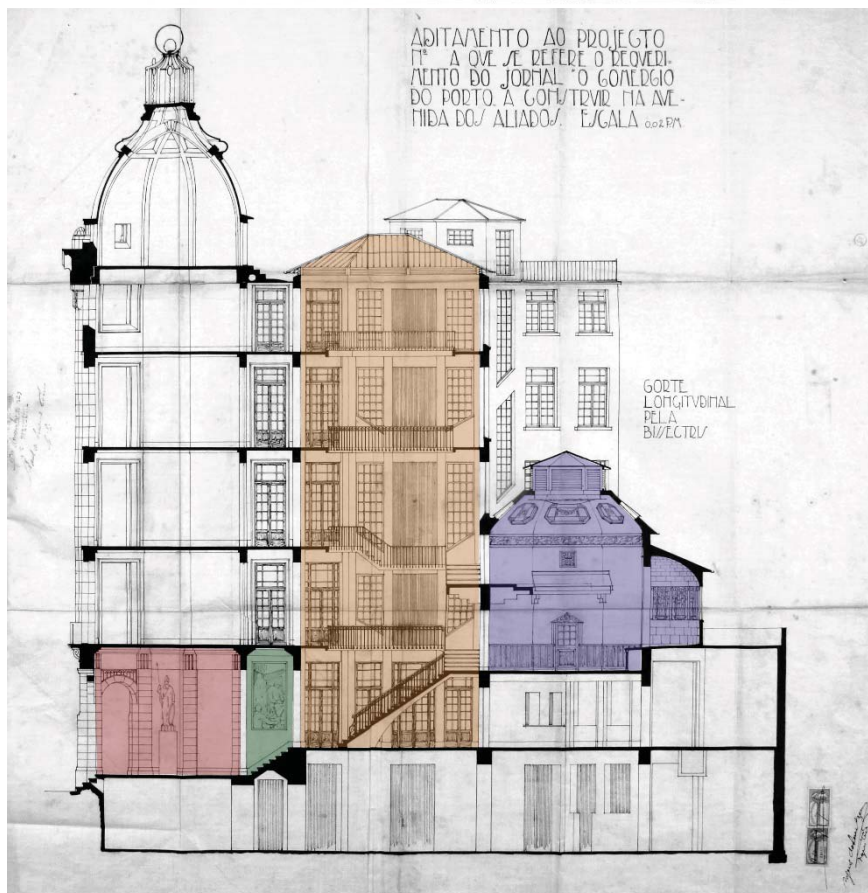
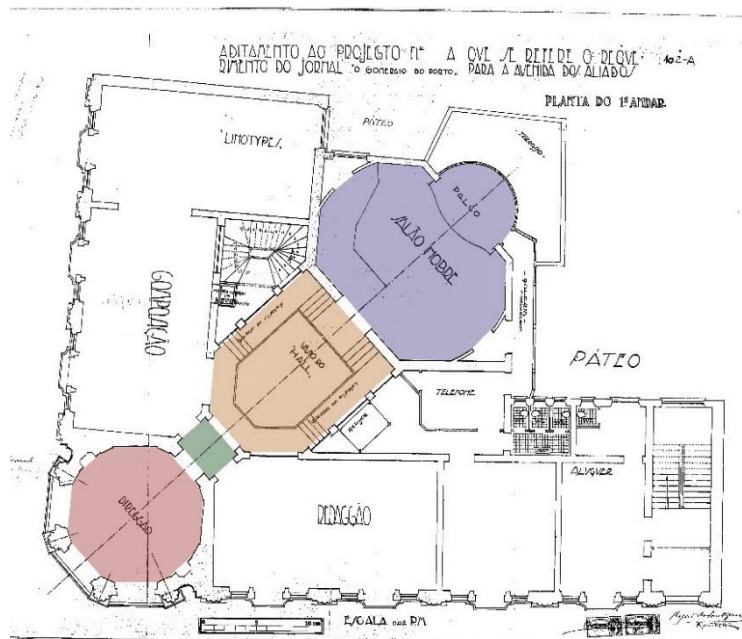
É interessante verificar-se que, tanto no desenho da planta como no desenho dos alçados, existem claramente esquemas geométricos gerais que,

³⁸⁹ António Cardoso (Comissão Executiva). Catálogo da Exposição: “J. Marques da Silva, Arquitecto 1869-1947”. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986, p. 23.

³⁹⁰ Rogério de Azevedo, 1983, em Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica” in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983, p. 16.

³⁹¹ Que numa fase posterior voltará a ganhar dimensão.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Corte pela bissetriz

- (sobreposição de cores sobre os desenhos originais para identificação dos espaços)
- 3.52. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. Planta do 1º piso.
 - 3.53. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. “Corte longitudinal pela bissetriz”. Assinados por Rogério de Azevedo. S/d.

com rigor mas sem rigidez, conferem “ao todo” uma lógica clara ajudando a justificar a organização dos espaços. Em planta existe um jogo geométrico entre os ângulos das ruas e o eixo de simetria criado pela respectiva bissetriz conferindo, assim, alguma regularidade no traçado e explicando as formas geométricas que cada um dos espaços adquire.

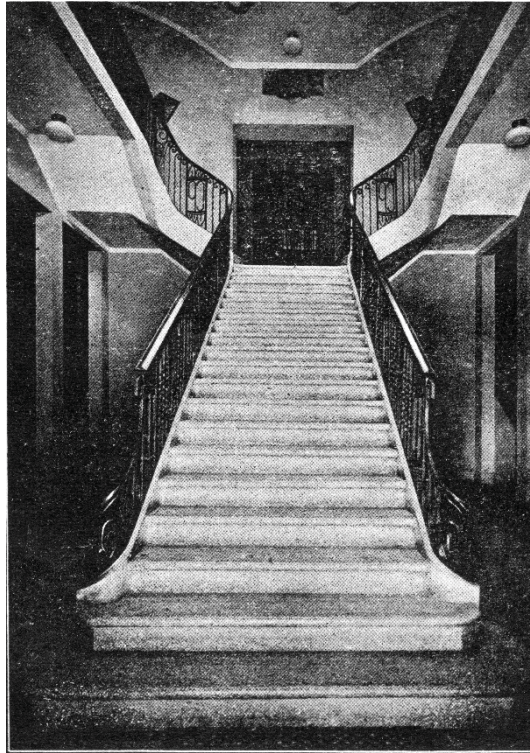
A iluminação natural é sempre tida em conta, sendo que, quando necessário, se abrem pátios no interior do lote.

No confronto entre a planta e o desenho em corte (realizado pelo eixo de simetria do edifício), já na versão final do projecto, podemos constatar a qualidade espacial que cada um dos espaços interiores adquire pelas diferenças tridimensionais particulares com que são concebidos [●3|52 e ●3|53]. A forma volumétrica diversificada destes espaços, ao longo do eixo principal, confere, a quem o percorre, a percepção de uma diversidade de escalas que, sem qualquer dúvida, foi previamente ambicionada. Na entrada – espaço de transição público/privado, exterior/interior, espaço coberto, resguardado, espaço de protecção, de sombra – os pórticos definidos com arcos em granito apenas são encerrados por um gradeamento em ferro cuidadosamente desenhado. O mármore que, num jogo de geometrias e cores, reveste o pavimento, conjuga-se com o granito mais austero que se prolonga desde as paredes portantes do exterior, transmitindo a sensação de uma certa magnificência a quem entra; nesta sequência, surge um pequeno corredor com escada – espaço instável, estreito que nos leva a um patamar com pé-direito mais baixo antecedendo e contrastando com o grande “hall” de entrada – espaço vazio e amplo que domina todo o edifício e lhe confere unidade. Com a altura de cinco pisos, em cada um deles, as galerias que o circundam vão dando acesso às escadas secundárias de ligação entre os pisos e aos restantes espaços do edifício. A iluminação abundante, permitida pelos envidraçados e vitrais que nos pisos superiores, sobre o salão nobre, vão existindo, é também, resultante do lanternim cuidadosamente desenhado na cobertura deste volume. A visão desde o piso inferior ou desde o andar superior adquire uma especial riqueza dada pela sequência da repetição dos andares e varandins sobrepostos [●3|54 a ●3|56]. O cuidado extremo no desenho dos pormenores, desde os vitrais,

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.54. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Escada. Espaço “central”. 1934.
- 3.55. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Espaço “central”. 1934.
- 3.56. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Espaço “central”. 1934.

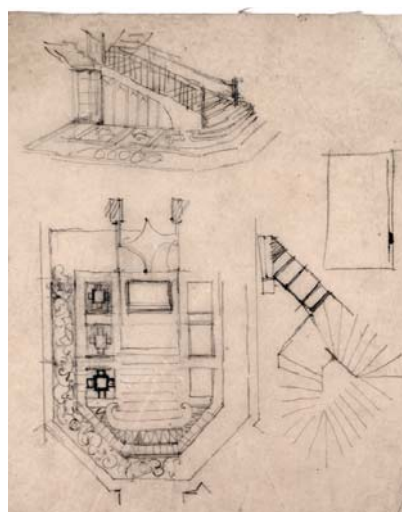
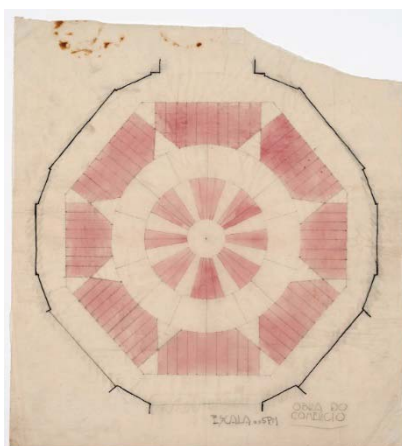
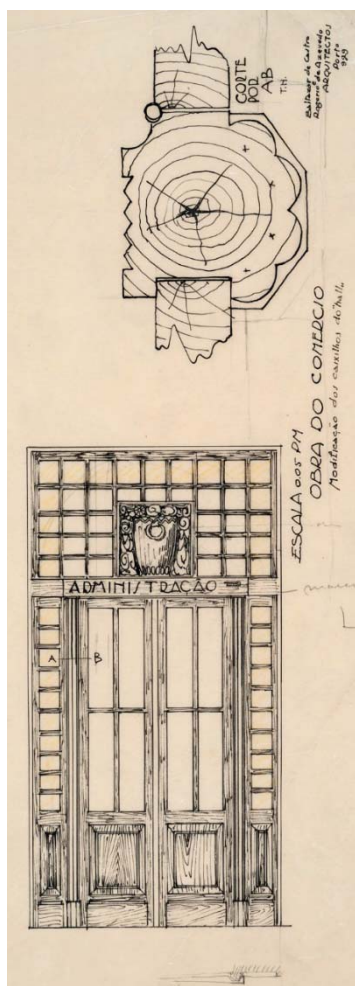
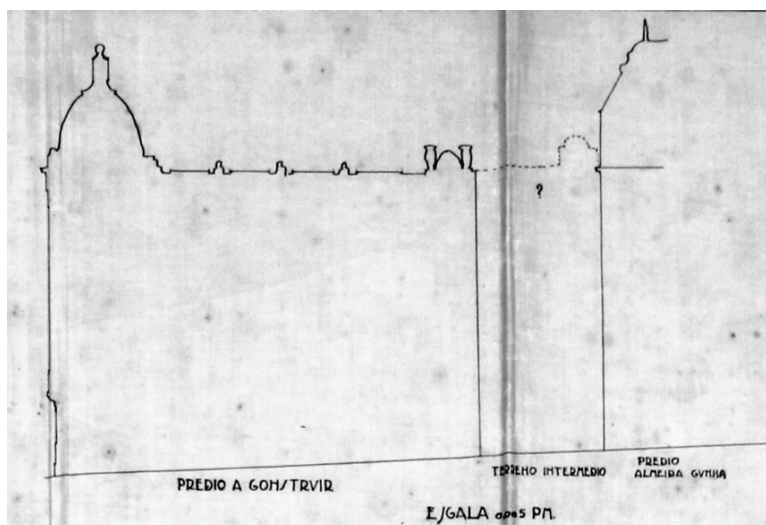
PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

protecções em ferro trabalhado, caixilharias e mobiliário, de linhas simples, gosto *art-déco*, conferem um ambiente requintado ao edifício [●3|58 a ●3|60]. Este espaço, pátio coberto, hall de distribuição, apenas no piso da entrada é ocupado pela escada que, como referimos, dá acesso ao Salão Nobre no primeiro piso. Este percurso, claramente identificado por Rogério de Azevedo no desenho em Corte que (não por acaso) apresenta, é um dos possíveis para uma leitura sensorial do edifício, terminando, depois de subidas as escadas, no “Salão Nobre”. Este espaço é desenhado como se se tratasse de uma pequena capela de planta centralizada com um pequeno nicho que nos lembra um altar no remate da *promenade*. Espaço de paragem, fim de percurso, remate, este espaço interior abobadado é iluminado por vitrais a toda a sua volta e é também marcado por um grande lanternim central. Este espaço surpreendente e inesperado no interior deste lote, pelo requinte do seu desenho, remete-nos, também, para uma mistura de referências de outras épocas, difíceis de explicar.³⁹²

A transição do edifício com os edifícios contíguos, e a importância dada à forma como volumetricamente se ligam, é uma constante nos projectos de Rogério de Azevedo. Também, o controlo da proporção e da escala do edifício permite uma adequação clara ao meio onde se insere. Salientamos o estudo cuidado e minucioso que faz, no desenho dos remates do edifício, seja na sua transição com os edifícios contíguos, seja no seu limite superior ou no estudo do contacto com o chão ou terreno [●3|63 a ●3|65].

³⁹² O restante programa é naturalmente distribuído pelos restantes pisos. “Às instalações técnicas do jornal acrescentou-se uma biblioteca e um museu, em que se reuniram milhares de volumes e numerosos quadros, bem como outros objectos interessantes, na maior parte ligados com a história do jornal e da cidade do Porto. [...] O edifício do jornal abrange [...]: Oficinas de impressão do jornal, armazém de papel, [...] Átrio, Administração, Direcção das Oficinas, Escritórios das mesmas, Salas de Expedição e de corte de tiras, Gabinete telefónico (P.B.X.) e escritório da Fábrica de Papel do Caima, [...] Direcção, Redacção, Contabilidade, Sala de Recepção, Salão de Festas, Oficina de Impressão de obras, [...] Tipografia do Jornal, Oficina de Obras, Biblioteca e Museu [...] Arquivo, Oficina de gravura e de montagem de clichés, [...] galeria fotográfica e habitação do ajudante do administrador, [...] Torreão”. In Bento Carqueja. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos. Notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1934, p. 29 e 30.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.57. “Aditamento ao projecto de O Comércio do Porto. Alçado voltado à avenida”. Indicação da cêrcea do edificio na transição com os edificios contíguos. Assinado Rogério de Azevedo. S/d.
- 3. 58. “Obra do Comércio. Modificação dos caixilhos do hall”. Desenho de Rogério de Azevedo. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. 1929.
- 3.59. “Obra do Comércio”. Estudo para o pavimento da zona da entrada. Desenho de Rogério de Azevedo.
 - 3. 60. “Obra do Comércio”. Estudo para a zona do hall/ escadas. Desenho de Rogério de Azevedo.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

No decorrer do licenciamento da obra alguns pareceres da Comissão de Estética chamam a atenção para o cuidado a ter na concordância entre as alturas dos edifícios. Neste caso, aquando da execução do projecto, do lado poente não existia, ainda, qualquer edifício (mais tarde estudar-se-á a transição com a Garagem do mesmo jornal) e, por isso, colocava-se a questão apenas do lado da avenida, no contacto com o edifício Almeida Cunha, já construído a norte, conhecido como Palácio Ford³⁹³. Entre este edifício e o de *O Comércio do Porto* existia ainda um lote livre para construção que, nos desenhos, é identificado como “terreno intermédio” [●3|57]. Em 21 de junho de 1928, na memória descritiva relativa a um aditamento ao projecto, Rogério de Azevedo refere:

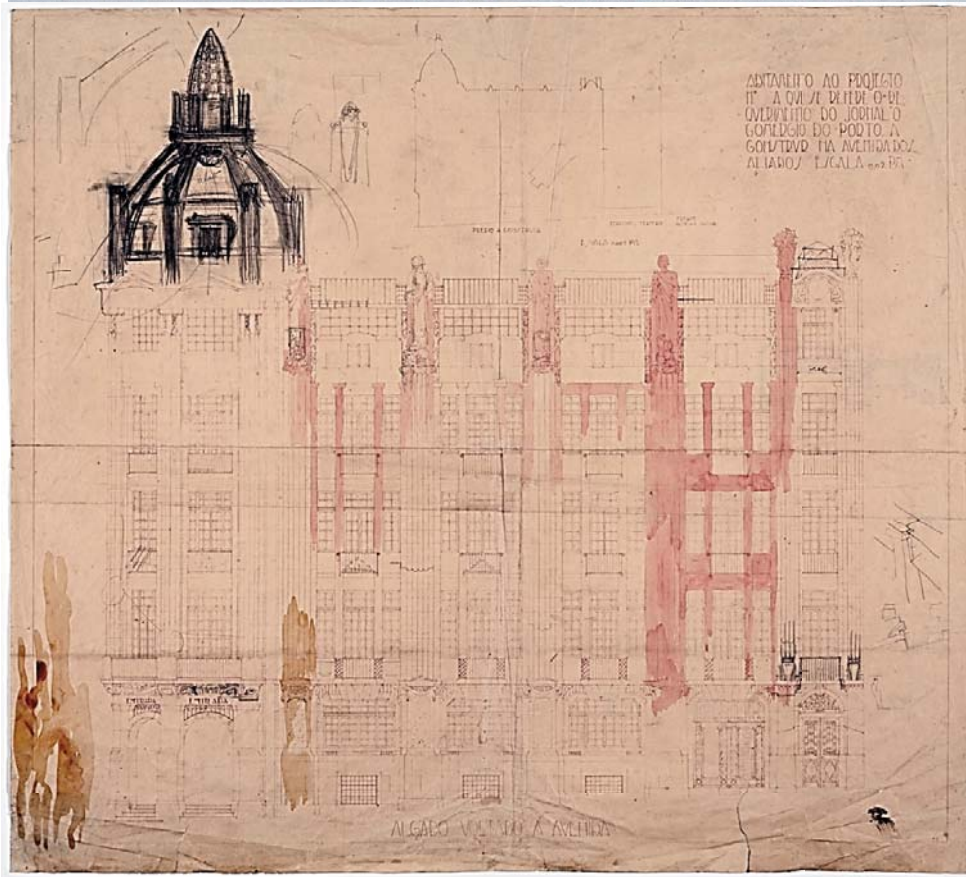
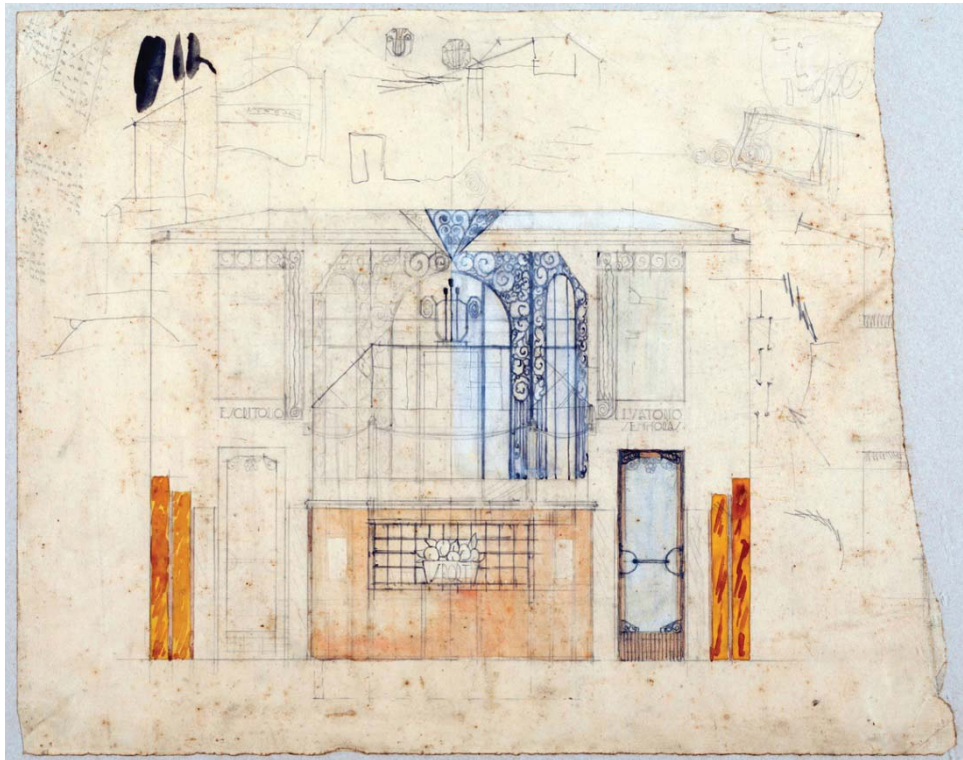
“O presente aditamento ao projecto do jornal «O Comércio do Porto» vem por exigência da digna Repartição de Higiene e da Excelentíssima Comissão de Estética. [...] [que] reclamaram a subida do edifício de modo a equilibrar com o prédio já construído onde estão instalados os armazéns de automóveis, propriedade da firma Almeida Cunha e C.a [...]

Sobre a altura do prédio (que aumentámos), apontámos no desenho da fachada, os contornos dos dois edifícios para mais praticamente se fazer a comparação do que foi modificado. Como houve um aumento de oito metros em comprimento na fachada voltada à Avenida, fomos buscar a máxima altura no extremo norte do edifício o que nos deu uma altura equivalente à do prédio próximo, até á cornija. Para mais fácil avaliação e comparação mandamos as peças desenhadas na escala de 1/50 o que permite entrar mais em detalhe, embora o tempo para as fazer seja dobrado.”³⁹⁴

³⁹³ O edifício Palácio Ford foi projectado pelo arquitecto Michelangelo Soá (que projectara já, em 1919, o edifício onde mais tarde, no seu rés-do-chão, se instalará o Café Guarany projectado, em 1933, por Rogério de Azevedo (com decoração e esculturas do escultor Henrique Moreira) para o cliente Almeida Cunha Limitada. A licença dada pela Câmara Municipal do Porto data de 1923. (D-CMP/9 (384); D-CMP/11 (957/1923))

³⁹⁴ Memória Descritiva em Processo de Licenciamento, n.º Licença: 612/30 de 1 de Fevereiro de 1930. Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.61. “Obra do Comércio”. Estudos. Desenho de Rogério de Azevedo.
- 3.62. “Obra do Comércio”. Estudos. Desenho de Rogério de Azevedo.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Poucos meses depois, no mesmo ano, num último aditamento ao projecto entregue na Câmara, Rogério de Azevedo apresenta o projecto destas alterações “agora convenientemente pormenorizado” e refere que estas alterações se devem ao facto de o seu cliente, *O Comércio do Porto*, “ter resolvido fazer um acrescento ao seu novo edifício” e, também, pelo facto de o “edifício do «Palácio Ford» ter uma altura demasiada”:

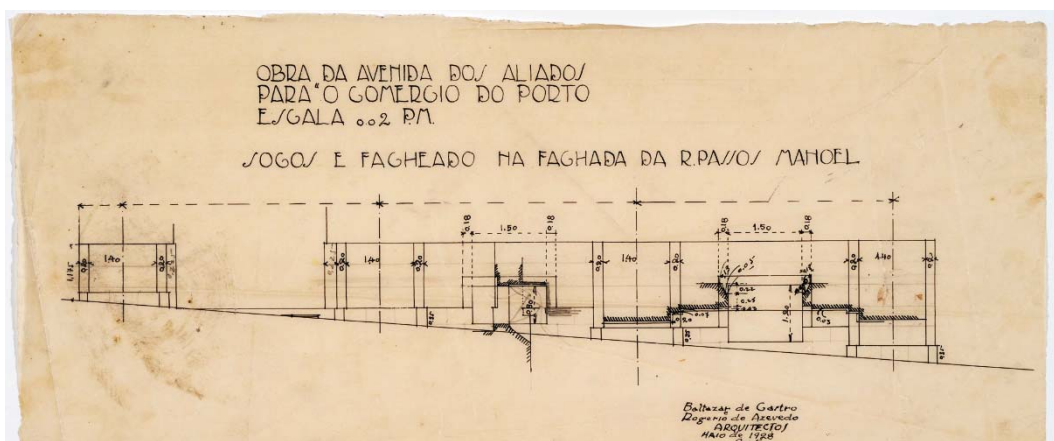
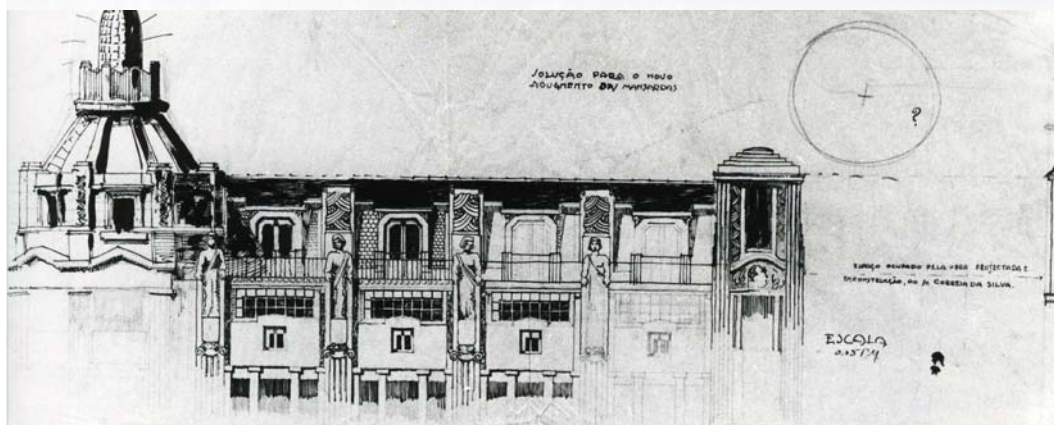
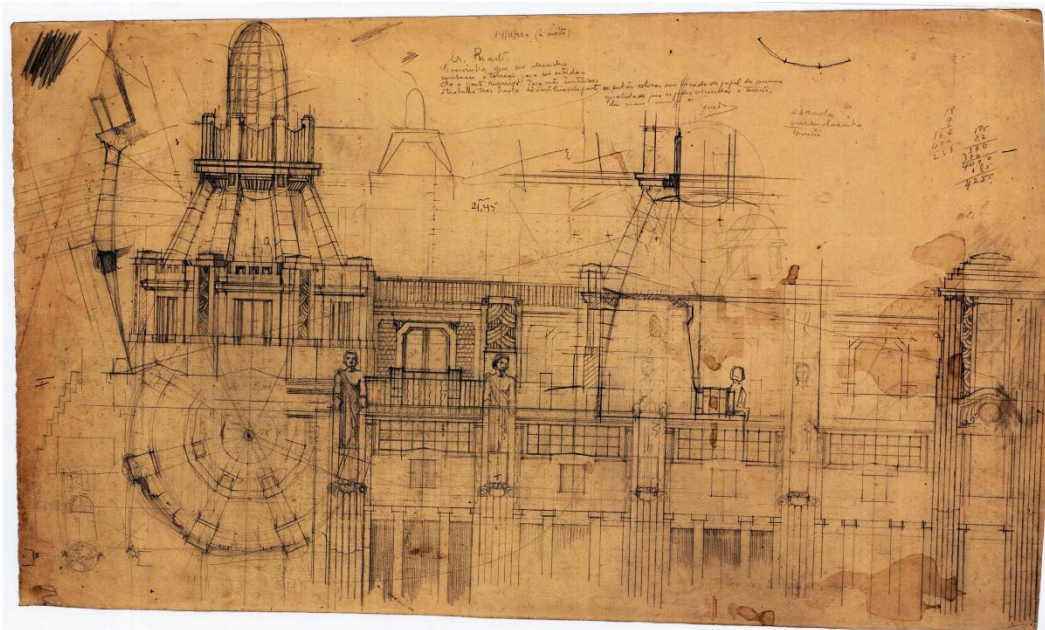
“Como se pode verificar pelo desenho junto, a mansarda vai recuada para se poder estabelecer melhor a ligação com a parte inferior do edifício que é de material diferente. Levantada a sua estrutura em tejo, teria partes revestidas a escama de ardósia e outras revestidas a mármore. Estas diferentes partes vão bem definidas no desenho pelos sinais característicos; convém contudo frisar estes pontos para orientação da fiscalização camarária.

Os pilares por de traz das figuras serão verticais e revestidos d’alto a baixo, na frente e lateralmente a mármore; as janelas levariam também as ombreiras e padieiras do mesmo material. Em volta da ardósia haveria uma cercadura de zinco convenientemente pintada. As cores dos mármore é que serão escolhidas segundo o bom gosto, e segundo as disponibilidades do mercado. O telhado desta mansarda seria coberto a telha de tipo «marselha» com uma inclinação que dificilmente se veria da rua. As águas pluviais desaguarão em grandes caleiras de zinco trabalhado.”³⁹⁵

O aumento do terreno na sua dimensão do lado da avenida obrigou obviamente ao redesenho do projecto que ganhou volumetricamente uma proporção diferente, a nosso ver, mais estável. Funcionalmente, permitiu a criação de um espaço de entrada de serviço lateral para o jornal, ao nível do rés-do-chão, e o acesso independente a espaços para alugar a privados nos vários pisos deste sector do edifício (ideia que já tinha sido experimentada nos primeiros estudos). Permitiu instalar também, no piso do sub-solo, um grande espaço para armazém e balneários. Estas alterações reflectiram-se na criação de mais um tramo vertical na composição modular do alçado e, também, na

³⁹⁵ In Aditamento ao Projecto de Licenciamento. Memória Descritiva, n.º Licença: 612/30 de 1 de Fevereiro de 1930. Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.63. “14 de Novembro de 1929 (à noite)”. O Comércio do Porto. Estudo. Torreão e remate superior do edifício. Desenho de Rogério de Azevedo.
- 3.64. O Comércio do Porto. “Solução para o novo aumento das mansardas”. Desenho de Rogério de Azevedo.
- 3.65. “Obra da Avenida dos Aliados para O Comércio do Porto. Socos e facheado na fachada da R. Passos Manoel”. Assinado Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo. Maio 1928.

criação de um outro módulo, mais estreito, volumetricamente salientado, remate lateral do edifício por onde se faz a nova entrada. Salientamos o requintado desenho do seu remate superior (com referenciais claramente *art-déco*), composição de elementos escultóricos e decorativos que, em obra, é claramente simplificado.

Destacamos a importância dos engenheiros que realizaram os projectos e cálculos para as estruturas do edifício que mais tarde virão a trabalhar com Rogério de Azevedo noutros projectos e que se tornarão figuras de grande visibilidade no seu campo de acção. Referimo-nos à equipa que mais tarde formará a OPCA, empresa de Obras Públicas e Cimento Armado. A assinatura do Engenheiro José Praça (1900-1952) e o carimbo da empresa constituída por: “J. Praça e M. Godinho – Engenheiros Civis (UP) e H. Peres e L. Soares – Engenheiros Electrotécnicos e Mecânicos (UP)”, consta nos desenhos relativos aos cálculos de betão armado e estruturas da cobertura deste edifício.³⁹⁶

³⁹⁶ Em 1926 José Praça e Manuel Godinho (irmão mais velho do arquitecto Januário Godinho, 1898-1970), engenheiros civis, e Luís Soares e Henrique Peres, engenheiros electrotécnicos, todos recém-formados na Universidade do Porto, juntam-se para desenvolverem alguns trabalhos. Além de se conhecerem da Universidade do Porto, são também frequentadores assíduos das “*tertúlias (intelectuais) dos cafés portuenses*”. (Luís Lousada Soares)

Uma das suas primeiras obras, a Capela de La Salette (arquitecto Correia da Silva), em Oliveira de Azeméis, terá sido impulsionada por Bento Carqueja, “amigo dos jovens engenheiros” (Luís Lousada Soares). Participam em diversos projectos entre os quais destacamos, além dos cálculos para a obra do jornal *O Comércio do Porto*, a obra de betão armado para o Liceu Rodrigues de Freitas projectada pelo arquitecto Marques da Silva.

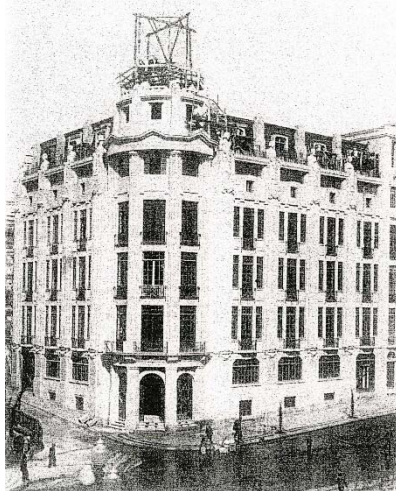
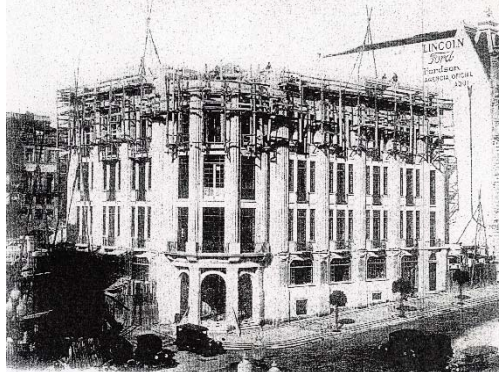
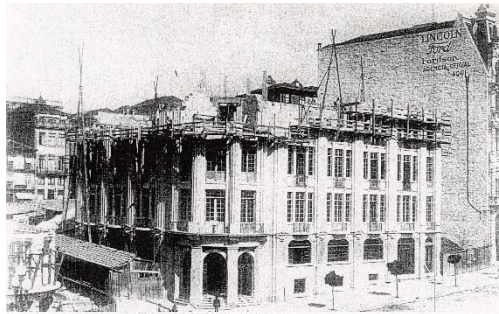
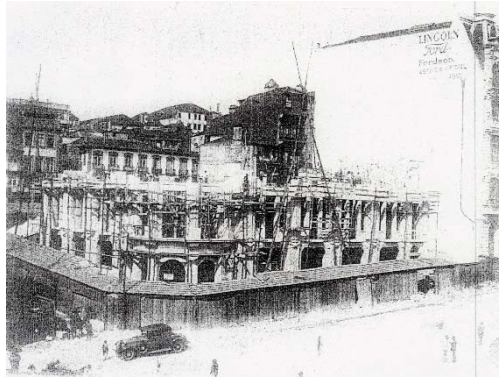
Em 1932 estes engenheiros fundam a OPCA (sem Henrique Peres que trabalhava já na empresa Carris). São autores de inúmeros projectos desenvolvidos ao longo das suas carreiras profissionais, dos quais salientamos a Ponte da Trofa, 1932, o Edifício para a Capitania do Porto de Viana do Castelo, da autoria do arquitecto Rogério de Azevedo, em 1932-34, do Edifício para a Bolsa do Pescado, em 1939, da autoria de Januário Godinho, e a reconstrução do Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães. “A oportunidade do empreendimento resultava do êxito brilhante e decisivo alcançado nessa altura pelo processo de construção em betão armado, para o que contribuíam não só os estudos e os cálculos mas as diversas técnicas rigorosas de execução, constituindo uma verdadeira especialidade no campo da engenharia civil”. (Alfredo Ribeiro dos Santos, in ver final da nota)

Em 1947 a empresa cresce, juntando-se aos fundadores novos sócios e passando a denominar-se NOVOPCA. Constroem dezenas de pontes, fábricas, silos verticais e, em Lisboa (onde, no início dos anos 40, se estabelece Manuel Godinho com parte da empresa),

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Evolução da obra

● 3.66 a ●3.69 Edifício sede de O Comércio do Porto.
28 de Janeiro de 1929; 02 de Julho de 1929; 02 de Novembro de 1929 e 21 de Março de 1930.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

O edifício é, porém, licenciado pela Câmara Municipal apenas em Fevereiro de 1930, praticamente dois anos após o início das obras e seis meses depois da sua inauguração [●3|66 a ●3|67].

“Curioso – segundo nos diz Rogério de Azevedo – é que o edifício foi construído sem aprovação camarária. Nessa época a Comissão de Estética era constituída pelo Pintor Acácio Lino, professor da Escola de Belas-Artes; pelo jornalista Guedes de Oliveira, também professor naquela escola; e o Arquitecto Correia da Silva, da Câmara Municipal, com quem os dois primeiros se tornaram solidários, rejeitando o projecto pura e simplesmente, por demasiado audacioso. Mas o motivo real – soube-o, mais tarde, Rogério de Azevedo – era outro. Era a ambição do Arquitecto Correia da Silva que pretendia obter o encargo de tão importante obra. [...] Mas Bento Carqueja avançou com a obra e a Câmara nunca procedeu ao embargo e só quando a obra estava nos últimos passos de acabamento, é que a Câmara decidiu conceder a necessária aprovação do projecto!”³⁹⁷

“[...] Rogério de Azevedo reafirma (relativamente à obra) que ela representou uma novidade e foi muito apreciada, tendo merecido a reprodução fotográfica e rasgado elogio numa revista inglesa da especialidade.”³⁹⁸

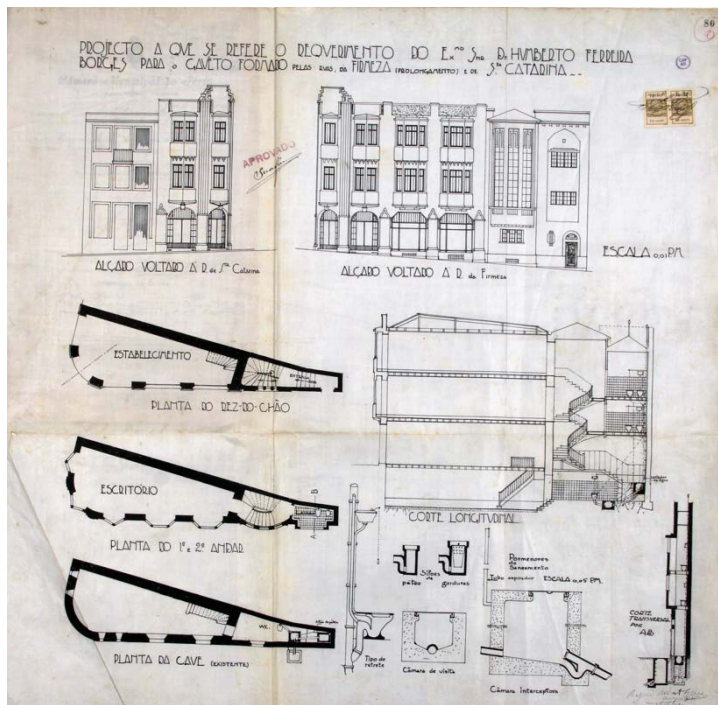
são responsáveis pela construção de “um dos novos quarteirões de blocos residenciais em Alvalade” (Luís Lousada Soares). São responsáveis por outras obras de destaque no nosso país, de entre as quais salientamos, a Ponte de Santa Clara em Coimbra (projecto de Edgar Cardoso), a ponte da Foz do Sousa, a Barragem da Bouça e a Barragem do Picote.

A partir de Luís Lousada Soares. *Artes e Letras na tradição das gentes da casa*. [Lisboa]: OPCA, 1992, e Alfredo Ribeiro dos Santos, “Uma Tertúlia do Porto de há 50 anos. José Praça, a sua figura aglutinante”. In *O Tripeiro*, 7.^a Série (série nova) – Ano X/ n.º 8, Agosto 1991, p. 247.

³⁹⁷ Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica” in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983, p. 17, 18.

³⁹⁸ Idem, *ibidem* (Não encontramos a publicação da referida revista).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Edifício na esquina das ruas de Santa Catarina e rua da Firmeza

- 3.70 a ●3.74 Fotografias da actualidade e desenho de Rogério de Azevedo (processo de licenciamento entregue à C.M.P).

3.2.2 *Edifício na esquina das ruas de Santa Catarina e da Firmeza, 1931*

Observaremos como, apenas um ano mais tarde, também numa situação de gaveto, mas sem os condicionamentos dos regulamentos para a avenida, Rogério de Azevedo projectará para a rua de Santa Catarina, o edifício onde virá, mais tarde, a instalar o seu atelier próprio.

O lote onde se implanta esta obra, como resultado do prolongamento para poente da rua Firmeza, tem a forma de um trapézio comprido e estreito. As características do terreno, de área muito exígua, obrigaram a que a concepção do projecto obedecesse a apertados padrões de racionalidade. O rigor da modulação proposta contrasta com o dinamismo dos alçados, de composição bastante diversificada. Os avanços praticados ao nível dos andares do tipo *bay windows* ampliam a área disponível conferindo-lhe qualidades espaciais que ela, por si só, não proporcionaria. As geometrias destes elementos que vão variando ao ritmo das diversas partes do edifício, assinalando claramente funções diferenciadas, quer se trate da caixa de escadas, das instalações sanitárias, do corpo do edifício e do gaveto, compõem o alçado, remetendo-nos para a presença de uma obra muito rica do ponto de vista da complexidade do desenho.

O edifício é constituído por “dois andares, rés-do-chão e cave. No rés-do-chão haveria apenas um estabelecimento; deste pavimento seria lançada, independente, a escada de acesso aos pavimentos superiores. Nos outros pavimentos haveria uma sala para escritório, um em cada pavimento. [...] Esta escada, para a qual foi necessário, em virtude das reduzidas dimensões do terreno neste ponto, criar um motivo saliente, teria nos seus patamares o acesso dos sanitários”³⁹⁹.

Tal como no edifício sede de *O Comércio do Porto*, a platibanda, à qual é dada especial importância, sublinha a unidade do volume e reforça,

³⁹⁹ Rogério de Azevedo, em “Memória Descritiva” constante no processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 212/1930. Cota/Localização: D-CMP/9 (589), f. 75-84.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

pela expressiva marcação da bissectriz, o valor atribuído à monumentalização do gaveto como elemento fundamental da composição.

Salienta-se o recurso a uma linguagem de modernidade a que não é alheia a linearidade e simplicidade dos elementos decorativos e do desenho das caixilharias de ferro.

A racionalidade imposta pelo ritmo dos elementos estruturais e pelo uso de um vocabulário de origem clássica que dá consistência à sua imagem e construção é complementada pela introdução de um requintado tratamento de pormenor e de elementos de gosto *déco*.

Este edifício, sem a “robustez” que o uso da cantaria de granito confere ao edifício de *O Comércio do Porto*, adquire aqui, adaptando-se à escala de uma rua com menor representatividade, um carácter mais utilitário. [●3|70 a ●3|74].

3.3 Um modo moderno de estar

3.3.1 *Garagem de O Comércio do Porto, 1929/1932*

O edifício conhecido hoje como Garagem do Comércio [●3|75] salienta-se, de forma clara, no panorama da arquitectura portuguesa da primeira metade do século XX e, em particular, na obra de Rogério de Azevedo, pela singularidade e pela imagem de referência que representa. Esta obra marca um momento de especial importância pela adesão, surpreendente, aos pressupostos da modernidade e comprova a destreza e versatilidade do seu autor. Assim, foi sendo largamente destacada nas publicações da especialidade ao longo dos tempos como referenciámos, aliás, já no capítulo 2 deste trabalho.

Tentaremos explicar as razões e o significado desta obra como “momento de ruptura, sintáctica e semântica”⁴⁰⁰, como “paradigma do Modernismo na cidade do Porto”⁴⁰¹ consolidando a ideia de que, juntamente com o edifício sede do Jornal constituem, “[...] obras de principio de carreira, certamente, obras-primas”⁴⁰². Para o desenvolvimento das questões que nos interessa colocar, procuraremos esclarecer também o facto de, “lado a lado, do mesmo autor e para o mesmo cliente em obras quase simultâneas, podemos encontrar a linguagem de vanguarda e o granito austero, erudito, conjugando a regra clássica com o modelo do mundo americano”⁴⁰³. Mais além o clássico desajustado, desarticulado, falho nas referências à envolvente”⁴⁰⁴.

⁴⁰⁰ Nuno Portas. “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação” in *História da Arquitectura Moderna* (Bruno Zevi). Lisboa: Arcádia. 1973, p. 709.

⁴⁰¹ Paulo Pereira (direcção). “Arquitectura Portuguesa do séc. XX” in *História da Arte Portuguesa*. Volume III. Lisboa: Círculo de Leitores.1995.

⁴⁰² Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

⁴⁰³ O “mundo americano” relacionado, certamente, com a evolução da cidade americana e com o automóvel.

⁴⁰⁴ Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Sergio Fernandez, in *Depois do Modernismo* (Luís Serpa – coordenação). Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 119.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.75. Garagem de O Comércio do Porto durante as demolições para a abertura da praça Filipa de Lencastre

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

A importância desta obra reflecte-se, naturalmente, em pequenas histórias que se contam, que, pelo tempo já decorrido e por superarem gerações, se tornaram, embora sugestivas, por vezes contraditórias, como referiremos ao longo do texto.

O edifício sede do Jornal *O Comércio do Porto*, que tratámos anteriormente, ocupou apenas, aproximadamente, metade do terreno que era propriedade do cliente e se prolongava até à rua do Almada. Verifica-se, pela análise da carta oitocentista, que as demolições que lhe deram origem e a abertura da nova rua Elísio de Melo anularam, a ela se sobrepondo, a antiga rua dos Lavadouros que se prolongava, para poente, pela travessa da Picaria até ao “Edifício da Companhia dos Telefones” na rua da Picaria e, para nascente, até à antiga rua do Laranjal (nesta altura já avenida das Nações Aliadas)⁴⁰⁵ [●3|76].

Formando gaveto entre a rua do Almada e a de Elísio de Melo, o terreno sobrance, que deu origem ao novo edifício da garagem, estabelecia com estas ruas uma relação muito diferente daquela que hoje se verifica, já que a praça de Filipa de Lencastre apenas foi concretizada anos mais tarde. A abertura desta praça (resultante de diversas hipóteses desenhadas nos anos 40)

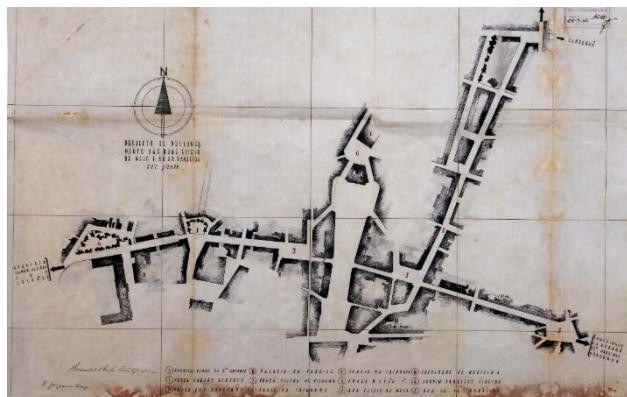
⁴⁰⁵ As águas em abundância no terreno (daí o nome de rua dos Lavadouros) terão tido, durante a execução do edifício, de ser desviadas vindo a servir para o abastecimento da Garagem.

Conforme nos relata Jaime Ferreira, que acompanhado por Rogério de Azevedo visita o edifício nos anos oitenta:

“[...] para realizar cálculos de resistência do cimento armado, [...] tiveram como colaboradores os engenheiros José Praça e Manuel Godinho, e uma das grandes dificuldades foi resolver os problemas criados por uma extensa e funda toalha de água que se estendia aos antigos Lavadouros, nas proximidades dos terrenos onde se ergue o Hotel Infante Sagres.

O Arquitecto Rogério de Azevedo resolveu o problema com a criação de dois enormes poços para onde desviou as águas impeditivas, um dos quais está a abastecer o serviço de lavagem de automóveis, na garagem anexa ao jornal, com projecto também da sua autoria, e que foi a primeira do País, com rampas de acesso aos pavimentos superiores”. Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica” in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983, p. 17.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Terreno

- 3.76. Carta topográfica da cidade, 1892. Com sobreposição de planta de implantação do edifício.
 - 3.77. Esquisso de reforma do Centro do Porto. Barry Parker.
- 3.78. “Proj. de prolongamento das Ruas de Elzeu de Melo e Sá da Bandeira”. C.M.P. 1942.

obrigou, naturalmente, a um vasto e longo processo de expropriações e demolições na densa malha oitocentista; a Garagem veio a constituir, apenas nessa altura, a sua frente nascente.⁴⁰⁶ Na sequência da praça mais tarde executada, destaca-se também nos anos 40, a abertura da rua de Ceuta que prolonga a circulação para poente, projecto que fazia parte de um plano mais vasto, elaborado nesta altura mas apenas parcialmente concretizado, que ligava a praça dos Poveiros até ao jardim do Carregal [●3|78].

Discutir o edifício implica, portanto, perceber a configuração do seu terreno original já que, com o passar dos anos, a sua envolvente ganhou características muito diferenciadas. O edifício que hoje, com naturalidade, ajuda a compor e configurar aquela praça⁴⁰⁷ não foi originalmente pensado com essa intencionalidade. Teria, na época em que foi construído, uma visibilidade completamente distinta daquela que hoje tem, já que, a distância com que o podemos contemplar, desde o cimo da praça ou, até, desde a rua de Ceuta, não era antes possível [●3|79 a ●3|84].

Embora não estivesse prevista a abertura da futura praça previa-se, já desde os planos de Barry Parker, o prolongamento da rua Elísio de Melo para poente até à praça Carlos Alberto [●3|77]. Esta continuidade da rua será aprovada pela CMP em 1929⁴⁰⁸ e justifica a aparente excessiva largura que tem hoje em relação ao seu comprimento.

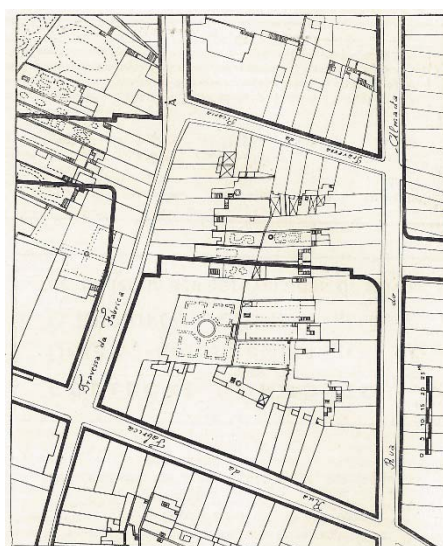
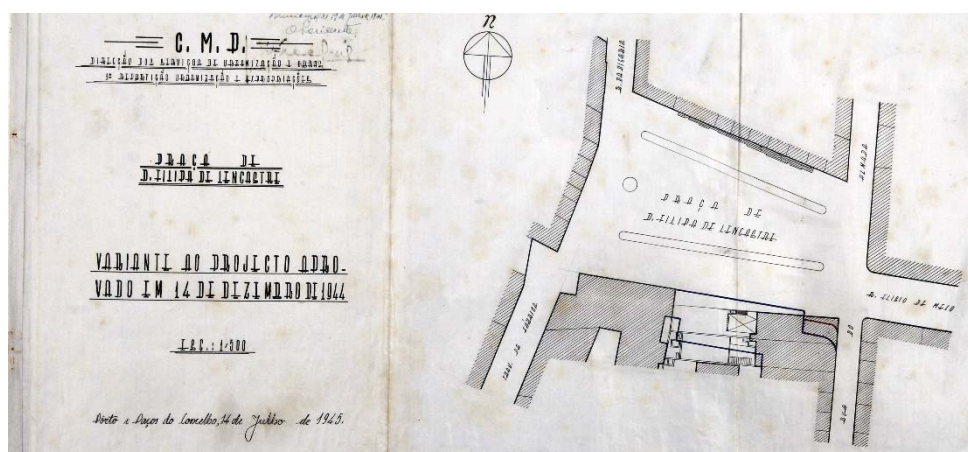
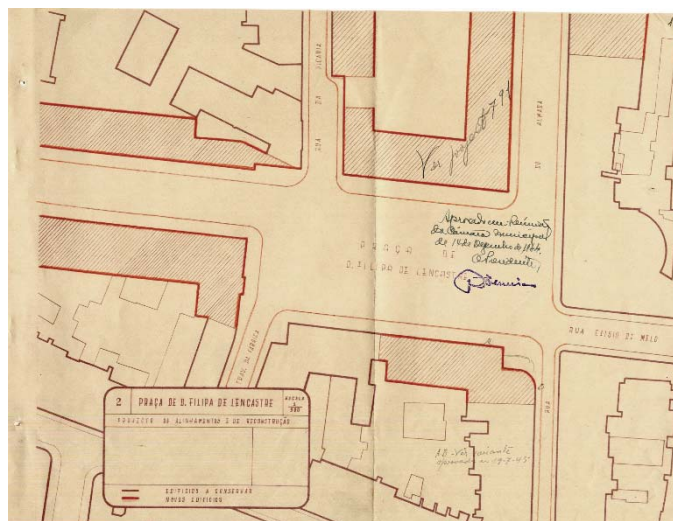
Com forma aproximada de um quadrado e cerca de mil metros quadrados de área, a dimensão do lote onde veio a ser construída a garagem é resultante do prolongamento dos limites da área de implantação do Edifício da sede do jornal (que se adequava às largas medidas dos novos lotes que constituem o recente espaço urbano da avenida das Nações Aliadas). A dimensão do lote, com uma escala muito diferenciada da dos característicos

⁴⁰⁶ Mais tarde, em 1943-45, outro edifício projectado por Rogério de Azevedo será aqui edificado configurando o lado sul da praça.

⁴⁰⁷ Entretanto muito alterada pela construção de um túnel rodoviário.

⁴⁰⁸ Conforme pode ler-se na Acta da Comissão Administrativa – Livro 2906 – 1927/1931 – Sessão de 8 de Novembro de 1929, fls. 1333: “Dar nome de Elísio de Melo à nova rua em construção, que parte da avenida das Nações Aliadas e vai até à praça Carlos Alberto”, Câmara Municipal do Porto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Praça Filipa de Lencastre

- 3.79. Praça Filipa de Lencastre. “Projecto de Alinhamentos e de Reconstrução”. C.M.P. 1944.
- 3.80. Praça Filipa de Lencastre. “Variante do Projecto aprovado em Dez de 1944”. C.M.P. 1945.
- 3.81. Sobreposição do traçado da actual da Praça Filipa de Lencastre com a malha oitocentista.

lotes estreitos e compridos que definem a cidade e, até hoje, também a rua do Almada, será um dos temas a tratar no desenvolvimento do projecto, nomeadamente no cuidado com que se desenhará, no alçado, a transição com a antiga malha.

Segundo o relato de Paulina Seara Cardoso, neta de Bento Carqueja e actual proprietária da Garagem, o seu avô terá dado liberdade ao arquitecto para que este definisse o programa do edifício. Na sequência de uma entrevista a Rogério de Azevedo, Jaime Ferreira refere, também, que “terminada a obra do Comércio do Porto [...] o Dr. Bento Carqueja deu carta-branca ao arquitecto [...] para fazer um projecto que viesse a servir o jornal e a cidade”⁴⁰⁹.

Esta liberdade (não apenas programática) conferida aos projectistas vem, mais uma vez, afirmar o perfil (detalhado no subcapítulo anterior) de um cliente que, nesta encomenda confirma a confiança neles depositada. Bento Carqueja referirá, já com o edifício construído, em 1934, que:

“Terminada a instalação do jornal, pensou-se no aproveitamento do terreno sobran-te, sendo resolvido utiliza-lo de forma que um dia possa servir para expansão das actuais instalações e, assim, construiu-se um edifício, em sete pavimentos, sendo quatro deles destinados a garagem e os três restantes a 45 escritórios de aluguer.”⁴¹⁰

O programa para o edifício surge, assim, na sequência do interesse, por parte do cliente, em ocupar o terreno adjacente ao recém-construído edifício do Jornal, permitindo eventualmente que dele se retirasse algum rendimento e, ao mesmo tempo, que possibilitasse, caso viesse a justificar-se, a hipótese de uma futura ampliação das instalações do Jornal. Uma das possíveis explicações para a opção pela cobertura plana, tal com relata Paulina

⁴⁰⁹ Jaime Ferreira, “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica” in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983.

⁴¹⁰ Bento Carqueja. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1934, p. 29.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Imagens anteriores às demolições para a abertura da praça Filipa de Lencastre

- 3.82. Rua do Almada (garagem à esquerda). Foto Alvão.
- 3.83. Rua Elísio de Melo ao fundo. (garagem ao longe do lado direito). Foto Alvão.
- 3.84. Rua Elísio de Melo (garagem à direita). Foto Alvão.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Seara Cardoso, era a de viabilizar a aterragem de um pequeno aeroplano, propriedade de O Comércio do Porto, facilitando assim, talvez, o rápido acesso à informação e distribuição do jornal, e demonstrando aqui mais uma vez o espírito de vanguarda (que consentirá e incentivará, talvez, a modernidade do projecto).

Surge desta forma a oportunidade para um programa moderno num terreno desvinculado das regras e obrigações que o Plano para a avenida impunha. “Garagens e estações de serviço, assim como salas de espectáculos, representavam nos anos 30 os edifícios ligados aos sinais de progresso transformador da vivência do nosso quotidiano, os símbolos que na cidade se identificavam com o modo moderno de estar. Os arquitectos vêm nestas obras a imagem do quadro urbano renovado, oportunidade para a temática expressionista com um certo sabor de escola holandesa.”⁴¹¹

Januário Godinho (1910-1991), arquitecto portuense e ex-aluno de Marques da Silva⁴¹², fará o seu tirocínio no *atelier* de Rogério de Azevedo e dirá, de forma caricatural, na conferência já referida:

“[...] eu lembro-me da Garagem do Comércio do Porto, ele chegou de manhã e disse-me:

– O Bento Carqueja encomendou-me a Garagem do Comércio do Porto.

...Pôs a tela no estirador, de chapéu e, sempre a fumar, começa a lançar uma linhas, começa a passar a limpo e, aí está a Garagem do Comércio do Porto que os senhores vêm aqui!”⁴¹³

⁴¹¹ Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Sérgio Fernandez, in *Depois do Modernismo* (Luís Serpa – coordenação). Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 119.

⁴¹² A Januário Godinho, pensamos que por ser de uma geração posterior (a mesma de Arménio Losa ou de Viana de Lima, arquitectos como ele associados a obras representativas da modernidade da arquitectura no Porto), é atribuída por alguns autores, julgamos que por vezes de forma pouco fundamentada, a razão de ser dos gestos mais “modernos” de Rogério de Azevedo.

⁴¹³ Comentário de Januário Godinho em Conferência na ESBAP a 6 de Junho 1979.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

A complexidade e a riqueza do edifício que estudámos não nos parecem compatíveis com aquela descrição, redutora e distanciada da realidade, feita cinquenta anos depois.⁴¹⁴

Os desenhos que acompanham a proposta apresentada à Câmara Municipal do Porto com pedido de licenciamento, em Julho de 1930, têm a chancela de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, Arquitectos. A “Memória”⁴¹⁵ apresentada, manuscrita por Rogério de Azevedo, destaca-se no conjunto deste tipo de documentos e no panorama da sua obra porque não se limita a descrever programaticamente o edifício.

Rogério de Azevedo faz, primeiramente, na introdução ao texto, uma espécie de elogio ao Porto, “cidade do trabalho” e, “terra onde as maiores iniciativas úteis têm vicejado nos últimos tempos”, referindo-se, talvez, a toda a operação urbanística que se vinha desenrolando na sequência da abertura da avenida das Nações Aliadas e, possivelmente, entre outras coisas, à importância e presença na cidade das obras construídas, na época, por Marques da Silva. O texto, embora pouco desenvolvido, faz em seguida uma crítica àquilo que “se tem feito por este país fora” onde, sobre “construções de garagens” muito se tem construído mas sem obedecer “a um princípio que devia ser inalterável – não deixarem amarfanharem o sentido artístico pelo unicamente utilitário”. Assim, propõe que este tipo de programas, “de feição moderna”, sejam o “espelho da juventude do motor da explosão” e, ao mesmo tempo,

⁴¹⁴ A data do tirocínio de Januário Godinho no atelier de Rogério de Azevedo não foi, na nossa pesquisa, completamente esclarecida, já que surgem dados contraditórios. Rogério de Azevedo afirma numa declaração escrita que consta do seu processo de Professor na EBAP que: “O abaixo assinado, Rogério dos Santos Azevedo, arquitecto diplomado pela Escola de Belas Artes do Porto, declara que o Sr. Januário Godinho trabalhou no seu escritório de 1932 a 1938. Porto, 31 de Março de 1941. Rogério dos Santos Azevedo”, in Processo de Professor de Rogério dos Santos Azevedo, Arquivo de Documentação da FBAUP (declaração feita na sequência do processo de candidatura de Januário Godinho a Professor da Escola em 1941 que não veio a concretizar-se). O intervalo de tempo referido por Rogério de Azevedo para este estágio profissional, 1932-38, não coincide com a data em que foram feitos os primeiros desenhos para a Garagem do Comércio – 1929.

⁴¹⁵ Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante, PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (640), f. 215-222-2 Z Processo n.º 941/1932

permitam conjugar “o utilitarismo prático do edifício” com “o máximo rendimento, pois que enquanto a cocheira abrigava os carros de um, a «garage» abriga os carros de muitos” [●3|85 a ●3|87].

O automóvel, símbolo da modernidade, representa nesta época um dos seus novos paradigmas e o arquitecto, sentindo a importância deste significado, procura transpô-lo para a arquitectura:

“Sem pretendermos ter a primazia num estudo desta natureza, pois que nos países progressivos onde o automóvel entrou nos hábitos da vida, não é já a primeira nem a segunda vez que as edificações deste género se erguem, ufanamo-nos de apresentar uma iniciativa desta importância, coada por nós mercê de circunstâncias várias.”⁴¹⁶

Salientamos, assim, a forma pragmática com que o autor justifica a relação entre o programa funcional e uma possível expressão formal do edifício que, sendo uma “garage” deve “ser o espelho da juventude” conciliando o “utilitarismo prático” com “o máximo rendimento”. Um “programa moderno” deve, assim, traduzir-se num edifício que também o seja. Esta visão, comum na época, é invocada mais tarde por Raul Lino para quem o ideário formal da modernidade apenas se justifica perante os mais progressistas e modernos programas. Não se referindo especificamente a garagens, embora, julgamos, as possamos acrescentar, dirá no seu diário de viagem ao Brasil em 1937:

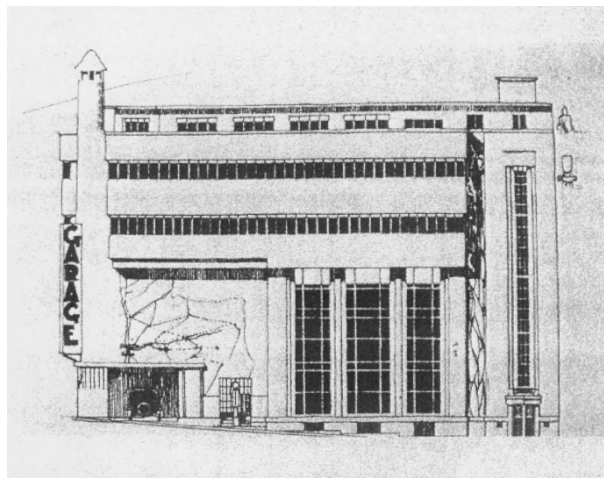
“É verdade que a actual arquitectura – a sincera – se casa admiravelmente já com os lugares públicos de passagem, os Casinos, os átrios de hotel, as estações de Caminhos de Ferro, os cinemas... por isso não seria utopia nossa esperar e exigir que ela

⁴¹⁶ Rogério de Azevedo, “Memória do Projecto de Garage a que se refere o requerimento de o Jornal *O Comércio do Porto*. Agosto de 1930, in Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante, PT/CMP/DMA/D-CMP/9(640), f. 215-222-2 Z Processo n.º 941/1932.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3. 85. Catálogo de cores da Ford australiana de 1929
- 3. 86. Alçado Sul. Desenho de Rogério de Azevedo
- 3. 87. Garagem do Comércio do Porto

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

reflectisse também os anseios do espírito que são para mim o aspecto mais importante e mais esperançoso da época em que vivemos [...].”⁴¹⁷

Rogério de Azevedo faz, na introdução à Memória Descritiva, uma espécie de “declaração de intenções” ou pequeno manifesto em defesa da modernidade, julgamos nós, criticando, também, o mero “utilitarismo” que não deve ser o único sentido da arquitectura. Como o próprio afirma, “procuramos no estudo presente ligar o utilitarismo [...] com a imponente agradável e simples do conjunto”. Sublinhamos, a procurada simplicidade do conjunto, referida neste seu comentário.

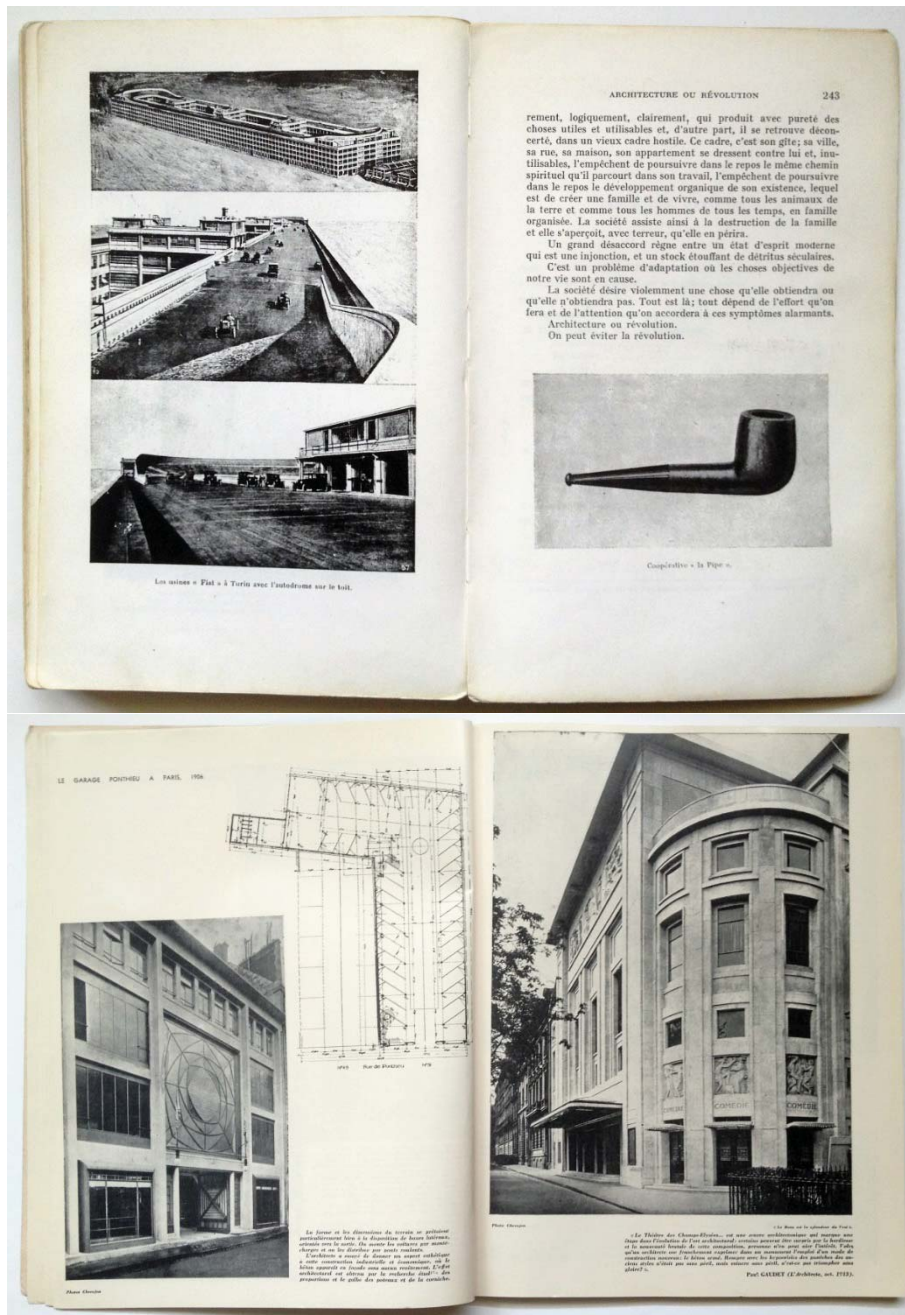
O “dissecar” desta parte da Memória comprova a autoria do projecto, por vezes posta em causa por alguns autores, e a consciência sobre as opções tomadas nesta obra, onde o sentido artístico de que se reclama Rogério de Azevedo se demonstra de forma evidente. A expressividade desta obra, a surpreendente e inequívoca modernidade precursora numa cidade a ela pouco habituada, remete-nos para modelos vindos do exterior ou, talvez, a um sentido intuitivo do seu “jovem” autor que, revela, assim, já grande maturidade profissional.

Sem grandes referências vivenciadas, Rogério de Azevedo permitiu que, por um momento, em 1929, o Porto acompanhasse, mesmo que com algum desfasamento em relação ao “exterior”, as vanguardas da arquitectura. Verifica-se que, muitas vezes, as tendências geradas em determinada época resultam de uma convergência “natural” de circunstâncias comuns não decorrendo, por isso, de influências directas.

Recordamos, no entanto, algumas informações que provavelmente nos teriam chegado à época: a estrutura em betão armado e rampas helicoidais do Edifício da fábrica Lingotto para a FIAT em Turim, projectado em 1916, com que Le Corbusier ilustra anos antes, em 1923, o capítulo “Architecture

⁴¹⁷ Raul Lino, *auriverde jornada, recordações de uma viagem ao Brasil*, Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937, p. 94, 95.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3. 88. Fábricas Fiat em Turim (página do lado esquerdo). Página de *Vers une architecture*. 1923.
- 3. 89. Garagem Ponthieu em Paris (1906) (página do lado esquerdo). Página de *L'architecture d'aujourd'hui*, VII, número especial sobre Auguste Perret. 1932.

ou révolution” em *Vers une Architecture*⁴¹⁸ [●3|88]; ou, também, sobre outras garagens projectadas naquela altura: August Perret (1874-1954), figura incontornável na época⁴¹⁹, projectara já, em 1905, a Garage Ponthieu na rua com o mesmo nome, em Paris. Embora com uma configuração muito diferenciada em relação ao nosso exemplo, salienta-se a importância do projecto referido por se tratar do “primeiro edifício que mostra plenamente a estrutura de betão com vigas e pilares exibindo-os interna e externamente, apresentando uma claridade que se tornará comum e que neste edifício se exhibe em toda a sua plenitude”⁴²⁰ [●3|89]; Mallet-Stevens, em 1925, projecta um edifício destinado a exposição e estacionamento de automóveis para a Alfa-Romeo na rua Marbeuf em Paris. Neste edifício, assim como nos pisos da Garagem de *O Comércio do Porto*, a estrutura de betão armado, visível no interior, dá origem a espaços de grandes dimensões. Também, nas duas garagens, encontramos o recurso a um pátio no interior do lote que permite iluminar os pisos superiores para onde são rasgadas grandes janelas. Na fachada de ambos os edifícios sente-se a marcação da estrutura apenas nos vazios dos vãos. Representativo, também, é o protagonismo dado ao “lettering” que anuncia na fachada o uso do edifício e serve como elemento de composição e reclame [●3|90 a ●3|95].

⁴¹⁸ Le Corbusier. *Vers une architecture* (Nouve ed. revue et augmentée). Paris: Arthaud, 1966 [1.ª ed. 1923] (publicação que, muito possivelmente, terá passado pelas mãos de Rogério de Azevedo).

Construído a partir de 1916 e inaugurado em 1923, a autoria do projeto é do arquitecto Mattè Trucco.

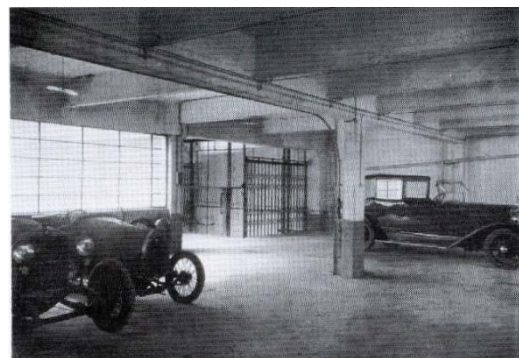
⁴¹⁹ Confirmámos que Rogério de Azevedo teria conhecimento sobre a obra dos irmãos Perret. Embora a sua publicação seja posterior ao projecto para a Garagem de *O Comércio do Porto*, encontramos no espólio de Fernando Távora, com a anotação de ter pertencido ao arquitecto Rogério de Azevedo, o número monográfico “Perret VII, Octobre 1932” da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*. (Vago, Pierre. *Special Perret: l'architecture d'aujourd'hui*. Paris: L'architecture d'Aujourd'hui, 1932)

Não nos foi possível apurar se este seria o único número da revista adquirida por Rogério de Azevedo.

⁴²⁰ C. Quintans. “Garage Ponthieu”. [T] Tectónicablog. Dezembro de 2012. (Tradução livre).

O uso da estrutura porticada em betão armado tinha sido já por ele utilizada anteriormente no projecto para a Rue Franklin em Paris.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Alfa-Romeo. Paris

- 3.90. Edifício para a “Alfa-Romeo”. Vista desde a Rue Marbeuf. Paris (projecto de 1925).
- 3.91. Edifício para a “Alfa-Romeo”. Rue Marbeuf. Paris. Vista para o pátio formado pelo edifício no interior do lote.
- 3.92. Edifício para a “Alfa-Romeo”. Rue Marbeuf. Paris. Vista do interior.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Em Lisboa, os primeiros edifícios com este tipo de uso, tal como a Garagem Auto-Palace⁴²¹, entre outros, estão ainda associados (tal como outros programas que requeriam espaços amplos) a construções realizadas com estruturas metálicas, como refere Ana Tostões:

“No início do novo século, a Garagem Auto-Palace [foto2] inaugurada em 1907, com projecto de Barracho e construção de Eiffel marcava a adequação do novo material a um programa inédito, como o era a primeira garagem de Lisboa.

O espaço interior amplo reflectia-se na fachada que se abria nos grandes vãos permitidos pelas vigas de ferro.”⁴²²

No Porto, decorridos alguns anos, em 1937, é construída a garagem Passos Manuel, na rua de Passos Manuel projectada por Mário Abreu⁴²³. Este edifício, tal como acontece na garagem de *O Comércio do Porto*, conjuga uma mistura de usos (garagem, serviços vários e escritórios). O uso do betão armado, a existência de um grande vão que ocupa quase todo o rés-do-chão tornando o edifício mais leve, os amplos envidraçados, os elementos verticais decorativos na fachada, que reforçam e dão continuidade ao ritmo dos lotes estreitos contíguos, a acentuação da verticalidade pela demarcação do volume por onde se faz a entrada para o programa habitacional, a desmaterialização da massa do conjunto, pelos recuos de planos na fachada nos pisos superiores, tudo isto conjugado com um espaço interior amplo nos pisos da garagem, resulta num edifício claramente representativo da modernidade na cidade do Porto. O tratamento de algumas destas questões remete-nos para possíveis conexões com a Garagem de *O Comércio do Porto* projectada anos antes e, também, com o edifício do Coliseu do Porto, projectado alguns anos depois

⁴²¹ O projecto aparece, também, associado aos construtores Vieillard e Touzet, juntamente com Gustave Eiffel, em 1907/9. O edifício fica situado na rua Alexandre Herculano, 66-68, em Lisboa.

⁴²² Ana Tostões, “Construção Moderna: as grandes mudanças do séc. XX”, p. 5. In http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf (19-09-14).

⁴²³ Mário Abreu nasce em 1908. Frequenta a EBAP entre 1916-1930 sendo aí aluno de Marques da Silva e colega de Rogério de Azevedo quando este repete o curso após a Reforma do Ensino.

A Licença de Obra pela Câmara Municipal e os desenhos e documentos que constam do processo datam de 1937. Em Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto. Processo Licença de Obra n.º 1848/1937.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Garagem do Comércio do Porto. Porto

- 3.93. Garagem do Comércio do Porto. Vista desde a praça Filipa de Lencastre.
- 3.94. Garagem do Comércio do Porto. Vista do pátio no interior do lote.
- 3.95. Garagem do Comércio do Porto. Vista do interior.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

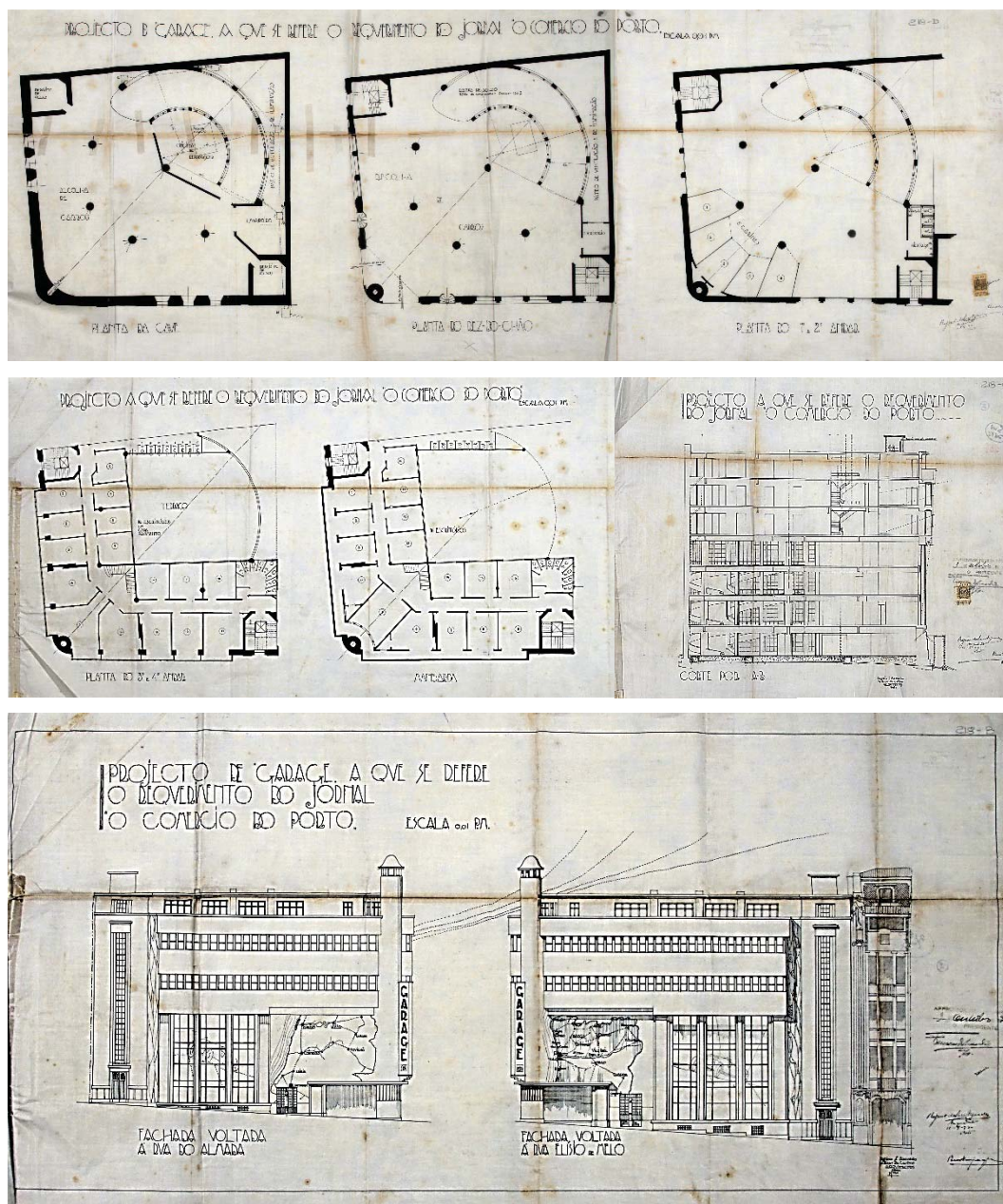
por Cassiano Branco [1997-1970], Mário Abreu e Júlio José de Brito [1996-1965].

Salientamos assim a importância da Garagem projectada por Rogério de Azevedo como obra precursora do modernismo portuense, obra que se afirma pela qualidade do seu projecto, pelo controlo das proporções e escala integrando-se na atmosfera da cidade, pela expressividade dos elementos que a compõem conjugados com uma depuração e gosto moderno que a colocam, de forma destacada, na vanguarda da arquitectura portuguesa do final dos anos 20 e início dos anos 30. A preferência pelo reboco cinzento (num edifício com paredes exteriores de granito) vem reforçar, de forma evidente, a sua modernidade.

O edifício da Garagem de *O Comércio do Porto* é composto por sete pisos, quatro dos quais, incluindo cave, destinados a garagem. Sobre estes, com entradas independentes nos seus topos, três pisos de escritórios, o último recuado. Estes dois programas funcionam autonomamente dentro do mesmo edifício apenas se ligando fisicamente, em cada piso da garagem, através de uma porta na caixa de escadas. A variação programática é, como veremos mais adiante e como nos parece ser uma constante nos projectos de Rogério de Azevedo, claramente observável desde o exterior do edifício. O seu desenho propositadamente diferenciado não provoca a perda da unidade na composição [•3|96 a •3|98].

Os três pisos da garagem serviriam para a “recolha de automóveis” e, o piso da cave acumularia esta função com a instalação de uma “oficina de reparações, um recinto para lavagem de carros e duas dependências aproveitadas nas caixas de escadas de serviço para guarda de recipientes de óleo”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Garagem de O Comércio do Porto

- 3.96. “Planta da cave, rez do chão e 1º andar”. Ass: R. de Azevedo e B. de Castro. 11-08-1930.
 - 3.97. “Planta do 3º e 4º andar, Mansarda e Corte por AB”. 11-08-1930.
- 3.98. “Fachada voltada à rua do Almada e Fachada voltada à rua Elísio de Melo”. 11-08-1930.

O edifício “seria construído em betão armado, sendo as fachadas levantadas em granito para revestir a massa”⁴²⁴. O “hábil manuseamento”⁴²⁵ do betão armado possibilita acrescidas possibilidades construtivas permitindo, nos pisos de garagem, que o espaço tenha a amplitude necessária para a circulação e estacionamento dos automóveis. As rampas helicoidais permitem, com um interessante efeito visual, a continuidade do espaço desde a cave até ao quarto piso. O betão, conforme refere Ana Tostões em relação a obras de Auguste Perret, possui, aqui também, uma qualidade estética própria da qual os arquitectos tiravam agora partido.⁴²⁶ Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro tinham já, no Edifício sede de *O Comércio do Porto*, embora com uma expressão totalmente diferente, utilizado o mesmo sistema construtivo (estrutura e lajes em betão armado e paredes em alvenaria). Comprova-se, assim, que a expressão plástica dos edifícios não decorre directamente do sistema construtivo.

Esquemáticamente, é composto por dois volumes com cobertura em terraço que se interceptam: um, em forma de “L”, que se destaca por ser mais alto, e um outro, cilíndrico, onde se inserem as rampas, nos vários pisos da garagem. Este volume, de altura inferior ao anterior, permite, com a sua cobertura plana, a criação de um terraço que, ligado ao primeiro piso de escritórios, ilumina os espaços voltados ao interior do lote. O espaço sobrance entre o limite do talhão e o volume cilíndrico, que Rogério de Azevedo legenda nos desenhos como “pateo de luz”, conforma um saguão por onde são iluminados

⁴²⁴ Rogério de Azevedo, “Memória do Projecto de Garage a que se refere o requerimento de o Jornal *O Comércio do Porto*”. Agosto de 1930. In Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante, PT/CMP/DMA/D-CMP/9(640), f. 215-222-2z Processo n.º 941/1932

⁴²⁵ Ana Tostões, *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Engenharia do Território, Dezembro 2002, Lisboa: IST, 2002, p. 271.

⁴²⁶ “[...] No Porto depois do Teatro de São João (1910-1918) ter aplicado o betão na sua construção, os Armazéns Nascimento (1914-1927) tornaram-se uma referência paradigmática legitimando o percurso actualizado, o rigor construtivo e a experimentação tecnológica de Marques da Silva”. Ana Tostões, in “Construção Moderna: as grandes mudanças do séc. XX”, p. 8. Em http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf (19-09-14).

e ventilados todos os pisos da garagem. A simplificação dos volumes e a geometrização das formas resulta de uma clara intenção na concepção do projecto.

Tal como no edifício da sede do Jornal, a composição do edifício baseia-se numa pretendida simetria, feita a partir da diagonal do gaveto. Gera, naturalmente, a repetição de elementos em cada um dos seus lados, não só ao nível da organização espacial, mas também ao nível do desenho dos alçados. Pela análise destes dois projectos verifica-se que não são os princípios da “grande” composição em planta, herdados de Marques da Silva⁴²⁷ e adoptados em ambos, que condicionam a expressão formal de cada um dos edifícios. Na Garagem, o desenho das plantas permite responder a programas funcionais diferenciados e, conseqüentemente, a duas organizações espaciais distintas. Os espaços amplos e livres nos pisos da garagem contrastam com a compartimentação dos pisos dos escritórios. Verifica-se, por algumas pequenas diferenças, decorrentes da forma do terreno, que existe, obviamente, flexibilidade no controlo da simetria.

“O eixo da composição (a bissetriz do ângulo formado pelos panos de parede das fachadas) é marcado pelo forte pilar central que separa os vãos de entrada e saída dos veículos e se prolonga visualmente pela chaminé de ventilação circular”⁴²⁸. Este elemento cilíndrico, além de cumprir a sua função de ventilação dos pisos da garagem, destaca-se volumetricamente, marcando o vértice do gaveto e estabelecendo, de certo modo, uma relação compositiva similar à do edifício do *Comércio do Porto*, onde se utilizam diferentes desenho, escala e função.

A partir da análise dos dois alçados deste edifício, semelhantes mas não iguais (possuem desde logo diferentes dimensões), podemos referir que existiu a intenção de não explicitar as suas desigualdades [●3|98]. Ambos são desenhados recorrendo a idênticos elementos de composição. Esta “simetria”

⁴²⁷ Esta questão foi tratada no capítulo anterior (Marques da Silva. Tirocínio).

⁴²⁸ Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

ênfatisa, ainda mais, a importância do elemento vertical que marca o eixo da composição na esquina do edifício. Também em planta, a configuração assimétrica do lote aparece diluída, ao marcar-se como elemento fundamental, em posição de simetria relativamente à bissetriz do ângulo formado pelo gaveto, a estrutura que suporta os pavimentos da garagem e que serve de referência para a construção da rampa helicoidal. Esta intenção é acentuada, ainda, pela localização das duas torres de escadas e elevadores.

Os alçados, embora simétricos entre si relativamente ao gaveto, não têm uma composição axial se vistos isoladamente. Este desenho reforça, de forma significativa, a expressão dos elementos que formam o gaveto intensificando, ainda mais, a perspectiva com que se observa o edifício. Este facto leva, com certeza, a que na sua representação gráfica, aquando do pedido de licenciamento, apareçam na mesma folha desenhados ambos os alçados de forma a entender-se a razão da composição. A simetria é usada como valor estético no reforço da expressividade e unidade do edifício.

Os alçados obedecem a regras de desenho claras, fortes e determinantes para que se sinta, de forma inequívoca, o equilíbrio da composição.

Os limites laterais do edifício, junto a *O Comércio do Porto* ou junto das casas contíguas, na rua do Almada, são assinalados por volumes de remate constituídos pelas caixas de escadas e elevadores; funcionam como superfícies de transição e concordância, relativamente aos edifícios preexistentes.⁴²⁹ A partir daqueles elementos, a composição do alçado passa a organizar-se menos condicionadamente, estabelecendo-se um jogo autónomo de relações volumétricas, geométricas e de proporção.

O volume que constitui a caixa de escadas da garagem, junto ao edifício sede do Jornal, ajuda também a equilibrar a assimetria dos alçados do edifício sede (que têm dimensões diferenciadas). Parece gerar-se um jogo vo-

⁴²⁹ É de assinalar que no alçado sul da Garagem é desenhado o arranque do edifício contíguo da sede do Jornal e assim se podem verificar o cuidado no desenho da transição entre os dois edifícios.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Garagem e edifício sede de O Comércio do Porto

- 3.99. Transição edifício da garagem e o edifício sede de O Comércio do Porto. Remate superior.
- 3.100. Transição sede de O Comércio do Porto e o edifício contíguo a norte. Remate superior.
- 3.101. Edifício sede de O Comércio do Porto e Garagem do mesmo jornal. 1930 (aprox.).

lumétrico entre este volume da garagem e o volume com características similares que desenha a transição entre o edifício sede e o edifício contíguo a norte, na avenida dos Aliados⁴³⁰ [●3|99 a ●3|101].

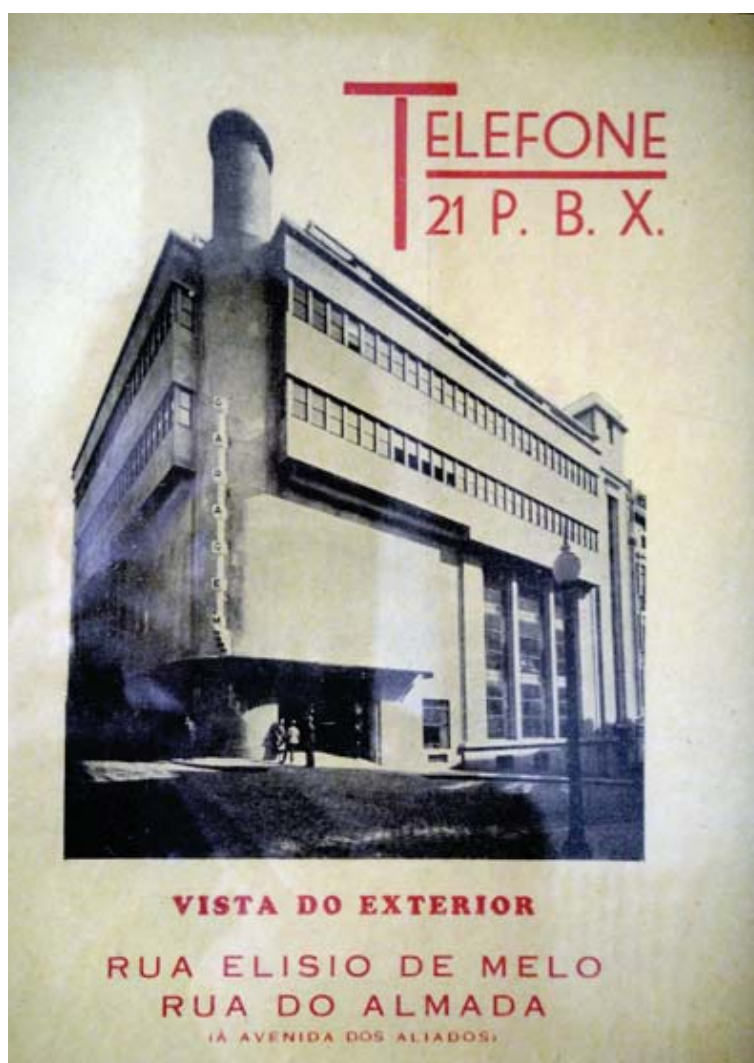
A modulação vertical do edifício de *O Comércio do Porto*, muito marcada, ou do “lote estreito” da rua do Almada, é transportada para o novo edifício, e claramente referenciada através do efeito produzido pelas janelas verticais que se seguem à caixa de escadas. No entanto, esta verticalidade que se percebe como elemento de continuidade entre um edifício e outro, é contrariada pelo volume superior em que a horizontalidade dos panos de parede e de aberturas se destaca como elemento de contraste.

A fachada, ao organizar-se em diferentes planos, gera uma relação de equilíbrios volumétricos variados que, numa progressão, permitem acentuar o valor da esquina, onde o elemento cilíndrico vertical vai absorvendo e sublinhando a importância dos diferentes níveis [●3|102]. O corpo dos dois primeiros pisos de escritórios, rasgado por envidraçados horizontais, por ser saliente relativamente ao plano da fachada, torna-se mais leve. Estas variações de planos, os avanços e recuos, as diversas saliências e reentrâncias, reflectem-se num jogo dinâmico de sombras e, por isso, numa mais rica variedade entre claro-escuro, entre luz directa e sombra. Este jogo volumétrico é rematado, no piso superior, por um acentuado recuo da fachada. Aqui, a fenestração já não é contínua, deixando perceptível, de novo, a modulação da estrutura do edifício.

A profundidade relativa dos planos, permite que se faça, com delicadeza, a transição dos elementos leves e predominantemente horizontais, com a grande massa de parede que se sobrepõe aos vãos por onde se faz a entrada de veículos. “Sobre as portas de entrada da ‘garage’ aproveitando uma grande superfície da parede, seria desenhado em parcelas o mapa das estradas de

⁴³⁰ O desenho do remate superior deste volume, na sede de *O Comércio do Porto*, foi alterado em obra tendo sido simplificado (tendo perdido uma série de elementos decorativos) tornando-se agora similar, na sua forma simplificada, ao da Garagem de *O Comércio do Porto*.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.102. Cartaz publicitário da Garagem de O Comércio do Porto.

Portugal feito com pequenas pedras escuras”⁴³¹. Esta ideia, não concretizada, coloca-nos perante um possível retraimento ainda em relação ao grande plano liso de parede ou, pelo contrário, perante uma intencionalidade inovadora à época, de tratamento da parede lisa como uma espécie de écran publicitário. Como refere Giedion, “a parede tratada como superfície plana logo se tornaria o ponto de partida para novos princípios em arquitectura, não apenas na Holanda mas em todas as partes [...] a pureza da parede teve o impacto de uma revelação”⁴³². Esta questão, observável no edifício da Garagem e em alguns outros projectos do mesmo autor, designadamente nas moradias geminadas da avenida Marechal Gomes da Costa (casa própria, 1933), é encarada de forma bem diversa no desenho do seu edifício para a sede de *O Comércio do Porto*.

Nos pisos dos escritórios, as salas organizam-se de ambos os lados de um longo corredor com dois braços paralelos às fachadas, em cujo vértice se alarga o espaço e se localiza, com desenho especialmente cuidado, a escada central iluminada por uma claraboia [●3|106 e ●3|107]. As salas de escritório, iluminadas com luz natural, têm no último piso uma pequena varanda voltada para a rua.

A partir da caixa de escadas localizada na rua Elísio de Melo faz-se o acesso ao terraço que cobre o volume principal do edifício. Desde aqui é possível ter uma visão panorâmica sobre a cidade e, em particular, sobre o torreão do Jornal. Os desenhos das caixilharias, em madeira e em ferro, pormenorizados até ao “tamanho natural”, são representativos do cuidado com o detalhe. Subentende-se que a produção destes documentos⁴³³, datados de 1931 e 1932, vai sendo executada durante o andamento da obra.

⁴³¹ Rogério de Azevedo, “Memória do Projecto de Garage a que se refere o requerimento de o Jornal *O Comércio do Porto*. Agosto de 1930. In Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante, PT/CMP/DMA/D-CMP/9(640), f. 215-222-2z, processo n.º 941/1932.

⁴³² S. Giedion, *Espaço, Tempo e Arquitectura. O Desenvolvimento de uma Nova Tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 340 [1.ª edição 1941].

⁴³³ Que fazem parte do acervo de Rogério de Azevedo doado ao Centro de Documentação da FAUP.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.103. a 3.105. Estacionamento. Garagem.
- 3.106. Escada. Escritórios.
- 3.107. Claraboia. Escritórios.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Com um cliente especial, num terreno livre, de gaveto, essencialmente condicionado pelas construções existentes nos seus limites, perante um programa inovador e com alguma complexidade, tirando partido das possibilidades técnicas e construtivas dos novos materiais, este edifício resulta, assim, da convergência de uma série de circunstâncias que permitiram, intencionalmente, a experiência de uma nova estética.

Estamos perante uma arquitectura que surpreende pela racionalidade e pela qualidade dos espaços propostos que, num jogo dinâmico de geometrias puras e despojamento de ornamentação, coloca questões bastante inovadoras à época e situa os seus autores na vanguarda da profissão⁴³⁴. Tendo alcançado a possibilidade de prescindir de todo o ornamento clássico, evidencia-se, através da geometrização das formas, mais consentânea com esse despojamento, um resultado arquitectónico de grande qualidade formal e espacial. Salientamos também, a complexa e eficaz distribuição programática que, sem prescindir de uma integração absolutamente decisiva é determinante da qualidade desta garagem no encontro com a cidade do Porto dos anos 30⁴³⁵.

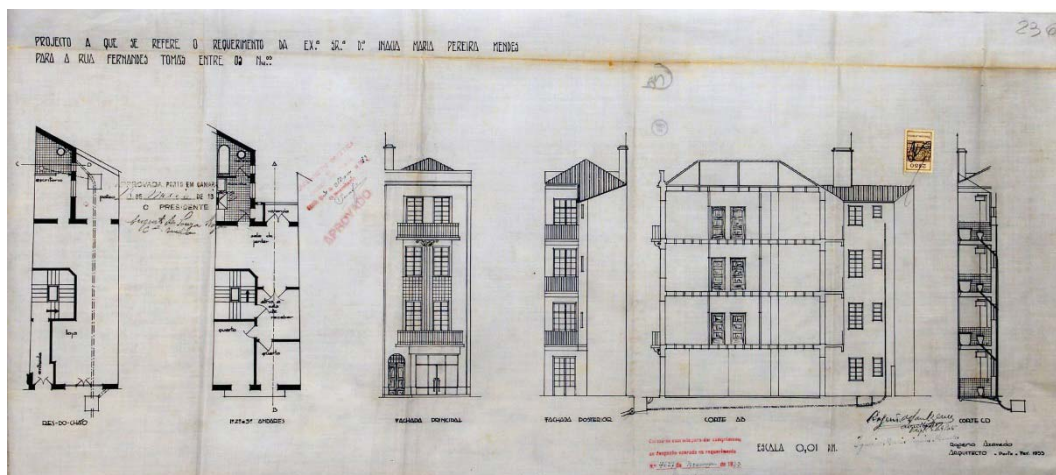
⁴³⁴ O estranhamento provocado pela modernidade deste edifício, à época pouco habitual no que respeita à sua arquitectura (final dos anos 20), talvez se atenuasse se nos lembrarmos das correntes de pensamento da vanguarda portuguesa que, anos antes, ocorreram no nosso país. Lembramos, entre outros factores, a importância de figuras como Fernando Pessoa, Mário Sá-Carneiro, Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros; a publicação dos dois únicos números da revista “Orpheu” em 1915; o “Manifesto Anti Dantas” de Almada Negreiros e a sua participação na organização da I Conferência Futurista, em 1917. Obviamente que Rogério de Azevedo não pertencia, julgamos, a uma elite intelectual erudita tão cosmopolita como aquela que aqui referimos, mas a Garagem de *O Comércio do Porto*, por tudo aquilo que foi dito, acaba por representar integrar-se numa cultura de vanguarda na qual a arquitectura, como geralmente acontece (pelo tempo necessário à sua concretização), aparece tardiamente.

A este respeito disse na época Lucas de Sena Lima:

“O Mundo mudava. Portugal vivia novos tempos, que não os de ouro, os de outrora. As Vanguardas revelavam faces nunca d’antes exploradas nas Artes, e os rumores da estética moderna tomavam parte das conversas nas mesas dos Cafés Lisboetas, onde se podia encontrar hum Mário, hum Fernando ou hum José a maldizer o Dantas” in <http://movimentoculturalgaia.wordpress.com/2009/07/02/o-modernismo-portuguez/>

⁴³⁵ De salientar, também, que, aquando do Licenciamento do Projecto pela Câmara Municipal do Porto, a Comissão de Estética, que tantas questões tinha levantado no projecto para a sede de *O Comércio do Porto* apresentado anteriormente, não levanta agora qualquer problema ao projecto desta garagem totalmente despida de ornato.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Edifício na rua Fernandes Tomás

- 3.108. Edifício comércio e habitação na R. Fernandes Tomás. Porto.1933.
- 3.109. Edifício comércio e habitação na R. Fernandes Tomás. Porto. Fachada Principal. Desenhos de Rogério de Azevedo. 1933
- 3.110. Edifício comércio e habitação na R. Fernandes Tomás. Porto. Pormenor da fachada. 1933.

O edifício, inaugurado em 17 de Março de 1933,⁴³⁶ conserva até hoje as suas funções originais mantendo-se a sua propriedade na família dos herdeiros de Bento Carqueja. Foi classificado como Monumento de Interesse Público e criada uma Zona Especial de Protecção na sua envolvente, em Junho de 2011.⁴³⁷ Salientamos que as alterações urbanísticas entretanto ocorridas não retiraram ao edifício uma boa relação com o lugar, já que, bem pelo contrário, o edifício confere à praça que ajudou a configurar um carácter único e muito especial.

3.3.2 Edifício na rua de Fernandes Tomás, Porto, 1933

No mesmo ano em que se inaugura a Garagem de *O Comércio do Porto*, em 1933, Rogério de Azevedo projecta um pequeno edifício de casuar de habitação e comércio, num lote estreito da rua Fernandes Tomás, no Porto, onde regressa, de modo subtil, aos elementos do mundo formal clássico.

O edifício da Garagem, sem recorrer a elementos decorativos do classicismo, não deixa, obviamente, por isso, de ser “clássico” na sua essência, funcionando não como uma linguagem mas como estrutura de pensamento. As suas equilibradas proporções, a harmonia sentida entre as partes que compõem o edifício, o claro sistema de composição em planta, são alguns dos aspectos que confirmam um pensamento baseado naquilo que de mais importante se soube retirar de uma sólida formação clássica.

O edifício de Fernandes Tomás parece vir reforçar esta ideia, evidenciando-a [●3|108 e ●3|110].

Aqui, elementos do mundo formal clássico são utilizados subtilmente e de forma pouco canónica. A composição do alçado é feita a partir de uma

⁴³⁶ A obra de granito e betão armado foi executada pela carismática empresa de construção civil, Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portugueses.

⁴³⁷ Portaria n.º 582/2011, Diário da República, 2.ª Série, n.º 113, de 14-06-2011, onde pode ler-se: “[...] Assim, a classificação da Garagem do Jornal *O Comércio do Porto* justifica -se pelo valor arquitectónico e urbanístico, pelo valor técnico-construtivo e pelo valor histórico”.

pilastra única, elemento decorativo, que se desenha no eixo da composição e que estabelece um jogo ambíguo entre o seu valor estrutural e decorativo. A aparente sustentação que faz da varanda do piso superior contrasta com o vazio que lhe serve de base no piso inferior. As varandas que a delimitam ajudam a estabelecer-fixar uma proporção equilibrada. Com quatro nervuras e elementos formais estilizados, a pilastra acentua ainda mais a verticalidade do alçado, já estreito, servindo como elemento de ligação entre as partes que o compõem e dando, pela pureza e delicadeza do seu desenho, um valor de destaque ao edifício.

Na respectiva “Memória”, Rogério de Azevedo descreve o projecto sem sentir ser necessário justificar estas opções formais:

“Destina-se o presente projecto a uma casa de rendimento. Constaria de três andares e rez-do-chão todos independentes. Cada andar seria destinado a uma pequena moradia para o que haveria dois quartos de dormir, sala de jantar, cozinha, despensa e quarto de banho. [...]. Os socos e faicha da fachada principal seria de cantaria; o resto das fachadas seriam revestidas a massa. A altura da platibanda da fachada vai até a altura das platibandas dos dois prédios contíguos. [...]”⁴³⁸

O acesso aos três pisos superiores é feito por uma porta única situada junto a uma das meações do edifício; liga-se a uma caixa de escadas situada no interior do lote iluminada desde a cobertura por uma claraboia. O embasamento em granito, ao qual se faz referência na Memória do Projecto, remata e estabelece uma relação cuidada com o plano da rua. A fachada posterior do edifício, limitado por uma viela particular, desenha-se com “redente” permitindo a criação de um pátio logradouro para onde se abrem duas novas frentes, como é comum fazer-se nas construções do Porto deste tipo e época.⁴³⁹

⁴³⁸ Rogério de Azevedo, “Projecto a que se refere o requerimento da Ex.ma Sr.^a D. Inácia Maria Pereira Mendes para a rua Fernandes Tomaz. Memória”. Março de 1933. Em Processo de Licenciamento, Arquivo Histórico da CMP/ Casa do Infante, PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (668), f. 228-244. Processo n.º 1130/1933.

⁴³⁹ De acordo com Manuel Mendes. *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*. Dissertação de Doutoramento apresentado à FAUP. Porto: FAUP, 2010, p. 387.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

O edifício, implantado à face da rua, segue a volumetria dos edifícios contíguos reforçando o valor do desenho na definição da via, não pretendendo assim traduzir-se numa ruptura na leitura global do quarteirão, questão que, embora aparentemente óbvia, parece ser o principal propósito do arquitecto, nesta situação. Discreto, adapta-se ao contexto onde se inscreve, consolidando a malha urbana da cidade, valorizando o espaço-rua que o determina, interpretando e reforçando as suas características perenes, e, ao mesmo tempo, notabilizando-se pelo desenho especial de uma fachada onde, com delicadeza e liberdade, se questionam, com algum humor, talvez, alguns valores instituídos.

Mais uma vez se acentua a ideia, presente em quase todos os projectos, de que “[...] a identidade do sítio e os critérios de representatividade urbana assumem um papel bem mais identificador da cultura arquitectónica, do que a coerência individual do projectista ou a persistência de uma tese de modernidade”⁴⁴⁰.

⁴⁴⁰ Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Sergio Fernandez in Luís Serpa (coordenação). *Depois do Modernismo*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 115-119.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Edifício Maurício Macedo

- 3.111. Edifício Maurício Macedo. Praça D. João I. Porto. Foto Beleza/M. Ferreira, antes de 1957.

3.4 A praça D. João I: uma nova escala para a cidade

3.4.1 O “Arranha-céus”, edifício Maurício Macedo, 1941/1942

Os reflexos da Segunda Guerra Mundial que decorria na Europa desde finais de 1939 não impediram que, no Porto, em 1941, cerca de dez anos depois da inauguração da Garagem de *O Comércio do Porto*, surgisse a oportunidade da construção do prédio Maurício Macedo, na praça D. João I [•3|111].

Este edifício ajudará a conformar o lado sul da praça que mais tarde, apenas no início dos anos cinquenta, se concluirá. Em 1951, em plena ditadura, aquando da sua inauguração, dirá o então presidente da Câmara do Porto, Licínio Gonçalves Preza:

“[Esta é] a Praça, onde corajosamente se ergueram alguns prédios que honram a Cidade do Porto – e é este o ensejo de louvar a iniciativa particular que os fez erguer – bem merece todos os cuidados e atenções.

É o coração do Porto, é o centro vital da Cidade.”⁴⁴¹

Assim se celebrava, neste dia, a conclusão de um longo e moroso processo que dera origem à construção da praça D. João I e que se prolongara durante cerca de uma década.

O plano que o arquitecto Barry Parker traçara para a avenida das Nações Aliadas e suas radiais, tal como foi dito relativamente à praça Filipa de Lencastre, não previa a abertura de uma praça no lugar onde hoje se encontra a praça D. João I. Parker projectara o prolongamento da rua de Passos Manuel até à avenida e a sua continuidade para poente, mas, no lugar das praças, com uma forma triangular, imaginara quarteirões construídos.

A rua de Magalhães Lemos (lateral ao Rivoli), em 1924, quando foi projectada e posteriormente aberta, estendia-se desde a avenida dos Aliados

⁴⁴¹ Licínio Preza, presidente da Câmara do Porto. 1951. Referindo-se, também, ao edifício do Palácio Atlântico do grupo ARS. In *A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'* (ARS – Arquitectos). Porto: ARS, Arquitectos. 1951, s/p.

até à rua do Bonjardim. No espaço entre o Bonjardim e Sá da Bandeira existia um denso quarteirão que seria necessário “rasgar” para se efectuar o prolongamento desta rua até Passos Manuel (que se estendera já para nascente de Santa Catarina). Ainda sob esta configuração urbana, é projectado, no gaveto de Magalhães Lemos com a rua do Bonjardim, o Teatro Rivoli cuja construção terá o seu início em 1928 e se prolongará até 1931.⁴⁴²

A concretização do prolongamento da rua, para poente da rua do Bonjardim, tornava-se urgente, já que, como diria Monteiro de Andrade e Correia de Araújo⁴⁴³, em Junho de 1934, “a avenida dos Aliados, obra de vulto para as possibilidades da Câmara, permanece e permanecerá praticamente morta e sem utilidade, enquanto as radiais de acesso não forem construídas”. A sua construção não deverá suceder, conforme refere Manuel Mendes, citando também estes autores, de acordo com “a ideia de Parker, mas sim com grandeza de vista,”⁴⁴⁴ referindo-se, com toda a certeza, à possibilidade da construção de uma praça naquele local.

Esta operação obrigou, naturalmente, a uma série de expropriações de terrenos e demolições de construções que se prolongaram ao longo de diversos anos.⁴⁴⁵ Na sequência destas demolições, tornou-se necessário colmatar

⁴⁴² O Teatro Rivoli, localizado no gaveto entre a rua de Magalhães Lemos e a rua do Bonjardim, foi projectado por Júlio José de Brito (1896-1965) (arquitecto e engenheiro, contemporâneo na EBAP de Rogério de Azevedo onde foi, também, aluno de Marques da Silva). O teatro, construído onde antes existia o Teatro Nacional, é inaugurado em 1932. Em 1940, sob a direcção do seu autor, são efectuadas obras no edifício em consequência do prolongamento da rua de Passos Manuel e abertura da praça. Tornava-se agora necessário elevar a altura da platibanda do edifício (onde foi esculpido um baixo-relevo de Henrique Moreira) para que, desde a rua de Passos Manuel, não fosse visível a sua cobertura.

⁴⁴³ In “Projecto para o prolongamento das ruas de Rodrigues Sampaio e Passos Manuel”. Aprovado em 1934-06-21. Arquivo Histórico Municipal do Porto. Cota: D-CMP/3 (433)

⁴⁴⁴ In *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. (Manuel Mendes – Projecto. Investigação. Coordenação). Porto: FAUP Publicações, 2001, p. 255.

⁴⁴⁵ Verifica-se, pela leitura da Acta da reunião de Câmara de 13 de Julho de 1939, o descontentamento da população causado pelo atraso nas obras de urbanização no prolongamento de Passos Manuel e na parte norte da rua de Sá da Bandeira: “O aspecto que a cidade apresenta neste centro da cidade [...] faz corar de vergonha todo o portuense que o é de coração [...]. E muito se desprestigia esta Camara com tão vergonhoso espectáculo que indecorosamente se vem arrastando há já longos meses [...]”,

os quarteirões rematando-os, para que as suas frentes configurassem a nova rua, nomeadamente na zona onde mais tarde se abriu a praça D. João I. Reportando-nos ao estudo detalhado sobre este assunto já efectuado por Manuel Mendes em *Informar a Modernidade*, explica-se:

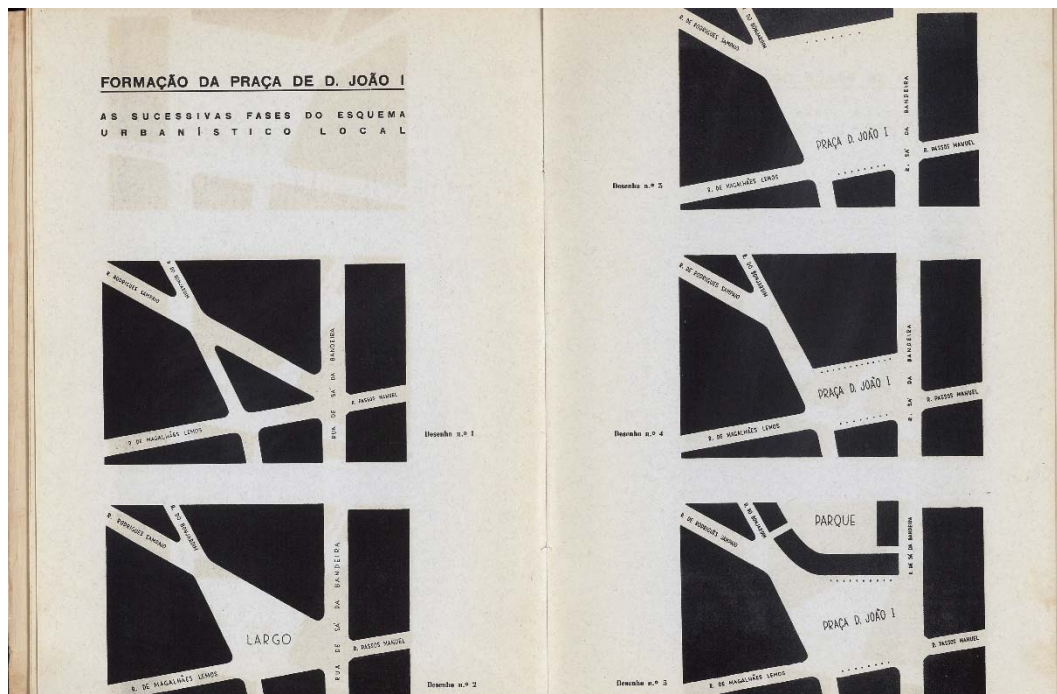
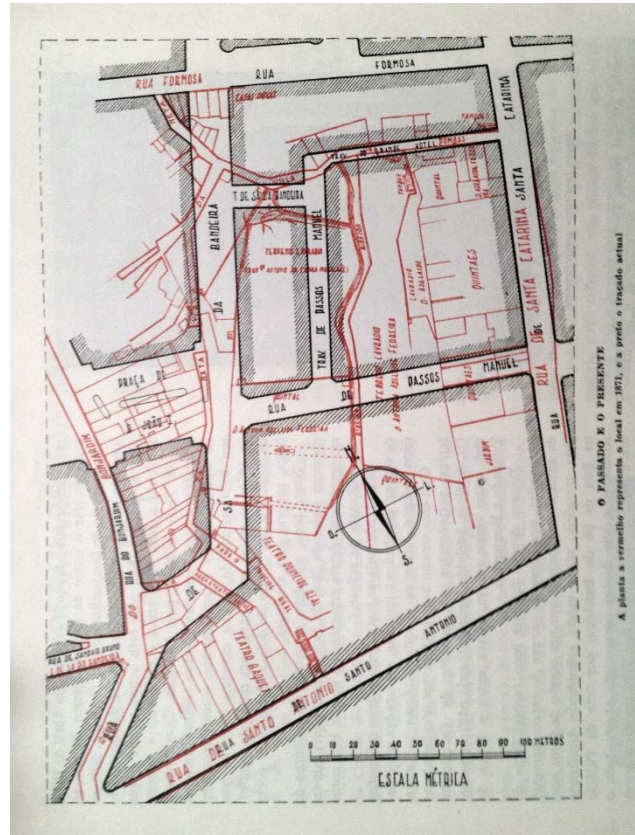
“O alinhamento definitivo para o prolongamento de Passos Manuel será aprovado (Novembro de 1939) solidariamente com o edifício a construir do lado sul da futura praça (ainda tratada como plano inclinado/empenado), num estudo global assinado por Arménio Losa: edifício em altura de volumetria movimentada em dois planos e janelas horizontais contínuas, com profundidade de 15,00 m, enquadrado numa proposta de volumetria para as restantes frentes do quarteirão (referenciada pelo edifício da ‘Brasileira’, único a conservar), cujo rés-do-chão recuará na frente norte, ‘com envasamento de colunas, arcadas ou pilares estabelecidos no alinhamento’, sem saguões ou pátios fechados e ‘não se permitindo paredes de empena, devendo tratar-se todas as paredes como fachadas’. Em 1940, Losa subscreverá uma variante a alargar o estudo ao lado norte: regularização e redimensionamento da praça (‘modificar o traçado da praça cuja forma triangular é de desastrado efeito arquitetónico’) [...]”; Losa propõe, também, relativamente aos edifícios previstos para a praça: “(permitir e ‘mesmo impor-se um grande desenvolvimento das fachadas em altura’, para ‘valorização do terreno e valorização do local’); enormes cuidados a justificar a volumetria que ‘não deve considerar-se como regra a aplicar-se em toda a cidade’ – aqui, a praça e ‘a cidade só beneficiam: monumentalidade, efeito arquitectónico, concentração de actividade’.”⁴⁴⁶

“Efectivada pela Câmara a ligação da Rua de Magalhães Lemos à Rua de Passos Manuel, surgiu a ideia de se conseguir o interesse duma entidade particular para o vasto plano de aquisições dos terrenos dispersos no lado Sul da nova artéria, conjunto

refere Ferreira Loureiro. Na mesma acta, o presidente da Camara justifica que as “dificuldades jurídicas para a posse de alguns prédios, determinam que, embora destinados a demolição, eles se conservem de pé mais tempo do que seria de desejar, se os trâmites seguidos fossem mais expeditos [...]”. In Boletim n.º 173, Livro n.º 14, volume XI, 2.º quadrimestre, 29 de Julho de 1939, p. 654-655. Acta da reunião de 1939. Presidente da Camara – Dr. António Augusto Esteves Mendes Corrêa.

⁴⁴⁶ Manuel Mendes. *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: FAUP Publicações, 2001, p. 255.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Praça D. João I

- 3.112. “O passado e o presente. A planta a vermelho representa o local em 1871 e a preto o traçado actual”. 1966
- 3.113. “Formação da Praça de D. João I. As sucessivas fases do esquema urbanístico local”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

este que, mercê de peculiares condições, permitiria construir no Porto o maior edifício em altura do País.”⁴⁴⁷

O grupo de arquitectos ARS⁴⁴⁸, que assume ser da sua autoria o “ar-
rojo” inicial desta iniciativa por ter projectado a primeira versão (não apro-
vada pela CMP) do edifício sul da praça⁴⁴⁹, explica (numa publicação feita
aquando da inauguração, em 1951, do edifício que concretizaria mais tarde,
não para o lado sul, mas para o lado norte da praça – o “Palácio Atlântico”),
a evolução do projecto da praça:

“[...] Aceite pela Câmara a ideia da construção do bloco do
lado Sul, impunha-se o descongestionamento do local, o que em
princípio, se obtinha suprimindo, pura e simplesmente, o quartei-
rão previsto no Plano Parker, donde resultaria uma praca trian-
gular delimitada pelas referidas ruas (desenho n.º 2).

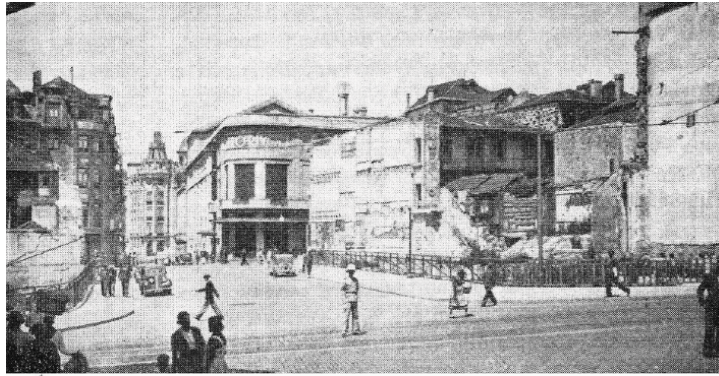
Reconheceram, todavia, os técnicos Municipais, não corres-
ponder esta solução, nem às dimensões do prédio que a originara,
nem à importância do local, e por isso resolveram abandonar aqui
definitivamente os antigos traçados, de modo a ampliar-se aquele
largo de acanhadas proporções.

⁴⁴⁷ ARS – Arquitectos. *A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'*. Porto: ARS, Ar-
quitectos. 1951, s/p.

⁴⁴⁸ O “agrupamento artístico” ARS Arquitectos, como lhe chama Manuel Teles, “foi
fundado em 1930 pelos arquitectos António Fortunato de Matos Cabral (1903), Mário
Cândido de Moraes Soares (1908) e Fernando da Cunha Leão (1909). [...] Iniciaram a
sua actividade dentro do antigo grupo artístico “MAIS ALÉM”, de que também foram
fundadores. Com a “ARS” colaboraram numerosos artistas plásticos [...] Também de-
signada por “Oficina ARS”, foi local de aprendizagem e formação para muitos alunos
do curso de arquitectura ou arquitectos recém-formados [...]. Entre os projectos mais
importantes, e construídos, podemos citar os seguintes: Igreja de Nossa Sr.^a de Fátima,
na rua de Nossa Sr.^a de Fátima, Porto – 1934/36; Mercado Municipal de Matosinhos em
Leixões, Matosinhos – 1936; [...]; Praça D. João I e Palácio Atlântico, Porto –
1946/47/50; Mercado do Bom Sucesso, Porto – 1949/52”. In “Ars Arquitectos” (Manuel
Teles). *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do
Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada
nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade UP, Porto: UP, 1987, p. 111 e
112.

⁴⁴⁹ Referem que “sérias dificuldades de ordem burocrática” obrigaram a que se tivesse
de reduzir “muito ao volume das intenções iniciais; porém, apesar de diminuído, o em-
preendimento, tal como outros técnicos depois o realizaram (referindo-se a Rogério de
Azevedo), não deixou de constituir o primeiro do género em Portugal, e obrigou os Ser-
viços Municipais a encararem a modificação dos planos estabelecidos para aquela zona”.
In *A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'* (ARS – Arquitectos). Porto: ARS,
Arquitectos. 1951, s/p.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Praça D. João I

- 3.114 e 3.115. Demolições para a abertura da Praça D. João I, no Porto. Vê-se o teatro Rivoli já edificado e, ao longe, o edifício sede do jornal O Comércio do Porto.
- 3.116. Praça D. João I após demolições. Vê-se o teatro Rivoli e, ao longe, o edifício sede do jornal O Comércio do Porto do lado esquerdo e o edifício da Câmara Municipal do lado direito.
- 3.117. Praça D. João I após demolições. Do lado esquerdo vê-se o local onde viria a ser construído o prédio Maurício Macedo.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Numa primeira sugestão, a Praça estender-se-ia até ao prédio da Casa dos Jornalistas, o que foi considerado impraticável, em face das dispendiosas expropriações a que obrigava, sem probabilidades de compensação (desenho n.º 3).

Numa outra as dimensões reduziram-se aproximadamente a metade da anterior; apresentava, porém, o defeito de ocultar a frontaria do novo edifício dos Paços do Concelho, através da rua de Rodrigues Sampaio (desenho n.º 4).

Por fim, lembrou encurvar o alinhamento Norte da futura Praça, de modo a, tangencialmente, descobrir a rua de Rodrigues Sampaio; abriram-se, assim, as perspectivas do cimo da Avenida dos Aliados e ficaram fixados os limites da Praça D. João I (desenho n.º 5).

[...] Estava finalmente esquematizado o arranjo geral da Praça; no entanto a sua feição definitiva só mais tarde viria a estruturar-se, em simultaneidade com a construção do principal edifício o – «Palácio Atlântico».⁴⁵⁰

Relembramos, no entanto, que o projecto para a praça D. João I, tal como referido no subcapítulo anterior, se integrava num plano mais vasto de 1942⁴⁵¹, da Câmara Municipal do Porto, que ligava a praça dos Poveiros até ao Jardim do Carregal, passando pela praça D. João I, atravessando a avenida dos Aliados, continuando pela praça D. Filipa de Lencastre, rua de Ceuta e praça Carlos Alberto⁴⁵². Este plano, apenas concretizado em parte, além da vantagem de ligar algumas das praças mais importantes da cidade, previa um eixo perpendicular à avenida dos Aliados (tornando-a “permeável”); a par do eixo já estabelecido entre a Sto. Ildefonso/Batalha e os Clérigos/Cordoaria, ajudava a unir zonas da cidade com diferenças de cota bastante acentuadas.

O edifício que hoje vemos configurar o lado sul da praça foi projectado antes de fixado o desenho definitivo deste espaço urbano.⁴⁵³ Tratou-se

⁴⁵⁰ ARS – Arquitectos. *A Praça D. João I e o seu ‘Palácio Atlântico’*. Porto: ARS, Arquitectos. 1951, s/p.

⁴⁵¹ Que incluía também o projecto de prolongamento da rua Sá da Bandeira.

⁴⁵² Ver imagem 3|78 (subcapítulo anterior).

⁴⁵³ Na planta topográfica entregue com o pedido de licenciamento do projecto de Rogério de Azevedo a praça não aparece desenhada naquela que viria a ser a sua versão final, já que esta apenas se concretizaria anos mais tarde. Aparece, sim, o desenho de uma das versões intermédias para a praça.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Maurício Carvalho de Macedo

Iniciativas Portuenses

O PRÉDIO MAIS ALTO DE PORTUGAL...

lize e traduzza espírito novo, de concepção vulgar; tudo quanto sejam pinceladas fortes dadas no *facies* cidadão.

Em simples apontamentos, sem idéias nem propósito de reclamo, mas apenas como nota histórica, aqui se arquivarão todas as obras que, em contextura e em grandeza, ultrapassem a vulgaridade e constituam, no momento actual da actividade tripeira, um elemento revelador de espírito novo a estimular novas realizações do mesmo género os maiores ainda.

Por ser a mais moderna à data do reaparecimento de «O Tripeiro», a iniciativa que vai estrear esta secção é a que faz construir a casa mais alta de Portugal, ali, no Largo de D. João I, mesmo no coração da Cidade.

O Pôrto, que já era detentor da torre mais alta do País, símbolo dum pensamento a erguer-se nos ares em busca de mais dilatados horizontes, fica sendo, também, a primeira cidade portuguesa que teve o orgulho de ver erguida, no seu terreno, «o prédio mais alto», símbolo dum esforço visível em conquistar o espaço e de o pôr ao serviço da urbanização pelo seu aproveitamento económico.

Indiferente à crítica e a concepções de estética, «O Tripeiro», pela inovação, regista nas suas páginas a grandeza da obra e grava nelas o nome do homem que arrojadamente se abalancou à notável empresa. Esse homem chama-se Maurício Carvalho de Macedo.

Não é do Pôrto, mas do distrito; no Pôrto vive há 33 anos. Aqui começou a sua vida de trabalho aos 16 anos de idade; aqui, portanto, se fez homem.

Sendo natural da freguesia de Telões, do concelho de Amarente, onde nasceu aos 3 de Abril de 1896, temos de o considerar hoje um filho adoptivo do Pôrto. Por sentimento afectivo, é também assim se considera, a ponto de deixar na Cidade uma obra que o rememorará como uma legenda: — a casa do Maurício, sinónimo hoje da casa mais alta do Pôrto e de Portugal.

No próximo número: — O COLISEU DO PÔRTO



O «*arranha-céus*» portuense



O cliente

- 3.118. Página de O Tripeiro. Do Porto – pelo Porto. “Iniciativas Portuenses”. Maurício Macedo e o prédio na Praça D. João I

de um processo complexo, desenvolvido ao longo de vários anos e que se pode entender através de documentação diversa, nomeadamente de inúmeras versões desenhadas e variantes, não só do projecto do edifício mas, também, como já referimos, da praça que, mais tarde, ajudaria a conformar [●3|112 e 3|113].

“Em junho de 1940, com anteprojecto da autoria do grupo ARS, o proprietário Maurício Macedo requereu licença para construir ‘no Porto o maior edifício, em altura, do País’. Em 1941, face a desaprovações camarárias, o ‘arranha-céus’ ou a ‘casa monumental’, como ficará conhecido o edifício definidor do lado sul da praça, será objecto de dois projectos de Rogério de Azevedo, os quais, divergindo em linguagens, são semelhantes na volumetria adoptada”⁴⁵⁴, projectos que nos interessa aqui estudar de forma mais aprofundada.

Tinha Maurício Carvalho de Macedo 44 anos de idade quando, em 1940, se notabilizaria pelo seu espírito empreendedor e audácia ao aceitar o desafio da construção do prédio que viria a ser designado, num artigo de *O Tripeiro*, como “o prédio mais alto de Portugal”. Neste artigo, ilustrado com duas imagens [●3|118], uma do edifício e outra do seu empreendedor, destacando-se a importância da “iniciativa privada” no desenvolvimento da cidade, Maurício Macedo é louvado como sendo “o homem que arrojadamente se abalançou (a esta) notável empresa”. Neste número desta prestigiada publicação da cidade se inaugura uma rubrica onde, “sem idéia nem propósito de reclamo, mas apenas como nota histórica, se arquivarão todas as obras que, em contextura e em grandeza, ultrapassem a vulgaridade e constituam, no momento actual da actividade tripeira, um elemento revelador de espírito novo a estimular novas realizações do mesmo género ou maiores ainda”. Saliemos, também, o facto de, na mesma publicação, se referirem ao edifício

⁴⁵⁴ Manuel Mendes (Projecto. Investigação. Coordenação). *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: FAUP Publicações, 2001, p. 255 e 256.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

como “a mais moderna” iniciativa que “fez construir a casa mais alta de Portugal, ali, no largo de D. João I, mesmo no coração da Cidade”. Ou, também, que significou para o Porto um “esforço visível em conquistar o espaço e de o pôr ao serviço da urbanização pelo seu aproveitamento económico”⁴⁵⁵.

Maurício Macedo, natural de Telões, Amarante, onde nasceu em Abril de 1896, não sendo tripeiro, é considerado na referida revista como:

“um filho adoptivo do Porto. [...] Aqui começou a sua vida de trabalho aos 16 anos de idade; aqui portanto se fêz homem. [...] Por sentimento afetivo, êle também assim se considera, a ponto de deixar na Cidade uma obra que o rememorarà como uma legenda: - a casa do Maurício, sinónimo hoje da casa mais alta do Pôrto e de Portugal. [...]

[...] São homens desses os que, gradualmente, vão transformando a Cidade, dando-lhe aspecto moderno e notas de vida progressiva, dignas de aplauso e imitação.

Infelizmente, são muitíssimo poucos os que marcam um passo em frente e se destacam da vulgaridade e da rotina.”⁴⁵⁶

No requerimento de 28 de Agosto de 1941 que acompanha o pedido de licenciamento para a obra do edifício que fará o remate do quarteirão a sul da praça D. João I, Maurício Macedo & Companhia referem que, tendo desistido do projecto anteriormente entregue, referindo-se ao projecto dos architectos ARS (Cunha Leão, Morais Soares e Fortunato Cabral), vêm agora apresentar, “em sua substituição, um novo projecto”⁴⁵⁷. Na respectiva Memória, o architecto agora contratado, Rogério de Azevedo, faz questão de salientar, demarcando-se dos seus colegas, e com o sentido de responder a questões anteriormente levantadas pelo Conselho de Estética, que este projecto “nada tem que ver com o previamente apresentado” e, distingue-se daquele por “uma maior clareza da planta e da fachada, bastando analisar os seus elementos para isso se confirmar”.

⁴⁵⁵ *O Tripeiro*, do Porto – Pelo Porto, n.º 10, Fevereiro 1954, V Série, ano IX, p. s/p.

⁴⁵⁶ Idem, *ibidem*.

⁴⁵⁷ In processo n.º 272/1942, Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto. Requerente: Maurício Macedo e Companhia. Registado: 03-09-1941. Aprovação: 16-06-1942.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

No único desenho que encontrámos que representa o projecto do grupo de arquitectos ARS [●3|119] datado de 1940, projecto que, por “sérias dificuldades de ordem burocrática” não teve seguimento, parece haver, claramente, um problema no controlo da escala daquela representação. O edifício, com rés-do-chão e dez pisos, mais dois do que aquele que veio a ser construído, cumpria, genericamente, as indicações dadas no estudo global para a praça, executado por Arménio Losa e aprovado um ano antes pela Câmara Municipal. No edifício, desenvolvido “em altura”, o piso térreo obedecia às indicações dadas naquele estudo, recuando com uma galeria e colunas ao longo de toda a sua frente norte. Também as janelas, marcadamente “horizontais e contínuas” nos três primeiros pisos (escritórios), reflectiam as indicações anteriormente fornecidas. A imagem reproduzida remete-nos (nos pisos inferiores), de certa forma, para a imagem que, anos mais tarde, viria a ter o edifício projectado pelos mesmos arquitectos e que, do lado norte, conformaria a praça – o “Palácio Atlântico”.

O projecto submetido por Rogério de Azevedo à aprovação da Câmara Municipal do Porto sofrerá, ao longo dos meses, várias alterações provocadas por diversos factores. Numa primeira fase as modificações ao projecto resultam da resposta do arquitecto ao parecer negativo emitido pelo Conselho de Estética e Urbanização que provocará, fundamentalmente, alterações ao nível da sua imagem exterior.

E, com a ironia que o caracteriza, o arquitecto acrescenta, numa publicação que mais tarde a revista *A Arquitectura Portuguesa* dedicará ao edifício, dele fazendo capa [●3|129]:

“Vejam agora os dados do problema que me foram postos para a solução de um edifício desta altura no meio de ‘pigmeus’ de 3 andares: Terreno de 11 metros de fundo por 36 de comprimento; altura da fachada a não ultrapassar 32 metros e obrigação de lhe apêndicular, como esporádicas excrescências, os dois corpos laterais que faceiam dum lado a rua de Sá da Bandeira e do outro a do Bonjardim.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Proposta ARS architectos
Primeira proposta de Rogério de Azevedo

- 3.119. “Ângulo da rua Sá da Bandeira”. ARS Architectos. C. Leão. Moraes Soares. Fortunato Cabral. 1940.
- 3.120. Página de A Arquitetura Portuguesa, Cerâmica e Edificação reunidas. “O Primitivo Projecto. Architecto Rogério de Azevedo”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Postos os dados desejei conhecer as perspectivas de conjunto da Praça que fatalmente o ‘Plano de Urbanização’ devia ter elaborado para compreensão da sua grandeza em relação aos edifícios a construir.

Esbarrei porém ante o religioso e compreensível mistério que, para seu elevado prestígio, paira à volta do ‘Plano’, mistério êste tão impenetrável que os de Eleusus e mesmo os da Cabala ficam a perder de vista.

Foi daí que eu comecei a pensar se o ‘Plano’ será realmente da Cidade...⁴⁵⁸

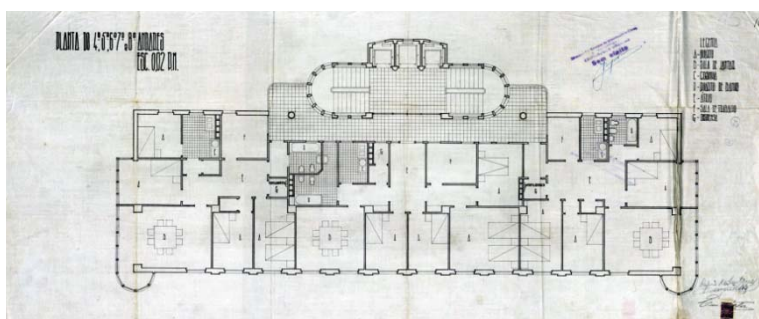
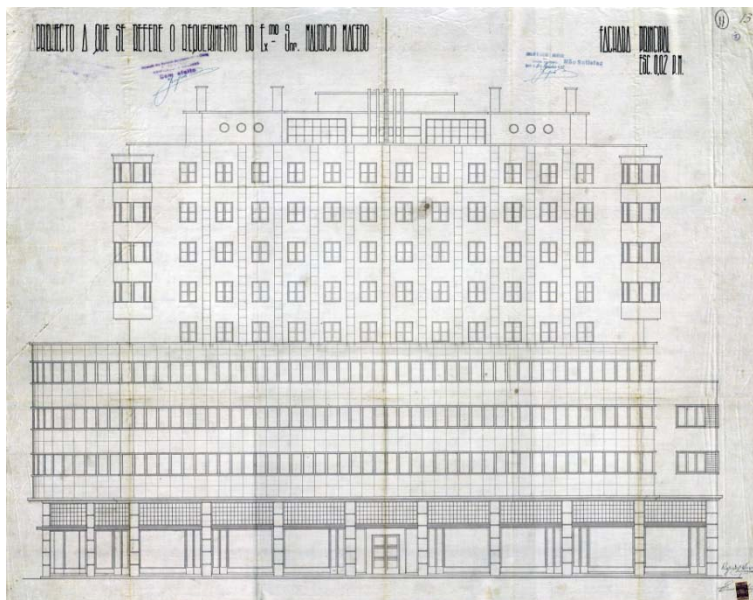
Na “Memória” que acompanha a primeira versão entregue por Rogério de Azevedo propõe-se um edifício com “10 pavimentos, dois dos quais seriam a cave e o rés-do-chão” e “os restantes 8 seriam os andares [●3|121 a ●3|124]. Destes andares, três seriam destinados a escritórios (17 por piso) e os restantes 5 a habitações (3 habitações por piso)”. O piso térreo, além da entrada no edifício que seria “ampla, [...] com os ascensores e monta-cargas” e “duas escadas dispostas lateralmente no vestíbulo” que “completariam o serviço sem necessidade de atropelos”, seria totalmente ocupado com “estabelecimentos comerciais” com acesso directo aos arrumos localizados na cave.

O programa misto do edifício associava, no mesmo volume de um “edifício de rendimento”, comércio, escritórios e também habitação. Esta associação, pouco usual para a época num edifício com aquelas dimensões, representava, assim, uma inovação e, talvez, o início de uma certa especulação no campo do imobiliário.

Conforme acontece em outros projectos com programas mistos, Rogério de Azevedo procura (de forma mais acentuada na primeira versão do projecto do que nas seguintes) tornar evidente a variação programática desde o exterior do edifício, e refere:

⁴⁵⁸ Rogério de Azevedo, “Uma obra invulgar. Prédio de rendimento na Praça D. João I”, in revista *A Arquitectura Portuguesa*, n.º 97, Abril de 1943, p. 24.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Primeira versão. Rogério de Azevedo

- 3.121 e ● 3.122. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1ª versão. 1941. “Fachadas laterais”.
- 3.123. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1ª versão. 1941. “Fachada principal”.
- 3.124. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1ª versão. 1941. “Planta do 4º, 5º, 6º, 7º e 8º andares”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“Procuramos destacar bem estes serviços dando carácter próprio tanto à fachada dos escritórios como á das habitações. Creemos que, com este artifício, vamos aliviar um pouco a impressão de altura, pelo corte a meio da fachada, provocado pela pequena saliência envidraçada dos três andares dos escritórios.”⁴⁵⁹

Esta variação programática é assinalada pelas diferentes formas como são desenhados os elementos que compõem o alçado e, também, pela diferenciação dos materiais construtivos empregues.

O piso térreo, ocupado por estabelecimentos comerciais, é caracterizado pela galeria coberta que prolonga o espaço público sob o edifício, ajudando a retirar algum “peso” à sua volumetria. Esta galeria, espaço de transição, antecede também a entrada principal do edifício que ocupa, na composição, uma posição axial.

Sobre este andar, seguir-se-iam os três pisos de escritórios que seriam reconhecíveis desde o exterior, nesta primeira versão do projecto, pelos seus vãos corridos e contínuos e, também, pelo seu revestimento com granito polido.

Finalmente, os pisos superiores, originalmente com a função de habitação, “seriam revestidos a argamassa de cal hidráulica para pintar”, sendo aqui a fenestração o reflexo da compartimentação do interior e, por isso, o alçado composto por um grande número de janelas individualizadas. Nestes pisos, nos topos do edifício, voltados para Sá da Bandeira e Bonjardim, os apartamentos seriam rematados por “varandas envidraçadas” com a forma semicircular, ideia que seria rejeitada pelo Conselho de Estética.

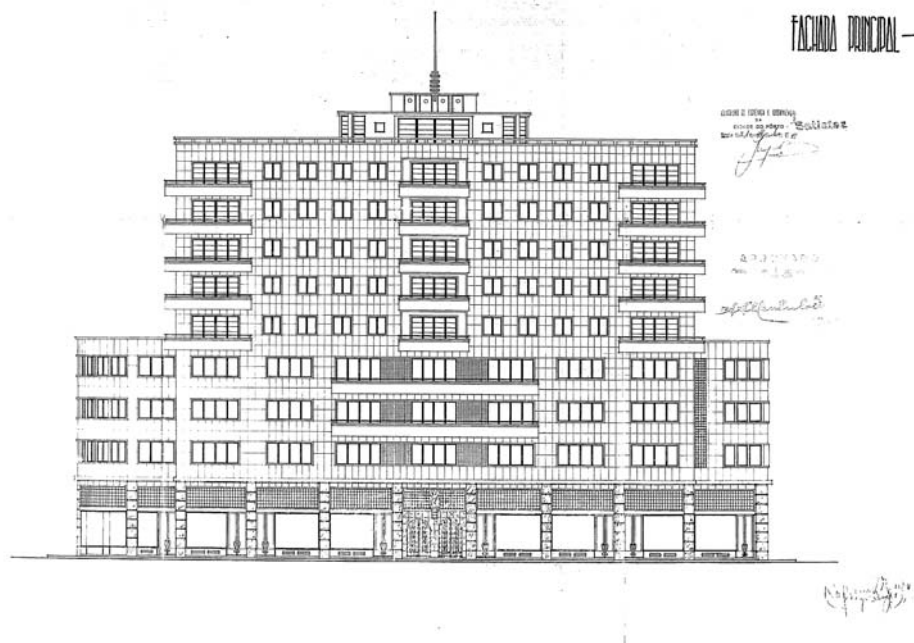
Como se pode confirmar pelo desenho tridimensional que traduz esta primeira proposta para o edifício, não aprovada pela Câmara, a intencional demarcação funcional a partir do exterior é bem patente [●3|120]. No entanto, segundo o parecer do Conselho de Estética e Urbanização, “sob o ponto de vista estético, [...] (não haveria) harmonia entre as linhas arquitectónicas do

⁴⁵⁹ Rogério de Azevedo. “Memória Descritiva”, Projecto de Licenciamento. Arquivo Histórico Municipal do Porto. CMP. 1941.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



ADITAMENTO AO PROJECTO Nº 17226 A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO Ex.º Sr. MAURÍCIO MACEDO



Aditamento ao projecto

- 3.125. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. Aditamento ao projecto. “Fachadas laterais”
- 3.126. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1ª versão. 1941. “Fachada principal”

corpo inferior do edifício e do corpo superior, o mesmo sucedendo às três fachadas voltadas à via pública que não se harmonizam umas com as outras”.

No número já referido da revista *A Arquitectura Portuguesa* onde o projecto será mais tarde publicado, Rogério de Azevedo acrescentará sobre esta primeira versão (e de que fará questão de publicar uma imagem) que:

“Dominado por esta irremediável ignorância tive que cingir-me ao critério simplista da lógica (exercício a que nos agarramos quando desejamos acertar) e estudei primeiramente o que me pareceu melhor, a ligação dos três andares, apendiculados ao todo do edifício, de modo a integrá-los no conjunto por meio de saliência no comprimento total da fachada, reservando portanto os cinco andares restantes para aparecerem em plano recuado. Esta foi a primeira solução, mas, no profundo conceito oficial esta ‘terapia’ era inaceitável embora me parecesse a mim bom remédio à desproporção existente entre a largura do terreno vendido e a elevação do edifício.

Não monta agora expender aqui as razões desabonatórias alegadas à primeira solução por que me apraz, para conservação do prestígio alheio, fazer também mistério deles.

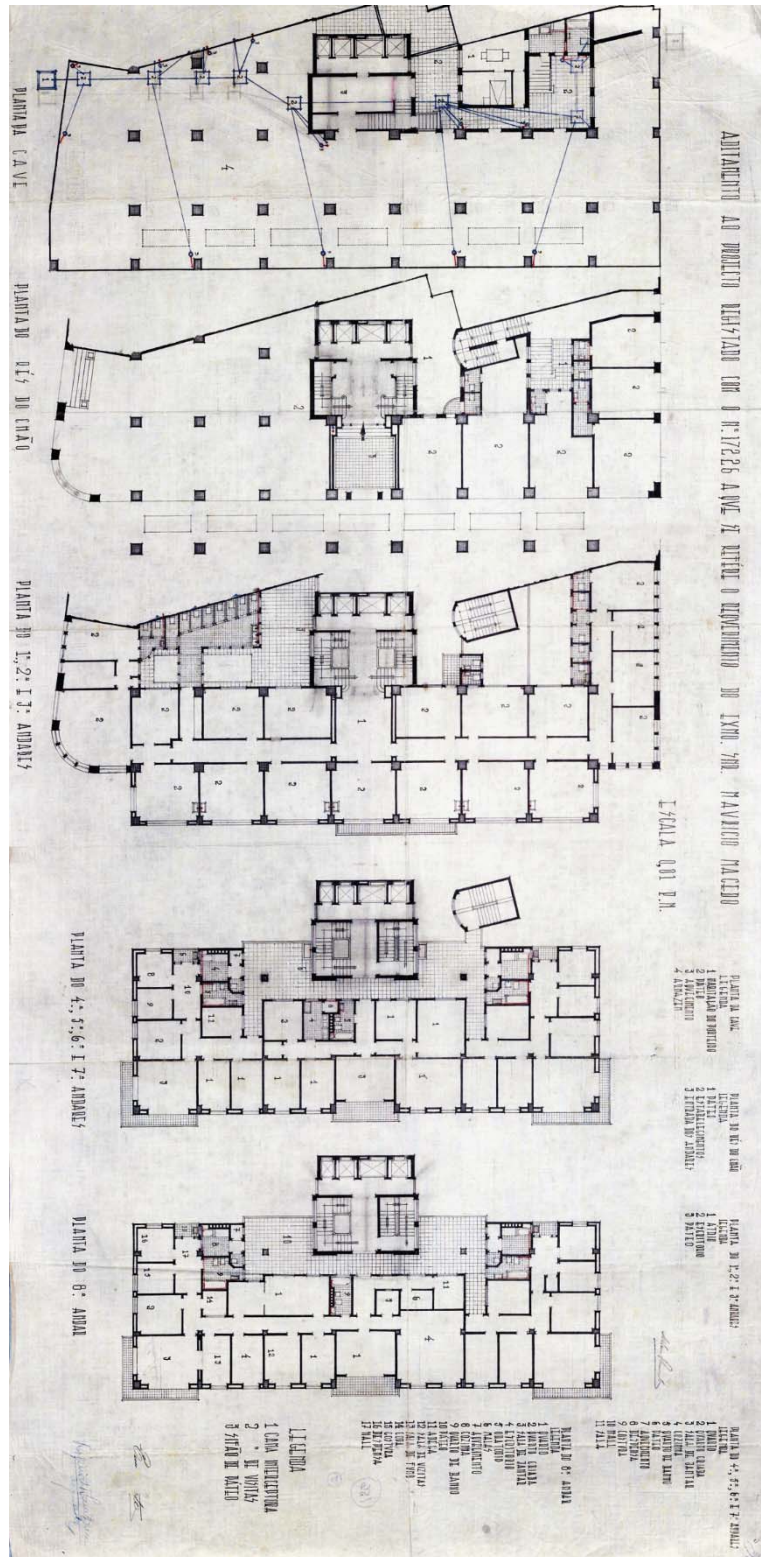
Em face do ‘verdictum’ nasceu a solução presente, crescida e pimpona. A solução é boa?

Para mim que a criei, é, ainda que à primitiva a tomasse eu por óptima...”⁴⁶⁰

Nesta sequência, Rogério de Azevedo de Azevedo apresenta novo projecto, no qual faz “suprimir as varandas envidraçadas e corridas dos 1.º, 2.º, e 3.º andares” passando cada um dos compartimentos em que se dividem os pisos dos escritórios a ter a sua própria janela conforme acontecia já nos pisos superiores das habitações, passando a existir, também, nestes primeiros três pisos, estreitas varandas agora exteriores. O edifício é assim redesenhado gerando-se uma imagem exterior muito diferenciada em relação à anterior versão, mas ganhando, pela uniformização do seu desenho, talvez maior unidade. O material de revestimento indicado deixa de ser o granito polido e a

⁴⁶⁰ Rogério de Azevedo, “Uma obra invulgar. Prédio de rendimento na Praça D. João I”, in revista *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (reunidas)*, n.º 97, Abril de 1943, p. 24.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Novo aditamento ao projecto

- 3.127. Aditamento ao projecto. Plantas. Rogério de Azevedo

argamassa de cal hidráulica passando agora a ser o “Sistema Cavan” [●3|125 e ●3|126].

Estando já o projecto aprovado pela Câmara e a obra a decorrer, tendo o cliente “na sequência dos trabalhos [...] adquirido a casa contígua voltada à rua de Sá da Bandeira onde estava instalado um estabelecimento comercial [...] teve [, assim,] possibilidades de alargar a construção dando-lhe mais sumptuosidade e equilíbrio de proporções”⁴⁶¹. Nesta sequência, as áreas dos espaços voltados para esta rua ganham, obviamente, maiores dimensões no rés-do-chão e nos três primeiros pisos. A maior profundidade do terreno permite, através do redesenho das escadas, agora com uma geometria diferente, e dos elevadores, um resultado volumétrico e espacial mais controlado. O aumento do terreno vem permitir, também, além do “alargamento dos pátios de luz e de arejamento”⁴⁶², a inclusão, nas traseiras do edifício, de uma escada de serviço até ao terceiro andar com acesso independente desde a rua do Bonjardim. [●3|127].

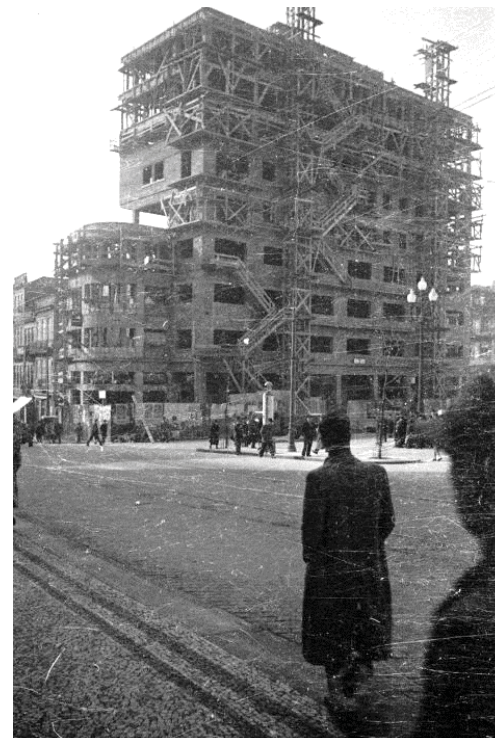
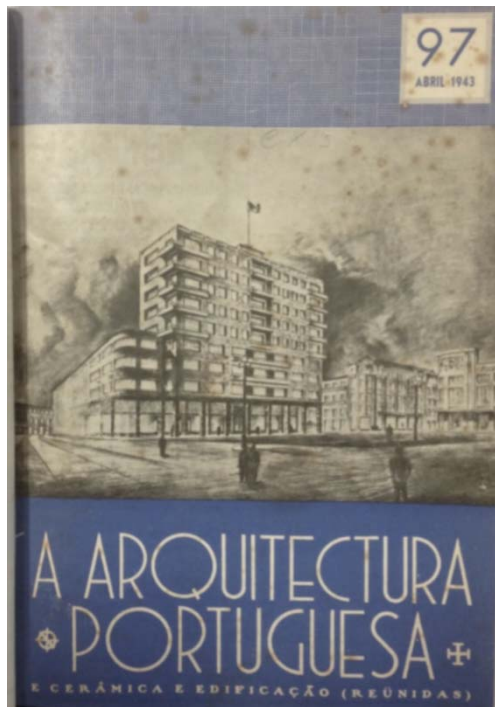
O desenho das plantas publicadas na revista *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Construção (reunidas)*, que foi capa de revista em 1944, contemplava já o aumento nas dimensões do terreno e, julgamos ser, anterior à versão apresentada com pedido de aditamento na Câmara Municipal. Nesta versão, os elevadores e as escadas de acesso aos escritórios e habitações ocupam uma posição diferente do que aquela que veio a acontecer na versão posterior. Nesta publicação Rogério de Azevedo inclui uma Memória Descritiva que acrescenta informações importantes relativamente à estrutura do edifício, nomeadamente:

“[...] A parte da estrutura de betão armado deve-se ao estudo do prof. Engenheiro Correia de Araújo, um novo que vale por muitos velhos experimentados. O problema da estrutura, simples à primeira vista, pois não havia mais do que encastelar pilar sobre pilar, mereceu estudo especial a êste engenheiro.

⁴⁶¹ Rogério de Azevedo. “Memória Descritiva”. Projecto de Licenciamento. Arquivo Histórico Municipal do Porto. CMP. 1941.

⁴⁶² Idem, s/p.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Obra

- 3.128. Prédio Maurício Macedo durante a sua construção. Foto de Bomfim Barreiros. s/d.
- 3.129. Capa de "A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação (reunidas)_Abril 1943.
- 3.130. e ● 3.131. Prédio M. Macedo durante a sua construção. Fotos de Bomfim Barreiros. s/d.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Consegui duas juntas de dilatação que vão de alto a baixo do edifício e que tanto espanto têm causado aos 99% de críticos despreocupados de que o nosso querido País enferma. A levesa da estrutura permitiu a rapidez de construção, alheia ao modo usual das construções do burgo, geralmente de materiais pesados. O tijolo em paredes duplas fechou o edifício que, altaneiro e gritante olha os pátios insalubres das casas que lhe ficam junto à base. A estrutura dos pavimentos foi executada em lages de betão, armadas em vigas T, tendo-se por isso utilizado blocos vasados anti-sonoros destinados não só a impedir a transmissão do som como também a diminuir o pêso próprio dos pavimentos.”⁴⁶³

Este texto é ilustrado com uma imagem da época na qual o prédio aparece em construção e não contém qualquer tipo de legenda ou identificação. Verificámos, no entanto, que a fotografia pertence a uma série de imagens idênticas, talvez realizadas no âmbito desta publicação, incluídas no vasto arquivo fotográfico de Bonfim Barreiros.⁴⁶⁴ [●3|128 a ●3|131].

“Pela planta dos andares pode verificar-se que o estudo foi feito de maneira a dar certa simetria ao corpo central que se eleva sobre os laterais. [...]”⁴⁶⁵. Assim, também neste projecto, se destaca a importância dada ao desenho da planta na metodologia processual do arquitecto. Mais uma vez, a questão da simetria é colocada e, sem rigidez, valorizando-se o equilíbrio da composição, se torna tema fundamental.

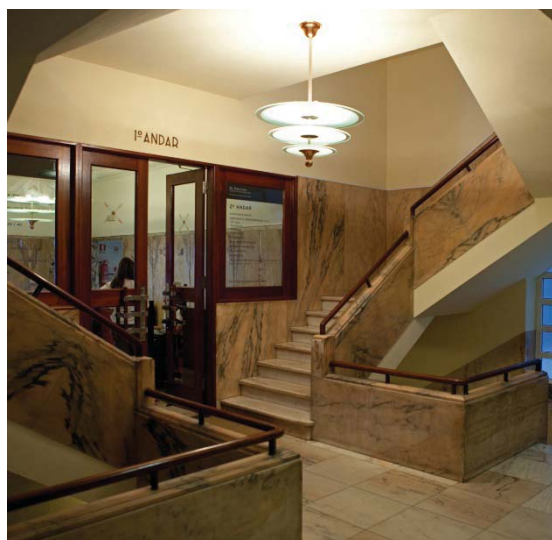
A modernidade do edifício resulta da sua clareza volumétrica, racionalidade e rigor geométrico e um certo despojamento no tratamento das fachadas, que ganham dinâmica pelo jogo e variedade dos diferentes elementos arquitectónicos que as compõem, nomeadamente pela forma e dimensionamento dos vãos e das varandas que, observados desde o exterior, assinalam, ainda, na versão construída, funções diferenciadas.

⁴⁶³ Rogério de Azevedo, “Uma obra invulgar. Prédio de rendimento na Praça D. João I”, in revista *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (reunidas)*, 97, Abril de 1943, p. 25.

⁴⁶⁴ Que pudemos consultar no Arquivo Histórico Municipal do Porto, Casa do Infante.

⁴⁶⁵ Rogério de Azevedo. “Memória Descritiva”, Projecto de Licenciamento. Arquivo Histórico Municipal do Porto. CMP. 1941

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Espaço interior

- 3.132. a ● 3.135. Caixa de escadas

Rogério de Azevedo não sente aqui, como no Edifício sede de *O Comércio do Porto*, a necessidade do uso de elementos decorativos do mundo formal clássico, mas o piso térreo, ao demarcar-se através de um material de revestimento distinto e ao recuar em galeria na fachada, funciona como se de um “embasamento clássico” se tratasse, dando ao grande volume solidez e, ao mesmo tempo, leveza. Estas ambiguidades assinaladas conferem ao edifício uma acrescida qualidade arquitectónica.

Esta intencional sobriedade no tratamento exterior do edifício contrasta com o desenho requintado dos detalhes nas entradas do edifício e uma certa exuberância e riqueza dos materiais empregues nos acabamentos dos espaços interiores comuns. Os mármorees que revestem todos estes espaços, as madeiras e ferro que constituem as caixilharias exteriores e interiores de desenho cuidado, algum mobiliário fixo e guardas das escadas conferem aos espaços, assim como a iluminação natural sempre presente, uma qualidade acrescida. [●3|132 e ●3|135].

No último aditamento ao projecto apresentado à Câmara, sem grandes alterações na configuração das plantas, as funções indicadas em cada piso sofrem algumas alterações. Assim, no rés-do-chão mantém-se a galeria coberta que dá acesso ao grande átrio de entrada no edifício e aos estabelecimentos comerciais que ocupam o restante espaço. No primeiro andar, mantém-se a configuração anterior com escritórios, mas o 2.º e o 3.º andares sofrem algumas adaptações para dar lugar a consultórios médicos. O 4.º andar, antes ocupado por três habitações, é preenchido agora com outros serviços, nomeadamente, os escritórios da Filial do Secretariado da Propaganda Nacional que o ocupam quase na sua totalidade. As habitações que ocupavam o 5.º e 6.º andares são também transformadas em escritórios e outros serviços.

Salientamos a existência, na época, na esquina voltada a Sá da Bandeira – do emblemático Café Rialto, projectado pelo arquitecto Artur Andrade⁴⁶⁶, ponto de encontro de certa intelectualidade portuense e repositório

⁴⁶⁶ Artur Andrade (1913-2005), arquitecto formado pela EBAP (1934-37; 1941-46), foi colaborador de Arménio Losa. Projectou, entre outras obras, o Cinema Batalha (inaugurado em 1947) e o prédio da Fiat na rua de Latino Coelho.

de obras de arte de autores como Abel Salazar, Dórdio Gomes e Guilherme Camarinha⁴⁶⁷ e, na esquina oposta, na rua do Bonjardim – a loja do SPN (Secretariado de Propaganda Nacional) que, não por acaso, ocupa o “mais alto” edifício da cidade então chamado “arranha-céus”.

Os volumes laterais, mais baixos, ambos com a mesma altura, fazem a transição de escala com as ruas de Sá da Bandeira e Bonjardim e acentuam o desejo de marcação da simetria “para uma maior imponência do conjunto, evitando ao mesmo tempo, no lado do Bonjardim, uma grande extensão de sombra nas casas em frente. [...]”⁴⁶⁸ Este cuidado evidente no desenho da transição entre as preexistências e o grande volume do edifício que se adequa à escala do vazio da praça D. João I é, como já foi referido em relação a exemplos antes apresentados, num factor determinante para uma adequada integração do edifício naquele local. Este, pelas suas proporções, assinala a importância da praça permitindo também o estabelecimento de relações urbanas espaciais com outros pontos destacados da cidade.

3.4.2 Torre Medieval, 1940/1941

Interessante verificar que Bonfim Barreiros terá fotografado também, na mesma época, junto à Sé do Porto, a Torre Medieval, “também conhecida por Torre da Cidade ou Torre da rua de D. Pedro Pitões”,⁴⁶⁹ reconstituída em

⁴⁶⁷ “No salão inferior, vêem-se três pinturas murais, a fresco: o central, da autoria do pintor Guilherme Camarinha, e os laterais, do mestre da Escola de Belas Artes desta cidade, Sr. Dordio Gomes. Ao lado, no salão de chá, chamam a atenção do visitante quatro painéis pintados em contraplacado, igualmente da autoria de Guilherme Camarinha, tendo por motivo as quatro estações do ano. [...] No pavimento superior avulta um desenho-mural a carvão, da autoria do dr. Abel Salazar, em que, a traço vigoroso, está simbolizado o esforço da Humanidade através da História”. Excerto de notícia publicada aquando da inauguração do café no jornal diário *O Século*, Lisboa, 28 de Novembro de 1944, p. 3. In <http://sai-tedaqui.blogspot.pt/2008.11.01.archive.html>; 13-01-2015.

⁴⁶⁸ Rogério de Azevedo. In “Memória Descritiva”, Projecto de Licenciamento. Arquivo Histórico Municipal do Porto. CMP. 1941.

⁴⁶⁹ Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014. p. 71.

1941 de acordo com a coordenação e o projecto de Rogério de Azevedo na sequência das obras que deram origem ao Terreiro da Sé do Porto nos anos de 1940.

Importa-nos aqui salientar, o contraste na postura do arquitecto perante estas duas diferentes circunstâncias. A sua versatilidade permitia-lhe, ao mesmo tempo que edificava, sem receio da sua imponência e visibilidade, o edifício “mais alto do país”, o “arranha-céus”, que o colocava na vanguarda das novas tecnologias construtivas, construir, não muito longe dali uma “Torre Medieval”. O arquitecto, perante edifícios com valor histórico ou patrimonial e, vestindo a pele do construtor original, tenta uma reconstituição fidedigna do edifício, procurando integrar-se no sítio, nele tentando “diluir” a presença da nova torre.

O espaço urbano entre a ponte Luís I, Sé do Porto, até a avenida dos Aliados foi, ao longo dos tempos, palco para uma série de projectos urbanísticos não realizados. As propostas elaboradas pelo engenheiro Gaudêncio Pacheco em 1913, por Barry Parker em 1916, por Ezequiel Campos em 1932, por Giovanni Muzio em 1940, passando pelo projecto para o Terreiro da Sé, de Arménio Losa (concretizado em 1939), até aos projectos mais recentes de Fernando Távora para a Casa dos 24 e de Álvaro Siza para um edifício a construir na chamada avenida da Ponte, em 2001, juntos, constituem uma trama que, embora interessante, não iremos aqui desenvolver.

Interessa-nos destacar que o plano para as Comemorações Centenárias, em 1938, estabelecia que a zona junto à Sé Catedral na cidade do Porto, seria um “dos cinco lugares simbólicos da lusitanidade, síntese de importantes factos históricos e articuladores de um ‘programa total’ que serviriam como cenários de algumas das principais manifestações festivas”⁴⁷⁰ e onde seriam executadas obras de beneficiação.⁴⁷¹

⁴⁷⁰ Miguel Tomé, *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 93.

⁴⁷¹ Além do Porto, Braga, Lisboa e Vila Viçosa, também neste âmbito é escolhida a cidade de Guimarães, berço da nacionalidade, como um dos palcos para as referidas comemorações onde Rogério de Azevedo será figura destacada pelo papel desempenhado

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“O mau estado dos acessos à actual sede dos Paços do Concelho (que na altura ali se situava), o aspecto desagradável do casario que circunda a Catedral e, ainda, o desejo de valorizar e proteger dois dos mais valiosos edifícios da Cidade, levaram a Câmara a elaborar um projecto de melhoramentos que, executado no período das festas centenárias, seria uma das participações do município do Pôrto no programa das grandes realizações comemorativas.”⁴⁷²

O projecto para a construção do Terreiro da Sé, espaço de representação, também, do poder municipal, na altura ali sediado, iniciativa da Câmara Municipal, é da autoria de Arménio Losa, técnico, naquela época, daquele município. O projecto, na opinião de Miguel Tomé, “denunciava a «omnipresença» de Rogério de Azevedo na sua concepção” que, “para além de amigo pessoal de Losa, era, enquanto chefe de secção dos «Monumentos Nacionais», responsável pela apreciação do projecto municipal”⁴⁷³.

“Neste ponto será de sublinhar a convergência de objectivos, e até de metodologias, entre a DGMN, os Serviços de Obras e Urbanismo do Porto, e as propostas subscritas por Arménio Losa, um arquitecto de consistente formação moderna. A ideia de encontrar uma essência estilística que reponha a ‘verdade’ sobre um determinado edifício de alto valor patrimonial – o que equivale a expurgá-lo de alterações fora dessa origem e conseqüentemente a isolá-lo como facto imperturbável –, é um lugar que se dirá comum entre a perspectiva dos ‘Monumentos’ e a visão unitária da obra de arte que o moderno veicula. Por outro lado, a determinante higienista, que leva a demolições em nome de uma posterior eficácia, une também os propósitos desenvolvimentistas do Estado Novo e a urgência racionalista do Moderno. Assim sendo,

na recomposição do Paço dos Duques. “A construção do Parque do Castelo, em Guimarães, resultou da vontade de associar, num espaço comum, os três monumentos classificados da zona alta da cidade: o Paço dos Duques de Bragança, o Castelo e a Igreja de S. Miguel”, in Miguel Tomé, *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 93.

⁴⁷² “Memória justificativa e descritiva do projecto de arranjo da zona histórica da Sé e dos paços do concelho”, documento 20, in Miguel Tomé, *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 437.

⁴⁷³ Miguel Tomé, *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 94 e 119.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

embora empenhado numa outra latitude do pensamento político e cultural, Losa encontra neste caso uma convergência objectiva com os propósitos de refundação da cidade de que é portador, enquanto arquitecto moderno.”⁴⁷⁴

O projecto, que não detalharemos, contemplou a demolição da densa malha urbana permitindo a criação do grande terreiro fronteiro à fachada principal da Sé Catedral e do Paço Episcopal onde funcionava, na época, provisoriamente, a Câmara Municipal do Porto. Esta nova “praça” sobre a cidade assinalava, assim, um espaço fortemente representativo do ponto de vista simbólico para a cidade.

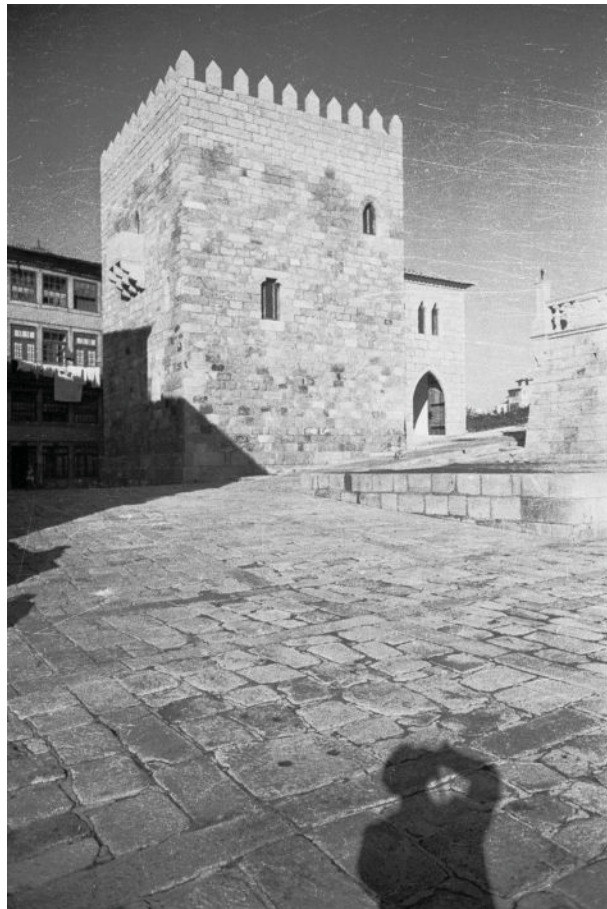
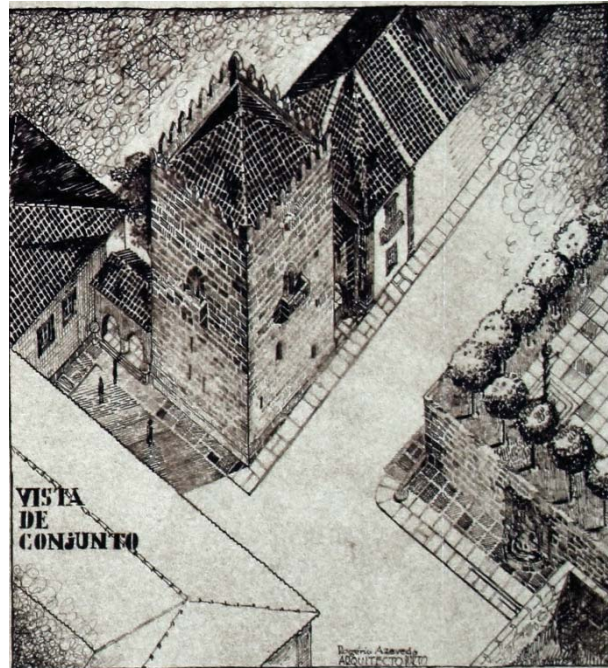
O projecto incluía, também, a abertura de um percurso a eixo da fachada da Sé – Calçada de Dom Pedro Pitões – que fazia a transição de cotas entre aquele terreiro e a cota inferior do casario existente (junto ao actual largo e rua do Dr. Pedro Vitorino). Para remate deste arruamento, feito do lado sul pelos muros de sustentação da praça/terreiro da Sé, foi construída, no lado oposto, a norte, o edifício torre que viria a servir de Arquivo Municipal [●3|136 e 3|137] (muito perto também das ruínas da antiga Casa da Câmara, também chamada Casa dos 24). Tratou-se da reconstituição da “Torre dos Alões (é possível ainda ver a sua primitiva implantação na Planta topográfica do Porto, de 1892), uma Casa-torre Medieval, a partir das suas ruínas encontradas a poucos metros daquele local (no antigo largo do Açougue) aquando das demolições antes efectuadas. O projecto partiu, assim, de um levantamento rigoroso das peças encontradas, nomeadamente, entre outros elementos, de uma porta com arco quebrado. No processo que inclui os desenhos destes levantamentos, aparece também a representação de duas janelas com a legenda “janela existente na ‘Casa Gótica’ do Bêco dos Redemoinhos – Sé”, que Rogério de Azevedo aparentemente reproduz e reconstrói sobre a porta de arco quebrado do volume menor do edifício, misturando assim, julgamos, elementos (eventualmente de épocas diferentes) no mesmo projecto de reconstituição.

⁴⁷⁴ Alexandre Alves Costa e Jorge Figueira. “Terreiro da Sé – ideias e transformações”. In revista *Monumentos*, n.º 14. Março de 2001, p. 76.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Torre "medieval"

- 3.136. "Projecto de adaptação do torreão defronte da Sé a arquivo municipal". R. de Azevedo_1940
- 3.137. A Torre após a sua construção. Fotografia de Bonfim Barreiros

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

O edifício, em cantaria de granito, é composto por dois volumes de planta quadrada com quatro e dois pisos, respectivamente. O remate do edifício junto ao chão é feito com um embasamento escalonado e, superiormente, feito em ameias com merlões de ponta triangular. No volume de acesso, mais baixo e com cobertura em telha visível desde o exterior, destaca-se a sua porta de entrada em arco quebrado.

“A Torre da Cidade, obra de restauro do município concluída em 1941. Nela está instalado, desde essa data, o Gabinete de História da Cidade. Aí se encontram os documentos de maior valor pertencentes ao arquivo do Município [...]. A torre, quadrangular, [...] apresenta, voltada ao Sul, uma porta ogival. Na face voltada ao N. apresenta um gracioso balcão de pedra, de feição gótica.”⁴⁷⁵

Em 1960, o serviço de Arquivo Municipal é transferido para a Casa do Infante, após a reconstituição feita com base no estudo, também, de Rogério de Azevedo. Em 1974 a Casa-torre Medieval é ocupada pela população e transformada em Centro Social e Cultural. Mais tarde, por acordo com a Câmara Municipal do Porto, o edifício passa, depois de ter sofrido obras de remodelação em 1997 coordenadas pelo arquitecto Alfredo Magalhães, a Posto de Turismo e a Sala de Exposições.

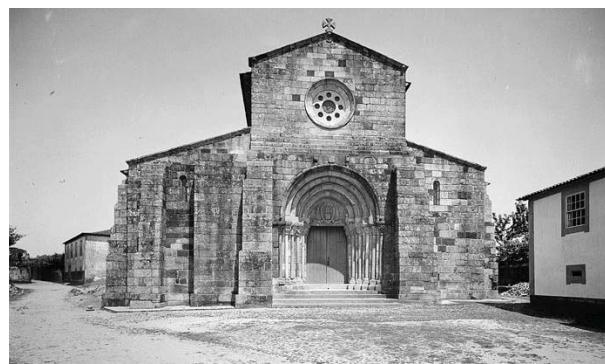
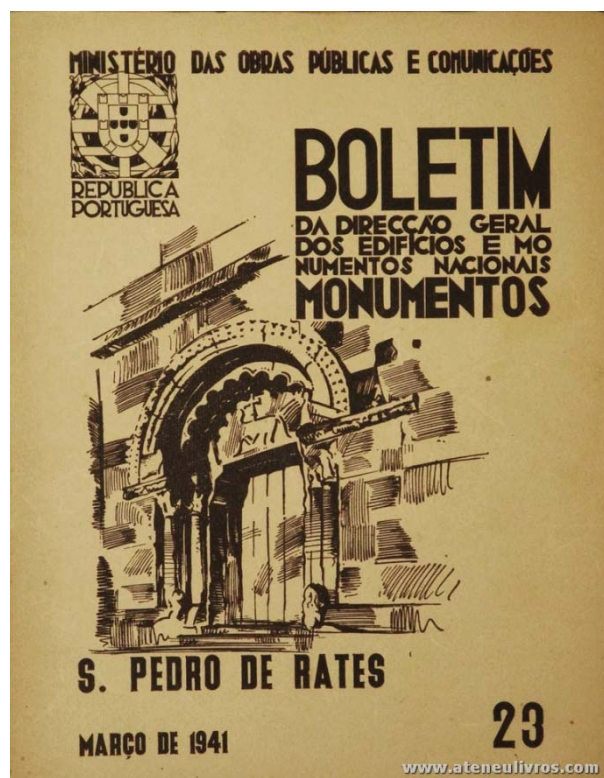
“Outra contribuição importante neste processo híbrido que integra a demolição, a reconstituição e a trasladação, forjando uma história ficcional que é apresentada como autêntica, é o Projecto da Casa da Torre, que Rogério de Azevedo assina. [...].

Trata-se de um exemplo claro da facilidade com que as ruínas são reinventadas e manipuladas para servirem o presente, mantendo a verosimilhança do ‘histórico’, característica que é marca distintiva da consolidação do Terreiro da Sé.”⁴⁷⁶

⁴⁷⁵ Fundação Calouste Gulbenkian. In “Bairro da Sé. Torre da Cidade”. Guia de Portugal/Fundação Calouste Gulbenkian. *Entre Douro e Minho. I - Douro Litoral*. 2.^a ed. Lisboa: FCG, 1984, p. 208-209.

⁴⁷⁶ Alexandre Alves Costa e Jorge Figueira. “Terreiro da Sé – ideias e transformações”. In *Monumentos*, n.º 14. Março de 2001, p. 78.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.138. Capa do Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. S. Pedro de Rates, n.º 23, Março de 1941.
- 3.139. Alçado principal. Fotografia após a intervenção executada pela DGEMN

3.5 O encontro com o património

3.5.1 Abside da Igreja de S. Pedro de Rates, 1938/40

Entre 1936 e 1940, Rogério de Azevedo integra, como director, a Secção do Norte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, assumindo “o testemunho deixado por Baltazar [de Castro] que, nomeado director dos Monumentos Nacionais, se deslocara para Lisboa, permitindo prolongar, a um nível institucional, vários anos de colaboração privada entre estes dois arquitectos”⁴⁷⁷. Este cargo deu-lhe a ocasião e a possibilidade de trabalhar no restauro de alguns edifícios com interesse patrimonial.⁴⁷⁸ Neste contexto, conforme evidenciámos já no capítulo anterior, salienta-se a importância de intervenções da sua responsabilidade, tais como, entre outras, a da Igreja de São Pedro de Rates, no final dos anos 30, a do Paço Ducal de Guimarães, entre 1935 e 1940, e a da tentativa de reposição, na zona da Sé do Porto, nos anos 40, de uma antiga Torre Medieval. Como conclui Miguel Tomé, estas acções revelam distintas orientações conceptuais.

Visando a compreensão das metodologias adoptadas pelo autor perante obras em contexto patrimonial, focaremos a nossa atenção num dos exemplos referidos, o caso da igreja de São Pedro de Rates [●3|138 e ●3|139], particularmente, naquilo que respeita à sua capela-mor. Partindo da análise dos desenhos do projecto e da obra construída e tentando entender a forma

⁴⁷⁷ Miguel Tomé. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 35.

⁴⁷⁸ Salientamos que nesta altura Rogério de Azevedo tinha já dez anos de experiência prática como arquitecto. “A aparente falta de pontos de contacto entre a sua práxis profissional e a actividade a desenvolver nos «Monumentos Nacionais» seria colmatada pela personalidade multifacetada do arquitecto, reveladora de vários interesses que se traduziram no empenho dado à formação da Secção Regional da Associação dos Arquitectos Portugueses, na participação no Conselho de Estética Urbana (a partir de 1934) e no Conselho Municipal de Arte e Arqueologia do Porto (desde 1937), e no acompanhamento da actividade de estudo e restauro de monumentos como membro do grupo da revista «Ilustração Moderna»”. In Miguel Tomé. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 35.

como foram interpretados e reintegrados, pelo autor, os vestígios arqueológicos encontrados, procuraremos as razões que justificam o desenvolvimento das ideias e fundamentam as opções do projecto. Esta análise integra factos que, embora envoltos em alguma controvérsia, foram sendo estabilizados em diversos estudos realizados por reconhecidos autores da especialidade sobre a história daquela edificação⁴⁷⁹.

Segundo alguns historiadores, a presença de construções naquele lugar, remonta ao Baixo-Império Romano, já que ali teria existido uma pequena comunidade religiosa.⁴⁸⁰ Conforme refere Manuel Real⁴⁸¹ a igreja de S. Pedro de Rates que hoje podemos observar terá tido, ao longo da sua história, quatro fases fundamentais.

Uma primeira fase, pré-românica (séc. IX/X), correspondente à construção do templo primitivo, foi comprovada pela importante descoberta de alguns “elementos arquitectónicos avulsos”⁴⁸².

⁴⁷⁹ Ver: Manuel Monteiro. *S. Pedro de Rates*, Porto, 1908; Boletim da DGEMN. *A Igreja de São Pedro de Rates*, n.º 23, 1941; Manuel Luís Real. *O Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações Beneditinas do séc. XII*. Póvoa de Varzim: Separata do boletim cultural Póvoa de Varzim, Vol. XXI, n.º 1, 1982; A. Campos Matos. *A igreja românica de S. Pedro de Rates: guia para visitantes*. Lisboa: Livros Horizonte, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2000; Miguel Tomé. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002. Ricardo Fernandes dos Santos. *Arquitectura Portuguesa no tempo longo: princípios de desenho e forma em igrejas de três naves*. Porto: FAUP, 2013.

⁴⁸⁰ Segundo a tradição ali existira um santuário paleocristão dedicado a Pedro, mártir cristão, que terá sido morto no reinado do imperador Nero. Este lugar manteve-se como lugar de culto depois do santuário ter sido destruído, mais tarde, em 716, durante as invasões árabes na Península.

⁴⁸¹ Manuel Luís Real é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e autor de importantes estudos sobre temas relacionados com a Alta Idade Média, a História da Construção, Arqueologia Medieval e Arte Medieval. Salientamos, no âmbito do nosso estudo, a autoria do trabalho que realizou sobre a Igreja de São Pedro de Rates, nomeadamente: Manuel Luís Real. *O Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações Beneditinas do séc. XII*. Póvoa de Varzim: Separata do boletim cultural Póvoa de Varzim, Vol. XXI, n.º 1, 1982.

⁴⁸² Tais como: “parte dos seus alicerces e alguns elementos: lintéis, grelhas de cancela, marco decorado e dois óculos, retirados da fachada principal após as intervenções da DGEMN, já no século XX”. In Ricardo Fernandes dos Santos. *Arquitectura Portuguesa no tempo longo: princípios de desenho e forma em igrejas de três naves*. Porto: FAUP, 2013, p. 79.

Numa segunda fase, de iniciativa dos Condes D. Henrique e D. Teresa (séc. XI/XII), o templo, que se encontrava abandonado e em ruínas, terá sido reedificado e, posteriormente, doado ao priorado cluniacense de La-Charité-sur-Loire.⁴⁸³

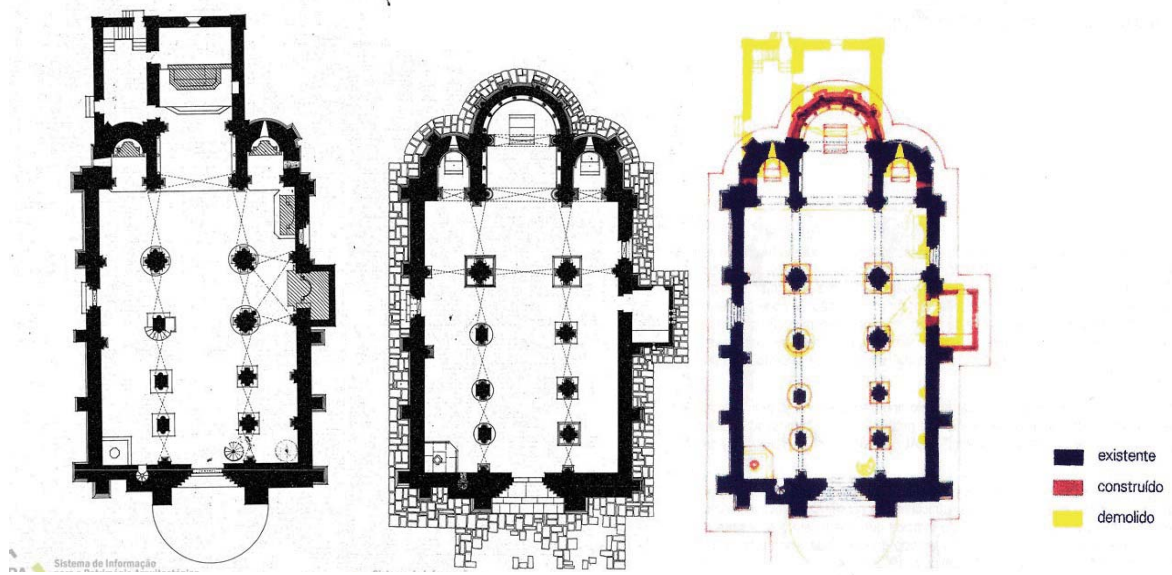
Uma terceira fase, marcando definitivamente a construção desta igreja e já identificada por Manuel Monteiro em 1908, foi confirmada pela moderna historiografia portuguesa. Parece certo que, em meados do século XII, na sequência de um problema na estrutura do edifício e conseqüente queda da abóbada da capela-mor, é realizada uma nova reforma, a chamada reforma Beneditina. Esta não correspondeu apenas à reconstrução da abóbada mas, também, à tentativa de alteração da organização do espaço das naves segundo um novo plano. Manuel Real, que estuda detalhadamente o “Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações beneditinas do século XII”, refere que:

“É provável que o programa condal nunca tivesse chegado a concluir-se. Além de indícios que nos levam a supor um primeiro ajustamento, ele veio a sofrer depois uma mudança radical, no sentido do que poderemos chamar o «plano beneditino português» para igrejas de três naves. [...] Em Rates essa transformação é que não foi levada até ao fim e, a partir de dada altura, já com menos meios, procurou-se conjugar as duas plantas: a da igreja condal que estava a ser destruída e a daquela que então se edificava. Foi precisamente esta circunstância que esteve na base das conhecidas anomalias.

[...] As naves apresentam-se com quatro tramos de tamanho desigual, sendo os dois últimos mais pequenos do que os restantes. Para além disso, notam-se várias anomalias na estrutura dos pilares, na distribuição das colunas ao longo dos muros, na colocação das frestas, na aplicação dos contrafortes, etc. A desarticulação dos elementos estruturais reflecte-se também na falta de

⁴⁸³ “Mas seria apenas construída pelos proto-fundadores da monarquia portuguesa toda a igreja de Rates? Parece indubitável que não. A documentação arquitectónica existente permite supor, com efeito, que os primitivos reedificadores deixaram o monumento incompleto, ou pelo menos imperfeito, e que, nas obras complementares executadas depois, «foi talvez diversa a inspiração dirigente» (Manuel Monteiro, S. Pedro de Rates, p. 48)”. In Boletim da DGEMN. *A Igreja de São Pedro de Rates*, n.º 23, 1941, p. 14/15.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.140. “S. Pedro de Rates – Planta baixa da igreja, antes dos trabalhos”.
- 3.141. “S. Pedro de Rates – A mesma planta após a conclusão das obras”.
- 3.142. “São Pedro de rates. Planta síntese de demolições e reconstruções”.
- 3.143. “S. Pedro de Rates – Fachadas norte da igreja, antes da restauração, destacando-se a tórre que se erguia sobre o transepto”
- 3.144. “S. Pedro de Rates – A mesma fachada, depois de demolida a tórre e concluída a restauração”

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

uniformidade dos alçados, tudo isto em consequência de um processo construtivo bastante irregular.”⁴⁸⁴

Salientamos que as transformações beneditinas corresponderam à ocupação do templo por monges franceses vindos de Cluny. Como refere Aarão de Lacerda (1890-1947), na *História de Arte em Portugal* (que redige na época da conclusão do restauro da igreja):

“O edifício que se vê em Rates não é o fundado por D. Henrique, mas é muito posterior: «os seus caracteres, bem significativos, o atribuem aos séculos XII-XIII». [...] O monumento não se «ergueu de um jacto e foi talvez diversa a inspiração dirigente, manifestando assim o indeciso e titubeante compromisso entre as fórmulas do cânon românico e as do gótico nascente.»⁴⁸⁵

Este historiador, numa antevisão daquilo que viria a ser confirmado por estudos recentes mais fundamentados, estaria certamente a referir-se à coincidência, naquele mesmo espaço, de elementos arquitectónicos de diferentes qualidades e tempos, salientando que se observam “irregularidades, imperfeições no acabamento arquitectónico, (...) hesitações”. No entanto, Aarão de Lacerda refere, também, a qualidade de outros elementos, tais como a abside⁴⁸⁶, “bem construída, correcta no traçado semi-circular e (no) seu alçado” salientando pormenores que, pelo requinte do seu desenho, poderiam ser atribuídos, talvez, ao “cinzel dos lavrantes cluniacenses”⁴⁸⁷.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida confirma que a construção da igreja terá terminado “já em tempos góticos. O cruzamento de ogivas que as obras de restauro, em má hora, baniram, no lado sul, devia ser genuíno”⁴⁸⁸.

⁴⁸⁴ Manuel Luís Real. *O Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações Beneditinas do séc. XII*. Póvoa de Varzim: Separata do boletim cultural Póvoa de Varzim, Vol. XXI, n.º 1, 1982, p. 14, 15 e 16.

⁴⁸⁵ Aarão de Lacerda. *História da Arte em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1942, p. 247 e 249.

⁴⁸⁶ Aarão de Lacerda, embora não o expresse no seu texto, está a referir-se à abside reposta já nos anos 40 por Rogério de Azevedo.

⁴⁸⁷ Aarão de Lacerda. *História da Arte em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1942, p. 247.

⁴⁸⁸ Carlos Alberto Ferreira de Almeida. *Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa*. Porto: Faculdade de Letras, 1972, p. 74.

Por fim, uma quarta fase (entre os séculos XVII e XVIII) corresponde às chamadas transformações modernas naquele edifício. No século XVI, o edifício terá passado para a Ordem de Cristo e as construções levadas a cabo, no final do século XVII, obrigaram à demolição da antiga abside semicircular da igreja e à sua substituição por uma nova construção, de base rectangular, para a expansão do coro. Também nesta época é construída uma torre sineira sobre o absidiolo norte e sobre parte do transepto, modificações feitas aparentemente sem grande qualidade que alteraram substancialmente a configuração do edifício “original”.

Assim, o enredo no qual se enquadra esta construção, que não abordaremos com detalhe, constitui para os historiadores de arte, “não obstante os inúmeros estudos que a ela se têm reportado, [...] um dos mais atraentes enigmas da primeira arte nacional”⁴⁸⁹.

Interessa, no âmbito do presente trabalho, referir que a igreja que Rogério de Azevedo encontra no final dos anos 30, quando se propõe realizar o seu restauro, é o resultado de sucessivas fases de construção, nem sempre de evidente interpretação. Tal como já referido, são destacadas pelos historiadores duas épocas diferentes de construção românica para esta igreja, nomeadamente, no século XI/XII e no final do século XII. Já no século XVII, salientamos a construção de novos volumes na respectiva cabeceira, tema que nos interessa analisar.

Manuel Real, referindo-se às “importantes obras de restauro” realizadas “já no presente século”, salienta que, “apesar das boas intenções e de um inegável virtuosismo (evidente no estudo de reintegração da abside central), foram introduzidos elementos e imaginadas certas soluções que vêm perturbar um pouco a análise arqueológica da construção”⁴⁹⁰.

⁴⁸⁹ Manuel Luís Real. *O Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações Beneditinas do séc. XI*. Póvoa de Varzim: Separata do boletim cultural Póvoa de Varzim, Vol. XXI, n.º 1, 1982, p. 5.

⁴⁹⁰ Idem, p. 15 e 16.

Rogério de Azevedo, partindo, certamente, de um levantamento exaustivo daquilo que restava do edifício, analisa, com rigor, todos os vestígios que encontra chegando “ao ponto de assinalar todos os fragmentos originais com pintas de cor ôcre, hoje muito úteis para quem estuda o monumento”⁴⁹¹. Com um notável conhecimento, mesmo que predominantemente livresco, da história da arquitectura, parece querer colocar-se na época e vestir a pele do seu construtor original, não se limitando à procura de uma reconstituição fidedigna do edifício, mas permitindo-se inovar, quando necessário, reinventando por vezes, como projectista, algumas das características do período que estuda. A sua atitude perante a obra de restauro parece aproximar-se, claramente, da definição expressa por Viollet-le-Duc no dicionário que publica em 1875⁴⁹²:

“Restauration, s. f. Le mot et la chose sont modernes. Restaurer un édifice, ce n’est pas l’entretenir, le réparer ou le refaire, c’est le rétablir dans un état complet qui peut n’avoir jamais existé à un moment donné [...]”⁴⁹³ ou,

“Restaurar um edifício não é repará-lo, nem mantê-lo ou reconstruí-lo, é devolvê-lo a um estado acabado que pode nunca ter existido anteriormente.”⁴⁹⁴

Incidiremos a nossa análise sobre a reconstrução da capela-mor da igreja, apesar de a intervenção desenvolvida pela DGEMN ter incluído muitos outros trabalhos, conforme é descrito detalhadamente no respectivo Boletim publicado em 1941.⁴⁹⁵ Sendo normalmente dito que Rogério de Azevedo foi

⁴⁹¹ Idem, p. 32.

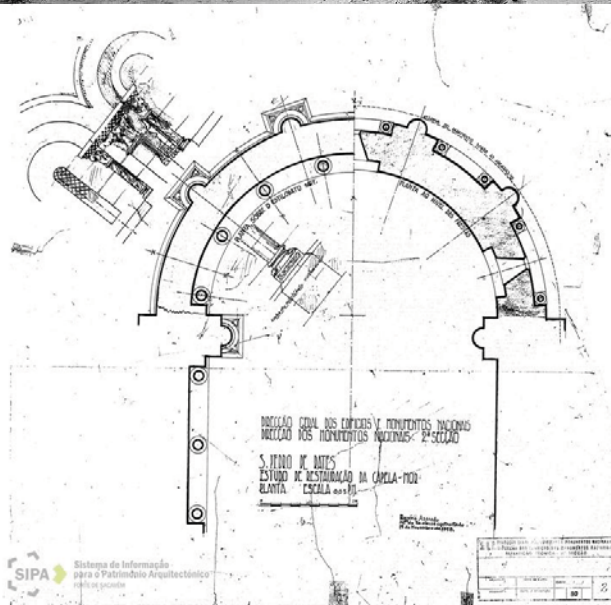
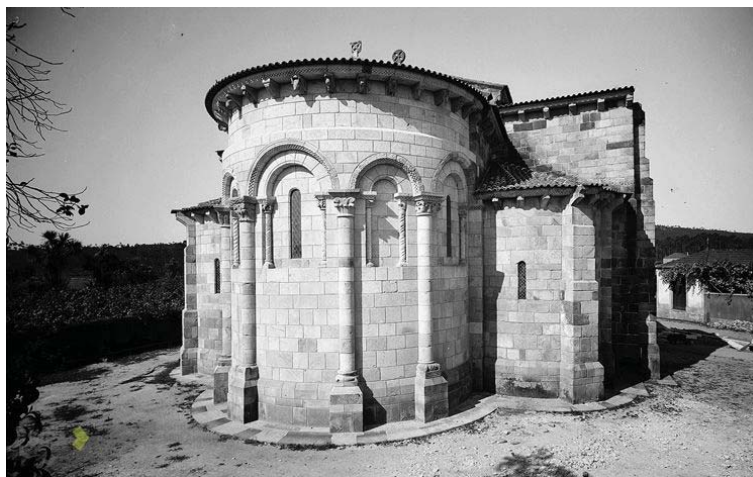
⁴⁹² Viollet-le-Duc. *Dictionnaire raisonné de l’architecture française: du XIe au XVIe*. Paris : V. A. Morel & Cie éditeurs, 1875.

⁴⁹³ Idem, s/p.

⁴⁹⁴ Tradução de José Miguel Rodrigues, “Da «Tabula Rasa Revisitada» a «Cronocaos»”. In *Koolhaas Tangram*, ed. Pedro Baía, x - y. Circo de Ideias. Porto, 2014, p. 27.

⁴⁹⁵ Nomeadamente e de uma forma sumária: as demolições e resultantes reparações de todas as construções posteriores ao período românico tais como da “torre sineira e seu anexo”; “demolição da moderna sacristia”; “apeamento e reconstrução total do absidiolo da Epístola, cujo estado de ruína era alarmante”; “apeamento e reconstrução completa da testeira sul do transepto”; “demolição parcial das paredes laterais da Igreja e sua reconstrução com as frestas primitivas”; “apeamento do arco abatido que à entrada da ca-

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.145. S. Pedro de Rates, depois da demolição das construções do séc. XVII e antes da reconstituição da capela-mor.
- 3.146. A mesma vista depois das obras de reconstituição da capela-mor.
- 3.147. “S. Pedro de Rates. Estudo de reconstituição da capela-mor”. Desenho assinado por Rogério de Azevedo. 1938.

o responsável, enquanto projectista daquela instituição, pelo restauro deste edifício, não comprovámos a sua participação em todas as fases. Confirma-se, pela sua assinatura e sem qualquer dúvida, a autoria do desenho relativo ao estudo para a reconstrução da capela-mor [●3|147].

Nesta igreja, o protagonismo que a presença da abside adquire, coincidente com a ideia de românico defendida por Ferreira de Almeida, é claramente realçada no projecto de restauro.

“A fachada, os alçados laterais e sobretudo o aspecto exterior da cabeceira das igrejas (românicas) são muito mais cuidados e a sua visualização denuncia claramente a organização espacial do interior. Uma igreja pré-românica era mais para ser vista por dentro, ao passo que a românica é também para ser admirada por fora.”⁴⁹⁶

Seguindo, aparentemente, o critério da reposição da “unidade do estilo” no edifício, de acordo com os fundamentos promovidos e praticados pela DGEMN, são demolidos os acrescentos construídos no século XVII e, nesta ocasião, descobertas as fundações da antiga abside semicircular. Incorporados nas paredes agora demolidas, são encontrados também fragmentos da antiga construção, nomeadamente elementos decorativos que, juntamente com outras peças que afortunadamente tinham sido guardadas, permitiram ao arquitecto o desenvolvimento de um projecto que procurou basear-se em dados concretos.⁴⁹⁷ A este respeito Miguel Tomé refere como:

pela-mor substituíra o primitivo”; “rebaixamento geral do pavimento da igreja”; “substituição de toda a armação e cobertura dos telhados”; “picagem total dos rebocos”; “demolição [...] do côro de madeira e respectiva escada”; “reposição, na fachada principal, da primitiva rosácea”; “demolição de três altares de madeira”; “rebaixamento de todo o terreno do adro até ao primitivo nível”; “construção de três altares de cantaria, segundo os modelos da época e respectiva colocação na capela-mor e nos absidiolos”; “construção de uma pequena sacristia, discretamente acostada à fachada meridional em substituição da que foi demolida”; “apeamento do púlpito”; “construção e assentamento de vidraças coloridas”; e “construção e assentamento de portas exteriores”.

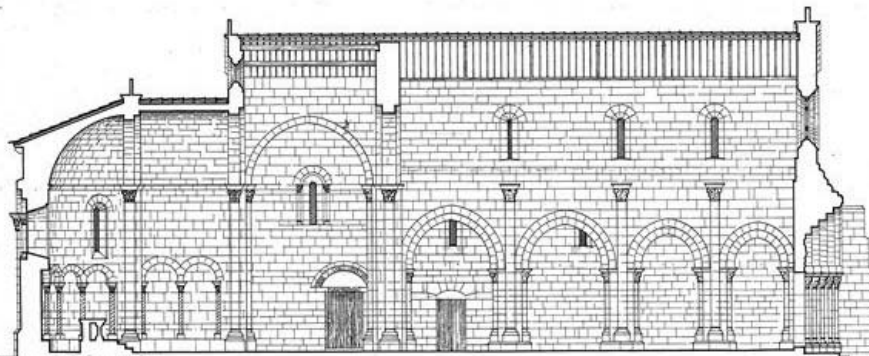
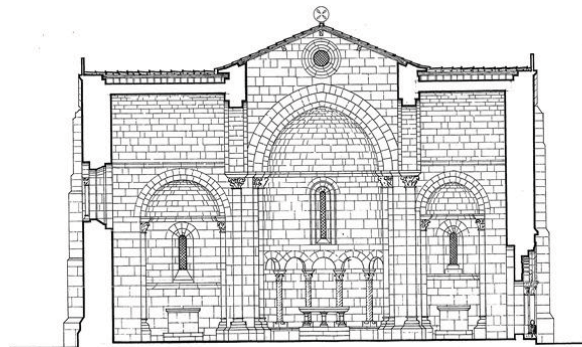
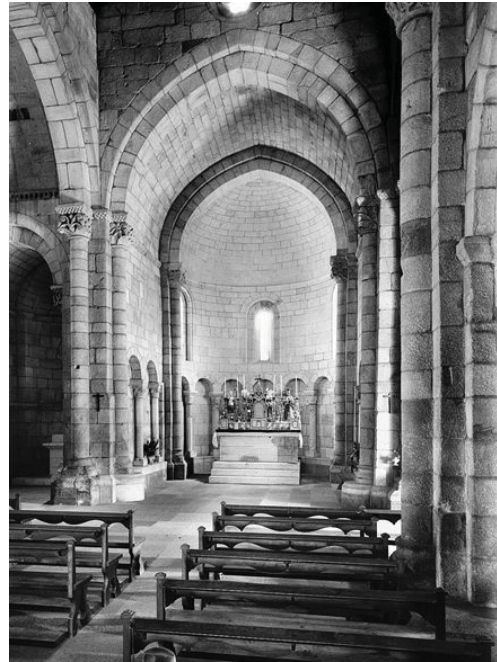
⁴⁹⁶ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “O Românico” in *História da Arte em Portugal*, Volume 3, Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 27.

⁴⁹⁷ “Os trabalhos tiveram início em 1933 com a reconstrução das coberturas e das paredes sul e poente, incluindo a reconstituição das três frestas e da rosácea. Em 1937, Rogério de Azevedo elaborou um novo orçamento em resposta a um pedido de Baltazar de Castro que lhe solicitava o apeamento da torre e da sacristia e a possível reconstrução da

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



A. Cerqueira
Fig. 38 – S. Pedro de Rates – O interior da capela-mor existente antes das obras.



- 3.148. “S. Pedro de Rates. O interior da capela antes das obras”.
- 3.149. S. Pedro de Rates. O interior da igreja depois das obras.
- 3.150. Corte transversal pelo transepto, depois das obras da DGEMN.
- 3.151. Corte longitudinal, depois das obras da DGEMN.

“[...] em Rates foi possível estabelecer a necessária fundamentação do projecto da capela-mor (garantindo a autenticidade da operação) pela grande quantidade de vestígios descobertos, entre os quais os alicerces da parede exterior. A intenção reintegradora resultou, neste exemplo, da capacidade de conciliar a unidade formal com a autenticidade histórica, recriando-se um monumento exemplar.”⁴⁹⁸

Segundo a interpretação de Manuel Real, Rogério de Azevedo tenta, através de um “diálogo directo com as peças encontradas, com a ajuda do desenho, montar uma espécie de puzzle. E, quando lhe faltam peças coloca a sua imaginação ao serviço”⁴⁹⁹. Embora “a atitude fosse honesta”, Manuel Real defende, face a alguns erros de concepção ali encontrados, que há uma certa incapacidade de “investigação”, já que, Rogério de Azevedo teria a possibilidade de ter visitado muitos outros exemplos concretos construídos e bem conservados no nosso país que lhe teriam permitido compreender, na prática, como construíam os mestres pedreiros medievais portugueses. Refere, em contrapartida o autor, que a análise desta intervenção deve ser feita “à luz daquela época”. Embora se procurasse uma reconstituição o mais fiel possível a determinado período histórico, “faltavam bases no conhecimento da história de arte, não havia leituras das diacronias que hoje se fazem e, dessa forma, algumas questões não eram, simplesmente, levantadas”. Conforme acentua o autor, “nesta época, ninguém investigava o românico e não havia, praticamente, estudos sobre o pré-românico [...]”⁵⁰⁰.

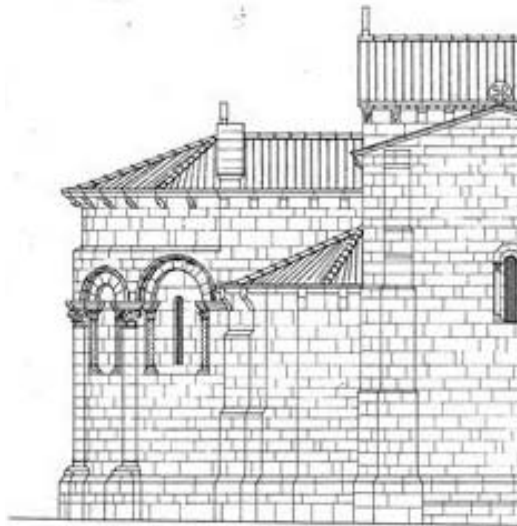
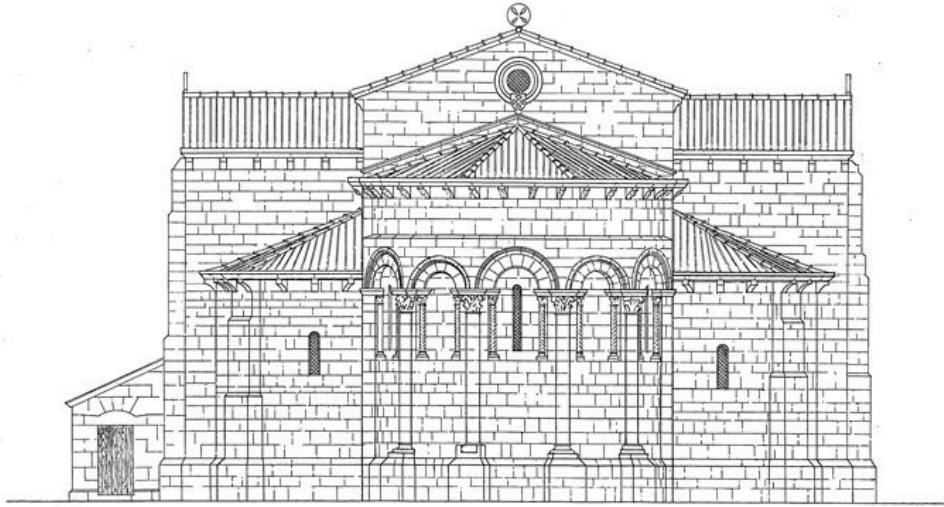
capela-mor. O orçamento previu ainda a consolidação das fundações da parede norte e sul, o restauro de toda a cabeceira (incluindo pavimentos, paredes e abóbadas) e do pórtico principal, a colocação de vitrais e a reconstrução do telhado. Em 1939, foi apeada a abóbada em cruzaria de ogivas existente num tramo da nave colateral sul, incluindo os respectivos colunelos de apoio. [...]” Miguel Tomé. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2002 (nota de rodapé 62), p. 110.

⁴⁹⁸ Miguel Tomé. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 38.

⁴⁹⁹ Manuel Real, em entrevista/conversa realizada no âmbito desta investigação, no dia 13 de Abril de 2015, Foz do Douro, Porto.

⁵⁰⁰ Idem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.152. S. Pedro de Rates. Fachada sul depois das obras.
- 3.153. S. Pedro de Rates. Fachada norte após os trabalhos de restauro (vista parcial do desenho original).
- 3.154. Vista parcial da capela-mor.

A intervenção realizada consistiu na “reconstituição do imóvel, então bastante arruinado, preenchendo as suas lacunas a partir dos alicerces ou de pormenores arquitectónicos subsistentes e libertando-a de todos os elementos considerados não conformes ao seu estilo original”⁵⁰¹. A capela-mor foi, em consequência, reposta a partir das antigas fundações encontradas aquando das demolições.

“A reconstituição foi bem imaginada, na generalidade. Apenas falha nalguns pormenores. O que julgamos mais discutível, se não mesmo reprovável, foi a transferência abusiva de algumas pedras colocadas originalmente fora da abside, apenas com o objectivo de «alindar» o novo conjunto nas partes em que faltavam elementos ornamentais. Referimo-nos à mudança dos modilhões dos absidiolos para o alto da capela-mor [...]”⁵⁰²

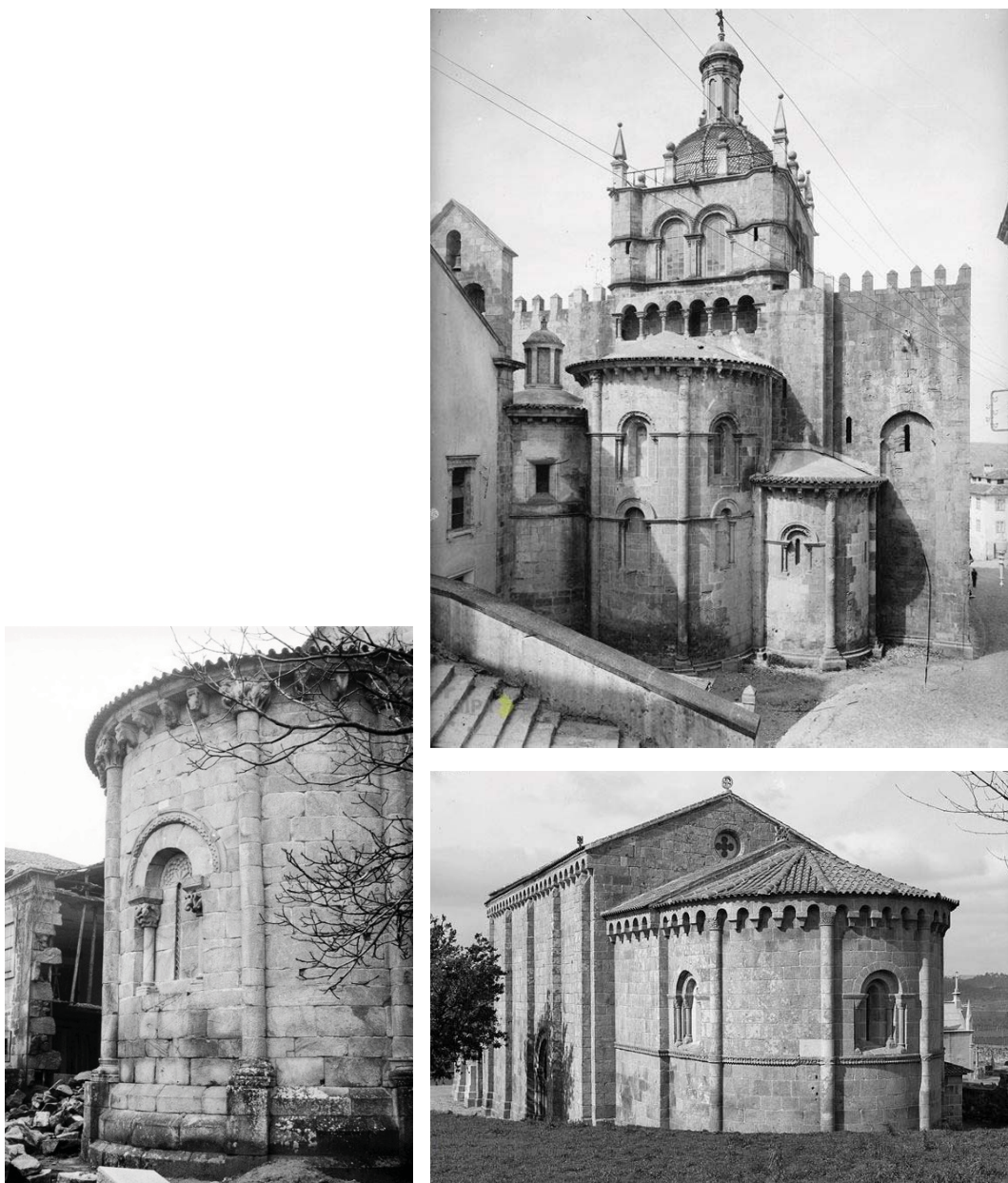
Rogério de Azevedo encontra as paredes da parte recta da abside e os alicerces da respectiva parte curva. É sobre aquelas paredes que repõe a abóbada em arco quebrado, demolindo, para isso, a anterior abóbada de arco abatido [●3|148 e 3|149]. Esta abóbada de arco abatido remonta, segundo M. Real, à reforma beneditina e não a uma época posterior como nos pareceria normal supor. Rematando esta zona da capela e fazendo a transição com a parte curva é reposto, julgamos nós, o pórtico com arco quebrado que as separa. Interiormente, num nível inferior, uma arcaria cega que existia na zona recta prolonga-se pela parte curva e, num segundo nível, são abertas três frestas que, segundo Manuel Real, deveriam ser mais estreitas, “deviam ser mais sóbrias”⁵⁰³. A capela-mor é agora coberta com uma abóbada em quarto de esfera, pelo interior, e, além do emprego de alguns elementos decorativos que não lhe pertenceriam, não parece revelar outras questões ou incongruências

⁵⁰¹ In SIPA, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém. “Intervenção realizada”. <http://www.monumentos.pt> (05/05/15).

⁵⁰² Manuel Luís Real. *O Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações Beneditinas do séc. XII*. Póvoa de Varzim: Separata do boletim cultural Póvoa de Varzim, Vol. XXI, n.º 1, 1982, p. 32.

⁵⁰³ Manuel Real, em entrevista/conversa realizada no âmbito desta investigação, no dia 13 de Abril de 2015, Foz do Douro, Porto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Exemplos em Portugal

- 3.155. Sé Velha de Coimbra
- 3.156. Igreja de Longos Vales
- 3.157. Igreja de São Pedro de Ferreira

por parte do projectista. Pelo contrário, a análise da abside, pelo exterior, suscita questões que são de complexa interpretação [●3|152 a ●3|154]. Uma arcada com cinco tramos é desenhada enquadrando as três frestas que iluminam o interior da capela-mor. Os arcos fazem a sua descarga em cinco colunas-botaréu, cujas bases, junto ao solo, se ligam num embasamento que contorna o edifício. Sublinha-se que a referida arcada e respectivas colunas se desenvolvem a partir de um plano de parede saliente em relação ao plano onde se abrem as frestas. Este plano não se prolonga até à cornija, como aparentemente seria mais lógico acontecer, criando-se, estranhamente, um ressalto que não se encontra justificado nos vários estudos e textos que sobre esta igreja foram publicados e, tampouco, se encontra em outros exemplos de arquitecturas desta época [●3|154].

Manuel Real não hesita ao afirmar que se tratou de um erro, “um erro de concepção”. Segundo o próprio, “os capitéis das colunas-botaréu não deviam ficar à altura em que se encontram, mas antes, ficar junto da cornija”. A arcada que referimos, segundo o mesmo autor, não existiria, “haveria apenas arcos em volta das frestas. Um friso atravessaria as colunas, ligando as janelas entre si”.

“As frestas deviam estar a meia altura e, o capitel devia estar na parte superior. [...] E, ele aqui faz um dente, não sei se ele encontrou alguma pista para isto mas não me parece possível [...]. Analisando sistematicamente todas as cabeceiras que têm colunas à volta, posso-lhe citar, S. Pedro de Ferreira, Longos Vales, Sé de Coimbra, Travanca, Paço de Sousa, Pombeiro... todas têm os capitéis junto à cornija, não há nenhuma assim, portanto esta tem outra história [...]”⁵⁰⁴ [●3|155 a ●3|157]

Segundo aquele investigador, Rogério de Azevedo “lidou mais directamente com as peças do que propriamente com o modelo, porque o modelo encontrava-se facilmente em qualquer igreja (portuguesa) com colunas-botaréu, já que todas têm essa solução”. Apesar da falta de investigação já mencionada,

⁵⁰⁴ Manuel Real, em entrevista/conversa realizada no âmbito desta investigação, no dia 13 de Abril de 2015, Foz do Douro, Porto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Exemplos em Espanha e França

- 3.158. Igreja de Santa Maria la Nueva de Zamora, Espanha.
- 3.159. L'église Saint-Pardoux de Barret, Cognac, França.
- 3.160. Cathédrale Notre-Dame-et-Saint-Véran de Cavillon, França.

Manuel Real refere, também, que tem “muita consideração por este trabalho, que significou um esforço muito interessante, mas que, simplesmente, não resolve tudo, mistura coisas, colocando, por vezes, a imaginação ao serviço [...]”⁵⁰⁵.

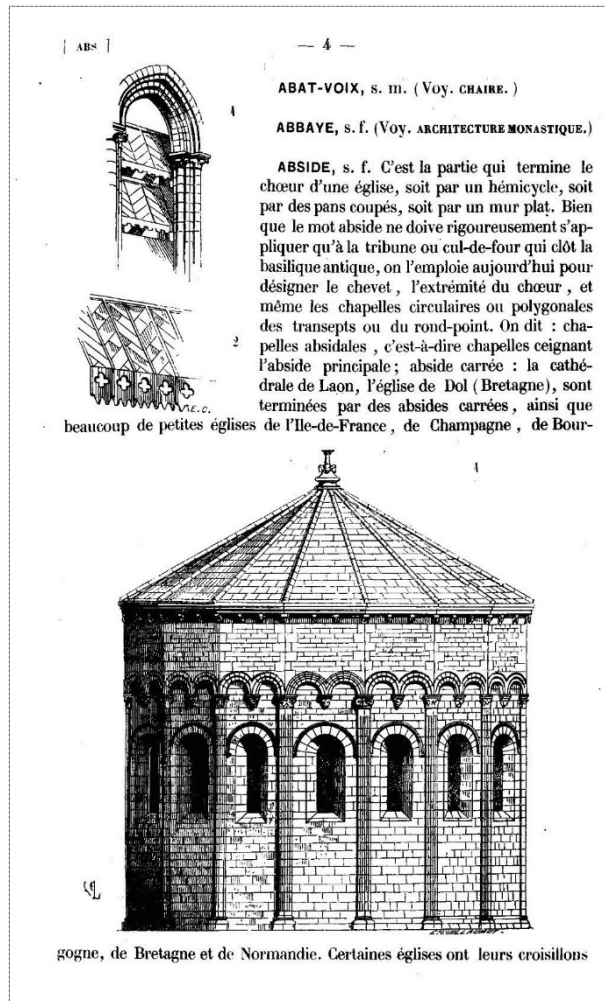
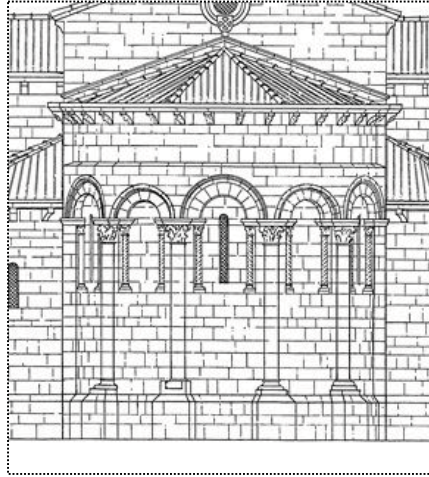
Julgamos que Rogério de Azevedo conheceria, ao contrário daquilo que refere o historiador citado, os exemplos referidos de igrejas românicas no nosso país, já que ele próprio dirigia a Secção Norte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Parece-nos válido afirmar que o autor poderá ter, por opção própria, procurado referências de outras origens com o intuito, talvez, de proporcionar ao exterior desta capela uma imagem erudita. Assim, colocamos como hipótese o projectista ter procurado a solução noutros exemplos. Sabemos que Rogério de Azevedo possuía na sua biblioteca pessoal um exemplar do *Dictionnaire raisonné de l'architecture française: du XIe au XVIe* de Viollet-le-Duc⁵⁰⁶ e, também, que terá viajado por França para visitar os castelos da zona do Loire tendo, por isso, possivelmente visitado alguns exemplos de modelos do românico francês [●3|158 a ●3|160]. Na página do referido dicionário, com a entrada “abside”, encontramos, curiosamente, um desenho com uma estrutura de arcos semelhante àquela que Rogério de Azevedo projecta para a face exterior da abside de S. Pedro de Rates [●3|161 e ●3|162]. Pensamos, assim, que o arquitecto, possa ter procurado, através dos seus livros, outros modelos a seguir que não os nacionais. Aliás, encontrámo-los, também, em algumas igrejas edificadas em França. O facto

⁵⁰⁵ Idem.

⁵⁰⁶ O exemplar deste livro de Viollet-le-Duc que pertenceu a Rogério de Azevedo encontra-se no arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva, espólio de Fernando Távora onde encontramos a seguinte nota manuscrita pelo próprio: “Pertenceram ao Arquitecto Rogério de Azevedo, querido mestre. Foi por mim comprado ao livreiro Manuel Ferreira do Porto, em Março de 1984, por esc. 35.000\$00. Comprei na mesma data, outras obras de arquitectura e da mesma origem. Alguns volumes têm marcas de papéis que deverão ser mantidos porque, naturalmente, se referem a leituras. No volume 5 há uma marca que tem escrito «escada»; creio que se referirá ao problema da escada do Paço dos Duques de Guimarães do qual tanto Rogério de Azevedo tanto falava. F. Távora, 27.03.84”.

Viollet-le-Duc. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française: du XIe au XVIe*. Paris: V. A. Morei & Cie éditeurs. 1875.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
 3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.161. São Pedro de Rates. Vista parcial do desenho do alçado da capela-mor
- 3.162. Página do *Dictionnaire raisonné de l'architecture française: du XI^e au XVI^e* de Viollet Le Duc

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

de durante a segunda reforma românica do templo ter sido construída uma abóbada de ogivas sobre um tramo da nave lateral direita, “uma das primeiras experiências de abóbadas de ogivas em Portugal [...] idêntica às do deambulatório da Igreja de Morienvall (Ilha de França)”⁵⁰⁷ (mais tarde demolida por não parecer adequar-se ao românico), dá-nos, também, indícios da existência de outros elementos com um referencial comum ao do exterior da abside.

Assim, não por ausência de informação, mas por afirmação de erudição, julgamos que Rogério de Azevedo poderá ter optado por uma solução diversa daquela que pode encontrar-se, generalizadamente, nas igrejas românicas portuguesas. Colocamos, também, a hipótese do autor se ter baseado em peças arqueológicas encontradas, de um românico tardio, que poderão ter-lhe dado indícios para esta solução. Parece-nos possível, igualmente, imaginar a construção da parede das arcadas assentes em esbeltas colunas, como sendo um elemento ornamental apenso, placagem deliberadamente artificial que ajudaria (obviamente soltando-se da cornija) a acentuar a sensação de leveza daquele volume, como referência a um gótico emergente, já experimentado anteriormente no interior da igreja.

Em qualquer dos casos, interessa-nos sublinhar que Rogério de Azevedo terá procurado analisar cuidadosamente a questão, tratando-a claramente como um tema de projecto de arquitectura. Assim, tal como em qualquer outra situação, se terão colocado diversas soluções para, com algum fundamento, se procurar a melhor opção. O arquitecto terá preterido as referências da arquitectura portuguesa e escolhido uma solução de diferente cariz, que não parece poder justificar-se por razões de ordem estilística provenientes da história da arquitectura, mas por sustentarem soluções mais expressivas esteticamente.

⁵⁰⁷ Mário Tavares Chicó. *A Arquitectura Gótica em Portugal*. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p. 11.

3.5.2 “A Architectura no Plano Social”, 1936

Apenas dois anos separam o início do projecto de restauro para a Igreja de S. Pedro de Rates e a data da publicação, por Rogério de Azevedo, de um dos seus mais relevantes textos sobre arquitectura – “A arquitectura no Plano Social”. O texto parece clarificar e confirmar algumas das posições práticas daquele autor, nomeadamente naquilo que diz respeito à obra em S. Pedro de Rates. O texto, refere o próprio autor, deveria antes intitular-se “«a Architectura na educação dos povos», pois traduziria melhor o [seu] pensamento [...] e estaria mais dentro da época em que vivemos”⁵⁰⁸, já que, como refere mais à frente, “é sempre de interesse colectivo o que hoje se ergue; interesse insofismável, e por isso evidente, é que o que se fizer se faça bem, para educar o gosto em vez de o perverter”⁵⁰⁹ confirmando-se, assim, a sua própria convicção sobre as suas obras construídas.

O texto revela as preocupações do autor sobre diversos temas que apontaremos de forma sumária. Primeiramente, são anotadas as diferenças entre “Arquitectura Monumental e Arquitectura doméstica” referindo-se que a segunda, “apesar de merecer em geral pouco interesse”, é a que “aquilata o grau de civilização de um povo”. O autor chama a atenção, também, para o problema, que se vem agravando, do excesso de população nos grandes centros urbanos, provocando o seu “desequilíbrio” e salienta, neste âmbito, a questão do “direito da habitação” das populações. Refere que “urbanizar o centro sem atender à periferia” pode gerar graves desequilíbrios nas cidades e revela a sua preocupação sobre os difíceis problemas de higiene com que estas se debatem. Rogério de Azevedo, mais à frente nesta comunicação, relativamente ao tema “a casa e o urbanismo”, refere-se a Le Corbusier e a Pierre Jeanneret citando *Analyse des éléments fondamentaux du problème de la Maison Minime* revelando, assim, um conhecimento alargado e actualizado

⁵⁰⁸ Rogério de Azevedo. *A arquitectura no plano social*, Conferência realizada no Club Fenianos Portuenses, em 18 de Maio de 1934, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Porto: Imprensa Social, 1936, p. 3.

⁵⁰⁹ Idem, p. 4.

sobre as questões que debate. Perante os problemas que envolvem a habitação, são colocadas questões que, como a economia de meios, por vezes se sobrepõem, erradamente, à importância da figura do arquitecto (muitas vezes desvalorizado) e do desenho em todas as fases da sua concretização, citando, nesse sentido, Esselborn e o seu *Tratado Geral das Construções* (1928-29):

“Não pode haver nenhum edifício, por mais insignificante que seja, que se não torne digno do estudo artístico, e aqui se compreende o extenso campo de trabalho do Arquitecto.”⁵¹⁰

O texto de Rogério de Azevedo prossegue esclarecendo conceitos que nos levaram a estabelecer relações com a sua intervenção em S. Pedro de Rates e a encontrar, finalmente, a convergência que procurávamos entre aquilo que escreve e a sua prática arquitectónica, nomeadamente:

“A tradição não nasceu nos solares do tempo do senhor D. João V para vir até agora mascarada de espadinha, saltos à Luiz XV e cabeleira empoadada, a encher de rapé os bofes de renda dispostos em almofadas por debaixo do mento. O estilo é a Maratona das nações e dos séculos; os que chegarem primeiro descansam e olham para trás; tem-se feito assim em tôdas as épocas e em tôdas elas houve estilos.

Dum objectivo e da matéria nasceu êle traduzido em inspiração mais ou menos cristalina, e vai indo através dos tempos marcando em cada época o apogeu das nacionalidades.

«É, porém, o estilo um resultado», e como tal se dilata pelo mundo; transforma-se e transforma-o, integrando-se e desintegrando-se, dando ao orbe o aspecto plástico pelo qual se deduzirá a sua história. Mas para que não haja nela lapsos desnorteantes, faz-se mister que a imitação obscura do passado, isto é, a cristalização da forma, não prolongue as épocas falseando-as, subtraindo à tradição o património da inteligência. Nenhum estilo é de geração espontânea, nem nasce em toda a parte ao mesmo tempo; temos o românico e o românico não é nosso; temos o gótico e o gótico não é nosso; temos o renascença e o renascença não é nosso; temos enfim todos os derivados até ao Luiz XV e ainda êste não é nosso.

⁵¹⁰ Carlos Esselborn. *Tratado general de Construcción*. Barcelona: Gustavo Gili, 1928-1929. Citado por Rogério de Azevedo in Idem, p. 13.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Pois a-pesar-de não termos propriamente um estilo fundado, criado por nós, qualquer dos estilos importados, ao chegar ao nosso contacto, criou pelo envelhecimento qualquer coisa de imponderável que o adoptou e o transformou.”⁵¹¹

E imaginamos que terá sido este o tipo de pensamento de Rogério de Azevedo ao desenhar a abside de S. Pedro de Rates onde, sem lhe atribuir uma classificação em qualquer estilo arquitectónico, “criou”, como diz ele próprio, “pelo envelhecimento, qualquer coisa de imponderável que o adoptou e o transformou”.

Recordamos também, o comentário de Paulo Pereira transcrito no primeiro capítulo deste trabalho, em relação a outro restauro realizado por Rogério de Azevedo, onde dizia:

“O Paço Ducal de Guimarães [e, talvez pudéssemos substituir por, A Abside de S. Pedro de Rates] poderá ser interpretado de duas maneiras algo paradoxais: como um dos derradeiros avatares da metodologia de Viollet-le-Duc; ou como um monumento moderno, pois a sua conclusão situa-se já em pleno período de expansão e afirmação das linguagens do modernismo, tendo-lhe sido permeável.”⁵¹²

E como conclui Miguel Tomé sem se referir especificamente a esta obra em concreto:

“Dois dos protagonistas da acção de restauro na década (de trinta), Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo, demonstraram como a mais radical produção da arquitectura nova e a recuperação de monumentos se inserem numa mesma linha projectual e metodológica: a apropriação das qualidades formais dos sistemas linguísticos e a procura da coerência e unidade estilística dos objectos arquitectónicos, seja o moderno em edifícios novos ou o românico e o gótico nos monumentos. Constrói-se um passado

⁵¹¹ Rogério de Azevedo. *A Arquitectura no Plano Social*, Conferência realizada no Club Fenianos Portuenses, em 18 de Maio de 1934, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Porto: Imprensa Social, 1936.

⁵¹² Paulo Pereira. “(Re)trabalhar o Passado, Intervenção no Património Edificado”, in *Portugal: arquitectura do século XX*. (Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang – org.) München: Prestel, 1997, p. 100.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

sem diacronia, pontuado por modelos abstractos ideais e partindo dos valores da arquitectura que são recuperáveis.”⁵¹³

⁵¹³ Miguel Tomé. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.^a ed. Porto: FAUP Publicações, 2002, p. 243.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.163. Pousada de Santo António. Serém (Vale do Vouga).
- 3.164. Pousada de São Lourenço. Serra da Estrela.
- 3.165. Pousada de São Gonçalo. Serra do Marão.
- 3.166. Capa da publicação "Pousadas do S.N.I." Edições S.N.I. s.d.

3.6 A relação com a paisagem natural

3.6.1 *Pousada de S. Gonçalo, Marão, 1942*

No programa traçado por Salazar, em 1938, para as comemorações dos Centenários, de entre diversas acções a concretizar, naquilo que diz respeito às obras públicas e, particularmente, ao turismo, é apontado o propósito do “estabelecimento de certo número de Pousadas em recantos provincianos, onde a iniciativa privada não cuidou até hoje das necessidades de quem viaja ou passeia”⁵¹⁴.

Rogério de Azevedo recebe, ainda em 1938, a encomenda da DGMN, Direcção Geral dos Monumentos Nacionais⁵¹⁵, do projecto de três pousadas, aquelas que iriam ser construídas a norte⁵¹⁶ e que, assim como as “escolas especiais”, serviriam como base experimental na procura de um modelo para este tipo de edificações, a concretizar futuramente. É com manifesto orgulho que, mais tarde, António Ferro referiria isso mesmo quando, em 1943, diria num seu discurso:

“Ora as nossas Pousadas, [...], foram construídas e arrançadas com o intuito principal de servir de modelo a esta nova orientação da indústria hoteleira em Portugal, maquetas animadas, espalhadas pelo país onde se tornará fácil colher ensinamentos, aprender e desenvolver certas ideias.”⁵¹⁷

⁵¹⁴ “Independência de Portugal. Nota oficiosa da presidência do conselho”. In *Revista dos Centenários*. Portugal. Comissão Nacional dos Centenários, ed. com. Ano I, 31 de Janeiro de 1939, p. 4.

⁵¹⁵ Salientamos que Baltazar de Castro exercia desde 1936, em Lisboa, o cargo de Director da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

⁵¹⁶ Jacobetty Rosa desenvolverá o projecto de três pousadas a sul – São Brás, em São Brás de Alportel; Santiago, em Santiago do Cacém; e Santa Luzia, em Elvas. Veloso Reis Camelo fará o projecto, na zona centro do país, da Pousada de São Martinho, em S. Martinho do Porto.

⁵¹⁷ António Ferro. In “Discurso do Director do Secretariado da Propaganda Nacional. Em 27 de Março de 1943, na sede do SPN”. Catálogo *Pousadas do S.N.I.*, Lisboa: Edições SNI, 1948.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

A localização das pousadas, pensada no seu conjunto “como uma estratégia de intervenção no território”⁵¹⁸, permitiu constituir no nosso país, a partir deste tipo de estabelecimentos, uma rede coerente e racional.

Raul Lino, na sequência da função que exercia como Arquitecto Chefe da Repartição de Estudos e Obras de Monumentos, na DGEMN, emitirá um parecer, em Outubro de 1938, sobre os ante-projectos de Rogério de Azevedo e de outras quatro pousadas entregues naquela ocasião.

Referindo-se a todos como sendo “interessantes projectos”, “testemunhos do talento seguro e do bom critério artístico dos seus autores”,⁵¹⁹ onde “os exteriores foram resolvidos com mestria”⁵²⁰, afirma que, relativamente às pousadas projectadas por Rogério de Azevedo, naquilo que diz respeito às localizações escolhidas, embora duvidando da sua rentabilidade económica pelo seu extremo isolamento e afastamento de cidades “importantes”, que “representam pontos soberbos quanto à beleza da paisagem”⁵²¹. Rogério de Azevedo justificará, na memória do projecto entregue para a Pousada de São Gonçalo, no Marão, que a localização “obedeceu a duas causas: a primeira seria a do panorama que (daquele) ponto se goza” e a segunda seria o facto de se tratar de um local “a meia distância entre Amarante e Vila Real” [●3|160]. A estes factos acrescenta a vantagem de “ficar junto da parte norte da serra, que, no Inverno, costuma cobrir-se de neve, o que daria mais possibilidades a que o viandante parasse para fazer a sua refeição”⁵²².

⁵¹⁸ Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, p. 164.

⁵¹⁹ Raul Lino, “Ante-projecto de Pousadas para as regiões de Alcobaça, Arrábida, S. Braz de Alportel, Elvas, Serra da Estrêla e do Marão, e Vale do Vouga. Parecer”. Lisboa, 22 de Outubro de 1938. Pousadas. Processo Geral – IHRU, SIPA, p. 10. In Jorge Cunha Pimentel, *idem*, p. 448.

⁵²⁰ *Idem*, p. 447.

⁵²¹ *Idem*, p. 450.

E, acrescenta: “[...] considerando, por outro lado, o estado geral de atraso dos nossos estabelecimentos de hospedagem, somos tentados a pensar se por enquanto o género destes estabelecimentos isolados no meio das serras não deveria antes ser o de uma espécie de pavilhões muito resumidos e rústicos [...]”, in *idem*, p. 451.

⁵²² Rogério de Azevedo, citado por Jorge Cunha Pimentel. *Idem*, p. 173.

Raul Lino refere, quanto à Pousada na Serra da Estrela, que:

“[O] ante-projecto está bem concebido; - disposição compacta, aproveitando habilmente toda a capacidade de construção e em que as abas do telhado descem em ar protector dando à Pousada uma expressão forte de agasalho.

O estilo é rustico, como convém; agradável e bem proporcionado o conjunto das divisões onde os hóspedes permanecem durante o dia”⁵²³. [●3|164]

Quanto à Pousada na Serra do Marão e Vale do Vouga [●3|163] “há as mesmas observações de ordem genérica a fazer” e “os mesmos elogios”, mas, no Marão, embora esteja “bem justificada a expressão adoptada para os aspectos exteriores”, Raul Lino alerta para o facto de se “dever precaver contra as complicações que podem advir da construção com paredes encurvadas em planta”⁵²⁴.

As opiniões de Lino sobre estas Pousadas remetem-nos para a noção de paisagem por ele defendida, quando ainda se fazia, como ele próprio refere, uma “apreciação sentimental da natureza” que hoje, com “o novo estilo de vida”⁵²⁵ se perdeu. E, acrescenta a esse propósito:

“A verdade é que a disposição, a mentalidade e o aspecto dos que agora percorrem a paisagem já em nada se parecem aos das gerações anteriores. Quando se começou a falar em turismo, o frequentador das paisagens mais célebres revestia-se de pachorra e de um bom (fato) completo de Príncipe de Gales, com ‘plus fours’ e boné à inglesa, levando binóculo a tiracolo. Onde isso já vai! Entretanto os Baedekers, os magníficos Baedekers, tornaram-se completamente inúteis porque não há tempo nem interesse para ler ou ver seja o que for. O turista hoje vai absorvido pela quilometragem, numa inquietação delirante, e se algum há que

⁵²³ Raul Lino, “Ante-projecto de Pousadas para as regiões de Alcobaça, Arrábida, S. Braz de Alportel, Elvas, Serra da Estrêla e do Marão, e Vale do Vouga. Parecer”. Lisboa, 22 de Outubro de 1938. Pousadas. Processo Geral – IHRU, SIPA, p. 8. In Jorge Cunha Pimentel, *idem*, p. 455.

⁵²⁴ *Idem*, p. 455 e 456.

⁵²⁵ Raul Lino. *Arquitectura, paisagem e a vida*. Lisboa: Sociedade de Geografia, 1957, p. 26.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

leve qualquer coisa a tiracolo, pode acontecer que seja apenas um contador de Geiger.

[...] A paisagem deixou de ser um estado de alma, porque a alma ficou em casa, a dormir...”⁵²⁶

Na sequência do parecer de Raul Lino, Duarte Pacheco, num despacho sobre os referidos ante-projectos, dirá que estes “devem ser elaborados em harmonia com as directivas dadas pelo Exm.º Director Geral”, e que “devem ser tomados como base os ante-projectos apresentados pelo Snr. Architecto Rogério d’Azevedo que correspondem, de um modo geral, ao programa e orientação definidos pelo Governo”⁵²⁷.

No final do ano de 1939 a pasta do Turismo transita para a tutela do SPN, Secretariado da Propaganda Nacional, passando mais tarde, em 1945, a designar-se como SNI, Secretariado Nacional da Informação [●3|166]. A este organismo, chefiado por António Ferro, competiria, aquando da conclusão da construção das Pousadas (pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, sob orientação pessoal de Duarte Pacheco através da DGEMN), a respectiva exploração, inspecção e adjudicação a concessionários privados.⁵²⁸

Em Julho de 1942, num artigo publicado na revista *A Arquitectura Portuguesa*, dizia-se:

“O turismo começa a nascer em Portugal nas belas realizações que o SPN tem perseverantemente levado a cabo nestes últimos anos.

Entre as mais louváveis conta-se a da criação de Pousadas de Turismo que se espalham por todo o País enquadradas na paisagem própria de cada região, nos seus usos e nos seus costumes.

[...] Actualmente esboçam-se ainda actitudes mas, em breve, com a continuação desta meritória e perseverante propaganda

⁵²⁶ Idem, p. 25-26.

⁵²⁷ Duarte Pacheco, em “Despacho de 8 de Novembro de 1938, sobre os ante-projectos das Pousadas a construir”. IHRU: SIPA. Pousadas. Processo Geral. Ciatdo por, Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, p. 171.

⁵²⁸ De acordo com informação retirada de Jorge Cunha Pimentel. Idem, p. 178.

tudo se modificará – e teremos então um Portugal país de Turismo, um Portugal lavado e acolhedor, um Portugal tão simples e sincero que possa causar a quem o visite aquela mesma sã impressão que levou o meu amigo Jacinto a trocar o 202 pela rudeza nua do seu solar de Tormes.”⁵²⁹

As Pousadas que integram o “Programa de Desenvolvimento do Turismo em Portugal”, na lógica do pensamento de António Ferro⁵³⁰, muito marcado ideologicamente pela apologia da vida simples do mundo rural e da sua pretendida autenticidade, terão, assim, como objectivo a promoção de mecanismos de contemplação e usufruto daquele mundo “natural” ou da sua “intocada” paisagem envolvente.

“Se o hóspede ao entrar numa destas Pousadas tiver a impressão de que não entrou num estabelecimento hoteleiro onde passará a ser conhecido pelo número do seu quarto, mas na sua própria casa de campo onde o aguardam os criados da sua lavoura, teremos obtido o que desejávamos. Foi esse o motivo que nos levou a cuidar dos pormenores desta Pousada como se nós próprios a fôssemos habitar. Tivemos, por exemplo, o cuidado de aquecer, de vestir as suas paredes com mantas, velhas gravuras, objectos regionais, bonecos de barro para que os seus hóspedes, ainda que sozinhos, se encontrem sempre acompanhados por certas coisas simples que os situem constantemente na região aonde se encontram e não lhes quebre a continuidade entre o interior e o exterior, entre a casa e o campo. Foi esse mesmo critério que nos levou a substituir os clássicos criados ou malcriados (de «smokings» lustrosos nas bandas e no resto) por desenxovalhadas raparigas que lembram, na alegria e simplicidade dos seus trajes regionais, a própria paisagem que se enquadra nas janelas.”⁵³¹ [●3|167].

⁵²⁹ *A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação (reunidas)*. Número 88. Julho de 1942, p. 7.

⁵³⁰ António Ferro foi director do Secretariado de Propaganda Nacional (1933/1945) e do Secretariado Nacional de Informação (1945/50).

⁵³¹ António Ferro, “discurso do Director do Secretariado da Propaganda Nacional, em 27 de Março de 1943, na sede do SPN”, in *Catálogo Pousadas do S.N.I.*, Lisboa: Edições SNI, 1948, s/p.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.167. Página da publicação “Portugal 1940”. 1940.
“Pousadas e postos fronteiriços de recepção, são sintomas de uma nova política de turismo. O Secretariado da Propaganda Nacional ao tomar conta deste importante sector da economia nacional, instalou, em moldes modernos, a nossa indústria turística”.

Como referimos, são a paisagem ou as paisagens o tema central destas arquitecturas: a paisagem humana, a gastronómica, a da construção dos espaços e da sua decoração, situadas num sistema em que se colocam como sub-paisagens da grande paisagem do território, seja a da beleza rude da montanha, no Marão ou na Estrela, seja a da beleza dos prados humanizados do Vale do Vouga.

“As Pousadas querem ser os romances inocentes, suaves da paisagem portuguesa... a Pousada de S. Gonçalo no Marão que nasceu ali, não por obra dos homens, mas porque sim, esfregada a lâmpada de Aladino numa hora de fadiga ao subir da montanha ... A Pousada de Santo António, no Serém, acode à chamada, confortável camarote diante do Vale do Vouga e do seu rio, exposição natural de uma região que se deixa entrever e desejar ... E finalmente, esta, a última do Plano dos Centenários, a que inauguramos hoje, a de S. Lourenço, a mais perto do Céu, Pousada da neve, a Pousada-bandeira.”⁵³²

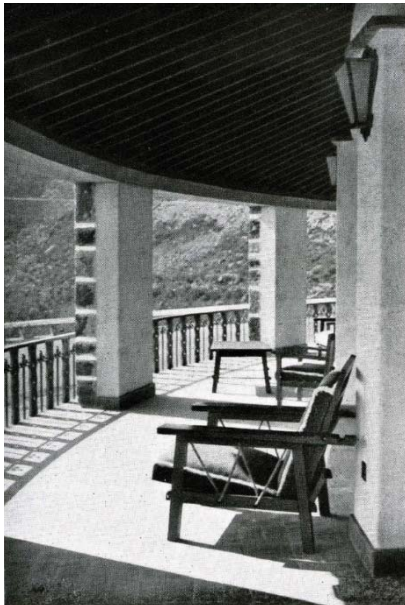
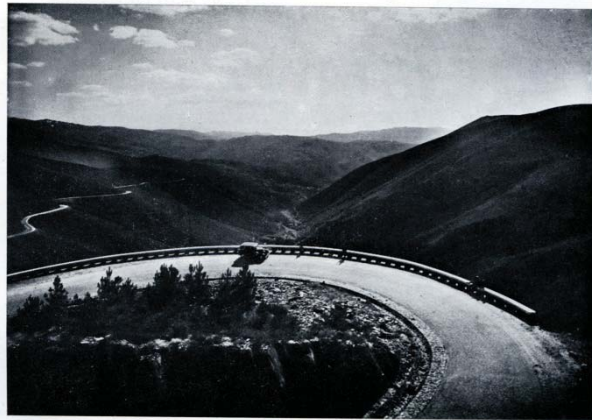
Estas obras, hoje bastante descaracterizadas pelos diversos acrescentos e remodelações a que foram sujeitas, aproximam-se e satisfazem a vertente regionalista que o cliente e o próprio programa impunham. Como diria Ferro, a ideia era “promover a construção dum pequeno hotel desprezioso, arquitectado e decorado ao gosto da região, modesto mas acolhedor”. A resposta de Rogério de Azevedo ao programa, e pondo de lado, um pouco forçadamente, os aspectos de natureza mais ideológica, é a de uma arquitectura como mecanismo de observação e contemplação, tentando uma integração cuidada no terreno, adaptando-se organicamente à sua morfologia, procurando uma implantação e uma forma que, com ele, se relacione com naturalidade, sem ferir a sua integridade.

“Os materiais são os que há à mão. E assim as casas são de pedra escura animada pela garradice da cal que sobre ela tece uma renda fina.

Franqueada a porta estreita e que nos faz abaixar a cabeça, está-se no interior de casa de onde se avistam pelos postigos e

⁵³² Idem, *ibidem*.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Marão

- 3.168. Vista sobre a serra do Marão
- 3.169. Vista sobre a serra do Marão
- 3.170. Pousada de São Gonçalo na serra do Marão. Varanda.
- 3.171. Pousada de São Gonçalo na serra do Marão.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

janelas ou da larga varanda, os contrafortes das serranias circundantes.

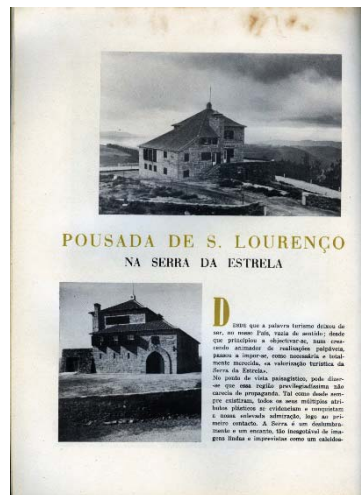
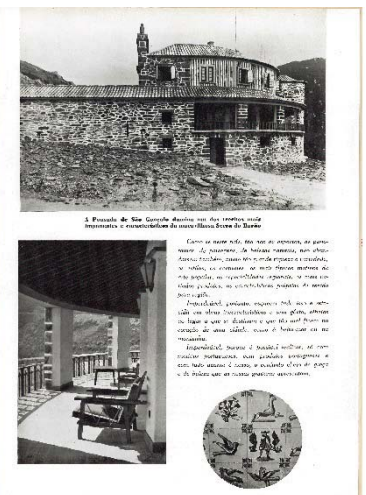
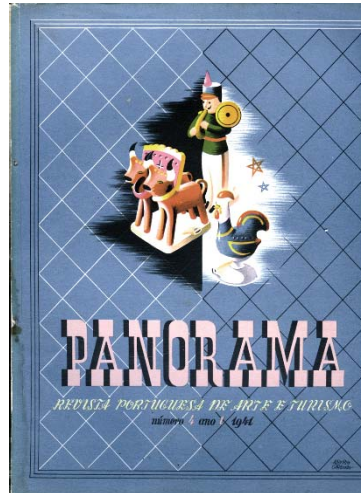
Tal é a casa do habitante do Marão – tal é a Pousada que lá se está construindo.

¿Quem negará que é êste o mais belo sinal, a mais prometedora das certezas de que Portugal será um país de turismo?”⁵³³

A utilização de materiais disponíveis na zona e um cuidadoso tratamento da escala e da volumetria, sem apagar completamente a sua presença, transforma estes edifícios num valor que se acrescenta à paisagem preexistente, respeitando, em absoluto, o seu carácter. Não sendo miméticos, interpretam-na, afirmando-se como uma subtil qualificação, sem estabelecer ou propor nenhuma ruptura. Fazendo, assim, parte de uma paisagem enriquecida, a obra é um lugar concebido para o seu pleno usufruto, numa contemplação mediada pelos enquadramentos propostos pelo desenho dos vãos ou das galerias que prolongam para o exterior o seu espaço interno. A paisagem é utilizada como uma pintura encaixilhada e é, em certo sentido, tratada através dos condicionamentos arquitectónicos que a limitam ou, noutros casos, a abrem, permitindo uma maior abrangência do olhar. Estes condicionamentos são formas de artificialização que nos defendem da violência do confronto directo com a natureza e garantem o nosso bem-estar. Os espaços de transição, grandes varandas ou alpendres, são trabalhados como elementos de articulação entre um interior íntimo e acolhedor (muitas vezes centralizado pela presença de lareiras) e um exterior de clima por vezes agreste [•3|168 a •3|171]. Apesar disto, são propostos aos utentes alguns passeios que os retiram desta paz, num contacto mais directo com o mundo natural e a sua beleza agressiva, transformando o regresso à pousada e ao conforto do seu espaço interior num prazer redobrado.

⁵³³ S/ autor. “A Pousada do Marão”, in *A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação (reunidas)*. Número 88. Julho de 1942, p. 8.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo

- 3.172. Capa da revista Panorama, nº4. Ano 1. 1941.
- 3.173. Panorama, nº11, ano 2º. 1942. "Pousada de S. Gonçalo no Marão".
- 3.174. e ● 3.175. Panorama, nº11, ano 2º. 1942. "Pousada de S. Gonçalo no Marão".
- 3.176 e ● 3.177. Panorama, nº?, ano ?. 194?. "Pousada de S. Lourenço na Serra da Estrela".

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Na revista *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, edição mensal do Secretariado da Propaganda Nacional⁵³⁴, dirigida na época por António Ferro, utilizada como meio de propaganda às iniciativas daquele organismo do Estado, nomeadamente as Pousadas, explicava-se, num primeiro número, em 1941, que:

“É essa a principal finalidade de **PANORAMA**: ser um lugar onde possa evocar-se o que há de mais vivo e característico no País, e lhe imprime, por isso, fisionomia própria, expressão diferenciada.

Daí, o interesse que nos merecem, a par do pitoresco da nossa **paisagem** (rural e urbana, continental e ultramarina); a par das **produções de arte** (cultura e popular), onde perdura ou se renova o génio nacional todas as manifestações do espírito realizador, da capacidade construtiva, dos recursos vitais da nossa terra – e que são, em síntese, as **obras públicas** e os **produtos industriais**.

De tudo isto se alimenta e se engrandece o **turismo**. Porque o **turismo**, tal como devemos concebê-lo, é, antes de mais nada, a arte de animar em nós próprios o orgulho de sermos nacionais. [...]”⁵³⁵. [●3|172 a ●3|177]

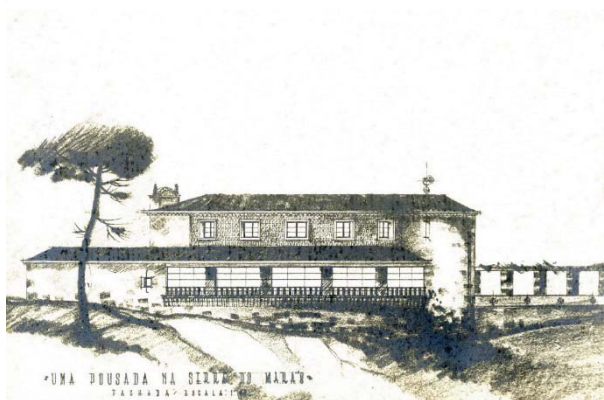
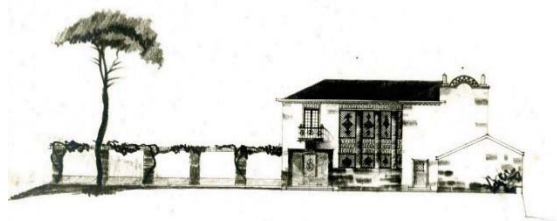
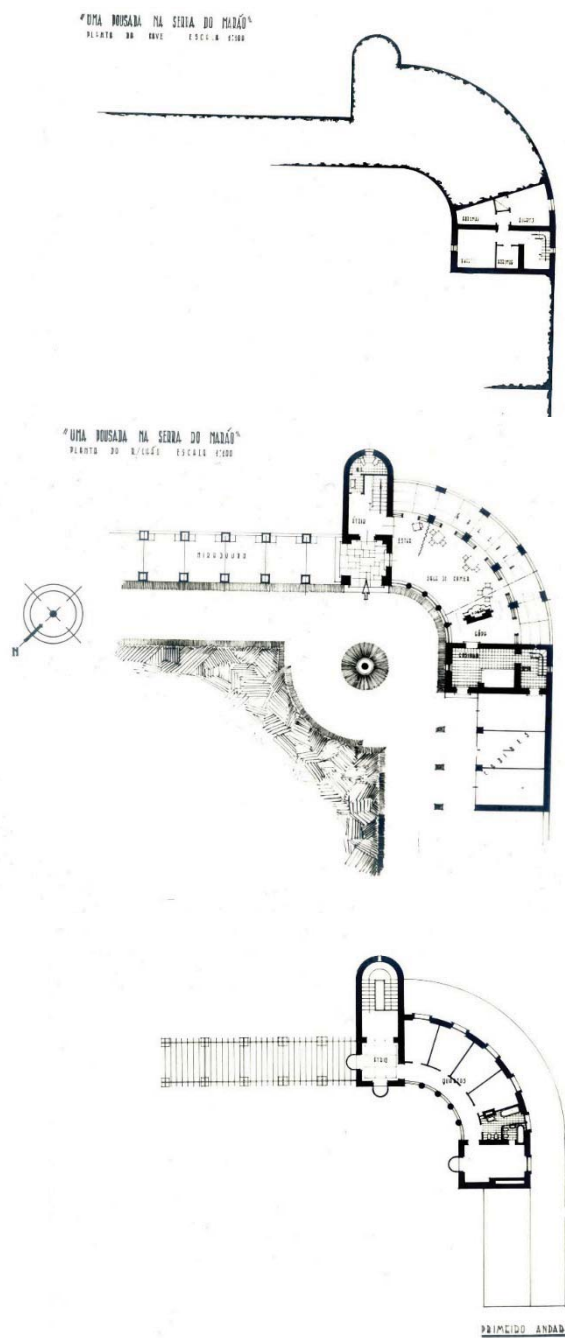
Realçamos a importância desta publicação como veículo de difusão e de propaganda das ideias do Regime naquilo que dizia respeito à cultura e ao turismo, nomeadamente através das “Campanhas do Bom Gosto”, onde se tentava inculcar um “certo” gosto que se pretendia representasse o país⁵³⁶.

⁵³⁴ “Editada mensalmente pelo SPN, Secretariado da Propaganda Nacional (em 1945 SNI, Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo) – e terminada com a dissolução deste organismo, à queda do regime do Estado Novo em 1974, sob a superior direcção de António Ferro até 1949 [...] «Panorama» foi a primeira revista portuguesa modernizante, em grande parte consagrada às artes plásticas – embora, pela própria função cultural e propagandística da instituição editora, entre estas fossem especialmente tratadas as de carácter decorativo e de atracção turística, domínios em que a própria revista lançou iniciativas de relevo [...]” In *Os anos 40 na arte portuguesa* (Fernando de Azevedo – comissário, José-Augusto França – programação), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. Catálogo de uma exposição

⁵³⁵ In *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado da Propaganda Nacional. Número 1. Junho de 1941. Volume 1.º, s/p.

⁵³⁶ Em Abril de 1944 a revista publicava os resultados do concurso “Casa Panorama”, lançado meses antes junto dos seus leitores com “o fim de promover a edificação de pequenas casas – práticas e económicas, mas agradáveis e certas – destinadas a veraneio

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



“Uma pousada na serra do Marão”. Projecto

- 3.178. “Planta da Cave”. Desenhos de Rogério de Azevedo.
 - 3.179. “Fachada do Páteo”.
 - 3.180. “Planta do r/chão”.
 - 3.181. “Corte AB”.
- 3.182. “Planta do primeiro andar”.
 - 3.182 (a). “Fachada”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“O bom gosto é uma arte,
Não significa «mais caro»,
Pode estar em qualquer parte,
O que é pena, é ser tão raro.”⁵³⁷

É no contexto apontado que se insere a Pousada do Marão onde os volumes construídos acompanham a curva da estrada formando, pelo seu lado interno, um pátio de chegada. Daqui se acede ao interior através de um pequeno alpendre inserido na volumetria [●3|175 a ●3|182 (a)].

No exterior, na continuidade do volume principal, em ambos os topos, a construção é prolongada; por um lado, através de um outro alpendre, de maiores dimensões, que permite o estacionamento coberto dos automóveis e o acesso de serviço ao interior, pela cozinha; do lado oposto, através de um “miradouro” que se abre sobre a paisagem voltada a sudoeste. Conformam-

ou a fins-de-semana”. Assim, no texto que acompanha as imagens dos projectos vencedores diz-se:

“Um dos problemas urbanísticos mais directamente relacionados com a organização do turismo é o das casas de campo e de praia. Há que encontrar, em todos os países interessados no desenvolvimento desta indústria, senão um estilo próprio, absolutamente distinto, pelo menos um género de edificações que se harmonize com o clima, a paisagem, os costumes, a índole e, até, o nível económico normal das suas populações.

Não é só portanto uma questão de bom ou de mau gosto, quer dizer: não basta evitar (o que já é óptimo e urgente serviço!) que se construam, nos locais de maior trânsito dos turistas, casinhas ou casarões inestéticos, nesse pseudo-estilo de «chalé-bolo-de-noiva» que se usava nos começos do século, ou, mais modernamente, nesse ridículo e antipático híper-geometrismo dos caixotes «standard» - aos quais só falta estampar obliquamente nas fachadas o letreiro de exportação: - «Frágil». [...] por outro lado, a maior parte das pessoas que entre nós constroem casas de veraneio, parecem ignorar os fundamentais princípios de higiene e conforto a que as habitações devem, racionalmente, obedecer, tanto na arquitectura exterior, como na divisão dos interiores. Daqui resulta que a impressão provocada pela maioria dessas construções, a um observador entendido na matéria ou de gosto especialmente afinado, é a de estarem erradas. [...] O júri, reunido sob a presidência de António Ferro, director do Secretariado de Informação e Cultura Popular, foi constituído pelo arquitecto Jorge Segurado e pelo desenhador Bernardo Marques, director artístico da nossa revista”.

Fernando Garcia, “Resultado do Concurso da «Casa Panorama». In *Panorama*, número 20. Abril de 1944. Volume 4.º, s/p.

Salientamos o facto de o projecto vencedor, de Guilherme António Gonçalves Gomes, formado em arquitectura nesse mesmo ano pela Escola de Belas Artes do Porto (com toda a probabilidade aluno de Rogério de Azevedo), reproduzir uma imagem que, de forma clara nos remete para projectos das Pousadas, anteriormente publicados e construídos e, também, para os projectos-tipo regionalizados das escolas primárias do Norte, ambos da autoria de Rogério de Azevedo.

⁵³⁷ In *Panorama*, número 3. Ano 1. 1941, s/p.

se assim no edifício “duas frentes distintas: uma voltada para um espaço mais intimista, contido pelo edifício, (por onde se chega) e outra que dialoga abertamente com o exterior (voltada para a paisagem)”⁵³⁸.

Um pequeno alpendre comunica com o átrio de entrada no edifício. Este espaço, contido num volume que claramente se demarca dos restantes, e que engloba, também, a escada de ligação ao piso superior onde se localizam os quartos, dá acesso às zonas comuns e de serviços, no piso térreo. Neste piso, para além da cozinha e copa, sucedem-se os espaços comuns caracterizados por usos diferenciados – estar e comer – marcados, tanto no interior como no exterior, pela forte presença do grande fogão de sala e respectiva chaminé, símbolos do conforto esperado num abrigo de montanha. Estas salas prolongam-se para o exterior através de grandes envidraçados por onde se acede a uma varanda coberta, espaço de estar e, também, de contemplação da paisagem. Um escadas localizadas junto à cozinha dão o acesso necessário a um piso inferior, semi-enterrado, onde se encontravam as zonas de dormir dos funcionários, arrumos e outros serviços.

A axialidade presente na composição em planta, não por acaso coincidente com o eixo norte-sul, provém de um jogo de geometrias baseadas no arco de circunferência que dá origem à forma do edifício, acompanhando a curva da estrada que percorre a serra. Assim, a geometria das paredes que servem de divisórias dos espaços, tanto no piso térreo como no andar superior, são desenhadas tendo como referência o centro daquele arco de circunferência.

A separação dos usos por diferentes pisos garante a procurada privacidade nos cinco quartos que compunham, inicialmente, aquele edifício. A sua construção, de acordo com as indicações dadas pelo “cliente” aos projectistas, recorreria a materiais que podiam ser extraídos na zona de intervenção. A esse respeito, Rogério de Azevedo, refere na “Memória” do projecto que:

“[A] Serra do Marão tem rochas diversas desde granito vulgar até ao xisto metamórfico preto com a dureza do granito dando na

⁵³⁸ Susana Lobo. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2006, p. 46.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

lavra, pedras com dimensões suficientes para se erguerem algumas parêdes em silharia. Estas paredes teriam partes levantadas em alvenaria e outras em silharia” e a parte “das paredes (exteriores) correspondentes aos quartos seriam revestidas a telha nacional convenientemente pregada e argamassada”.⁵³⁹

Mais uma vez, neste projecto, a distinção dos materiais legíveis pelo exterior coincide com os diferentes usos no interior do edifício. Desde o “pátio”, de acesso ao edifício, pode ler-se o piso dos quartos através do revestimento da parede exterior com telha e, nos volumes que definem os topos do edifício, correspondentes, de um lado, à entrada e caixa de escadas e, do outro, às cozinhas e quarto principal, a utilização do granito como material estrutural e também de acabamento. A visão da fachada oposta, voltada para sul, permite distinguir, desde o piso térreo, uma hierarquia de usos que, pela clara demarcação dos pisos, que lhe confere uma horizontalidade contrastante com a verticalidade do volume semicircular onde se insere a caixa de escadas. Assim, o piso que contacta com o solo é todo em granito com discretas aberturas (onde se localizam os quartos para funcionários e arrumos); sobre este piso encontram-se as salas comuns de estar, com grandes envidraçados e uma varanda ao longo de todo o seu comprimento; no último piso, onde a telha reveste a parede, o ritmo constante das janelas que enquadram a paisagem, revela o número de quartos da pousada.

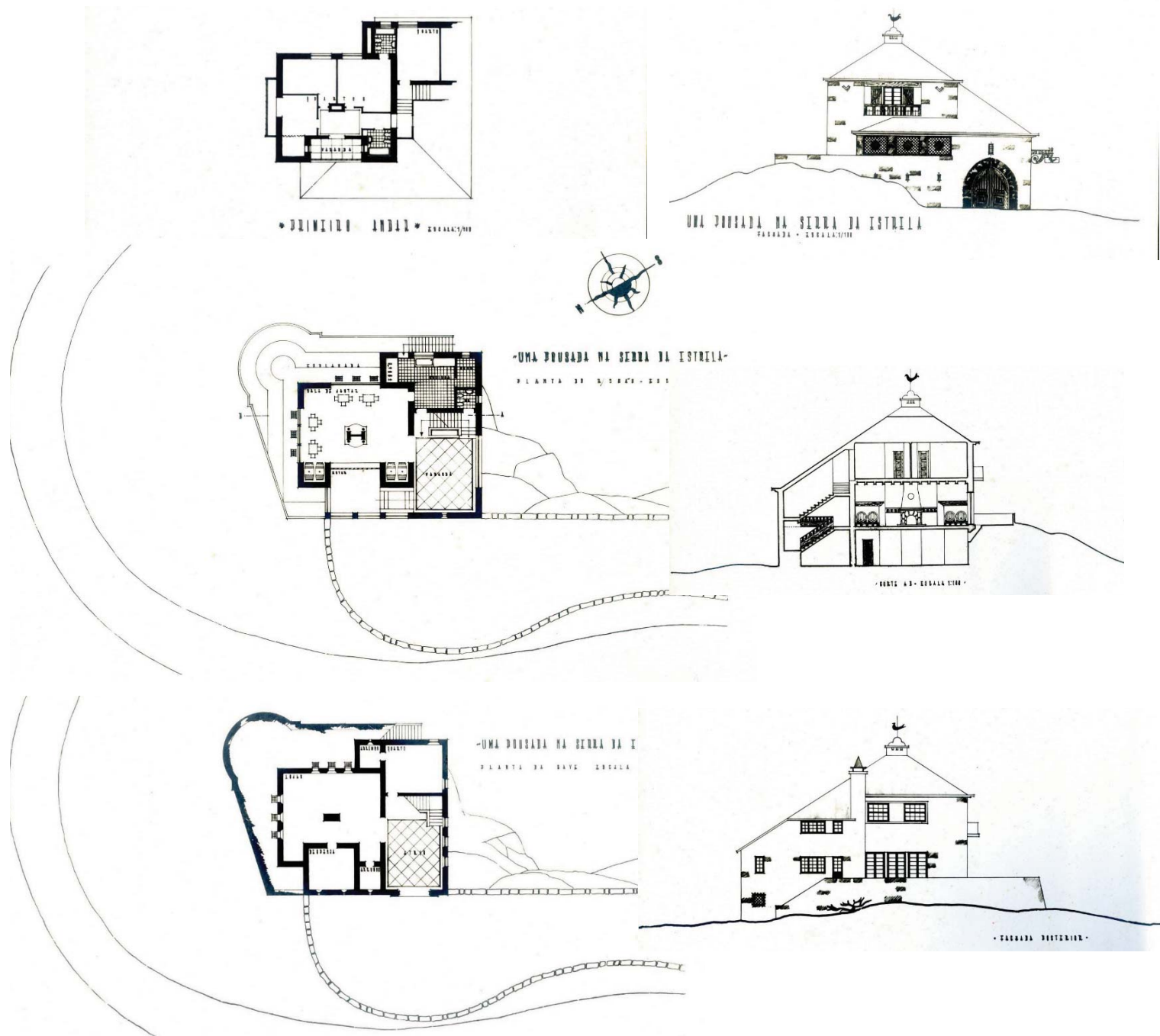
Sant’Anna Dionísio, referindo-se à Pousada do Marão, escreve:

“Das varandas da Pousada, debruçada sobre o mais belo recôncavo da montanha, a visão alcança, dentro do dilatadíssimo horizonte, as terras de Penafiel e Margaride, até desfalecer nos indefinidos confins, de limalha e cinza do mar.”⁵⁴⁰

⁵³⁹ Rogério de Azevedo, em “*Pousada para a Serra do Marão. Memória*”. Porto, 15 de Fevereiro de 1939, s/n. IHRU: SIPA. Pousadas. Processo Geral. Citado por Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, p. 174

⁵⁴⁰ Sant’Anna Dionísio. In *Guia de Portugal*, V Volume. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/data, p. 268.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



“Uma pousada na serra da Estrela”

- 3.183. “Primeiro andar”. Desenhos de Rogério de Azevedo. s/d.
- 3.184. “Fachada”
- 3.185. “Planta de r/chão”
- 3.186. “Corte AB”
- 3.187. “Planta da Cave”
- 3.188. “Fachada posterior”

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

O edifício habilmente inserido no terreno, tem uma escala que muito bem se adequa ao lugar e aos usos a que se destina. O isolamento do sítio, o clima agreste e a paisagem pouco humanizada (pelo menos na época da sua construção), acentuam a aparência de “abrigo” que o edifício transmite. A escala dos espaços e os materiais empregues na construção contribuem para a procurada sensação de conforto. A telha, empregue tanto nas paredes como na cobertura, permite assim uma continuidade na leitura do edifício, contribuindo para a sensação de unidade e de “fechamento” daquele “abrigo”.

Salienta-se, a sublinhar este facto, a forte presença da lareira no interior, e o resultante protagonismo do espaço que a envolve. Outros elementos com significado especial conformam igualmente um procurado “ambiente familiar de casa”.

Estas características, comuns às três pousadas projectadas por Rogério de Azevedo, não nos impedem de destacar algumas particularidades da Pousada da Serra da Estrela [●3|183 a ●3|188].

“Das Penhas Douradas a Manteigas a descida faz-se por uma estrada de montanha, magnífica, mas apresentando perspectivas impressionantes, toda em lacetes que se desenrolam por entre os maciços de arvoredos espalhados pelos beneméritos Serviços Florestais. A meia encosta, depara-se ao viajante a esplêndida Pousada de São Lourenço, uma das muitas que o Secretariado Nacional da Informação espalhou por todo o País, refúgio seguro e confortável do turista viajero.”⁵⁴¹

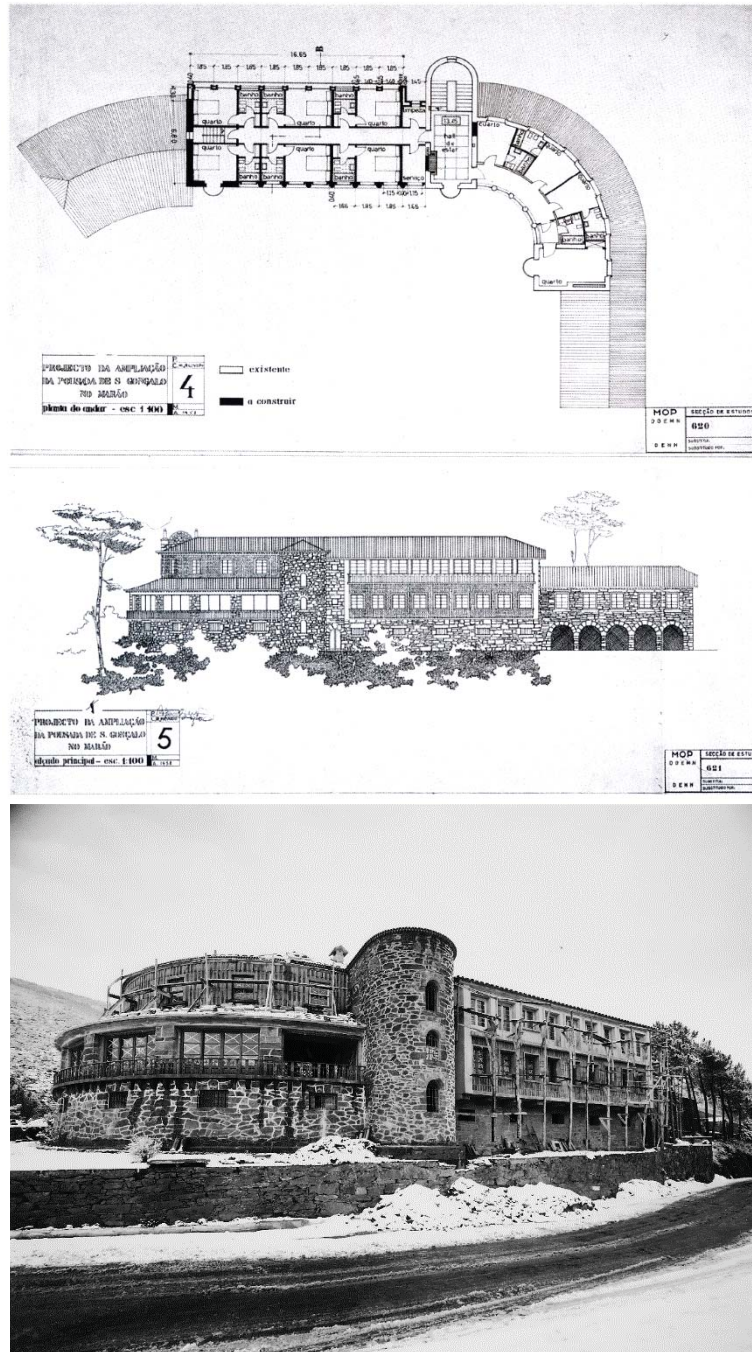
“A sóbria arquitectura do edifício, de equilibrado gosto regional, deve-se a Rogério de Azevedo. Foi decoradora dos confortáveis e alegres interiores a talentosa artista Maria Keil.”⁵⁴²

Naquela pousada, salienta-se o jogo de volumes que, com alturas diferentes, se intersectam. As coberturas do edifício, ao prolongarem-se, de um dos lados, num só plano de acentuada inclinação, dão um carácter especial e

⁵⁴¹ F. Matos Gomes. *30 anos de Estado Novo*. Lisboa: Organizações Império. 1957.

⁵⁴² Abel Martins, “A Pousada de S. Lourenço, na Serra da Estrela”, em *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, número 35. Ano de 1948. Volume 6.º, s/p.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Projecto de ampliação

- 3.189. “Projecto de ampliação da pousada de S. Gonçalo no Marão. Planta do andar.” Rogério de Azevedo.
- 3.190. “Projecto de ampliação da pousada de S. Gonçalo no Marão. Alçado Principal.” Rogério de Azevedo.
- 3.191. Pousada de São Gonçalo no Marão durante as obras de ampliação. 1963.

uno ao edifício. Por essa razão Raul Lino referira que “as abas do telhado descem em ar protector dando à Pousada uma expressão forte de agasalho”⁵⁴³ que, quando coberto de neve, parece prolongar a montanha. A organização dos usos, embora numa disposição diferente, divide-se, como em S. Gonçalo, por pisos. No piso da cave que, ao adaptar-se ao desnível da montanha, apenas se enterra no solo parcialmente (a nascente), encontra-se a porta de entrada na Pousada e o respectivo átrio que dá acesso, por escadas em madeira, ao piso superior. Este piso é ocupado, também, com o quarto de dormir de serviço, despensa, lojas e arrumos (os compartimentos, todos, com luz natural). O primeiro piso, além da cozinha com entrada autónoma desde o exterior e outros espaços de serviço, é ocupado com uma grande sala de refeições e zona de estar. Salientamos, também aqui, a forte presença de uma lareira que, pela sua localização no centro da composição, permite o desenvolvimento dos espaços em seu redor, assumindo um protagonismo evidente. A axialidade verificada a partir daquele ponto permite justificar a geometria dos restantes elementos. A presença de dois espaços bem definidos axialmente em relação ao referido fogão de sala, acentua a força daquela intenção. Surpreendentemente, propõe-se que em cada um desses espaços se localizem dois barris de vinho, o que, juntamente com a presença do “fogo”, talvez acentuem a sensação pretendida de conforto e uma certa aproximação à ruralidade.

A Pousada do Marão mantém hoje, ao contrário das restantes, algum do seu carácter, já que, é da autoria de Rogério de Azevedo o projecto que, cerca de vinte anos mais tarde, em 1959, se fez para a sua ampliação e adaptação às novas exigências e necessidades neste tipo de equipamentos [●3|189 a ●3|191]. Tratou-se, fundamentalmente, do aumento significativo do número de quartos e, também, das áreas comuns para estar (nomeadamente pelo en-

⁵⁴³ Raul Lino, “Ante-projecto de Pousadas para as regiões de Alcobaca, Arrábida, S. Braz de Alportel, Elvas, Serra da Estrêla e do Marão, e Vale do Vouga. Parecer”. Lisboa, 22 de Outubro de 1938. Pousadas. Processo Geral – IHRU, SIPA, p. 8. In Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, p. 455.

cerramento, com caixilhos, da grande varanda na zona de estar). Este aumento, pelo prolongamento do volume para noroeste (onde antes existia o miradouro) provocou, fundamentalmente, uma alteração significativa na escala do edifício, que deixou de ter aquele aspecto de “casa” grande, de abrigo de montanha para parecer, agora, um estabelecimento hoteleiro de outras proporções.

Julgamos que Rogério de Azevedo cumpre nestes projectos os diversos propósitos do cliente, interpretando, com naturalidade, algumas das exigências solicitadas, que não o condicionam. Desta forma, os três edifícios, embora com traços comuns que os unem, são bastante diferentes entre si. Cada um deles, com o seu carácter próprio, de forma variada responde às solicitações do programa, adaptando-se, mais uma vez, à diversa natureza dos lugares.

“[...] As Pousadas Regionais foram excelentes lições. [...] São óptimos elementos de informação e orientação: exemplos de bom gosto, no arranjo e embelezamento de interiores; modelos de simpatia, no seu ambiente quasi familiar, tão grato sempre a todos os hóspedes, sem excepção; padrões, numa palavra, daquela hospedagem, à base da limpeza, a mais escrupulosa, e do conforto, o mais acolhedor, hospedagem que é, sem discussão, a única a utilizar para fins turísticos.”⁵⁴⁴

3.6.2 *Casa própria, 1935*

Desenhar a própria casa, conforme já referimos no capítulo que procura fazer um apontamento biográfico sobre Rogério de Azevedo, representa uma experiência em que o arquitecto se transforma no principal decisor.

Na memória descritiva da primeira versão do projecto de licenciamento entregue à CMP em 1932, o arquitecto dirá que se pretendia que as duas casas geminadas formassem:

⁵⁴⁴ António Ferro, “As Pousadas Portuguesas” In *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, número 24, volume 4.º, ano 1945.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“um todo, com plantas e alçados iguais, [...] Os prédios compor-se-iam de dois andares, rés-do-chão e cave. Na cave, além das peças destinadas a serviços, [...] teria a oficina de desenho e biblioteca. No rés-do-chão [...] o átrio, [...] sala de estar e a sala de jantar [...]. Teria, também, uma sala de costura, cozinha e w.c. [...] O primeiro andar constaria de 4 quartos [...] todos amplos e bem iluminados. No último pavimento [...] o terraço, [...] quarto de criada e estufa de secagem de roupa [...].”⁵⁴⁵

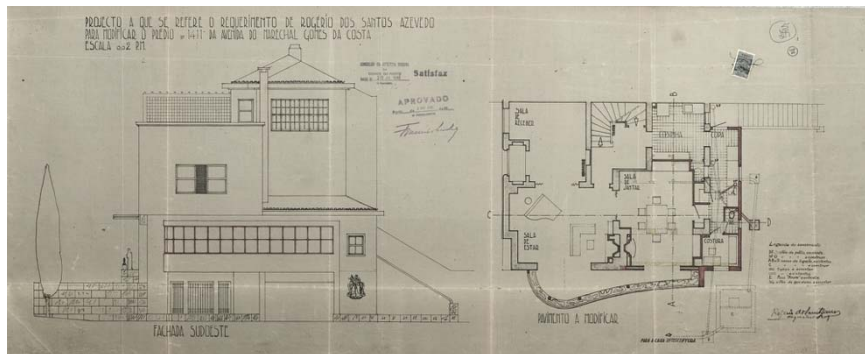
O desenho de conjunto, com uma composição de matriz clássica, assenta num eixo de simetria, com algumas distorções causadas pelo declive do terreno.

Embora as duas moradias constituam uma unidade, no conjunto parecem ter sido concebidas com base em dois volumes claramente diferenciados pelo distinto sistema da cobertura que adoptam: o volume junto à rua, abstracto e com cobertura em terraço, e o volume voltado para a parte traseira do jardim com cobertura inclinada. No primeiro volume, paralelepípedo quase maciço voltado à rua, as pequenas aberturas que o rasgam pontualmente, a simplicidade da geometria e a total ausência de ornamento remetem-nos para arquitecturas de referencial centro-europeu. Em contraste e acentuando o valor do volume anterior, afirma-se, num segundo plano afastado da rua, um outro, com carácter muito diferenciado gerando novas frentes. O telhado de várias águas, a chaminé e a proliferação de aberturas conferem-lhe um carácter mais convencional. De salientar o acerto da relação entre os dois volumes e o modo como divergem, quando voltados para o espaço público, mais urbano, ou para o logradouro de vivência mais doméstica e privada.

A casa, com três andares, relaciona-se de forma diferente em cada um deles com o espaço exterior. O primeiro volume, por se afastar da rua, permite a formação de um espaço de percurso/pátio ajardinado entre o portão, que nos separa do espaço público até, gradualmente, se sentir o espaço privado

⁵⁴⁵ Rogério de Azevedo, in “Memória Descritiva” constante no processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto. Licença de obra n.º 157/1933. Cotas: D-CMP/9 (678) - f. 432-448-H.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Casa própria

- 3.192. a 3.194. Vistas desde o exterior
- 3.195. Projecto de ampliação da casa de Rogério de Azevedo. Rogério de Azevedo. 1948.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

quando entramos em casa. A racionalidade surpreendente do volume paralelepípedo voltado para rua é acentuada pelo contraste de escala entre a dimensão das aberturas (apenas visíveis desde a rua no primeiro piso) e o plano branco da parede. A dimensão relativa destas janelas e a distância à rua permitem a manutenção da privacidade procurada nos espaços interiores e a relação com a paisagem apenas se verifica no último piso, onde um grande terraço sobre este volume se volta para o mar. Os restantes espaços da casa voltam-se para um jardim, próximo e acolhedor, tanto nas traseiras como na parte lateral do volume. Uma *bow-window* amplia para o exterior/jardim o espaço de trabalho localizado na cave e, sobre este espaço, uma varanda serve a sala de estar do piso superior. Esta pequena varanda que se debruça sobre o jardim será mais tarde, num projecto de ampliação da sua casa, realizado em 1948, por Rogério de Azevedo, encerrada com um grande envidraçado e o seu espaço ampliado. Este projecto de ampliação acabou por ser construído com um desenho diferente daquele que Rogério de Azevedo desenhara aquando do pedido de licenciamento. Um plano em curva prolongava o arco de circunferência que definia o desenho anterior, criando-se assim uma franca relação com o exterior ligando os dois volumes principais que definem a casa.

A casa dos Azevedo terá sido vendida pela família pouco depois da morte de Rogério de Azevedo.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.196 a. Porto – Praça D. Filipa de Lencastre e Hotel Infante Sagres. Postal. s/d.

3.7 O retrocesso: o equívoco da Casa Portuguesa

3.7.1 Edifício do Hotel Infante Sagres e Empresa Industrial Ouro, 1943/1949

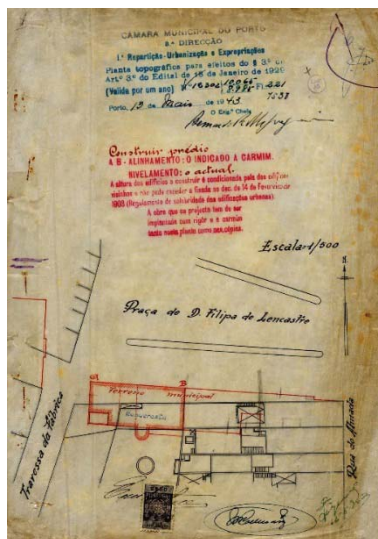
O edifício que constitui a fachada sul da praça Filipa de Lencastre foi projectado nos anos quarenta, cerca de quinze anos depois da construção da Garagem de *O Comércio do Porto* que também ali se localiza. Ao contrário desta, o projecto para este novo edifício contemplava já a existência da referida praça. Tratava-se, por isso, além de dar resposta ao programa solicitado pelos respectivos clientes para os edifícios, de desenhar a frente sul daquele recente espaço urbano.

Embora pareça ter sido concebido como apenas um edifício, integra, na verdade, dois projectos para diferentes clientes, diferentes programas com acessos e funções independentes – de um lado, comércio e escritórios (a nascente) e, do outro, comércio e hotel (a poente) – que correspondem, também, a fases diferentes no projecto e na obra. O alçado, desenhado como se de um só edifício se tratasse, não evidencia pelo exterior, como era prática comum na arquitectura de Rogério de Azevedo, as diferenças funcionais dos programas desenvolvidos no seu interior. Apenas é demarcado, através da diferenciação no material de revestimento da fachada, o piso térreo que funciona como embasamento do edifício. Todo este piso é ocupado com espaços comerciais e entradas. Encontramos, aqui, uma postura menos funcionalista, menos preocupada com a representação das funções do edifício e mais preocupada com o valor simbólico que este ganha no espaço urbano.

O primeiro requerimento que dá entrada na Câmara Municipal do Porto para pedido de licenciamento relativo ao sector localizado a poente⁵⁴⁶ data de Junho de 1943 e dá início a um longo processo que terminará apenas em 1951, aquando da inauguração do hotel. Nesta fase inicial, o requerente,

⁵⁴⁶ Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, Licença n.º 471/43. Registo n.º 13511/43. Local: praça Filipa de Lencastre, 49/70. Nome: Ferreira & Filhos, Lda.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.196. Planta Topográfica. Implantação do volume a construir. 13 Maio de 1943. Rogério de Azevedo.
- 3.197. Demolições efectuadas aquando da abertura da praça Filipa de Lencastre. Garagem de “O Comércio do Porto” (ao fundo). Fotografia de Bonfim Barreiros.
- 3.198. Casa da Fábrica. Esquina da rua da Fábrica com a actual rua de Avis, antiga travessa da Fábrica. Fotografia de Bonfim Barreiros.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Delfim Ferreira (Ferreira & Filhos, Lda.) propõe um edifício que corresponde, na parte voltada à praça Filipa de Lencastre, à área que é hoje ocupada pelo hotel [●3|196], embora seja indicado o alinhamento da construção prevista até ao final do quarteirão, ou rua do Almada. O projecto partia da manutenção e integração da Casa da Fábrica, um palacete do século XVIII, localizado na actual rua de Avis/rua da Fábrica [●3|198].

Delfim Ferreira (1888/1960), o cliente, empresário industrial, era nos anos 50 o detentor, talvez, da maior fortuna do país. Com 55 anos de idade compra o referido palacete e encomenda a Rogério de Azevedo, dez anos mais novo do que ele, o projecto para a respectiva recuperação e sua reconversão em “hospedaria”, fazendo, também, parte deste projecto, a construção de um novo edifício que ajudaria a consolidar o lado sul da praça Filipa de Lencastre (após as demolições que lhe deram origem).

Seguindo as pisadas de seu pai, também industrial (Narciso Ferreira (1862/1933)), Delfim Ferreira “faz o curso de Técnico e Industrial pela então prestigiada Real e Imperial Escola de Reichenberg”⁵⁴⁷. Homem ‘bem relacionado’, “dava-se com Salazar e era íntimo dos ministros do governo, [...] até à Segunda Guerra Mundial, concentrou-se na indústria têxtil”, tendo-se transformado no detentor do maior empreendimento têxtil que existia em Portugal na segunda metade do século XIX. “A seguir a 1945, virou-se para os negócios da electricidade. Era o principal accionista da hidroeléctrica de Varosa e adquiriu a Sociedade de Electricidade do Norte do País. Mais tarde, Salazar chamou-o para organizar a empresa de exploração hidroeléctrica do rio Douro.”⁵⁴⁸

⁵⁴⁷ Joaquim Gomes, em *Correio do Minho*, 14-06-10, “Recordar Delfim Ferreira nos 50 anos da sua morte”. <http://correiodominho.com> (13-01-2015).

⁵⁴⁸ Rita Roby Gonçalves, in “O homem mais rico dos anos 60”, *Diário de Notícias*, 17 Maio 2009 (<http://www.dn.pt>, 10-12-14).

“Não se limitando à indústria têxtil e de pneus, Delfim Ferreira alargou as suas áreas de actividade, contribuindo para o desenvolvimento de empresas como a ‘Empresa Têxtil Eléctrica, Lda’ (fundada em 1905); a ‘Oliveira, Ferreira e Companhia, Lda’ (inaugurada em Riba d’Ave no ano da Implantação da República - 1910) e a ‘Hidro-Eléctrica do Varosa’ (fundada em 1918). De referir ainda que a empresa ‘Hidro-Eléctrica do Varosa’ teve um forte crescimento, chegou a fornecer, a partir de 1928, energia eléctrica aos concelhos de Gaia, Matosinhos, Santo Tirso, V. N. Famalicão e Vila do Conde.

É também reconhecida a sua faceta de benemérito, tendo nesse âmbito sido o responsável pela construção de escolas, hospitais e creches em Vila Nova de Famalicão, concelho de onde era natural a sua família e, mais concretamente, na freguesia de Riba d’Ave. Em 1957, seis anos depois de inaugurar o mais luxuoso hotel da cidade do Porto, o Hotel Infante de Sagres, compra a Casa de Serralves ao seu proprietário, Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, onde viverá até à data da sua morte, em 1960.

Delfim Ferreira foi, também, responsável pela construção de outros grandes edifícios na avenida António Augusto Aguiar e avenida Sidónio Pais, em Lisboa, e na rua de Sá da Bandeira, no Porto, nomeadamente o edifício conhecido como “Palácio do Comércio”, projectado por Maria José Marques da Silva (1914-1994) e David Moreira da Silva (1909-2002).⁵⁴⁹ Entre 1940 e 1946, várias versões deste projecto para a rua de Sá da Bandeira serão executadas por estes arquitectos tendo, assim, coincidido temporalmente com a execução das primeiras propostas feitas por Rogério de Azevedo para o mesmo

As grandes capacidades de inovação industrial reveladas por Delfim Ferreira foram reconhecidas a nível nacional, tendo o Governo convidado este industrial a aproveitar as águas do rio Ave. Este não hesitou e criou a ‘Hidroeléctrica do Ermal’, que conseguiu abastecer a cidade do Porto de electricidade. Posteriormente, fundiu a ‘Hidroeléctrica do Ermal’ e a ‘Hidroeléctrica do Varosa, dando origem à, então, imponente ‘Companhia Electro-Hidráulica do Norte de Portugal’ (vulgarmente conhecida por CHENOP). Em 1953, e novamente a convite do Governo, Delfim Ferreira explorou as águas do rio Douro, dando origem à ‘Hidroeléctrica do Douro’. Outras empresas de grande dimensão, criadas por Delfim Ferreira, foram a ‘Fábrica de Fiação e Tecidos’ (sediada em Vila do Conde) e a ‘Empresa Têxtil Algodoeira de Arcozelo’ (sediada em Gaia) que chegaram a empregar, em meados do século XX, cerca de dois mil trabalhadores. A dedicação empresarial deste famalicense ficou, mais uma vez, demonstrada, com a criação da ‘Empresa Nacional de Sedas’ (sediada em Gaia), ‘tornando-se o primeiro industrial a introduzir o fabrico de seda artificial em Portugal’. A produção do Vinho do Porto foi outra das áreas de intervenção e inovação de Delfim Ferreira, uma vez que criou novos métodos de produção vinícola e de arroteamento no Douro, nomeadamente nas suas propriedades de ‘Quinta dos Frades’ (Armamar) e ‘Quinta do Castelo’ (Santa Marta de Penaguião)”. In *Correio do Minho*, 14 de Junho de 2010, “Recordar Delfim Ferreira nos 50 anos da sua morte”, por Joaquim Gomes in <http://correiodominho.com/cronicas> (11-12-14).

⁵⁴⁹ “Localização: cidade do Porto, bloco de habitação e serviços delimitado pelas ruas de Sá da Bandeira, de Fernandes Tomás, da Firmeza e do Bolhão. Início do Projecto: Julho de 1940. Data do Início da Obra: 1946. Data de Conclusão da Obra: 1954”. Segundo Maria do Carmo Pires, em “Palácio do Comércio”, Fundação Instituto Marques da Silva, <http://fims.up.pt> (11-12-14).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

cliente, na praça Filipa de Lencastre. Embora o processo tenha começado depois, e ambos se tenham prolongado por vários anos, o Hotel foi inaugurado três anos antes da conclusão, em 1954, do edifício Palácio do Comércio.

Aquando da inauguração do Hotel, no jornal *O Primeiro de Janeiro*, podia ler-se sobre Delfim Ferreira, que aquela “esplêndida realização se devia ao espírito empreendedor e moderno dum homem que todo o país admira e conhece pela sua portentosa acção de grande industrial”⁵⁵⁰.

Pela análise dos diversos pedidos de licenciamento que acompanharam os projectos para o novo volume, que corresponde hoje ao hotel, verifica-se, claramente, ter havido profundas alterações programáticas e, consequentemente, arquitectónicas.

Assim, conforme é referido na primeira Memória apresentada, o projecto destinava-se, inicialmente, a um edifício bem mais modesto do que aquele que viria a ser realizado. Nesta fase teria apenas quatro pisos destinados a uma estalagem, sendo o piso térreo ocupado com Estabelecimentos Comerciais [●3|199 a ●3|204].

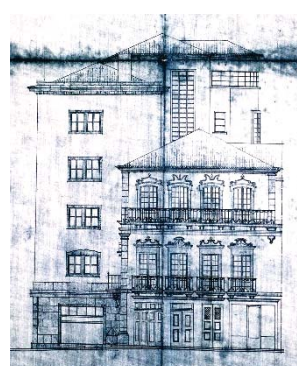
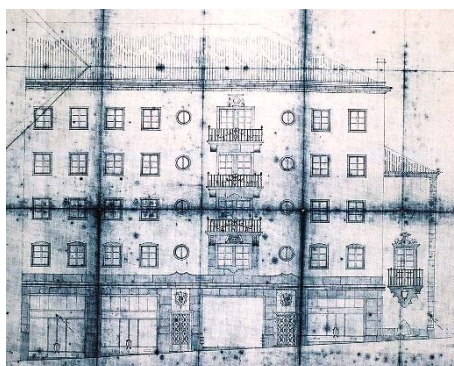
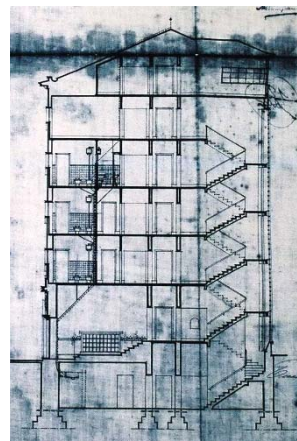
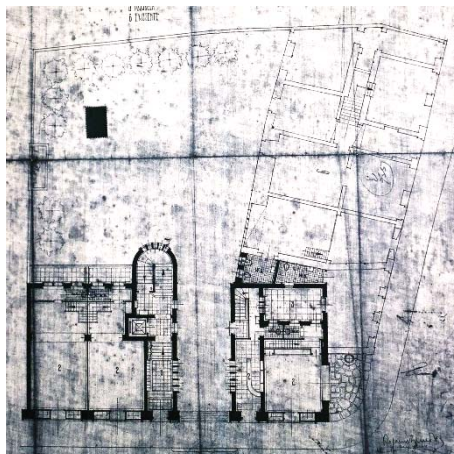
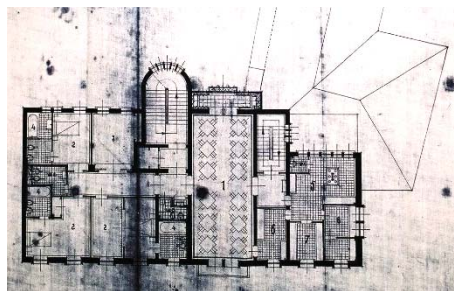
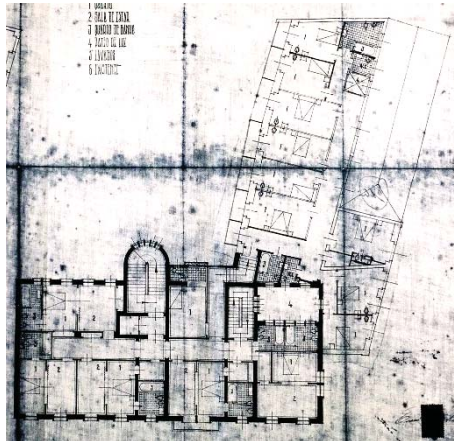
"O presente projecto destina-se à construção de um edifício de quatro andares cujo rés-do-chão seria destinado a estabelecimentos comerciais. O destino do edifício seria o de Estalagem inteiramente para o que se contaria, além de quartos, com cozinha e seus anexos e a respectiva sala de jantar. Como se pode verificar pelos desenhos juntos, a maioria dos quartos tinha, além de saleta anexa, um quarto de banho privativo.”⁵⁵¹

Nos desenhos pode verificar-se que o edifício previa, além daqueles pisos, um andar em cave e o aproveitamento de um piso de sótão sob o telhado. O edifício novo proposto, diferente daquilo que é hoje, tinha duas entradas independentes separadas por um grande vão por onde entrariam veícu-

⁵⁵⁰ In *O Primeiro de Janeiro*, 22-06-1951 (dia que se seguiu ao da inauguração do Hotel Infante de Sagres).

⁵⁵¹ Rogério de Azevedo, in “Memória”. Processo de Licenciamento. Arquivo Geral da câmara Municipal do Porto. Req.º n.º: 13511/43 de 18 de Abril de 1943; n.º Licença: 471/43 de 15 de Dezembro de 1943.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Primeira versão; estalagem; paredes a preto, a construir; paredes sem cor, a manter.

- 3.199. Planta do 2º andar
- 3.200. Planta do 1º andar
- 3.201. Planta do r/chão ● 3.202. Corte transversal
- 3.203. Alçado voltado à praça Filipa de Lencastre ● 3.204. Alçado voltado à travessa da Fábrica

los motorizados que poderiam assim estacionar no interior do lote que inicialmente se previa totalmente liberto para este fim. Como refere o próprio arquitecto, “deste modo procurou-se contribuir para o descongestionamento daquela praça que, hoje, é já pequena para as caminhetas que lá param. Este parque nada tinha de especial. É quintal com acesso directo do exterior, nada mais”⁵⁵².

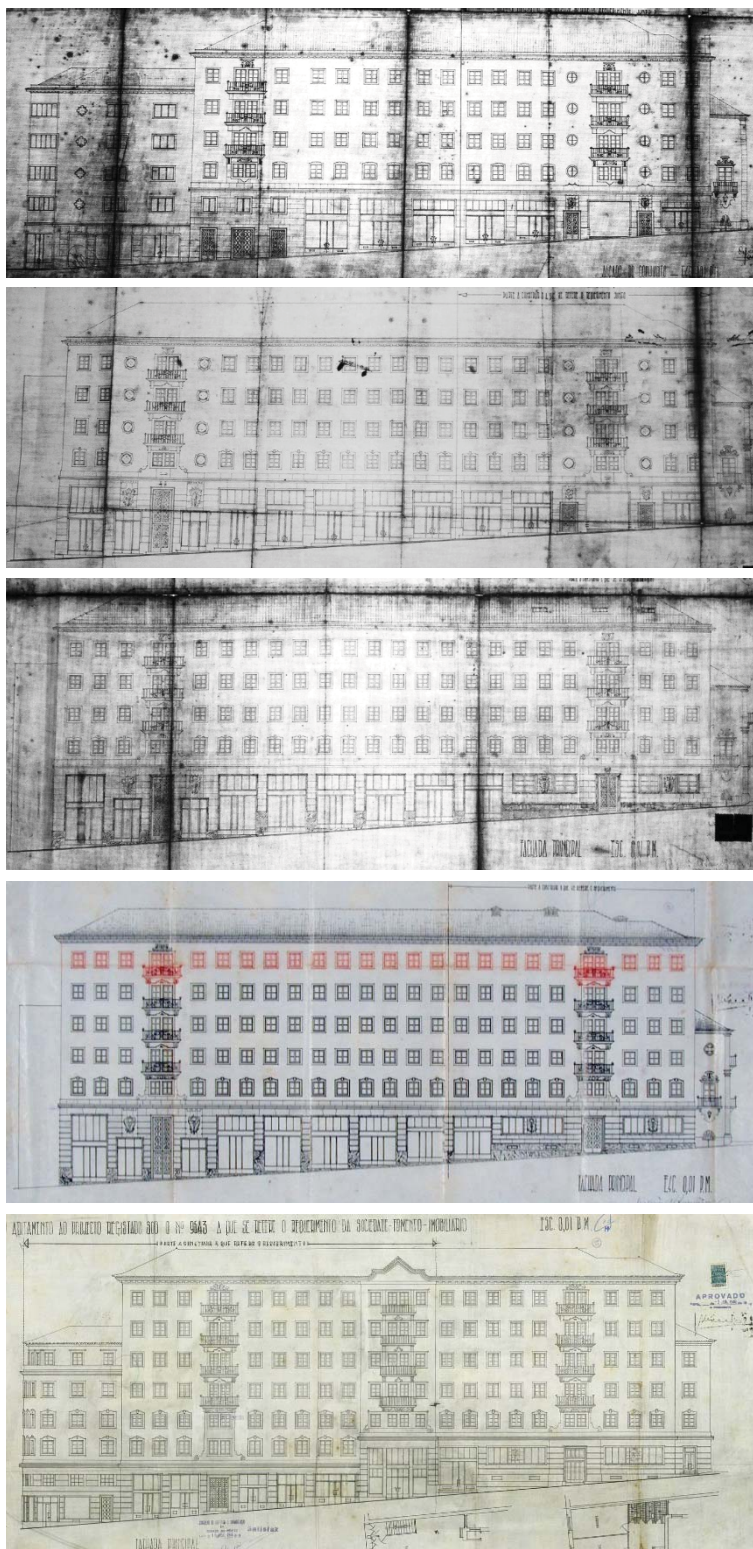
O edifício organizava-se com base numa estrutura regular desenvolvida ortogonalmente em relação à fachada principal. Um corredor central ao longo do maior comprimento do edifício permite criar, de cada um dos lados, os quartos que serviriam a estalagem, grande parte deles comunicantes dois a dois, com quarto de banho próprio e, cada um deles, correspondendo a uma janela do alçado principal. A sala de jantar, nesta fase do projecto o único espaço de maiores dimensões, sobre a passagem dos automóveis, ocupava o edifício em toda a sua profundidade e, ao contrário da maioria dos quartos, teria uma iluminação mais forte dada pelas duas portas com varandas que nesta zona do edifício marcavam, em toda a sua altura, no exterior, a única variação de ritmo do alçado. Embora o edifício que agora se aprovava ocupasse apenas a zona poente do talhão, e a planta correspondesse apenas a essa área (destinada a residencial e mais tarde a hotel), é apresentado um alçado com a dimensão da totalidade do quarteirão. A Comissão de Estética em resposta à primeira versão para o alçado do edifício diria:

"Depois de considerar o presente projecto sob o duplo ponto de vista estético e da grande importância do local a que se destina, entende este Conselho ser conveniente um estudo mais cuidado da fachada de conjunto quanto à sua composição, aos seus pormenores, e às concordâncias deste edifício com os prédios da travessa da Fábrica e da Rua do Almada.

Parece-nos ainda ser de aconselhar a cuidada determinação do eixo de simetria dessa importante fachada, no sentido de obter um melhor equilíbrio, e o estudo da fachada posterior, parte da qual é muito visível da Travessa da Fábrica, de forma a conseguir melhor perspectiva e harmonia de conjunto”.

⁵⁵² Idem, s/p.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Diferentes fases do desenho do alçado voltado à Praça

- 3.205. Primeira versão; entrada para automóveis no piso térreo; manutenção da “Casa da Fábrica”
 - 3.206. Aditamento. Diferente solução na transição com a rua do Almada;
 - 3.207. Aditamento. Alteração no desenho no tramo relativo à entrada do hotel.
 - 3.208. Aditamento. Acrescento de um piso.
- 3.209. Versão final; diferente desenho na transição com a rua do Almada; demolição da Casa da Fábrica.

Assim, na procura da solução para o alçado, que ao longo do processo terá diversas versões, tentando dar resposta às solicitações do Conselho de Estética e Urbanização, a prioridade terá sido dada à manutenção da unidade da praça. Este facto viria a condicionar a organização do interior do edifício que terá tido que obedecer à demarcação precisa e repetida das aberturas dos vãos.

As fachadas de todos os pisos seriam rebocadas e pintadas, à excepção do piso térreo, que “seria revestido de granito polido levando sobre as duas portas de entrada, motivos escultóricos de calcário de Ançã para destacar”⁵⁵³. Tal como na generalidade dos seus projectos, é dada especial atenção ao contacto do edifício com o plano da rua. O piso térreo, demarcado com um material mais nobre que lhe confere particular dignidade, ganha, ainda, um especial destaque e altura decorrentes da grande pendente que a praça possui, funcionando como “base” na composição. A verticalidade dos vãos, adquirida pela altura que este embasamento proporciona, nesta parte da composição, uma dinâmica que não é sentida no restante alçado. O seu desenho sofreu, ao longo do processo que levou finalmente à sua aprovação pelo Conselho de Estética e Urbanização da Câmara Municipal, diversas versões que, sem grandes diferenças, foram sendo marcadas, nomeadamente, pela questão da simetria e pela questão da transição com a rua do Almada. Esta transição é feita pela criação de um volume mais baixo e recuado conforme acontece, também, na esquina oposta, na transição com a “Casa da Fábrica”. Este cuidado na transição entre a escala do edifício que faz a frente da praça e a escala mais reduzida das ruas que lhe dão acesso tinha sido já objecto de atenção especial no projecto para o edifício Maurício Macedo na praça de D. João I, sendo que ali, a nosso ver, tenha tido melhor resultado.

O projecto para esta hospedaria/hotel contemplava, quase até ao final do respectivo processo, a integração e manutenção do grande edifício exis-

⁵⁵³Idem, s/p.

tente na actual rua de Avis. Esta casa nobre, construída no século XVIII, denominada Casa da Fábrica⁵⁵⁴, terá sido posteriormente demolida na sequência de problemas estruturais, alegadamente, decorridos durante a execução da obra.

Tratava-se, efectivamente, de um grande palacete construído durante o século XVIII, que, pelas suas qualidades espaciais e plásticas e, também, pela forte presença naquela zona da cidade, se constituía como um valor patrimonial a preservar. A presença dominante desta preexistência – casa rica e brasonada, com todas as características comuns a este tipo de edificação – serviu, talvez, de mote para justificar os princípios geradores do projecto para o novo edifício. A sua posterior demolição (já durante a obra) e a manutenção do mesmo projecto no sector da praça contribuíram para tornar menos claros os princípios que terão justificado o edifício construído porque, julgamos, se relacionavam, pelo menos em parte, com a existência do antigo palácio. O facto de este edifício inicialmente ser projectado na continuidade de um outro preexistente – edifício imponente e com um valor patrimonial inegável, de destaque naquele lugar – condicionava obviamente um projecto que, mais tarde, com o seu desaparecimento perde, a nosso ver, alguma da sua razão de ser.

Julgamos que talvez esta razão possa justificar alguma da desadequação sentida nas proporções dos volumes do edifício e, também, nas proporções dos vãos das janelas e sua excessiva repetição. Supomos, assim, que Rogério de Azevedo terá procurado manter no novo volume a construir, pelo

⁵⁵⁴ “A Casa da Fábrica situava-se no sector nascente da actual rua de Avis onde hoje se encontra o edifício parcialmente ocupado pelo Hotel Infante Sagres. Era um palacete de imponente frontaria que desapareceu nos fins da década de 40, para dar lugar justamente ao Hotel Infante Sagres. O nome de ‘fábrica’ deriva da Fábrica do Tabaco que deu também origem ao nome da conhecida rua da Fábrica. O primeiro indivíduo de que há notícia haver sido possuidor da Casa da Fábrica no Porto foi João Luís da Silva Souto e Freitas.

Quando se deu a demolição do palacete da nobre Casa da Fábrica, a Câmara do Porto comprometeu-se a levantar novamente a fachada do edifício num outro local. As pedras foram numeradas e guardadas [...]”, in <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt> (12-12-2014).

menos inicialmente, o espírito da época do palacete preexistente tentando, de forma talvez um tanto forçada, adaptar-se àquela circunstância particular.

A atracção sentida por aquela arquitectura é-nos relatada por Raul Lino, numa edição de 1937⁵⁵⁵ que, explicando “o sainete especial das casas portuguesas do século XVIII”, diria:

“Desde o princípio do século que na construção das moradias surge e se desenvolve feição especial e de certa originalidade, e é sobretudo nas províncias da Beira e do Norte do país que o Barroco floresceu em abundantes exemplos verdadeiramente curiosos na liberdade pitoresca da sua fisionomia. A Casa fidalga, o solar – palácio na cidade ou na vila, a quinta – na aldeia ou no campo – fornecem-nos a nota de arquitectura mais característica da época.

Sem grande cuidado na organização da planta, a casa portuguesa do século XVIII distingue-se, quanto à sua arquitectura, pela concepção pictórica das fachadas, pelo seu carácter decorativo, e apresenta-se-nos sempre com certa boa catadura, muito prazenteira, acolhedora, despida de academismo, num à-vontade comunicativo que bem parece traduzir o espírito hospitaleiro dos seus moradores, tanta vez gabado por viajantes estrangeiros”.

E, sem nos esquecermos do conceito transmitido por Marques da Silva, relativo ao problema da tradição em arquitectura, salientamos a forma como Raul Lino, na mesma edição, conclui aquelas suas reflexões:

“Os tempos vão passando; as ideias giram norteadas por diversas correntes. Também os costumes não deixam de evoluir, e com eles a expressão arquitectónica das nossas casas. Bom é, e consolador, porém, quando alguma coisa há que permanece de época em época; quando no cortejo dos séculos, os figurantes passam, gentilmente, de mão em mão o facho ardente da continuidade. O que nas casas do século XVIII, em Portugal, nos encanta, é a aparente vizinhança, no tempo, a que elas estão de nós”.

A presença do edifício do século XVIII criava, assim, talvez, condições para que, neste projecto, se seguissem os princípios procurados por um

⁵⁵⁵ Raul Lino. “Casas Portuguesas do séc. XVIII”, in *Auriverde Jornada. Recordações de uma viagem ao Brasil*. Lisboa: Edição de Valentim de Carvalho, 1937, p. 237-272.

gosto que, nesta época, se generalizava mas que interpretava diferentemente a visão “romântica”, pictórica e pitoresca tida por Raul Lino. Àquela visão, talvez, mais “ruralista” contrapunha-se uma visão mais racionalista da arquitectura do século XVIII, mais urbana, onde os valores transmitidos pela racionalidade e monumentalidade na arquitectura se procuravam generalizar como tentativas de representação de uma nação. Referimo-nos, também, a um “bom gosto”, que o “Estado Novo” procurava incentivar e difundir através dos meios de comunicação existentes e de encomendas específicas a projectistas da sua confiança, muitas vezes por ele manipulados. O Estado procurava promover o sentido da portugalidade criando, através da arquitectura, códigos que a representassem e enaltescessem. Estes códigos variavam conforme o valor de representação de cada edifício; neste caso, Rogério de Azevedo adere, julgamos que estranhamente, a uma estética que não era, até então, a sua. Este retrocesso patente na arquitectura desta época parece ser assim decorrente “da hábil tentativa de modelação formal da imagem do ‘estado novo’ [...]”⁵⁵⁶ depois das exposições do Mundo Português e da Arquitectura Alemã, em Lisboa.

Desta adesão resulta um edifício que, recorrendo de forma questionável a elementos de um certo mundo formal pretensamente português, que procurava, talvez, o estabelecimento de relações com um ambiente aristocrático, ou, também, com uma arquitectura mais exuberante que vinha de séculos anteriores, dificilmente se coaduna com as qualidades formais antes demonstradas por este arquitecto. A monotonia do desenho, assim como o recurso a uma ornamentação de inspiração supostamente nacional, não assumida convictamente, retiram-lhe carácter e remetem-nos para uma arquitectura de compromisso, para um “clássico desajustado, desarticulado, falho nas referências [...]”⁵⁵⁷. “O uso acrítico de uma linguagem nacional, vagamente clássica, sem

⁵⁵⁶ Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Sergio Fernandez, in Luís Serpa (coordenação). *Depois do Modernismo*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 121.

⁵⁵⁷ Idem, p. 119.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

capacidade para expressar significados culturais, fora do tempo e fora de escala, contribuiu para realçar a modernidade da Garagem do Comércio do Porto”⁵⁵⁸ e, diríamos também, dos edifícios que vieram, mais tarde, a configurar a rua de Ceuta.

No decorrer do processo, o cliente decide alterar a função do edifício, passando de hospedaria a hotel, necessitando para isso, e obedecendo à legislação respectiva, de aumentar o número de quartos e áreas destinadas aos serviços. Assim, em Fevereiro de 1944, Rogério de Azevedo apresenta um aditamento ao projecto onde, na respectiva Memória refere:

“Assim foi o primeiro projecto apresentado com o fim restrito de estalagem porque as suas instalações reduzidas ao indispensável e sem a preocupação da lei sobre a indústria hoteleira não permitia outra designação. Acontece porem que as instalações eram muito razoáveis - para simples hospedaria, não o eram todavia para o género de negócio que os pretendentes a arrendatários preferiam o de hotel nítido e regularmente instalado. [...]

Houve, portanto, que atender a que é de bom aviso não constituir só para ser útil à cidade, mas procurando que dum benefício geral não haja prejuízo particular sobretudo quando a inversão de capital numa obra como esta é empresa arrojada.

Assim, enquanto que no primitivo projecto havia apenas 40 quartos, neste que agora se apresenta há 67, dos quais 37 têm quarto de banho privativo, sendo os restantes com bidé e lavatório.

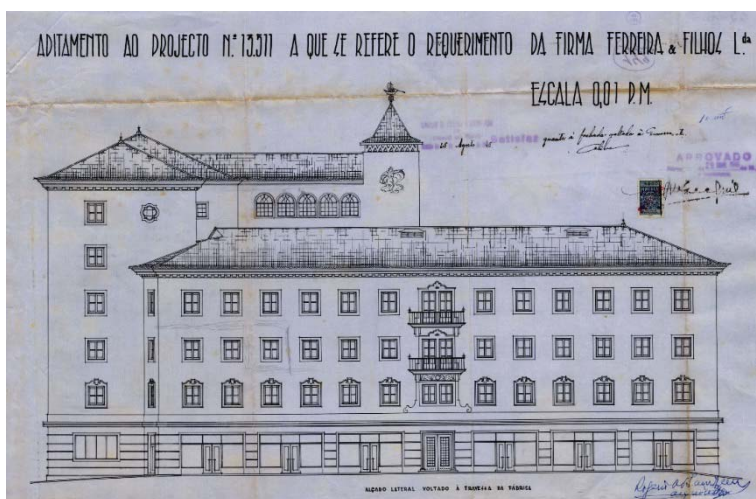
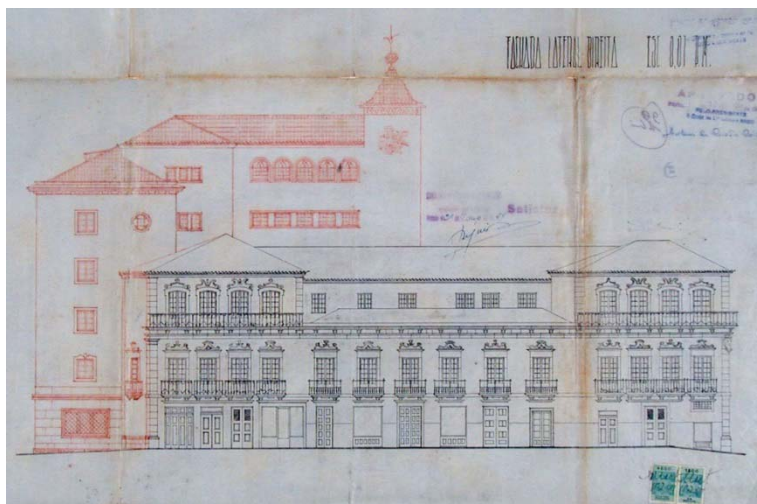
Ora para conseguir este número de quartos necessário para a classificação de hotel como convém, houve necessidade de aproveitar parte do terreno que estava destinado a quintal.”⁵⁵⁹

Nesta versão, redesenhadas as plantas de todos os pisos, surge um volume perpendicular ao anterior que ocupa parcialmente o interior do quarteirão deixando de servir de zona de estacionamento de automóveis [●3]210 a

⁵⁵⁸ Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

⁵⁵⁹ Rogério de Azevedo, Processo de Licenciamento. Arquivo Geral da câmara Municipal do Porto. N.º Licença: 471/43 de 15 de Dezembro de 1943 – Req.º n.º 7604/44 de 18 de Fevereiro de 1944, p. 78.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Alçado voltado à travessa e rua da Fábrica

- 3.210. Primeira versão; manutenção da Casa da Fábrica; alçado travessa da Fábrica/ rua de Avis.
 - 3.211. Primeira versão; manutenção da Casa da Fábrica. Alçado rua da Fábrica.
- 3.212. Versão final; demolição da Casa da Fábrica; novo volume; alçado travessa da Fábrica/ rua de Avis.
 - 3.213. Versão final; demolição da Casa da Fábrica; novo volume; alçado rua da Fábrica.

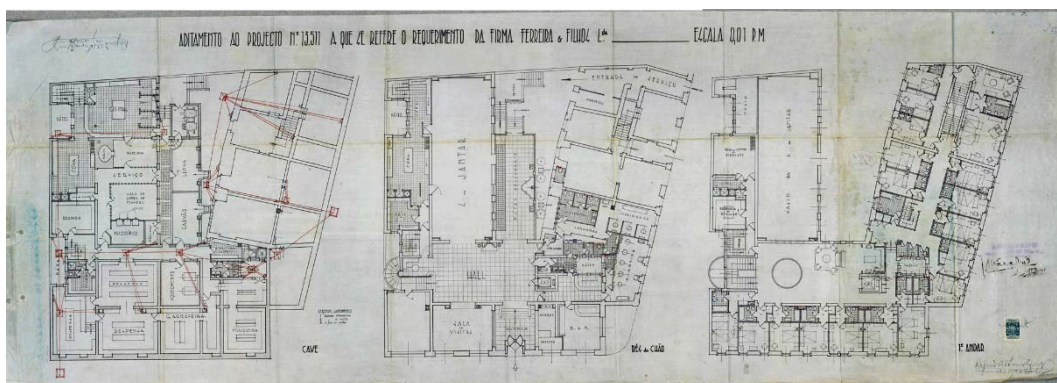
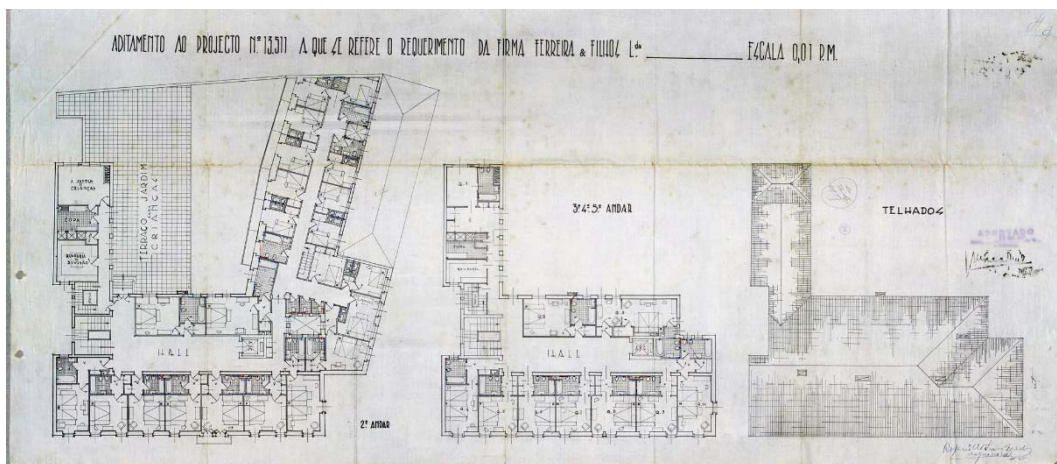
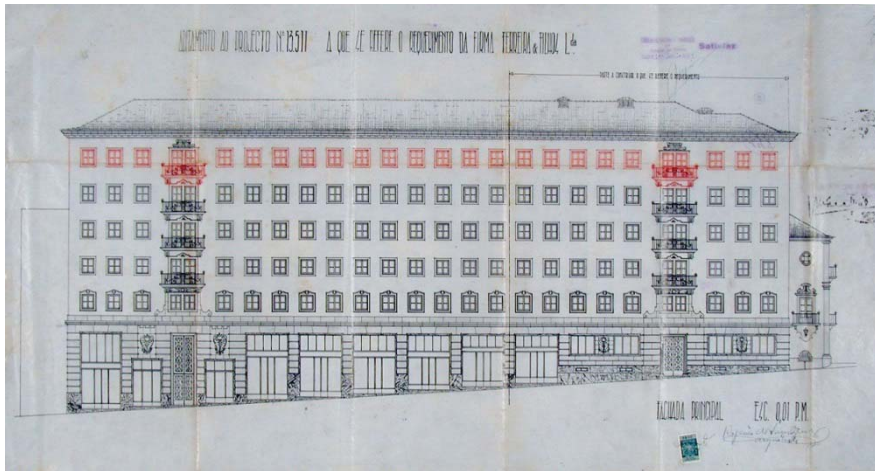
•3|212]. Este volume, mais largo no piso térreo, será ocupado pelos serviços de cozinhas, copas e sala de jantar voltada para um pátio exterior, no rés-do-chão, e rouparias e copas nos restantes andares, à excepção do 5.º andar, que é ocupado por uma zona de “habitação para gerente” do hotel. Nesta nova versão os espaços comuns ganham um protagonismo que não tinham anteriormente. O “vestíbulo” e recepção, por onde se faz agora a entrada no hotel, ganham dimensões muito maiores antecedendo um enorme “hall”, espaço que serve de distribuição e acesso, no piso da entrada, ao bar, ao restaurante e ao pátio exterior ajardinado. A grande abertura que se faz no tecto desta sala de estar comum permite estabelecer uma forte relação visual com o “hall” dos quartos do piso superior, conferindo a este espaço a grandiosidade pretendida. No seu topo, aquele vestíbulo é rematado por uma escadaria iluminada por um outro pátio exterior, dando, assim, acesso dos hóspedes (que não usem o elevador) aos pisos e quartos. Estes, agora em maior número, são redesenhados, deixando de ser comunicantes entre si, tendo, cada um deles, o seu quarto de banho (excluindo alguns quartos individuais que, na parte antiga, partilham, ainda, um quarto de banho comum). A beneficiação geral da qualidade espacial, o aumento substancial das áreas comuns, o alargamento das circulações e a criação de zonas de serviço regulamentares, proporcionaram a transformação daquela hospedaria num hotel que, conforme se pretendia, seria de grande luxo. No antigo Palácio da Fábrica, nesta fase do projecto apenas ocupado parcialmente (lado norte), são unicamente mantidas as paredes exteriores e a cobertura, que, como diz o próprio arquitecto, é a “única parte interna do edifício digna de conservar-se”⁵⁶⁰. Assim, o espaço interior deste sector, totalmente reformulado com uma estrutura semelhante à do edifício novo, é ocupado com quartos de dormir “secundários”.

Já em 1946 um novo aditamento ao projecto é entregue na Câmara Municipal.⁵⁶¹ Neste, “se bem que a estrutura geral se pretenda conservar há

⁵⁶⁰ Idem, s/p.

⁵⁶¹ Rogério de Azevedo, Processo de Licenciamento. Arquivo Geral da câmara Municipal do Porto. N.º Licença: 471/43 de 15 de Dezembro de 1943 – “Aditamento ao Projecto

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Hotel

- 3.214. Alçado principal.
- 3.215. Planta 2º andar, 3º, 4º e 5º andar e telhados.
- 3.216. Planta cave, rés-do-chão e 1º andar.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

pequenos pormenores a modificar [...]”⁵⁶², já que “o hotel que se pretende construir passará á categoria de ‘Luxe’.” Nesta fase, a alteração com maior significado será o acréscimo de um piso ao volume voltado à praça Filipa de Lencastre. Este aumento da volumetria tornará a transição deste volume com os edifícios da rua do Almada mais difícil. O próprio Conselho de Estética e Urbanização dá nota deste facto referindo, num parecer de 20 de Fevereiro de 1945, que: “Com o aumento do novo andar, o aspecto estético do edificio é prejudicado; o mesmo acontece relativamente à praça cuja largura e forma não comporta edificios altos”, justificando o seu parecer positivo pelo facto de se tratar de uma obra “já executada”⁵⁶³.

Além dessa questão, surpreendentemente, num seguinte aditamento, de 22 de Fevereiro de 1945, é proposta a demolição da antiga Casa da Fábrica e, no seu lugar, a construção de um novo volume, facto que alterará claramente a imagem de conjunto. Esta demolição é explicada pelo autor do projecto na respectiva memória como um acto necessário, “em virtude do seu desaprumo, tanto na frente como nas traseiras [...] onde atinge os trinta centímetros”⁵⁶⁴. O material resultante desta demolição, oferecido pelo seu proprietário à Camara Municipal, estará, até hoje, guardado para uma possível reconstituição noutra local.⁵⁶⁵ O novo volume, por ter mais um piso que o do

n.º 13.511 a que se refere o requerimento da firma Ferreira & Filhos Lda”. Aprovado a 29 de Março de 1946, p. 140.

⁵⁶² Idem, ibidem.

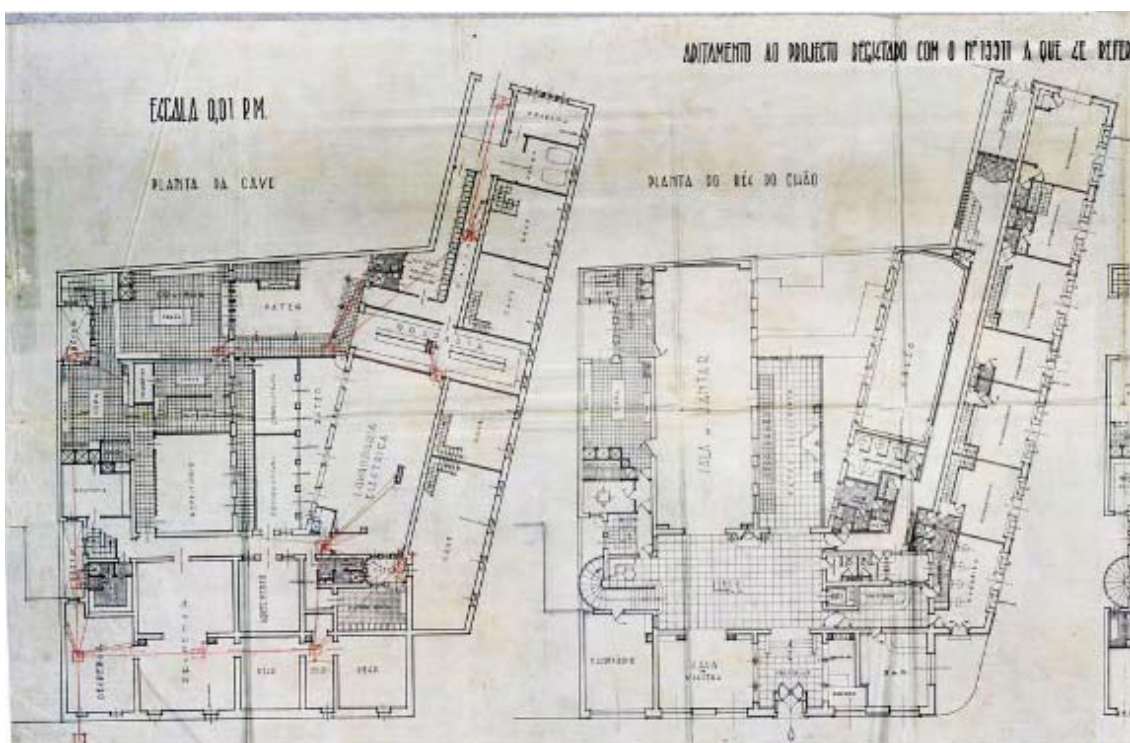
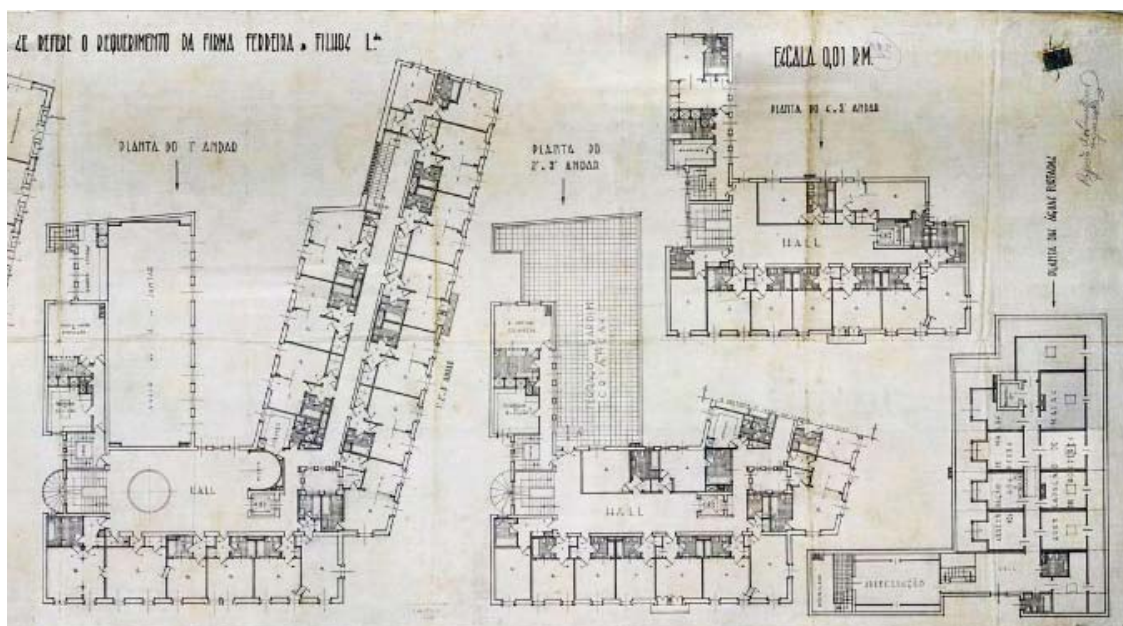
⁵⁶³ “[...] Tratando-se porém de uma obra já executada, satisfaz”. , in Processo de Licenciamento. Arquivo Geral da câmara Municipal do Porto. N.º Licença: 471/43 de 15 de Dezembro de 1943 – Aprovado a 29 de Março de 1946. Parecer do Concelho de Estética e Urbanização da Cidade do Porto, 20 de Fevereiro de 1945, p. 194.

⁵⁶⁴ E, nesta “Memória”, o arquitecto continua dizendo relativamente à demolição: “Em vista deste facto, a firma requerente ofereceu à Exm.ª Camara, [...], toda a fachada que transportará para onde for necessário”. Rogério de Azevedo, in Processo de Licenciamento. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto. N.º Licença: 471/43 de 15 de Dezembro de 1943 – “Aditamento ao Projecto n.º 13.511 a que se refere o requerimento da firma Ferreira & Filhos Lda”. Aprovado a 29 de Março de 1946, p. 146.

⁵⁶⁵ “Quando se deu a demolição do palacete da nobre Casa da Fábrica, a Câmara do Porto comprometeu-se a levantar novamente a fachada do edificio num outro local. As pedras foram numeradas e guardadas...

Estão ainda agora (pelo que soubemos), ‘guardadas’ no Parque do Monte Aventino, nas Antas, no entanto não possuímos qualquer elemento, que confirme tal informação”, in

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Hotel. Substituição da antiga Casa da Fábrica por volume novo

- 3.217. Planta dos diversos pisos

volume demolido e uma altura uniforme em todo o seu comprimento, ganha uma proporção completamente diferente, integrando-se agora mais dificilmente na escala da cidade, questão sentida, fundamentalmente, na transição com as casas oitocentistas da rua da Fábrica. A este respeito pronunciar-se-ia o Conselho de Estética dizendo que “o corpo do edifício no gaveto, pela sua altura, se destacar de tal modo que estabelece uma desproporção inaceitável”⁵⁶⁶. [●3|213 a ●3|217]

A questão da demolição do antigo edifício, tratada por Rogério de Azevedo estranhamente com uma certa “ligeireza” em relação à dimensão da sua real importância, obrigou, obviamente, ao redesenho deste sector do hotel. Este facto permitiu, julgamos nós, o cumprimento do objectivo que nos parece ter justificado aquela decisão – o aumento do número de quartos – que passam, agora em maior número, a ter dimensões idênticas aos da outra ala deste estabelecimento. Nos últimos desenhos entregues para aprovação na CMP, o desenho das plantas sofre algumas alterações ligeiras na parte do edifício voltada à praça Filipa de Lencastre e alterações mais acentuadas no sector voltado à rua de Avis que, agora, se prolonga até ao final do quarteirão, na rua da Fábrica. Esta ala do edifício, com uma estrutura de paredes divisórias perpendiculares à fachada, é ocupada, na cave, com arrecadações e zonas técnicas do hotel; no piso térreo, é ocupado com estabelecimentos comerciais voltados para a rua e outros serviços nos espaços voltados para o interior do lote; os restantes pisos são totalmente ocupados com os quartos de hotel dispostos perpendicularmente ao alçado sendo que, um longo corredor central, separa os quartos voltados para a rua daqueles que são voltados para os pátios do interior do lote. O alçado é agora desenhado dando continuidade ao alçado voltado à praça colocando-se, aqui, as mesmas questões levantadas anteriormente.

<http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt> (15-01-15). Licença: 471/43 de 15 de Dezembro de 1943 – Aprovado a 29 de Março de 1946, “Conselho de Estética e Urbanização da Cidade do Porto, 11 de Outubro, 1945”, p. 196.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Interior

- 3.218. Sala de jantar.
- 3.219. Salão de baile.
 - 3.220. Hall.
- 3.221. Quarto de banho.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

Este processo longo, que contemplou alterações de diversas circunstâncias ao longo do tempo, resultou, como vimos, numa série de diferentes versões desenhadas do projecto e alterações realizadas em obra. A grandiosidade dos espaços interiores deste Hotel de Luxo será, nesta sequência, complementada com uma decoração exuberante ostentando deliberadamente uma riqueza que, vista desde o exterior, o edifício aparentemente não revelava, criando, assim, um enorme contraste entre um exterior relativamente “pobre” e um interior luxuriante [●3|218 a ●3|221]. A decoração, da autoria de Artur Barbosa e os ornatos e decorações dos tectos e paredes da responsabilidade da empresa Baganha & Irmão⁵⁶⁷ vieram complementar os arranjos deste edifício que se inaugura no dia 22 de Junho de 1951 e é largamente noticiado pelos meios de comunicação. Entre outras apreciações, diz-se:

“Foi brilhante, animadíssimo, o baile de gala do novo Hotel Infante de Sagres, inaugurado ontem com a assistência das autoridades civis e militares. No lindo salão Luís XVI, faiscante de lumes, juntou-se a escol da nossa sociedade [...]”⁵⁶⁸

Numa notícia feita com base na visita para a qual a imprensa é especialmente convidada, antecipando-se à respectiva inauguração, descrevem-se em diversos pontos, as instalações do luxuoso hotel:

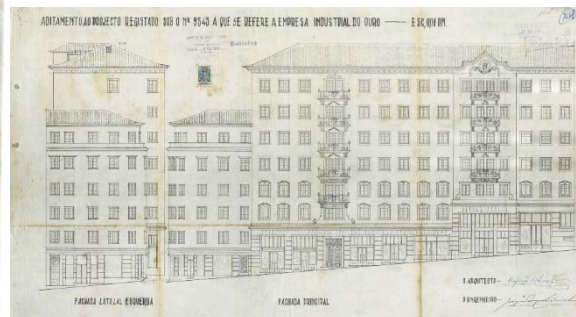
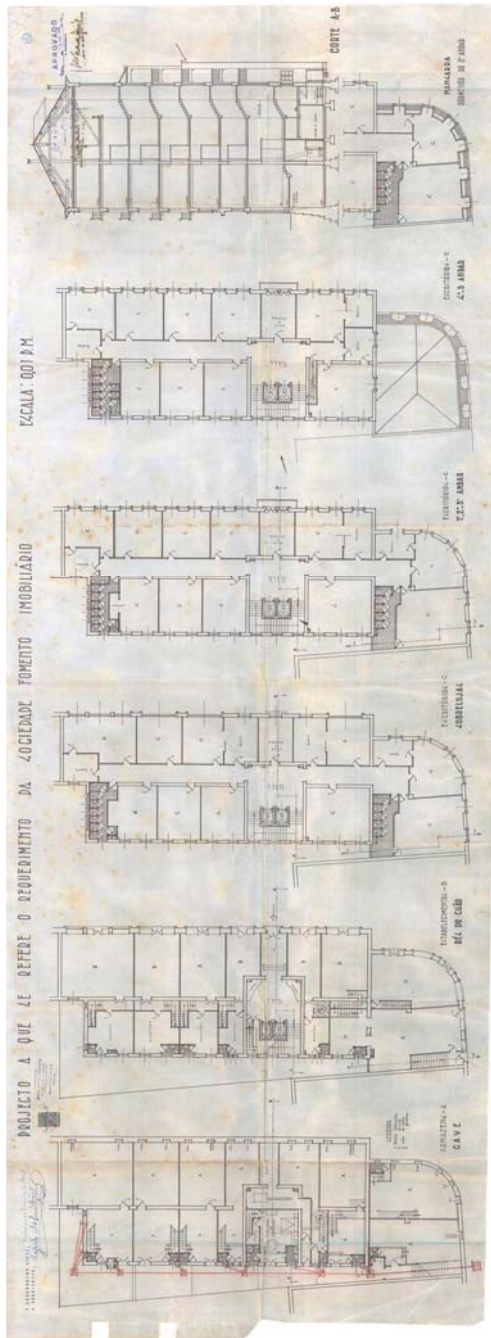
“De timbre essencialmente cosmopolita e instalado num belo edifício, [...], o novo hotel pelas suas vultuosas proporções, pelo luxo requintado de que se revestiu, pela comodidade e esplendor que todas as instalações oferecem, pelo apetrechamento de que dispõe tecnicamente (que é o que de melhor existe no género), é um valor extraordinário a contar na capital do norte, como nota evidente dum forte impulso marcadamente progressivo. [...]

[...] A impressão que nos ficou, percorrendo todo o edifício ocupado pelo hotel, é de que, pela sua magnificência, o belo estabelecimento excede, em muito, todas as expectativas. Logo no vestíbulo se vislumbra a sua «grande classe», porque após a porta principal, artisticamente trabalhada em ferro forjado, deparam-se-

⁵⁶⁷ Segundo informação contida na notícia publicada em *O Primeiro de Janeiro*, 22 de Junho de 1951, p. 4.

⁵⁶⁸ In *O Primeiro de Janeiro*, 22 de Junho de 1951.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



Empresa Industrial Ouro

- 3.222. Planta dos diversos pisos.
- 3.223. Planta topográfica.
- 3.224. Alçado.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

nos soberbas decorações em que foram utilizados o mármore, o aço polido e o bronze. [...]

Neste grande «hall», patenteia-se, como elemento decorativo, o fogão, trabalhado em talha, (estilo «Renascença»). [...]

A decoração da sala de estar é riquíssima, sendo toda forrada a «panneaux» em veludo de seda, com o tecto lavrado a ouro. Tem ainda um belo fogão, um original lustre de cristal, luxuosos «fauteils», tapeçarias, etc.

O artístico balcão do «bar», admiravelmente trabalhado com cariátides, pode considerar-se original. [...]

O Salão Nobre é em estilo Luís XVI [...]. Este salão dá também para uma galeria assente em arco, ligada a um jardim que tem ao centro uma taça em azulejo com água, fazendo lembrar os famosos pátios andaluzes.

[...] O Hotel tem cinco andares todos iguais.

[...] O Hotel tem 90 quartos todos com casa de banho, completa, em mármore. Em cada andar há uma «suite» com «apartment».

[...] A bela decoração do Hotel «Infante de Sagres» é toda da autoria de Artur Barbosa (Decorador) e os ornatos e decorações dos tectos e paredes dos Srs. Baganha & Irmão.

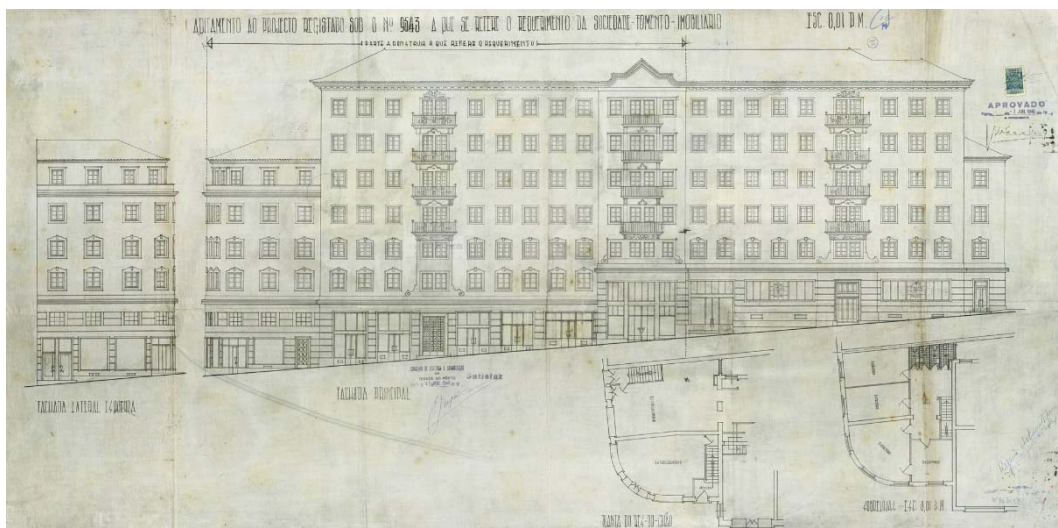
O projecto e construção do corpo do edifício pertencem ao arquitecto Sr. Rogério de Azevedo, que mais uma vez se revelou de inexecedível competência. [...]⁵⁶⁹

Esta construção coincidiu, a partir de 1945, com a do edifício que viria a ser construído na sua continuidade, rematando o quarteirão a nascente [●3|222 a ●3|224]. Em Maio de 1945 dá entrada na Câmara Municipal o pedido de Licenciamento para esta obra requerido pela Empresa Industrial do Ouro⁵⁷⁰. Propõe-se construir, um edifício destinado a comércio e escritórios que ajudará a compor a praça Filipa de Lencastre e a desenhar o gaveto com a rua do Almada.

⁵⁶⁹ Idem, p. 4.

⁵⁷⁰ “A Empresa Industrial do Ouro, S.A. foi fundada no Porto, em 1920, e desde meados dos anos 1940 que se dedica exclusivamente ao ramo do arrendamento de bens imobiliários. Possui dois edifícios emblemáticos na Baixa do Porto, um deles na Praça D. Filipa de Lencastre e outro na rua das Taipas, possibilitando o arrendamento de escritórios, lojas e apartamentos para habitação”, in <http://eio.pt>.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



- 3.225. Praça Filipa de Lencastre. Hotel Infante de Sagres e Garagem de O Comércio do Porto. Fotografia manipulada de acordo com aquilo que seria a intenção do autor do projecto.
- 3.226. Praça Filipa de Lencastre. Hotel Infante de Sagres e Garagem de O Comércio do Porto.
- 3.227. Alçado. Última versão_1946.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA

A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

“O edifício terá dois corpos diferentes. Um, com fachada voltada à Praça de Filipa de Lencastre, de aspecto e pormenores constructivos idênticos aos do edifício contíguo, que, com o que agora se projecta, formará um todo arquitectónico, constará de 5 andares, entre-solo, rés-do-chão e sub-solo; outro, no gaveto da Praça com a Rua do Almada, será com o último pavimento amansardado, semelhante ao do gaveto fronteiro, de forma a estabelecer ligação com a arquitectura desta rua e servir, simultaneamente, de elemento de transição com o corpo principal, mais alto. Êste segundo corpo terá sub-solo, rés-do-chão, três andares e mansarda.

[...] O prédio será servido por uma ampla escada, iluminada de alto a baixo, directamente, por janelões. Terá também dois ascensores [...]. Haverá uma entrada de serviço pela rua do Almada, permitindo fácil acesso às caves [...]”⁵⁷¹

A organização das plantas não difere muito do esquema de organização seguido nos pisos dos quartos do hotel, através de um corredor central ao longo do volume.

O alçado, desenhado anteriormente e conjuntamente com o do hotel, como se se tratasse de um só edifício, serve como cenário daquela pretendida unidade, reforçada na última versão do projecto, pela forte marcação do eixo de simetria, que no interior do edifício não coincide com qualquer zona de importância destacada, mas que lhe confere a monumentalidade pretendida, porventura desajustada com a escala que a praça veio a ter, dada a manutenção dos edifícios oitocentistas na sua fachada norte. [●3|225 a 3|227].

“Procurou-se com a modificação proposta cortar a possível monotonia da repetição de motivos, estabelecendo ao centro da fachada um corpo com uma pequena saliência de 0,20 que nos vai permitir poder acompanhar o grande desnível da Praça. Assim, o envasamento que ia de fora a fora, ganhando sempre altura, que

⁵⁷¹Rogério de Azevedo, “Memoria Descritiva e Justificativa” in Processo de Licenciamento. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto. Licença n.º 268/46; Registo: 9543/4, p. 3 (frente e verso).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos



● 3.220. Escola do Soajo. 1939.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

no extremo chegava a atingir nove metros, teria o ressaltado na saliência que, assim, é perfeitamente justificado e necessário portanto.”⁵⁷²

A exuberância decorativa e a publicitada ostentação de riqueza no interior do Hotel, aliada a uma contrastante monotonia proporcionada pela elementaridade de tratamento do alçado exterior, onde o uso de uma série de elementos representativos de um estilo dito “português” (como beirais nos telhados, molduras em granito trabalhado ornamentando as janelas, a marcação forçada de um eixo de simetria) traduzem-se num edifício que se enquadra claramente no modelo de arquitectura que o regime advogava, na época. Verifica-se neste edifício da praça Filipa de Lencastre que o uso forçado destes elementos resulta numa arquitectura inadaptada ao seu sítio e na qual a autenticidade procurada se perde dando lugar ao vulgarmente chamado “português suave” experimentado em diversos exemplos pelo país fora, nomeadamente, desde a “Exposição do Mundo Português”, em 1940, e das experiências realizadas alguns anos depois na praça do Areeiro em Lisboa pelo arquitecto Luís Cristino da Silva (1896-1976).

3.7.2 *Escola Primária de Soajo, Arcos de Valdevez, 1931/1939*

Também, a propósito de uma eventual postura de comprometimento com o Regime por parte de Rogério de Azevedo, no que concerne à sua posição perante o problema da Casa Portuguesa, poder-se-iam invocar as escolas regionais, ditas “especiais” projectadas durante os anos 30 no Norte do País.

Ao contrário daquilo que acontece no projecto para o Hotel Infante de Sagres, na escola do Soajo, terminada a sua construção em 1939, a questão da linguagem utilizada não parece ter sido, como questão prévia, condicionante no projecto [●3|228]. A integração no espírito daquele lugar parece ser aquilo que condiciona a sua implantação e condiciona a escala, dá origem a

⁵⁷² Rogério de Azevedo, in “Aditamento ao Projecto n.º 9543 a que se refere o requerimento da Sociedade de Fomento Imobiliário para a Praça de D. Filipa de Lencastre”. Processo de Licenciamento. Aprovado a 3 de Junho de 1946 (Licença n.º 268/46; Registo: 9543/45) Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, p. 34.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
3. A obra de Rogério de Azevedo; alguns exemplos

alguns dos pormenores construtivos do edifício e origina a escolha dos materiais empregues. Assim, o edifício construído em granito aparente, apenas parcialmente rebocado pelo exterior, adapta-se naturalmente ao maciço rochoso muito marcado pelo valor patrimonial que a presença de um exemplar conjunto de espigeiros lhe confere. Este maciço rochoso remata a composição encerrando organicamente o terreno que configura o recreio da escola; do lado oposto, encaixando-se o edifício naquela vertente de topografia acentuada, o volume debruça-se, abrindo-se para a paisagem, através das amplas caixilharias que delimitam os numerosos vãos que iluminam de forma abundante as salas de aula. Assim, se, por um lado, se permite que o terreno natural invada o espaço projectado gerando-se uma relação íntima na proximidade entre ambos, por outro, na outra vertente, se gera uma relação com uma paisagem de montanha distante semelhante à proporcionada nos projectos uns anos mais tarde desenvolvidos para as pousadas por este mesmo autor.

Através desta comparação se constata, relativamente ao projecto para o hotel da praça Filipa de Lencastre no Porto que, obviamente, a utilização avulsa, fora do tempo e contexto certo, de uma junção de elementos estereotipados característicos de uma certa arquitectura promovida pelo regime, não é, por si só, factor que garanta a obtenção um resultado qualificado. O resultado arquitectónico parece distanciar-se claramente, aqui, das experiências da Garagem do Comércio ou do edifício sede de *O Comércio do Porto*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

4.1 A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo

Talvez apenas hoje, passados mais de trinta anos sobre a morte de Rogério de Azevedo, distanciados no tempo e menos condicionados emotivamente, nos tenha sido possível realizar uma reflexão mais livre e, talvez por isso, mais ajustada à sua verdadeira personalidade. Uma visão parcial, muitas vezes centrada, pela nossa historiografia, em questões menos positivas de um percurso afinal tão longo e diversificado, pode ser justificada, julgamos nós, por um posicionamento que, ao longo dos anos, terá sido condicionado por razões de ordem ideológica.

Rogério de Azevedo foi, no Porto, um homem do seu tempo, erudito e culto.

A sua obra, reflexo das diversas condições que, a vários níveis, se fizeram sentir durante o tempo longo em que viveu, dificilmente se categoriza. A sua estimulante análise obriga a um deambular pelas várias épocas da história da arquitectura, comprovando a sabedoria do seu autor e a qualidade e coerência individual de cada obra. A diversidade facilmente observável no conjunto dos seus projectos não nos parece, agora, esconder qualquer aleatoriedade, explicando-se, pelo contrário, de forma concreta, no caso a caso de cada circunstância particular. O seu saber aparentemente intuitivo de, em cada momento, procurar interpretar o lugar, acentuando equilibradamente o valor dos diferentes factores em jogo, estimula, em quem observa a sua produção, a procura dos seus diferentes significados.

Rogério de Azevedo trata as circunstâncias onde trabalha como temas de projecto, seja na construção da cidade, na relação com a paisagem natural ou no encontro com o património arquitectónico.

Esta postura perante a arquitectura vem comprovar a sua heterodoxia. Tal como refere Eduardo Lourenço, “*no plano do agir, na filosofia ou na política* [e, acrescentaríamos nós, na arquitectura], *o homem é uma realidade*

*dividida. O respeito pela sua divisão é Heterodoxia*⁵⁷³. Compreendemos, assim, ao longo desta análise que, para entendermos a postura claramente não ortodoxa de Rogério de Azevedo, para o compreendermos na sua essência, teríamos, também nós, de nos colocar numa posição heterodoxa perante a sua arquitectura.⁵⁷⁴

A diversidade na obra de Rogério de Azevedo é, claramente, traduzida, antes de mais, pelas **diferentes expressões formais e plásticas** visíveis nos edifícios que projecta. Deste ponto de vista, podemos constatar o eclectismo do autor no conjunto que constitui a sua obra.⁵⁷⁵ Esta diversidade, presente também na obra de outros autores, é assumida, pela geração de arquitectos a que pertence, com uma naturalidade que hoje nos surpreende. Resalva-se, no entanto, que, quando Rogério de Azevedo opta por dar determinada expressão formal ao edifício, mantém, com coerência, a sua unidade individual. A razão que determina a escolha não se explica, como fomos dando conta ao longo do trabalho, com base numa lógica sequencial cronológica, mas, sim, por factores variáveis como o lugar, o programa, o cliente, ou, até, condicionamentos gerados no processo de aprovação dos projectos. Citemos, como exemplo, a relação que parece estabelecer com o Hospital de Santo António quando utiliza referências dos modelos clássicos no exterior do edifício que propõe para a Faculdade de Medicina do Porto ou, ao contrário, a imagem de grande modernidade que desenvolve no edifício da Garagem do Comércio, quando confrontado com um programa estimulante e um cliente que o liberta de condicionantes.

⁵⁷³ Eduardo Lourenço, *Heterodoxia I*. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 16.

⁵⁷⁴ “A Heterodoxia é a consciência absoluta da pluralidade histórica das ortodoxias, que a diversidade dos povos, das nações e dos homens suscita continuamente”. É “o humilde propósito de não aceitar um só caminho pelo simples facto dele se apresentar a si próprio como o único caminho, nem de os recusar a todos só pelo motivo de não sabermos em absoluto qual deles é na realidade o melhor dos caminhos”. In Idem, p. 14/15 e 10.

⁵⁷⁵ A este respeito, ver José Miguel Rodrigues. Entrada “*Arquitectura, Eclectismos, Historicismos*”, in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Volume I: A-E), Lisboa: Assembleia da República, 2014, p. 184/186.

Concluimos que o **problema da coerência** de cada obra não decorre da sua expressão formal, já que esta vai variando no caso a caso de cada situação. A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo resulta da qualidade particular de cada projecto numa correcta interpretação das **circunstâncias** que normalmente o condicionam.

O controlo da escala e a cuidada inserção urbana dos volumes projectados parecem constituir uma das permanências que identificámos nos exemplos estudados. Os edifícios inseridos na malha densa da cidade do Porto procuram, em todos os casos, o cuidado redesenho do espaço urbano que configuram e a consolidação do vazio onde se inserem. Exemplos disso são o da proposta, na nova avenida das Nações Aliadas, onde o edifício da sede de *O Comércio do Porto*, assume o seu valor de representatividade e prolonga a regra estabelecida pelo respectivo Plano ou, o do edifício Maurício Macedo, onde, embora o enorme volume se destaque, proporcionando uma intencional nova escala para a cidade, manifesta, ao mesmo tempo, preocupação na configuração do quarteirão que aquela construção ajuda a consolidar.

A controlada inserção dos seus edifícios no tecido urbano é reforçada pela especial atenção dada à transição volumétrica entre estes e os preexistentes. Veja-se a maneira exemplar como, no já citado “arranha-céus”, o volume de maior altura se desalinha de outros mais baixos proporcionando uma transição cuidada, respectivamente, com os edifícios das ruas de Sá da Bandeira e do Bonjardim.⁵⁷⁶ Confirmámos, assim, que a **transição entre os edifícios** nunca deixa de ser considerada, tal como na passagem entre o ritmo marcado pelo lote estreito oitocentista da cidade e a Garagem de *O Comércio do Porto* ou entre esta e o edifício da sede. Em ambos os casos, dois volumes de maior altura marcam esta articulação.

⁵⁷⁶ Constatamos que, embora se pretendesse um efeito similar na transição dos volumes do Edifício de Escritórios e Hotel Infante de Sagres na praça Filipa de Lencastre com as ruas do Almada e da Fábrica, neste caso, por questões relacionadas com a reprovação repetida do projecto pela CMP, ao contrario daquilo que era a intenção do projectista, isto não veio a acontecer de forma tão favorável.

Rogério de Azevedo cuida, claramente, a transição entre os edifícios preexistentes e aqueles que projecta, adaptando-se sem mimetismo, desenhando habilmente o contacto entre expressões plásticas por vezes muito diferenciadas. Apenas quando justificado pela circunstância patrimonial, como, por exemplo, no desenho que desenvolve para a abside de S. Pedro de Rates, procura dar continuidade ao românico preexistente indo ao encontro da procurada “unidade do estilo” das intervenções dos Monumentos Nacionais daquela época. Aqui, dada a necessidade de ter de recriar uma ousia, desvaloriza referências nacionais e procura informação em livros ilustrados com exemplos eruditos que Viollet-le-Duc propõe.⁵⁷⁷

A coerência na obra de Rogério de Azevedo evidencia-se, igualmente, no modo como **a expressão formal do desenho da planta se reflecte no respectivo alçado**. Vejam-se, neste caso, como exemplo, os edifícios que Rogério de Azevedo projecta tanto no gaveto entre a rua de Santa Catarina e a rua da Firmeza, como, também, no edifício para a Creche de *O Comércio do Porto*. A **simetria**, quase sempre presente na composição, materializa-se, muitas vezes, na ênfase dos elementos de gaveto que se diferenciam volumetricamente.

Procurámos identificar aspectos transversais ou características constantes no conjunto da obra de Rogério de Azevedo que permitiram identificar uma metodologia processual no desenvolvimento do projecto. Estes aspectos, pensamos nós, acentuam, em cada caso, as qualidades dos edifícios projectados. Acrescentaríamos, a harmonia e equilíbrio nas proporções sem que nunca se perca a noção de robustez; o sentido da composição, a economia de meios que inclui moderação na aplicação do ornamento, a lógica na organização dos programas e respectiva noção de hierarquia na distribuição dos espaços, o propósito da identificação das variações programáticas desde o exterior dos edifícios, atributos constantes nas obras deste autor.

⁵⁷⁷ Assim, em pleno século XX, com uma certa ironia, se constrói aquele que é por alguns considerado um dos mais qualificados exemplos do estilo Românico em Portugal.

Estas características podem identificar-se, talvez, como permanências do modelo *Beaux Arts* que a Escola do Porto foi moldando e adaptando ao longo dos tempos e, talvez também, como permanências de uma **tradição** que permitiu a preservação de processos e procedimentos. Citando, de novo, Rogério de Azevedo, "o espírito não tem limites [...] e a tradição não é estagnação mas continuidade na pesquisa [...]"⁵⁷⁸ Mas a tradição, afirmava ainda, "é uma herança que veio até nós e reclama acrescentamento para os que hão-de vir."⁵⁷⁹

A tradição, no sentido de transmissão daquilo que mantém actualidade, constitui um legado de Rogério de Azevedo que, valorizando sempre a artisticidade da profissão, cumpriu empenhadamente o propósito de acrescentamento para aqueles que depois dele vierem.

Este estudo representa, esperamos, um contributo para o reconhecimento e interpretação da obra deste autor e retrata parcialmente, sabemos agora, o muito que dela se pode retirar.

Como diria Rogério de Azevedo:

"Ponho enfim ponto ao razoado cuja substância, não sendo profunda, me embaraça ao querer distinguir se fui prolixo pela variedade se concentrado pelo pouco que dessa variedade soube extrair. Que me perdoem, pelo menos aqueles para quem isto foi especialmente escrito.

FIM"⁵⁸⁰

⁵⁷⁸ Rogério de Azevedo, "Marques da Silva", in *O Tripeiro*, ano IX, VI Série, n.º 11, Porto, Novembro 1969, p. 343.

⁵⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

⁵⁸⁰ Rogério de Azevedo. *O Paço dos Duques de Guimarães: preâmbulo à memória do projecto de restauro*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942, p. 125.

CRONOLOGIA

- [1898] . nasce no Porto, a 25 de Junho, na freguesia de Cedofeita.
- [1903] . fica órfão de pai.
. estuda e vive no Colégio dos Órfãos do Porto (talvez desde a data em que começou a instrução primária, até aos 17 anos).
- [1911] . conclui o exame de instrução primária do segundo grau, aprovado com distinção (24 de Agosto).
- [1912] . frequenta o curso de Architectura Civil da antiga Academia Portuense de Belas-Artes (conclui em 1917).
- [1918] . enquanto estudante é-lhe atribuído o “Prémio Soares dos Reis”.
. tirocínio com Marques da Silva.
- [1920] . volta a matricular-se no Curso de Architectura para complementar os seus estudos e diplomar-se, agora, pela “nova organização” resultante da Reforma do Ensino Artístico de 1911 na Escola de Belas Artes do Porto (até 1922).
. funda a Sociedade dos Architectos do Norte com Marques da Silva (Sócio n.º 1 e Presidente Honorário a partir de 1923), Correia da Silva, António Peres Guimarães, Baltazar de Castro e, Francisco de Oliveira Ferreira, entre outros.
- [1923] . projecto Edifício para «Serração de Madeiras». Rodrigues e Santos, Lda., rua Anselmo Braancamp, 125, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (386), f. 425-438 Processo n.º 1084/1923) (não construído ou demolido) (assinado Rogério de Azevedo, Architecto).
. projecto Moradia Unifamiliar Artur Guimarães, praça das Flores, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (379), f. 234-243 Processo n.º 747/1923) (não construído ou demolido) (assinado Rogério de Azevedo, Architecto).
. projecto Edifício Sociedade Industrial do Bom Sucesso, rua do Bom Sucesso/Agramonte, Porto (D-CMP/9 (395), f. 68-84 Processo n.º 1621.1923) (não construído ou demolido).

. projecto duas Moradias Unifamiliares Custódio dos Santos, travessa da Fontinha, 36, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (401), f. 142-150 Processo n.º 1933/1923) (existentes) (assinado Rogério de Azevedo, Arquitecto).

[1924]

. projecto Moradia Unifamiliar Wilhem Oscar Kramer, rua do Marechal Saldanha, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (439), f. 356-373 Processo n.º 1667/1924) (não construído ou demolido) (assinado Rogério de Azevedo, Arquitecto).

[1925]

. colabora com José Marques da Silva (segundo informação que consta na agenda pessoal de Marques da Silva. Consultada na Fundação Instituto Marques da Silva).

. projecto para a Ampliação e Reforma da Faculdade de Medicina do Porto (actual Instituto Abel Salazar), largo Professor Abel Salazar, Porto (conclusão da obra em 1935) (assinado Baltazar de Castro/ Rogério de Azevedo, Arquitectos) (existente).

. prestou serviço na categoria de Professor provisório na Antiga Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada), do Porto⁵⁸¹ (até 1928).

[1926]

. Diploma de Arquitecto pela Escola de Belas Artes do Porto (Fevereiro).

. Inicia actividade profissional como Arquitecto em *atelier* próprio.

. projecto de Ampliação e Reforma de Moradia Unifamiliar Jaime de Andrade Vilares, largo de Nevogilde, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (475), f. 188-197 Processo n.º 28/1926) (assinado Rogério de Azevedo, Arquitecto).⁵⁸²

. projecto Moradia Unifamiliar Álvaro Machado, rua da Fontinha 54, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (485), f. 293-305 Processo n.º 433/1926) (assinado Baltazar de Castro/ Rogério de Azevedo, Arquitectos).

. projecto Moradia Unifamiliar Fernando de Souza Brandão. Lugar de Formosinho. Arouca (com Baltazar de Castro).⁵⁸³

⁵⁸¹ In Certificado da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis constante na documentação do Processo de Docente da EBAP, arquivo FBAUP.

⁵⁸² Publicada em *A Arquitectura Portuguesa, Revista mensal de Construção e de Arquitectura prática*, Lisboa, ano XIX, n.º 1, Janeiro de 1926.

⁵⁸³ Publicada em *A Arquitectura Portuguesa, Revista mensal de Construção e de Arquitectura prática*, Lisboa, ano XIX, n.º 1, Janeiro de 1926.

. projecto Moradia Unifamiliar Comendador António Pereira Inácio. Baltar. Paredes (com Baltazar de Castro).⁵⁸⁴

[1927]

. casamento com Albertina Ferreira Mendes (vivem inicialmente em Miramar).

. projecto para o edifício sede do jornal *O Comércio do Porto*, avenida dos Aliados, 107-137, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (572), f. 76-115 B Processo n.º 612/1930) (assinado Baltazar de Castro/ Rogério de Azevedo, Arquitectos).

. projecto para o Edifício Asilo-Hospital-Creche “José Rodrigues Cardoso”, Vila Seca de Armamar, Viseu (início da construção em 1927/ inaugurado em 1931⁵⁸⁵).

[1928]

. projecto Escola Central, avenida dos Combatentes da Grande Guerra, Viana do Castelo (concluída em 1933) (com Baltazar de Castro).

. projecto modificação de edifício António Arnaldo de Carvalho e S. Fernandes, praça da Liberdade 123-125, rua de Sampaio Bruno 2-12, Porto (D-CMP/9 (529), f. 491-510 Processo: 83.1928).

. projecto reconstrução edifício Emílio Pereira de Alvim, rua de Coutinho de Azevedo, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (536), f. 130-147 Processo n.º 422/1928).

. direcção das obras de construção da Maternidade Júlio Dinis, largo da Maternidade, Porto (projecto de Georges Epitoux. Inauguração em 1938).

[1929]

. nascimento de Mário Emílio Ferreira Mendes dos Santos Azevedo, primeiro filho.

. projecto ampliação de prédio Abílio José Ferreira, praça de Nove de Abril 349, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (540), f. 234-242 Processo n.º 637/1929).

⁵⁸⁴ publicada em *A Arquitectura Portuguesa, Revista mensal de Construção e de Arquitectura prática*, Lisboa, Ano XIX, n.º 1, Janeiro de 1926.

⁵⁸⁵ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014.

. projecto moradias unifamiliares Manuel Fernandes de Moura, rua de Honório de Lima 75, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (563), f. 108/117 Processo n.º 313/1929) (não construído ou demolido) (assinado Rogério de Azevedo).

. projecto edifício de garagem e escritórios para *O Comércio do Porto*, R. do Almada, 196-218; R. Elísio de Melo, 28-52, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (640), f. 215-222-2 Z Processo n.º 941/1932).⁵⁸⁶

[1930]

. professor efectivo de Desenhos e Tecnologias na antiga Escola Industrial e Comercial Doutor Azevedo Neves em Viseu e exonerado a seu pedido (até 1932).⁵⁸⁷

. ante-projecto para a Escola Primária da Gandra, Valença do Minho (com Baltazar de Castro).

. projecto Escola Primária da Fonte Grossa, Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo (com Baltazar de Castro).

. projecto Escola Primária de Lanheses, Viana do Castelo (inauguração 1934) (com Baltazar de Castro).

. projecto Escola Primária de Alvarães, Viana do Castelo (com Baltazar de Castro).

. projecto Escola Primária de Barrô, Águeda (com Baltazar de Castro).

. projecto Escola Primária de Vila Mou, Viana do Castelo (com Baltazar de Castro).

. projecto Escola Primária de Lourosa, Oliveira do Hospital (com Baltazar de Castro).

. projecto moradia unifamiliar Guilherme Lickfold, rua António Patrício, 209-235, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (573), f. 443-456 Processo n.º 661/1930) (assinado Rogério dos Santos Azevedo, Arquitecto).

. projecto moradia unifamiliar Tiago de Almeida, rua Nossa Senhora de Fátima, 83-97, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (577), f. 141-155 Processo n.º 816/1930).

. projecto moradia unifamiliar Feliciano Leitão, rua da Fonte da Moura 192, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (579), f. 745-756 B Processo n.º 900/1930) (assinado Rogério dos Santos Azevedo, Arquitecto).

. projecto moradia unifamiliar Francisco Ribeiro Cepeda, avenida dos Combatentes da G. Guerra 243-253, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (584),

⁵⁸⁶ O processo inicia-se em 1929, mas apenas será licenciado em 1932.

⁵⁸⁷ In Carta de José Manuel Malheiro do Vale, director da Escola Industrial e Comercial de Viseu, 22 de Dezembro de 1950, constante na documentação do Processo de Docente da EBAP, arquivo FBAUP.

f. 117-125 Processo n.º 14/1930) (assinado Rogério dos Santos Azevedo, Arquitecto).

. projecto edifício de escritórios e comércio Humberto Ferreira Borges, rua de Santa Catarina 531-533, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (589), f. 75/84 Processo n.º 212/1930) (assinado Rogério de Azevedo, Arquitecto).

. projecto para 6 moradias unifamiliares “em banda” Silvano Alves Dias, rua de António Cândido 290-332, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (591), f. 62-77 Processo n.º 313/1930) (não construído ou demolido).

. projecto duas moradias unifamiliares Francisco Ribeiro Cepeda, rua de Nevala 90-110, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (591), f. 151-159 Processo n.º 327 e 329/1930) (assinado Rogério de Azevedo, Arquitecto).

. projecto Creche de *O Comércio do Porto*, avenida Fernão Magalhães, 449-467, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (593), f. 11-21 Processo n.º 402/1930) (assinado Baltazar de Castro/ Rogério de Azevedo, Arquitectos).

. projecto edifício dos Correios de Viana do Castelo, avenida dos Combatentes da Grande Guerra/avenida Conde Carreira, Viana do Castelo (a data refere-se ao início da construção, terminado em 1932) (com Baltazar de Castro).⁵⁸⁸

. projecto Escola Cantina José Rufino, rua Comendador José Rufino, Alijó (terminada a construção em 1934) (“em colaboração com os arquitectos Baltazar de Castro e Januário Godinho”⁵⁸⁹).

. projecto Paços do Concelho de Vila Flor (data não confirmada).

[1931]

. nascimento de Fernando Jorge Ferreira Mendes dos Santos Azevedo, segundo filho.

. projecto Hotel Cidnay, Santo Tirso (data da inauguração).

. projecto edifício de habitação plurifamiliar Ferreira Alves, rua de Álvares Cabral, 20, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (617), f. 78-96 Processo n.º 110/1931) (assinado por Rogério de Azevedo).⁵⁹⁰

. projecto Escola Primária do Soajo, Arcos de Valdevez (apenas entrou em funcionamento em 1939) (com Baltazar de castro).⁵⁹¹

⁵⁸⁸ Segundo Jorge Cunha Pimentel, o início da construção é de 1933

⁵⁸⁹ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014.

⁵⁹⁰ Projecto atribuído por alguns autores a Januário Godinho. Ver André Tavares, *Duas obras de Januário Godinho em Ovar*. Porto: Dafne editora, 2012, p. 33-34.

⁵⁹¹ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al

- . projecto Escola-Cantina de Bustelo, Penafiel.⁵⁹²
- . projecto Escola-Cantina de Chaves.⁵⁹³
- . projecto Escola-Cantina de Novelas, Penafiel (com Baltazar de Castro).⁵⁹⁴
- . direcção das obras de construção do Casino da Póvoa de Varzim (em substituição do arquitecto José Coelho, autor do Projecto).⁵⁹⁵
- . projecto moradia unifamiliar Dr. Oliveira e Silva, rua Cândido dos Reis, 83, Viana do Castelo (data não confirmada).

[1932]

- . Januário Godinho terá sido seu colaborador (até 1938).⁵⁹⁶
- . projecto edificio de escritórios e comércio Humberto Ferreira Borges., rua de Santa Catarina, 568-594, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (655), f. 213-233 K Processo n.º 534/1932) (assinado Rogério dos Santos Azevedo, Arquitecto).
- . projecto “Cidade Jardim” em Viana do Castelo, Bairro Jardim, Abeleira, Viana do Castelo.
- . projecto Edifício da Capitania do Porto de Viana, rua do Marquês, Viana do Castelo (terminada em 1933).
- . projecto Palácio Hotel da Póvoa do Varzim, Passeio Alegre, Póvoa do Varzim (terminado em 1936).
- . projecto Escola Primária Masculina de Santa Comba Dão, Vimieiro, Viseu.

[1933]

- . projecto Casa dos Pequenitos, Alijó.
- . Anteprojecto para Escola Infantil. Bragança.⁵⁹⁷
- . projecto para o Edifício de Habitação Plurifamiliar e Comércio Inácia Maria Pereira Mendes. rua Fernandes Tomás, 133-137, Porto

grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014. p. 430.

⁵⁹² Idem. p. 430.

⁵⁹³ Idem. p. 430.

⁵⁹⁴ Idem. p. 430.

⁵⁹⁵ Idem. p. 430.

⁵⁹⁶ Segundo declaração de Rogério de Azevedo que consta do processo de aluno da Escola de Belas Artes do Porto.

⁵⁹⁷ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, p. 430.

(PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (668), f. 228-244 Processo n.º 1130/1933) (assinado Rogério de Azevedo, arquitecto).

. projecto duas moradias unifamiliares Rogério de Azevedo/Baltazar de Castro. Av. Marechal Gomes da Costa, 1385-1395 e 1401-1411. Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (678), f. 546-551 Processo n.º 168/1933) (assinado Rogério de Azevedo, arquitecto).

. projecto Jazigo Bonfim de Brito Barreiros, Cemitério do Prado do Repouso, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (678), f. 546-551 Processo n.º 168/1933).

. projecto para a remodelação do interior do Café Guarany, Avenida dos Aliados/rua Elísio de Melo, Porto (data de inauguração).

. projecto para Escola Primária de Frechas, Mirandela (com Baltazar de Castro)⁵⁹⁸.

. projecto -tipo regionalizados para as Escolas Primárias, Alto Minho, Minho, Douro, Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Litoral (1933-35).

[1934]

. Rogério de Azevedo é nomeado para o Conselho de Estética e Urbanização da Cidade (do Porto) (até 1938)⁵⁹⁹.

. projecto moradia unifamiliar Hernâni Bastos Montero, rua de Aníbal Cunha 179-181, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (690), f. 49-72 Processo n.º 608/1934).

. projecto edificio Fernando Pires de Lima, rua de Faria Guimarães 755, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (750), f. 190-205 Processo n.º 1520/1935) (não construído ou demolido).

. projecto de modificação de edificio Francisco Neves de Castro, rua Fernandes Tomás, 660-670, Porto (não construído ou demolido).

. adjudicação do projecto para o Hospital da Misericórdia de Mirandela.

. projecto para Escola Primária de Mar, Esposende (com Baltazar de Castro).⁶⁰⁰

⁵⁹⁸ Idem. p. 430

⁵⁹⁹ Órgão constituído por Aarão de Lacerda (Presidente) e dois Vogais (Manuel Marques e Rogério de Azevedo) com a função de emitir pareceres sobre pedidos de licenciamento de obras à Câmara Municipal do Porto.

⁶⁰⁰ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, p. 431.

. projecto moradia unifamiliar com comércio no r/c, rua 5 de Outubro (actual rua da Junqueira), Póvoa de Varzim, Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, POP/72 (150)⁶⁰¹ (assinado Rogério de Azevedo, arquitecto).

. projecto espaço comercial na avenida Mouzinho de Albuquerque, 7, Póvoa de Varzim, Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, POP/74 (21)⁶⁰² (assinado Rogério de Azevedo, arquitecto)

[1935]

. integra a comissão constituída “para proceder ao inventário de todos os prédios que devam ser classificados como de interesse público..., para os efeitos da devida restauração” na cidade do Porto.⁶⁰³

. coordenador do Projecto de Recomposição do edifício do Paço dos Duques de Bragança, Guimarães (até 1940).

. integra a Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto (até 1938).

. projecto Abrigo dos Pequenitos para a Câmara Municipal do Porto, praça da Alegria, 80, Porto.

. projecto quatro moradias unifamiliares Afonso Cassuto, rua do Campo Alegre, 976-996; rua de Guilherme Braga, 22, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (754), f. 230-239 Processo n.º 1619/1935).

. projecto para moradia unifamiliar Abílio Ferreira, Av. dos Combatentes da G. Guerra, 236-240, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (759), f. 689-703 A Processo n.º 1787/1935).

. projecto para duas moradias unifamiliares Maria Marçal Brandão, praça do Império 80-95, Porto (Cota/Localização: D-CMP/9 (763), f. 870-891 Processo: 1896.1935).

. projecto para moradia unifamiliar Amândio Tavares, rua dos Vanzeleiros 391-395; rua de Cinco de Outubro 429, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (769), f. 182-197 C Processo n.º 2072/1935).

. projecto para moradia unifamiliar rua de Júlio Dinis, 595-603, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (770), f. 482-517 Processo n.º 2108/1935) (demolida).

. projecto de ampliação do balneário de 1.^a classe das Caldas do Gerês (pasta XIX do processo HM-31/Caldas do Gerês, Arquivo do Ministério da

⁶⁰¹ Idem, fig. 240.

⁶⁰² Idem, fig. 240.

⁶⁰³ Comissão constituída por Baltazar de Castro, António de Azevedo e presidida pelo professor Aarão Ferreira de Lacerda. <http://www.monumentos.pt>

Economia, Direcção Geral da Geologia e Energia. Processo n. 82 CSMinas Fls 2 (1934-1937))⁶⁰⁴ (assinado Rogério de Azevedo, arquitecto)

[1936]

. dirige a Secção do Porto da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (até 1940).

. Arménio Losa trabalha no seu *atelier*.

. publica o texto *A Arquitectura no Plano Social*. Porto, Imprensa Social.

. projecto edifício de habitação plurifamiliar Maria Emília Oliveira, rua de Antero de Quental, 980-992; rua de Pedro Ivo, 124, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9(816), f.163-190 Processo n.º 1227/1936) e, 1938 - projecto para modificar o edifício (PT/CMP/DMA/D-CMP/9(962), f.295-310 Processo n.º 1066/1938).

[1937]

. projecto para a Casa dos Magistrados em Alijó.

. projecto para 6 moradias unifamiliares “em banda” José Alfredo Reis/Aida Neves, rua do Campo Alegre, 886-924; rua de Guerra Junqueiro, 11-31, Porto (D-CMP/9(909), f. 377-400 M Processo: 1941/1937) e 1938 (modificar projecto - PT/CMP/DMA/D-CMP/9(936), f. 106-124 Processo n.º 667/1938) e projecto para 3 moradias unifamiliares na rua do Campo Alegre, 934-944, Porto (PT/CMP/DMA/D-CMP/9(970), f. 368-410 Processo n.º 1167/1938) e em 1940 alteração do Projecto (PT/CMP/DMA/... Processo n.º 160/1940 cont.: 667/1938).

. Tribunal de Comarca e Paços do Concelho de Póvoa de Lanhoso, Braga (terminado em 1942).

. projecto para a Escola-cantina, Póvoa de Lanhoso.⁶⁰⁵

. projecto Campanário da Igreja de Bravães, Ponte da Barca. Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (assinado Rogério de Azevedo, IHRU: SIPA, IPA n.º PT011606030001).⁶⁰⁶

[1938]

. nascimento do terceiro filho, Rogério Ferreira Mendes dos Santos Azevedo.

⁶⁰⁴ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, Fig 257-258.

⁶⁰⁵ Idem, p. 430.

⁶⁰⁶ Idem, fig. 357.

. presidente da Delegação Norte da Sociedade dos Arquitectos Portugueses/Secção Distrital do Porto do Sindicato Nacional dos Arquitectos (até 1940).⁶⁰⁷

. intervenção na Igreja de São Pedro de Rates, São Pedro de Rates. Póvoa de Varzim (até 1940).

. projecto para jazigo Maria de Jesus Pereira da Silva, Cemitério de Agramonte, Porto (AHCMP - Processo: 32.1938 Cota/Localização: A-PUB/5584, f. 212-218).

. projecto para a Pousada de S. Gonçalo, Marão, Amarante (inaugurada em 1942)⁶⁰⁸.

. projecto para a Pousada de Santo António, Serém, Águeda (inaugurada em 1942)⁶⁰⁹.

. projecto para a Escola Cantina Salazar, Santa Comba Dão, Vimieiro (obra concluída em 1939) (SIPA, IPA.00006664).

. projecto Cineteatro Garrett, Póvoa de Varzim (Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim)⁶¹⁰.

. projecto do Novo Cemitério a construir em Bravães, Ponte da Barca, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (não assinado, IHRU: SIPA, IPA n.º PT011606030001)⁶¹¹.

[1939]

. Paul Louis Denis Bellot (1876-1944), autor do projecto para a Igreja da Sr.ª da Conceição no Porto, na praça do Marquês, fica retido no Canadá para onde tinha viajado e Rogério de Azevedo assume a responsabilidade da obra.⁶¹²

⁶⁰⁷ Fazem parte da Direcção, em 1938, juntamente com Rogério de Azevedo – Presidente, Augusto Alberto Correia da Rocha – Secretário; e Homero Ferreira Dias – Tesoureiro. Na Mesa da Assembleia Geral, Francisco de Oliveira Ferreira – Presidente; Arménio Losa – 1.º Secretário e Joaquim Augusto Martins Gaspar – 2.º Secretário. In Ana Isabel Ribeiro. *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953*. 1.ª edição. Porto: FAUP Publicações, (Série 2), 2002.

⁶⁰⁸ Segundo Susana Lobo. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2006, p. 43.

⁶⁰⁹ Idem, ibidem.

⁶¹⁰ De acordo com a informação de Jorge Cunha Pimentel. *Obra pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014, fig 249-256.

⁶¹¹ Idem, fig 355 e 356.

⁶¹² Alberto Estima. “Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930: a igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa e a igreja da Sr.ª da Conceição, no Porto”, Porto: Revista da Faculdade de Letras *Ciencias e Técnicas do Património*, 2003, I Série vol. 2, p. 155-164.

. projecto para jazigo Magalhães Sequeira, Cemitério de Agramonte, Porto (AHCMP - Processo: 83.1939 Cota/Localização: A-PUB/5591, f. 181-188) (assinado Rogério de Azevedo, arquitecto).

. proposta para a realocização do monumento a D. Afonso Henriques, Guimarães, Estudo e Projecto.

. faz parte da equipa constituída para a elaboração do projecto de Restauro da Capela de São Frutuoso de Montélios, São Salvador de Montélios, Braga.

[1940]

. Professor na Escola de Belas-Artes do Porto, depois Escola Superior de Belas Artes do Porto (até 1968).

[Escola de Belas Artes do Porto/Escola Superior de Belas Artes do Porto:

1940 – Professor interino da oitava cadeira (Desenho arquitectónico, Construção e salubridade dos edifícios)

1942 – Nomeado “por acumulação, professor interino da 4.^a cadeira (arquitectura), enquanto durar o impedimento do professor Carlos João Chambers por motivo de licença”⁶¹³

1946 – Nomeado pelo director da EBAP para pertencer à Comissão Executiva ou Preparatória para a comemoração do Centenário de Mestre Soares dos Reis⁶¹⁴

1947 – Proposto⁶¹⁵, por convite, para professor efectivo da 8.^a Cadeira da EBAP

1947 – Secretário na EBAP

1947 – Professor efectivo da 8.^a cadeira

1951 - Reconducção definitiva

⁶¹³ In Processo de Docente da EBAP, arquivo FBAUP

⁶¹⁴ Juntamente com o mestre Acácio Lino e Doutor Armando de Matos, presidida pelo professor Joaquim Lopes.

⁶¹⁵ Pelo Subdirector da EBAP, Joaquim Francisco Lopes, in Carta ao Director Geral do Ensino superior e das Belas-Artes, onde se lê: “tenho a honra de enviar a Vossa Excelência, ..., o adjunto relatório aprovado por unanimidade em sessão especial do Conselho da minha presidência, a que assistiram os vogais da Academia Nacional de Belas-Artes, Senhores Paulino Montez e Porfírio Pardal Monteiro, referente à proposta por convite para professor efectivo da 8.^a Cadeira (Desenho Arquitectónico e ...), o arquitecto Rogério dos Santos Azevedo, que durante cêrca de sete anos vem exercendo nesta Escola, com muito zêlo e competência, o lugar de professor interino da referida cadeira. A bem da Nação. Porto, EBAP, 24 de Julho de 1947, o Subdirector, Joaquim Francisco Lopes”, in *Processo de Docente*, EBAP, arquivo FBAUP

Carlos João Chambers Ramos é também proposto nesta mesma altura para professor efectivo da 4.^a Cadeira da EBAP (Arquitectura).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Cronologia

1952 – Pede autorização para se ausentar para Espanha durante o mês de Setembro

1962 – 1964 – Secretário da EBAP

1964 – 1968 – Bibliotecário na EBAP]

. publica *O Porto desde a proto-história à época do Infante Dom Henrique*. Porto: Edições Marânus.

. projecto para a recomposição da Casa da Torre (junto à Sé do Porto), “Projecto de adaptação do Torreão defronte da Sé Catedral a Arquivo Municipal”, Porto (AHMP- Documento/Processo: D.CMP:5 (1 e 2)) (assinado Rogério de Azevedo, Arquitecto).

. projecto para a Igreja Paroquial de São Mamede/Igreja de Madail, Oliveira de Azeméis, Aveiro.⁶¹⁶

. ante-Projecto da Casa Dr. António Pinto Leite para a avenida Marechal Gomes da Costa, Porto (Fundação Instituto Marques da Silva, FIMS. FT. H2.01).

[1941]

. projecto Bloco de casas económicas em Santos Pousada, habitação colectiva, Porto (AHMP - Documento/Processo: 509 D.CMP:5 (17))⁶¹⁷ (não construído).

. projecto edifício Maurício Macedo (escritórios, Comércio e habitação), praça de D. João I. Porto. (PT/CMP/DMA/... Processo n.º 272/1942).

[1942]

. projecto edifício António Marinho (“Nelita”), comércio e habitação, rua do Almada/rua de Ramalho Ortigão, Porto (PT/CMP/DMA/...Processo n.º 184/1942) (em colaboração com Jofre António Justino).

. publicação de *O Paço dos Duques de Guimarães: preâmbulo à memória do projecto de restauro*. Porto: Livraria Fernando Machado. 1942.

. publicação de *Despropósito a propósito do Paço dos Duques de Guimarães: Epístola ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta*. Porto: Livraria Fernando Machado. 1942.

. projecto Pousada de S. Lourenço. Manteigas, Serra da Estrela (inaugurada em 1948)⁶¹⁸.

⁶¹⁶ Segundo <http://www.monumentos.pt/Site/APP>, “1940 - por iniciativa do Padre Manuel Soares Albergaria, foi iniciada a construção da igreja actual com projecto do arquitecto Rogério de Azevedo; 1942 - conclusão da obra; 1944 - conclusão da obra do adro”.

⁶¹⁷ Segundo informação do Processo de Licenciamento da CMP, AHMP, projecto de Rogério de Azevedo e Arménio Losa.

⁶¹⁸ Segundo, Susana Lobo. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2006, p. 43.

[1943]

. projecto jazigo José Alfredo Mendes de Magalhães, Cemitério de Agramonte, Ordem de São Francisco, Porto (AHMP: Processo: 55.1943 Cota/Localização: A-PUB/5600, f. 379-385).

. projecto ampliação da Igreja Paroquial de Capareiros (ADVC: PT/ADVCT/DURBVCT/001/00962) (até 1945)⁶¹⁹.

. projecto para o edifício Hotel Infante de Sagres, Hotel, e Comércio, Praça Filipa de Lencastre, Porto (Licença n.º 471/43. Registo n.º 13511/43. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto) (edifício inaugurado em 1951).

[1944]

. ante-projecto de urbanização, Santo Tirso.

. projecto para moradia “Casinhoto de Ferreiros”, Caima (propriedade de Bento Carqueja. Desenho no Centro de Documentação da FAUP).

[1945]

. projecto edifício Empresa Industrial do Ouro, praça Filipa de Lencastre 1, 42 e rua do Almada 163, 167, Porto (Licença n.º 268/46. Registo n.º 9543/45. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto). Em 1949, Projecto de Ampliação do edifício.

[1946]

. integra o “Conselho de Estética Urbana” da Câmara Municipal do Porto.⁶²⁰

. pertence à Comissão Executiva ou Preparatória para a comemoração do Centenário de Mestre Soares dos Reis.⁶²¹

[1947]

. publicação de “José Marques da Silva, resenha bibliográfica”, em *O Tripeiro*, Porto, 5.ª série, 3 (2), Junho 1947, p. 28.

[1948]

. projecto Escola-Cantina João de Deus, rua da Constituição/rua do Zambeze, 15, Porto (AGCMP: Documento/Processo: 190.1948 — Licença de obra n.º 190/1948).

. projecto de reforma do vestíbulo de entrada da Igreja dos Congregados, Praça de Almeida Garrett, Porto (AGCMP: Documento/Processo: 342.1948 — Licença de obra n.º 342/1948).

⁶¹⁹ In <http://digitarq.advct.dgarq.gov.pt>

⁶²⁰ Foi proposto o seu nome, pela Direcção da EBAP, em resposta ao pedido da Câmara Municipal do Porto.

⁶²¹ Juntamente com o mestre Acácio Lino e doutor Armando de Matos, presidida pelo professor Joaquim Lopes.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Cronologia

. projecto Merceria Fina para Carlos Guimarães Ribeiro. avenida de França, 859; rua de Pedro Hispano 1444, Porto (CMP: Documento/Processo: 613.1948 — Licença de obra n.º 613/1948. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto).

. projecto de modificação/ampliação de moradia unifamiliar Rogério de Azevedo, avenida Marechal Gomes da Costa, 1411, Porto (AGCMP: Licença n.º 492/48. Registo n.º 9:895 de 9 de Julho de 1948).

[1949]

. projecto para (Antiga) Estalagem de Santa Maria da Feira.

. plano de urbanização da Vila de Póvoa de Lanhoso. Braga, Póvoa de Lanhoso, Nossa Senhora do Amparo (1949 / 1951).

[1950]

. projecto moradia unifamiliar Cooperativa «O Problema da Habitação», rua do Cerco do Porto, 196, Porto (CMP: Processo: 351.1950).

. projecto duas moradias unifamiliares António Tavares, rua da Cruz 667, 671; rua da Nau Vitória 667,671; rua de Santa Justa, 4,6, Porto (CMP: Documento/Processo: 478.1950 — Licença de obra n.º 478/1950).

. projecto Edifício Habitação Plurifamiliar Américo de Sousa Ramos, rua da Torrinha 167, Porto (CMP: Processo: 504.1950).

. Reconstituição da Casa de Camilo, S. Miguel de Seide.

[1951]

. projecto moradia unifamiliar Francisco Ribeiro Cepeda, rua de Oliveira Martins, 373, 387, Porto (AGCMP: Documento/Processo: 503.1951 — Licença de obra n.º 503/1951).

. projecto duas moradias Alberto Jorge de Sá Borges, rua de Guilhermina Suggia, 34, 40, 44, Porto (AGCMP: Documento/Processo: 525.1951 — Licença de obra n.º 525/1951).

[1953]

. projecto (de ampliação) fábrica de tecidos Vila Flor, avenida Dom Afonso Henriques, Guimarães (construída).

[1953]

. projecto moradia unifamiliar Francisco Ribeiro Cepeda, rua de Guilhermina Suggia, 18, Porto (AGCMP: Licença de obra n.º 255/1953).

. projecto para Capela Colégio Luso-Francês, rua do Dr. Carlos Ramos. Porto (AGCMP: Documento/Processo: 359.1953 — Licença de obra n.º 359/1953).

. projecto para moradia unifamiliar Manuel Avides Moreira, rua de Oliveira Martins, 278,292, Porto (Documento/Processo: 484.1953 — Licença de obra n.º 484/1953).

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Cronologia

- [1954]
. eleito Vogal do Executivo da CMP.
. publicação de *A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire): Documento musical na Europa (elementos para a sua interpretação)*. Viseu, [s.n.].
- [1955]
. Vereador da Câmara Municipal do Porto (até 1960).
. publicação de *O Cântico greco-latino de Lamas de Moledo: Documento musical arcaico com estrofe e antiestrofe em grego*. Porto Marânus.
- [1957]
. publicação de *A Ara de Burgães e a ara de Ervedosa* (Bol. Cult. Da Câmara M. Santo Tirso), Santo Tirso, [s.n.].
. publicação de *A Teogonia Lusitana*. Porto, (Bol. Cult. Da Câmara M. Porto), [s.n.].
. nomeado Vogal da Delegação da Comissão executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- [1958]
. cirurgia motivada por problemas de saúde (úlceras no duodeno).
. publicação de *Onomástico ibérico: Tentativa etimológica*, Porto, [s.n.].
. projecto para a Ampliação da Pousada de São Gonçalo, Serra do Marão, Amarante.
- [1959]
. publicação de *A inscrição votiva de Beiriz* (Bol. Cult. Da Câmara M. da Póvoa de Varzim).
- [1960]
. projecto reconstituição da Casa do Infante, Alfândega Velha, Porto.
. publicação de *A Casa do Infante (elementos para o estudo da sua reconstituição)*. Porto, [s.n.].
. publicação de *Inscrições gregas no outeiro da Senhora da Pena, Viseu, e no Cabeço das Fráguas, Guarda*. Viseu, [s.n.].
. publicação de *O Porto desde a proto-história até à época do Infante*, Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto).
. publicação de *Gravuras rupestres de Linhares. Ensaio interpretativo*, com J. R. Santos Júnior, Porto: Imprensa Portuguesa.
. ampliação do Hospital Maria Pia, praça Pedro Nunes, Porto.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Cronologia

- [1961] . publicação de *O Etrusco: Interpretação de algumas inscrições*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos.
- [1962] . publicação de *Duas inscrições do Ocidente da Península Ibérica*. Porto, [s.n].
. publicação de *O Paço do Conde Dom Henrique e o paço dos Duques de Guimarães*. Porto, s.n.
- [1964] . publicação de *Mapa comparativo dos alfabetos de algumas inscrições ibéricas*. Porto: [s.n.].
- [1965] . publicação de *As Inscrições da 'Estrela de Lemnos' (Estela de Lesurcos) (Mar Egeu)*. Porto: Emp. Ind. Gráf.
. publicação de *Intervenção relativa a "Portucale": Comunicação*; [ed. lit.], IV Colóquio Portucalense de Arqueologia. Porto: [s.n.].
- [1966] . publicação de *Inscrição ibérica de "Corte do Freixo" (Almodôvar)*. Porto: Soc. Port. de Antropologia e Etnologia.
- [1967] . publicação de *A Inscrição de Penãlba (Espanha)*. Porto: [s.n.].
- [1968] . publicação de *A Arquitectura medieval portucalense e as suas implicações antecedentes*. Porto: Câmara Municipal.
- [1969] . publicação de *As Implicações antecedentes da arquitectura medieval portucalense (Cale, Portucale e Porto)*. Porto: Liv. Fernando Machado.
. publicação de *As Moiras da Fonte de Numão*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- [1981] . Publicação de *A Ara de Fontes – Santa Marta de Penaguião: Análise crítica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- [1982] . Publicação de *O Porco na zoolatria ibérica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- [1983] . Morre, em Setembro, no Porto.

BIBLIOTECA PESSOAL DE ROGÉRIO DE AZEVEDO

Listagem da (presumível) Biblioteca de Rogério de Azevedo:

Edições pertencentes à família

ANASAGASTI, Teodoro y Algán. *Perspectiva artística, Trazados rápidos – Esquemas directos*. 1.^a edição, Barcelona, Madrid: Editorial Labor, 1941.

BAIÃO, António, Hernâni Cidade e Manuel Múrias. Direcção artística de Luis de Montalvôr. *História da Expansão Portuguesa no Mundo* (3 volumes). Lisboa: Editorial Ática, 1930.

GARIBAY, Esteban de. *Libri XXXI d'el Compendi Historial de Espana de las Crónicas y Universal Historial de todos Condes de Aragon*. (1700...).

NEUFERT, Ernst. *Arte de proyectar en arquitectura: fundamentos, normas y prescripciones*. 1.^a edição, Barcelona: Gustavo Gili, 1936.

PIJOAN, José. *História del arte: el arte al través de la historia* (3 vol.). Barcelona: Salvat, 1914.

SCHAFER, Heinrich, et al. *História del Arte* (14 volumes). Barcelona: Editorial Labor, 1933-1954.

SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. *Arquitectura Popular em Portugal. Zonas 1, 2 e 3*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

Edições adquiridas por Fernando Távora em 19-03-84 ao livreiro Manuel Ferreira, actualmente na FIMS ⁶²²

ANDRÉ, Édouard. *L'art des jardins: traité général de la composition des parcs et jardins*. Paris: G. Masson. 1879. ⁶²³

BAILS. D. Benito. *Elementos de Matemática. Tomo I. Parte I: que trata de la arquitectura civil*. Madrid: Don Joachin Ibarra (ed.), 1883. ⁶²⁴

BOURGEOIS, Victor. *Die Wohnung für das Existenzminimum: auf Grund der Ergebnisse des II. Internationalen Kongresses für Neues Bauen, sowie der vom Städtischen Hochbauamt in Frankfurt am Main*

⁶²² Todos estes volumes continham uma anotação manuscrita e colocada por Fernando Távora dizendo que aqueles teriam pertencido a Rogério de Azevedo, o local onde foram adquiridos e respectivo preço.

⁶²³ Com nota solta de Fernando Távora: “pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Comprado a Manuel Ferreira, livreiro Porto, em 19/03/84 [...]”, FMS – FT-363.

⁶²⁴ Com nota solta: “pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Comprado a Manuel Ferreira, livreiro Porto, em 19/03/84” FMS – FT-3654.

- veranstalteten Wander-Ausstellung.* Frankfurt: Englert & Schlosser, 1930.⁶²⁵
- CHARAGEAT, Marguerite. *L'art des jardins: Précis historique sur l'art des jardins.* Paris: Librairie Garnier Frères, 1930 (Collection Artistique Garnier).
- CONDEIXA, Visconde de. *O Mosteiro da Batalha em Portugal: monographia ornada de vinte e seis gravuras heliographicas/Le Monastere de Batalha en Portugal: monographie ornée de vingt-six gravures heliographiques.* Lisboa: Manuel Gomes (Ed.), 1892.
- COORDEMOY, M. de. *Nouveau trait de toute l'architecture utile aux entrepreneurs aux ouvriers, & ceux qui font bâtir.* [S.l. : s.n.], 1706.⁶²⁶
- LEVEIL, J. A. *Vignole: traité élémentaire pratique d'architecture ou étude des cinq ordres.* [S.l. : s.n.], [s.d.].⁶²⁷
- MORANCÉ, Albert. *L'AV. L'Architecture Russe en U.R.S.S.* Première série, Paris: Editions Albert Morancé. (livro de estampas). 1926/30?.⁶²⁸
- PLÓ y CAMÌN, Antonio. *El arquitecto practico, civil, militar y agrimensor.* 5.^a ed. [S.l. : s.n.], 1856.⁶²⁹
- ROLAND LE VIRLOYS, M.C.F. *Dictionnaire d'architecture civile, militaire et navale.* Paris : Libraires Associés, 1771.⁶³⁰
- SAAVEDRA, Alberto. *O escultor António de Azevedo.* Palestra na Sociedade Martins Sarmento em 26-VI-1965 e inventário da obra plástica do artista. Porto: Araújo e Sobrinho (Ed.), 1965.
- THOUIN, Gabriel. *Plans raisonnés de toutes les espèces de jardins.* Paris: Madame Huzard (ed.), 1928.⁶³¹

⁶²⁵ Com nota que pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Com assinatura do Arq.º Fernando Távora, FMS – FT-2884.

⁶²⁶ Com nota solta de Fernando Távora com indicação que pertenceu ao Arq. Rogério de Azevedo. Comprado no livreiro Manuel Ferreira, Porto em 19/3/84. Com legenda do livro quando foi para exposição do CCB.

⁶²⁷ Com apontamento solto a indicar que pertenceu ao Arq. Rogério de Azevedo, comprado na livraria Manuel Ferreira, Porto no dia 19/3/84, FIMS/MONOGRAFIAS/FT-3069.

⁶²⁸ Com bilhete no interior “pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Comprado a Manuel Ferreira, livreiro Porto, em 19/03/84, por 2.000\$00 [...]”, FIMS – FT-2304.

⁶²⁹ Com nota solta com indicação que pertenceu ao Arqto. Rogério de Azevedo. Comprado no livreiro Manuel Ferreira, Porto em 19/3/84, FMS – FT-3088.

⁶³⁰ Com nota que pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Comprado a Manuel Ferreira, livreiro Porto, em 19/03/84, FMS – FT-3628.

⁶³¹ Com nota solta de Fernando Távora: “pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Comprado a Manuel Ferreira, livreiro Porto, em 19/03/84”. FMS – FT-3648.

- UMBDENSTOCK, G. *Compositions Architecturales*. Paris : Ch. Massin et Cei (Ed.), [s.d.].⁶³²
- VAGO, Pierre. *Spécial Perret: l'architecture d'aujourd'hui VII*. L'architecture d'Aujourd'hui, Boulogne. 1932.
- VASCONCELOS, Eugénio dos Santos Frazão de. *Subsídios inéditos sobre Eugénio dos Santos, arquitecto da Nova Lisboa*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1930.
- VIGNOLA, Giacomo Barozzio da. *Regola delli cinque ordini d'architettura*. Paris : Chez I. Mariette, [1750-1800].⁶³³
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène. *Dictionnaire raisonné de l'Architecture française: du XI au XVI siècle*. Paris: V. A. Morei & Cie éditeurs, 1875.⁶³⁴

Edições que deram entrada na Biblioteca da FAUP em 19-3-84⁶³⁵

- ABREU, A. Barbosa de. *A racionalização da construção em Portugal*. Porto: [s.n.]. Tese apresentada ao 2.º Congresso Nacional de Engenharia. Porto, 1948.
- ABREU, A. Barbosa de. *O conceito orgânico em urbanização*. Porto: Marânus, [1952].
- ALEGRE, Joaquim de Oliveira Ribeiro. *Resposta ao Parecer do Gabinete de Urbanização Colonial acerca do ante-projecto de urbanização da cidade da Beira*. [S.l.: s.n., imp. 1946].
- ARAÚJO, F. Correia de. *Estudos dos maciços terrosos e dos seus suportes: muros de suporte, fundações, silos*. Porto: Ed. Lopes da Silva, 1942.
- ARS – Arquitectos. *A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'*. Porto : ARS, Arquitectos. 1951.
- AUBINEAU. *Traité complet et pratique de la construction des escaliers en charpente e en Pierre* [...] 2eme. ed. Paris: J. Bandry, 1869.

⁶³² Com nota solta: “pertenceu ao Prof. e Arq. Rogério de Azevedo. Comprado a Manuel Ferreira, livreiro Porto, em 19/03/84” FIMS – FT-3790.

⁶³³ Com nota de que pertenceu ao Arq. e Prof. Rogério de Azevedo. Com etiqueta da exposição (F. Távora) do CCB. FIMS – FT-3780.

⁶³⁴ Com nota de Fernando Távora: “[...] pertenceu ao Arquitecto Rogério de Azevedo, querido mestre [...]”.

⁶³⁵ Segundo apontamento deixada por F. Távora dentro de um dos livros que comprou ao alfarrabista Manuel Ferreira e que pertencera a Rogério de Azevedo dizia: “Livros comprados a Manuel Ferreira, Porto, 19-3-84 e que pertenciam ao Arquitecto e Professor Rogério de Azevedo. Foram vendidos pelos seus filhos e grande parte adquirida pela Faculdade de Arquitectura”. Esta lista corresponde aos livros que nessa data deram entrada na biblioteca da FAUP, adquiridos pelos membros da Comissão Instaladora desta instituição.

- AZEVEDO, Rogério de. *A Architectura no Plano Social*. Conferência realizada no Club Fenianos Portuenses em 18 de Maio de 1934 a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Porto: Imprensa Social, 1936.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Paço dos Duques de Guimarães: preâmbulo à memória do projecto de restauro*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942.
- AZEVEDO, Rogério de e Moreira de Figueiredo. *Uma Excursão Arqueológica ao Caramulo. Três notáveis inscrições inéditas do Concelho de Vouzela*. Separata da revista *Beira Alta*. Viseu. 1955.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Casa do Infante* (elementos para o estudo da sua reconstituição). Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *Inscrições gregas no outeiro da Senhora da Pena (Viseu) e no Cabeço das Fráguas (Guarda)*. Separata da revista *Beira Alta*. Viseu. 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Porto desde a proto-história à época do Infante Dom Henrique*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Etrusco (Interpretação de algumas inscrições)*. Porto: Publicações do Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), 1961.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Paço do Conde Dom Henrique e o Paço dos Duques de Guimarães (Explicação prévia)*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1962.
- AZEVEDO, Rogério de. *Mapa comparativo dos alfabetos de algumas inscrições Ibéricas*. Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1964.
- AZEVEDO, Rogério de. *As Implicações antecedentes da arquitectura medieval portugalense (Cale, Portucale e Porto)*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Livraria Fernando Machado, 1969.
- AZEVEDO, Rogério de. *As Moiras da Fonte de Numão*. Extrato do fascículo 1-4 do Vol. XXI dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1969.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Ara de Fontes – Santa Marta de Penaguião: Análise crítica*. Extrato do fascículo 1 do vol. XXIV dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1981.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Porco na zoolatria Ibérica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 1982.

- AZEVEDO, Rogério. *A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire): Documento musical na Europa (elementos para a sua interpretação)*. Viseu: Separata da Revista *Beira Alta*, 1954.
- AZEVEDO, Carlos de. *A Arte de Goa, Damão e Diu*. [s.n.], 1970. Comissão executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. Lisboa, 1469-1969.
- BARGELLINI, Piero. *Libelo contra a arquitectura orgânica*. Lisboa: Gama, 1948.
- BARREIROS, Manuel de Aguiar. *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*. Porto: Marques Abreu, 1926.
- BONITO, Rebelo. *Pregões do Porto*. Porto: Câmara Municipal, 1963.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. *José Leite de Vasconcelos*. Porto: Marânus, 1959.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. *Teologia, filosofia e direito na diocese do Porto nos séculos XIV e XV: alguns subsídios para o seu estudo*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1960.
- CARDOZO, Mário. *Novas inscrições romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1958.
- CARDOZO, Mário. *A propósito do Centenário da "Cidade de Guimarães e do Milenário da sua existência histórica"*. Guimarães: C.M.G., 1953.
- CARDOZO, Mário. *Citânia e Sabroso: notícia descritiva para servir de guia ao visitante*. 3.^a ed., Guimarães: Soc. Martins Sarmiento, 1948.
- CARDOZO, Mário. *Guimarães: uma página da história pátria*. Exp. "Centenário da elevação de Guimarães à categoria de cidade e o Milenário da sua existência histórica", 1.^a ed., Guimarães: Câmara municipal de Guimarães, 1953.
- CARDOZO, Mário. *Monumentos Nacionais: seu arrolamento, classificação e protecção, especialmente na parte que se refere à Arqueologia*. Guimarães: [s.n.], 1941.
- CARDOZO, Mário. *Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de "Martins Sarmiento"*. Guimarães: [s.n.], 1957.
- CARDOZO, Mário. *Um novo achado em Portugal de jóias de ouro proto-históricas*. Guimarães: [s.n.], 1959.
- CARLIER, Émile. *Types de constructions rurales culture mixte: fermes, écuries [...]*, Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics, 1881.
- CARVALHO, A. L. de. *Castelo de Guimarães: sua história dramática e militar*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1937.
- CORRÊA, Mendes. *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, 1924.

- CORTEZ, Fernando Russel. *A Ara Greco-Romana do Castro de Fontes: novos subsídios para o estudo dos cultos orientais na região do Douro*. Porto: Instituto do Vinho do Porto, 1948.
- CORTEZ, Fernando Russel. *Mosaicos romanos do Douro*. Porto: Instituto do Vinho do Porto, 1946.
- COSTA, Luís Xavier da. *As Belas-Artes plásticas em Portugal durante o século XVIII: resumo histórico*. Lisboa: J. Rodrigues & C^a, 1934.
- CUNHA, Luís. *Arquitectura Religiosa Moderna*. Porto: [s.n.], 1957.
- ESBAP, Escola Superior de Belas Artes do Porto. *Soares dos Reis: in memoriam*. Porto: [s.n.], 1947.
- ESBAP. Escola Superior de Belas Artes do Porto. *Marques Abreu e a sua obra: palavras de homenagem e documentário fotográfico*. Porto: Marânus, 1955. (Exposição realizada na ESBAP-Porto/Jun. 1955).
- FERREIRA, J. A. Pinto. *A casa do Dr. Domingos Barbosa, Cónego Magistral da Sé: um solar setecentista da cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto (Ed.), 1965.
- FERREIRA, J. A. Pinto. *O Porto e a residência dos fidalgos: subsídios para a sua história*. Porto: Câmara Municipal do Porto (Ed.), 1949.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A lancharia poveira e o saveiro de Valbom*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1958.
- FORSHAW, J. H. *County of London Plan*. 2nd. ed. London: MacMillan, 1943.
- FUSCHINI, Augusto. *A arquitectura religiosa na Idade-Média*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904.
- GARCIA MERCADAL, Fernando. *La Casa popular en España*. 1er ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1930.
- GONÇALVES, António Nogueira. *Novas hipóteses acerca da arquitectura românica de Coimbra*. Coimbra: [s.n.], 1938.
- GONÇALVES, Flávio. *Notas sobre descendentes de Nicolau Nasoni*. [S.l.: s.n.], 1973.
- GOODWIN, Philip L. *Brazil builds: architecture new and old: 1652-1942*. 3rd. ed. rev, New York: The Museum of Modern Art, 1944.
- GUEDES, Baltazar. *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de N. S^a da Graça: sito fora da Porta do Olival desta cidade do Porto, em a qual se contém tudo o que na fundação dele sucedeu*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1951.
- GUSMÃO, Artur Nobre de. *A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal: ensaio de arqueologia da Idade Média*. Lisboa : [s.n.], 1956.

- JOYANT, Ed. *Traité d'urbanisme*. 2eme ed. Paris: Librairie de l'Enseignement Technique, 1928-1929 (Encyclopédie Industrielle et Commerciale) (2 volumes).
- LAMBRINO, Scarlat. *Les Celtes dans la Péninsule Ibérique selon Aviénius*. Lisboa : Bertrand, 1956.
- LAMPEREZ y ROMEA, Vicente. *História de la arquitectura cristiana española en la edad media según el estudio de los elementos y los monumentos*. 2.ª ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1930.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira. *Joaquim Machado de Castro: escultor Conimbricense*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.
- LINO, Raul. *Casas Portuguesas : alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.
- LINO, Raul. *Arquitectura, paisagem e a vida*. Lisboa: Sociedade de Geografia, 1957.⁶³⁶
- LOPES, Frederico. *Encontro com o Padre Henri Breuil: «Pai da Pré-História»*. Lisboa: [s.n.], 1962.
- MATOS, Armando de. *Arqueologia artística: estudos, notas e comentários*. Porto: [s.n.], 1940.
- MATOS, Armando de. *Panorama da Arte Românica do Douro-Litoral*. Porto: [s.n.], 1948.
- MATOS, Armando de. *A ermida Românica de Nossa Senhora da Piedade: Baltar*. Porto: [s.n.], 1947.
- MONTEIRO, Manuel. *O românico Português, sobrevivências Vimaranenses*. Guimarães: [s.n.], 1948.
- MONTEZ, Paulino. *História da Arquitectura Primitiva em Portugal: Monumentos Dolménicos*. Lisboa : [s.n.], 1943.
- MORANCÉ, *Marchés et Abattoirs*. Paris: Albert Morancé [1930-1935].
- MUSEU REGIONAL de ÉVORA. *A Arquitectura Portuguesa da época dos Descobrimentos. Monumentos Continentais Exposição de fotografias*. Catálogo de uma exposição. Évora: Museu Regional, 1960.
- MUSEU REGIONAL de ÉVORA. *L' Architettura Portoghese dell'epoca delle scoperte: mostra di fotografie*. Milano: [s.n.], 1961.
- NEVES, Leandro Quintas. *Apontamentos toponímicos para a reconstituição duma "Villa Urbana"*. Viana do Castelo: [s.n.], 1945.
- PALACIOS, Antonio. *Poyecto de la casa social del circulo de Bellas Artes*. Madrid: Circulo de Belas Artes, 1923.

⁶³⁶ Com dedicatória do autor para Rogério de Azevedo.

- RUBIO y TUDURI, Nicolás. *El jardín meridional: estudio de su trazado y plantación*. 1er ed. Barcelona: Salvat Editores, 1934.
- SANCHEZ, Formosinho. *Arquitectura: porquê?* [S.l.: s.n.], 1964.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. *Ex-votos às Ninfas em Portugal*. Salamanca: Seminário de Arqueologia de la Universidad, 1953 (Homenage a Cesar Moran Bardon).
- SANTOS JÚNIOR, J. R. *Gravuras rupestres de Linhares: ensaio interpretativo*. Porto: Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», 1960.
- SICLIS, Charles. *Charles Siclis*. Genève: Les Maitres de l'Architecture, 1931.
- SIEBECK, R. *Guide pratique du jardinier paysagiste : album de 24 plans coloriés sur la composition et l'ornementation des jardins d'agrément 8...*. Paris : J. Rothschild, 1863.
- SIMÕES, Augusto Filipe. *Relíquias da arquitectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*. Lisboa [s.n.], 1870.
- SITTE, Camillo. *Construccion de Ciudades: según principios artísticos*. Barcelona: Editorial Canosa, 1927.
- TOVAR, António. *Cantabria Pré-romana: o lo que la lingüística nos enseña sobre los antiguos cantabros*. Madrid: Publicaciones de la Universidad Internacional "Menendez Pelayo", 1955.
- UNIVERSITY OF ST. THOMAS. *Visionary Architects: Boullé*. Houston: University of St. Thomas, 1968.
- VIRETTE, Jean. *La cité jardin*. Paris : S. de Bonadora, [1920-1930] (Répertoire de l'architecture moderne).
- VITORINO, Pedro. *A Abside de Castro Avelãs*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1928.

BIBLIOGRAFIA

Rogério de Azevedo

- AZEVEDO, Rogério de. *A Arquitectura no Plano Social*. Conferência realizada no Club Fenianos Portuenses em 18 de Maio de 1934 a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Porto: Imprensa Social, 1936.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Paço dos Duques de Guimarães: preâmbulo à memória do projecto de restauro*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942.
- AZEVEDO, Rogério de. *Despropósito a propósito do Paço dos Duques de Guimarães: Epístola ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942.
- AZEVEDO, Rogério de. *Despropósito a propósito do Paço dos Duques de Guimarães: 3.ª e última Epístola ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942.
- AZEVEDO, Rogério. “Arquitecto Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano III, V série, n.º 2, Porto, Junho 1947 (p. 25-29).
- AZEVEDO, Rogério. *A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire): Documento musical na Europa (elementos para a sua interpretação)*. Viseu: Separata da Revista *Beira Alta*, 1954.
- AZEVEDO, Rogério de; Moreira de Figueiredo. *Uma Excursão Arqueológica ao Caramulo. Três notáveis inscrições inéditas do Concelho de Vouzela*. Viseu: Separata da revista “Beira Alta”, 1955.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Cântico greco-latino de Lamas de Moledo*. (Documento musical arcaico com estrofe e antiestrofe em grego). Porto: Marânus, 1955.
- AZEVEDO, Rogério de. *A «Ara de Burgães» e a «Ara de Ervedosa»*. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Santo Tirso. Porto: Imprensa Portuguesa, 1957.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Teogonia Lusitana*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1957.
- AZEVEDO, Rogério. “Joaquim Lopes”, *O Tripeiro*, ano XII, V série, n.º 11, Porto, Março 1957 (p. 222 e 223).
- AZEVEDO, Rogério de. *Onomástico ibérico: Tentativa etimológica*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1958.
- AZEVEDO, Rogério de. *A inscrição votiva de Beiriz*. Boletim Póvoa de Varzim: Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1959.

- AZEVEDO, Rogério de e Santos Júnior, J. R. *Gravuras rupestres de Linhares. Ensaio interpretativo*. Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa». Universidade do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Casa do Infante (elementos para o estudo da sua reconstituição)*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *Inscrições gregas no outeiro da Senhora da Pena (Viseu), e no Cabeço das Fráguas (Guarda)*. Viseu: Separata da revista “Beira Alta”, 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Porto desde a proto-história à época do Infante Dom Henrique*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), 1960.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Etrusco (Interpretação de algumas inscrições)*. Porto: Publicações do Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), 1961.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Paço do Conde Dom Henrique e o Paço dos Duques de Guimarães (Explicação prévia)*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1962.
- AZEVEDO, Rogério de. *Duas inscrições do Ocidente da Península Ibérica*. Comunicação apresentada ao I Colóquio Portuense de Arqueologia – 1961. Porto: Edições Marânus, 1964.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Termo Cale*. Comunicação apresentada ao III Colóquio Portuense de Arqueologia – 1964. Porto: Edições Marânus, 1964.
- AZEVEDO, Rogério de. *Mapa comparativo dos alfabetos de algumas inscrições Ibéricas*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Maranus, 1964.
- AZEVEDO, Rogério de. *As Inscrições da «Estrela de Lemnos» (Estela de Lesurcos) (Mar Egeu)*. Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1965.
- AZEVEDO, Rogério de. *Intervenção relativa a «Portucale»*. Comunicação apresentada ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia – 1965. Porto: Edições Marânus, 1965.
- AZEVEDO, Rogério de. *Inscrição ibérica de «Corte do Freixo» (Almodôvar)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1967.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Inscrição de Penãlba (Espanha)*. Porto, 1968.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Arquitectura medieval portugalense e as suas implicações antecedentes*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Edições Marânus, 1968.

- AZEVEDO, Rogério. “Marques da Silva”, *O Tripeiro*, ano IX, VI série, n.º 11, Porto, Novembro 1969 (p. 341-348).
- AZEVEDO, Rogério de. *As Implicações antecedentes da arquitectura medieval portugalense (Cale, Portucale e Porto)*. Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto: Livraria Fernando Machado, 1969.
- AZEVEDO, Rogério de. *As Moiras da Fonte de Numão*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Extrato do fascículo 1-4 do Vol. XXI dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 1969.
- AZEVEDO, Rogério de. *A Ara de Fontes – Santa Marta de Penaguião: Análise crítica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Extrato do fascículo 1 do vol. XXIV dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 1981.
- AZEVEDO, Rogério de. *O Porco na zoolatria Ibérica*. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto. 1982.

Bibliografia geral

- ABREU, Alberto A. “O património arquitectónico escolar de Viana do Castelo”. *Cad. Vianenses*, 22, 1997 (p. 23-51).
- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo, 2000.
- ACCIAIUOLLI, Margarida. *Os Anos 40 em Portugal, o País, o Regime e as Artes – «Restauração» e «Celebração»*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Junho de 1991.
- ALVÃO, Domingos. *A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão: 1872-1946*. Porto: Fotografia Alvão, 1984.
- ARS – Architectos. *A Praça D. João I e o seu ‘Palácio Atlântico’*. Porto: ARS, Architectos, 1951.
- AZEVEDO, Fernando de (Comissário) e José-Augusto França (Programação). *Os Anos 40 na Arte Portuguesa*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- BARROS, J. Leitão de (d direcção). *Portugal 1940*. Lisboa: Edições da Comissão dos Centenários. SPN, 1940.
- BECKER, Annette; Ana Tostões e Wilfried Wang (org.). *Portugal: arquitectura do século XX*. München: Prestel, 1997.
- BEJA, Filomena et al. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.

- CALDAS, João Vieira. “Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo” in *Portugal: arquitectura do século XX* (Annette Becker; Ana Tostões e Wilfried Wang (org.)). München: Prestel., 1997 (p. 23-32).
- CARDOSO, Ana Sofia. *Marques da Silva*. Vila do Conde: Verso da História, 2013 (Arquitectos Portugueses).
- CARDOSO, António (Comissão Executiva). *J. Marques da Silva, Arquitecto 1869-1947*. Catálogo da Exposição. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986.
- CARDOSO, António. *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do país na primeira metade do séc. XX*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras do Porto. Porto: Universidade do Porto, 1992.
- CARQUEJA, Bento. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1934.
- CHICÓ, Mário Tavares. *A Arquitectura Gótica em Portugal*. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. (12.^a edição). Lisboa/São Paulo: Verbo, 2007.
- COSTA, Alexandre Alves, “A vanguarda Nacionalista” in *Caminhos do Património 1929-1999*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: DGEMN, 1999 (p. 67-68).
- COSTA, Alexandre Alves e Jorge Figueira. “Terreiro da Sé – ideias e transformações” in *Monumentos*, n.º 14, Março de 2001 (p. 72-81).
- CRUZ, Manuel Braga da. "O Integralismo Lusitano nas origens do Salazarismo" in *Análise Social*. Vol. XVIII, 1982 (p. 137-182).
- DIAS, Manuel Graça. *Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura*. Colecção Arquitectura. Lisboa: Relógio d'Água, 1999 (entrevista a Fernando Távora, p. 143-165).
- ESTIMA, Alberto. “Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930: a igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa e a igreja da Sr.ª da Conceição, no Porto” in *Ciências e Técnicas do Património*, Revista da Faculdade de Letras, Porto: I Série vol. 2, 2003 (p. 155-164).
- FERNANDES, Eduardo Jorge. *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. Tese de Doutoramento em Arquitectura, Área de Conhecimento de Teoria e Projecto. Universidade do Minho. Escola de Arquitectura, Julho de 2010.
- FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- FERNANDES, José Manuel. *Português Suave: arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003.

- FERNANDES, Maria Eugénia M. (Coord.). *A Universidade do Porto e a cidade: edifícios ao longo da história*. Porto: Universidade do Porto. 2007.
- FERNANDEZ, Sergio. *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1988 [1.ª edição (do autor), 1985].
- FERRÃO, Bernardo. “Rogério de Azevedo, um arquitecto portuense entre o Modernismo e o Regionalismo (1898 - 1983)”, não editado, consultado na FIMS/FT/5004.
- FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto. *Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa*. Porto: Faculdade de Letras, 1972.
- FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto. “O Românico” in *História da arte em Portugal*, Volume 3. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.
- FERREIRA, Alfredo, *Aspectos da Organização do Espaço Português*. Porto: FAUP publicações, 1995.
- FERREIRA, Jaime. “De ‘O Comércio do Porto’ e Bento Carqueja até à actualidade. Resumo histórico e síntese biográfica”, in *Fundação Bento Carqueja. Historial*. Porto: FBC, 1983.
- FERRO, António. “As Pousadas Portuguesas”, *Panorama, Revista Portuguesa de arte e turismo*, número 24, volume 4.º, ano 1945, s/p.
- FERRO, António. “Discurso do Director do Secretariado da Propaganda Nacional. Em 27 de Março de 1943, na sede do SPN”. *Catálogo Pousadas do S.N.I.*, Lisboa: Edições SNI, 1948.
- FIGUEIRA, Jorge, “Carro a transbordar no stand”, *ECDJ 5*, Coimbra: EDARQ, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2001, p. 006.007.
- FIGUEIRA, Jorge, Paulo Providência e Nuno Grande (Comissariado). *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*. Porto 2001, Capital Europeia da Cultura, 2001. Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.
- FONSECA, Teresa. “Rogério de Azevedo. 1898-1983” in *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade, Porto: U.P, 1987 (p. 54-55).
- FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. *Guia de Portugal / Fundação Calouste Gulbenkian. Entre Douro e Minho I - Douro Litoral*. 2.ª ed. Lisboa: FCG, 1984.

- GIEDION, Sigfried. *Espaço, Tempo e Arquitectura. O Desenvolvimento de uma Nova Tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1.ª edição 1941].
- GOMES, F. Matos. *30 anos de Estado Novo*. Lisboa: Organizações Império, 1957.
- GOMES, Paulo Varela. “Expressões do Neoclássico” in *Colecção Arte Portuguesa. Da Pré-história ao século XX* (Dalila Rodrigues, coordenação). Lisboa: Fubu Editores, SA, 2009.
- GRAF, Gerbard N. *Portugal Roman 2. Le Nord du Portugal*. (La nuit des temps). Paris: Zodiaque, 1987.
- GRAVATO, Adriana. *Trajecto do risco urbano. A arquitectura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à rua de Ceuta*. Dissertação de mestrado em História da Arte em Portugal. Arquitectura do século XX. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- GRUPO IF. *Porto: esquinas do tempo: exposição de fotografias organizada pelo Grupo IF*. Porto: C.M., 1982
- GUIA DE PORTUGAL, V Volume. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ªed, 1984.
- GÜNTHER NONELL, Anni. “Avenida dos Aliados” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.
- GÜNTHER NONELL, Anni. “Garagem do Comércio do Porto” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.
- HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.
- IMS e UP, Instituto Marques da Silva e Universidade do Porto (org.). *Marques da Silva e a fotografia: imagens de uma época*. Porto: Instituto Marques da Silva, Instituto de Recursos e Iniciativas Comuns da Universidade do Porto, 2005.
- IMS, Instituto Marques da Silva. *Marques da Silva: o aluno, o professor, o arquitecto*. Catálogo de uma exposição. Porto: IMS, 2006.
- LACERDA, Aarão de. *História da Arte em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1942.
- LAMEIRA, Gisela e Luciana Rocha. *Januário Godinho, Arquitectos Portugueses, série 2*. Vila do Conde: Verso da História, 2013.

- LE CORBUSIER. *Vers une architecture*. Nouve ed. revue et augmentée. Paris: Arthaud, 1966 [1.ªed. 1923].
- LINO, Raul. *A nossa casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples*. 4.ª edição, Lisboa: Ottosgrafica, 1924 [1.ª edição 1918].
- LINO, Raul. *Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.
- LINO, Raul. *Auriverde jornada, recordações de uma viagem ao Brasil*, Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937.
- LINO, Raul. “Casas Portuguesas do séc. XVIII” in *Auriverde Jornada. Recordações de uma viagem ao Brasil*. Lisboa: Edição de Valentim de Carvalho, 1937 (p. 237-272).
- LINO, Raul. *Arquitectura, paisagem e a vida*. Lisboa: Sociedade de Geografia, 1957.
- LÔBO, Margarida Souza. *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. 2.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1995.
- LOBO, Susana. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- LOBO, Susana Luísa Mexia. *Arquitectura e Turismo: planos e projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa. Da 1.ª República à Democracia*. Tese de doutoramento. Coimbra: [s.n.], 2013.
- LOURENÇO, Eduardo. *Heterodoxia I*. Lisboa: Gradiva, 2005.
- MADUREIRA, Beatriz. “Senhores, Mestres, Architectos” in *J. Marques da Silva, Architecto 1869-1947*. Catálogo de uma exposição. Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Architectos Portugueses, 1986 (p. 25 e 26).
- MARTINS, Abel. “A Pousada de S. Lourenço, na Serra da Estrela”, *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, número 35. Volume 6.º Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1948 (s/p).
- MATOS, A. Campos. *A Igreja Românica de S. Pedro de Rates: guia para visitantes*. Póvoa de Varzim: Livros Horizonte, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2000.
- MENDES, Manuel. “Moderno e consciência de cidade (para uma nova escala de projecto, digressões na forma, incursões no método)” in *Homenagem a Arménio Losa* (Pedro Ramalho e Manuel Mendes, organização e textos). [Porto]: Edições Afrontamento e C. M. Matosinhos, 1995 (p. 8-47).
- MENDES, Manuel (Projecto. Investigação. Coordenação). *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: FAUP, 2001.

- MENDES, Manuel. “Rua Sá da Bandeira. Uma ‘broadway’ de cosmopolitismo trivial. imagem, paisagem, tempo” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.
- MENDES, Manuel. *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FAUP. Porto, 2010.
- MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES. Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: *S. Pedro de Rates*. n.º 23 [Lisboa]: DGEMN, 1941.
- MONIZ, Gonçalo Canto. *O Ensino Moderno da Arquitectura, A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Volume I. Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2011.
- MONTEIRO, Manuel. *O Românico Português, sobrevivências Vimaranenses*. Guimarães: [s.n.], 1948.
- NATÁRIO, Celeste. “Heterodoxia no pensamento português no final do séc. XIX e início do séc. XX” in Colóquio Rodrigues de Freitas, Porto, 1996 – Rodrigues de Freitas: a obra e os contextos: actas. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro Leonardo Coimbra, D.L. 1997 (p. 123-132).
- O COMÉRCIO DO PORTO. *Bento Carqueja: jornalista, professor e benemerito: um acto de justiça e gratidão*. Porto: Oficinas de O Comércio do Porto, 1924.
- O COMÉRCIO DO PORTO. *O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1954.
- PAULINO, Raquel Alexandra Geada e. *O Ensino da Arquitectura ESBAP/FAUP – Construção de um Projecto Pedagógico entre 1969 e 1989*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto, 2013.
- PEREIRA, Nuno Teotónio e José Manuel Fernandes. “A Arquitectura do fascismo em Portugal” in *O Fascismo em Portugal*. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições. 1982 (p. 533-551).
- PEREIRA, Nuno Teotónio. José Manuel Fernandes (colaboração). “A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959” in *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*. Lisboa: Fragmentos, 1987 (p. 323-357).

- PEREIRA, Paulo (direcção). “Arquitectura Portuguesa do séc. XX” in *História da Arte Portuguesa*. Volume III. Lisboa: Círculo de Leitores. 1995.
- PEREIRA, Paulo. “(Re)trabalhar o Passado, Intervenção no Património Edificado” in *Portugal: arquitectura do século XX*. (BECKER, Annette, Ana Tostões e Wilfried Wang – org.) München: Prestel. 1997 (p. 99-110).
- PÉREZ, Maria Elisa. “Bento Carqueja. Radiografia sentimental de um grande homem”. Separata de *O Tripeiro*, Ano XIII, 7.ª série, n.º 8-9, Porto, 1994.
- PIMENTA, Alfredo. *A propósito do Paço dos Duques em Guimarães*. Guimarães: Arquivo Municipal, 1942.
- PIMENTEL, Jorge Cunha. “Uma Escola chamada Salazar?” in *Januário Godinho, Leituras do Movimento Moderno* (Alexandra Cardoso; Fátima Sales; Jorge Cunha Pimentel – Coordenação). Porto: CEAA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2012 (p. 75-90).
- PIMENTEL, Jorge Cunha. *Obras públicas de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Tesis Doctoral presentada para optar al grado de doctor por la Universidad de Valladolid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Dpto. de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos. Universidad de Valladolid, 2014.
- PINTO, Augusto, “Digressão turística à volta da Pousada de São Gonçalo”, em *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, número 19. Volume 4.º Fevereiro 1944, (s/p).
- PORTAS, Nuno. “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação” In *História da Arquitectura Moderna* (Bruno Zevi). Lisboa: Arcádia, 1973 (p. 687-746).
- PORTELA Filho, Artur. *Salazarismo e Artes Plásticas*. (Biblioteca Breve). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.
- RAMOS, Rui Jorge Garcia. Entrada “Casa Portuguesa” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Volume I: A-E), Lisboa: Assembleia da República, 2014 (p. 573/576).
- REAL, Manuel Luís. *O Românico Condal em S. Pedro de Rates e as transformações Beneditinas do séc. XII*. Separata do boletim cultural Póvoa de Varzim, Vol. XXI, n.º 1, Póvoa de Varzim, 1982.
- RIBEIRO, Ana Isabel. *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953*. Porto: FAUP Publicações, 2002 (série 2).
- RIBEIRO DOS SANTOS, Alfredo. “Uma Tertúlia do Porto de há 50 anos. José Praça, a sua figura aglutinante”. *O Tripeiro*, 7.ª Série (série nova) – Ano X/ n.º 8, Agosto 1991.
- RODRIGUES, José Miguel. *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura*

- portuguesa: dois exemplos*. Porto: Afrontamento, 2013. [2006: Dissertação de doutoramento em arquitectura apresentada à FAUP].
- RODRIGUES, José Miguel. “Da «Tabula Rasa Revisitada» a «Cronocaos»” in *Koolhaas Tangram*. Porto: Circo de Ideias, 2014.
- RODRIGUES, José Miguel. Entrada “Arquitectura, Eclectismos, Historicismos” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Volume I: A-E), Lisboa: Assembleia da República, 2014 (p. 184/186).
- SNI, Secretariado Nacional da Informação. *Catálogo Pousadas do Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo*. Lisboa: Edições SNI, 1948.
- SANTOS, Ricardo Fernandes dos. *Arquitectura Portuguesa no tempo longo: princípios de desenho e forma em igrejas de três naves*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FAUP. Porto, 2013.
- SENA, Jorge de. “Sobre a dualidade fundamental dos períodos literários” in *Dialécticas teóricas da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- SERPA, Luís (coordenação). *Depois do Modernismo*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983.
- SOARES, Luís Lousada. *Artes e Letras na tradição das gentes da casa*. [Lisboa]: OPCA, 1992.
- TAVARES, André. *Duas obras de Januário Godinho em Ovar*. Porto: Dafne editora, 2012 (Equações de arquitectura).
- TAVARES, Rui. *Da avenida da cidade ao plano para a zona central: a intervenção de Barry Parker no Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, [1985-1986].
- TÁVORA, Fernando. *O problema da casa portuguesa* (originalmente publicado no semanário *Aleo* em 1945). Lisboa: Editorial Organizações, 1947.
- TÁVORA, Fernando. “Resposta a um inquérito: Que pensa do desenvolvimento actual da nossa arquitectura?”, *A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação*, revista bimestral técnica e artística, n.º 3/4, ano XLVI, 4.ª série, Abril de 1953 (p. 70, 71).
- TÁVORA, Fernando. “Evocando Carlos Ramos” (texto lido no colóquio sobre o arquitecto Carlos Ramos, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de Fevereiro de 1986), in *RA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, ano 1, número 0, Porto, Outubro de 1987.
- TELES, Manuel, “«ARS Architectos»” in *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade do Porto. Porto: UP, 1987 (p. 60-63).

- TOMÉ, Miguel. *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. 1.^a ed. Porto: FAUP Publicações, 2002.
- TOSTÕES, Ana. “Arquitectura Portuguesa do séc. XX” in *História da Arte Portuguesa*. Volume III (Paulo Pereira, direcção). Lisboa: Círculo de Leitores, 1995 (p. 507-591).
- TOSTÕES, Ana. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2.^a ed. Porto: FAUP Publicações, 1997. (Baseado na dissertação de mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1995).
- TOSTÕES, Ana. *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Engenharia do Território, Dezembro 2002. Lisboa: IST, 2002.
- TOSTÕES, Ana. *A Idade Maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa*. Porto: FAUP Publicações, 2015.
- TOUSSAINT, Michel. *Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em portugal na primeira metade do século XX*. Dissertação de Doutoramento em Teoria da Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2009.
- UNIVERSIDADE DO PORTO. *A Universidade do Porto: album*. Universidade do Porto, Porto, 1934.
- UNIVERSIDADE DO PORTO. *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade Porto. Porto: UP, 1987.
- UNIVERSIDADE DO PORTO. *Edifícios da Universidade do Porto: projectos*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade do Porto. (J. Moreira de Araújo, Pedro Ramalho e Joaquim Matos Chaves – Comissão Organizadora). Porto: Universidade, 1987.
- UNIVERSIDADE DO PORTO. *A Universidade e a Cidade: o património edificado da Universidade do Porto*. Catálogo de uma exposição (J. Mário Mesquita, comissário). Porto: Reitoria da Universidade do Porto, 2005.
- VALE, Clara (Coordenação executiva), Ricardo Figueiredo, e Rui Tavares. *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: memória, realidade e permanência*. Porto: Porto Vivo, SRU, 2013.
- VARELA, Júlia Zurbach. *Celestino Castro: militância, moderno e realismo*. Prova Final para a Licenciatura em Arquitectura (ano lectivo 2006/2007). Porto: FAUP, 2007.

VIEIRA DE ALMEIDA, Pedro, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia.
História da Arte em Portugal. A Arquitectura Moderna. Volume 14.
Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

VIEIRA DE ALMEIDA, Pedro. “Modelo progressista, modelo culturalista”
in *História da Arte em Portugal. A Arquitectura Moderna*. Volume
14. (Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena
Maia). Lisboa: Publicações Alfa, 1986 (p. 73-89).

VIOLLET-LE-DUC. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française: du
XIe au XVIe*. Paris: V. A. Morel & Cie éditeurs, 1875.

Revistas e Jornais

A ARQUITECTURA PORTUGUESA, Revista mensal de construção e
arquitectura prática, Lisboa

- . 3, ano XVIII, Março de 1925.
- . 1, ano XIX, Janeiro de 1926.

A ARQUITECTURA PORTUGUESA, CERÂMICA E EDIFICAÇÃO
(reunidas)

- . 88. Julho de 1942.
- . 97, Abril de 1943.
- . 3/4, ano XLVI, 4.^a série, Abril de 1953

ARQUITECTURA, revista semestral

- . 142, ano III, 4.^a série, Julho de 1981.

CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO, Revista da Faculdade de
Letras

- . I Série vol. 2, Porto, 2003.

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, Paris (Pierre Vago, ed.)

- . Special Perret. VII, Octobre 1932

O PRIMEIRO DE JANEIRO

- . 12 de Fevereiro de 1924.
- . 16 de Outubro de 1940.
- . 22 de Junho de 1951.
- . 5 de Janeiro 1955.

O TRIPEIRO, Porto

- . 10, V Série, ano IX, Fevereiro 1954.
- . 1, V Série, ano XIII, 1957.
- . 2, V série, ano III, Junho 1947.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Bibliografia

- . 6, VI Série, ano VI, Junho 1966.
- . 11, VI Série, ano IX, Novembro 1969.
- . 8, 7ª Série (série nova), ano X, Agosto 1991.
- . 8-9, 7ª série, ano XIII, 1994.

PANORAMA, Revista Portuguesa de Arte e Turismo, Edição do Secretariado da Propaganda Nacional

- . 1, Volume 1.º, Junho de 1941.
- . 3, Ano 1, 1941.
- . 18, Volume 3.º, Dezembro de 1943.
- . 19, Volume 4.º, Fevereiro 1944.
- . 20, Volume 4.º, Abril de 1944.
- . 24, Volume 4.º, 1945.
- . 35, Volume 6.º, Ano de 1948.

MONUMENTOS, IHRU

- . 14, Março de 2001.

RA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

- . Ano 1, número 0, Porto, Outubro de 1987.

REVISTA DOS CENTENÁRIOS. Portugal. Comissão Nacional dos Centenários, ed. com.

- . Ano I, 31 de Janeiro de 1939.

Páginas da internet (consultadas entre 2012 e 2015)

- . <http://arquivo-digital.up.pt>
- . <http://blogdomoquenco.blogspot.pt>
- . <http://centenario.up.pt>
- . <http://coisasdoarco-da-velha.blogspot.pt>
- . <http://commons.wikimedia.org>
- . <http://commons.wikimedia.org>.
- . <http://correiodominho.com>
- . <http://de.wikipedia.org>
- . <http://doportoenaoso.blogspot.pt>
- . <http://eio.pt>
- . <http://fims.up.pt>

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Bibliografia

- . <http://fotosdevianaantiga.blogspot.pt>
- . <http://fr.wikisource.org/wiki>
- . <http://genealogias.info>
- . <http://images-02.delcampe-static.net>
- . <http://in3.dem.ist.utl.pt>
- . <http://memoriasgaiensesbibliotecadegaia.blogspot.pt>
- . <http://monumentosdesaparecidos.blogspot>
- . <http://movimentoculturalgaia.wordpress.com>
- . <http://repositorio-tematico.up.pt>
- . <http://restosdecoleccion.blogspot.pt>
- . <http://sai-tedaqui.blogspot.pt>
- . <http://sigarra.up.pt/up/pt>
- . <http://tectonicablog.com>
- . <http://users.design.ucla.edu/~laura13>
- . <http://villacavrois.blogspot.pt/p/uvre.html>
- . <http://www.abbaye-saint-hilaire-vacluse.com>
- . <http://www.culture.gouv.fr>
- . <http://www.dn.pt>
- . <http://www.espoliofotograficoportugues.pt>
- . <http://www.monumentos.pt>
- . <http://www.santamartadeportuzelo.pt/freguesia/historia>
- . <http://www.searanova.publ.pt>

Gravações áudio

- . Alfredo Viana de Lima, em Seminário/Conferência proferida em 1979 na ESBAP. Gravação áudio convertida em texto na sequência da presente investigação, Centro de Documentação da FAUP.
- . Januário Godinho, em Seminário/Conferência proferida em 6 de Junho de 1979 na ESBAP. Gravação áudio convertida em texto na sequência da presente investigação, Centro de Documentação da FAUP.
- . Arménio Losa, em Seminário/Conferência proferida em 1979 na ESBAP. Gravação áudio convertida em texto na sequência da presente investigação, Centro de Documentação da FAUP.

Gravações em DVD

- . Fernando Távora, *Discursos sobre arquitectura*, FAUP, 1990

Arquivos:

Arquivo Histórico Municipal do Porto. Casa do Infante

Espólio de fotografias de Bonfim Barreiros

- . PT-CMP-DMA/PRI/GBB

Processos de Licenciamento:

- . Processo n.º 1084/1923. PT/CMP/DMA/D-CMP/9 (386), f. 425-438
- . Processo n.º 747/1923. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(379), f. 234-243
- . Processo: n.º 1621.1923. PT/CMP/D-CMP/9(395), f. 68-84
- . Processo n.º 1933/1923. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(401), f. 142-150
- . Processo n.º 1667/1924. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(439), f. 356-373
- . Processo n.º 28/1926. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(475), f. 188-197
- . Processo n.º 433/1926. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(485), f. 293-305
- . Processo: n.º 83.1928. PT/CMP/D-CMP/9(529), f. 491-510
- . Pocesso n.º 422/1928. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(536), f. 130-147
- . Processo n.º 637/1929. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(540), f. 234-242
- . Pocesso n.º 313/1929. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(563), f. 108/117
- . Processo n.º 612/1930. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(572), f. 76-115 B
- . Processo n.º 661/1930. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(573), f. 443-456
- . Processo n.º 816/1930. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(577), f. 141-155
- . Processo n.º 900/1930. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(579), f. 745-756 B
- . Processo n.º 14/1930. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(584), f. 117-125
- . Processo n.º 123/1930.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(587), f. 109-116
- . Processo n.º 212/1930.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(589), f. 75/84
- . Processo n.º 313/1930.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(591), f. 62-77
- . Processo n.º 329/1930.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(591), f. 172-181
- . Processo n.º 327/1930.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(591), f. 151-159
- . Processo n.º 402/1930.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(593), f. 11-21
- . Processo n.º 110/1931. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(617), f. 78-96
- . Processo n.º 941/1932.PT/CMP/DMA/D-CMP/9(640), f. 215-222-2z

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Bibliografia

- . Processo n.º 457/1932. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(653), f. 382-388
- . Processo n.º 534/1932. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(655), f. 213-233 K
- . Processo n.º 1130/1933. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(668), f. 228-244
- . Processo n.º 157/1933. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(678), f. 432-446 H
- . Processo n.º 168/1933. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(678), f. 546-551
- . Processo n.º 263/1933. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(681), f. 416-427 H
- . Processo n.º 608/1934. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(690), f. 49-72
- . Processo n.º 1520/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(750), f. 190-205
- . Processo n.º 1538/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(751), f. 322/333
- . Processo n.º 1619/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(754), f. 230-239
- . Processo n.º 1748/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(758), f. 312-332
- . Processo n.º 1787/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(759), f. 689-703A
- . Processo: n.º 1896.1935. Cota/Localização: D-CMP/9(763), f. 870-891
- . Processo n.º 2072/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(769), f. 182-197C
- . Processo n.º 2108/1935. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(770), f. 482-517
- . Processo n.º 1207/1936. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(816), f. 29-32
- . Processo n.º 1227/1936. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(816), f.163-190
- . Processo n.º 1941/1937. D-CMP/9(909), f. 377-400 M
- . Processo n.º 32.1938. Cota/Localização: A-PUB/5584, f. 212-218.
- . Processo n.º 667/1938. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(936), f. 106-124
- . Processo n.º 1066/1938. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(962), f.295-310
- . Processo n.º 1167/1938. PT/CMP/DMA/D-CMP/9(970), f. 368-410
- . Processo n.º 83.1939 Cota/Localização: A-PUB/5591, f. 181-188
- . Processo n.º 160/1940. cont.: 667/1938PT/CMP/DMA/...
- . Processo n.º 160/1940 cont.: 667/1938. PT/CMP/DMA/...
- . Documento/Processo: D.CMP:5(1) Dimensão: 26 f.
- . Documento/Processo: D.CMP:5(2)

Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto

- . Processo n.º 13511/1943. Licença n.º 471/43

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Bibliografia

- . Processo n.º 9543/45. Licença n.º 268/46
- . Processo n.º 15931 Licença n.º 190/48
- . Processo Licença n.º 342/1948
- . Processo n.º 9:895/1948. Licença n.º 492/48
- . Processo n.º 12484. Licença n.º 613/48
- . Processo Licença n.º 478/1950
- . Processo n.º 9649. Licença n.º 500/51
- . Processo Licença n.º 255/1953
- . Processo Licença n.º 525/1951
- . Processo n.º 9029 Licença n.º 484/53
- . Processo Licença n.º 255/1953

Centro de Documentação da FAUP

Espólio de Rogério de Azevedo:

- . Diversos desenhos relativos ao ante-projecto e projecto para Blocos de habitação no Campo 24 de Agosto (Ferreira & Filhos, Lda). Desenhos policopiados.
- . Diversos desenhos relativos ao projecto para a sede de *O Comércio do Porto* (cópias e originais).
- . Desenho relativos ao projecto para a Creche do Comércio do Porto.
- . Diversos desenhos relativos ao projecto para a Garagem de *O Comércio do Porto* (cópias e originais)
- . Outros

Espólio de Januário Godinho:

(pasta “por encargo do Rogério de Azevedo”):

- . Obra do Exmo. Sr. Ferreira Alves. 1933
- . Pousada no Vale do Vouga. 1936

Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Processos alumni (1836-1957)

- . Januário Godinho de Almeida (06/10/1925, 23/07/1941) Arquitectura. Diploma 20v.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Bibliografia

- . Rogério dos Santos Azevedo (30/09/1912, 12/02/1926) Arquitectura.
Diploma

Processos pessoal docente

- . Rogério dos Santos Azevedo (1940-1968)

Livros de Actas das Reuniões do Concelho Escolar

- . Todas entre 1940-1968

Arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva

- . Espólio de Fernando Távora (colecção de “livros comprados em 19/03/84 a Manuel Ferreira e que pertenceram ao arquitecto e professor Rogério de Azevedo)
- . Espólio de José Marques da Silva (Agendas e informações relativas à exposição de 1953)

LISTA DE IMAGENS

Introdução

0|1. “Rogério de Azevedo – Garagem de *O Comércio do Porto*, 1928/32. Edifício do jornal *O Comércio do Porto*, 1928/32. Pardal Monteiro – Edifício da CGD, no Porto”.

Fonte: Coleção particular.

Capítulo 1

1|1. “Tábua 103. A Segunda ruptura (II)”.

Fonte: Nuno Portas. *A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação*, in Bruno Zevi. *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia, 1973, tábua 103.

1|2. Clínica Heliantia. “Tábua 102. Uma obra singular: Heliantia. Oliveira Ferreira, a clínica helioterápica de Miramar”.

Fonte: idem, tábua 102.

1|3. Página da revista *Arquitectura*, revista semestral, ano III, 4.^a série, n.º 142, Julho de 1981 (tema: “Portugal: Arquitectura e Fascismo”).

Fonte: revista *Arquitectura*, revista semestral, ano III, 4.^a série, n.º 142, Julho de 1981, p. 42.

1|4. Página do catálogo da exposição: *Depois do Modernismo*. 7 a 30 de Janeiro de 1983.

Fonte: Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Sergio Fernandez in Luís Serpa (coordenação). *Depois do Modernismo*. Catálogo de uma exposição. Lisboa: [s.n.], 1983, p. 119.

1|5. Garagem de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Sergio Fernandez. *Percursos. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1988 [1.^a edição (do autor), 1985], p. 18.

1|6. Pousada de Serém.

Fonte: idem, p. 33.

1|7. Pousada do Marão.

Fonte: idem, p. 35.

1|8. Edifício Maurício Macedo.

Fonte: idem, p. 40.

1|9. Página da *História da Arte em Portugal*. P. Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia.

Fonte: Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e M. Helena Maia. *História da Arte em Portugal*. Volume 14. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 122.

1|10. Página do catálogo *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. 1987.

Fonte: catálogo da exposição *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade. Porto: UP, 1987, p. 55.

1|11. Página da publicação *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*, José Manuel Fernandes. Na imagem, ao centro, a Garagem e a Creche de *O Comércio do Porto* de Rogério de Azevedo.

Fonte: José Manuel Fernandes. *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*. 1.ª edição. Lisboa: Gradiva, 1993, s/p.

1|12. Página da publicação *Português Suave: arquitecturas do Estado Novo*, José Manuel Fernandes. Imagens da Pousada do Marão.

Fonte: José Manuel Fernandes. *Português Suave: arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003, p. 84.

1|13. Página da publicação *Português suave: arquitecturas do Estado Novo* de José Manuel Fernandes. Imagens da Pousada do Marão (em cima, do lado esquerdo), Hotel Infante de Sagres (do lado direito) e Escola Primária em Odemira.

Fonte: idem, p. 85.

1|14. Página do catálogo da exposição *Portugal: arquitectura do século XX*.

Fonte: Paulo Pereira. “(Re)trabalhar o Passado, Intervenção no Património Edificado”. In Annette Becker; Ana Tostões e Wilfried Wang (org.). *Portugal: arquitectura do século XX*. München: Prestel, 1997, p. 100.

1|15. “Duas casas de habitação”, avenida Marechal Gomes da Costa.

Fonte: Manuel Mendes (Projecto. Investigação. Coordenação). *Informar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: FAUP. 2001, s/p.

1|16. “Grupos de casas de habitação”, rua do Campo Alegre/Guerra Junqueiro.

Fonte: idem, s/p.

1|17. “Duas casas (-andar) de habitação”, rua Alvares Cabral.

Fonte: idem, s/p.

1|18. “Edifício pequeno de casas-andar de habitação e estabelecimento”, rua Fernandes Tomás.

Fonte: idem, s/p.

1|19. Praça D. João I, fases e projectos.

Fonte: idem, p. 256.

1|20. Primeiro projecto de Rogério de Azevedo para o edifício Maurício Macedo (em baixo, direita).

Fonte: idem, p. 255.

1|21. Página da publicação *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*. Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto”.

Fonte: Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto” in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna* (Jorge Figueira, Paulo Providência e Nuno Grande – Comissariado). Ordem dos Arquitectos (SRN). Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001, s/p.

1|22. Página da publicação *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*. Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto”.

Fonte: idem, s/p.

1|23. Página da publicação *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*. Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto”.

Fonte: idem, s/p.

1|24. Página da publicação *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*. Anni Günther Nonell. “Garagem do Comércio do Porto”.

Fonte: idem, s/p.

1|25. Página da publicação *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Pousadas projectadas por Rogério de Azevedo (Marão, Serém e Serra da Estrela).

Fonte: Susana Lobo. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2006, s/p.

1|26. Página da publicação. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. 2006. Pousadas projectadas por Rogério de Azevedo (Marão, Serém e Serra da Estrela).

Fonte: idem, p. 46.

1|27. Página da publicação. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. 2006. Pousadas projectadas por Rogério de Azevedo (Marão, Serém e Serra da Estrela).

Fonte: idem, p. 47.

1|28. Página da publicação. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. 2006. Pousadas projectadas por Rogério de Azevedo (Marão, Serém e Serra da Estrela).

Fonte: idem, p. 49.

Capítulo 2

- 2|0. Rogério de Azevedo
Fonte: imagem cedida por Adriana Gravato (coleção família), sem data.
- 2|1. Páginas do caderno de “Apontamentos de História de Arte 8ª cadeira da Escola de Belas Artes do Porto” manuscritos por Rogério de Azevedo.
Fonte: imagens cedidas por Adriana Gravato (coleção família).
- 2|2. Casa na rua Alexandre Braga. Porto. 1925-28 (fotografia de Teófilo Rego. 1953. Col. FIMS).
Fonte: IMS e UP, Instituto Marques da Silva e Universidade do Porto (org.). *Marques da Silva e a fotografia: imagens de uma época*. Porto: Instituto Marques da Silva, Instituto de Recursos e Iniciativas Comuns da Universidade do Porto, 2005.
- 2|3. Casa na rua Alexandre Braga. Porto. 1925-28 (desenho de Marques da Silva, planta do 1.º andar).
Fonte: Ana Sofia Cardoso, *Marques da Silva. Vila do Conde: Verso da História*, 2013 (Col. Arquitectos Portugueses) (tinta-da-china e aguarela sobre tela. 43,6x30cm. FIMS/MSMS/1621-pd0002).
- 2|4. Página da agenda de José Marques da Silva. Registo de horas de trabalho de Rogério de Azevedo. 1925.
Fonte: Fundação Instituto Marques da Silva. FIMS. MSMS. 0654-0004.
- 2|5. Projecto para casa na rua Marechal Saldanha. Porto. Rogério de Azevedo. 07-1924.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-439-362.
- 2|6. Aditamento ao Projecto para casa na rua Marechal Saldanha. Porto. Rogério de Azevedo. 21-08-1924.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-439-363.
- 2|7. Aditamento ao Projecto R. Marechal Saldanha. “Memória”. Rogério de Azevedo. (rejeitada). 21-08-1924.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-439-361.
- 2|8. Aditamento ao Projecto para casa na rua Marechal Saldanha. Porto. Rogério de Azevedo. 18-09-1924.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-439-367.
- 2|9. Capa livro de Muthesius, *Das Englische Haus*. 1904-05.
Fonte: [http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Muthesius. Das. englische. Haus.jpg](http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Muthesius_Das_englische_Haus.jpg).
- 2|10. Retrato de Hermann Muthesius em frente a sua casa em Berlim por volta de 1910.
Fonte: <http://www.museumderdinge.de/ausstellungen/wanderausstellungen>.
- 2|11. Casa Bernhard, Hermann Muthesius. 1905-06.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

- Fonte:**http://users.design.ucla.edu/~laura13/Designers/hermann%20muthesius/Haus_Bernhard2.bmp.
- 2|12. Capa do livro de Muthesius. *Landhaus und Garten*. 1905-07
Fonte: Hermann Muthesius. *Landhaus und Garten*. München. Verlagsanstalt F. Bruckmann A.-G. 1907.
- 2|13. Página do livro de Muthesius. *Landhaus und Garten*. 1905-07.
Fonte: Hermann Muthesius. *Landhaus und Garten*. München. Verlagsanstalt F. Bruckmann A.-G. 1907, p. 1.
- 2|14. Ludwig Mies van der Rohe, Riehl House, Neubabelsberg, Germany, 1906-07.
Fonte: Hermann Muthesius. *Landhaus und Garten*. München. Verlagsanstalt F. Bruckmann A.-G. 1907.
- 2|15. Capa do livro de Raul Lino, *A Nossa Casa*. 1924.
Fonte: Raul Lino. *A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples*". 4.ª edição. Lisboa: Ottosgrafica, 1924.
- 2|16. Página do livro de Raul Lino, *A Nossa Casa*. 1924.
Fonte: Raul Lino. *A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples*". 4.ª edição. Lisboa: Ottosgrafica, 1924.
- 2|17. Capa do livro de Raul Lino, *Casas Portuguesas*. 1933
Fonte: Raul Lino. *Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectura das casas simples*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.
- 2|18. Projecto moradias geminadas, rua de Gondarém. Porto. Arquitecto José Marques da Silva. 1907.
Fonte: Soares "Moreira," do "Porto", <http://genealogias.info/1/upload/soares.moreira.pdf>.
- 2|19. Faculdade de Medicina do Porto. 1925-35.
Fonte: IHRU. IPA. 00020014. SIPAFOTO. 00664269. "Fachada sul 1939".
- 2|20. Edifício sede do Jornal *O Comércio do Porto*. 1927-30.
Fonte: O Comércio do Porto. *O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1954, p25.
- 2|21. Garagem do Jornal *O Comércio do Porto*. 1930-32.
Fonte: Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.
- 2|22. Creche do Jornal *O Comércio do Porto*, desenhos do projecto. 1930.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-1930-0402-016.
- 2|23. Creche do Jornal *O Comércio do Porto*, fotografia da época.
Fonte: O Comércio do Porto. *O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1954.
- 2|24. Escola Infantil de Bragança. 1933.
Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Eslélla Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.
- 2|25. Escola Infantil de Bragança. 1933.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

Fonte: idem.

2|26. Escola da Gandra. 1930.

Fonte: idem.

2|27. Escola de Alvarães. 1930.

Fonte: idem.

2|28. Escola da Avenida, Viana do Castelo. 1928-30.

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

2|29. Escola da Avenida, Viana do Castelo. 1928-30.

Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.

2|30. Escola da Avenida, Viana do Castelo. 1928-30.

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

2|31. Escola de Lanheses. 1930-31.

Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.

2|32. Escola de Lanheses. 1930-31.

Fonte: idem.

2|33. Escola de Lanheses. 1930-31.

Fonte: reprodução de imagem exposta no local, fotografia do autor (27-08-2012).

2|34. Escola do Barrô, Águeda. 1930.

Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.

2|35. Escola do Barrô, Águeda. 1930.

Fonte: idem.

2|36. Escola-Cantina Salazar, Santa Comba Dão.

Fonte: imagem cedida por Paulo Guerreiro.

2|37. Escola-Cantina Salazar, Santa Comba Dão.

Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.

2|38. Escola-Cantina Salazar, Santa Comba Dão.

Fonte: imagem cedida por Paulo Guerreiro.

2|39. Escola da Fonte Grossa, Sta. Marta de Portuzelo. 1930.

Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.

2|40. Escola do Soajo. 1931-39.

Fonte: idem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

- 2|41. Escola do Soajo. 1931-33.
Fonte: idem.
- 2|42. Casa dos Pequenitos. Alijó. 1933.
Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00048354.
- 2|43. Casa dos Pequenitos. Alijó. 1933.
Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00048358.
- 2|44. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó. 1930-34.
Desenho de Rogério de Azevedo.
Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.
- 2|45. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó. 1930-34
Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00048375.
- 2|46. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó. 1930-34
Desenho de Rogério de Azevedo
Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.
- 2|47. Escola Primária de Alijó. Escola-Cantina José Rufino. Alijó. 1930-34
Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00551916.
- 2|48. Tipo Minho. 1 sala. Rogério de Azevedo.
Fonte: Filomena Beja, Júlia Serra, Esllella Machás, Isabel Saldanha. *Muitos anos de escolas. Volume I. Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941.* Lisboa: Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, 1990.
- 2|49. Tipo Minho. 1 sala. Rogério de Azevedo.
Fonte: idem.
- 2|50. Tipo Beira Alta. 1 sala. Rogério de Azevedo.
Fonte: idem.
- 2|51. Tipo Beira Litoral. 1 sala. Rogério de Azevedo.
Fonte: idem.
- 2|52. Tipo Douro. 1 sala. Rogério de Azevedo.
Fonte: idem.
- 2|53. Tipo Algarve. 1 sala. Raul Lino.
Fonte: idem.
- 2|54. Tipo Algarve. 1 sala. Raul Lino.
Fonte: idem.
- 2|55. Tipo Algarve. 4 salas. Raul Lino.
Fonte: idem.
- 2|56. Tipo Trás-os-Montes. Rogério de Azevedo.
Fonte: idem.
- 2|57. Tipo Trás-os-Montes. 1 sala. Rogério de Azevedo.
Fonte: idem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

- 2|58. Rogério de Azevedo no interior do edifício. Fotografia de Bonfim Barreiros.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00034-021.
- 2|59. Edifício rua de Santa Catarina/rua da Firmeza. 1930.
Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (04-11-2013).
- 2|60. (retirada)
- 2|61. Edifício na rua de Santa Catarina 568-594. Rogério de Azevedo. 1932.
Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (04-11-2013).
- 2|62. Projecto edifício na rua de Santa Catarina 568-594. Planta do 1.º, 2.º, e 3.º andar. Rogério de Azevedo. 1932 (construído parcialmente).
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-534-1932-219.
- 2|63. Projecto edifício na rua de Santa Catarina 568-594. Alçado. Rogério de Azevedo. 1932 (construído parcialmente).
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-534-1932-220.
- 2|64. Moradia unifamiliar Francisco Cepeda, rua de Nevala, 90/106. Porto. 1930.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-591-177.
- 2|65. Moradia unifamiliar Alberto Magalhães, rua Júlio Dinis/rua de Rodrigues Lobo. Porto. 1935 (demolida).
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-770-491.
- 2|66. Rua Júlio Dinis. Porto. Fotografia Alvão
Fonte: Domingos Alvão. A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão: 1872-1946. Porto: Fotografia Alvão, 1984, p. 87.
- 2|67. Moradia unifamiliar Guilherme E. Lickfold, rua António Patrício 209/235, Porto. 1930.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-573-448.
- 2|68. Edifício de habitação plurifamiliar em banda. rua do Campo Alegre/rua Guerra Junqueiro. 1936.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-909-387.
- 2|69. Edifício de habitação plurifamiliar, rua Antero de Quental/rua Pedro Ivo. 1938.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-09-816-168.
- 2|70. Capitania do Porto de Viana Castelo. Alçado. 1932.
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.
- 2|71. Capitania do Porto de Viana do Castelo. Planta. 1932

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

2|72. Edifício Habitação e Comércio. Viana do Castelo.

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

2|73. Edifício Correios. Viana do Castelo. Alçado.

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

2|74. Edifício Correios. Viana do Castelo. 1930.

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

2|75. Plano “Cidade Jardim” para Viana Castelo. 1932.

Fonte: Margarida Souza Lôbo. *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. 2.^a ed. Porto: FAUP Publicações, 1995.

2|76. Plano “Cidade Jardim” para Viana Castelo. 1932.

Fonte: <http://fotosdevianaantiga.blogspot.pt/> (05-06-2015).

2|77. Asilo Creche. Vila Seca de Armamar. Imagem da actualidade.

Fonte: fotografia do autor.

2|78. Asilo Creche. Vila Seca de Armamar. Imagem da época da construção.

Fonte: Bento Carqueja. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1934, p. 240.

2|79. Asilo Creche. Capela. Vila Seca de Armamar.

Fonte: fotografia do autor.

2|80. Asilo Creche. Vila Seca de Armamar. Imagem da época da construção

Fonte: Bento Carqueja. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1934, p. 241.

2|81. Asilo Creche. Vila Seca de Armamar. Desenho de Rogério de Azevedo. 1933.

Fonte: Lar de São José (Antigo Hospital de Armamar/Asilo-creche de Vila Seca), Vila Seca de Armamar.

2|82. Rogério de Azevedo e família na sua casa da Av. Marechal Gomes da Costa. Porto.

Fonte: imagem cedida por Adriana Gravato.

2|83. Habitação Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, Av. Marechal Gomes da Costa. Porto

Fonte: imagem cedida por Alexandre Alves Costa, s/d.

2|84. Habitação Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, Av. Marechal Gomes da Costa. Porto. Projecto. 1933

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-157-1933-444.

2|85. Torre Medieval. Porto. Desenho de Rogério de Azevedo. 1940.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-05-002-043.

2|86. Torre Medieval. Porto. fotografia de Bonfim Barreiros, época da construção. 1940

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00170-016.

2|87. Paço dos Duques. Guimarães. Projecto de Recomposição. Desenho de Rogério de Azevedo. Alçado. 1935-40.

Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00011302.

2|88. Paço dos Duques. Guimarães. Projecto de Recomposição. Desenho de Rogério de Azevedo. Planta. 1935-40.

Fonte: IHRU. SIPAFOTO.

2|89. Paço dos Duques. Guimarães. Após obras de Recomposição. 1935-40.

Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00050681.

2|90. S. Pedro de Rates. “Estudo de Restauração da Capela-Mor”. Desenho de Rogério de Azevedo. DGEMN. 1938.

Fonte: IHRU. SIPA.DES. 00003319.

2|91. São Pedro de Rates. Obras de Recomposição da Capela-Mor. Rogério de Azevedo. DGEMN. 1938-40.

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043017.

2|92. Tribunal e Paços do Concelho, Póvoa de Lanhoso. 1937.

Fonte: desenho do autor do projecto. Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso (ref: Projecto CMPL. 1937. desenho 2).

2|93. Tribunal e Paços do Concelho, Póvoa de Lanhoso. 1937.

Fonte: FIMS, Fundação Instituto Marques da Silva. Fotografia de Teófilo Rego. Imagem relativa à exposição “Marques da Silva: Exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seus discípulos, homenagem promovida pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, com a colaboração da Academia Nacional de Belas Artes e do Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1953”.

2|94. Edifício Maurício Macedo, praça D. João I, Porto. 1941.

Fonte: <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/08/o-porto-onde-eu-nasci-e-cresci2.html> (06-06-2015).

2|95. Edifício “Maurício Macedo, praça D. João I, Porto. 1941.

Fonte: <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/08/o-porto-onde-eu-nasci-e-cresci2.html> (06-06-2015).

2|96. Hotel Infante Sagres, praça Filipa de Lencastre, Porto. 1943.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: Foto16. 17. LO-1942-272-156.

2|97. Pousada de São Gonçalo, Marão. 1942.

Fonte: desconhecida.

2|98. Pousada de São Gonçalo, Marão. Desenho de Rogério de Azevedo. 1942

Fonte: colecção particular do autor deste trabalho.

2|99. Pousada de São Gonçalo, Marão. Desenho de Rogério de Azevedo. 1942.

Fonte: idem.

2|100. Pousada de São Lourenço, Penhas Douradas. 1941.

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/01/primeiras-pousadas-de-portugal.html> (06-06-2015).

2|101. Pousada de São Lourenço, Penhas Douradas. Desenho de Rogério de Azevedo. 1941.

Fonte: coleção particular do autor deste trabalho.

2|102. Pousada de São Lourenço, Penhas Douradas. Desenho de Rogério de Azevedo. 1941.

Fonte: idem.

2|103. Pousada de Santo António, Serém. 1948.

Fonte: Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian (ref: FCG. CFT003.6084 – Exterior).

2|104. Pousada de Santo António, Serém. Desenho de Rogério de Azevedo. 1948.

Fonte: coleção particular do autor deste trabalho.

2|105. Pousada de Santo António, Serém. Desenho de Rogério de Azevedo. 1948.

Fonte: coleção particular do autor deste trabalho.

2|106. Casa Ferreira Alves, Porto. Aditamento ao projecto. 1931.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-110-1931-086.

2|107. Casa Ferreira Alves, Porto. Primeira versão do alçado. 1930.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-110-1931-083.

2|108. Casa Ferreira Alves, Porto. Segunda versão do alçado. 1931.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-110-1931-086.

2|109. Rogério de Azevedo (duas imagens).

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto . Bonfim Barreiros F-NP-02-GBB-01-00015-009 e F-NP-02-GBB-01-00015-010.

2|110. Rogério de Azevedo. Biblioteca pessoal.

Fonte: Foto publicada em *O Primeiro de Janeiro*, 5 de Janeiro 1955, em “Cinco minutos de Palestra com o arquitecto Prof. Rogério de Azevedo”.

2|111. Rogério de Azevedo observando a inscrição de lamas de Moledo. Castro Daire. Outros Interesses.

Fonte: Rogério de Azevedo. *O Cântico greco-latino de Lamas de Moledo*. (Documento musical arcaico com estrofe e antiestrofe em grego). Marânus. Porto. 1955.

Capítulo 3

3|1. Aspecto geral do Hospital Geral de Santo António. Fotografia de Teófilo Rego.

Fonte: Arquivo Municipal do Porto. “Aspecto geral do Hospital Geral de Santo António, no largo da escola Médica, actual largo do Professor Abel Salazar. Construção do século XVIII”. Fotografia de Teófilo Rego. F-NP/CMP/7/2868.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|2. Vista desde a entrada da Faculdade de Medicina sobre o Hospital de Santo António.

Fonte: desconhecida.

3|3. Carta Topográfica do Porto (1892).

Fonte: coleção particular do autor deste trabalho.

3|4. Postal da época. “Porto – Escola Médica e Quartel Municipal”.

Fonte: coleção particular do autor deste trabalho.

3|5. Fotografia desde a praça de Parada Leitão, aos Leões. Foto Guedes [1885-1932].

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto. “Vista parcial da praça de Gomes Teixeira e da praça de Parada Leitão (antigo largo do Carmo), com homens sentados num banco de jardim e pessoas a passar, destacando-se a igreja dos Carmelitas e do Carmo, o Quartel da GNR e ao fundo o Hospital de Santo António”. Foto Guedes [1885-1932]. F-NV/FG-M/11/132.

3|6. Projecto de ampliação do edifício da faculdade de Medicina. proposta de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. 1925.

Fonte: Hernani Monteiro, “Régia Escola de Cirurgia do Porto, Seu passado e seu futuro”, *O Tripeiro*, V Série, Ano XIII, n.º 1, 1957, p. 10-13.

3|7. Projecto de ampliação do edifício da faculdade de Medicina. proposta de Van Kricken. 1925.

Fonte: Hernani Monteiro, “Régia Escola de Cirurgia do Porto, Seu passado e seu futuro”, *O Tripeiro*, V Série, Ano XIII, n.º 1, 1957, p. 10-13.

3|8. Edifício praça dos Leões. Arquitecto José da Costa e Silva.

Fonte: http://coisasdoarco-da-velha.blogspot.pt/2012_04_01_archive.html.

3|9. Página de *O Comércio do Porto*. 1926.

Fonte: “Faculdade de Medicina do Porto. O projecto de ampliação do seu edifício”, in *O Comércio do Porto*, 1926. (coleção de Adriana Gravato).

3|10. Faculdade de Medicina do Porto. Planta do existente. “Estado actual em Março de 1927”.

Fonte: <http://repositorio-tematico.up.pt> (04-11-2015).

3|11. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta do rez-do-chão. (a preto – paredes a manter; a vermelho – paredes a construir de novo). Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. s/d.

Fonte: Centro de Documentação da FAUP.

3|12. Faculdade de Medicina do Porto. Alçado lateral. Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. s/ d.

Fonte: <http://repositorio-tematico.up.pt>.

3|13. Faculdade de Medicina do Porto. Perfil longitudinal. Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, s/ d.

Fonte: idem.

3|14. Faculdade de Medicina do Porto. Alçado principal. Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, s/ d.

Fonte: idem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

- 3|15. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta 2.º andar (ala poente).
Fonte: idem.
- 3|16. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta 1.º andar (ala poente).
Fonte: idem.
- 3|17. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta 3.º andar (ala nascente)
Fonte: <http://repositorio-tematico.up.pt>.
- 3|18. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta do rez-do-chão 2.º (completa)
Fonte: idem.
- 3|19. Faculdade de Medicina do Porto. Projecto de Ampliação e Reforma. Planta rez-do-chão 1.º (ala nascente).
Fonte: idem.
- 3|20. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Escada.
Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (04-11-2013).
- 3|21. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Escada
Fonte: idem.
- 3|22. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Coluna. Capitel.
Fonte: idem.
- 3|23. Faculdade de Medicina do Porto. Alçado Poente. 1934.
Fonte: Universidade do Porto. *A Universidade do Porto: album. Porto: Universidade, 1934.*
- 3|24. Faculdade de Medicina do Porto. Frontaria. 1934.
Fonte: idem.
- 3|25. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Laboratório de Anatomia Patológica. 1934.
Fonte: idem.
- 3|26. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Fisiologia. 1934.
Fonte: idem.
- 3|27. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Galeria. 1934.
Fonte: idem.
- 3|28. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Anfiteatro de Anatomia. 1934.
Fonte: idem.
- 3|29. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Instituto de Histologia. 1934.
Fonte: idem.
- 3|30. Antiga Faculdade de Medicina do Porto. Interior. Instituto de Histologia. 1934.
Fonte: idem.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

- 3|31. Fotografia durante as obras. Pode ver-se, no interior da nova construção, a fachada da antiga escola Médico-cirúrgica que, em parte, se manteve.
Fonte: DGEMN, Escola Médica da Universidade do Porto, *Fotografias da construção do edifício, 1923/1928*, in Mesquita, Mário João, “A Cidade da Universidade”, volume documental, 2007.
- 3|32. Fotografia durante as obras. Pode ver-se, no interior da nova construção, a fachada da antiga escola Médico-cirúrgica que, em parte, se manteve.
Fonte: idem.
- 3|33. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Fotografia após conclusão da obra.
Fonte: Foto cedida por Paulina Cardoso (actual proprietária da Garagem de *O Comércio do Porto*).
- 3|34. Demolições aquando da abertura da avenida das Nações Aliadas, s/d.
Fonte: <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2009/10/antigos-pacos-do-concelho-e-praca-de-d.html>.
- 3|35. Postal. Abertura da avenida das Nações Aliadas. (anterior à construção do edifício sede de *O Comércio do Porto*, s/d).
Fonte: Coleção de Marques da Silva. Fundação Instituto Marques da Silva. Silva, in <http://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=2&subsubcat=8&proj=20> (06-2014).
- 3|36. Bento Carqueja.
Fonte: *O Comércio do Porto. O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história*. Porto: O Comércio do Porto, 1954, s/p.
- 3|37. Ilustração da época representando o primeiro aeroplano que voou em Portugal adquirido por iniciativa de Bento Carqueja. “Realizou em 1912 várias subidas em Lisboa e Porto em benefício das Creches de *O Comércio do Porto*”.
Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: Bilhete-postal. Edição de *O Comércio do Porto*. D-PST/1399.
- 3|38. Ilustração da Edição Comemorativa dos 100 anos de *O Comércio do Porto*.
Fonte: *O Comércio do Porto. O Comércio do Porto: 100 anos, 1854-1954: resumo da sua história*. Porto: O Comércio do Porto. 1954. s/p.
- 3|39. Edifício na antiga avenida das Nações Aliadas. Rogério de Azevedo. S/d.
Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-73.
- 3|40. Edifício na antiga avenida das Nações Aliadas. “Primeiro esquisso. Alçado voltado à Avenida”. Assinado Rogério de Azevedo. 1927
Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-48.
- 3|41. Edifício na antiga avenida das Nações Aliadas. Planta com indicações do programa. S/d
Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001- 7.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|42. “Primeiro esquisso. Alçado voltado à Avenida”. Assinado Rogério de Azevedo (é apontado, a lápis, o desenho do torreão no gaveto). Agosto de 1927

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-49.

3|43. “Planta do 1.º andar”. (com indicações, a lápis, do programa), s/d.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-7.

3|44. “Primeiro esquisso do Projecto dum prédio para a avenida. 2.ª solução”. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. Dezembro de 1927.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-68.

3|45. “Planta dos Alicerces”. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. Abril 1928.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-11.

3|46. *O Comércio do Porto*. Planta do rez-do-chão e planta do 1.º andar. 16 de Janeiro de 1928 (pedido de licenciamento).

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-1930-0612-97.

3|47. “Primeiro esquisso do Projecto dum prédio para a avenida. 2.ª solução”. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. Dezembro de 1927.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-?

3|48. Edifício “A Nacional”. Plantas. Arquitecto José Marques da Silva. 1919.

Fonte: IMS, Instituto Marques da Silva, *Marques da Silva: o aluno, o professor, o arquitecto*. Porto: IMS. 2006. Catálogo de uma exposição.

3|49. Edifício “A Nacional”. Alçado e cortes. Arquitecto José Marques da Silva. 1919.

Fonte: IMS, Instituto Marques da Silva, *Marques da Silva: o aluno, o professor, o arquitecto*. Porto: IMS. Catálogo de uma exposição. 2006.

3|50. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: aditamento. LO 1930-0612-100ª.

3|51. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. Alçado voltado à avenida. Assinado Rogério de Azevedo. S/d

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: aditamento. LO 1930-0612-100ª.

3|52. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. Planta do 1.º piso. Assinado Rogério de Azevedo. S/d

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1930-0612-100ª.

3|53. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. “Corte longitudinal pela bissetriz”. Assinado Rogério de Azevedo. S/d

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1930-0612-094.

3|54. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Escada. Espaço central. 1934.

Fonte: Bento Carqueja. *O Comércio do Porto ao completar 80 anos: notas para a sua história. O Comércio do Porto. Porto, 1934, p. 252.*

3|55. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Escada. Espaço central. 1934.
Fonte: idem, p. 211.

3|56. Edifício sede de *O Comércio do Porto*. Escada. Espaço central. 1934.
Fonte: idem, ibidem.

3|57. Aditamento ao projecto de *O Comércio do Porto*. “Alçado voltado à avenida”. Assinado Rogério de Azevedo. Indicação da cércea do edifício na transição com os edifícios contíguos.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: aditamento. LO 1930-0612-100ª (recorte de parte do desenho).

3|58. “Obra do Comércio. Modificação dos caixilhos do hall”. Desenho de Rogério de Azevedo. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. 1929.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-29.

3|59. “Obra do Comércio”. Estudo para o pavimento da zona da entrada. Desenho de Rogério de Azevedo.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/ 001-4.

3|60. “Obra do Comércio”. Estudo para a zona do hall/ escadas. Desenho de Rogério de Azevedo.

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/001-17.

3|61. “Obra do Comércio”. Estudos. Desenho de Rogério de Azevedo

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/001-72.

3|62. “Obra do Comércio”. Estudos. Desenho de Rogério de Azevedo

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA/001-65.

3|63. “14 de Novembro de 1929 (à noite)”. *O Comércio do Porto*. Estudo. Torreão e remate superior do edifício. Desenho de Rogério de Azevedo

Fonte: FIMS. FT. H2.29. F.

3|64. *O Comércio do Porto*. “Solução para o novo aumento das mansardas”. Desenho de Rogério de Azevedo

Fonte: Ana Alves Costa. *Rogério de Azevedo. Vila do Conde: Verso da História, 2013.*

3|65. “Obra da Avenida dos Aliados para O Comércio do Porto. Socos e facheado na fachada da R. Passos Manoel”. Assinado Baltazar de Castro e Rogério de Azevedo. Maio 1928

Fonte: FAUP/ CDUA/ RA. 001. 12.

3|66. Edifício sede de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Foto cedida por Paulina Cardoso (actual proprietária da Garagem de *O Comércio do Porto*).

3|67. Edifício sede de *O Comércio do Porto*

Fonte: Foto cedida por Paulina Cardoso (actual proprietária da Garagem de *O Comércio do Porto*).

3|68. Edifício sede de *O Comércio do Porto*

Fonte: Foto cedida por Paulina Cardoso (actual proprietária da Garagem de *O Comércio do Porto*).

3|69. Edifício sede de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Foto cedida por Paulina Cardoso (actual proprietária da Garagem de *O Comércio do Porto*).

3|70. Fotografia da actualidade.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|71. Fotografia da actualidade.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|72. Desenho de Rogério de Azevedo. Processo de Licenciamento

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-313-1929-110

3|73. Fotografia da actualidade.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|74. Fotografia da actualidade.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|75. Garagem de *O Comércio do Porto* durante as demolições para a abertura da praça Filipa de Lencastre.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: Bonfim Barreiros. F-NP-02-GBB-01-00169-033.

3|76. Carta topográfica da cidade de 1892 com sobreposição de planta de implantação do edifício.

Fonte: Coleção particular e Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1932-0941-218A

3|77. Esquismo de reforma do centro do Porto. Barry Parker.

Fonte: <http://doportoenaoso.blogspot.pt>

3|78. “Projecto de prolongamento das Ruas de Elíseo de Melo e Sá da Bandeira”. Planta. CMP. 1942.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto.

3|79. Praça Filipa de Lencastre. “Projecto de Alinhamentos e de Reconstrução”. CMP. 1944.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto.

3|80. Praça Filipa de Lencastre. “Variante do Projecto aprovado em Dez de 1944”. CMP. 1945.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto.

3|81. Sobreposição do traçado da actual praça Filipa de Lencastre com a malha oitocentista. Situação actual.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto.

3|82. Rua do Almada (garagem à esquerda). Foto Alvão.

Fonte: Alvão, Domingos. *A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão: 1872-1946*. Porto: Fotografia Alvão, 1984.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|83. Rua Elísio de Melo ao fundo. (garagem ao longe do lado direito). Foto Alvão.

Fonte: idem.

3|84. Rua Elísio de Melo (garagem à direita). Foto Alvão.

Fonte: idem.

3|85. Catálogo de cores da Ford australiana de 1929.

Fonte: <http://blogdomoquenco.blogspot.pt/2012/07/tudo-o-que-voce-queria-saber-sobre.html>.

3|86. Alçado sul. Desenho de Rogério de Azevedo.

Fonte: Fotografia cedida por Adriana Gravato.

3|87. Garagem de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

3|88. Fábricas Fiat em Turim (página do lado esquerdo). Página de *Vers une architecture*. 1923.

Fonte: Le Corbusier. *Vers une architecture*. Nove ed. revue et augmentée. Paris: Arthaud, 1966. p. 242 [1.ªed. 1923].

3|89. Garagem Ponthieu em Paris (1906) (página do lado esquerdo). Página de *L'architecture d'aujourd'hui*, VII, número especial sobre Perret. 1932.

Fonte: Pierre Vago. *Special Perret: l'architecture d'aujourd'hui*. Paris: L'architecture d'Aujord'hui, 1932.

3|90. Edifício para a Alfa-Romeo. Vista desde a Rue Marbeuf. Paris (projecto de 1925).

Fonte: <http://tectonicablog.com/?p=60218> (15-06-15).

3|91. Edifício para a Alfa-Romeo. Rue Marbeuf. Paris. Vista para o pátio formado pelo edifício no interior do lote.

Fonte: <http://villacavrois.blogspot.pt/p/uvre.html> (15-06-15).

3|92. Edifício para a Alfa-Romeo. Rue Marbeuf. Paris. Vista do interior.

Fonte: <http://villacavrois.blogspot.pt/p/uvre.html> (15-06-15).

3|93. Garagem de *O Comércio do Porto*. Vista desde a praça Filipa de Lencaestre.

Fonte: Fotografia cedida por Alexandre Alves Costa.

3|94. Garagem de *O Comércio do Porto*. Vista do pátio no interior do lote.

Fonte: Fotografia do autor deste trabalho.

3|95. Garagem de *O Comércio do Porto*. Vista do interior.

Fonte: Fundação Calouste Gulbenkian. FCG. CFT003.7130.

3|96. Planta da cave, rez do chão e 1.º andar. Assinado Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro. 11-08-1930.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: Foto4. LO-932-0941-218d.

3|97. Planta do 3.º e 4.º andar, Mansarda e Corte por AB. 11-08-1930.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: Foto4. LO-932-0941-218e e Foto3. LO-932-0941-218c.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|98. Fachada voltada à rua do Almada e Fachada voltada à rua Elísio de Melo. 11-08-1930.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: Foto3A. LO-932-0941-218b

3|99. Transição entre o edifício da garagem e o edifício sede de *O Comércio do Porto*. Remate superior.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|100. Transição entre edifício sede de *O Comércio do Porto* e o edifício contíguo a norte. Remate superior.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|101. Edifício sede de *O Comércio do Porto* e Garagem do mesmo jornal. 1930 (aproximadamente).

Fonte: Arquivo da Fundação Calouste de Gulbenkian, Lisboa.

3|102. Cartaz publicitário da Garagem de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Fotografia do autor deste trabalho a partir de cartaz exposto no local.

3|103. Estacionamento. Garagem.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|104. Estacionamento. Garagem.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|105. Estacionamento. Garagem.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|106. Escada. Escritórios.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|107. Claraboia. Escritórios.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|108. Edifício comércio e habitação na rua Fernandes Tomás. Porto. 1933.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|109. Edifício comércio e habitação na rua Fernandes Tomás. Porto. Fachada Principal. Desenho de Rogério de Azevedo. 1933.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO-1130-1933-236

3|110. Edifício comércio e habitação na rua Fernandes Tomás. Porto. Pormenor da fachada. 1933.

Fonte: Fotografia de Pedro Martins (coleção particular do autor deste trabalho).

3|111. Edifício Maurício Macedo. Praça D. João I. Porto. Foto Beleza/M. Ferreira antes de 1957.

Fonte: <http://www.espoliofotograficoportugues.pt>.

3|112. “O passado e o presente. A planta a vermelho representa o local em 1871 e a preto o traçado actual”. 1966.

Fonte: *O Tripeiro*, Ano VI, VI Série, n.º 6, Junho 1966.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|113. “Formação da praça de D. João I. As sucessivas fases do esquema urbanístico local”

Fonte: ARS – Arquitectos. *A Praça D. João I e o seu ‘Palácio Atlântico’*. ARS, Arquitectos. Porto. 1951, s/p.

3|114. Demolições para a abertura da praça D. João I, no Porto. Vê-se o Teatro Rivoli já edificado e, ao longe, o edifício sede do jornal *O Comércio do Porto*.

Fonte: *O Tripeiro*, ano IV, série V, s/p.

3|115. Demolições para a abertura da praça D. João I, no Porto. Vê-se o Teatro Rivoli já edificado e, ao longe, o edifício sede do jornal *O Comércio do Porto*.

Fonte: <http://doportoenaoso.blogspot.pt>.

3|116. Praça D. João I após demolições. Vê-se o Teatro Rivoli e, ao longe, o edifício sede do jornal *O Comércio do Porto* do lado direito e o edifício da Câmara Municipal do lado esquerdo.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00169-029 (fotografia de Bonfim Barreiros)

3|117. Praça D. João I após demolições. Do lado direito vê-se o local onde viria a ser construído o prédio Maurício Macedo.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00169-030 (fotografia de Bonfim Barreiros)

3|118. Página de *O Tripeiro*. Do Porto – pelo Porto “Iniciativas Portuenses”. Maurício Macedo e o prédio na praça D. João I.

Fonte: *O Tripeiro*, ano IX, V série, n.º 10, fevereiro 1954, s/p.

3|119. “Angulo da rua Sá da Bandeira”. ARS Arquitectos. Cunha Leão. Moraes Soares. Fortunato Cabral. 1940.

Fonte: Manuel Teles, «ARS Arquitectos». In Universidade do Porto. *Desenho de Arquitectura: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Exposição integrada nas comemorações do 75.º Aniversário da Universidade Porto: UP, 1987, p. 61.

3|120. Página de *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (reunidas)*. “O Primitivo Projecto. Rogério de Azevedo”.

Fonte: *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (reunidas)*, n.º 97. Abril de 1943, p. 24.

3|121. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1.ª versão. 1941. “Fachadas laterais”.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, AGCMP, Licença de Obra n.º 272/1942, f. 9.

3|122. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1.ª versão. 1941. “Fachadas laterais”.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, AGCMP, Licença de Obra n.º 272/1942, f. 8.

3|123. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1.ª versão. 1941. “Fachada principal”.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, AGCMP, Licença de Obra n.º 272/1942, f. 11.

3|124. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1.^a versão. 1941. “Planta do 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º andares”.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, AGCMP, Licença de Obra n.º 272/1942, f. 15.

3|125. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. Aditamento ao projecto. “Fachadas laterais”.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1942-0272-023.

3|126. Edifício Maurício Macedo. Rogério de Azevedo. 1.^a versão. 1941. “Fachada principal”.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1942-0272-024.

3|127. Aditamento ao projecto. Plantas. Rogério de Azevedo.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1942-0272-156.

3|128. Prédio Maurício Macedo durante a sua construção. Foto de Bomfim Barreiros, s/d.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00184-025.

3|129. Capa de *A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação (reunidas)*. Abril 1943.

Fonte: *A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação (reunidas)*. Abril 1943, capa.

3|130. Prédio Maurício Macedo durante a sua construção. Fotos de Bomfim Barreiros. s/d.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00188-031.

3|131. Prédio Maurício Macedo durante a sua construção. Fotos de Bomfim Barreiros. s/d.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00188-026.

3|132. Caixa de escadas.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|133. Caixa de escadas.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|134. Caixa de escadas.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|135. Caixa de escadas.

Fonte: fotografia do autor, por Pedro Martins (2014).

3|136. “Projecto de adaptação do torreão defronte da Sé a arquivo municipal...”. Rogério de Azevedo. 1940.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: D-CMP-05-002-043.

3|137. Torre após a sua construção. Fotografia de Bonfim Barreiros.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00182-002.

3|138. Capa do Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *S. Pedro de Rates*. N.º 23. Março de 1941

Fonte: BOLETIM DA DGEMN. São Pedro de Rates. N.º 23, Março de 1941.

3|139. Alçado principal. Fotografia após a intervenção da DGEMN

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043016.

3|140. “*S. Pedro de Rates – Planta baixa da igreja, antes dos trabalhos*”.

Fonte: BOLETIM DA DGEMN. São Pedro de Rates. N.º 23, Março de 1941, fig. 5.

3|141. “*S. Pedro de Rates – A mesma planta após a conclusão das obras*”.

Fonte: idem, fig. 6.

3|142. “*São Pedro de rates. Planta síntese de demolições e reconstruções*”.

Fonte: Miguel Jorge Tomé. Catálogo analítico. Ficha n.º 47, Igreja de São Pedro de Rates. 1998, p. 122. Citado por Ricardo Fernandes dos Santos. “*Arquitetura Portuguesa no tempo longo: princípios de desenho e forma em igrejas de três naves*”. Porto: Faup. 2013, p. 82.

3|143. “*S. Pedro de Rates – Fachadas norte da igreja, antes da restauração, destacando-se a torre que se erguia sobre o transepto*”.

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043021.

3|144. “*S. Pedro de Rates – A mesma fachada, depois de demolida a torre e concluída a restauração*”.

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043023.

3|145. *S. Pedro de Rates*, depois da demolição das construções do séc. XVII e antes da reconstituição da capela-mor.

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043033.

3|146. A mesma vista depois das obras de reconstituição da capela-mor.

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043034

3|147. “*S. Pedro de Rates. Estudo de reconstituição da capela-mor*”. Desenho assinado por Rogério de Azevedo. 1938.

Fonte: IHRU. SIPA.DES. 00003319.

3|148. “*S. Pedro de Rates. O interior da capela antes das obras*”.

Fonte: BOLETIM DA DGEMN. “São Pedro de Rates”. N.º 23, Março de 1941, fig. 38.

3|149. *S. Pedro de Rates*. O interior da igreja depois das obras.

Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00043043.

3|150. Corte transversal pelo transepto, depois das obras da DGEMN.

Fonte: IHRU. SIPA.DES. 000010527.

3|151. Corte longitudinal, depois das obras da DGEMN.

Fonte: IHRU. SIPA.DES. 000010516.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

- 3|152. “S. Pedro de Rates. Fachada posterior restaurada”.
Fonte: IHRU. SIPA.DES. 000010521.
- 3|153. S. Pedro de Rates. Fachada norte após os trabalhos de restauro (vista parcial do desenho original).
Fonte: IHRU. SIPA.DES. 000010528.
- 3|154. Vista parcial da capela-mor.
Fonte: fotografia do autor deste trabalho. 2013.
- 3|155. Sé Velha de Coimbra.
Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00095670.
- 3|156. Igreja de Longos Vales.
Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00053392.
- 3|157. Igreja de São Pedro de Ferreira.
Fonte: IHRU. SIPA.FOTO. 00042088.
- 3|158. Igreja de Santa Maria la Nueva de Zamora, Espanha.
Fonte: <http://commons.wikimedia.org> (12-06-2015).
- 3|159. L'église Saint-Pardoux de Barret, Cognac, França.
Fonte: <http://www.culture.gouv.fr> (12-06-2015).
- 3|160. Cathédrale Notre-Dame-et-Saint-Véran de Cavaillon, França.
Fonte: <http://www.abbaye-saint-hilaire-vacluse.com> (12-06-2015).
- 3|161. São Pedro de Rates. Vista parcial do desenho do alçado da capela-mor
Fonte: IHRU. SIPA.DES. 000010521.
- 3|162. Página do *Dictionnaire raisonné de l'architecture française: du XIe au XVIIe* de Viollet-le-Duc.
Fonte: <http://fr.wikisource.org/wiki> (12-06-2015).
- 3|163. Pousada de Santo António. Serém (Vale do Vouga).
Fonte: Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian: FCG_CFT003.6085 – Exterior.
- 3|164. Pousada de São Lourenço. Serra da Estrela.
Fonte: *Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano V, n.º 35, 1948.
- 3|165. Pousada de São Gonçalo. Serra do Marão.
Fonte: http://images-02.delcampe-static.net/img_large/auktion/000/266/826/637_001.jpg (29-12-15).
- 3|166. Capa da publicação *Pousadas do S.N.I.* Edições S.N.I.
Fonte: S.N.I., Secretariado Nacional da Informação. *Catálogo Pousadas do Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo*. Lisboa: Edições SNI, 1948.
- 3|167. Página da publicação *Portugal 1940*. 1940.
Fonte: J. Leitão de Barros (direcção). *Portugal 1940*. Lisboa: Edições da Comissão dos Centenários. S.P.N., 1940.
- 3|168. Vista sobre a Serra do Marão.

Fonte: *Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional. n.º 5 e 6. Dedicados ao Norte. Volume 1.º. Ano 1941, p. 31.

3|169. Vista sobre a Serra do Marão
Fonte: *idem*, p. 30.

3|170. Pousada de São Gonçalo na Serra do Marão. Varanda.
Fonte: *Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano 2, n.º 11. 1942.

3|171. Pousada de São Gonçalo na Serra do Marão.
Fonte: IHRU. SIPAFOTO. 00065013.

3|172. Capa da revista *Panorama*, Ano 1, n.º 4. 1941
Fonte: *Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, n.º 4. Ano 1. 1941

3|173. Página da revista *Panorama*, ano 2.º, n.º 11. 1942. “Pousada de S. Gonçalo no Marão”.
Fonte: *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano 2.º, n.º 11. 1942.

3|174. Página da revista *Panorama*, ano 2.º, n.º 11. 1942. “Pousada de S. Gonçalo no Marão”.
Fonte: *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano 2.º, n.º 11. 1942.

3|175. Página da revista *Panorama*, ano 2.º, n.º 11. 1942. “Pousada de S. Gonçalo no Marão”.
Fonte: *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano 2.º, n.º 11. 1942..

3|176. Página da revista *Panorama*, ano V, n.º 35, 1948. “Pousada de S. Lourenço na Serra da Estrela”
Fonte: *Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano V, n.º 35, 1948.

3|177. Página da revista *Panorama*, ano V, n.º 35, 1948. “Pousada de S. Lourenço na Serra da Estrela”
Fonte: *Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo*. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano V, n.º 35, 1948.

3|178. “Planta da Cave”
Fonte: Desenho de Rogério de Azevedo (coleção particular do autor deste trabalho).

3|179. “Fachada do Pátio”
Fonte: *idem*.

3|180. “Planta do r/chão”
Fonte: *idem*.

3|181. “Corte AB”
Fonte: *idem*.

3|182. “Planta do primeiro andar”

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

Fonte: idem.

3|182 (a). “Fachada”.

Fonte: idem.

3|183. “Primeiro andar”. Desenhos de Rogério de Azevedo. s/d.

Fonte: idem.

3|184. “Fachada”.

Fonte: idem.

3|185. “Planta de r/chão”.

Fonte: idem.

3|186. “Corte AB”.

Fonte: idem.

3|187. “Planta da Cave”.

Fonte: idem.

3|188. “Fachada posterior”.

Fonte: idem.

3|189. “Projecto de ampliação da pousada de S. Gonçalo no Marão. Planta do andar”. Rogério de Azevedo.

Fonte: IHRU. SIPA.DES. 00031040.

3|190. “Projecto de ampliação da pousada de S. Gonçalo no Marão. Alçado Principal”. Rogério de Azevedo.

Fonte: IHRU. SIPA.DES. 00031040.

3|191. Pousada de São Gonçalo no Marão durante as obras de ampliação. 1963.

Fonte: IHRU. SIPA.FOT000134788.

3|192. Vista desde o exterior.

Fonte: Fonte: Fotografia de Pedro Martins (coleção particular do autor deste trabalho).

3|193. Vista desde o exterior.

Fonte: Fonte: Fotografia de Pedro Martins (coleção particular do autor deste trabalho).

3|194. Vista desde o exterior.

Fonte: Fonte: Fotografia de Pedro Martins (coleção particular do autor deste trabalho).

3|195. Projecto de Ampliação da casa de Rogério de Azevedo. Rogério de Azevedo, 1948.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto: LO-1948-0492-05.

3|196. Planta Topográfica. Implantação do volume a construir. 13 Maio de 1943. Rogério de Azevedo.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-006 FD.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|197. Demolições efectuadas aquando da abertura da praça Filipa de Lencastre. Garagem de *O Comércio do Porto* (ao fundo). Fotografia de Bonfim Barreiros.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-NP-02-GBB-01-00082-033.

3|198. Casa da Fábrica. Esquina da rua da Fábrica com a actual rua de Avis, antiga travessa da Fábrica. Fotografia de Bonfim Barreiros.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: F-P/CMP/10/196 (66).

3|199. Planta do 2.º andar.

Fonte: GRAVATO, Adriana. *Trajecto do risco urbano. A arquitectura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à rua de Ceuta*. Dissertação de mestrado em História da Arte em Portugal. Arquitectura do século XX. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 229.

3|200. Planta do 1.º andar.

Fonte: idem, ibidem.

3|201. Planta do r/chão.

Fonte: idem, ibidem.

3|202. Corte transversal.

Fonte: idem, p. 230.

3|203. Alçado voltado à praça Filipa de Lencastre.

Fonte: idem, ibidem.

3|204. Alçado voltado à travessa da Fábrica.

Fonte: idem, ibidem.

3|205. Primeira versão; entrada para automóveis no piso térreo; manutenção da “Casa da Fábrica”.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-011 FD.

3|206. Aditamento. Diferente solução na transição com a rua do Almada.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-015 FD.

3|207. Aditamento. Alteração no desenho no tramo relativo à entrada do hotel.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-089 FD.

3|208. Aditamento. Acrescento de um piso.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-143 FD.

3|209. Versão final; diferente desenho na transição com a rua do Almada; demolição da Casa da Fábrica.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto: LO-1946-0268-35.

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|210. Primeira versão; manutenção da Casa da Fábrica; alçado travessa da Fábrica/ rua de Avis.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-090 FD.

3|211. Primeira versão; manutenção da Casa da Fábrica. Alçado rua da Fábrica.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-157 FD.

3|212. Versão final; demolição da Casa da Fábrica; novo volume; alçado travessa da Fábrica/ rua de Avis.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-149 FD.

3|213. Versão final; demolição da Casa da Fábrica; novo volume; alçado rua da Fábrica.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-157 FD.

3|214. Alçado principal.

Fonte: Arquivo Histórico. Casa do Infante. Câmara Municipal do Porto: LO 1943-0471-143 FD.

3|215. Plantas do 2.º andar, 3.º e 4.º andar e, telhados.

Fonte: LO-1943-0471-142.

3|216. Planta da cave, rés-do-chão e 1.º andar.

Fonte: LO-1943-0471-141.

3|217. Planta dos diversos pisos.

Fonte: LO-1943-0471-210.

3|218. Sala de jantar.

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. In <http://restos-decoleccion.blogspot.pt/2012/01/hotel-infante-de-sagres.html>.

3|219. Sala de baile.

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. In <http://restos-decoleccion.blogspot.pt/2012/01/hotel-infante-de-sagres.html>.

3|220. Hall.

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. In <http://restos-decoleccion.blogspot.pt/2012/01/hotel-infante-de-sagres.html>

3|221. Quarto de banho.

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. In <http://restos-decoleccion.blogspot.pt/2012/01/hotel-infante-de-sagres.html>.

3|222. Planta dos diversos pisos.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto: LO-1946-0268-07

3|223. Planta topográfica.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto: LO-1946-0268-06

3|224. Alçado.

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto: LO-1946-0268-74

PROJECTO E CIRCUNSTÂNCIA.
A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo
Lista de imagens

3|225. Praça Filipa de Lencastre. Hotel Infante de Sagres e Garagem de *O Comércio do Porto*. Fotografia manipulada de acordo com aquilo que seria a intenção do autor do projecto.

Fonte: Sobre, Domingos Alvão. Centro Português de Fotografia/ DGLAB/SEC. PT/CPF/ALV/004576.

3|226. Praça Filipa de Lencastre. Hotel Infante de Sagres e Garagem de *O Comércio do Porto*.

Fonte: Domingos Alvão. Centro Português de Fotografia/ DGLAB/SEC. PT/CPF/ALV/004576.

3|227. Alçado. Última versão. 1946.

Fonte: LO-1946-0268-35.

3|228. Escola do Soajo. 1939.

Fonte: Fotografia do autor deste trabalho.

